

Maitê Serra

Kisetsu

PRIMAVERA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

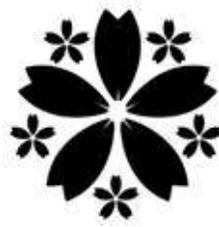
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





KISETSU
Volume 1: Primavera

Maitê Serra

©Maitê Lopez Serra, 2013
Todos os direitos reservados

Para minha mãe,

a melhor revisora literária que uma escritora possa querer!

Índice

[Notas Preliminares](#)

[Prólogo - - -](#)

[Capítulo 1 - Prelúdio](#)

[Capítulo 2 - Convergência](#)

[Capítulo 3 - Rancor](#)

[Capítulo 4 - Compromisso](#)

[Capítulo 5 - Papoula](#)

[Capítulo 6 - Florescer](#)

[Capítulo 7 - Orgulho](#)

[Capítulo 8 - Afeição](#)

[Capítulo 9 - Reminiscência](#)

[Capítulo 10 - Perda](#)

[Capítulo 11 - Expectativa](#)

[Capítulo 12 - Hanami](#)

[Capítulo 13 - Incerteza](#)

[Capítulo 14 - Laço](#)

[Capítulo 15 - Transição](#)

[Capítulo 16 - Rivalidade](#)

[Capítulo 17 - Decisão](#)

[Capítulo 18 - Espera](#)

[Capítulo 19 - Sacrifício](#)

[Capítulo 20 - Prolusão](#)

[Apêndices](#)

[Clãs e Filiações](#)

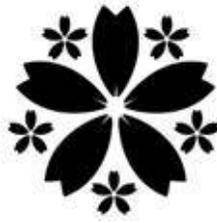
[Exemplos das Formas de Tratamento](#)

[Guia de Pronúncia](#)

[Glossário](#)

[Mapa](#)

Notas Preliminares



Kisetsu se passa no Japão do século XV, em meados do período Muromachi (1392-1573), uma época de paz frágil e intensas disputas por poder que culminou num conturbado e longo período de guerras. Para o leitor, tal transporte histórico-cultural pode à primeira vista gerar estranheza. Assim, visando facilitar a compreensão e fluência da obra, são aqui brevemente explicados alguns pontos importantes acerca da política, sociedade e cultura japonesa na época-cenário deste livro:

1. Do sistema político e das classes sociais:

O poder no Japão do século XV era exercido através de um sistema complexo, variável, aberto a ambiguidades e sujeito a constantes mudanças.

A venerada figura do Imperador retinha *status* absoluto. Seu papel, porém, era principalmente simbólico e cerimonial. O retentor *de facto* do poder no país era o *seii-taishogun* (ou apenas *shogun*), líder militar apontado por e tecnicamente subordinado ao Imperador. O sistema de governo sob comando do shogun (conhecido no ocidente como shogunato) formava o *Bakufu*.

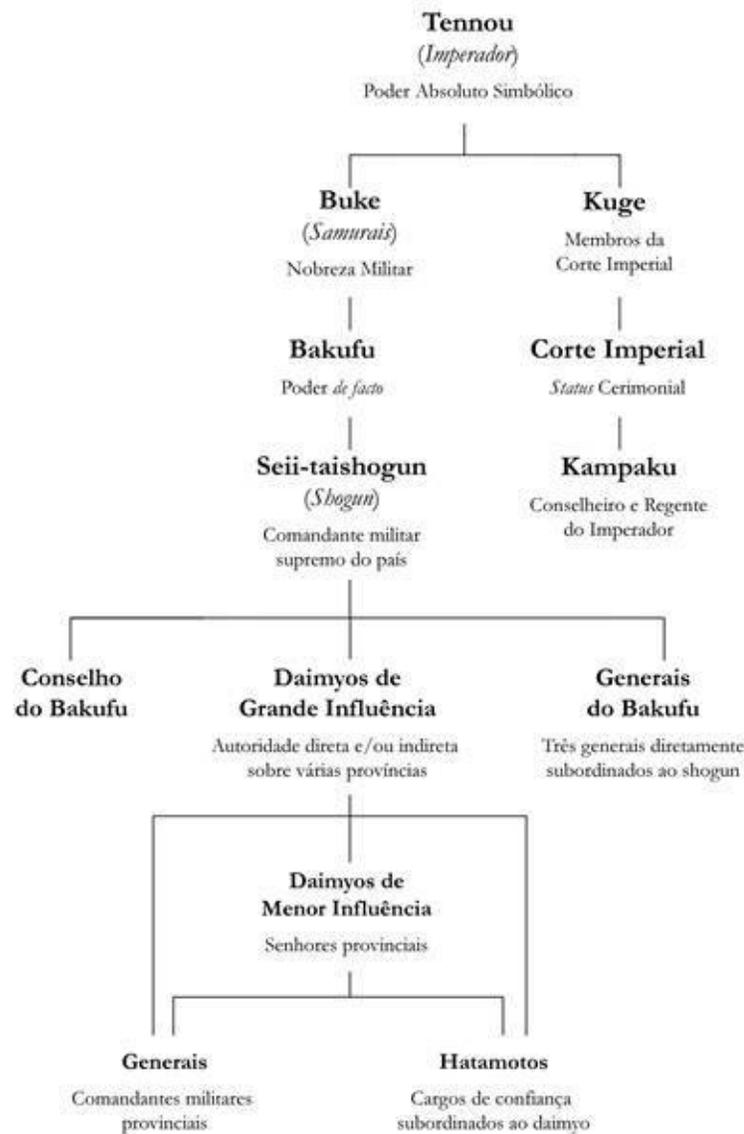
As classes de prestígio nessa época eram essencialmente duas: o *kuge*, membros da Corte Imperial; e o *buke*, nobreza militar.

A Corte Imperial, outrora detentora do poder centralizado do governo, decaiu em influência política em meados do século XII, tornando-se uma estrutura de alto *status* mas pouca autoridade prática. Seus membros eram divididos em dois grupos: *jige*, os plebeus que trabalhavam na Corte; e *doujou*, nobres da aristocracia. Por sua vez, dentre as várias classes do doujou, destacava-se o *sekke*, as cinco famílias de maior hierarquia. Apenas membros de tais clãs poderiam receber o título de *kampaku*: alto-conselheiro e regente do Imperador, muitas vezes de maior poder prático que o próprio soberano.

O enfraquecimento político do *kuge* se deu, principalmente, devido à ascensão da classe nobre guerreira, o *buke*. Através do *Bakufu*, no século XV seu poder em muito já superava o da aristocracia civil. Os membros do *buke* eram chamados *samurai*, e seu poder e *status* variavam imensamente: um soldado e o shogun eram ambos samurais; a diferença estava em seus outros títulos e na hierarquia de seu clã.

Mesmo o *Bakufu*, porém, não era detentor de um poder sólido e centralizado. Os governadores provinciais, assim como a classe guerreira, acumularam através dos anos poder e autonomia. Tornaram-se, assim, senhores feudais denominados *daimyo*, em tese subordinados ao *Bakufu*, mas reais detentores da maior parte da força militar e política do país. *Daimyos* de grande poder inclusive se tornavam senhores de outros *daimyos*, que lhes prestavam aliança política ou mesmo vassalagem. Logo, o shogun, para exercer sua autoridade, dependia fortemente do apoio dos *daimyos* de maiores recursos.

As classes menos favorecidas eram, em ordem decrescente de valorização social, os camponeses, os artesãos, os comerciantes e os *eta*. No ocidente, a classe comerciante normalmente seria a mais favorecida dentre os plebeus. Porém, aos olhos do buke, eram desprezados por buscar o lucro acima da honra, e conseguir tal lucro a partir do trabalho alheio – dos mais respeitados camponeses e artesãos. Por fim, a classe mais baixa, considerada inferior aos humanos, era a dos *eta*: indivíduos cujo trabalho era associado, segundo o budismo, à morte e à mácula espiritual. Carrascos e abatedores de animais, assim como trabalhadores funerários, eram exemplos da classe *eta*.



Hierarquia básica de governo mostrada em Kisetsu. Apesar da estrutura aparentemente linear, o poder era com frequência relativo e ambíguo.

2. Dos nomes e formas de tratamento:

No período Muromachi, apenas membros da nobreza, fosse kuge ou buke, possuíam um nome de família. Plebeus eram conhecidos por sua ocupação, apelido, local de origem ou ordem de nascimento – por exemplo, o nome do servo *Hachiro* significa “oitavo filho”, e não é acompanhado de nome de família. Atores e cortesãs utilizavam com frequência nomes artísticos, de significados incomumente rebuscados ou poéticos – como em *Matsukaze*, “vento nos pinheiros”, ou *Ametsuyu*, “chuva e orvalho”.

Além do nome de família, os homens da nobreza recebiam diversos nomes pessoais. Dentre eles, a fim de facilitar a compreensão do leitor durante a narrativa, será citado principalmente o *nanori*, nome próprio adulto formal. As mulheres, por sua vez, recebiam apenas um nome durante a vida, tendo o nome de família modificado ao se casar. Membros da família Imperial não possuíam nome de família, por pertencerem a uma dinastia ininterrupta e considerada divina.

Outro fator importante acerca de nomes é que, ao contrário do costume ocidental, no Japão, o nome de família de um indivíduo precede seu nome próprio. Esse sistema, até hoje muito utilizado, era a regra no passado. Logo, *Ashigawa Yoshinobu* é Yoshinobu do clã Ashigawa, bem como *Kujou Masamoto* é Masamoto do clã Kujou.

Para se referir ou dirigir a outra pessoa, a utilização de “você” era considerada extremamente íntima ou terrivelmente rude. Mesmo entre cônjuges e familiares o termo era mais raro que usual, e, para pessoas de *status* semelhante ou superior, era uma forma de tratamento desmerecedora e ofensiva.

Em regra geral, dirigia-se a alguém pelo nome próprio se a pessoa em questão fosse próxima, ou de *status* inferior. Caso contrário, o nome de família era considerado uma forma de tratamento mais formal e apropriada, principalmente para se referir a homens.

Fosse ao nome próprio ou de família, acrescentava-se sempre um sufixo polido para implicar respeito e consideração. Diversos sufixos existiram, variando conforme época, mas os três mais utilizados em *Kisetsu* são:

-san: denota respeito para com alguém de posição social semelhante ou inferior. Age como equivalente aproximado de “senhor”, “senhora”, “senhorita” e semelhantes; mas era comumente utilizado mesmo entre amigos ou cônjuges.

-sama: transmite extremo respeito, sendo utilizado para se referir a pessoas de posição muito mais elevada que a de si próprio.

-dono: equivale vagamente a “meu senhor” ou “minha senhora”, e expressa formalidade intermediária entre *-san* e *-sama*. Utilizado para se referir a alguém de *status* mais elevado com quem se tem relativa proximidade, ou por pessoas de alta hierarquia para se referir a outras de posição semelhante. Diferente dos sufixos anteriores, também pode ser usado isoladamente, ou seguido de outro sufixo (como *-sama*), sendo nesses casos pronunciado *tono*.

Outra prática comum, principalmente para se referir ou dirigir a pessoas de maior *status*, era chamá-la por um título, como *oyakata* (“mestre”), *okugata* (“senhora”), *hime* (“princesa”), *sensei* (“professor/doutor”), *tennouheika* (“sua/ vossa majestade Imperial”), dentre outros. Conforme o caso, o título podia ser utilizado isoladamente, acompanhado por sufixo respeitoso ou agir ele próprio como sufixo, anexo ao nome pessoal ou de família.

A omissão de qualquer título ou sufixo respeitoso implicava geralmente em ofensa e desprezo declarado, extrema intimidade ou grande diferença de hierarquia (um daimyo podia se dirigir ao servo apenas pelo nome). A excessão era para se referir a si próprio ou a membros de hierarquia inferior na família – como filhos, netos, irmãos mais novos. Nesse caso, nunca se utilizavam sufixos ou títulos. Os familiares de maior *status*, como pai, mãe, irmãos mais velhos, tios e avós, porém, eram tratados pelo título de parentesco – *chichi* (“pai”), *haha* (“mãe”), *ojii* (“avô”)... – geralmente acompanhado pelo

sufixo respeitoso *-ue* (“superior”).

3. *Das Expressões Idiomáticas:*

Algumas expressões japonesas são usadas na narrativa, indicadas em itálico:

Neh? – equivale a “não é verdade?”, sendo muitas vezes utilizada como interjeição retórica ou de ênfase mais do que como pergunta propriamente dita.

Hoh – expressa interesse ou exclamação. Muito similar a “oh”.

Hai – traduzido como “sim”, é utilizado em seu lugar quando a confirmação tem uma conotação de maior formalidade ou polidez.

Un – outro equivalente para “sim”, essa expressão tem caráter informal. Conforme o contexto, pode transmitir espontaneidade ou descaso.

Iie – “não”.

Oi – modo informal ou rude para chamar a atenção de alguém, similar a “ei”.

Eh – interjeição de surpresa, como um “ahn?”.

Yosh – implica finalização de assunto, como em “...bem, então é isso”. Pode também envolver um sentido de concordância, como em “muito bem, está decidido”.

Yatta! – exclamação de comemoração.

Dozo – expressão polida que poderia ser traduzida como “por favor”, não no sentido de pedido, mas como em “por favor, entre”, ou “por favor, sirva-se”. Equivale a “fique à vontade” ou “vá em frente”.

Ohayo gozaimasu – saudação matinal polida. Seu modo informal é *ohayo*.

Konnichiwa – saudação usada a partir do final da manhã até o início de noite.

Konbanwa – saudação utilizada à noite.

Oyasumi nasai – despedida utilizada à noite ao deixar um local ou antes de dormir. Seu modo mais informal é *oyasumi*.

Sayonara – “adeus”.

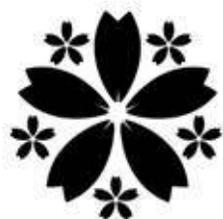
Arigato gozaimashita – agradecimento polido. Uma forma mais informal é *arigato*, e outra ainda mais casual, *domo*. Um modo mais formal e cerimonioso, por sua vez, é *domo arigato gozaimashita*.

Kochira koso – “o prazer é meu”, equivalente a “de nada”.

Para exemplos do uso das formas de tratamento e informações sobre a pronúncia das palavras e nomes em japonês, consulte os Apêndices ao final do livro.

Japão, século XV – meados da Era Muromachi (1392-1573)

Sexto ano do reinado do Imperador Sora
Trigésimo segundo ano do Bakufu de Ashigawa Yoshinobu



Auge da Primavera

O Sol subia devagar no horizonte, colorindo o céu de tons rosados. Aoi abafou um bocejo silencioso. Sua senhora acordaria em breve, e o chá deveria estar servido. O corredor estava quieto. Era o auge da Primavera, e as festividades de Hanami^[1] vinham acontecendo já há três dias. O banquete de hoje e a cerimônia de amanhã fechariam o evento, e a jovem serva se sentia aliviada.

Não que a comemoração daquele ano não fosse a mais linda que ela já vira... Mas a opulência das decorações e a beleza sublime das flores não eram o bastante para mascarar... O ar do palácio estava saturado de tensão. Tantos daimyos influentes, velhas famílias inimigas separadas por poucas salas, a sombra da guerra em Mutsu crescendo como uma nuvem de fuligem, sufocante e escura...

“Vamos, Aoi, não seja pessimista, *neh...*? Os daimyos logo partirão para seus castelos, e Kyoto se mostrará a capital tranquila e elegante da qual tanto se ouve falar. A guerra não nos alcançará aqui. Que lugar pode ser mais seguro do que o palácio do seii-taishogun? A saúde de Kiyoko-sama está se recuperando, e minha senhora parou de chorar com tanta frequência, pobrezinha... ficaremos bem, todas nós”.

Hai, tudo seria melhor agora. A mocinha pôs-se a caminhar com mais disposição, os passos fazendo chiar a madeira polida do tablado. O ar estava tão fresco... e a luz do amanhecer era sua favorita. O Sol entrava pelas janelas dos quartos fechados, e transparecia pelas shojis^[2] num tom brando e dourado, formando quadrinhos de luz embaçados por todo o corredor...

Ela parou.

Era um dos quartos vazios. De imediato, Aoi pensou ver uma sombra dentro do aposento... Então, ao parar, notou que não se tratava da sala em si – mas da porta.

Havia uma mancha ali, longa, escura, cruzando o bonito papel pelo lado interno. A luz que trespassava do aposento para o corredor a tornava ainda mais nítida. A jovem serva se aproximou, a testa franzida, então se ajoelhou com cuidado em frente à porta. Deixou a bandeja com o chá e as tigelinhas de lado. Ora, que estranho. Seria demasiado impróprio que ela abrisse para olhar...? O quarto não estava ocupado...

Aoi hesitou, mas por fim apoiou as mãos na moldura de madeira, e empurrou devagar para o lado. A porta correu alguns centímetros no trilho, num murmúrio suave, e a mocinha se inclinou, espiando dentro da sala.

Sua cautela, a curiosidade, o silêncio... se desfizeram bruscamente num soluço engasgado. A mancha não cruzava apenas a porta, estendia-se para a parede ao lado e terminava ali em respingos irregulares.

No tatame^[3], o mesmo vermelho denso formara uma poça, escoada do corte largo e profundo. Aoi fraquejou, e se susteve sem pensar na porta, que escancarou num baque seco. A garota se agarrou à moldura, trêmula, os olhos arregalados transbordando um choro horrorizado. Quis chamar por socorro, mas simplesmente não conseguia formular as palavras, então apenas gritou, muito alto, a voz entrecortada. Aquele morto, os dedos retorcidos em agonia, a garganta rasgada...

Era o filho do seii-taishogun.

Capítulo 1

Prelúdio



– Muito bem... consegue escrever *Ryuu*?

A manhã nascera fresca em Nara, e a fim de apreciar o céu claro, a senhora da mansão e seu filho haviam resolvido se sentar à varanda da ala Leste, de onde podiam ver o lago e o jardim.

– Ryuu... é muito difícil.

– Mas não é seu nome? É importante saber escrevê-lo.

– ...Eu sei escrever *Daichi*.

A senhora Masako tinha trinta e dois anos. Era uma mulher de traços delicados, compleição suave e cabelos negros muito longos, a frente cortada reta à altura do nariz para emoldurar-lhe graciosamente o rosto oval. Primeira filha de Kujou Masamoto, o ilustre *kampaku* a serviço do Imperador Sora, trouxera-lhe, aos dezesseis anos, a honra de casar-se com Ryuu Hideki – então príncipe favorito do clã Ryuu de Nagoya, e hoje provavelmente o político mais influente do país.

Seu único filho, o príncipe Daichi, tinha seis anos. Seus cabelos eram curtos e espetados, e os olhos, amendoados como os da mãe. Sentado diante da pilha de papéis em que viera treinando caligrafia na última hora e meia, estava com uma mancha de nanquim preto na bochecha, e outra na manga do kimono ^[4], embora sequer as tivesse percebido.

– *Ryuu*... – Masako afastou a ampla manga azul-celeste do *uchiki* ^[5], e segurou o pincel com gentileza sobre a mão do menino. Guiou-a devagar pelo papel, desenhando os dezesseis traços intrincados que nomeavam a família. – ...Vê? Escreve-se dessa forma.

Daichi olhou, impressionado, do papel para a mãe, e dali para o papel de novo.

– ...Incrível! Como haha ^[6] consegue?

– Se treinar, Daichi também conseguirá logo – ela indicou o espaço vazio junto ao ideograma, encorajadora. – Quer tentar repetir ao lado do meu?

O príncipe fez que sim, e molhou o pincel no nanquim, ocupando-se em copiar, meio trêmulo, os bonitos traços que a mãe imprimira no papel.

– Como se escreve o nome do Nobutaka-sensei ^[7]?

Ela pensou por um momento.

– ...É um pouco difícil.

Daichi terminou de traçar o *kanji* ^[8], e o admirou por um momento. Então olhou para o lago cristalino além da varanda, e de volta para a mãe.

– *Neh*, haha... vamos mesmo visitar o Hana-no-Gosho ^[9]?

– *Hai*. Devemos partir em breve.

Seguiu-se um instante silencioso.

– ...É verdade que o palácio pode ser incendiado?

Masako se voltou, notando a expressão receosa do menino.

– *Hoh*, mas claro que não!... Daichi não deveria se preocupar com coisas assim... Estaremos perfeitamente seguros.

– Mas... – insistiu o príncipe, retraindo-se – ouvi alguns dos samurais falando sobre ataques shinobis ^[10] na capital... Não quero ir para Kyoto!

– Ora, Daichi... – Masako acariciou os cabelos finos do filho – não há o que temer. O palácio do shogun é guardado por mais de cinco mil soldados. Não há como shinobis entrarem.

– ...Verdade? – ele choramingou, inseguro.

– *Hai*. Além disso, Daichi é um menino muito corajoso, *neh*? – a mulher sorriu, então inventou: – Shinobis são fracos e covardes, nenhum deles enfrentaria um herdeiro do clã Ryuu.

Daichi assentiu devagar, e sentou mais informalmente para descansar, com as pernas esticadas sobre o tablado polido, pensativo. Masako olhou o kanji desenhado por ele no papel, e concluía que ficara muito bom para uma primeira tentativa, quando o menino chamou-a de novo, agora num sorriso esperançoso.

– *Neh*, haha... então, por segurança, será que posso pegar emprestada a katana ^[11] do Nobutaka-sensei?

Masako riu.

– Ora, você...! Não estava com medo há um minuto? Daichi, sabe muito bem que ainda é pequeno demais para...

– Nobutaka-sensei! – o menino acenou, interrompendo a mãe.

Masako se voltou para o jardim, que, naquela Primavera crescente, pontilhava-se de borboletas. Atae Nobutaka, daimyo da província de Musashi, hatamoto ^[12] e general a serviço do clã Ryuu, vinha pelo caminho de pedra a passos apressados. Tinha quarenta e três anos, físico ainda forte, e era notavelmente alto. Trazia uma katana longa à cintura, e vestia um kimono marrom simples, hakama ^[13] e um dobuku ^[14] desbotado. Sua barba havia sido mal raspada, e os cabelos, cortados por entradas grisalhas, estavam atados num desleixado coque invertido.

– *Ohayo gozaimasu*, sensei! – cumprimentou alegremente o príncipe, quando o homem alcançou a varanda.

– *Ohayo gozaimasu*... Daichi-sama, Masako-sama – Nobutaka reverenciou.

– Parece agitado esta manhã, Atae-dono... Aconteceu algo?

– Vim às pressas para trazer-lhes a notícia... Hideki-sama retornou de Osaka.

– Oh, fico feliz... – Masako sorriu, levantando-se. – A visita a Kyuumura-dono foi bem-sucedida?

– Suponho que sim. Hideki-sama trouxe um dos rapazes dele consigo.

– É mesmo? ...Yusuke-dono?

– *Iie*, o mais novo. Como era mesmo o nome do garoto...? Oh, de qualquer modo... Hideki-sama irá apresentá-lo logo.

– Estou ansiosa para conhecê-lo – Masako desceu com cuidado os dois degraus da varanda e calçou os zoris ^[15]. – Daichi... vamos? Venha cumprimentar seu pai.

– *Hai*.

Seguiram pelo amplo jardim, rumando para a ala Norte da mansão. A apenas três semanas do ápice da Primavera, as muitas flores da estação dominavam em abundância a paisagem em Nara. O lago, rodeado de lírios brancos, refletia o matiz suave do céu, e tremeluzia prateado com a brisa.

– *Neh*, sensei... – Daichi quebrou o silêncio – posso ficar com Kurotora quando chegarmos a Kyoto?

– Kurotora? – o homem repetiu, olhando a katana de bainha preta à sua cintura. – Daichi-sama está pedindo demais... Posso saber por quê?

– Para enfrentar shinobis.

Ao ouvir o riso discreto de Masako, Nobutaka a olhou.

– ...A culpa é minha – a mulher sorriu. – Daichi estava com medo... mas eu não deveria tê-lo tranquilizado tanto.

– *Hoh*, entendo... – Nobutaka se dirigiu novamente ao príncipe. – então Daichi-sama pretende enfrentar shinobis na capital?

– *Hai!*

– Mas isso não seria prudente. Esses vermes sempre andam em grupos.

– Grupos...? – o menino hesitou.

Masako encobriu um sorriso com a manga azul e prata.

– *Un*, geralmente de *dezenas* – o homem prosseguiu, austero. – Mesmo alguém habilidoso teria dificuldade em vencê-los sozinho.

– Oh – o menino baixou a cabeça, num misto de receio e decepção – ...entendo.

– Mas... – Nobutaka então sorriu, levando a mão ao punho da katana – Daichi-sama, não se preocupe com shinobis. O palácio é perfeitamente seguro, e eu estarei sempre por perto. Aproveite a estadia na capital para se divertir um pouco. Aposto que Kiyoko-hime ^[16] estará ansiosa para vê-lo.

– É mesmo!... – Daichi, mais animado, voltou-se para a mãe. – Haha... Kiyoko ane ^[17]-sama vai estar no Hana-no-Gosho, *neh?*

– Certamente. Desde o falecimento do pai, Kiyoko-hime reside no palácio do shogun.

– *Yatta!* Vou ter com quem brincar!

– ...*Arigato gozaimashita, neh*, Atae-dono? – a mulher sussurrou para Nobutaka. – Eu não teria conseguido fazê-lo esquecer essa história tão facilmente.

– *Kochira koso* – ele respondeu, prestativo.



Ryuu Hideki, senhor de Owari e do castelo de Nagoya, e daimyo soberano de Tokaido, Mino e Yamato ^[18], era um homem orgulhoso e austero. Apesar de ter chegado de longa viagem à aliada Osaka há menos de meia hora, sua aparência estava irretocável quando Kyuumura Kentaro, que viajara na mesma caravana e sequer trocara as vestes de viagem, apresentou-se com a esposa em sua presença, no salão central de sua mansão em Nara.

O regente do abastado clã Ryuu tinha quarenta anos. De sobrancelhas arqueadas e feições elegantes, transmitia um ar ilustre, reforçado pela postura altiva. Seus cabelos escuros estavam presos num coque impecável, e um cavanhaque aparado com precisão ornava a ponta de seu queixo. Vestia-se de um tom fechado de turquesa, mesma cor do leque em sua mão, e ostentava o mon ^[19] dos Ryuu, bordado em ouro, nas costas e ambos os lados do colarinho.

– Então... acredito que tudo esteja resolvido. Espero que Kentaro-san sintasse-se confortável em Nara. Será uma estadia curta, mas suficiente para um merecido repouso antes da partida para Kyoto.

– *Domo arigato gozaimashita*, Ryuu-sama – o rapaz fez longa reverência, num movimento quase sincronizado com o da jovem a seu lado.

Por baixo do que esperava ser uma expressão satisfatoriamente firme, Kentaro se sentia apreensivo. Desde criança já se acostumara a formalidades, e a estar diante de figuras eminentes. Mas sempre o fizera na pálida posição de terceiro príncipe, sentado numa fileira mais afastada, e quase despercebido entre os irmãos. A posição de se portar e falar impecavelmente, ao lado do honrado pai, sempre coubera ao primogênito do clã, Yusuke. Agora, sozinho em frente ao mais poderoso daimyo do país, Kentaro sentia súbita inveja do irmão.

“Ahh, ani ^[20]-ue... Se eu fosse como você, isto não seria tão difícil! Tenho que me esforçar para não gaguejar, e aposto que ani-ue já nasceu com a testa franzida...”

Ele sentiu um leve toque na manga do kimono, e olhou de relance para o lado. Akiko devolveu seu olhar, a sombra de um sorriso encorajador nos lábios.

“Acalme-se, está se saindo muito bem”.

Era mesmo incrível como ela conseguia falar sem palavras, pensou Kentaro, e aquele agradável sopro de ternura dissipou sua tensão por um momento. A voz grave de Ryuu Hideki, no entanto, logo o trouxe de volta a seu nervosismo.

– *Yosh* – o daimyo se voltou para uma velha serva, sentada à entrada principal – guie-os até seus aposentos...

Mas não terminou a ordem, pois nesse momento viu Nobutaka se aproximar pelo corredor, acompanhado por Masako e Daichi. Conforme Hideki parou, baixando o leque, os jovens sentados à sua frente também olharam naquela direção. Chegavam ao salão um homem alto e de aspecto cansado,

seguido por uma mulher ricamente vestida em tons pastéis e uma criança pequena.

Ajoelharam-se todos em mesura longa ao alcançar as portas do salão.

– ...Hideki-sama – o homem cumprimentou respeitosamente, e, a um gesto curto de Hideki, dirigiu-se em silêncio à esquerda do aposento, a cinco passos do mestre, onde sentou.

– Ah, Masako – o daimyo então sorriu, cordial, para a esposa, fazendo sinal para que se aproximasse. Ela obedeceu, a passos curtos, e Daichi a seguiu timidamente.

– Tono-sama... – Masako fez nova reverência ao parar, a três passos do marido – alegre-me por vê-lo novamente, e a salvo.

– É bom estar de volta – ele respondeu, então se voltou, grave, para o filho, ao mesmo tempo em que ela sentava atrás de si, à sua direita. – Daichi...

– *Ohayo gozaimasu*, chichi ^[21]-ue – o príncipe respondeu formalmente, em reverência mais acentuada que a da mãe. – Bem-vindo de volta.

– Espero que tenha se empenhado em suas tarefas durante minha ausência.

– *Hai* – o menino confirmou, desnecessariamente se curvando mais uma vez.

– *Un...* – Hideki indicou sua direita com o leque – pode sentar.

Daichi obedeceu, apressado. Sentou sobre os joelhos, ao lado da mãe, e espiou dela para Nobutaka, alguns passos diante dos dois. Vendo a expressão sisuda que agora cobria o rosto do hatamoto, o menino também franziu a fronte.

– Minha família veio em boa hora – Hideki indicou o jovem sentado no centro do aposento, a dez passos dali. – Masako, Daichi... Apresento-lhes Kyuumura Kentaro-san, terceiro príncipe de seu honorável clã, e um arqueiro excepcional. Servirá aos Ryuu como primeiro-oficial de Nobutaka-san.

Filho de Kyuumura Koji, o eminente daimyo soberano da região de San'yodo e senhor da próspera Osaka, Kentaro era um rapaz de estatura média e semblante franco, os cabelos de corte reto presos num rabo-de-cavalo. Tinha apenas vinte e um anos – notavelmente jovem para o cargo que assumia. Talvez por isso, pensou Masako, seu rosto demonstrava aquela sutil expressão de ansiedade.

– É uma imensa honra conhecê-los – Kentaro se curvou, educado, e Masako e Daichi responderam ao cumprimento.

– E a esposa... – Hideki indicou a moça junto ao príncipe – Kyuumura Akiko-san.

Filha de Okori Noriyuki, conselheiro do Bakufu, a senhora Akiko beirava os vinte anos. Era uma jovem de postura graciosa e expressão segura nos olhos grandes e amendoados. Vestia um kimono amarelo-claro e um bonito obi ^[22] azul-profundo, e tinha os cabelos penteados de lado e atados à altura da nuca. Ela cumprimentou Masako e Daichi em silêncio, e sua reverência mal havia sido correspondida quando Hideki concluiu.

– *Yosh...* Kentaro-san deve estar cansado de viagem – fez sinal para que a serva à porta acompanhasse o jovem casal.

– *Domo arigato gozaimashita*, Ryuu-sama – Kentaro fez nova reverência, e se pôs de pé, afastando-se até a entrada principal. Akiko o imitou, e logo os dois haviam desaparecido na curva do corredor, guiados pela velha ama.

Um silêncio denso preencheu o salão. Daichi olhava para os próprios joelhos, e dali, discretamente, para a saída direita do aposento. Nobutaka se perguntava por que o mestre concedera o cargo de primeiro-oficial àquele garoto... A seu ver, se a intenção do senhor era a de estreitar relações com Osaka, esperar mais alguns anos pela aquisição de Kentaro seria mais vantajoso para ele, e perfeitamente

razoável para Koji.

“...Provavelmente, Hideki-sama busca um controle sobre os Kyuumura a curto prazo... antes do Hanami em Kyoto. Nesse caso, o garoto foi de fato uma boa escolha. O segundo filho de Kyuumura-dono é um imprestável, de qualquer forma...”.

Nobutaka interrompeu a conjectura quando seu olhar parou na senhora Masako. Ela estava voltada para frente, os longos cabelos caindo sobre as mangas do uchiki. Sua expressão, no início da manhã serena, estava agora contida e impenetrável. Era provável que também estivesse incerta quanto à competência de Kyuumura Kentaro, pensou ele.

– *Fuu...* – o silêncio foi quebrado por um suspiro de Hideki, que massageou o pescoço numa expressão subitamente cansada – foi uma viagem produtiva.

O daimyo se levantou. Suas costas doíam. Embora estivesse satisfeito com o resultado da visita aos Kyuumura, a viagem a Osaka fora longa, cansativa, e, acima de tudo, tediosa.

Koji, mesmo ocupado, às vésperas da própria partida para Kyoto, parecera feliz em receber o aliado de longa data. Talvez feliz *demais*, pensou Hideki, lembrando-se da hospitalidade quase importuna dos Kyuumura. Banquetes todas as noites, um pequeno exército de servos para atendê-lo, cortesãs de luxo à escolha, duas arcas de presentes ostentosos acumulados durante sua estadia na barulhenta mansão – um exagero.

Koji estava realmente receoso, pensou Hideki. Há alguns anos, bajulação não costumava ser seu forte... Mas agora, com a crescente guerra em Mutsu, os Kyuumura demonstravam súbita consideração para com seu maior aliado. Oferecendo tantos presentes, além de um dos filhos para servir aos Ryuu, Koji provavelmente tentava garantir seu apoio, concluiu Hideki. Era um esforço óbvio e patético, ao qual ele não teria cedido em outras circunstâncias. Mas o Hanami em Kyoto se aproximava, e, com ele, viriam à tona conflitos políticos de raras proporções... Era embaraçoso. Mas Hideki precisava de Koji, talvez tanto quanto Koji precisava dele. E, para o daimyo, encontrar em Osaka aquela reciprocidade gritante quanto ao fortalecimento de relações fora mais que conveniente.

Por outro lado, a verdadeira intenção de Koji por trás de seu repentino surto de subserviência poderia ser a de, no último momento, afastar-se dos Ryuu. Essa era uma hipótese que muito preocupava Hideki. Masako costumava elogiar sua aparência antes de lhe contar uma notícia desagradável, e o daimyo temia que o aliado estivesse usando a mesma tática. A possibilidade era irritante. Adulação por perdão, apesar de um pouco menos óbvia, era ainda mais patética do que adulação por recompensa.

“...Talvez eu esteja desconfiado demais... Agarrar-se a um velho aliado é sempre mais seguro do que tentar conquistar novos. E Koji nunca foi do tipo de homem que se arrisca. Além do mais, estou com o filho dele...”

– Kentaro-san parece um rapaz muito promissor, *neh?* – ele comentou, casual. – Nobutaka-san... quanto acha que Koji-dono preza seus filhos?

O general pensou um pouco antes de responder.

– Nunca tive muito contato com Kyuumura-dono, mas suponho que os estime. Yusuke-san é um excelente político, e Kentaro-san se destaca como arqueiro desde os dez anos de idade... Quanto a Kotone-san, é uma dama exemplar. Não vejo por que não se orgulharia de nenhum deles.

Hideki não pôde evitar abrir um leve riso. Nobutaka omitira o segundo príncipe, Kenjiro, certamente por não conseguir tecer elogios sobre o rapaz... De qualquer forma, ele dera sua opinião. O daimyo concordava com ela. Não acreditava que Koji estaria disposto a sacrificar um dos próprios filhos de modo tão desnecessário. Se sua intenção fosse trair o clã Ryuu, não teria oferecido Kentaro a seu serviço.

“Tranquilize-se, Hideki... Está tudo sob controle.”

O daimyo se sentia estafado. Um banho quente e algumas horas de descanso lhe fariam bem.

– Conto com Nobutaka-san para instruir o rapaz daqui em diante – ele finalizou, seguindo rumo à saída esquerda do aposento.

– Daichi... – Masako, que se levantara para segui-lo, disse em voz baixa – pode tirar o restante do dia para brincar. Mas não faça barulho. Seu pai precisa de repouso.

O menino assentiu. Masako sorriu, então fez mesura breve a Nobutaka.

– Atae-dono.

E saiu, já vários metros atrás do marido. Mal o som de seus passos desapareceu, Daichi foi até Nobutaka, que se punha de pé sem pressa.

– *Neh*, sensei... Quer jogar kemari [\[23\]](#)?

– Kemari?

– Por favor... estou de folga, quero brincar!

– Mas eu não estou de folga, Daichi-sama – o hatamoto explicou. – Tenho muito trabalho a fazer.

– Não pode fazer depois de uma partida?

O homem suspirou. Daichi o encarava, esperançoso.

– ...Está bem. Vamos para o pátio.

– *Yosh!*

– *Uma* partida.

– *Un!* – Daichi saiu correndo pela saída direita da sala, e Nobutaka o seguiu num caminhar tranquilo.



A ala de hóspedes da mansão dos Ryuu era ampla e agradável. Da varanda dos aposentos reservados ao jovem casal Kyuumura, via-se o jardim Oeste, especialmente adorável naquela Primavera. Ali havia uma pequena ponte sobre um braço estreito do lago, e canteiros floridos em espiral partindo dos caminhos de pedra. Uma cerejeira de ramos nus se curvava em direção à porta da varanda. Akiko, que acabara de entrefechar aquela shoji, lamentou-se por precisar partir para Kyoto antes de a árvore florescer. Acordar sob seu sopro de perfume e pétalas teria sido maravilhoso.

– O almoço será servido em breve. Se precisarem de algo, por favor, basta me chamar – a velha ama fez reverência e saiu, fechando a porta atrás de si.

– ...Que bela residência, *neh?* – Akiko comentou, admirando as nuvens em tons pastéis que adornavam um painel ao fundo do aposento. – Muito clássica e leve.

– *Fuu...* – Kentaro se largou de costas sobre as grossas cobertas azuis da cama já preparada – por enquanto, estou feliz pelo futon ^[24] ser confortável.

Akiko riu, sentando ao seu lado. Ele se espreguiçou, então ficou mais sério.

– ...Acha que me saí bem? Diante de Ryuu-sama?

– Você estava ótimo – a moça garantiu, segura, desatando a faixa que prendia os cabelos do marido. – Não se preocupe tanto.

Kentaro franziu a testa. Primeiro-oficial de Atae Nobutaka, o general e hatamoto de maior confiança dos Ryuu.. Ele era jovem para tal posto. Jovem demais, sabia disso. Ryuu Hideki o aceitara ali para estreitar sua aliança com a família Kyuumura, não por achá-lo competente. E, se o cabeça dos Ryuu de Owari estava preocupado a ponto de se vincular a seus aliados com tanta pressa...

– ...Estou com um mau pressentimento sobre tudo isso – desabafou ele.

Akiko, até então ocupada em acariciar-lhe gentilmente os cabelos, parou.

– Demônios adormecidos voltarão à vida em Kyoto... – ela segredou. – Não me surpreende que Ryuu-sama esteja apreensivo.

– Há rumores de que o Akaoni ^[25] recuperou suas forças... Ah, Akiko, e se ele...

– *Iie*, Kentaro... – ela o interrompeu, pousando os dedos sobre seus lábios. – Por favor, não diga... Não pense no pior.

– Como não pensar? – ele sentou, angustiado, e olhou o mon esculpido no portal de madeira. – Agora sou vassalo dos Ryuu. Meu karma ^[26] é o deles. E o seu...

Akiko o abraçou em silêncio, abrigando o rosto em seu peito, e ele de repente se sentiu culpado. Se estava com medo, ela devia estar com mais ainda...

– Akiko...

Ele a envolveu cuidadosamente nos braços.

– ...Você está certa – anunciou, num sorriso esforçado. – Não pensemos no pior.

Seus olhos foram novamente atraídos para o mon dos Ryuu sobre a porta, e ele se sentiu estranhamente reconfortado ao constatar como aquele longo dragão espiralado lhe transmitia poder. Nagoya era rica. Ryuu era forte. O mestre não tinha adversários à sua altura.

– ...*Vamos ficar bem.*

Abraçado à esposa naquele refinado quarto estranho, Kyuumura Kentaro queria acreditar nisso. Imerso em seu banho quente e em suas preocupações, Ryuu Hideki também queria.



– “...Sendo assim, proponho que cessem hostilidades de qualquer espécie entre nossas casas, e vos estendo o convite a relações amistosas. Como prova de boa-vontade ao nobre clã Tetsuyama, garanto não-intervenção de minha casa em vossas terras, salvo se por desejo expresso de Tennaiheika ^[27] ou do Bakufu. Por fim, estimo ao honorável primogênito de Osamu-dono uma recuperação ágil e plena, da qual, através de força e obstinação singulares, o rapaz se provou absolutamente merecedor. À sua nobre pessoa, ofereço humildemente a arca que acompanha esta mensagem, bem como seu conteúdo. Espero que esse singelo presente agrade ao jovem príncipe, e lhe traga à mente os bons votos de minha casa através dos longos e prósperos anos que virão. Sinceramente, Ryuu Owari-no-kami ^[28] Hideki.”

Ao acabar de ler a carta, o servo a dobrou, cuidadoso, e apanhou com deferência a pequena arca de madeira. À cabeceira da cama sentava Tetsuyama Osamu, daimyo de Inaba, senhor do castelo de Tottori e das montanhosas terras do Oeste de Honshuu, as oito províncias de San’indo. Ao seu lado descansava Seifukusha, a katana de bainha vermelho-sangue que, anos atrás, rendera a seu mestre o célebre apelido: *Akaoni*. Diante da floreada mensagem de seu pior inimigo, ele franziu a fronte, em silêncio, e voltou os olhos nescados para o filho mais velho.

Tetsuyama Taiken estava sentado no futon, os cabelos rigorosamente penteados e presos num coque invertido, o kimono frouxamente atado, deixando à mostra o torso enfaixado. Ele olhou a caixa muito ornamentada nas mãos do servo, e estendeu o braço, fazendo sinal para que ele a entregasse. O homem obedeceu.

Ao abrir a pequena arca, Taiken constatou que se tratava de um luxuoso estojo de caligrafia e pintura. Seis cores de tinta reluziam em delicados frascos de vidro, seis pincéis se enfileiravam graciosamente em seus nichos, uma pilha de papéis descansava ao lado. A qualidade dos materiais teria maravilhado qualquer artista, e a pequena caixa era, por si só, uma obra de arte.

– *Hoh!* Que presente magnífico, Taiken-sama! – exclamou o servo.

Por um momento, o garoto permaneceu estático, a arca aberta sobre os joelhos. Seus olhos miravam o estojo, duros, fixos. Estranhando a atitude do jovem príncipe, o servo se voltou para Tetsuyama Osamu, mas seu senhor nada disse. Apenas continuou observando o filho, semblante neutro.

Taiken soltou um suspiro curto pelo nariz.

– ...Tintas? – fez, e sua respiração acelerou num súbito crescente de ódio. – Ryuu Hideki me mandou... *tintas?*

O servo não achava que poderia ficar mais surpreso com a reação do garoto, até que ele, num rosnar colérico, atirou violentamente o lindo estojo no chão, reduzindo-o a uma explosão de cacos inúteis.

– *MALDITO! QUEM ELE PENSA QUE EU SOU!!!?*

Era *imperdoável*. Se a mensagem tivesse sido coberta de insultos de baixo calão, ao invés daquelas

palavras de paz cínicas, teria sido menos ofensiva. O mesmo podia ser dito daquele presente. Taiken sinceramente teria preferido ganhar a carcaça podre de um animal decapitado.

– ...M-mas, Taiken-sama... Seu presente...

– *Isso não é um presente! É uma OFENSA!* – o rapaz exclamou, furioso, e se voltou para o pai. – ...Ele acha que não vou me recuperar?!! Que vou passar o resto da vida como um *inválido*, treinando caligrafia, *por causa deste ferimento?!!*

Osamu sorriu. Como esperava, Taiken não apenas entendera muito bem a real mensagem daquela carta e do dito presente anexo, como tivera uma reação digna àquela afronta do clã Ryuu. O daimyo não podia se sentir mais orgulhoso.

Taiken arfava, revoltado. Sempre se destacara nos treinamentos, sempre tivera desempenho exemplar como guerreiro, desde a infância. Tinha um futuro militar brilhante à sua frente. Ryuu Hideki quase lhe roubara isso, primeiro causando aquele ferimento que deveria tê-lo matado, agora insinuando que, mesmo sobrevivendo a ele, o rapaz nunca voltaria a ser o mesmo...

O príncipe levou a mão ao peito, lembrando-se do corte de katana que cruzara seu torso, por ordem de Hideki... Poucos homens teriam sobrevivido àquele ferimento, então quais eram as chances de um garoto de quinze anos? Essa pergunta fora feita há quase um mês. Agora, ele estava se recuperando. Ainda não podia fazer esforço, havia o risco de o corte se abrir... Mas, muito em breve, aquela ferida se tornaria uma cicatriz.

Muito em breve.

– Ele vai se arrepender... *Maldito lixo de Owari*, vai se arrepender *amargamente* de ter ofendido o clã Tetsuyama, e tentado me humilhar!!

– *Yosh, yosh...* Esse é o espírito, Taiken – Osamu bateu no ombro do filho, um sorriso de aprovação no rosto duro. – Mas seja paciente, *neh?* Ainda o faremos pagar, de preferência com o próprio sangue imundo.

Então se voltou calmamente para o servo, que ainda tinha os olhos arregalados.

– Providencie papel e tinta.

Escreveu a seguinte resposta a Ryuu Hideki.

“...O clã Tetsuyama aceita com alegria vossa proposta. Por favor aceite, como humilde agradecimento por vossa gentileza, o lote de seda que acompanha esta carta, bordada pelos melhores artesãos da província de Inaba. Bons anos certamente virão para nossas casas. Ao nobre clã Ryuu, nossa estima... Tetsuyama Inaba-no-kami Osamu”.



“Noventa e seis... Noventa e sete...”

– Com licença... Taiken-sama...

– *Un?*

– Tetsuyama-sama pede a presença de Taiken-sama no salão principal... Para a recepção à comitiva de Uehara-sama.

Taiken fez uma careta aborrecida.

– *Un...* Estarei lá em alguns minutos.

A jovem serva se curvou em reverência, e voltou pelo caminho de pedra, rumo à ala principal do castelo.

A Primavera se instalara em Tottori, tonalizando em verdes álacres a montanha que abrigava o castelo. No pátio do dojo [\[29\]](#), uma ameixeira se cobria de vibrantes flores tardias, atraindo pequenos pássaros marrons.

“Noventa e oito... Noventa e nove... Cem!”

Ele parou, e embainhou a katana uma última vez, cansado. Cem saques [\[30\]](#) não eram sua melhor marca... Mas ele não se sentia muito disposto naquela manhã.

“Uehara já está aqui?... Então, não deve demorar até partirmos...”

Taiken levou a mão ao peito, distraído, e sentiu sua cicatriz. Percorreu-a com os dedos devagar, num estranho misto de amargura e motivação. A data da comemoração do Hanami no palácio do shogun se aproximava...

“...Kyoto...”

Ele suspirou, inquieto. Tinha aquela cicatriz há quase dez anos. Enfim, chegara a hora de mostrá-la a Ryuu Hideki.



Kusachi Yohei, alto oficial médico do Bakufu, estava apreensivo.

Há três meses, o irmão mais novo do shogun, Ashigawa Yoshiharu, falecera em sua residência em Mimasaka. Algumas semanas após o ocorrido, preocupado com a segurança da mansão, o shogun determinara a vinda da sobrinha, Kiyoko, e da jovem consorte do irmão para o Palácio das Flores, a fim de ali residirem.

A comitiva das princesas chegara há trinta e dois dias. O médico se lembrava de, na ocasião, ter sido procurado pela tutora de Kiyoko – uma ama baixa e petulante – acerca de um ferimento que a mocinha sofrera no percurso, pouco acima do calcanhar direito. Examiná-la não lhe tomara mais de dez minutos. Tratava-se de um arranhão, uma tolice que a incomodaria por um dia ou dois, para então desaparecer, esquecida.

Ou, fora o que ele pensara.

– Kusachi-sama... – o recém-chegado fez-lhe reverência acentuada – é uma honra imensurável conhecê-lo.

Ele usava um kimono de cor crua e um hakama puído. Ostentava no dobuku o mon dos Ikeda, isso era certo... Mas sequer tinha vinte anos. Parecia tentar manter os olhos baixos, embora o fizesse sem sucesso. Sua atenção era constantemente atraída, ora pelos muitos frascos de porcelana rotulados e enfileirados nas estantes, ora pelas pilhas de velhos pergaminhos, ora pelo mapa de acupuntura na parede.

– Perdoe minha rispidez... – detrás de sua mesinha, Yohei falou, sisudo. – Mas lembro-me de ter requisitado a presença urgente de Ikeda Naoya-sensei ao palácio.

O rapaz se moveu onde estava, num gesto de desconforto.

– Por que, então, recebo outra pessoa?

O jovem visitante franziu a testa, e baixou a cabeça em nova mesura respeitosa antes de explicar, abatido.

– Peço a Kusachi-sama perdão pelo inconveniente... Mas... infelizmente, Ikeda-sensei faleceu neste último Inverno.

– *Hoh?* Faleceu?

– ...*Hai*. Há muito sensei vinha lutando contra um persistente mal do estômago... No final do ano, a doença se agravou... Seu corpo não resistiu.

O rosto do shogun, enrugado em profundo desagrado, assombrou a mente de Yohei. Apesar de seus esforços, a saúde da princesa Kiyoko continuava a se deteriorar, dia após dia, desde sua chegada ao Hana-no-Gosho... E por um ferimento absolutamente simples!

“Se Kiyoko-hime vier a morrer de causa tão tola... aceito em minha consciência que foi karma. Mas...”

...Talvez o shogun não viesse a compartilhar de sua serena resignação. Consultar o famoso herbalista

de Osaka, Ikeda Naoya, fora sugestão da honorável senhora Oyu, esposa do shogun... Nos últimos dois dias, Yohei vinha esperando esse encontro como última esperança de salvar a vida da moça – e, por provável extensão, sua própria.

...Mas, se o homem estava morto.... *o que fazer?*

– Reconheci, ao receber a carta, o selo do Bakufu – o jovem expôs. – ...Dadas as circunstâncias, tomei a liberdade de ler a mensagem. Refleti muito a respeito da doença de hime-sama desde então. Na ausência de sensei, e com permissão de Kusachi-sama... gostaria de tentar ajudá-la.

– Ajudá-la? – Yohei repetiu, num suspiro incrédulo. – *Você?*

Era *muita* pretensão...

– Fui aprendiz de Ikeda-sensei desde a infância. Também sou médico – o outro justificou. – ...Me chamo Ikeda Jin.

Yohei parou.

– ...*Ikeda?*

Levantou as sobrancelhas grossas, em consideração ligeiramente maior.

– *Hai*. Sou filho de Ikeda-sensei.

Uma faísca de esperança se acendeu para o oficial médico.

A doença da princesa Kiyoko era inexplicável. Ungentos, compressas, ervas, infusões... Yohei tentara todas as possibilidades. Se ele, com toda sua vasta experiência e conhecimento, falhara, aquele garoto obviamente não estaria à altura do caso.

Mas isso não importava. Sendo aquele o filho e aprendiz de Ikeda Naoya...

“*Talvez baste para que o shogun o responsabilize!*”

– *Hoh...* – o homem, pela primeira vez desde o início daquela conversa, sorriu. – Que surpresa, de fato... Não tinha conhecimento que Ikeda-sensei deixara herdeiros.

O rapaz assentiu.

– ...Sou o único. Espero bastar.

– Então... acredita mesmo que pode salvar nossa estimada Kiyoko-hime?

Ele pareceu hesitante, mas incentivado pela repentina gentileza do outro.

– Farei o máximo que puder – garantiu.

– Ora, muito bom! – concluiu Yohei. – Ainda que consternado pela lamentável notícia... admito, sinto-me mais tranquilo. O sucessor de um médico como Ikeda-sensei não pode nos desapontar.

Jin sorriu com gratidão.

– *Domo arigato gozaimashita* – reverenciou.

– *Kochira koso...* – o oficial respondeu num aceno curto, mas totalmente sincero. – Comunicarei imediatamente ao seii-taishogun as boas notícias... O honorável sucessor de Ikeda-sensei haverá de curar Kiyoko-hime!

Graças ao bom Buda... o fardo fora passado adiante.



O salão principal do castelo de Tottori, destinado a reuniões e recepções formais, via certo movimento naquela manhã. Em frente ao rico fusuma ^[31] dourado aos fundos sentava Tetsuyama Osamu, o Akaoni, daimyo da província de Inaba e senhor soberano da região de San'indo. Com cinquenta e três anos, tinha os cabelos grisalhos presos num coque alto, cavanhaque e bigodes no rosto sisudo. A postura rígida e o olhar áspero lhe prestavam um aspecto hostil, reforçado pelo hitatare ^[32] cor de ferrugem e pela katana de vibrante bainha rubra posta ao seu lado.

Mesmo estando ali como convidado, muito bem-vindo e bem-tratado, Uehara Seito não se sentia à vontade desde que chegara à residência dos Tetsuyama. Diante do esplendor intimidante que era Tottori, seu melhor kimono parecia simplório, sua guarda pessoal se encolhia, receosa, e ele se sentia menos senhor que vassalo.

Seus olhos correram de relance para Hotaru, sentada dois passos atrás dele. Sua postura estava tensa, e seus olhos transmitiam certa agitação, voltados para a esquerda do daimyo de Inaba. Ali, dez passos à frente dos dois, sentava o primogênito do Akaoni.

Tetsuyama Taiken era um homem jovem e alto, de físico vigoroso e expressão severa nos olhos negados – esses, como o rosto anguloso, claramente herdados do pai. Seu nariz era marcante, reto, e seus cabelos estavam presos em coque invertido por uma faixa apertada.

Embora concentrada em não transparecer, Hotaru não podia deixar de olhá-lo com admiração. Ouvira, nos últimos dois ou três anos, bastante a respeito do primeiro príncipe dos Tetsuyama: que fora um dos melhores alunos do respeitado mestre Aoki Shigeru, de Kyoto; que sobrevivera a um ferimento mortal quando rapaz, e não apenas se recuperara, como, anos depois, vencera em duelo amistoso o mais célebre samurai de Nagato, Hirata Sadanori; que comandara recentemente um ataque a Echizen, vencendo um exército duas vezes maior, e tomara a província em um mês. Enfim, como guerreiro, o homem era decididamente notável – e a oportunidade de conhecê-lo em pessoa muito a agradava.

À direita e ligeiramente atrás de Osamu estava, por sua vez, o segundo filho do daimyo, Naginata. De certo modo, ele se destacava dos outros dois. Seus olhos eram mais amendoados; seus traços, mais suaves. Os cabelos bem tratados estavam presos num rabo-de-cavalo frouxo. Um hitatare refinado, de tons claros de prata, finalizava sua ostentosa figura, mais esguia que a do irmão, e ainda mais ativa que a do pai. Tratava-se, sem dúvidas, de um rapaz muito bonito – Hotaru, porém, identificava nele algo de extremamente desagradável.

– Tottori dá ao honorável clã Uehara boas-vindas – Tetsuyama Osamu falou em sua voz rouca – e espera que os laços de amizade tecidos entre nossas casas nunca se rompam.

– O clã Uehara aceita, encantado, vossa hospitalidade, e se compromete a honrar vossa confiança – o outro daimyo falou, numa grande reverência. – Que longos anos de glória venham para os Tetsuyama!

– *HOA!* – os guardas a postos no aposento responderam à saudação num brado curto e súbito, fazendo o senhor do clã Uehara de Hida estremecer. Um riso breve deslizou na boca de Osamu. Seito imaginou que ele tivesse ficado satisfeito com seu cumprimento. Naginata imaginou que tivesse achado graça do frágil visitante.

...Uehara Seito era realmente uma figura patética, pensou o segundo príncipe. O homem devia ser quase da altura de seu pai, mas o ar sumido em sua postura o fazia parecer menor. De quarenta, quarenta e cinco anos de idade, tinha um rosto que sumiria facilmente em uma multidão. Seus olhos estavam inquietos, e suas mãos, cerradas sobre os joelhos. Era claro como o dia – ele estava abalado pela mera presença de Osamu.

“Uma folha de papel ofereceria mais resistência ao ser dobrada”.

O que chamava a atenção de Taiken, porém, não era Uehara Seito, mas a jovem sentada atrás dele, à sua direita. Hotaru, filha única do apreensivo daimyo, não mostrava agitação. Voltado então para Osamu, seu olhar estava firme.

– Então... – o Akaoni perguntou, como adivinhando os pensamentos do filho – é essa a famosa Hotaru-hime?

A moça reverenciou o senhor de Tottori respeitosamente. Seito fez que sim num sorriso nervoso.

– *Hai...* isso mesmo.

Naginata se esticou um pouco para vê-la melhor. Suas sobrancelhas eram muito simétricas, e se afilavam conforme se afastavam do centro do rosto. Os cabelos estavam presos num rabo-de-cavalo, algumas mechas escorregando da faixa e emoldurando seu rosto. A princesa do clã Uehara já devia ter quase vinte anos, mas ainda era solteira – e, ao entrar no salão, deixara a cuidados do guarda-armas uma elegante katana com punho revestido em couro castanho, de sua posse.

Taiken supôs que os dois fatos eram relacionados.

– Ora, já ouvi muito a respeito de Hotaru-hime – Osamu sorriu, cortês. – Dizem que é habilidosa com a katana. E que costuma treinar junto aos oficiais, por ser capaz de derrotar facilmente os soldados rasos.

– *Hai* – ela confirmou, e sequer fingiu alguma hesitação, indicativo da modéstia adequada a uma dama.

– *Hoh!* – o daimyo ergueu as sobrancelhas. – Impressionante! Se Seito-dono nos concede a honra, gostaríamos de presenciar a habilidade de Hotaru-hime. Digamos... amanhã, antes do jantar?

– Será um prazer – os Uehara confirmaram, em nova medida.

– *Yosh* – Osamu fez sinal para duas servas, no canto da sala – Hotaru-hime deve estar cansada. Seito-dono e eu ainda discutiremos alguns detalhes da viagem a Kyoto... não queremos aborrecê-la com esses assuntos.

Ela assentiu, fez polida medida longa aos presentes e se pôs de pé. Curvou-se em respeito novamente, aos Tetsuyama e ao pai, então saiu a passos seguros, seguida pelas servas e pelos olhos dos dois filhos de Osamu.



– ...Nobutaka...

Ele se arrastou com esforço. O tatame estava estranhamente frio. Um rastro de calor fluía devagar por seu braço. O ferimento doía, mas era uma dor vaga, longínqua, dormente. Sua visão oscilava, entorpecida, enquanto sua mente latejava de desesperadora lucidez.

– *Nobutaka...!*

Ela voltou o rosto para vê-lo, erguendo debilmente a mão em sua direção, num gemido apavorado.

Ele não conseguia alcançá-la.

– *SUZUME!*

De súbito, acabou. Nobutaka sentou abruptamente na cama, arfando como se houvesse emergido de um lago profundo, o olhar aturdido pela escuridão. Num reflexo, levou a mão ao ombro. Não doía mais... Não doía mais há anos. Mas a voz dela ainda ecoava em sua cabeça.

“Maldição...”.

A tenda estava imersa em sombras, e o vento murmurava, soturno, lá fora. Sua katana descansava serenamente ao lado do travesseiro. Tudo estava estático, frio e azul. Ainda era noite alta. Mas Nobutaka sabia que tentar adormecer novamente seria inútil.

– A aurora ainda está longe... – ele murmurou, cansado, e se esticou para alcançar a mesinha de madeira escura.

Pegou sobre ela uma garrafinha ornada e uma pequena tigela rasa de porcelana. Encheu-a devagar, quase até o topo, e a entornou de um gole. Num suspiro aborrecido, voltou-se para Kurotora, admirando longamente sua bainha lustra e negra.

...Seria outra longa noite...



– *Ohayo gozaimasu*, Atae-sama! Que bela manhã, *neh?*

Vestindo um kimono simples e uma expressão azeda, Nobutaka sentiu-se tentado a responder ao alegre cumprimento de modo extremamente mal-educado. Sua cabeça latejava, seu estômago estava revirado, e sua disposição o abandonara há horas, com perspectivas remotas de retornar num futuro próximo. Entretanto, pensou então, nada disso era culpa do pobre Hachiro.

– *Ohayo...* – ele tentou um sorriso educado, mas a expressão meio admirada de seu servo sugeriu que o resultado fora provavelmente uma careta.

– Kyuumura-sama pediu para vê-lo antes de seguirmos viagem – informou o rapaz, ocupando-se em guardar os pertences do mestre – para discutirem o esquema de segurança de Ryuu-sama em Kyoto.

“Era o que me faltava...”.

– Devo procurá-lo e avisar que Atae-sama pode atendê-lo?

– *Iie...* não é necessário, Hachiro. Irei procurá-lo eu mesmo.

O céu estava limpo naquela manhã, com um tom fresco. A apenas algumas horas de Kyoto, a comitiva de Ryuu Hideki acampara numa clareira a pouco mais de duzentos metros da estrada, em meio a um bosque de carvalhos e bordos, e junto a um riacho que timidamente bordava a montanha. A tenda de Kyuumura Kentaro estava próxima àquele caminhozinho d’água, Nobutaka lembrou. Não faria mal lavar o rosto antes de falar com o garoto.

Ele se abaixou junto ao riacho solitário, à sombra rala de um bordo, e apanhou um punhado da água fria com as mãos em concha. Lembrou-se do sonho. Talvez pelas horas passadas desde então, talvez pela atmosfera branda da paisagem, Nobutaka sentiu seu aborrecimento lentamente se transformando em melancolia. Olhou o próprio reflexo no diminuto lago que tinha nas mãos. Franziu a testa, respirou fundo, e atirou a água no rosto num movimento curto. Já não estava tão desanimado com a ideia de ver Kentaro... Ocupar a mente com assuntos banais lhe faria muito bem.

– Oh, Atae-dono...

Ele se voltou, limpando o rosto. Com um par de uchikis claros sobre o kimono cor de pêssego e uma pequena bacia de madeira nas mãos, Ryuu Masako lhe fazia breve mesura.

– *Ohayo gozaimasu* – ela sorriu. – Não esperava vê-lo por aqui.

– Masako-sama... – o homem se curvou. – Estava apenas lavando o rosto para despertar melhor... Perdoe-me por incomodá-la.

– Não é incômodo algum – a mulher se aproximou, abaixando-se também junto ao riacho. – Acordei há pouco, igualmente... Vim buscar água fresca para tonosama.

O elegante tronco do bordo agora estava entre os dois. Nobutaka se inclinou um pouco para frente, observando a senhora mergulhar a bacia na frágil correnteza, com cuidado para não molhar as mangas.

– Não prefere que uma ama cuide disso? Masako-sama pode se resfriar.

– Ora, isto só leva um minuto... – ela ergueu o recipiente cheio nas mãos, e se levantou devagar. –

Além disso, estava mesmo procurando com o que me ocupar.

Nobutaka, ainda abaixado, olhou a mulher, que ajeitava seu par de getas ^[33] nos pés pequenos.

– ...Hideki-sama já despertou?

– Ainda não. A viagem está sendo cansativa para tonosama... É compreensível. Ele mal teve tempo para se recuperar da visita a Osaka.

O homem fez que sim, embora imaginasse que a estafa de seu senhor tinha mais relação com a expectativa de chegar à capital do que com as horas que ele vinha passando sentado em sua liteira. Um silêncio curto se seguiu. Nobutaka hesitou, temendo ser inconveniente, mas acabou perguntando:

– ...Como ele tem estado, nos últimos dias?

Masako piscou, numa expressão levemente desconfortável. Voltou os olhos para a bacia d'água em suas mãos, então de relance para o acampamento. Dando de ombros num gesto contido, respondeu por fim:

– ...Nervoso.

Então fez reverência tímida, e se afastou a passos curtos, rumo à sua espaçosa tenda azul e branca.

Capítulo 2

Convergência



Kyoto. Vértice do comércio, fonte das modas e modismos, berço das tradições mais antigas; morada Imperial e sede do Bakufu de Ashigawa. Abrigada entre as montanhas, a capital se espalhava graciosamente pelo vale, no coração de Kinai ^[34].

Em seus distritos mais afastados, construídos em terreno irregular, havia ruelas tortuosas comprimidas entre muros, casebres e lojas imundas. Eram bairros pobres e sórdidos, pelos quais os moradores das áreas superiores passavam de mau grado, com pressa e alarme, evitando os becos mais obscuros.

Na Capital Inferior, a parte Sul da cidade, conhecida como Shimogyou, as ruas eram tomadas por uma variedade fascinante. Ora estreitas, ora amplas, eram ladeadas por casas, lojas e eventuais templos. Nas movimentadas áreas comerciais, via-se sempre um turbilhão vibrante de sons e cores, e uma dinâmica galeria das mais diversas pessoas – comerciantes, artesãos, soldados, mendigos, monges, nobres em suas liteiras, donas-de-casa, artistas, servos, e tantas outras figuras.

Por fim, na área Norte, as amplas avenidas eram acompanhadas pelas formas elegantes das mansões e pelos matizes harmoniosos dos jardins e refinadas casas de chá. Era o Kamigyou, a Capital Superior, hermético ambiente da nobreza. Hana-no-Gosho, residência principal e sede de poder do seii-taishogun, coroava Muromachi como o mais insigne de seus distritos. Admirável por sua beleza arquitetônica, pelos esplendorosos jardins e pelo espetacular tamanho – ao menos o dobro do Palácio Imperial, localizado na mesma rua – a construção de telhados verde-acinzentados era um imenso complexo de salões, corredores, jardins, torres, sacadas e anexos.

– Incrível...! – entreabrindo a porta da liteira negra para olhar a paisagem do vale, ao longe e abaixo, Hotaru vislumbrava Kyoto pela primeira vez.

Sentado em frente a ela, Taiken não pôde deixar de sorrir diante a fascinação quase pueril de sua provinciana consorte quanto à capital. Inclinando-se para frente e admirando a cidade ao longe ele mesmo, sentiu o estômago revolver entre lembranças desagradáveis e expectativas inquietantes.

– É imensa!... – a jovem se voltou para ele, encantada. – O palácio do shogun deve ser fantástico!

– Un... – Taiken sorriu, mais por cortesia que espontaneidade – a última vez em que estive lá foi há muito tempo... Os jardins são muito bonitos.

Ela retribuiu a expressão, sincera, e voltou a apreciar a paisagem. Taiken, porém, preferiu ignorar a silhueta intimidante da capital, que a comitiva alcançaria em um ou dois dias. No momento, pareceu-lhe mais interessante mirar a própria Hotaru.

Sobre o kimono azulado ela vestia um uchiki simples, de cor crua e adamascado discreto. Seus cabelos, como de costume, estavam atados num rabo-de-cavalo por uma corda de seda torcida. Solenemente pousada a seu lado, a katana de punho castanho.

Ele conhecera a moça há apenas sete dias, e a tinha como consorte há pouco menos que isso... Mas sentia-se peculiarmente à vontade em sua companhia. De fato, ela era mais enérgica do que a rigor seria desejável numa mulher – e muito mais franca do que seria desejável em qualquer um. Mas eram defeitos que, nela, Taiken se via cada vez mais considerando qualidades.

– Então...

Adquirindo uma expressão mais grave, Hotaru o mirou.

– ...Com a guerra crescendo em Mutsu, tomo espera que o shogun estreite laços com Tottori novamente?

– Esse é o plano... – Taiken empurrou a porta de correr da liteira até fechá-la, como se quisesse impedir que a distante capital os visse tendo aquela conversa. – A tentativa de refrear o poder do clã Uzawa a partir da influência comercial, há dez anos, foi proposta pelo clã Ryuu.

– E como não foi bem-sucedida – a moça concluiu – o shogun deve estar mais aberto às propostas de Tetsuyama-sama que às de Ryuu-sama, *neh?*

– É o que esperamos. Embora, duvido que tudo ocorra facilmente. Não é apenas a vontade do shogun o que conta... É preciso apoio político em decisões como essa.

...E o maldito clã Ryuu mantinha no Bakufu uma teia de influências da qual era difícil escapar.

– Os conselheiros do shogun e os três generais do Bakufu... além de meia dezena de daimyos influentes... – Taiken ponderou. – Ryuu Hideki tem vários deles na palma da mão. Mas há brechas para sobrepujá-lo. Chichi-ue vem trabalhando há anos para que Tottori obtivesse vantagens importantes sobre Nagoya sem que ele notasse.

Hotaru deu de ombros num sorriso maroto.

– ...Como eu?

Taiken correspondeu a expressão, num olhar quase afetuosamente.

– *Un...* como Hotaru.

Um silêncio brando se seguiu. Hotaru se voltou para sua katana, e a admirou por um momento, unindo as mãos sobre os joelhos. Então olhou para Taiken. Seu perfil sisudo mirava o vale invisível além da porta fechada.

Ela sorriu para si mesma. Era apenas uma consorte. Não recebera o honorável título de esposa, a autoridade de senhora de sua casa, ou o privilégio de gerar herdeiros diretos de seu marido – aliás, não seu marido. Seu senhor. Para uma princesa, não era uma posição especialmente vantajosa.

Mas...

– Tono...

– *Un?*

– *Arigato*. Por me aceitar como sua.

Taiken a olhou, a fronte meio franzida em desconforto.

– Ora... Hotaru não precisa agradecer por isso. Não a aceitei como favor.

– Sei disso. Mas, para mim, é importante que tono saiba – ela sorriu, e se curvou em reverência longa. – ...Sinto-me mais honrada como consorte de Taiken-dono do que me sentiria como esposa de outro homem. Por isso... só posso lhe agradecer. *Domo arigato gozaimashita*.

“...Hotaru...”

Aceitar a filha de Uehara Seito como consorte fora mais um capricho impulsivo que uma decisão racional... Taiken sabia disso. Ainda assim... ele tinha a sensação, cada vez mais nítida, de que não viria a se arrepender.

– *Un* – fez de bom grado, e voltou a olhar a porta da liteira – *kochira koso*.



– Kiyoko-sama... Kiyoko-sama...

– Uhn..?

Ela entreabriu os olhos, devagar. Sentia-se zozza... Alguém tocava gentilmente seu ombro. Uma voz de timbre agudo soou, baixa.

– Kiyoko-sama... perdoe-me por acordá-la. Kusachi-sama está aqui para vê-la.

...Era Midori...? Soava como ela... O que estava dizendo...?

A luz branda que vinha da janela a ofuscava. Dor de cabeça...

Os olhos da princesa focalizaram a jovem serva à sua cabeceira por um momento. Então oscilaram no ar, e se fecharam de novo.

– Kiyoko-sama...!

– Kusachi-sama... que bom vê-lo novamente!

À entrada do quarto, Moegi recebia o recém-chegado num sorriso ansioso e uma mesura acentuada. Era uma mulher de cinquenta e poucos anos, baixa estatura e olhar severo. A tutora da princesa Ashigawa Kiyoko.

– Kusachi-sama conseguiu entrar em contato com o herbalista de Osaka...? O honorável Ikeda-sensei... veio ver Kiyoko-hime?

O homem se voltou para trás, impassível. À soleira do quarto, curvava-se um rapaz careca, o semblante sério. Tinha um aspecto distintamente limpo, mas suas vestes eram modestas. Decerto, um novo auxiliar do corpo médico.

– Muito infelizmente, Ikeda Naoya-sensei faleceu – expôs o oficial. – O filho se ofereceu a ajudar Kiyoko-hime.

Indicou o jovem num gesto de cabeça.

– Chama-se Ikeda Jin-san.

“...Ajudar Kiyoko-hime...”

Aquele garoto?

Moegi mirou curtamente o rapaz, o rosto endurecido em espanto. Sorriu então com polidez esforçada, dirigindo-se novamente a Kusachi Yohei.

– ...Oh, mas... Kusachi-sama... – lançou mais um relance escandalizado para Jin. – ...É apenas um menino!

– Vamos, não exagere, Moegi-san... – a resposta veio em tom condescendente. – Jin-san já tem quase vinte anos, e foi aprendiz de Ikeda-sensei durante toda a vida. Seus conhecimentos serão absolutamente úteis.

– Mas...

O médico ergueu a mão para interrompê-la.

– Então, por gentileza, leve-nos até Kiyoko-hime. Jin-san precisa examiná-la.

Era um ponto final. Moegi se sentiu irritada. Como tutora de Ashigawa Kiyoko, gozava de certa autoridade em assuntos referentes à princesa... Mas ainda era inferior ao alto oficial médico...

Não havia o que ser feito.

– ...*Dozo* – ela indicou os fundos do aposento, onde um biombo de tons pastéis isolava a cama.

A janela estava entreaberta, e a luz de uma tarde fresca envolvia, mansa, aquela área do aposento. À cabeceira do futon, sentava uma serva de catorze ou quinze anos e olhar angustiado, que se voltou assim que os três se ajoelharam junto ao biombo. Um curto silêncio se seguiu enquanto todos reverenciaram a princesa, então Moegi se pôs de pé e se aproximou, dirigindo-se à mocinha.

– Midori-chan [\[35\]](#) ... conseguiu acordá-la?

A menina fez que não, então baixou o rosto, chorosa. Moegi suspirou.

Jin deu um passo adiante.

A princesa Ashigawa Kiyoko era uma jovem miúda e de traços finos, e estava mais magra do que seria saudável. Sobre sua testa descansava uma toalhinha úmida dobrada com cuidado, e seus longos cabelos negros, opacos, espalhavam-se tristemente do futon para o tatame. Uma febre muito alta estampava-lhe o rosto, e seu peito oscilava numa respiração rasa e pesada.

– ...Kiyoko-hime está muito debilitada – a observação era óbvia, mas Yohei mais estava pensando em voz alta do que fazendo um comentário.

– Febre... – Jin se abaixou, e tocou o rosto ruborizado da princesa com as costas da mão. Moegi quase fechou o cenho diante tamanha audácia, mas o rapaz se dirigiu a ela nesse momento. – Há quanto tempo está tão intensa?

– Há... quase dez dias.

Ele se voltou para o oficial médico. Abriu a boca, mas hesitou.

– Vamos, pergunte.

– ...Kusachi-sama tentou usar fruto de gardênia?

Yohei soltou um suspiro altivo pelo nariz.

– *Naturalmente*. Não surtiu efeito sequer quando a febre estava mais branda... O mesmo ocorreu com outros remédios.

“Febre alta persistente há dez dias...”

Jin franziu a testa, preocupado. Isso era grave... Se o calor não abrandasse logo, o corpo dela poderia não resistir. Voltou-se para a cabeceira ao lado, e viu ali uma bacia com água fresca, exalando um agradável perfume floral, e algumas toalhinhas dobradas. Compressas não estavam ajudando, tampouco...

Yohei sentou próximo aos pés da princesa, ao lado do rapaz.

– A febre começou há vinte e dois dias... – explicou – de início muito baixa, mas nunca cessando. Quando chegou de viagem de Mimasaka, há um mês, Kiyoko-hime já sentia dores de cabeça e mal-estar... Ambos os sintomas pioraram gradativamente. Há quinze dias, a situação se agravou. A febre começou a subir, e Kiyoko-hime desde então vem conseguindo se alimentar muito pouco.

– Agora, mesmo água a faz vomitar – Moegi completou, aflita. – Kiyoko-hime está exausta... A febre já lhe causou delírios e desmaios nos últimos dias.

Jin se virou para olhar Yohei, que afastava as cobertas estampadas à beira do futon. O semblante do homem estava tenso.

– ...Todos esses problemas partem de uma única causa – o médico expôs os pés pálidos da princesa, então ergueu com cuidado a barra do kimono, até que os tornozelos finos estivessem visíveis.

E ali, acima do calcanhar direito da moça, Jin viu o ferimento.

Era um corte estreito, de cinco, seis centímetros de comprimento. Sequer tinha dois de profundidade. Algumas áreas estavam parcialmente cicatrizadas, mas, no centro, notava-se uma coloração clara de pus. Jin estendeu os dedos e pressionou gentilmente a pele avermelhada ao redor da ferida. Estava inchada e quente.

– ...Três dias antes de chegar a Kyoto, Kiyoko-hime desceu de sua liteira e se cortou num galho à beira da estrada – contou Yohei.

Jin já vira aquilo antes... uma infecção.

– Nenhum tratamento foi capaz de curar esse corte – o oficial médico concluiu, os olhos fundos carregados do que a Jin pareceu orgulho ferido. – Ervas medicinais, limpeza da ferida, unguentos... nada.

Ele mirou longamente o tornozelo da princesa, carrancudo. Então, de súbito, sorriu para Jin.

– Mas... temos esperança na medicina de Ikeda-sensei!

O rapaz assentiu num gesto inseguro, e voltou a atenção para o corte, pensativo.

“...É estranho. Feridas capazes de afetar todo o corpo e gerar febre alta dessa maneira sempre têm uma aparência muito ruim.”

Aquele corte era pequeno e raso. Apresentava pus e inchaço moderado, mas... apenas isso. Não havia áreas arroxeadas ou escuras; não havia comprometimento da pele ao redor; não havia odor ou sinal algum de gangrena.

– Hime-sama sente dor no ferimento? – perguntou a Moegi.

– ...*Hai*.

– Intensa?

– Bem, não intensa... Kiyoko-hime sempre se queixou de ardência no corte, em especial ao se banhar.

– Ardência. Apenas isso?

– *Hai*.

Uma pequena ferida arder, principalmente quando em contato com a água, era perfeitamente natural. Natural demais... *Brando* demais...

“...Não pode ser apenas isso...”

– Kusachi-sama... – o rapaz se dirigiu a Yohei – com sua permissão, gostaria de voltar à casa de sensei, em Osaka. Preciso estudar o caso de hime-sama mais profundamente, e ali disponho do material adequado. Comprometo-me a voltar em três dias para iniciar um novo tratamento.

O médico hesitou.

– Entendo que a febre é a maior ameaça imediata à saúde de hime-sama, e que precisa ser contida com urgência – prosseguiu Jin. – Prepararei, antes de partir, a mistura que sensei costumava usar em casos de infecção. Não posso garantir que resolverá o problema... Mas estou confiante que será útil.

Yohei franziu as sobrancelhas grossas, pensativo. Baixou o rosto magro, sisudo, e após um par de segundos, assentiu.

– *Yosh*. Faremos como Jin-san pede.



– Que confusão...!

A exclamação de Kentaro era perfeitamente justificável. O caminho mais direto até o distrito de Muromachi, no Norte de Kyoto, passava por uma das principais ruas comerciais da cidade. Que, naquele dia, estava tomada por uma multidão densa e barulhenta como ele nunca vira.

– Aparentemente, a cidade toda decidiu vir às compras – Nobutaka riu.

– Parece um formigueiro...! – o rapaz resmungou, puxando os arreios do cavalo quando um homem carregado de caixas oscilantes passou ao lado. – Como podemos garantir a segurança de Ryuu-sama nessas condições?

– *Hoh*, eu não me preocuparia com isso...

– *Abram caminho!*

O grito grave e contundente se sobrepôs ao turbilhão de vozes que inundava o mercado. As pessoas interromperam seus afazeres, seus passos e suas frases. À frente da comitiva de longas bandeiras azuis dos Ryuu, o capitão ergueu o braço.

Ele se voltou para trás, para as filas de soldados, servos com arcas, cavalos, e, no centro de tudo, três liteiras douradas. Ao lado da central, tão grande quanto as outras duas juntas, cavalgavam Atae Nobutaka e Kyuumura Kentaro. Após indicar com o olhar a comitiva, o capitão, mais uma vez, dirigiu-se num brado rompante à população.

– *Abram caminho para Ryuu Hideki-sama!*

Prontamente, todos os locais se afastaram da passagem e se ajoelharam, sem um único som, diante e dentro das lojas. Mercadores, clientes, mendigos, samurais, crianças e velhos, todos baixaram a cabeça até tocarem o chão imundo com a testa.

A comitiva dos Ryuu seguiu adiante.

Um novo riso de Nobutaka fez Kentaro, até então olhando, espantado, voltar-se.

– Não disse? Hideki-sama tem seus meios para manter tudo sob controle.

– Im...pressionante... – o rapaz murmurou.

O pai de Kentaro, Kyuumura Koji, era um dos mais nobres daimyos do país. Seu clã era rico e influente, e seu mon era respeitado em todo o Império. Quando o cortejo dos Kyuumura passava por uma cidade, todos logo saíam de seu caminho e se curvavam com grande respeito em direção a suas bandeiras amarelas.

Mas o jovem samurai nunca vira algo assim. Nunca reverências tão absolutas. Olhos tão baixos. Nunca um silêncio tão mortal como aquele.

“...Essas pessoas parecem apavoradas...”.

Akiko, que cavalgava logo atrás do marido, admirou a cena ao redor. Conforme a comitiva avançava, os sons vibrantes da rua morriam sob o murmúrio solene daqueles passos e cascos. Havia algo naquele silêncio que fazia a jovem sentir mal-estar.

“Então... esse é o poder dos Ryuu...”.

– Akiko – Kentaro chamou, e ela notou que estava ficando para trás.

– Oh...!

A passo firme, seu cavalo voltou a acompanhar o cortejo. Alguns metros à frente, Kentaro se voltou mais uma vez para vê-la. De sob o uchiki ^[36], a moça correspondeu seu olhar, o semblante apreensivo.

“Você também está receosa... *neh*, Akiko?”

Ela baixou os olhos, grave.

“...*Hai*.”

O ar não se tornou mais leve até que a comitiva alcançou a área Norte da cidade. O cortejo dos Ryuu parecia, na ala hermética da nobreza, mais natural, menos opressor aos passantes. As liteiras douradas e o mon do dragão eram ali recebidos com reverências pronunciadas, mas muito cordiais; algumas, sorridentes. Murmúrios agitados de damas de companhia, servos bem-vestidos e soldados em uniformes do Bakufu substituíam o silêncio funesto da plebe nos distritos do Sul.

Seguiram pela avenida principal da Capital Superior, ampla e reta, pavimentada com pedras regulares. Passaram pelos portões do Palácio Imperial, morada do jovem Imperador Sora, e seguiram em frente, rumo ao Hana-no-Gosho, a magnífica residência do shogun. Entre os dois palácios, a longa via era ladeada por muitas outras construções imponentes: a mansão do clã Itou, e seus dezesseis telhados escuros... o Teatro Central de Kyoto, um prédio luxuoso de quatro andares e colunas esculpidas... o sóbrio quartel general do exército do Bakufu...

– Há tanto tempo não venho a Kyoto... – Masako afastou a cortina que cobria a janelinha da terceira liteira. – As ruas estão diferentes.

– A última vez em que estive na capital foi quando me casei... – Akiko, que cavalgava ao seu lado,

comentou. – Mal acredito que faz quase três anos...

– *Neh*, haha... Posso ver? – Daichi pediu, indicando a janela.

– É claro – a mulher entreabriu a porta, e o príncipe admirou a rua, interessado.

– É a primeira vez que Daichi-sama visita Kyoto? – Akiko perguntou.

– Chichi-ue e haha me trouxeram uma vez... Mas eu ainda era um bebê, então não me lembro.

– Entendo – a moça sorriu. – Daichi-sama com certeza vai gostar do Hana-no-Gosho. É um lugar muito bonito.

Passavam em frente à casa de modas Nakai, uma construção delicada entre dois salgueiros, quando uma voz diáfana chamou a atenção do cortejo.

– Hideki-sama...! Ryuu Hideki-sama...!

A comitiva parou, olhares se voltando em direção ao gracioso chamado. Vinha de uma liteira cor de sangue, fechada por cortinas translúcidas e carregada por quatro homens de aspecto brutal. Conforme as bandeiras azuis do cortejo pararam, o transporte escarlate, seguido por um similar, de opulência menor, veio ao seu encontro. Nobutaka e Kentaro, entre os recém-chegados e a grande liteira dourada, então viram a dona da voz afastar a cortina vaporosa de seu cubículo, revelando-se num sorriso lânguido em meio a uma nuvem inebriante de perfume.

Ela beirava os trinta anos, e tinha os cabelos armados num coque extravagante, uma mecha escapando de lado com calculada displicência. Seu kimono claro e leve contrastava com o denso brocado do uchiki, e era atado por um obi vermelho-intenso, mesma cor das papoulas laqueadas que lhe adornavam o penteado. Seu rosto triangular era marcante e refinado, de pálpebras pesadas coloridas em rubro, e sobranceiras finas emoldurando uma compleição astuta.

– Hideki-sama... – ela fez uma reverência lisonjeira à porta fechada da liteira principal, ignorando os samurais que a guardavam – que surpresa prazerosa encontrá-lo!

– Keshi-san...

A resposta não viera do suntuoso transporte. A porta que se abrira fora a da liteira menor, à frente. Das sombras daquele cubículo, portando um leque, a mão de Ryuu Hideki fez sinal para que a visitante se aproximasse.

Os carregadores igualaram o transporte de sua mestra com o do daimyo. Lado a lado, Hideki e a recém-chegada se encararam por um momento. O cubículo dele estava coberto de sombras. O dela, de almofadas adamsadas. As vestes dele eram sóbrias e tradicionais. As dela beiravam o vulgar. Ele sentava rigidamente, sobre os joelhos. Ela se recostava para vê-lo melhor. Havia uma provocação diluída, quase intangível, entre suas distintas figuras. Mas ambos se cumprimentaram num sorriso cortês.

– Quem...? – Akiko se voltou discretamente para Masako.

– Ryuu Keshi-san... é viúva do irmão mais novo de tono-sama, Hisashi-sama – a mulher explicou, sem

aparente interesse em olhar para fora da própria liteira.

– Cunhada de Ryuu-sama...?

– Depois da morte de Hisashi-sama, Keshi-dono herdou sua fortuna – continuou Nobutaka, em resposta a Kentaro. – Atualmente, é dona de Akahana.

– Akahana?

O general hesitou, olhando o rapaz como a uma criança que faz uma pergunta constrangedora.

– É... uma casa de chá.

“Os dois parecem se dar bem”, pensou Akiko, olhando o par de liteiras à frente.

– A caminho do Hana-no-Gosho? – Keshi perguntou a Hideki, polida.

– Exatamente.

– Se tiver algum tempo disponível, por favor, conceda-nos a honra de sua visita em Akahana... Há tempos Hideki-sama e eu não conversamos.

– De fato, precisamos nos encontrar mais... – ele concordou, cordial. – Será um prazer vê-la, Keshi-san.

– Oh, que obuke [\[37\]](#)-sama tão alto e imponente, *neh*...?

Nobutaka se voltou para a segunda liteira vermelha, que parara ao lado dele e de Kentaro. Um par de jovens com penteados complexos e kimonos vibrantes o espiava de dentro do pequeno transporte. Uma das moças, afastando a cortina, sorriu para ele.

– Caso o honorável mestre de obuke-sama vá a Akahana... por favor, não deixe de nos visitar, também.

– Agradeço a hospitalidade – o homem fez um aceno curto.

– Eu sou Kasumi... – a jovem se apresentou, amável, e indicou a outra, que se esticou para ver os samurais – e esta é Anzu-san.

– Com licença – a outra se dirigiu a Kentaro, em mesura – mas... obuke-sama teria algum parentesco com o honorável Kyuumura Kenjiro-sama, de Osaka...?

– Kenjiro... ani-san?

O príncipe Kenjiro, segundo filho do daimyo Kyuumura Koji, era o responsável pelo controle das principais redes de comércio de sua família há cinco anos. Embora a residência oficial dos Kyuumura fosse sua mansão em Osaka, devido a suas atribuições, o irmão mais velho de Kentaro passava boa parte do ano na capital, acompanhando os negócios do clã – e gastando seus lucros com a agitada vida noturna local.

– *Hoh...!* – a moça exclamou alegremente. – Então é esse o irmão mais novo! Kyuumura Kentaro-sama, *neh?*... Kenjiro-sama fala muito a seu respeito!

– Oh... é mesmo...? – o rapaz respondeu, sem jeito.

– *Hai!* – a primeira jovem concordou, admirando-o de cima a baixo, e se dirigiu à outra. – *Hoh*, ele se parece mesmo com Kenjiro-sama!

Constrangido, Kentaro se voltou para Nobutaka, na esperança de que o outro o ajudasse a se livrar da atenção daquela liteira. O hatamoto, no entanto, parecia decidido a olhar distraidamente para o outro lado, um meio-sorriso vago no rosto.

– O mesmo nariz... – as jovens olhavam Kentaro, comentando entre si.

– O mesmo formato de rosto...

– ...As mesmas mãos...

– ...Até os lábios são parecidos...

Então uma das moças encobriu o rosto com o leque florido, sussurrou rapidamente algo para a outra, e ambas puseram-se a abafar uma risadinha maliciosa que fez o rosto do rapaz se colorir, rápida e intensamente, de vermelho.

– Kasumi, Anzu... – ele, aliviado, ouviu Keshi chamar – ainda estão flertando? Já incomodamos Hideki-sama o bastante... Vamos.

– *Hai*, Keshi-sama!

Elas se curvaram em despedida para os samurais, sorridentes, e mergulharam nas sombras da liteira, fechando a cortina num gesto fluido.

– Hideki-sama... – Keshi fez uma última longa reverência ao daimyo, à qual ele respondeu com um movimento breve de cabeça.

As duas liteiras vermelhas se afastaram lentamente, virando uma esquina adiante e desaparecendo de vista. Nobutaka acompanhou os pequenos transportes com o olhar, austero, então se voltou para o cubículo ocupado pelo mestre. A porta de correr ainda não fechara, mas, de onde estava, o homem não podia ver mais que um relance do ombro de seu senhor.

“Um convite de Keshi-dono... Isso só pode envolver problemas...”

– Vamos em frente – o daimyo ordenou, fechando a porta de seu transporte. O cortejo voltou a seguir caminho.

“...Espero que Hideki-sama saiba o que está fazendo, encontrando-se com essa mulher... Há muito correm boatos sobre o envolvimento de Keshi-dono com todo tipo de criminosos”.

A comitiva alcançara um trecho da avenida ladeado de cerejeiras, todas ainda sem sinal de cor nos ramos sinuosos.

“A última coisa que precisamos é ter de negociar com escória...”

Num suspiro incomodado, ele se voltou para Kentaro. O jovem estava tão sério quanto ele; embora, seu rosto ainda corado denunciasse que era por outro motivo. Não podendo conter o riso, o homem comentou.

– Então... é um traço dos Kyuumura fazer sucesso com as cortesãs, *neh?*

– Atae-dono! Por favor, não diga coisas assim! – o outro protestou, e olhou de relance para trás. Cavalgando junto à liteira da senhora Masako, Akiko estava séria, fitando as tristes cerejeiras que cercavam o caminho.

“...Ela já deve estar aborrecida...”.

– *Yosh, yosh*, eu compreendo... – Nobutaka anuiu, ainda rindo. – Então... acho que Kentaro-san entendeu que tipo de casa de chá é Akahana, *neh?*

– *Un...* – o outro fez num muxoxo – ficou bastante claro.

– *Hoh..!* Olhe, haha! – Daichi apontou à frente, pela porta entreaberta de seu transporte. – O Hana-no-Gosho!

A mulher se esticou e viu, ao longe, os muros em camadas e a gigantesca figura do palácio do shogun.

– ...É mesmo.

– Chegaremos ao Hana-no-Gosho em breve, oyakata [\[38\]](#)-sama – o capitão à frente da comitiva informou a Hideki.

Na penumbra de sua liteira, o daimyo assentiu. Um frio inquietante serpenteou por seu estômago...

O jogo estava para começar.



Era um início de noite agradável, de céu estrelado e brisa gentil. O Hana-no-Gosho vibrava, um movimento incomum de passos e vozes quebrando o silêncio daquelas primeiras horas de escuridão. No dia anterior, outro dos clãs convidados para o Hanami se apresentara ao palácio do shogun – pela primeira vez em dez anos.

Tetsuyama Osamu e sua família chegaram a Kyoto dois dias após a comitiva dos Ryuu. Para dar as boas-vindas a ambos os clãs, assim como aos demais convidados presentes, foi ordenado pelo shogun que um banquete fosse preparado na noite seguinte. Agora, a meia hora do evento, os servos do palácio alinhavam mesas, trocavam o óleo das lâmpadas, enchiam garrafinhas de sake ^[39], varriam a última folha para longe da sacada. Os soldados realizavam a troca de turno, ou recebiam reforço das ordens de segurança e etiqueta diante às tantas guardas pessoais dos convidados. Os secretários verificavam outra vez a lista de presentes, certificando-se que todos os lugares estavam corretamente postos e dispostos no salão. A motivação de todos era a mesma: há anos a capital não reunia, numa única ocasião, tantas figuras ilustres...

Tudo precisava estar absolutamente perfeito.

– ...Oh, traga-me o turquesa novamente, Shiro.

A serva obedeceu, estendendo com cuidado o obi sobre o tatame, ao lado do rico kimono rosado. De uma peça para outra, e dali para os quatro uchikis já alinhados em sobreposição, o olhar de sua senhora ia e voltava, indeciso.

– *Iie*. Será pêssego ou marfim. A não ser que a última camada... Lilás! Shiro, decidi trazer meu uchiki lilás com borboletas?

– ...Receio que não, okugata ^[40]-sama.

– *Hoh...!*

– Okugata-sama trouxe o adamascado com peônias – a serva sugeriu. A resposta veio num menear de cabeça altivo.

– Ora, ainda é terrivelmente cedo para peônias! Parecerei uma tonta!

A senhora Kyuumura Momiji suspirou, e voltou a admirar o conjunto estendido à sua frente, insatisfeita. Tinha quarenta e cinco anos, olhos redondos e nariz pouco pronunciado. Seus cabelos, longuíssimos, estavam presos frouxamente à meia-altura das costas, a frente cortada em dois comprimentos, à linha do queixo e do busto. Apesar de casada com um samurai há três décadas, ainda ostentava a nobilíssima ascendência kuge do clã Fujitane, usando as sobancelhas elegantemente raspadas, e um par simétrico de sinais pretos desenhado acima, à maneira das damas da corte Imperial.

– *Un*, obi marfim, com o último uchiki verde-claro... – concluiu – ou o tom de pêsego, com o estampado de gardêneas...

Voltou-se para o marido, mirando distraído as pinturas do biombo.

– *Hoh*, Koji-san... qual lhe parece mais elegante?

Kyuumura Koji olhou as roupas enfileiradas. Era um homem baixo e corpulento, mas de feições agradáveis, e um semblante pacato. Tinha a mesma idade da esposa, mas não compartilhava também de seu notório senso estético. Momiji vivia em constante batalha contra seus vibrantes hakamas estampados.

– ...São todos bonitos. Momiji-san... já não havia decidido tudo o que vestiria na viagem, ainda em Osaka?

– *Hai*... – ela comparava brocados, apreensiva – mas esperava que a recepção oficial dos convidados viesse a ser um evento diurno...

– ...Não esqueça que o mais elegante será chegarmos no horário correto, *neh*? – Koji suspirou. – Apenas vista-se, por favor.

O senhor de Osaka estava inquieto.

Há dez anos, durante uma comemoração de Ano Novo naquele mesmo palácio, dois shinobis foram descobertos à noite, tentando chegar aos aposentos de Ryuu Hideki. Escandalizado, o daimyo de Owari, com o apoio de aliados – inclusive o próprio Koji – acusou os Tetsuyama de tentativa de assassinato. Sem provas conclusivas, mas pressionado e em delicada posição de responsabilidade como senhor da casa invadida, o shogun formalmente pediu a Osamu e seus familiares que se retirassem da capital. Foi a desgraça para os Tetsuyama, que sofreram, a partir de então, intenso isolamento político e econômico. Aliados se afastaram. Laços de comércio com outras regiões foram rompidos. Entre as províncias vassaladas houve revoltas, apenas contidas devido à célebre perícia militar do Akaoni, e à extraordinária competência de seu exército fanático.

“Há cinco ou seis anos, ninguém imaginava que Tetsuyama Osamu recuperaria a força de sua casa... E, no entanto...”

E, no entanto, ali estaria ele, seu domínio no Oeste próspero e influente demais para continuar a ser ignorado. Naquela noite, o lugar do senhor de Tottori voltaria a ser em Kyoto, recebido com todas as honras, sentado entre os homens mais poderosos do país. Diante do shogun... e de Ryuu Hideki.

Momiji ainda hesitava diante de seus kimonos. Francamente, Koji não via como sua sutileza de vestuário poderia vir a ser, naquele banquete, foco de qualquer atenção. Ele se virou para ela, o rosto

benigno menos paciente, mas não chegou a abrir a boca. Um bater suave soou à porta.

– *Dozo*.

Ajoelhada em frente à shoji, Kotone a abriu e cumprimentou os pais. Era a mais nova de quatro filhos, uma jovem de vinte anos, voz calma e sorriso bem-disposto, os lábios arrematados por uma pequena e nítida pinta castanha. Seu marido partira para a guerra há dois anos, e durante metade do último ela residira em Osaka com a família, para assistir a cunhada mais velha, Sayo, que tivera o primeiro filho no último Verão. A comemoração deste Hanami, porém, marcaria seu retorno a Kyoto.

– Mandei prepararem o ofuro ^[41] e chá para quando retornarmos – ela informou ao entrar no aposento. – Haha precisa de ajuda?

– *Hoh*, minha querida, é um dilema terrível! O pêssego é demasiado prosaico, e o verde com marfim tem um quê de desajustado... Nada combina com o turquesa, então estou presa aos outros dois.

– Por que haha não usa o marfim, e inverte as camadas de floral e malva?

A mulher parou um par de segundos. Então sorriu.

– Ora, de fato! Excelente ideia, Kotone... Ficaré perfeito!

Fez sinal para a serva ajudá-la a se vestir.

– Shiro.

– *Hai*, okugata-sama.

Kotone olhou para o pai, e recebeu de volta uma expressão aliviada de gratidão que a obrigou a reprimir um riso. Momiji estendeu os braços graciosamente enquanto Shiro vestia-lhe o kimono sobre as vestes de baixo de algodão, então atava com precisão o obi.

– Sentiremos tanto a falta de Kotone em Osaka...! O tempo passou depressa demais, parece ter sido ontem o dia em que meu neto nasceu!

– *Hai*. Mas fará seis meses em cinco dias, *neh?* – a moça sorriu. – ...Se eu ficar mais tempo, Itou-sama pensará que abandonei minha casa!

Itou Tatsuya, avô paterno do marido de Kotone e cabeça de seu ilustre clã, era um dos três generais do exército do Bakufu, e o vassalo de maior confiança do shogun. Detinha há mais de quarenta anos o honorável posto de comandante da guarda pessoal dos Ashigawa, e era tio dos dois herdeiros diretos do clã. Apesar de haver tropas com sua bandeira lutando na guerra em Mutsu, sua principal e maior responsabilidade era a segurança da capital, do Palácio das Flores, e da pessoa do seii-taishogun.

– Itou-sama estará presente no banquete de hoje, suponho?

– *Hoh*, o shogun não se colocaria entre Ryuu-dono e Tetsuyama-dono sem ele por perto – Koji respondeu à fala da esposa, sério.

– ...Talvez ele tenha notícias do fronte – Momiji olhou para Kotone.

– Talvez – a jovem concordou, mas não sorriu.

Há meses sua mãe vinha tentando convencê-la a pedir que Itou Tatsuya usasse sua influência para trazer o neto de volta a Kyoto... E, há meses, a moça vinha, delicada mas obstinadamente, se esquivando da sugestão. Temia pelo marido, mas se o general não tivera a iniciativa de trazê-lo de volta, era porque o dever dele ainda era em Mutsu. Ela não se sentia no direito de alvitrar o contrário.

– O palácio está tão iluminado... – Kotone foi até a janela, e admirou os muitos pontos brilhantes espalhados pelo complexo. – Sem dúvidas será um evento grandioso.

– Un... – Koji concordou, cruzando os braços.

Grandioso sim, mas dificilmente agradável. Não bastasse o rancor que o Akaoni certamente guardava pela saída forçada de Kyoto e pela mácula imposta a seu nome... O ataque que sua comitiva sofrera a caminho de Tottori, logo após a humilhante partida da capital, ainda não fora solucionado. Setenta ^[42]ronins fortemente armados... um grupo impressionante, para uma suposta gangue de assaltantes de estrada. Aquela emboscada quase custara a vida do primogênito de Osamu, e, Koji não duvidava por um minuto, fora obra de Hideki.

A última camada de seda, num doce tom de malva, finalizou a figura refinada de Kyuumura Momiji. Ela ajeitou simetricamente as mechas lisas que caíam, retas, sobre seu busto, e removeu com cuidado um mínimo borrão da grossa sobancelha pintada direita. Olhou, satisfeita, do espelho redondo de prata para o marido e a filha.

– Estou pronta.



Yoshinobu, filho da nobre casa de Ashigawa e seii-taishogun do Império, fitou a própria imagem no espelho. Um homem encurvado pelos anos e de cabelos descoloridos por preocupações o encarou de volta. Meio frustrado diante sua deterioração, meio orgulhoso por ter vivido o bastante para sofrê-la, Yoshinobu olhou, pensativo, o mon que ornava-lhe as vestes. Por mais que lhe aprouvesse ostentar aquele símbolo, ele começava a se sentir cansado.

“Meu herdeiro deve assumir logo essa responsabilidade. Embora... ainda haja um problema vital que preciso solucionar pessoalmente”.

Ryuu de Owari, senhor de Nagoya... e Tetsuyama de Inaba, senhor de Tottori... Desde que o velho shogun se lembrava, os dois clãs eram inimigos mortais.

Os Ryuu haviam surgido como ramo buke da nobre família kuge Konoe, e foram influentes no meio político desde seu estabelecimento. Não por falta de tentativas dos Ashigawa em enfraquecer o clã desde o início de seu Bakufu, Ryuu de Owari resistiu e se firmou, inabalável, como uma das famílias mais poderosas do país. Regente soberano de Tokaido e das província de Mino e Yamato, o clã possuía vastos recursos e gozava de altíssimo prestígio, controlando boa parte das principais faixas de terras produtivas do país. Seu atual daimyo, Ryuu Hideki, era um retrato vivo do caráter de sua linhagem. Ambicioso, manipulador e cínico, já causara a Yoshinobu inúmeras dores de cabeça e esporádicos ataques de raiva, desde quando era rapaz.

As origens do clã Tetsuyama, por sua vez, não remontavam à fina aristocracia kuge, mas a uma longa linhagem samurai. Servindo no passado à extinta família Mari, os Tetsuyama acumularam privilégio, honra e riqueza através de inúmeras guerras. Até que, há cerca de duzentos anos, o clã Mari se rebelou contra a supremacia Imperial, e o clã Tetsuyama se voltou contra o mon que sempre servira. Através de um golpe violento apoiado pelo Imperador, tomou as terras e posses dos Mari, e passou a governar as províncias de San'indo. Liderada por Tetsuyama Osamu, um homem de poucas palavras e caráter rude, a família hoje dominava outras três províncias ao Norte de sua região, e era conhecida por comandar o mais temível exército do país.

Os domínios dos Ryuu e dos Tetsuyama, até recentemente, não faziam fronteiras diretas. Porém, sendo ambas casas tão influentes, o choque de interesses fora inevitável. Disputas políticas, de supremacia comercial, e mesmo batalhas haviam ocorrido entre os dois clãs nos últimos cem anos, e não foram raras as vezes que mesmo o Bakufu tivera dificuldade em manter o conflito sob controle. Diante o poder preocupante que crescia em Nagoya e Tottori, o falecido pai de Yoshinobu chegara a cogitar a ideia de eliminar ambas as famílias.

Mas como fazê-lo?

Os dois clãs eram fortes demais para serem subjugados ao mesmo tempo. O Bakufu precisaria da influência dos Ryuu para sobrepujar a potência militar dos Tetsuyama, e o mesmo se aplicava na direção oposta. No final, qualquer fosse a casa derrotada, isso apenas reverteria em mais poder para a sobrevivente – e causaria ao clã do shogun uma exposição perigosíssima do próprio pescoço. Enfim, o Bakufu de Ashigawa estaria em risco enquanto durasse a disputa entre Nagoya e Tottori... Mas estaria em risco ainda maior se o equilíbrio dessas forças fosse rompido.

Então, emergira a família Uzawa.

Uzawa de Mutsu, senhor de Tsuruga, erguera-se modestamente da baixa nobreza de Aizu, no Sul da província de Mutsu, há cerca de cento e cinquenta anos. Permanecera como clã de recursos e influência medíocres até cinco décadas atrás – quando, por três anos consecutivos, tempestades terrivelmente violentas castigaram a costa Sul-Leste de Honshuu.

Houve prejuízos imensos e colheitas insuficientes. O koku ^[43] de Tokaido, região que concentrava maior parte da produção agrícola, atingiu preços impraticáveis. Logo, a crise atingiria todo o país. Algumas terras férteis no Norte, porém, não foram afetadas pelos ventos de modo relevante. O mercado de arroz, tradicionalmente centrado nas províncias do Leste, foi então abastecido pela província de Mutsu – o que não só levou à amenização da crise potencialmente catastrófica, como permitiu ao outrora modesto clã Uzawa acumular uma fortuna considerável.

Passados os anos de tempestade, a família concluiu que seu arroz não resistiria à competição com o sólido mercado de Tokaido. Mutsu, então, passou a investir em outro produto: chá. De variedades refinadas e exóticas vendidas como artigo de luxo a folhas baratas para abastecer as classes baixas, o chá se tornou o produto-símbolo de Aizu. Durante as décadas seguintes, os Uzawa adquiriram imensa riqueza e firmaram fortes laços comerciais. Num período curto, passaram a deter poder suficiente para ameaçar os Ryuu de Owari, os Tetsuyama de Inaba... e o Bakufu.

A provocação inicial fora há doze anos. Nessa época, a próspera província de Mutsu começou a ignorar leis centrais de comércio, e passou, gradualmente, a sonegar impostos ao Bakufu. Convocado à capital em duas ocasiões para prestar explicações, o daimyo Uzawa Tsurumaru, em ambos os casos, usara de seus muitos contatos políticos para dissimular as graves faltas de sua casa, e voltar, impune e graciosamente, a seu castelo em Aizu. Furioso, o shogun então decidira que a atitude dos Uzawa se tornara uma afronta direta ao Bakufu, e que a família deveria ser sobrepujada antes que pudesse se tornar uma ameaça real à supremacia dos Ashigawa.

Havia, para tanto, duas possíveis maneiras de proceder. O Bakufu poderia atar uma aliança militar com os Tetsuyama, aniquilar os Uzawa, e tomar Mutsu num ataque pontual; ou poderia agir de forma indireta, minando lentamente os laços comerciais da província, até provocar um esgotamento econômico que arrastaria o clã Uzawa de volta a suas origens medíocres. Para isso, um manejo cuidadoso de relações diplomáticas e comerciais seria vital, o que exigiria um acordo com os Ryuu.

Extirpar a casa de Uzawa ou sufocá-la lentamente. Qualquer fosse a estratégia pela qual o shogun optasse, a escolha de um aliado era um passo inescapável para obter sucesso. Assumindo o risco de favorecer um dos lados da delicada balança de poder do Império, Yoshinobu convocara todas as famílias

influentes do buke ao Hana-no-Gosho, à exceção dos Uzawa, para celebrar o Ano Novo. Na ocasião, decidiria por unir a força do Bakufu à de Ryuu ou Tetsuyama.

“Aquela não foi uma ocasião nada agradável...”, o shogun soltou um riso curto e aborrecido pelo nariz. “Duvido que esta venha a ser diferente”.

Ele ajeitou a gola escura do hitatare, e deixou seus aposentos com certa pressa. Ao longe, o murmúrio de conversas era audível, e pelas janelas, podia-se ver as luzes no grande salão. O banquete estava prestes a começar.

“...Ryuu Hideki e Tetsuyama Osamu, *eh...?*”, Yoshinobu riu consigo.

Hospedados em alas distintas, até então, os daimyos e suas comitivas haviam sido mantidos separados, por ordem do shogun. Agora, após dez anos, iriam enfim se reencontrar naquele amigável banquete de boas-vindas.

“...Será terrivelmente tenso...”, concluiu o velho, divertindo-se com seu pequeno capricho. “...Não quero perder o momento por nada”.

Capítulo 3

Rancor



O iluminado salão de shojis refinadas tinha o teto ricamente trabalhado em ouro. Magníficos fusumas, cobertos por pinturas vívidas em verde e dourado, abriam o amplo aposento para a varanda e o jardim, e para duas salas anexas, englobando todas num único ambiente e permitindo a confortável acomodação de tantos convidados.

Havia pouco mais de oitenta presentes, entre oficiais do Bakufu, daimyos, seus familiares e principais hatamotos. Sentavam-se voltados para o centro da sala, uma mesinha individual escura e reta posta diante de cada assento. O shogun e sua família ocupavam um degrau largo que se elevava ao fundo do salão, afastados dos demais por dez passos de distância e uma austera escolta de samurais em uniformes verde-escuros. Entre eles e os demais convidados, em posição de especial consideração à esquerda do palanque, sentava o insigne kampakū, Kujou Masamoto, um homem de meia-idade e olhar cansado, bigodes grisalhos finos riscando-lhe o rosto. Uma pequena comitiva de secretários o acompanhava, e, à parte dos Ashigawa, sua pessoa era a única ali com guardas pessoais a postos – um par deles, ostentando faixas púrpuras atadas à testa.

Em seguida, à direita do aposento, estavam os convidados de Nagoya.

Mesmo em meio a tantos rostos ilustres e vestes majestosas, Ryuu Hideki se destacava. Havia uma satisfação indefinida em seu rosto naquela noite, e sua postura altiva parecia realçada pelo opulento hitatare azul-profundo. Sua esposa, por outro lado, era uma figura de presença etérea, em diluídos tons rosados, o olhar distante perdido nas sombras do jardim. Sentava à esquerda do marido, na fileira atrás, com Daichi. Esse, em vestes formais que lhe caíam demasiado sóbrias, contemplava os ricos entalhes do teto, sem mascarar sua admiração.

– Daichi-sama... – Nobutaka, que sentava pouco à frente do príncipe, voltou-se num sussurro – sei que é a primeira vez que vem ao Hana-no-Gosho, mas não é de bom tom parecer tão impressionado.

– Mas eu só estou olhando, sensei...

– Apenas tente fazê-lo com a boca fechada – o homem finalizou calmamente.

Ele não podia realmente culpar Daichi por estar abismado naquele lugar. Mesmo Nagoya-jo ^[44], residência principal dos Ryuu, não era tão opulento.

“E o shogun parece ter escolhido um dos aposentos mais impressionantes para este jantar em especial...”.

Ainda que usasse um hitatare muito distinto, a figura de Atae Nobutaka tinha um quê de desmazelo. O coque invertido em seus cabelos era apenas aceitável, e as olheiras pareciam ainda mais fundas à luz noturna. Ao menos ele se barbeara, pensou Masako, olhando-o de relance num meio sorriso curto e resignado.

Kyuumura Kentaro tinha um aspecto claramente mais bem-disposto. Sentava à segunda fileira de convidados, ao lado da esposa, Akiko, com quem se entretinha numa conversa ágil e baixa há vários minutos. À esquerda do jovem casal, estavam o senhor de Osaka, Kyuumura Koji, em vestes pomposas que beiravam a cafonice, sua elegante esposa, Momiji, e os três filhos além de Kentaro.

Yusuke, o primogênito, tinha vinte e cinco anos, embora parecesse mais velho, devido talvez aos bigodes, talvez ao rosto sisudo. Vestia-se de cinza e preto; um muro de sobriedade ao lado dos exuberantes pais. À sua esquerda estava Kenjiro, dois anos mais novo. De presença carismática e sorriso arrebatador, o rapaz tinha o tipo de beleza que fazia rostos se voltarem por onde passasse, e um temperamento frívolo que, talvez, não fosse de todo sua culpa. Por último sentava Kotone, um ano mais nova que Kentaro, numa bonita sobreposição de alecrim e cor-de-rosa, as mãos postas num gesto natural.

Em seguida alinhavam-se daimyos e nobres de prestígio decrescente, maior parte deles de províncias do Leste e Sul do país. Quase metade eram vassalos ou aliados dos Ryuu de Owari, e quase metade, dos Kyuumura de Settsu. Dentre os demais estava Ryuu Keshi, num comportadíssimo kimono bege com flores brancas, pouco parecendo a mulher de exuberância voluptuosa que abordara a comitiva de Nagoya, dias atrás. Não era de fato uma pessoa influente, mas adquirira a honra de estar presente nos eventos do Hanami no palácio do shogun – pelo nome ilustre que herdara do finado esposo, por sua considerável fortuna e pelo renome social do qual gozava em Kyoto... Ou talvez, pensou Hideki ao vê-la, por ter prestado os favores certos a quem tenha sido conveniente.

Na porção esquerda do aposento, por sua vez, acomodavam-se primeiramente os convidados de Tottori.

Tetsuyama Osamu transparecia leve impaciência no rosto duro. Embora, como em presença do clã Ashigawa, não portasse sua katana, o daimyo tinha a postura rígida, concentrada – preparada para o combate. Taiken, seu primeiro filho, estava igualmente sério, o cenho fechado. Seus olhos, de quando em quando, se moviam em relance curto para Ryuu Hideki, então se estreitavam, rancorosos.

A consorte do príncipe, Hotaru, se acomodava discretamente em seguida, na segunda fileira. Usava um kimono quase sem adornos, atado por um obi simples. Comparada à maioria das outras senhoras ali, sua figura era modesta, sisuda, talvez até pouco feminina. Não que ela se incomodasse. Não pretendia agradar aos olhares críticos de mulheres fúteis ou maliciosos de homens descarados. Na verdade, ajuizara ao se vestir, quanto menos atenção chamasse, melhor.

Tetsuyama Naginata, em seu luxuoso hitatare marfim, aparentemente pensava o contrário. Em meio à severidade dos demais convidados de Tottori, o rapaz parecia fora de lugar, em especial se comparado ao irmão mais velho; próximas dos traços angulosos e vestes austeras de Taiken, a compleição delicada e roupas opulentas de Naginata o faziam parecer ainda mais afetado.

Sentado em seguida, o primeiro da longa fileira de daimyos menos expressivos do Oeste e Norte, Uehara Seito parecia receoso diante tantas figuras eminentes – tanto que quase deu um pulo onde estava quando o shogun, de súbito, fez com sua voz rouca para que todos ouvissem.

– Honoráveis senhores... é um prazer recebê-los em Kyoto! Peço que perdoem a ausência de meu segundo filho, que, como devem estar cientes, encontra-se em Mutsu, combatendo os traidores de Uzawa junto a tropas do Bakufu...

Ele fez uma pausa, durante a qual o aposento foi suavemente inundado por reverências murmurantes em respeito ao príncipe. Ashigawa Yoshinobu ergueu a mão segundos depois, e, imediatamente, o salão foi tomado de volta pelo silêncio.

– Também peço sua compreensão pela ausência de minha sobrinha... Devido a uma lastimável indisposição, Kiyoko-hime não está em condições de comparecer.

Daichi olhou o velho shogun, preocupado.

“Kiyoko ane-sama... está doente?”

– Afora esses pequenos inconvenientes... Dou-lhes boas-vindas à capital! Espero que esta seja, para todos, uma temporada agradável, repleta de bons momentos e realizações!

Mais reverências, desta vez entusiasmadas. O jantar foi servido. A comida era farta, multicolorida e primorosamente apresentada. Pareceu agradar de fato ao paladar dos presentes, que muito comeram e beberam, mas pouco falaram, por vários minutos. Durante toda a hora seguinte, o banquete foi um evento ameno, de conversas casuais e irrelevantes. As famílias Tetsuyama e Ryuu, cujo confronto era esperado pelo shogun, não fizeram mais que trocar olhares enviesados de estranheza, desagrado ou hostilidade velada. Para certa frustração de Yoshinobu, mesmo os daimyos Osamu e Hideki, à imediata frente um do outro, pareciam fazer questão de se ignorarem mutuamente.

Durante esse tempo, a senhora Momiji elogiou, lisonjeira, os uchikis e o bom-gosto da esposa do shogun; Ryuu Hideki trocou algumas palavras com o sogro, Kujou Masamoto; Daichi acidentalmente derrubou sua tigelinha preta e dourada de molho; e Kyuumura Kenjiro sorriu, significativo, para uma jovem serva que viera servir-lhe sake, recebendo de volta uma mesura afável e um risinho feliz.

– Ahh, certamente...! – a senhora Momiji exclamou, em certo ponto da noite. – A capital sempre foi um lugar fascinante! Tão volátil e dinâmica, *neh?*

– A fachada do Teatro Central me parece diferente... – observou Akiko – e muitos jardins e construções estão modificados. Não me recordo de haver um portal na mansão Ryuu, três anos atrás.

– *Un* – Ryuu Keshi sorriu, uma sobranceira fina erguida em orgulho – mandei construí-lo neste Verão. A entrada precisava de mais personalidade.

– As mudanças em Kyoto desde minha última visita também me surpreenderam – Ryuu Hideki concordou num sorriso vago, e se voltou para o homem sentado à sua frente, até então metodicamente ignorado por seu olhar. – Ora, e isso após três anos! ...Imagino que Osamu-dono deva estar abismado com as transformações deste lugar. Quase um mundo novo, *neh...?*

Maldito, já começara com provocações implícitas... Prendendo a respiração para não transparecer a raiva, Taiken correu os olhos estreitos para o pai.

Osamu abriu um riso rasteiro.

– *Hoh*, os prédios mudaram bastante. Embora, minha impressão seja a de que algumas coisas continuam exatamente iguais.

O homem olhou para Masako, e dela para os outros nobres à direita do aposento. Seu foco parou em Nobutaka. O hatamoto, a expressão sonolenta de súbito se aguçando, sustentou seu olhar.

– Edo ^[45] ainda deve ser muito tranquila, eu presumo...? – comentou Osamu, uma zomba quase intangível no tom casual.

– Não como costumava – Nobutaka respondeu, frio. – Piratas são uma ameaça mais e mais frequente na costa de Tokaido... Os mantemos sob controle, evidentemente, mas se livrar por completo do problema tem se mostrado um esforço frustrado.

Ele cruzou os braços antes de concluir, num dar de ombros significativo.

– ...É como se houvesse um ninho deles em *algum lugar*.

– Talvez em suas próprias terras... – observou Osamu, impassível, dirigindo-se ao homem à sua frente. – Dizem que Hideki-dono viaja o bastante para estranhar a cor do próprio telhado.

– ...Eu tenho amigos – Hideki sorriu, suave.

Houve certa ênfase naquele “eu”.

– Sem dúvida – os cantos dos lábios de Osamu se ergueram no que pareceu mais um espasmo do que um riso.

– Osamu-dono, por outro lado, deve conhecer bem os muros da própria casa.

– Em Tottori, o daimyo faz mais que *olhar as paredes*, Ryuu-dono – quem respondeu, hostil, foi Taiken.

– *Hoh*, disso não duvido...

A malícia nos olhos de Hideki aumentou.

– Quanto a Taiken-san... Suponho que, em seu tempo livre, já tenha agraciado muitos painéis com seu talento, *neh?*

Taiken se sentiu quase feliz por não ser permitido, a convidado algum, portar armas diante dos Ashigawa. Com sua katana ao alcance, o desejo tolo de pular e rasgar a garganta daquele homem ali mesmo pareceria perigosamente mais tangível.

– Lamento decepcioná-lo... – sua resposta veio num riso meio sombrio – mas, lastimavelmente,

acabei quebrando meu precioso estojo de pintura, anos atrás. Admito ser uma negação como artista.

- ...Talvez não goze da disciplina necessária.
- Talvez minha motivação nada tenha a ver com pincéis.

Taiken em seguida desviou o olhar, do daimyo para a fileira logo atrás. Daichi se encolheu, receoso, quando o homem focalizou seu rosto.

– O filho de Ryuu-dono, por outro lado, parece muito apto ao aprendizado das artes – ele então comentou, casual. – Posso ver sem esforço que o jovem príncipe é um menino perspicaz. E, ora! Como se parece com Masako-dono, *neh?*

Ergueu as sobrancelhas.

- ...Ryuu-dono realmente deveria viajar menos.

O rosto da senhora Masako se cobriu de vermelho à mesma velocidade em que o de seu marido empalideceu. Conforme a mão do daimyo trancou em punho sobre sua mesinha, Taiken teve a certeza de que enfim acertara um nervo.

“*Excelente*”.

– *Taiken-san!* – o shogun interveio repentinamente. – Suas palavras já passaram dos limites! Tais insultos gratuitos não serão tolerados em minha casa!

- Está tudo bem, Ashigawa-sama...

Até Ashigawa Yoshinobu se surpreendeu com a mansidão da voz de Hideki. Um sorriso magnânimo estampava o rosto do daimyo quando ele prosseguiu.

– ...Não poderíamos realmente esperar outro comportamento desse homem. Ao que parece, civilidade não é uma qualidade usual em Tottori... Em especial, entre os que lideram atividades incivilizadas.

Hotaru viu a mandíbula de Taiken retesar, e cruzou as mãos sobre os joelhos, espiando de Ryuu Hideki para ele, nervosa. Ao redor, todo o aposento mergulhara num silêncio denso e incômodo.

- O que Ryuu-dono quer dizer com isso? – rosnou o primeiro filho de Osamu.
- Apenas acho curioso... – o outro respondeu, agora evidentemente sarcástico – *suas* províncias não têm problemas com piratas, têm, Osamu-dono?

Taiken agarrou violentamente a mesinha polida à sua frente, fazendo o arranjo dourado sobre ela tombar, e uma das noras do shogun soltar um grito agudo.

- *Está acusando os Tetsuyama de terem parte com essa escória?!!*
- Estou os acusando de *serem* essa escória, Taiken-san.

– *Maldito!!* – o príncipe, colérico, pareceu tão prestes a pular de onde estava para o pescoço de Hideki que Atae Nobutaka chegou a se mover, tenso, para se colocar entre ele e seu senhor. O rosto de Tetsuyama Osamu, até então transparecendo crescente apreensão, se cobriu de pânico.

– *Taiken-dono!...*

– *BASTA!*

A voz rouca do seii-taishogun interrompeu tanto Hotaru, que segurara a manga de Taiken para pará-lo, quanto Nobutaka, a meio caminho de se levantar. Masako cobria a boca com as mãos, os olhos arregalados.

Taiken, durante alguns segundos, permaneceu estático, os braços musculosos o suportando sobre a pequena mesa, os nós dos dedos brancos. Seu corpo via-se obrigado a obedecer àquele velho aos fundos do salão. Mas seus olhos ainda matavam Hideki.

O senhor de Nagoya o encarava de volta, imóvel, não apenas sem hesitar, mas quase em tom de desafio. Taiken engoliu em seco, voltando devagar a sentar, a cabeça latejando. Parte sua se viu obrigada a admitir, aquele cínico desgraçado até tinha alguma coragem, sustentando seu olhar daquele jeito...

– *O que significa isso?!* – a pergunta de Ashigawa Yoshinobu pareceu vir de uma caverna profunda. – Não acredito que homens de linhagens tão distintas sejam incapazes de se portar com o *mínimo de civilidade* diante de mim e meus convidados!

– Mil perdões, Ashigawa-sama... – Osamu se curvou, dócil. – A viagem até Kyoto foi longa e exaustiva. Creio que meu filho ainda esteja cansado.

– Homens cansados procuram dormir, Tetsuyama-dono – retrucou o velho, o rosto coberto de aborrecimento. – Não transformar um jantar num campo de batalha!

– Rogo-lhe as mais profundas e humildes desculpas! Não acontecerá novamente.

O shogun voltou o olhar, rígido, para o primeiro príncipe dos Tetsuyama. Taiken de pronto baixou a cabeça em reverência longa, a testa tocando o tatame, o estômago revirado de orgulho ferido.

– Também admito certa culpa no ocorrido, Ashigawa-sama... – disse então Ryuu Hideki, num tom leve que fez a mandíbula de Taiken retesar de novo. – Peço perdão por ter me exaltado.

– E as ofensas a ambas as partes?

O daimyo e o príncipe se encararam antes de responderem – para deixarem bem claro, o que seria dito a seguir era totalmente falso.

– Eu as retiro, absolutamente constrangido por tê-las pronunciado.

– Eu... também retiro o que disse.

Taiken não olhou mais para Ryuu Hideki depois disso. Sabia que, se o fizesse, cairia morto de tanta raiva. Sua dor de cabeça piorara. Ele não via a hora de sair dali e deitar no escuro.

Hotaru o viu fechar os olhos e soltar um suspiro irritado. Pensou em falar com ele, mas achou que nada que pudesse dizer ali fosse realmente acalmá-lo, então preferiu deixá-lo em paz. Ao olhar para o lado, teve um breve vislumbre dos lábios de Naginata se movendo num riso involuntário.

Sentiu porções iguais de repulsa por ele e gratidão por Taiken.

– Parece-me que será inútil tentar tornar o restante da noite agradável... – falou o shogun, então fez polida mesura ao kampaku, levantou-se e foi até o suntuoso fusuma atrás de seu assento. – Boa sorte aos que quiserem tentar. Estou me retirando.

Afastou os painéis decorados com as duas mãos, e logo desapareceu no próximo aposento, fechando-os atrás de si. Os demais membros da família Ashigawa e os samurais em verde-escuro o seguiram após alguns segundos. Aos poucos, a quietude funesta do salão foi sendo quebrada por cochichos cada vez menos discretos.

– Assustador... – gemeu Kotone em voz baixa.

Quando os murmúrios começaram a se tornar mais empolgados, e inclusive os servos nos cantos do aposento começaram a falar, Ryu Hideki se pôs de pé, devagar, e dirigiu-se à saída Leste sem dizer palavra. Seus familiares e vassalos o acompanharam, Daichi agarrado ao kimono da mãe ao passar pelos Tetsuyama. Depois que a comitiva de Nagoya se afastou, Osamu voltou-se para Taiken, carrancudo, os olhos estreitados.

– ...Perdi o apetite – o príncipe anunciou, determinado a não mirar o pai, fez-lhe mesura e se levantou. – Com licença, irei me deitar.

Então, ainda sem encará-lo, deixou o salão rapidamente, logo seguido por Hotaru. O daimyo meneou a cabeça com irritação.

“Imbecil inconsequente...”, Naginata riu consigo. “Ani-ue... acha mesmo que vai escapar de chichi-ue tão facilmente?”

No céu de safira, algumas nuvens escuras começavam a velar as estrelas.

“Isso...”, a caminho da tranquilidade de seus aposentos, o shogun franziu a testa, preocupado, “foi *definitivamente* mais intenso do que eu esperava...”.



Ryuu Hideki estava de bom-humor quando chegou a seus aposentos. *Hai*, era meio incômodo que o prodigioso de Osamu estivesse ileso, e meio constrangedor ter quase perdido a compostura diante de seus latidos... Mas era mais que reconfortante atestar que, apesar da inconveniente ressurreição política dos Tetsuyama, sua casa ainda tinha a vantagem. O velho Yoshinobu não ficara satisfeito com ninguém, isso era certo... Mas a vitória naquela tola discussão fora evidentemente sua.

Ele sorriu consigo, apreciando a lembrança do ocorrido. Conseguira, com poucas frases, levar o primeiro príncipe dos Tetsuyama de Inaba, aquele clã que lutava para recuperar alguma reputação, a protagonizar um pequeno escândalo diante do shogun. E sequer fora difícil.

– Foi uma noite produtiva.

Masako, que terminava de ajudá-lo a vestir o kimono de cama cinzento, baixou os olhos, não podendo concordar menos. Sabia que a atmosfera daquele jantar não seria das mais leves... Mas não esperava por um incidente tão desagradável, que claramente aborrecera o seii-taishogun, e que poderia ter sido facilmente evitado...

...Se Hideki não tivesse aquela *sanha doentia* de provocar os outros.

O toque da mão dele em seu ombro a fez erguer os olhos, assustada. Por um segundo, Masako teve a tola mas mortificante impressão de que dissera aquilo em voz alta. A expressão ainda satisfeita no rosto de seu marido logo a fez perceber que não fora o caso, e que seu sobressalto, aos olhos dele, ocorrera por pura distração.

– Eu gostaria de um pouco de chá.

Ela sorriu com presteza mecânica, e, aliviada, foi até o canto do aposento, onde, sobre a mesa, havia um bule já preparado, e duas tigelinhas de porcelana fina. Serviu a bebida fumegante em silêncio, apenas para Hideki. No momento, não sentia vontade de engolir o que quer que fosse. Culpa do nó em sua garganta, ou do mal-estar gélido em seu estômago.

Sentia-se tola por estar tão inquieta. Já viera a Kyoto diversas vezes desde que se casara, e há muito o lugar não lhe provocava aquela nostalgia amarga. Talvez fosse a época do ano... talvez, a ala do palácio em que estava hospedada; talvez fosse – e então ela se sentiu ainda mais tola – a visão do jovem casal Kyuumura, aos sussurros e risos, durante o banquete.

Ela se pôs de pé, girando nos calcanhares e vestindo de novo o sorriso distraído. Estendeu a pequena tigela com cuidado para Hideki, que sentara no largo futon branco no centro do quarto.

– *Domo* – ele pôs-se a bebericar o chá, o olhar logo perdido na pintura intrincada do biombo ao lado.

Masako olhou pela janela. No jardim sombrio, um pessegueiro em flor era pouco mais que um vulto indefinido. As mãos dentro das mangas, a mulher cruzou os braços junto ao peito, como se sentisse frio. Ouviu Hideki deixar a tigelinha de lado, e desejou com ardor que sua próxima vontade fosse apenas dormir.

– Amanhã à noite estarei fora a trabalho – ele comunicou, acomodando-se na cama. – Imaginei que gostaria de ir ao teatro com Kyuumura-san...

Então se corrigiu, num riso que certamente ainda era produto de seu estado de espírito.

– ...As *duas* Kyuumura-san. Nobutaka-san e Kentaro-san estarão comigo, mas creio que a comitiva de Koji-dono providenciará o transporte até o teatro.

“Fora a trabalho” significava que ele se encontraria com uma pessoa com quem lhe interessava fazer negócio, e não estava hospedada no palácio do shogun – Keshi. “À noite” significava que isso provavelmente se daria em Akahana – e, com certeza, não envolveria apenas política.

Masako não pôde evitar uma pontada dolorosa de ciúmes ao se lembrar das belas cortesãs que acompanhavam Keshi, dias antes. Era um sentimento infantil e absurdo, ela sabia... Mas há muito aceitara que não podia evitá-lo. O frio em seu estômago piorou.

– *Hai...* – ela fez que sim, voltando-se para o marido – será muito agradável. Os espetáculos no Teatro Central costumam ser adoráveis.

– *Un.* Então está bem.

Hideki apoiou a cabeça com o punho à altura da têmpora, e correu os olhos pela esposa, um semblante que adquiria de vez em quando ao olhá-la, e provavelmente não tinha nome próprio. Era algo como um sorriso vago, um brilho de satisfação no olhar, tons tênues de desejo e ardentes de vaidade. Muitas mulheres achariam a expressão deveras atraente. Masako não era uma delas.

– ...Ele sente inveja – o daimyo sibilou, com convicção e prazer.

– Quem...? – Masako, a voz suave, preferiu se fingir de ingênua. Talvez fazê-lo discorrer sobre o assunto mudasse sua disposição.

– O prodigioso de Osamu... – respondeu ele, pensando em adotar o apelido permanentemente. – Embora eu tenha plena ciência de que poderia estar me referindo a qualquer homem naquele salão.

...Então, essa era a sua interpretação das razões de Tetsuyama Taiken ao ofendê-la.

– ...Fico feliz que tono-sama não tenha se exasperado diante daquilo – ela disse. – Foi terrivelmente rude da parte de Taiken-dono dizer tal coisa.

– Além de uma parvoíce... – Hideki riu, mas mirou a esposa com olhar agudo enquanto sua voz concluía, trivial – as semelhanças entre mim e Daichi são mais do que óbvias... lembra?

...Como ela poderia esquecer? Momentos como aquela conversa não eram algo que sua memória faria a tolice de descartar. A doçura da lembrança, porém, não chegou a aquecer o coração de Masako. O brilho analítico dos olhos de Hideki focalizando seu rosto não permitiu.

– *Hai...* eu me lembro – a mulher abriu um sorriso meigo, o desejo de se afastar do marido subitamente mais forte.

Ele se moveu em direção a ela.

– Tono-sama... – Masako perguntou de repente, tentando não parecer ansiosa – se importa que eu me retire a meus aposentos, por esta noite?

Hideki parou, e a encarou com uma frustração meio resignada.

– Gostaria de escolher o que vestir para o teatro antes de me deitar... Momiji-san pode ser uma crítica de moda terrivelmente severa, quando inspirada pelo Noh ^[46].

Por mais que Kyuumura Momiji fosse petulante, Hideki não via como a escolha de uma roupa pudesse levar à esposa mais do que o dia seguinte inteiro. Mas preferiu se fingir de ingênuo. Estava bem humorado demais para se desgastar com o processo de fazer uma Masako relutante ceder. E o nervosismo naquele último sorriso indicava que uma importuna série de desculpas se seguiria antes que ela aceitasse – de pobremente dissimulada má-vontade – cumprir o mínimo de seu dever como esposa. A recompensa, naquela noite, não parecia valer o esforço.

– *Un* – ele consentiu, num gesto displicente – certamente.

A mulher se policiou para não abrir demais o primeiro sorriso sincero desde que aquela conversa começara.

– *Arigato gozaimashita* – ela se curvou brevemente e se levantou. – Começarei a separar as estampas adequadas agora mesmo... *Oyasumi nasai*, tono-sama.

Masako se virou, ouvindo o marido se acomodar para dormir, apagou a pequena lâmpada aos fundos do quarto com um sopro e saiu. Seguiu pelo corredor, passando por meia dúzia de seus guardas em azul pelo caminho, virou uma esquina e chegou a seus aposentos. Atravessou a antessala, respondendo em gesto curto à reverência das amas, entrou no quarto e fechou a shoji translúcida atrás de si.

Soltou um suspiro silencioso de alívio.

O quarto estava frio e escuro. Sentindo sua tensão voltando ao estado original de melancolia, Masako sentou no futon, cabisbaixa. O Hana-no-Gosho sequer fora cenário das memórias que, no silêncio, agora voltavam a afligi-la... Hideki não acreditara de fato naquela bobagem sobre a escolha de seu kimono para o teatro... O ciúme que ardia em seu peito não tinha razão lógica alguma para existir...

– ...Eu sou mesmo uma grande tola – ela sorriu tristemente para o chão.

Naquele momento, tanto memórias quanto perspectivas a oprimiam com uma solidão pungente. Ela quis chorar, mas não conseguiu. Não se sentia exatamente triste.

Sentia-se vazia.

...Não havia o que ser feito, ela concluiu, deprimida, e se deixou cair suavemente na cama macia, seus pensamentos flutuando nas sombras do teto. Até que adormeceu.



– ...Quatro anos, *eh?* – um sorriso satisfeito se abriu nos lábios de Ryuu Hideki. – Ele está crescendo rápido.

A poucos metros daquela varanda, o príncipe Daichi brincava de cavar com um graveto o canteiro dos crisântemos. Masako, sentada junto ao daimyo, concordou num anuir suave.

– É verdade... – seus olhos brilharam de puro contentamento. – Parece que ainda ontem estava aprendendo a andar. Agora, olhe para ele! Mal consigo mantê-lo dentro de casa...!

Um tordo passou dançando pelo céu limpo do Verão de Nagoya, chamando por um instante a atenção do menino. Hideki abanava, distraído, o leque em sua mão.

– Como vão as primeiras aulas com Nobutaka-san?

– Daichi ainda tem problemas em manter a concentração no treino... – Masako riu, terna – mas está indo muito bem. Atae-dono diz que ele pode ter grande potencial para o kenjutsu ^[47].

Hideki assentiu.

– Tenho certeza de que irá se destacar. É uma criança inteligente.

– E de índole maravilhosa, *neh...?* Será um homem notável, um dia. Talentoso, inteligente e muito bonito!

– Do último fator não tenho a menor dúvida... – o daimyo olhou a esposa num riso cortês. – Ele tem seus olhos.

– E o nariz de tono-sama – ela correspondeu a expressão. – E suas sobrancelhas, também, *neh...?* Ainda é um pouco cedo para falarmos do queixo...

Masako admirou o rosto distinto do marido, surpresa com a doçura que sentiu ao fazê-lo. Sorriu com rara espontaneidade.

– ...Mas não duvido que, em alguns anos, vá ficar como o de tono-sama.

Os dois se olharam por um momento, compartilhando o orgulho pelo filho e uma inexplicável cumplicidade. Masako nunca soube definir ao certo quando, naquela tarde que agora parecia tão distante, a cortesia teatral entre ela e o marido se transformara em algo sincero. O que ela sentira então, porém, permaneceu dolorosamente claro em sua memória. Não fora intenso – sequer no melhor sentido da palavra. Fora brando e fresco como uma brisa. Leve. Mais leve que o ar.

Mas, tão delicado, tal sentimento inesperado não perdurou. Como uma brisa, passou num sopro, e esvaeceu naquele mesmo dia.



O ar estava agradável, e o céu, tingido de um azul sereno. Nuvens esparsas navegavam no alto, e pássaros castanhos timidamente chilreavam nos galhos do ginkgo verdejante. Nos canteiros, narcisos e íris desabrochavam, frescos de orvalho, em meio às viçosas folhagens de Primavera.

Era incrível como Tetsuyama Osamu conseguia tornar tudo isso completamente irrelevante. A luz branda do Sol sorria à beira da varanda, e o vento tocava, leve, os sinos de bambu junto à porta. Mas, para Taiken, não havia nada de esplêndido naquela manhã.

– *Você perdeu COMPLETAMENTE o juízo!?* – a voz do daimyo trevejou, rouca, no jardim ensolarado.

O príncipe baixou mais a cabeça, em silêncio. Não havia realmente muito o que ele pudesse dizer em sua defesa. E, mesmo se houvesse, interromper o pai naquele exato momento não seria uma atitude inteligente.

– *DEZ ANOS!* – exclamou Osamu, áspero. – Trabalhamos por *dez anos*, Taiken, para recuperar a honra de nossa família! *DEZ ANOS*, pela chance de pisarmos neste palácio novamente, e fazê-lo de cabeça erguida! E *VOCÊ*, príncipe herdeiro de Inaba, se mostra *INCAPAZ* de se conter diante daqueles *vermes* de Ryuu por um mero par de *HORAS!*

– ...Ele estava tentando nos *humilhar* diante do shogun...

– *É CLARO* que estava!! – o daimyo cortou, colérico, a justificativa. – E graças a *você*, *CONSEGUIU!*

Taiken se curvou ainda mais, agora até tocar o chão com a testa, gesto imitado por Hotaru, sentada vários passos atrás dele. Quando Osamu chegara de surpresa para falar com o filho na varanda de seus aposentos, há poucos minutos, a moça se adiantara timidamente em direção ao quarto, para deixá-los a sós. Para a frustração de Taiken, entretanto, o daimyo a impedira com um ríspido...

– *Fique!*

Claro, ser humilhado daquela forma diante da própria consorte era parte de seu castigo, pensara Taiken. Embora, por outro lado, seu pai o tivesse poupado da presença de Naginata naquela cena constrangedora – algo pelo qual ele não podia deixar de sentir imensa gratidão.

– Eu peço perdão, chichi-ue! – disse então o príncipe, sincero, o rosto ainda a milímetros do piso de madeira. – Por minha insensatez e indisciplina. Não cometerei tal erro novamente!

– *É bom que não cometa!* – Osamu concluiu, carrancudo. – Não é aceitável falhar aqui, Taiken. Não neste emaranhado de cobras!

O daimyo se levantou, ajeitando o hakama e a katana escarlate à cintura. Taiken ergueu um pouco os olhos, a expressão ainda apreensiva. Osamu lhe lançou um último relance severo antes de se virar e se afastar a passos duros, ala Oeste adentro.

Silêncio. Taiken suspirou, as mãos cerradas sobre os joelhos, e fez uma careta irritada para si mesmo.

Seu pai tinha toda razão. Seu comportamento na noite anterior fora não só infantil como perigoso.

“Arriscando o nome de minha casa por provocação barata daquele calhorda de Owari... Eu fui mesmo um idiota...”

Hotaru hesitou por um instante, então pôs-se de pé e andou silenciosamente até Taiken. Ele a notou sentando a seu lado, e a espiou de relance. Esperava que fosse dizer algo, mas a moça apenas ficou ali, o olhar contemplativo, vagamente voltado para ele ou para o bonito jardim além da varanda. Ele interpretou aquilo como um convite tanto a conversar como a ignorá-la. Uma sutileza admirável.

– ...Eu deveria aprender um pouco com Hotaru.

– Ora, tono... Não se atormente por ontem à noite – a jovem fez, tranquilizadora. – Sei que Tetsuyama-sama está frustrado... mas Ryuu-sama os ofendeu de modo muito pessoal, *neh?* No lugar de Taiken-dono, eu também teria me exaltado.

Taiken riu, meio amargo.

– ...Então, provavelmente somos *ambos* francos demais.

Não fora de fato um elogio, mas Hotaru sorriu. A quietude tomou o jardim, até um trio de pardais irromper, num voo barulhento, dos galhos do ginkgo para o vívido céu daquela manhã. Suas pequenas e ágeis formas marrons se distanciaram no ar, então desapareceram numa curva súbita, atrás de uma fachada larga do telhado.

– ...Ryuu Hideki-sama...

O olhar de Taiken caiu sobre a consorte num lampejo incomodado, como se o som daquele nome o arranhasse. Apesar disso, Hotaru prosseguiu, em tom cuidadoso.

– Taiken-dono... sente uma aversão muito grande por esse homem, *neh?* Do tipo difícil de suprimir.

Ele franziu o cenho, e voltou a olhar para frente.

– Eu o odeio – disse, não com raiva, mas numa clareza plana de aço polido.

Seguiu-se novo silêncio, mais profundo que o anterior. Hotaru olhou Taiken, se perguntando se não fora demasiado inconveniente. Ele fitava a sombra repicada do ginkgo numa grande pedra sob a árvore... Não parecia mais aborrecido do que antes. Aliviada, a princesa se pôs de pé.

– Estava planejando treinar no dojo do jardim Oeste, esta manhã... Taiken-dono gostaria de me acompanhar?

Por que não? Agredir repetidamente o ar com uma espada de bambu e bradar até ficar exausto parecia a ele uma excelente ideia, no momento.

– *Un* – concordou, também se levantando – irei com Hotaru.



– Ikeda Jin-san... É bom recebê-lo novamente.

– Kusachi-sama... – o jovem se curvou em reverência pronunciada. – Peço mais uma vez perdão por minha ausência.

O alto oficial médico, detrás de sua mesa, assentiu.

– Acredito que tenha recebido a mensagem.. A mistura de Ikeda-sensei foi muito benéfica para Kiyoko-hime. Sua febre abrandou.

– *Hai*, fui avisado. Fico imensamente feliz.

– Espero que Jin-san traga também boas notícias...?

O rapaz franziu a testa, grave. Passara os últimos três dias estudando anotações deixadas pelo pai, bem como livros e pergaminhos de medicina que ele havia adquirido durante os muitos anos de ofício. O pequeno ferimento e os sintomas desproporcionais da princesa Kiyoko, desde o primeiro momento, haviam causado a Jin uma impressão perturbadora...

E sua recente pesquisa reforçara aquelas suspeitas.

– Encontrei uma hipótese que pode explicar o que aflige hime-sama... – ele começou. – Se for o caso, ainda é possível evitar o pior.

Yohei se inclinou um pouco sobre a mesa, interessado.

– *Hoh?*

Jin pegou o papel que trouxera à gola do kimono. Desdobrou-o com cuidado, e o entregou ao outro médico.

– Como tratamento, proponho que hime-sama tome uma dose dessa infusão, toda manhã... Notaremos logo se estiver fazendo efeito.

Os olhos fundos de Yohei correram, em crescente velocidade e sobressalto, pela lista de ingredientes. Jin aguardou, tenso, até que o homem ergueu o rosto para encará-lo novamente.

– ...Essas ervas...

O jovem assentiu, firme. O oficial mirou novamente o papel.

Engoliu em seco.

“Se isto curar Kiyoko-hime... significa...”

Capítulo 4

Compromisso



O crepúsculo chegaria em menos de uma hora. Uma faixa bordada em prata atando os cabelos, e crescentes tons de rosa nos uchikis sobrepostos, Kyuumura Akiko admirou o rosto no espelho, tentando não parecer tão sisuda. Geralmente, ir ao teatro era algo que ela apreciava, mas a noite por vir não prometia ser nada divertida...

– Oi, Akiko... Está pronta?

Ela se voltou para o marido, que a olhava da entrada do aposento. O kimono de listras estreitas, marrom e verde, combinava elegantemente com seu hakama pardo, o dobuku de mesmo tecido ornado com o mon dos Ryuu. À cintura do samurai, a katana de linhas tradicionais se destacava, imponente. A tênue esperança que a jovem tinha de se animar desabou por completo.

– Você está linda! – Kentaro sorriu quando ela se aproximou, então, notando seu cenho franzido, adquiriu um tom preocupado. – Ah... qual o problema?

Ela deu de ombros, num sorriso esforçado.

– ...Você também.

A compreensão o atingiu como uma pedrada.

– Oh... – o rapaz olhou as próprias roupas, sentido súbito remorso por seu bom caimento. – Desculpe... Não foi de propósito.

– *Iie*... Estou sendo boba – Akiko respondeu, tentando parecer displicente.

...Ele não tinha culpa de ser encantador.

A moça desviou o olhar para a shoji externa, por onde trespassava a luz frágil do fim do dia, e um silêncio desconfortável se seguiu. Kentaro suspirou. Era óbvio que ela estava aflita... Mas não havia como ser evitado. Ordens do daimyo.

– Akiko...

Ele acariciou gentilmente o rosto da esposa, apoiando seu queixo pequeno com a mão e atraindo seu olhar. Akiko o fitou de volta, um beicinho tristonho que pareceria uma graça se não fosse tão espontâneo. Kentaro sorriu com segurança.

– Não vai acontecer nada – garantiu.

– ...Eu sei – os olhos dela fugiram de novo.

– Sabe que te prometi.

– Confio em você.

Ela ainda falava sem olhá-lo.

– *Confia?*

O tom ligeiramente mais incisivo a fez encarar o marido outra vez. O rosto dele agora estava sério.

– Então por que está agindo assim?

Akiko demorou um pouco a responder.

– ...Não confio é naquelas garotas.

– Não posso culpá-la – ele riu. – Mas esqueça. Nenhuma cortesã jamais poderia se comparar a você.

Ela ergueu as sobrancelhas, claramente duvidando disso.

– É verdade! – Kentaro insistiu, ainda sorrindo. – Ora, se fossem bonitas como Akiko, não precisariam de tanta maquiagem, *neh?*

Finalmente, um riso mais leve correu nos lábios da moça.

– ...É bom mesmo que sejam muito feias – ela concluiu.

– Com excesso de pelo facial – Kentaro observou.

– E vesgas.

– Hálito de cavalo.

– Uma corcunda nas costas e uma verruga entre os olhos.

– Absolutamente medonhas.

Pararam, olhando um para o outro, e Akiko começou a rir.

– Bobo... – meneou a cabeça. – Elas *sempre* são bonitas.

Kentaro a abraçou, roçando carinhosamente a testa na dela.

– Não importa – sussurrou. – Eu amo você.



Sendo aquela a última apresentação do ano de *Fuyuzakura* ^[48], o Teatro Central estava movimentado. Emergindo das liteiras escuras para a luz amarela de inúmeras lâmpadas, as damas de Kyuumura e Ryu admiraram a fachada alegórica do lugar, um prédio de quatro andares, colunas esculpidas e telhado de beleza complexa.

Akiko analisava os motivos intrincados dos pilares – dragões serpenteando em meio às nuvens, um exército numeroso, revoadas de garças, donzelas colhendo flores na Primavera. A jovem não se importava realmente com nenhuma daquelas imagens. Mas, desde que deixara o Hana-no-Gosho, decidira se esforçar para manter a mente ocupada durante toda a noite.

Kotone, a seu lado, parecia sinceramente animada. Seus olhos percorriam com interesse o desenho dos leques, as lâmpadas coloridas, as ricas estampas dos kimonos festivos. Momiji, o rosto antiquado a fazendo parecer uma fugitiva dentre as pinturas que povoavam o imenso painel à entrada, compartilhava o entusiasmo da filha. Masako, porém, estava tão distante quanto Akiko, e provavelmente ainda mais quieta. Momiji, acreditando saber o porquê, sorriu com complacência.

– Melhor nos apressarmos, *neh?* Não queremos perder o início.

Seguiram teatro adentro, e logo chegaram ao salão principal, cuja maioria dos assentos já estava ocupada. No teto, meia centena de lâmpadas decoradas iluminava o ambiente, e, aos fundos, erguia-se o palco de cipreste polido, à direita. À esquerda, uma passarela ^[49] o ligava a uma cortina fechada e colorida.

A pedido de Kotone, acomodaram-se logo diante do palco, após os ocupantes originais terem sido afastados por um dos samurais que as escoltavam. Masako não se sentiu muito bem em tomar os assentos; Akiko achou a ideia da cunhada excelente, pois dali poderia ver a apresentação de perto, e continuar saturando a mente de distrações.

Cerca de quinze minutos se passaram. Então, detrás das cortinas, um eco de tambores sendo afinados começou, calando a multidão. Logo, um quarteto de músicos em kimonos escuros veio pela passarela até o palco, numa procissão lenta e solene à qual apenas Momiji pareceu prestar atenção. Kotone ajeitava a barra do uchiki, e Masako se distraía torcendo as mãos devagar sobre os joelhos. Akiko olhava sem parar, de relance, para o lado.

Tivera a infelicidade de identificar, em um dos primeiros assentos à esquerda do palco, o irmão mais velho do marido, Kenjiro. Naturalmente, o vistoso rapaz estava acompanhado; naturalmente, por uma mulher que ela nunca vira antes. Era longilínea e airosa, os cabelos atados num coque exuberante, o rosto primorosamente maquiado. Com a ampla manga, abafava um riso baixo, sincero ou de atuação muito convincente. Era rara a vez em que Akiko não via o cunhado em companhias semelhantes, algo que nunca a incomodara em absoluto... Mas... *hoh*, por Buda! Por que *naquela noite* os traços daquele esbanjador insensato insistiam em lhe lembrar tanto os de Kentaro?

– Akiko-san... está se sentindo bem? – Kotone sussurrou, preocupada, quando a moça a seu lado revirou os olhos numa expressão torturada.

– *Un* – a outra respondeu, num sorriso esforçado – é apenas...

“...Um ciúme insuportável me dilacerando por dentro”.

– Enjoo.

Sentia-se estúpida. Confiava em Kentaro. Sabia que ele nunca quebraria sua promessa. Ainda assim, a mera ciência de que ele estava em Akahana a imergia naquele martírio sentimental injustificado...

“Quem diria que, depois de tudo, eu seria tão insegura?... Isso é *patético*...”

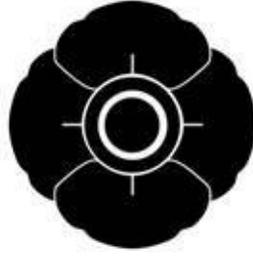
– Enjoo...? – Kotone riu. – Ora, Akiko-san... será que está grávida?

Não era a mais eficaz das conjecturas para se reduzir a ansiedade alheia... Akiko sentiu-se enjoada de verdade. Baixou a cabeça num gemido baixo, frustrada com o próprio sofrimento, mas a cunhada não percebeu. Tambores retumbaram novamente, então pararam de súbito.

Soou, aguda e oscilante, a *noh-kan* ^[50] solitária. Aproximando-se pela passarela, num rico kimono que remetia à cerejeira de Inverno e suas flores, vinha a personagem principal da trama – Fuyuzakura, a raposa branca personificada como uma donzela de longos cabelos da cor da neve.

Interpretada por um ator ^[51] de masculinidade irreconhecível sob a máscara de entalhe delicado, a raposa se moveu, graciosa, até o centro do palco, onde girou devagar para mirar a paisagem, evidenciando para a audiência a grande pérola que adornava seus cabelos. Era a Hoshi-no-Tama, a essência dos poderes sobrenaturais da *kitsune* ^[52], e seu mais precioso tesouro. Ao compasso seco e espectral de um pequeno tambor, iniciou-se a narrativa.

– *No vale gélido à sombra do silente castelo...*



– Kasumi-san... Ao menos me empreste um...!

– Fora de questão. Por que Hanano-san não comprou os próprios kanzashis ^[53] quando fomos à casa Nakai, anteontem?

– Porque achei... – ela hesitou. – ...Ogumo-sama prometeu que me traria alguns.

– Que sirva de lição. As promessas de Ogumo-sama são sempre vazias.

– Aqui, Hanano-san, pode usar estes. Ouro não combina com estas estampas... Ficarão melhor em você.

– *Arigato*, Anzu-chan!

– Minhas mãos estão doloridas...

– Posso tocar o koto ^[54] esta noite, se Tsukiyo-san não se sente bem.

– *Eh?* – Hanano protestou. – E quem vai dançar conosco em seu lugar?

– Ame-san – Anzu deu de ombros.

– ...Para ser sincera, prefiro não fazê-lo. Há algum tempo não ensaio essa peça, posso errar o compasso.

– Tenho certeza que Matsukaze-san não se importará em substituí-la, então... – a voz de Kasumi tomou um tom malicioso. – Se bem a conheço, já deve estar tramando uma forma de chamar a atenção desse convidado em particular...

– Matsukaze-san vai se deitar com ele – Anzu comentou baixo, vigiando a porta. – ...Ouvi-a falando com Keshi-sama no escritório.

– Então, é melhor não interferir – Tsukiyo ajuizou. – Que tudo ocorra exatamente como Keshi-sama deseja.

Um silêncio quase funéreo se seguiu. Hanano espetou os kanzashis dourados no penteado. Tsukiyo massageou os pulsos numa careta de dor, e Kasumi ficou olhando a shoji fechada, uma expressão rancorosa perdida no ar. Ame baixou a cabeça e encarou o espelho redondo à sua frente, concentrada em traçar a maquiagem vermelha nos olhos com precisão. Pintava-se incomodamente devagar, naquela noite. Suas mãos estavam tremendo.

– Odeio clientes importantes – sibilou Anzu. – Sempre tenho a impressão de que as paredes estão encarando minha nuca.

– *Paredes...* – Kasumi se voltou para o espelho – ou *alguém*, por trás delas – sua voz baixou. – ...É um alívio que ele não esteja aqui.

– Eu não me animaria muito a respeito – observou Tsukiyo. – Keshi-sama não o dispensaria por muitas horas numa noite tão crucial.

– Ela não o dispensaria por muitas horas em *noite nenhuma* – Kasumi abriu um sorriso cáustico. –

Aquela megera sórdida...

– Cuidado com a língua, Kasumi-san! – cortou Anzu, grave. – Isso é perigoso.

Silêncio. Tsukiyo terminou de atar o obi amarelo. Kasumi separou um leque que combinava com seu uchiki, e Anzu entornou duas tigelinhas rasas de sake antes de mirar uma última vez o espelho. Hanano, ajeitando os cabelos, riu para amenizar a atmosfera desconfortável.

– *Neh...?* Além de Ryuu-sama, quem virá esta noite?

– Quer dizer, o que Matsukaze-san deixará de sobra para nós? – Kasumi deu de ombros. – ...Nada fascinante. Decerto aquele obuke-sama grandalhão...

– Atae Nobutaka-sama – apontou Tsukiyo.

– *Un...* o daimyo de Musashi, *neh?* – a outra fez, e completou com interesse maior. – Oh, com alguma sorte, o irmão de Kenjiro-sama também virá!

– Yusuke-sama?

– *Iie*, o mais novo... – quem respondeu foi Anzu, a voz mais leve. – Ele se parece com Kenjiro-sama... Embora não seja tão bonito.

– Só espero que seja igualmente generoso – concluiu Hanano, alinhando o obi. – Preciso de kimonos novos para o Hanami.

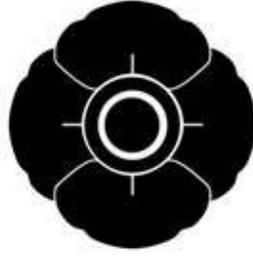
Voltou-se para Ame, que só agora terminara de colorir o rosto.

– *Neh*, Ame-san... Está tão calada. Não está se sentindo...

– ...Ouviram algo?

À pergunta de Tsukiyo, Ame foi até a janela, e espiou os muros distantes. O portão estava iluminado, um movimento de pessoas visível ao redor. A jovem se voltou para as outras, apressando-se em vestir o kimono, e anunciou em tom austero.

– Ryuu-sama está à porta.



– Aah, Ryuu-sama...! É uma honra recebê-lo!

A liteira dourada do daimyo fora cuidadosamente descida, e ele agora se postava diante da construção. Desmontando dos cavalos, deixados aos cuidados de um servo local, vinham seu general e o primeiro-oficial desse, seguidos a pé por vinte samurais em uniformes azuis.

Kyuumura Kentaro ajeitou a katana à cintura, austero, e acompanhou com olhar atento os muros de pedra da imensa propriedade. Além dos portões, apenas relances dos telhados se contornavam na sombra noturna, à meia-luz tênue de lâmpadas distantes. O semblante nitidamente mais calmo, Atae Nobutaka parecia perdido em pensamentos no arco da Lua crescente, enquanto aquela cortesã de rosto oval dava a seu senhor as boas-vindas.

– Keshi-sama o aguarda – a mulher indicou o portal vermelho, ao lado do qual uma placa vertical, com o desenho de uma papoula, indicava o nome “Akahana”. – *Dozo*, entre, por favor.

Seguiram guiados pela jovem em verde-claro, que se apresentara como Yanagi. A arquitetura do lugar era clássica, mas vibrante devido ao tom escarlate dos telhados, balcões e pilares. Akahana era ampla como uma mansão, os vários blocos interligados por passarelas, caminhos de pedra e varandas. Seus jardins ora envolviam, ora eram envoltos pela construção, que contava com duas alas principais.

Chegava-se à primeira pelo pequeno jardim de entrada. O caminho de pedras, curto e sinuoso, desembocava numa varanda polida, iluminada por lanternas brancas. Era um lugar agradável, de dois andares amplos, com vista para os jardins ao Leste e o pequeno lago da propriedade. Era mais movimentado durante o dia, e envolto por um vago e fresco aroma de chá.

Mesmo antes da gentil indicação da cortesã a escoltar sua comitiva, Hideki se desviou daquele lugar desinteressante. Seu caminho levava à segunda ala principal do estabelecimento, através de uma passarela de madeira que cruzava o jardim Oeste, e a ponte sobre o braço mais estreito do lago. O bloco adiante tinha três andares, luzes nos dois primeiros, e estava imerso em perfume de sake e ecos de música. Erguendo os olhos para uma das janelas no terceiro andar, Hideki abriu um sorriso reservado, apreciando boas lembranças, ou alguma piada particular.

Alcançaram a varanda da segunda ala, onde mais um par de sorridentes rostos de porcelana os aguardava, recebendo-os com grandes reverências.

– Ryuu-sama... Seja muito bem-vindo!

– Atae-sama, há quanto tempo! ...Esse deve ser Kyuumura-sama, *neh?*

– Keshi-sama aguarda Ryuu-sama em sua sala de chá – Yanagi dirigiu-se, gentil, a Hideki. – Deseja que seus homens o aguardem conosco?

O daimyo se voltou para o hatamoto e o oficial que o seguiam, então para os samurais em cores de seu mon atrás deles. O encontro com sua cunhada, em tese, seria pacífico. Mas ele definitivamente não trouxera seguranças a fim de pagar-lhes uma noite de diversão.

– Não vejo por que não mimarem um pouco estes dois... – ele riu, indicando seu general e Kentaro

num gesto curto, então completou, grave. – Os demais, avise a suas amigas, são feitos de *pedra*, entendeu?

A jovem sorriu e se curvou, confirmando. Parte dos samurais transpareceu leve decepção, Kentaro travou os dentes como se tivesse de repente mordido algo muito azedo, e Nobutaka riu baixo, provavelmente de ambas as reações.

– *Dozo*, Ryuu-sama... – ela indicou o caminho construção adentro quando outra cortesã abriu as shojis.

Passaram rapidamente pela sala de entrada, e seguiram por um longo corredor à esquerda, o caminho iluminado por candeeiros esparsos. De aposentos laterais, rastros eventuais de luz, vozes e vultos transpareciam através de shojis fechadas. Atravessaram uma passarela coberta através de um jardim até uma ala isolada, em meio a pessegueiros em flor. Entrando no pequeno anexo, viram-se num ambiente bem iluminado, esparsas peônias de ouro adornando os fusumas envelhecidos.

– Nossa ala privativa – Yanagi sorriu, e, graciosa, sentou sobre os joelhos ao lado dos painéis. Abriu-os com cerimônia, para revelar um salão amplo e opulento, de sacada dando para um jardim isolado.

– Sejam bem vindos! – um coro de vozes femininas seguiu o correr dos fusumas, e as várias cortesãs ali, em kimonos coloridos, os receberam numa reverência profunda e sincronizada.

– Hideki-sama...

Curvando-se menos que as outras mulheres, Ryuu Keshi estava de pé, em frente a um fusuma mascarado na parede aos fundos. Vestia-se em tons densos de vermelho e laranja, o uchiki notadamente mais ousado que o do banquete no palácio do shogun, o kimono adamascado em longas espirais de fumaça.

– É uma honra recebê-lo...! – ela se aproximou do daimyo, como antes, ignorando completamente os samurais que o acompanhavam. – Suponho que gostaria de uma bebida antes de conversarmos?

Ele riu, cortês.

– *Domo*, Keshi-san... Mas prefiro tratar de negócios enquanto ainda estou sóbrio. Se não se importa.

– Oh, de modo algum... – a mulher anuiu num sorriso afetado, e indicou o painel diante o qual estivera. – *Dozo*, Hideki-sama... acompanhe-me à minha sala de chá.



Numa última nota intensa, o coro se calou. Sozinha no palco desde a cena anterior, quando o general do Norte partira para o castelo abandonado da montanha, a raposa branca finalizou sua dança, um símbolo do crescente de seus sentimentos pelo guerreiro, que pretendia governar aquela região. Agora, em seu longo kimono cor-de-rosa e levando um ramo florido de fuyuzakura – o emblema de seu afeto – mais uma vez, a kitsune se voltava lentamente para contemplar o palácio invisível no horizonte, ao som evanescente da noh-kan.

Então, um tambor retumbou, denso.

A raposa olhou ao redor, deixando o ramo de flores cair.

O som se repetiu, e calou por alguns segundos. Então, cresceu. E ecoaram dois tambores. Seu ritmo acelerou. Três tambores. Murmúrios começaram a se manifestar na plateia, logo encobertos pelo som dos quatro tambores ao fundo do palco, vibrando alto numa seca marcha de guerra.

Conforme o aposento mergulhou naquele eco grave, as atenções se voltaram para a hashigakari à esquerda do palco. A cortina se abriu, como antes para a chegada do general do Norte, e uma figura sombria veio marchando rumo ao palco, seus passos ecoando como trovão diante o público exultante. A volumosa armadura rebuscada e o kabuto ^[55], evocando uma serpente, o identificavam como outro general.

O altivo guerreiro do Norte havia surgido e dançado com majestade duas cenas atrás, um kimono da cor do Sol sob a armadura escarlate, o nobre tachi ^[56] empunhado em gestos nobres. No entanto, o óbvio vilão desprezível do Sul, que agora se apresentava, cativava ainda mais a plateia. A razão era tão tola quanto elementar. O ator que o encarnava, mesmo sob aquele figurino sinistro, era terrivelmente bonito.

Ele tinha vinte e poucos anos, traços refinados e simétricos, olhos penetrantes coroados por sobrelhas de espessura e arco perfeitos. Sob a pesada armadura, usava um kimono extravagante, azul, preto e cinza. Os lábios bem torneados encurvados num traço rígido de hostilidade, ele avançou até a entrada do palco, e encarou a plateia, uma naginata ^[57] negra nas mãos.

A noh-kan retomou sua melodia oscilante.

– Esse ator... – Kotone apontou discretamente, num sussurro para Akiko – é tão lindo, *neh?* Não me lembro de já tê-lo visto.

A outra moça o olhou por um instante.

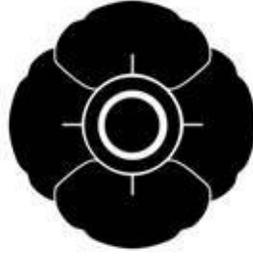
– Eu também não.

– Certamente novato – Momiji concluiu. – A postura não é o que eu chamaria de perfeita...

O general do Sul caminhou até o centro do palanque, girando devagar para mirar ao redor, encurvado como uma fera, a naginata em punho. Seu olhar parou no castelo invisível aos fundos e ao longe, e ele se ergueu, enquanto o coro declamava sua intenção de tomar aquelas terras, e aniquilar o exército que as

ocupava. Receosa, a raposa se aproximou. Temendo pela vida de seu amado general do Norte, ela planejava conquistar a confiança do inimigo.

E atraí-lo para uma armadilha.



– *Dozo*, sente-se.

Calmamente, Hideki o fez. Estava diante de uma mesinha escura, no andar superior daquele pequeno anexo de Akahana. Junto ao móvel, punha-se uma bandeja com duas tigelas para chá e um bule decorado de porcelana, um frágil ramo de pessegueiro em flor adornando a composição.

A sala era especialmente rica. Uma lanterna de linhas exóticas estava acesa junto à porta, deixando o aposento em leve penumbra. Reservado por um biombo dourado aos fundos, havia um futon largo de cobertas coloridas, e, ao lado, encoberta pela sombra, uma pequena janela de madeira. Em sua porção anterior, o aposento era pouco menos atravancado. Apenas pouco. Um armário exalando chá e ópio se colocava à parede direita, e um baú, à esquerda. Um incensário de bronze pendia do teto, e uma cortina de contas encobria uma estante embutida. O fusuma de entrada, por fim, era pintado, num mar de papoulas cor de sangue se derramando em fumaça prateada.

“...*Sutil*”, Hideki ergueu a sobrancelha.

– Então... – Keshi se acomodou do outro lado da mesa, e pôs-se a servir do bule um fragrante chá verde – há quanto Hideki-sama e eu não conversamos, *neh...*? Sequer o vi, na última vez em que estive na cidade...

Ela colocou as duas tigelas fumegantes sobre a mesa em gesto fluido.

– *Hoh*, foi uma estadia breve... até apressada. Infelizmente, não dispus de tempo para vê-la – Hideki alcançou a tigela com chá mais distante de sua mão, num movimento distraído. – Mas suponho que tenha recebido meus cumprimentos de Nobutaka-san, no Verão passado?

– *Hai...* – a mulher segurou com delicadeza seu recipiente trocado, e sorriu numa mesura – fiquei encantada.

Um momento de silêncio se seguiu. Keshi soprou languidamente os espirais de fumaça rala que emanavam do chá antes de bebericá-lo. Hideki aspirou o perfume de sua bebida, o rosto tranquilo.

– Muitas novidades aconteceram em Kyoto nos últimos três anos...

– Eu imagino.

– Hideki-sama deve ter notado a ausência do irmão do shogun, Yoshiharu-sama, durante o banquete, ontem à noite?

– Para ser franco, não. Está ainda em Mimasaka?

– Está no grande Vazio ^[58] – Keshi fez, casual, e abriu um sorrisinho de incitação ao completar: – ...Uma tragédia, de fato. As circunstâncias foram tão obscuras...

– Suponho que Keshi-san esteja algo a par das inclinações do Bakufu em relação à guerra em Mutsu?

– Infelizmente, não posso dizer que sei muito a respeito... – ela deu de ombros. – Mas acredito ter o bastante para especulações.

– É bom que sejam notícias interessantes – Hideki concluiu, mais sério.

– Oh, *hai*... – garantiu Keshi, bebendo seu chá mais uma vez. – Embora, sei que Hideki-sama compreende... São informações perigosas, *neh*? Akahana corre risco considerável ao revelá-las, mesmo que com cautela... É apenas minha profunda estima e reverência por Hideki-sama o que me permite fazê-lo.

O daimyo bebeu sem pressa um gole curto do chá, então deixou a tigelinha sobre a mesa num sorriso cáustico.

– Eu já esperava que o preço fosse ser mais alto desta vez, Keshi-san... Qual é exatamente sua proposta?

A mulher lançou um olhar sorrateiro em direção ao fusuma fechado. Perguntou-se quando Ogumo chegaria. Não que sua presença ali fosse imediatamente necessária – ou desejada. Mas uma ausência prolongada seria inconveniente se Hideki insistisse em ser informado de detalhes sobre o shinobi...

“É melhor não mencioná-lo prematuramente.”

– Sei que Hideki-sama está ciente da situação delicada em que o Bakufu vem se enredando – ela começou, menos lânguida e mais grave, os dedos finos cruzados sobre os joelhos. – Brechas para transformações perigosas vêm se abrindo com a guerra em Mutsu, e a instabilidade parece inclinada a aumentar, diante a convocação dos daimyos a Kyoto para o...

Ergueu a sobrancelha, e soltou um riso curto pelo nariz diante a tola camuflagem festiva para o que era, obviamente, uma confluência crítica dos poderes do país.

– ...*Hanami*.

Hideki assentiu. A tênue fumaça perfumada que partia de sua tigela, quase cheia sobre a mesinha, começava a desaparecer.

– Proponho a Hideki-sama a atitude mais sensata em tempos tão instáveis... Uma aliança.

– Entre Nagoya e... *Akahana*? – o desdém foi claro, e o rosto de Keshi mostrou leve aborrecimento.

– Entre os membros do clã Ryuu – corrigiu a mulher, sombria. – O Akaoni está a poucos passos da supremacia, Hideki-sama... De agora em diante, compartilhar um nome será compartilhar um destino. Seja ele favorável ou não.

...Era um raciocínio até lógico. Politicamente falando, Keshi não era importante. Tinha dinheiro, certo prestígio social, mas sua força real de influência no país era nula. Em resumo, mesmo diante de mudanças radicais na ordem de poder atual, a mulher não correria grandes riscos.

Se não fosse pelo nome que herdara de Ryuu Hisashi.

– Entendo... A ascensão de Tottori seria tanto para Keshi-san quanto para mim uma ameaça. E, com base nesse argumento, pretende se abrigar sob o mon dos Ryuu?

– Em troca da proteção de Hideki-sama – Keshi voltou a sorrir – estou disposta a ajudá-lo, a todo o meu alcance. Por favor, imploro que não entenda mal... Hideki-sama sempre teve e terá minha absoluta lealdade, *neh*? Mas... usuais fofocas à parte, eu ainda posso servi-lo de muitas outras maneiras.

– *Hoh*...? Nomeie-as.



– Mais sake, Atae-sama?

– *Hai, hai... domo.*

– *Neh*, Atae-sama... Então, o que houve depois?

– Nada fascinante... O pobre parvo estava mais bêbado que eu. Sequer precisei me esforçar para desviar de um golpe, e estava acabado.

– Cortou a cabeça dele?!

– *Iie...* Foi mais um corte daqui... – ele indicou a base do pescoço de Anzu, e correu o dedo até o quadril da moça, no lado oposto – até aqui.

Ela, Tsukiyo e Yanagi abafaram gritinhos ou bateram palmas tolamente, um riso baixo e grave de Nobutaka as acompanhando por um momento, até que o homem se ocupou em virar num gole outra dose de sake. Hanano, ajeitando a ampla manga do uchiki laranja, se voltou para o jovem ao lado do hatamoto, oferecendo-lhe num gesto delicado uma tigelinha rasa e escura.

– Não quer mesmo beber, Kyuumura-sama...? Nem um pouquinho?

– *Iie...* estou bem.

– *Oi*, Kentaro-san... – falou Nobutaka – se quer virar monge, sugiro que comece raspando a cabeça. Por que não relaxa um pouco?

– Estamos aqui para garantir a segurança de Ryuu-sama, Atae-dono... – o outro respondeu, austero. – Não deveríamos beber.

Nobutaka balançou a cabeça, e indicou os vários guardas em azul, imóveis, junto a cada uma das portas do aposento.

– Errado... Essa é a função *deles*. Nós estamos aqui porque Hideki-sama às vezes é generoso. Sugiro que aproveite a oportunidade.

Kentaro cruzou os braços, desconfortável. Seus olhos correram para um dos samurais diante o fusuma pelo qual o mestre e Keshi haviam saído. O homem, meio carrancudo e completamente ignorado pelas lindas jovens que coloriam o aposento, tornou-se para o rapaz um alvo de inveja. Já há meia hora ele vinha tratando as cortesãs que se aproximavam com frieza, mas elas pareciam incapazes de desistir.

– Kyuumura-sama quer jogar...? – uma delas, de turquesa, trouxe-lhe um grande copo e um par de dados de jade.

– Não estou com vontade.

– Quer cantar comigo? – outra sorriu, melodiosa, um biwa ^[59] de rica decoração folheada a ouro nas mãos.

– Sou péssimo cantor.

– Ahh, tenho certeza que Kyuumura-sama tem uma voz linda!

– Prefiro poupá-la de verificar o contrário, *domo*.

– Ora, Kentaro-san... – Nobutaka comentou após a moça se afastar, Tsukiyo massageando seus ombros – não seja tão ranzinza. Vai magoar as garotas, tratando-as desse jeito.

– Oh, Atae-sama...

Tanto ele quanto Kentaro se voltaram para a voz, certamente feminina, mas um tanto mais grave e majestosa que o usual. Uma cortesã que acabara de chegar ao recinto parava diante dos samurais, fazendo a ambos reverência pronunciada. Era de uma beleza altiva, felina, o obi dourado vibrante contra o kimono cor de cereja, o penteado elegante cintilando de borboletas de ouro.

– É maravilhoso recebê-lo novamente...! – a jovem cobriu o lindo rosto maquiado com um sorriso afável. – Está tudo ao agrado de Atae-sama esta noite?

– Absolutamente, Matsukaze-san – ele correspondeu o cumprimento num curto baixar de cabeça. – É um prazer revê-la.

Ela se curvou para ele mais uma vez, então se voltou para Kentaro, e repetiu o gesto graciosamente.

– Kyuumura Kentaro-sama... É uma honra conhecê-lo.

– Ahn... Iguamente...

A moça sorriu em nova medida, então se afastou, indo falar em voz baixa com a cortesã que tocava o koto, à margem da varanda. As jovens que cercavam os samurais trocaram um breve olhar sisudo, então vestiram novamente o semblante frívolo de antes.

Nobutaka riu ao olhar Kentaro.

– Oi, monge... seu honorável queixo caiu.

O rapaz o encarou de volta num gesto súbito, constrangido.

– Vejo que é a primeira vez que encontra Matsukaze-san... – provocou o outro. – Não se preocupe, é uma reação muito normal.

– ...Atae-dono a conhece?

O general ergueu uma sobrancelha diante seu tom surpreso.

– Eu lhe disse que Hideki-sama às vezes é generoso – riu com malícia tranquila. – Estive com ela, há cerca de seis meses.

Kentaro admirou a cortesã novamente. A jovem se vestia e se portava com nítida superioridade em relação às demais. E era estonteante. Obviamente, caríssima. Ryuu Hideki devia ser de fato muito generoso – ou, apenas absurdamente rico? – bancando tal companhia a um subordinado.

– Ahh, Atae-sama... – Tsukiyo suspirou, manhosa. – ...Matsukaze-san já roubou sua atenção de nós?

– *Hoh*, claro que não – ele respondeu gentilmente, e estendeu a tigelinha rasa em sua mão. – Mais uma dose, *hai*, Tsukiyo-san?

Ela encheu o pequeno recipiente de bebida, prestativa. Diante da varanda, uma nova música começou, suave, e as duas moças que dançavam, agora acompanhadas por Matsukaze, puseram-se a realizar uma coreografia lenta com leques. Nobutaka entornou num gole seu sake, e cutucou Kentaro, indicando a cortesã num aceno vago.

– Ela é realmente uma mulher belíssima... – comentou, em voz baixa – ...e uma pessoa *detestável*.



Os tambores suavizavam suas notas. Cega por ciúmes de uma bela princesa, a raposa, então num kimono vermelho-intenso, decidira se vingar do general do Norte, aliando-se verdadeiramente ao inimigo. Após a morte do amado, porém, descobrira ela ser a princesa uma farsante enviada pelo general do Sul – que, no entretempo, seduzira a raposa com suas mentiras, e lhe tomara sua preciosa Hoshi-no-Tama.

Destruída pelo remorso, a kitsune reunira então suas últimas forças para matar o general que a enganara. Por fim, recuperando a pérola de sua alma, mas muito debilitada para resistir, ela terminava o último ato. Deixando cair a veste escarlate e se revelando em lúgubres brancos adamascados, a donzela repetia debilmente a dança que antes executara com graça e paixão em honra ao general do Norte, o ramo de fuyuzakura nas mãos.

Os tambores por fim se calaram. Embalada pela fraca melodia da mesma noh-kan solitária que abrisse a apresentação, a raposa findou, melancólica, sua dança, e definhou devagar, até permanecer imóvel no chão, ao som da última nota fria.

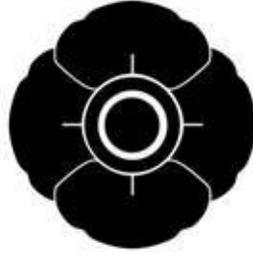
Após quatro horas de execução e atuação impecáveis, terminava o grandioso espetáculo de *Fuyuzakura*. Mais um conto angustiante de traição, sofrimento e morte, coroado por um final trágico. Masako havia se esquecido de quão deprimente o teatro podia ser.

– Magnífico! – ao seu lado, Kyuumura Momiji aplaudia com entusiasmo. – Uma obra de arte, de fato, *neh*, Masako-dono?

– *Un...* – a mulher concordou num sorriso sem vontade – muito bonita. Melhor partirmos logo, *neh*? Já é tarde... pode ser um incômodo se demormos a voltar.

Na verdade, ela simplesmente desejava dormir. Sentia-se indisposta desde a noite anterior, e assistir àquela longa e triste apresentação não ajudara em nada. Era uma incoerência o que a vinha perturbando, ela sabia. Não deveria ser doloroso... Não *poderia* ser doloroso. Mas Masako não conseguia ignorar aquele pulsar de ciência, por mais que se esforçasse em suprimi-lo com distrações. *Ele estava em Akahana...* E ela se sentia tão tola e infeliz quanto a pobre kitsune branca há pouco jazida no palco.

– *Yosh*, vamos... – Momiji se levantou. – Está mesmo tarde.



Pouco mais de uma hora havia se passado quando o discreto fusuma que levava ao andar superior se abriu, e Ryuu Hideki voltou, austero, ao salão onde seus samurais o aguardavam. Keshi vinha logo em seguida, também com a mesma expressão de quando deixara o local – um sorriso impassível e arrogante. Com a chegada de ambos, a música parou, e todos os presentes se curvaram em reverência, os dois oficiais de forma menos pronunciada que os soldados, e esses, pouco menos que as cortesãs.

– *Dozo* – Keshi indicou um sutil elevado à lateral do salão, e o daimyo ali sentou. – Há algo que possamos providenciar a Hideki-sama?

– Agora, eu adoraria um pouco de sake.

A bebida foi servida por uma das cortesãs que sentaram ao lado do palanque, à disposição do daimyo. Diante da varanda, uma nova dança se iniciou, e Hideki a assistiu sem dizer nada, pensativo ou entediado. Keshi permaneceu próxima dali, o rosto sério, e as jovens que cercavam o general Nobutaka e seu primeiro-oficial passaram a fazer notadamente menos barulho. Pelos minutos seguintes, o único que não pareceu algo incomodado foi Kentaro, feliz pelo clima daquele lugar, com a chegada de seu senhor, ter se tornado mais artificial – e menos convidativo.

A festividade teatral, porém, não precisou durar muito. Três doses silenciosas de sake e duas canções ignoradas depois, Hideki fez sinal para que Keshi se aproximasse, ao que ela obedeceu com presteza.

– Não me sinto disposto a festas... Irei me recolher, por hoje.

– Oh, certamente – a mulher fez reverência.

Ela sinalizou para que a música cessasse, segundo durante o qual Nobutaka e o mestre trocaram um rápido olhar grave.

– Reservamos nosso melhor quarto para Hideki-sama – Keshi sorriu, quando o koto e os biwas se calaram.

Un, Hideki sabia exatamente qual. Espaçoso, ricamente decorado com painéis florais, supostamente isolado. Mas com uma abertura oculta pela última viga do teto, à extrema esquerda, que carregava o som de qualquer conversa ao andar superior – até um anexo secreto da sala de chá de Keshi, talvez. E um quadrado oco na madeira da parede oposta, abaixo da menor flor de ameixeira ali pintada: uma tampa sob a qual eram guardados alguns entorpecentes em pequenos frascos, além de uma corda estreita, papel, nanquim, e um tanto ^[60]. O quarto também não possuía saídas além da porta principal, e ficava em posição estratégica para dele ser difícil escapar numa emergência.

“...Adorável.”

Valera à pena ter mandado Nobutaka investigar o lugar, seis meses antes. O custo fora alto, ainda porque garantir que o general fosse hospedado naquele quarto em especial exigira o pagamento pela cortesã mais cara do lugar. Mas o retorno se mostrava útil. Os soldados seriam posicionados da melhor forma para manter o aposento seguro, e ele teria certeza dos possíveis riscos, naquela noite.

– Quanto à companhia... – prosseguiu Keshi – se Hideki-sama me permite uma humilde sugestão...

– Agradeço a gentileza, Keshi-san, mas já tenho alguém em mente – o daimyo a interrompeu, e, diante o olhar surpreso da mulher, dirigiu-se às cortesãs. – Qual dessas adoráveis jovens é Ametsuyu-san?

Sentada a uma mesinha junto à entrada, uma moça num kimono azul-profundo estremeceu. Os demais rostos pintados se voltaram para ela, assim como o de Keshi. A expressão da mulher se tornou apreensiva. Hideki, que até então sequer reparara na discreta presença daquela moça em particular, apreciou sua figura com mais cuidado.

Ametsuyu era uma cortesã de cabelos muito lisos, compleição de boneca, e provavelmente os cílios mais longos que Hideki já vira, formando uma graciosa cortina negra sobre os olhos amendoados. Havia algo nela que trazia ao daimyo a lembrança de Masako – talvez o corpo delicado, talvez a postura, talvez os lábios. Sem dúvidas era uma jovem muito bonita. Ele sorriu. Até então, a indicação do inútil segundo filho de Koji parecia promissora.

De cabeça baixa, a moça se pôs de pé em silêncio, andou a passos curtos até a frente do degrau e se ajoelhou, em longa reverência.

– ...Sou eu, Ryuu-sama. Por favor, pode me chamar de Ame.

– *Hoh* – respondeu ele – ouvi muitos elogios a seu respeito, Ame-san. E, de fato, eles parecem verdadeiros. Ame-san é realmente linda.

Um sorriso desconfortável se entreabriu em seus lábios coloridos de vermelho-intenso, e ela fez nova reverência.

– *Domo arigato gozaimashita...* Ryuu-sama é muito gentil.

– *Iie...* apenas sincero. Então, Ame-san me concederia o prazer de sua companhia esta noite?

A jovem, os olhos ainda baixos, ficou muito séria.

– Seria uma imensa honra, Ryuu-sama...

Ela se curvou devagar em profundo respeito, e quando ergueu o rosto delicado, sua expressão estava ainda mais austera.

– ...Mas eu me recuso.

O aposento mergulhou num silêncio pesado. As outras cortesãs arregalaram os olhos. Entre Nobutaka e Kentaro, Anzu ficou literalmente boquiaberta. Os samurais, até então imóveis às portas, se voltaram em direção à moça, pasmos. O rosto fleumático de Keshi se cobriu de uma expressão de horror. Hideki, por sua vez, franziu a testa em pura estranheza.

– Ora, o... o que está dizendo, Ame? – Keshi gaguejou, num sorriso apavorado. – *É claro* que não vai recusar...

– Eu sinto muitíssimo – a moça a interrompeu, firme, e baixou de novo a cabeça, dirigindo-se a Hideki. – Ryuu-sama... rogo-lhe que, por favor, não sinta-se ofendido. Não é de modo algum intenção minha ou desta humilde casa desrespeitá-lo... Mas não posso aceitar.

– *Ame...*

– E por que não? – desta vez quem interrompeu Keshi foi o daimyo, erguendo a sobrancelha num riso leve. – Sou tão terrivelmente feio?

– Não... não é a aparência de Ryuu-sama – a jovem respondeu gentilmente, e completou, lisonjeira. – Nem poderia ser... A verdade é que há um motivo pessoal para minha vergonhosa atitude.

– Pessoal?

Keshi correu os olhos, afoitos, de Ame para o daimyo. Ele não parecia irritado, sequer aborrecido com a situação – apenas tranquilamente curioso. É claro, o que ele *parecia* não significava absolutamente

nada.

– E que motivo seria esse? Sequer a conheço. Não vejo que ofensa posso ter lhe causado.

– É perfeitamente compreensível que não seja de seu conhecimento... – explicou a moça – ...mas perdi uma pessoa, anos atrás, por ação de Ryuu-sama... E essa pessoa significava tudo para mim.

O rosto de Hideki ficou mais sério.

– Por isso... Por favor, perdoe minha abominável descortesia, mas não posso. Aceitar Ryuu-sama seria uma desonra irredimível à memória dele... Eu não suportaria viver com tal culpa.

Ela tocou o chão com a testa.

– Eu sinto muito... Por favor, imploro a Ryuu-sama que não se ressinta com minha senhora ou mais ninguém... A culpa é toda minha.

Mais silêncio. Anzu e Tsukiyo fitaram Ame com pesar. Hideki admirou a moça à sua frente por longos segundos, o rosto neutro.

– *Basta* dessa tolice, Ame! – Keshi de repente exclamou, ríspida. – Hideki-sama é o *cabeça dos Ryuu de Owari!* Você não *pode* recusar...

– Ora, Keshi-san, não se altere por isso... – interrompeu Hideki, plácido. – ...Se a garota não quer, então não quer. É seu direito. Não há necessidade de forçá-la.

Ele se voltou para a mulher, num sorriso calmo que causou a ela um incômodo frio na espinha.

– Não vamos fazer disso uma cena... Com certeza há outra moça disponível?

– *Hai* – a mulher fez mesura, e chamou. – Matsukaze-san...

Com passos leves, a cortesã em dourado e cereja cruzou o aposento. Não mais velha que Ametsuyu, mas quase um palmo mais alta, a jovem sentou diante de Hideki, após a outra ter se afastado timidamente.

– Matsukaze do Leque de Prata... – anunciou Keshi, num sorriso cauteloso – a flor mais magnífica de Akahana. O sei-taishogun em pessoa já solicitou diversas vezes sua companhia.

– Ryuu-sama... – a bela cortesã se curvou, melodiosa. – É um imenso prazer, e uma honra inestimável, conhecê-lo.

Uma doce brisa de alívio varreu o peito de Keshi diante a expressão satisfeita do cunhado. No fim, a mulher não acreditava na própria sorte. Hideki não se ofendera com a escandalosa atitude de Ametsuyu, e aceitara Matsukaze serenamente.

“...*Foi por pouco*”.

Muito pouco. Agora, Keshi desejava o retorno de Ogumo mais do que nunca. Ao menos em público, Hideki não se mostrara ofendido... E, com sorte, aparências seriam o bastante para que tudo corresse como planejado.

– *Dozo*, Hideki-sama... – a mulher sorriu, subserviente, assim que o daimyo se pôs de pé, e indicou o fusuma à parede oposta do salão – por aqui.

– Hideki-sama...

Ele mal pisara fora do aposento, acompanhado de Keshi e seguido de perto por Matsukaze e dez samurais, quando Nobutaka se aproximou, sério. Hideki fez sinal para que as mulheres e os guardas se afastassem, e, à entrada do corredor, encarou o general.

– *Hai*, Nobutaka-san?

Nobutaka entreteceu o painel entre eles e o salão, não antes de lançar um olhar nítido para Kentaro – que ninguém se aproximasse.

– ...Matsukaze-san foi sugerida diretamente por Keshi-dono – o hatamoto enfim expôs, num sussurro. – Perdoe minha intromissão, mas Hideki-sama não teme que...

– Não se preocupe – o outro replicou, seguro. – Keshi-san nada tem a ganhar, atentando contra minha vida hoje. Mas estarei atento.

– Entendo, mas... – Nobutaka não parecia convencido – muito provavelmente, Matsukaze-san tem a confiança de Keshi-dono... e ordens de conseguir informações.

– Eu sei – o daimyo sorriu.

– Então, não seria mais prudente escolher outra...

– *Hai*, Nobutaka-san, seria mais prudente – Hideki o interrompeu de novo, como quem encerra o assunto. – E bem menos divertido.

Ignorando a expressão apreensiva do general, ele abriu o fusuma novamente, e indicou a Nobutaka que voltasse ao salão.

– Aproveite a noite.

O hatamoto acatou numa mesura grave, e voltou a sentar, junto a Kentaro. Keshi se aproximou cautelosa, seguida pelos soldados em azul. Matsukaze continuou esperando do outro lado do aposento.

– ...Algo errado, Hideki-sama?

– De modo algum.

– Eu... – a mulher hesitou, e curvou-se humildemente – eu peço mil perdões pela terrível atitude de Ametsuyu, esta noite... Nem sei o que dizer a Hideki-sama. Estou tão absolutamente envergonhada!...

– *Hoh*, está tudo bem, Keshi-san... – ele fez, tranquilo. – Sei que não teve culpa alguma no ocorrido.

Mirou de relance a jovem, sentada sozinha à outra porta do aposento, os olhos baixos e as mãos unidas sobre os joelhos.

– Além disso... Ametsuyu-san foi indicada por um conhecido, sequer chamou-me pessoalmente a atenção. Não que a moça não pareça adorável, mas... para ser franco, ela lembra demais minha esposa.

“...Inclusive na atitude”.

– Matsukaze-san certamente será uma companhia mais estimulante.

– Fico muito feliz – Keshi sorriu, com visível alívio.

Ela indicou a Matsukaze que se aproximasse, e a cortesã obedeceu em movimento fluido, colocando-se a três passos do daimyo.

– Peço mais uma vez perdão pelo inconveniente, Hideki-sama.

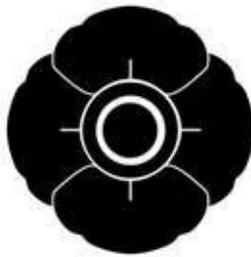
Na verdade, Hideki tinha consideráveis suspeitas de que Ametsuyu o recusara por ordem de Keshi, a fim de levá-lo a escolher a cortesã planejada pela cunhada... E, exatamente por isso, ele decidira fazer questão de entrar no tolo joguinho da mulher, e levá-la a um fracasso completo e preferencialmente humilhante.

– Esqueça – sorriu, magnânimo. – Eu sou um homem compreensivo, Keshi-san... Entendo os sentimentos da garota.

Ela correspondeu o sorriso, curvando-se em concordância ou agradecimento.

– Inclusive... – completou Hideki, casual – peço que Keshi-san não a repreenda por esse incidente tão inofensivo.

– *Hoh*, não se preocupe, Hideki-sama... – garantiu a mulher, amável. – Não o farei.



A nova pancada estourou num baque surdo. A dor aguda e o calor úmido abaixo do olho denunciaram a Ametsuyu que sua pele sofrera mais que um simples arranhão. Ela fechou as mãos frias junto ao corpo, e conteve com esforço a onda de lágrimas que lhe subiu aos olhos. Não concederia a Ogumo o prazer de vê-la chorando.

– *O QUE ESTAVA PENSANDO, SUA VADIAZINHA IMPRESTÁVEL?*

Ela respirou fundo, a cabeça baixa.

– *Por que fez isso, Ame?! – Keshi continuou, desafinada de fúria. – O cabeça dos Ryuu não SERVE para você? Acha que vale mais que uma ESMOLA vinda daquele homem?!*

– *Deixei minhas razões claras diante de Ryuu-sama... Não me arrependo de minha decisão.*

– *DECISÃO?! – Keshi rosnou, a franja meticulosamente rebelde se libertando do coque. – Foi sua decisão ofender um dos homens mais influentes do PAÍS? ARRUIVAR minha imagem e a desta casa?!*

– *Recusar um cliente é meu direito!*

Keshi a golpeou mais uma vez com o leque, na face oposta. A testa de Ogumo franziu com o estalo agudo e o gemido da moça.

– *EU digo quais são seus direitos! Como OUSA me afrontar publicamente, e me HUMILHAR desse modo?!*

Estavam no último andar do maior prédio de Akahana. Aquela ala, de acesso restrito, continha os aposentos e o escritório pessoais de Keshi, além de outras salas de uso particular – como aquela, fechada de madeira e sem janelas, reservada para tratar de questões onde polidez não era necessária. No momento em que Ryuu Hideki dissera seu nome, Ame soubera que seria levada àquele lugar – e que talvez não chegaria a deixá-lo.

Logo após o daimyo e sua pequena comitiva terem se retirado do salão, há pouco menos de duas horas, a jovem voltara a seus aposentos, na ala principal de Akahana. Lá, despira-se de seus luxuosos uchikis festivos, vestira o kimono cor de pérola que usava para dormir, desfizera o penteado e lavara o rosto da perfeita máscara pintada. Ogumo, que chegara do teatro há alguns minutos, não demorou a aparecer e escoltá-la até a sala no andar acima, onde a senhora a esperava.

– *Eu já me responsabilizei... já pedi perdão... O que mais posso fazer!? Se minha ação foi irredimível, por que Keshi-sama não me mata de uma vez!?*

– *NÃO VOU matá-la, miserável! – Keshi sibilou. – Só me traria prejuízo! ...Mas eu garanto, Ame, vai se arrepender amargamente de ter recusado aquele homem...*

“...Não tenho culpa se, antes, *ele* recusou Keshi-sama.”

A cortesã apenas pensara, mas Keshi percebeu o brilho pungente em seu olhar, e bateu nela mais um par de vezes com o leque fechado. Ame não demorou a encará-la de novo, e quando o fez, frisou.

– *Se Keshi-sama continuar machucando meu rosto desse jeito, cliente nenhum vai me querer mais!*

Keshi parou, respirando fundo. Olhou a moça de cima a baixo com nariz torcido, e se virou para a porta fechada, apertando o leque nas mãos. De joelhos no centro da sala, Ame baixou a cabeça, trêmula,

evitando contato visual com os outros dois. Seu rosto queimava e latejava, lágrimas corriam de seus olhos, e ela sentia um fio de sangue escorregando lento pela bochecha, mas não ousava erguer a mão para limpá-lo.

“...*Não me arrependo...* Não importa o que aconteça, *eu não me arrependo...*”.

– Vai passar a noite lá fora, Ame – a voz de Keshi então soou fria. – E ficará sem comida por três dias. Para começar.

A moça estava a meio caminho de erguer o rosto, então achou que perdera um sinal de Keshi para Ogumo. Porque a próxima coisa de que se deu conta foi uma nova pancada. Não como as que levara até então, no rosto. Muito pior. Seu corpo se elevou no ar por um segundo, o chute à altura do estômago aturdindo-a num clarão excruciante. Ela caiu de bruços no chão, num baque duro, e se encolheu num gemido rasgado que a Ogumo pareceu soar como elogio, pois ele sorriu satisfeito em resposta.

– ...A propósito, obrigada pela observação sobre o rosto. Não queremos mesmo comprometer sua aparência – Keshi comentou, em meio à tosse sufocada da cortesã. – O Hanami se aproxima, *neh?*

Dirigiu-se, em tom afetado, a Ogumo.

– Mais uma vez.

Ele repetiu o golpe, com ainda mais força. Ame gritou, curvando-se num novo espasmo lancinante, e um choro de dor escapou, forçoso, de sua garganta. Ela respirou raso, atordoada, e se arrastou debilmente para o lado, evitando a pequena poça sangrenta que acabara de vomitar. Ouviu a porta abrindo, então sentiu os braços de Ogumo ao seu redor, erguendo-a bruscamente e a levando sem cuidado pelo corredor. A jovem até tentou se afastar e se apoiar nos próprios pés, mas ele parecia preferir que o percurso fosse para ela o mais desconfortável possível, então não a soltou.

– Tem muita sorte por Keshi-sama querê-la inteira para o Hanami, Ame-chan... – ele riu suavemente em seu ouvido. – Eu adoraria gastar mais tempo com você.

Ame quis soltar um suspiro de desdém, mas respirar ainda doía demais.

Desceram pela escadaria dos fundos, e seguiram por um corredor fechado aos clientes, de acesso aos aposentos pessoais das cortesãs. Alcançavam quase o segundo lance de escadas quando uma shoji lateral entreabriu, revelando, à penumbra, meio rosto feminino. Ogumo reduziu o passo ao notá-la, e de repente torceu mais o pulso de Ame, aparentemente com o único objetivo de fazê-la gemer. Seu olhar correu, selvagem, para a moça nas sombras, e a porta imediatamente fechou.

“*Perverso doentio...*”, Ame olhou de relance para ele, então para trás. Vislumbrou o vulto da shoji, engolida pela escuridão, e imaginou que, pela manhã, seria o assunto de inúmeros cochichos temerosos...

Seguiram por mais um lance de escadas, então por uma estreita varanda obscura que desembocava numa curva esquecida do jardim. Naquele trecho, a grama e as flores não se dispunham a crescer com vigor, veladas pelas sombras dos telhados e submersas pelas poças que o lago formara, ainda no degelo do último Inverno. Era um lugar frio, inóspito e deprimente, oculto por trás dos luxuriantes jardins que desabrochavam em cores e doces fragrâncias diante dos clientes – irônico, quase um retrato de Akahana.

– Então... – Ogumo atirou a jovem da varanda para uma poça imunda do jardim, dois degraus abaixo – *oyasumi*. Embora eu ache que, a esta altura, Ame-chan adoraria é estar aquecendo a cama de Ryuu-sama, *neh?*

Ame ergueu o corpo e tossiu, sentando na água rasa, gelada e barrenta, a franja ensopada, o kimono arruinado pela lama. Baixou a cabeça, e fingiu sem dificuldade um soluço fraco. Embora seu rosto estivesse oculto por uma cortina negra de cabelos, ela ainda não achava seguro sorrir como desejava, diante aquela última frase. *Tolo*. Ogumo era um tolo. Sequer podia imaginar o quanto estava errado...

Ela não se arrependia.

– Mulher imbecil... – o rapaz se afastou. – Como se nunca houvesse estado num quarto com sujeitos piores...

Longos minutos se passaram. Ame deixara a poça e deitara sob a varanda, num trecho de pedra seco. Seu corpo ainda doía, seu rosto estava em brasa, a água suja que ensopara seu kimono enregelava seus ossos. Mas ali, sozinha no escuro, ela se sentia envolvida pelo silêncio com absoluta gentileza. Seu coração batia sereno, num pulsar inaudível e constante contra o peito. Estava tão leve...

A jovem suspirou, encolhendo-se de lado, e lágrimas que nada tinham a ver com dor correram livremente por seu rosto.

Era como se ela ainda pudesse sentir o toque dele em sua mão.

“...*Meu amor...*”.



– Por aqui, Kyuumura-sama... – Anzu guiou o rapaz gentilmente pelo corredor, que se perdia numa curva escura vários metros adiante.

O quarto reservado a Kentaro ficava quase ao fundo do caminho, à direita. Anzu lhe indicou a porta ainda fechada em mesura.

– *Dozo*. Espero que seja do agrado de Kyuumura-sama.

Ela sentou diante da shoji e a abriu. O quarto era parecido com o de Nobutaka, que, acompanhado de Tsukiyo, os deixara há instantes, atrás de uma porta à esquerda do corredor anterior. Uma paisagem montanhosa adornava a parede dos fundos, em tons leves de castanho, uma janela se abria para o jardim e um biombo baixo isolava o futon largo. Uma lâmpada de chão retangular enchia o aposento com sua luz fraca e amarela, junto à entrada.

– Posso lhe providenciar algo mais? – a jovem fez, prestativa, enquanto Kentaro cruzava a soleira. – Sake? Chá?

– *Iie*... Estou bem.

– ...E... – ela moveu o rosto de lado, um sorriso nitidamente mais malicioso nos lábios – Kyuumura-sama não quer mesmo...

– *Iie!* – o rapaz cortou, súbito, então pigarreou, constrangido, antes de completar – ...*domo*. Não quero companhia.

A moça assentiu, e se curvou em nova reverência, transparecendo discreta mas inegável estranheza.

– Então... *oyasumi nasai*, Kyuumura-sama. Foi um prazer servi-lo.

Ele esboçou um sorriso em resposta, e quando ela o deixou, fechando a porta, suspirou com alívio. Enfim, poderia se fechar naquele quarto vazio e esperar, livre de sorrisos convidativos, pela libertadora luz do amanhecer.

– *Fuu*... – ele se espreguiçou.

Apagou num sopro curto a lâmpada, e foi até o futon de mantas escuras.

– Entendo... – Nobutaka havia dito há alguns minutos, diante a declaração do rapaz de que não levaria cortesã alguma a seus aposentos. – ...Kentaro-san falava sério quando chegamos a Kyoto, *neh?*

Ele confirmou, grave.

– Foi... uma promessa que fiz a Akiko.

– *Hoh?* Akiko-san é mais cruel do que parece, *neh?*... – o outro comentou num riso. – Fazendo-o prometer algo assim...

A resposta veio num sorriso desconcertado.

– Para ser sincero, a culpa foi minha... Mas não me arrependo.

O general o olhou por um momento, francamente admirado.

– ...Significou muito para ela – Kentaro concluiu.

Ele achou que Nobutaka o chamaria de maluco ou o que o valesse, mas, para sua surpresa, o homem

sequer sorriu. Ao contrário, sua voz então soou muito séria.

– Entendo.

“Agora pensando...” o rapaz parou junto ao biombo, tirando a katana da cintura. “Atae-dono não parece ser casado, embora...”

Deixou a espada ao lado do futon grosso, onde sentou. Seus olhos aos poucos se acostumavam à escuridão. Por uma fresta entreaberta da janela, via-se o céu escuro de uma noite já alta. Kentaro não achou que demoraria a cair no sono.

“Akiko já deve ter voltado do teatro...”.

Deitou no centro da cama, as mãos atrás da cabeça, o olhar sonolento perdido no teto. Sorriu vagamente, lembrando-se do rosto dela naquela tarde, e, como esperava, logo dormiu.



Narcisos floresciam à margem do lago, o dourado do poente refletido nas pétalas amarelas. Sob a ponte, imensas peônias rosadas se destacavam em meio às folhagens. Acompanhando as varandas, as cerejeiras se cobriam de suas flores delicadas. A Primavera envolvia Kyoto no ápice de seu esplendor.

– Desculpe-me se esta tarde foi tediosa para Kentaro-sama... – Okori Akiko olhou para a caixa de papéis em suas mãos, então para as costas do noivo, alguns passos à sua frente. – Estive concentrada em terminar isto, e acabei mal lhe dando atenção.

– *Iie*, foi muito agradável – ele respondeu, virando-se num sorriso para olhá-la. – Akiko-dono irá passar a tarde de amanhã escrevendo, também?

– *Hai*, mas... Kentaro-sama deve ter coisas mais interessantes a fazer do que sentar e me esperar, *neh?* Escrever um poema leva muito tempo... Ao menos, para mim.

– Não me incomode – Kentaro parou, pouco antes de cruzarem a ponte. – Gosto da companhia de Akiko-dono... mesmo quando tão silenciosa.

Ela sorriu, desviando o olhar para as peônias abaixo.

– Mas se preferir ficar sozinha... – ele completou com cautela.

– *Iie*... É um prazer ter a companhia de Kentaro-sama. Apenas...

A moça hesitou, então completou num tom que Kentaro não soube dizer se era de mera provocação ou se escondia uma preocupação verdadeira.

– ...Não vai se cansar de mim?

Ele soltou um riso curto pelo nariz.

– *Me cansar?*

Akiko o olhou, uma expressão casual ainda difícil de decifrar.

– Como eu poderia? Akiko-dono... é a pessoa que amo. Nunca vou me cansar de sua companhia.

– Mesmo depois de passar muito tempo comigo? Ou... depois de nos casarmos?

Kentaro meneou a cabeça, num suspiro tranquilo.

– ...Akiko-dono teme que eu seja como Kenjiro ani-san?

Ela deu de ombros, evasiva, mas seu silêncio foi involuntariamente afirmativo. Kentaro não pôde evitar abrir um sorriso – ela estava com ciúmes.

– Se há algo que Akiko-dono deve saber sobre os Kyuumura, é que pouco temos em comum além do nome – ele explicou. – Eu, Yusuke ani-ue, Kenjiro ani-san... somos completamente diferentes.

Uma garça veio planando pelo jardim, e pousou com leveza na margem oposta do lago. Todo o céu já se cobrira de laranja e vermelho. Logo escureceria.

– Kenjiro ani-san pode ser do tipo que vive cercado de mulheres diferentes. Mas eu... Se eu tiver a afeição de Akiko-dono, nunca precisarei de qualquer outra.

Eles se olharam por um momento, Kentaro confiante, Akiko admirada. Aquela caixa de papéis, embora leve, começava a ser um incômodo.

– Ah... – a jovem se voltou para a primeira coluna da ponte, baixa e quadrada, e deixou ali a caixa, num movimento suave – mentiroso.

– Estou dizendo a verdade...!

Kentaro se aproximou da noiva, e hesitou por um instante, avaliando se tal frase soaria demasiado imprópria, mas acabou concluindo.

– Akiko-dono... é a única mulher que eu desejo.

Ele logo se perguntou se fora longe demais, pois Akiko corou a olhos vistos, e seu olhar fugiu para os reflexos do Sol no lago. Um silêncio desconfortável ameaçou se instalar entre os dois, e Kentaro abriu a boca para tentar amenizá-lo. Mas a moça falou primeiro, ainda voltada para a água calma.

– Eu... – a voz dela saiu polida, mas transparecendo inegável ansiedade – realmente significa tanto para Kentaro-sama?

A respiração dele falhou. *Hai*. Absolutamente!

– Akiko... – ele começou, então se corrigiu, nervoso. – Akiko-dono...

Sua mão buscou a da moça.

– *Eu a amo*. Akiko-dono significa *tudo* para mim.

Ela sorriu com ternura, então ergueu a sobrancelha num riso de incredulidade.

– E... Kentaro-sama não se importaria em não ter nenhuma outra além de mim.

– *Iie*.

– *Nunca?*

Ele riu. Era meio frustrante que Akiko se mostrasse cética quanto a suas palavras – mas absolutamente adorável vê-la tão interessada na resposta.

– Nunca – confirmou, solene.

Akiko parou, fitando o noivo numa expressão intrigada, que, gradualmente, se tornou de espanto. Kentaro a olhava de volta, franco.

Ele estava falando sério.

– Kentaro-sama... tem mesmo certeza do que está dizendo?

O rapaz assentiu, então provocou.

– ...A não ser que tal ideia não seja do agrado de Akiko-dono.

– *Iie...!*

O rosto de Akiko ficara radiante, e Kentaro achou que nada no mundo poderia fazê-lo mais feliz do que receber aquele olhar vindo dela.

– Eu... – a jovem tentou em vão suprimir o sorriso, a face nitidamente mais rosa – ...eu gostaria muito disso.

As mãos de Akiko envolveram as do noivo num gesto carinhoso, e ele a trouxe para mais perto.

– Então... – concluiu – é uma promessa.

O sorriso da moça se alargou, e ela abraçou Kentaro numa alegria muda, o que fez o coração dele disparar. Permaneceram assim por um momento, enquanto o céu se coloria lentamente de verdes e azuis, o horizonte abrandando seus tons incandescentes.

– Kentaro-sama... – ele ouviu a voz de Akiko murmurar, doce, e se afastou para ver seu rosto.

– *Hai?*

Ela hesitou por um instante, durante o qual Kentaro esperou com inexplicável ansiedade. Então sorriu, e ergueu o rosto, devagar. O rapaz a fitou de volta, esperando-a falar, mas sua noiva nada disse. Cerrou os olhos, aproximando-se ainda mais, até que seus lábios tocaram os dele, e os pressionaram lenta e

suavemente.

Kentaro congelou.

Hai, nos últimos tempos, sua noiva vinha sendo cada vez mais afável em relação a ele... Já lhe lançara sorrisos, já o puxara pela mão, até o abraçara... Mas... uma carícia tão íntima como aquela não era algo pelo qual ele esperava.

“Akiko...”

Ele abraçou a noiva pela cintura, trazendo-a para junto de si ao corresponder seu toque. E se sentiu o homem mais feliz do mundo. Akiko o amava. Não havia mais nada que ele pudesse desejar enquanto vivesse.

“Se é por sua felicidade... jamais irei me arrepender.”

Capítulo 5

Papoula



– ...*Keshi*?

– *Un*. É mesmo um lindo nome, *neh*...? Muito exótico!

– Hisashi... Vai realmente *se casar* com uma mulher chamada *Keshi*?

Hisashi, terceiro príncipe do clã Ryuu de Owari, franziu a testa, aborrecido. Não entendia por que o irmão mais velho o olhava como se ele houvesse acabado de anunciar que se casaria com uma carpa.

– Qual o problema com *Keshi* ^[61], *ani-ue*...? É uma flor.

– É um *entorpecente* – o outro corrigiu, num impiedoso erguer de sobrelance.

– *Keshi-san* é uma dama singular – Hisashi argumentou, em tom ofendido. – *Ani-ue* verá que tenho razão, quando conhecê-la.

Obviamente, não foi o caso. Ao ser apresentado à noiva sem estirpe de seu irmão mais novo – *hai*, aparentemente, sequer procedência a tal mulher tinha... –, o senhor de Nagoya teve logo percepção de sua natureza. *Keshi* era uma jovem de dezenove anos e beleza marcante. Seu kimono era de tons pastéis, o *uchiki* sem adornos sobrepondo-lhe modestamente a silhueta curvilínea. Seus cabelos sedosos estavam presos à altura dos ombros por um grácil laço frouxo, e sua maquiagem evocava leves nuances rosadas. Superficialmente, ela compunha uma figura assaz doce. Muito superficialmente.

Hideki a viu se aproximar pela varanda a passos calculadamente tímidos, e se curvar em mesura com o mesmo sorriso mimoso que ele costumava receber de todas as cortesãs que conhecia. Ao falar, sua voz vinha em timbre diáfano, suave, tão claramente dissimulado que era irritante.

E o olhar...

O olhar daquela mulher era o que mais preocupava o daimyo. Hisashi nunca fora muito perspicaz, mas já deveria tê-lo notado – o brilho de argúcia que de vez em quando escapava por detrás da máscara singela. Três dias após a futura cunhada ter-lhe sido apresentada, Hideki teve a primeira de muitas discussões com o irmão a seu respeito.

– Então... – o mais novo começou, transparecendo ansiedade, enquanto jogavam shogi ^[62] após o jantar – ...o que *ani-ue* achou de *Keshi-san*?

Hideki tirou os olhos do tabuleiro para encarar o irmão, e os baixou de novo, o rosto neutro. Mirou as peças claras em silêncio por um instante, estudando seu próximo movimento, ou a resposta.

– Entendo que sinta atração – então concluiu, como se falasse à peça que movia adiante. – ...*Keshi-san* é muito bonita.

O tom fora um tanto frio para uma aprovação. Hisashi contemplou o tabuleiro de madeira, e voltou a

olhar o irmão. A última jogada de Hideki lhe parecia ilógica.

– ...E...?

Como, após vários segundos, Hisashi ainda o encarava, fixa e irredutivelmente, o daimyo ergueu os olhos, e franziu a testa ao completar.

– ...E, se Hisashi tivesse um mínimo de bom-senso, sequer cogitaria desposar tal ordinária dissimulada.

– *Eehh!?* – o outro exclamou, e, diante um erguer de sobrancelha do mais velho, baixou novamente o tom antes de prosseguir. – Ora... ani-ue...! Como pode dizer isso de minha noiva?

– Foi Hisashi quem pediu minha opinião. Espanto-me que não compartilhe dela.

O irmão não respondeu de imediato, mas o fitou em silêncio, pasmo e ofendido. Hideki sustentou, paciente, seu olhar arregalado. Era bom que aquele tolo não estivesse esperando amenizações de sua parte... definitivamente iria se desapontar.

– ...Por quê? – o mais jovem suspirou por fim.

– Vários motivos convergem... – Hideki explicou, sereno, e indicou o tabuleiro em gesto convidativo.

Hisashi moveu, de má vontade, uma de suas peças para a lateral.

– ...Em primeiro lugar, como me relatou, Hisashi a conheceu num festival em Kyoto – o daimyo fez sua jogada em seguida – ...onde Keshi-san... *espontaneamente* mostrou interesse por sua pessoa.

– ...Seria melhor se ela torcesse o nariz à minha mera visão?

– Não *melhor*, mas certamente mais *plausível*.

Hideki observou o correr cauteloso da próxima peça do irmão no tabuleiro, com pouca atenção.

– A meu ver... – concluiu – numa futura esposa, indiferença seria a reação mais coerente, e leve empatia, a mais desejável. Extremos afetivos não são naturais, não nesse nível raso de convivência.

Hisashi suspirou, atônito. Às vezes se perguntava se o irmão tivera o coração devorado por algum youkai [\[63\]](#), quando bebê.

– Então... ani-ue desconfia por Keshi-san me amar?

– Keshi-san sequer é nobre – Hideki alisou o cavanhaque bem-aparado, os olhos correndo pelo tabuleiro. – Não parece muito *conveniente* a ela amar um dos homens mais ricos do país?

Hisashi fechou o cenho.

– A atitude da mulher também não me agrada.

– Oh, seja razoável, ani-ue... Keshi-san é um doce!

– Hisashi... – o mais velho suspirou – hoje, durante o jantar, fiz um comentário irônico a respeito do general Akira-san... Muito sutil, o parvo sequer notou. Entretanto, inclusive para minha surpresa, Keshi-san suprimiu um riso ao ouvi-lo.

Hisashi respondeu à declaração austera num dar de ombros.

– Significa que minha noiva é inteligente.

–...Significa que sua noiva é *mais inteligente* do que quer *parecer*! Se consegue acompanhar meu raciocínio, por que formula as próprias frases como uma ingênua?

– Ani-ue...

– Ela é uma *fraude*!

– *Eu a amo*! – o príncipe replicou, como quem encerra o assunto. – ...E Keshi-san me ama. Eu acredito nisso, e lamento que ani-ue não acredite também!

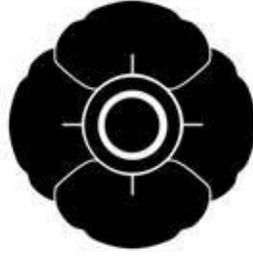
Olharam-se gravemente por um momento. Então Hideki, de súbito, moveu num gesto firme uma peça

inesperada. Hisashi se voltou em sobressalto para o tabuleiro. Ele sequer percebera... Seu rei estava inescapavelmente preso.

– ...Como...?

O daimyo soltou um suspiro duro pelo nariz.

– ...Com uma simples dose saudável de *malícia*, Hisashi.



Ametsuyu fitou o rosto no espelho circular. Um vergão roxo e inchado cortava sua maçã esquerda do rosto, uma versão suavizada do mesmo ferimento mais abaixo, na face direita. Analisando-os, a moça suspirou. O Hanami seria dali a pouco mais de dez dias...

“Até lá, estarei bem o bastante...”, concluiu, quase desejando que Ogumo ou sua senhora a tivessem acertado com mais força. Ver a frustração de Keshi diante aquele rosto caro irreparavelmente marcado por sua própria culpa teria valido à pena.

– Ame ane-san...!

A voz fora acompanhada pelo correr suave da porta. Ame se voltou, e sorriu ao ver a recém-chegada. Era uma moça de quinze anos, a franja simétrica contornando seu rosto e parando à meia-altura das bochechas. Usava um kimono vibrante, atado por um obi volumoso. A aprendiz e auxiliar de Ame.

– Botan-chan... *ohayo gozaimasu*.

A garota não sorriu com leveza como de costume, mas entrou no quarto e sentou diante da mais velha, as mãos juntas e a expressão aflita.

– Hanano-san contou o que houve ontem à noite... Ane-san está bem? Ogumo-sama a machucou muito?

Ela admirou brevemente o ferimento no rosto da outra, então franziu a testa.

– Aquele bruto, covarde... Pobre ane-san! Está doendo?

– *Iie*, estou bem... – Ame levou a mão ao machucado. – Foi só o leque de Keshi-sama. Irá desaparecer em alguns dias.

– ...Sinto muito por não ter estado por perto.

– Não precisa sentir. Não haveria o que Botan-chan pudesse fazer, *neh?*

Era uma verdade inquestionável. Ainda assim, Botan se sentia mal.

– Ah...!

O rosto da mocinha subitamente se iluminou, e ela fechou a porta que deixara entreaberta. Voltou-se para a mais velha, e tirou da manga uma bolsinha de seda. Desfez o laço do cordão, e a abriu cuidadosamente.

– ...Tonjiki ^[64]?

– Do meu almoço – Botan riu, marota. – Notei a ausência de ane-san durante a refeição, e imaginei que a megera a tivesse proibido de comer de novo... Fique com eles.

Ame pegou o par de bolinhos com cuidado.

– ...*Arigato gozaimashita* – sorriu.

– Desculpe-me, sei que é pouco... Mas desconfiariam se me servisse de mais que o usual, *neh?* Pedirei a Anzu-san que traga algo para ane-san após o jantar.

– Não deviam se arriscar por minha causa... São apenas três dias.

A outra balançou a cabeça.

– Vamos. Trate de comer escondida, e de parecer faminta em público.

Ame fez uma reverência de gratidão, e obedeceu. Um silêncio breve se seguiu, e ela terminava o segundo tonjiki quando Botan perguntou, cautelosa.

– ...Ane-san fez mesmo o que Hanano-san disse?

Engolir aquele último bocado de arroz foi distintamente mais difícil. Ame o fez, e baixou os olhos, tomando fôlego. A ardência dos cortes em seu rosto, até então quase ignorada, tornou-se incômoda de repente.

Ela assentiu.

– ...Ame ane-san tem muita coragem.

Ela não queria realmente falar a respeito. Era verdade que aquelas lembranças às vezes a reconfortavam. Quando vinham acolhedoras e vívidas, suas imagens e sons a envolviam tão intensamente que ela quase podia reviver a felicidade de então... Mas... outras vezes, aquelas memórias doces meramente a afligiam como assombrações.

– Essa pessoa... deve ter sido muito especial, *neh?* – a outra falou, gentil. – Ame ane-san... poderia me contar algo sobre ela?

Ame agora queria chorar. Sorriu.

– Ele... foi o único homem que amei... e o único que irei amar, por toda a minha vida. Meu único desejo é... reencontrá-lo depois do fim.

Por longos segundos, o silêncio retornou, denso. Ame suspirou, cansada. A outra moça, então, chamou sua atenção ao se curvar em longa mesura.

– ...Não se aflija. Quando o momento chegar, ane-san estará com ele.

Ela segurou as mãos da outra, e garantiu num sorriso.

– Tenho certeza.

Desta vez, Ame não pôde conter um par estranhamente leve de lágrimas.

– ...*Arigato*, Botan-chan.



– ...Hideki-sama.

– Ah, Nobutaka-san. Estava à sua espera.

O general fez reverência antes de cruzar a porta, então se aproximou. Era o meio da tarde, e ele há pouco recebera o aviso de que o mestre o aguardava no escritório.

Havia um biombo baixo à entrada, e um barrado de ouro contornava o teto. No centro, separadas por uma larga bandeja de madeira vazia, duas almofadas finas de tom neutro se colocavam frente à frente. Ryuu Hideki, num kimono informal de textura rica, ocupava uma delas. Ao sentar no lugar vazio diante do daimyo, Atae Nobutaka o olhou com presteza, apesar do incômodo resquício de dor de cabeça que ainda trazia da visita a Akahana, na noite anterior – culpa de Tsukiyo e seu excelente sake.

– Suponho que esteja curioso quanto a minha conversa com Keshi-san, ontem – Hideki começou. – Para ser sincero, estive ansioso para tratar do assunto com Nobutaka-san, e ouvir sua opinião.

– É uma honra ouvir tais palavras, Hideki-sama – o homem fez mesura. – Por favor, se eu puder ser útil...

– *Un...* Recebi informações de possível valor. Quero que verifique sua veracidade.

– *Hai.*

– Em primeiro... Soube que a saúde de Itou-dono vem se mostrando mais frágil desde o último Outono. Ao que parece, os pulmões do velho general enfim estão sentindo o peso das décadas... Pode se tratar de mero boato, é claro. Mas, se for verdade, estarei diante de uma oportunidade vital.

Itou Tatsuya era um dos três generais que comandavam o exército do Bakufu, cunhado do shogun, e, abertamente, seu oficial favorito. Vassalo de maior confiança dos Ashigawa desde o governo do pai de Yoshinobu, o homem não mostrava sequer remota disposição em deixar seu posto e suas responsabilidades. Ao menos, não em vida.

– ...Devo pedir a Shikamori-dono que sonde potenciais substitutos? – perguntou Nobutaka.

Hideki negou.

– Aquele parvo certamente indicaria alguém inconveniente, ou pior, acabaria se expondo... Itou-dono não ficaria nada satisfeito, e se reportasse isso, o shogun acabaria por ele mesmo indicar um sucessor.

O daimyo sorriu.

– Portanto, confio a tarefa a meu homem de confiança. Nobutaka-san ainda tem amigos no exército do Bakufu, *neh?*

– *Hai* – o general confirmou, a responsabilidade comprimindo ainda mais sua cabeça latejante. – Não irei decepcioná-lo, Hideki-sama.

– Sei disso.

Seria um desafio. O poder da tríade de generais do Bakufu era considerável, e conquistar seu apoio, especialmente com a guerra crescente, era crucial para o clã Ryuu.

O mestre de Nobutaka já contava com certa vantagem a esse respeito. Um dos atuais generais,

Shikamori Akira, alcançara seu posto por influência de Hideki, a quem se aliara quando comandante, há mais de uma década. O homem tinha habilidade militar razoável, e uma argúcia pouco desenvolvida – o que, na verdade, sempre fora mais uma conveniência que um problema. Além disso, era certo que Akira ainda temia o outrora patrono o bastante para ser-lhe leal... Quanto a ele, Hideki não tinha preocupações.

Mas ainda havia os outros dois. Okamura Hayate, um carnicheiro petulante dado a ironias que Nobutaka tivera o franco desprazer de encontrar em poucas e infrutíferas reuniões que o homem tivera com seu mestre, e Itou Tatsuya, de fidelidade incorruptível aos Ashigawa. Sem dúvida, a morte de qualquer um deles seria oportuna – em especial do mais inflexível, o velho Tatsuya. Mas encontrar um substituto adequado, aprovável pelo shogun e pelos conselheiros do Bakufu, seria uma tarefa delicada.

– Keshi-san me deixou também a par da morte do irmão mais novo do shogun, Yoshiharu-sama, no último Inverno – Hideki interrompeu o pensamento de Nobutaka.

– Morto? ...Alguma doença repentina?

– *Iie*, o pobre infeliz pisou em falso numa escadaria, no meio da madrugada... Decerto estava bêbado, embora tal suposição não tenha sido mencionada quando a notícia foi dada pública... naturalmente.

– ...Então...

– Não vejo utilidade imediata no fato – o daimyo ponderou. – Mas Yoshiharu-sama era o último irmão vivo do shogun, *neh?* Sua morte é uma perda para o sangue do clã... O príncipe só teve uma filha antes de perder a esposa. Aparentemente, há poucos anos, chegou a tomar uma consorte na esperança de gerar herdeiros, mas... não foi seu karma. Agora, resta apenas a linhagem do shogun.

– *Un...* – Nobutaka fez curtamente que sim.

– Quanto aos Ashigawa, há outras informações gerais de pouco impacto... Como dito no banquete, a sobrinha do shogun está debilitada por uma doença incomum, e o filho de um herbalista de Osaka foi convocado para tratar de sua saúde... A filha mais nova do príncipe herdeiro completará seu terceiro aniversário em alguns meses, e uma comemoração cerimonial é esperada na ocasião... E, o mais importante: o segundo príncipe enviará notícias de Mutsu em breve. Rumores sugerem que a guerra ainda irá se prolongar, e o exército do Bakufu precisará de mais apoio das províncias. Mas nada é oficial, ou seguro, ainda. Um comandante deve trazer o relatório a Kyoto até o Hanami.

– Keshi-dono imagina quem seja o mensageiro? – Nobutaka perguntou.

Se bons kamis ^[65] trouxessem à capital um aliado, talvez o mestre pudesse obter as informações antes mesmo do clã Ashigawa...

– O velho shogun ainda não perdeu a lucidez a esse ponto – o daimyo soltou um riso pelo nariz. – Pode ser qualquer comandante no fronte... Além da possibilidade de que o enviado seja um anônimo recém-promovido.

– ...Então, a esse respeito, só poderemos esperar.

– Receio que sim.

O hatamoto anuiu, pensativo. Durante o breve silêncio que se seguiu, começou a imaginar que nomes seriam favoráveis ao mestre entre os muitos possíveis mensageiros do fronte, e então, entre os militares do Bakufu influentes o bastante para concorrerem a uma vaga deixada por Itou Tatsuya... Passados alguns segundos, porém, Hideki atraiu novamente sua atenção.

– Mas... O que mais me intrigou ao falar com Keshi-san não foram as notícias.

– Keshi-dono... fez a Hideki-sama alguma proposta?

– ...Duas, na verdade. Em primeiro, uma aliança entre ela e o mon dos Ryuu... A extensão do serviço

de informações do qual já disponho, em troca de proteção política.

– *Hoh?*

...Então, ela temia os Tetsuyama a esse ponto?

– Aparentemente, não fui o único a notar algo estranho na proposta – o daimyo comentou, satisfeito, em resposta à testa franzida de Nobutaka.

– De fato, diante uma crise política, Keshi-dono estaria mais segura se afastando dos Ryuu.

– ...A não ser que não pretenda intimidar quem se supõe – Hideki instigou.

– *Un...* – Nobutaka concordou, então concluindo – a escória fora-da-lei?

– Parece o tipo de inimigo que o mon dos Ryuu afugentaria, *neh?*

Era plausível.

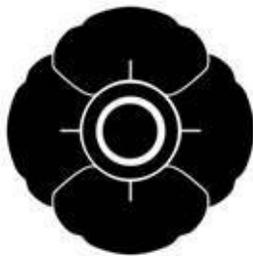
– Embora as informações de Akahana me sejam muito convenientes... – Hideki cruzou os braços – a pretensão de tal proposta é me manipular. E isso me perturba de modo quase intolerável.

– Hideki-sama recusará o trato?

– ...Talvez. Seria uma decisão mais fácil, se a segunda proposta não fosse tão interessante.

Nobutaka acompanhou, curioso, os olhos do daimyo correndo de relance para a porta fechada, então de volta para seu rosto.

– Quão valiosa Nobutaka-san consideraria – ele então começou, baixando a voz – ...uma sombra a seu comando dentro do Hana-no-Gosho?



– Como, não conseguiu *nada!*?

Matsukaze respirou fundo. Não lhe bastasse o aborrecimento da noite anterior, ela ainda teria de discorrer a respeito diante de Keshi, então lidar com as reclamações subsequentes... Que problemático.

– Eu sinto muitíssimo, Keshi-sama... – a jovem se curvou humildemente – mas não fui capaz de obter informações.

– Ora, quem diria... – recostado junto ao biombo, Ogumo provocou. – Será que Matsukaze-san está perdendo seu toque?

Ela lançou um olhar pungente para o rapaz, então se dirigiu, austera, à mulher sentada à sua frente.

– Eu realmente tentei, Keshi-sama... Mas ele não quis beber mais uma gota de sake... Bajulei-o, e ele continuou indiferente, e quando tentei guiar a conversa para a comemoração do Hanami...

– *Hoh*, Matsu-san... Sei que deve considerar a vida social da nobreza um tópico fascinante, mas minha intenção esta noite é exatamente a de me afastar por algumas horas desse tipo de conversa.

– ...Ele exigiu que eu mudasse de assunto!

Keshi fechou mais o cenho.

– Então Matsukaze desistiu?

– *Iie* – a cortesã negou, ofendida. – Esperei uma oportunidade de abordá-lo ainda mais indiretamente... Ele percebeu, e me deu um ultimato!

– ...Se o interesse de Matsukaze-san por política é mesmo tão obstinado, talvez eu devesse solicitar uma mulher menos inteligente.

Porco prepotente, tratando-a como a uma qualquer... Fora um privilégio, uma honra para *ele* tê-la naquela noite! *Ela*, Matsukaze do Leque de Prata, a cortesã mais renomada da capital, *do país*, que fora honrada pelo seii-taishogun, pelo kampaku, que apresentara a graça de sua dança diante o próprio Imperador Sora...

Como ele ousara humilhá-la daquele modo?!

“*Imperdoável...*”

– ...Não pude fazer mais nada a respeito – ela finalizou.

Um momento de silêncio se seguiu. Matsukaze soltou um suspiro baixo e curto, e ergueu, sorradeira, os olhos amendoados. Keshi, sentada à mesinha no centro da sala, ainda a fitava com desaprovação.

– ...Que decepção – sibilou, ao encontrar o olhar da cortesã.

“*Tch...* maldita petulante... Eu é quem deveria repreendê-la, por me ceder a um homem tão insuportável!”

– Rogo-lhe mil perdões, Keshi-sama... – falou a jovem, em reverência profunda – por minha vergonhosa incompetência. Irei me esforçar ainda mais no futuro.

– Assim espero – Keshi retrucou. – Ou começarei a pensar que Matsukaze está mesmo perdendo seu toque... e sua utilidade.

A cabeça ainda baixa, Matsukaze pôde disfarçar o impulso de franzir a testa. Keshi a ameaçara. Realmente a ameaçara! Isso... era perigoso.

– Pode sair.

A resposta da moça saiu grave e meio rouca.

– *Hai*, Keshi-sama.

Ogumo a mirou se pôr de pé, o rosto ligeiramente pálido, e, após nova mesura, afastar-se e sair, o painel fechando silencioso atrás de si. Ele nunca vira Matsukaze tão abalada... Começou a se perguntar o que estaria passando na cabeça da cortesã, quando Keshi atraiu sua atenção num suspiro longo, estendendo-lhe seu cachimbo de prata.

– ...Acenda isto para mim, *hai*, Ogumo?

Ele assentiu, curto, ao sorriso mortiço da senhora, e levou o objeto, em forma de dragão, até a lâmpada de chão à porta. Keshi se acomodou e pôs-se a desfazer sem pressa o coque dos cabelos. Um tênue fio de Lua Nova logo estaria visível no céu.

– Eu deveria saber que não seria tão fácil – Keshi suspirou, ajeitando os cabelos soltos – ...mas acho que a esperança persiste, *neh*?

Ela correu os olhos para Ogumo, esperando sem grande interesse uma resposta, mas o jovem ator continuou em silêncio. Estava de costas para a mulher, um vislumbre da perfeita linha do pescoço atlético visível entre os cabelos escuros e uma sobreposição meticulosamente caótica de kimonos coloridos. Keshi admirou o relance vermelho das papoulas que o rapaz levava tatuadas da nuca ao ombro direito. Um presente para ela, sorrira ele ao mostrar-lhe o desenho, no início da estação.

Ogumo se voltou, estendendo-lhe, suave, o longo cachimbo aceso.

– Por favor, não se preocupe, *neh*...? Se tudo correr como esperado, Keshi-sama logo terá muito mais informações acerca de Ryuu-sama do que Matsukaze-san jamais poderia obter num quarto.

– Se tudo correr como esperado... – Keshi repetiu, o olhar distante.

– Keshi-sama espera que ele aceite...? – a voz macia de Ogumo soou então mais cuidadosa. – O que sugeriu a reação dele, noite passada?

– *Hoh!* A reação de Hideki-sama nunca sugere nada... Só posso esperar ter sido persuasiva o bastante.

A hesitação de Ogumo em fazer a próxima pergunta se traduziu numa pausa curta, após a qual o rapaz enfim falou, cauteloso.

– ...Ele se deitou com Keshi-sama?

– Ora, Ogumo!... – ela ergueu uma sobrancelha fina, o vago riso imperturbado. – Não seja indiscreto, *neh*? Se quisesse tê-lo a par desses detalhes, não o teria dispensado para atuar, na ocasião.

– *Hai*, Keshi-sama. Por favor, perdoe minha inconveniência – ele se curvou.

– *Un*...

Iie, a resposta à imprópria indagação de Ogumo era negativa... Ela até criara a oportunidade, mas Hideki, como de costume, a ignorara casualmente. Era esperado, mas ainda frustrante. Conseguir se aproximar como amante do daimyo renderia a ela uma vantagem notável, embora...

“A morte de Hisashi parece tê-lo deixado irreversivelmente arredio em relação a mim... Duvido que eu viesse a conquistar alguma confiança, de qualquer forma.”

– Hideki-sama não é nenhum tolo... – ela comentou. – Por isso, fui cuidadosa em minhas palavras. Infelizmente, não há garantia que funcione... então teremos de esperar.

Silêncio, o eco indistinto de uma melodia familiar trazido da outra ala, além dos pessegueiros. A

mulher tragou devagar a fumaça rala do cachimbo, e soprou frágeis espirais por entre os lábios, o olhar distante. Sorriu para si mesma.

“Que é incerto, é incerto... Mas, se o conheço como acho que conheço... Hideki-sama... ousou apostar que sua resposta será positiva”.



– ...Essa mulher não é confiável.

Hisashi suspirou. Deveria saber que o irmão não resistiria a levantar mais uma vez tal tópico desagradável. Ele demorou o olhar na tigela em suas mãos, o vulto de seu rosto tremulando no chá escuro. Mal chegara de viagem a tempo de receber Hideki em sua mansão em Kyoto, antes que o irmão voltasse a Nagoya, dali a dois dias... A última coisa que desejava era discutir com ele novamente o mesmo tema, como da vez passada, e da anterior...

– Não podemos mudar de assunto, ani-ue...? – o príncipe sorriu, aborrecido.

– Depende. Hisashi não pode mudar de esposa?

Mais um suspiro. A teimosia de Hideki parecia não ter limites.

– Ani-ue... Por favor, não insista mais em falar nisso. Sei que não aprova Keshi-san... Mas, francamente, eu não me importo.

– Pois deveria! Hisashi... sabe que só lhe desejo bem. Recuso-me a vê-lo casado com essa interesseira e não protestar!

– Interesseira – o mais novo repetiu, cruzando os braços. – Ani-ue é muito cruel, *neh...*? Parece-lhe mesmo *impossível* que Keshi-san tenha se interessado por *mim*, não por meu dinheiro, nome, ou o que seja? É injusto acusá-la por ser bonita! ...Fosse assim, o que eu poderia dizer de Masako-dono?

Hideki não pôde evitar revirar os olhos. Estimava sinceramente o irmão, mas era sempre um alívio saber que ele próprio, e não Hisashi, era o cabeça do clã Ryuu... Sob o mando de tamanho parvo, a família inescapavelmente estaria fadada à ruína.

– Isso... é *completamente* diferente, Hisashi – explicou o daimyo. – Masako...

Ele analisou brevemente os incontáveis adjetivos que diferenciavam sua dócil esposa daquela dissimulada que seu irmão insistira em acolher sob seu nome, quase oito meses atrás.

– Masako é um *rouxinol*... Frágil, totalmente inofensiva. Isso é claro nos olhos dela. A natureza de Keshi-san é outra... Eu a chamaria de serpente.

– *Serpente*? – Hisashi repetiu, irritado. – ...O que quer dizer com isso, ani-ue?! Acha que minha mulher seria capaz de me trair?!

Não, Hideki não achava. Sabia disso. Estava hospedado naquela mansão há seis dias, e aproveitara a ausência do irmão até a tarde anterior para testar suas suspeitas a esse respeito. O resultado não o surpreendeu. A mínima insinuação de sua parte fora o bastante para Keshi recebê-lo calorosamente em sua cama – duas vezes. É claro, Hisashi não precisava saber desses detalhes... Embora a teimosia daquele tolo tentasse Hideki a contar-lhe a verdade em seus pormenores mais sórdidos.

– ...Eu *acho* que Keshi-san não desprezaria uma oportunidade de vê-lo morto – o daimyo concluiu.

A resposta de Hisashi foi encará-lo, agora numa expressão meio hostil. Hideki também não estava ficando mais calmo.

– Droga, Hisashi, eu sou seu *irmão*! – exclamou, ofendido. – Por que se recusa a confiar em mim?!

– Confio em suas intenções, ani-ue... – o outro replicou, inflexível – mas não em seu julgamento. Escolhi Keshi-san como esposa, e está decidido. Por favor, não toque mais nesse assunto!

Eu poderia contar, pensou então Hideki. Seria um favor a seu irmão, obrigá-lo a ver a realidade e livrá-lo daquela mulher perigosa... Inevitavelmente, porém, observou, Hisashi o detestaria em algum grau como resultado...

– ...Hisashi...

– Poupe seu fôlego, ani-ue. Minha vida pessoal não lhe diz respeito!

Hideki parou. Seu senso de obrigação e sacrifício ficara de súbito mais leve. Ele mirou, grave, o irmão mais novo. Hisashi sustentou seu olhar, resoluto, sem traço de arrependimento por sua rispidez. Um silêncio demorado e gélido se abriu entre os dois. Intocado sobre a mesa, o chá de ambos envolvia o aposento com seu aroma profundo.

...Onde ele estava com a cabeça, cogitando a estupidez de se expor...? Se Hisashi não era capaz de acatar sua advertência por confiança, por *lealdade*, sem a necessidade de provas, então não merecia conhecer suas razões. Era mesmo melhor poupar o fôlego, concluiu Hideki.

Não diria mais coisa alguma.

– *Yosh...* – ele alcançou sua tigela fumegante, e concluiu, seco. – Faça como quiser.

Capítulo 6

Florescer



O cantar melódico e insistente de um tordo no telhado trouxe Ashigawa Kiyoko de um sonho confuso para a luz branda da manhã. A princesa sentou no futon e inspirou fundo a brisa que entrava pela janela. Parecia fazer anos que não se sentia tão bem.

– *Ohayo gozaimasu*, Kiyoko-sama!

Ela se virou. Midori, sentada ao lado do biombo, fazia-lhe reverência.

– Midori-chan... *ohayo gozaimasu*.

– Trouxe seu chá. Como Kiyoko-sama se sente esta manhã?

– Muito bem.

A serva se levantou num gesto cuidadoso, com a bandeja nas mãos. Andou até a cabeceira da princesa, então sentou, pondo o conjunto de porcelana ao lado e ajustando a barra do kimono. Kiyoko ergueu os olhos para o céu lá fora. O tordo parara de cantar... Talvez houvesse voado dali.

– Ikeda-sensei está à porta... – Midori verteu um fio fumegante do chá dourado numa pequena tigela. – Devo pedir que entre?

Ikeda Jin... o médico que descobrira um remédio para sua inexplicável doença. Kiyoko o conhecera há sete dias, após duas doses de sua milagrosa infusão. Naquela tarde, ela ainda lembrava bem, acordara completamente lúcida, com uma sensação que há muito não sentia, e então lhe parecera maravilhosa.

Fome. Não do tipo que simplesmente lhe provocava dores no estômago, crua e incômoda. Kiyoko sentira vontade de comer arroz. Pela primeira vez em dias...

Jin fora visitá-la em seguida. Era espantosamente jovem, e usava vestes simples, a cabeça raspada destacando o rosto calmo de traços suaves. Dissera ter sido avisado do retorno de seu apetite, e trouxera-lhe ele mesmo uma refeição – ainda quente, servida numa caixa de decoração festiva. Kiyoko o achou muitíssimo gentil pelo gesto.

– *Un...* – ela assentiu num sorriso bem-disposto, pegando a tigela que a serva lhe estendia – pode chamá-lo, Midori-chan.

A garota assentiu numa mesura, e passou para o outro lado do biombo. Kiyoko ouviu-a dar mais alguns passos e sentar diante da porta, então soou baixo o correr macio da shoji nos trilhos.

– Kiyoko-sama pode vê-lo agora, Ikeda-sensei... *Dozo*.

A voz do médico avançou um passo para dentro do aposento.

– ...Com licença.

Desde o dia em que lhe fora apresentado, Ikeda Jin encontrara Ashigawa Kiyoko em mais quatro manhãs, para trazer-lhe a dose diária de sua infusão e examinar a ferida minguate em seu tornozelo.

Esta, porém, era a primeira vez em que Moegi não estava presente na ocasião. Kiyoko supôs que a tutora estivesse ocupada, talvez ajudando Aoi a perfumar com incenso os uchikis de sua senhora...

Sua ausência era estranhamente agradável.

Jin apareceu detrás do biombo, um bule pequeno de porcelana branca nas mãos, e se ajoelhou em reverência profunda.

– ...Hime-sama.

– *Ohayo gozaimasu*, Jin-sensei... – a princesa respondeu num aceno sorridente, e indicou o espaço ao lado do futon. – *Dozo*, sente-se.

Ele obedeceu, e com a proximidade, Kiyoko pôde sentir o cheiro amargo e denso que exalava do bule em suas mãos.

– Como hime-sama se sente?

– Muiíssimo bem... Mal posso acreditar em como tenho melhorado!

– Que ótima notícia! – o jovem sorriu, e separou da base do bule uma tigela rasa. – Trouxe seu remédio.

A infusão translúcida, verde-escura, era à princesa familiar – a mistura de ervas que vinha, com sucesso, tratando seus sintomas. Kiyoko deixou de lado seu chá matinal, e recebeu o recipiente de Jin.

– Cuidado, por favor. Está quente.

Midori se aproximou, ajoelhando-se junto ao biombo. O médico observava sua senhora, muito sério, enquanto ela bebia, primeiro devagar, então a goles longos, todo o conteúdo da pequena tigela.

– Uhh... – fez por fim a princesa, numa careta de desagrado – *tão amargo!*

– Peço perdão por isso... – Jin riu, guardando a tigela vazia sob o bule. – O gosto é quase cruel, *neh?*

– ...Por quanto tempo ainda precisarei tomar esse chá?

– Creio ser ainda cedo para dizer, hime-sama... Com licença... – ele respondeu, e apoiou as costas dos dedos contra a testa da moça. – *Hoh*, muito bom! Está sem febre.

– A dor de cabeça e a náusea também estão cedendo – Kiyoko observou, feliz.

– Excelente. E o corte?

– Oh?...

Ela sentou de lado, e afastou as cobertas, então a barra do kimono, para mostrar o tornozelo direito. Ali, uma linha fechada e discreta terminava de cicatrizar.

– Já quase desapareceu... Nem o sinto, mais.

Sem pus, sem inchaço... perfeitamente bem. O rosto da princesa, em comparação a meros dois ou três dias atrás, também estava menos pálido, as olheiras mais suaves. O tratamento mostrava resultados excelentes.

Jin, porém, estava ainda apreensivo.

– Hime-sama, peço que perdoe o inconveniente... Mas, antes de ir, preciso falar-lhe por um momento.

Ela ajeitou o kimono, num dar de ombros tranquilo.

– Certamente.

O olhar de Jin rebateu, breve, em direção a Midori.

– É... necessário que seja a sós, hime-sama.

A expressão dele ficara muito séria. Kiyoko se surpreendeu. Midori, às costas do médico, também fechou o cenho – embora, a princesa soubesse, em indignação. *A sós?! ...Se Moegi estivesse ali, nunca, jamais* permitiria que ela ficasse a sós com homem que fosse, e Ikeda Jin não seria exceção.

– *Un*. Midori-chan... pode se retirar, por favor.

A mocinha não respondeu, mas franziu um pouco a testa, um olhar arregalado de advertência. Tanto ela quanto a princesa sabiam *muito bem* que isso era *absolutamente inapropriado!* Se Moegi viesse a saber...

– *Midori-chan.*

A serva encolheu os ombros, então fez uma mesura longa e hesitante.

– ...*Hai, Kiyoko-sama.*

Pôs-se de pé.

–...Estarei na sala ao lado, separando as vestes de Kiyoko-sama... Por favor, se precisar de algo, basta me chamar.

Curvou-se mais uma vez e se afastou. Passaram-se alguns segundos até que o correr da porta, abrindo e fechando, se fez ouvir, e o silêncio então ocupou o aposento.

– Peço perdão novamente, hime-sama... – Jin falou, num pronunciado baixar de cabeça. – Serei breve.

A princesa sentia um receio gélido no estômago. O semblante austero de Ikeda Jin, o pedido para falar em particular... Era algo grave, não era? Grave, com certeza, e a respeito de sua doença... Mas ela vinha se sentindo tão bem! ...Estaria sua saúde pior do que parecia? *Muito* pior?

“...Jin-sensei...”

– O que lhe contarei é há alguns dias de conhecimento do alto oficial médico do palácio, Kusachi-sama – o rapaz começou – e do seii-taishogun. É imprescindível que hime-sama não fale a respeito com mais ninguém.

Ela assentiu, vacilante.

– Há... há algo errado comigo?

– Hime-sama... – Jin franziu a testa – até recentemente, após mais de um mês de tentativas, nenhum tratamento contra a infecção em seu calcanhar se mostrou eficaz... E, apesar de todos os esforços, sua saúde ficou cada vez mais debilitada.

O médico indicou o bule branco a seu lado.

– Receitei-lhe esta infusão devido a uma suspeita que tive, e que Kusachi-sama ainda não havia considerado, acerca da real razão de seus sintomas.

– Real razão...? – repetiu Kiyoko. – Mas, o chá de Jin-sensei... não é um remédio mais eficaz contra a infecção?

Ele negou.

– ...É um antídoto, hime-sama – disse baixo – que bloqueia a ação de uma ampla variedade de venenos.

Um farfalhar intenso de asas denunciou que o tordo voltara ao telhado, acima da janela. Seus pios compassados recomeçaram, estranhamente altos no oco daquele quarto.

– ...Não pode ser.

– É hediondo... mas verdadeiro. Seja quem for, tentou se aproveitar do pequeno ferimento para levar hime-sama à morte, esperando que o infortúnio fosse atribuído à infecção... A persistência do corte era apenas um sintoma desencadeado pelo veneno.

A princesa baixou o rosto e uniu as mãos sob as amplas mangas adamascadas, o semblante confuso e assustado. A tênue cor de seus lábios evanesceu por completo. Jin sentiu pena da moça. A lembrança de seu pai, olhando a majestosa silhueta da Capital Superior e a chamando de “cintilante teia de aranha” ecoou, nítida, em sua mente.

– O seii-taishogun tomou providências para que suas refeições sejam preparadas e trazidas por uma

pessoa de confiança – ele explicou. – Investigamos fontes de veneno prováveis, mas o responsável certamente está a par da melhora de hime-sama e calculou que tentaríamos rastreá-lo... Nada foi encontrado.

– ...Entendo.

– Até que o culpado seja descoberto, Kusachi-sama irá garantir sua segurança contra novas tentativas de envenenamento. Hime-sama deve continuar recebendo doses regulares do antídoto.

– Há... alguma ideia de quem possa ter feito isso?

Jin hesitou.

– ...Quase certamente, alguém próximo a hime-sama... Pelo conhecimento de seu ferimento e pelo acesso regular a sua pessoa... uma vez que o ataque foi gradual.

Ele olhou para o lado oposto da cama – para a bandeja e o conjunto de chá que Midori trouxera, minutos antes.

– ...Esse chá...

Kiyoko arregalou os olhos.

– ...Moegi-san sempre o prepara.

O médico abriu a boca, mas a princesa o interrompeu.

– Não pode ser isso...! Nadeshiko-san também o toma, do mesmo bule, todas as manhãs... muitas vezes, junto comigo. Nunca ficou doente!

– Hime-sama, por favor, não se ofenda... Não tenho intenção ou direito de acusar suas amas. Mas considere que alguém poderia ter acesso a esse chá em algum momento, sem o conhecimento delas. Quanto a...

– Nadeshiko-san... Era a consorte de chichi-ue. Veio comigo de Mimasaka, após o acidente.

De fato, agora Jin lembrava... ouvira rumores sobre o falecimento do irmão mais novo do seii-taishogun, há poucos meses. Fora o motivo que levava a princesa Kiyoko a viajar até a capital – e sofrer aquele infeliz ferimento no trajeto.

– Mesmo que Nadeshiko-sama beba das mesmas folhas e água... certamente, não usa a mesma tigela que hime-sama.

A princesa parou. Não lhe ocorrera isso...

– Sei que deve ser difícil para hime-sama... – o médico concluiu – mas peço-lhe que, de agora em diante, tenha extrema cautela com tudo o queingere ou toca.

Ela assentiu, e baixou o rosto devagar. Um longo par de mechas à frente de seus ombros escorregou, encobrendo-lhe os traços finos. Os cabelos da princesa tinham um comprimento que Jin não se lembrava de já ter visto antes... Caíam pesados às suas costas, e se espalhavam em ondas sobre o travesseiro e pela borda alva do futon. Não parecessem ainda tão opacos, seriam especialmente bonitos.

– ...Devo ir agora – ele comunicou, formal. – Kusachi-sama provavelmente virá visitá-la ao final da tarde, como de costume.

– Un... – Kiyoko anuiu num sorriso esforçado – *domo arigato gozaimashita*, Jin-sensei.

Ele retribuiu com uma mesura pronunciada, pegou o bule de antídoto e se pôs de pé. Os olhos da moça correram devagar até o delicado conjunto de chá a sua esquerda, e pararam na tigela cheia até a metade com sua costumeira bebida matinal. Uma sensação angustiante comprimiu sua garganta.

– ...Por favor, não se aflija, *neh?* – Jin então falou, num tom mais leve.

Kiyoko ergueu os olhos. Diante do biombo, o jovem médico sorriu para ela com otimismo, e o ar fresco da manhã pareceu voltar, mesmo que por um momento, a ser sereno e agradável.

– O seii-taishogun e Kusachi-sama protegerão hime-sama – garantiu ele. – ...E eu farei o máximo que puder para ajudá-los.

“Jin-sensei...”

Ouvir tais palavras... era de veras reconfortante.



A ala do Hana-no-Gosho reservada à comitiva dos Ryuu era elegante e bem localizada. Uma varanda cercava as salas, e dali podia-se ver o jardim interno, com seus delicados pinheiros de agulhas verde-escuras. À lateral da construção, um pessegueiro em flor saudava a Primavera. Aos fundos, anexa aos quartos à direita, a sala de banho era reservada por uma fileira alta de bambus verdejantes. Quase ao centro do gramado, um espelho d'água cintilava ao Sol, margeado por lírios e narcisos.

Sentado à varanda, as mãos apoiadas sobre os joelhos, Ryuu Daichi contemplava a paisagem.

Acompanhou o voo desengonçado de uma borboletinha azul-celeste, de uma íris entreaberta junto às pedras até a superfície do espelho d'água, e dali de volta para a flor roxa. Olhou então para o céu. Havia ali algumas nuvens, macias e muito brancas, e uma delas se parecia bastante com um gato levando uma bandeira, até se desfazer devagar num borrão disforme. Mirou a seguir um ponto distante da varanda, onde se destacava um grilo verde-vivo, no meio do caminho de madeira polida. O príncipe o observou por um momento, esperando para ver em que direção pularia, mas o inseto não se moveu.

Daichi espiou a direção oposta. A dois passos dele, a figura alta e imóvel de seu professor tinha o rosto voltado para frente, os olhos fixos no nada. O menino poderia jurar que já se passara mais de uma hora... Como ele conseguia ficar parado por tanto tempo?

– ...Sensei... podemos treinar kenjutsu agora? Estou cansado de ficar aqui, sem fazer nada.

– Daichi-sama não está aqui fazendo nada, está treinando algo tão vital quanto kenjutsu – o homem respondeu. – Talvez até mais.

– Paciência, eu sei... – Daichi respondeu num muxoxo, apoiando o rosto na mão em punho. – Mas...

– E *concentração* – Nobutaka completou. – Desde que começamos este exercício, Daichi-sama só foi capaz de ficar em silêncio por trinta minutos, quieto por quinze, e concentrado no que está fazendo por... eu arriscaria dizer, cinco.

– Aahh... – o menino se inclinou onde estava sentado, numa exclamação longa de indignação – como sensei pode me vigiar assim, olhando só para frente!?

– Daichi-sama... precisa aprender a disciplinar sua mente se quiser fortalecê-la. Serenidade, paciência, estabilidade, concentração.

– Mas isso é muito tedioso... – Daichi argumentou, num teatral tom suplicante. – Eu quero lutar...! Quero ser um grande samurai!

– Sinto muito por desapontar Daichi-sama – Nobutaka riu, mais para si mesmo que para o príncipe – ...mas ser um grande samurai, durante a maior parte do tempo, é muito tedioso.

O menino sentou com as pernas esticadas sobre o tablado, e mirou os próprios pés, inflando as bochechas num suspiro contrariado.

– Vamos, sente direito – Nobutaka falou, mais rigoroso. – Daichi-sama ainda tem muito a praticar.

Ajeitando o hakama, o menino obedeceu. Sentou, apoiou com decisão as mãos sobre os joelhos, esticou as costas e olhou para frente.

– Concentre-se – Nobutaka falou. – Se deixar seu pensamento vagar livremente, sempre mil coisas irão distraí-lo. Fixe a mente em algo, uma imagem ou ideia, então a siga, calmamente, pelo maior tempo que puder.

Daichi assentiu, e, escolhendo como alvo uma das pedras lisas que margeavam o espelho d'água, pôs-se a olhá-la com vontade. Ao seu lado, Nobutaka abriu um sorriso curto de aprovação, então endireitou sem pressa a própria postura.

Respirou fundo. Uma vez... Duas... Fechou os olhos devagar, e novamente os abriu, desfocados no ar. Por longos segundos, o jardim adiante pareceu-lhe um vulto.

Então uma imagem o atraiu.

Seis pétalas amarelas como o Sol, e outra de tom ainda mais intenso, franzida, ao centro. Erguia-se à margem do lago, um ponto de luz entre as pedras desbotadas, e se voltava para a varanda, cordial, como que admirando o samurai de volta.

Perfeita.

– Olhe, Nobutaka...!

Ele se virou preguiçosamente na cama, e abriu apenas uma fresta dos olhos para a intensa luz matinal que entrava pela janela.

– ...Suzume... – resmungou, imergindo de volta à sombra das cobertas – ...feche isso...

– Mas já amanheceu... e veja!

A mão dela o encontrou sob os cobertores, e tentou chacoalhá-lo para chamar sua atenção. Não conseguiu de fato empurrá-lo ou puxá-lo, mas obteve como reação um som longo, abafado e resignado.

– *Hmmrrr....*

– Um deles se abriu! ...Olhe!

Sonolento, ele obedeceu. Levantou-se, ajeitando com pouca atenção o fundoshi ^[66], e foi até a janela olhar a direção que ela apontava, metros abaixo, no jardim. Em meio a um mar de diminutos botões amarelos no gramado, uma forma grácil se destacava, como um reflexo estrelado do próprio Sol.

– *Hoh!* – ele sorriu, mais pela expressão radiante da mulher ao seu lado que pela flor em si. – O primeiro dos seus narcisos.

– É tão lindo, *neh?* Agora, com a Primavera, todos eles irão florescer...!

– *Ohayo gozaimasu...*

O som suave atingiu Nobutaka de súbito, e ele se voltou, surpreso. Não a ouvira se aproximando – na verdade, por um momento, esquecerera completamente que ele mesmo estava ali.

– *Ohayo gozaimasu...* Masako-sama... – cumprimentou, um tanto atordoado.

– *Ohayo gozaimasu*, haha! – Daichi sorriu, feliz com a possibilidade de, enfim, parar de meditar sobre pedras. – Veio se juntar a nós?

– O dia está muito bonito, então pensei em aproveitar a paisagem.

Voltou-se para Nobutaka.

– Vou atrapalhar sua aula, Atae-dono?

Seria impraticável dizer que sim. O homem meneou a cabeça.

– *Dozo*, Masako-sama – indicou o espaço da varanda ao lado oposto de Daichi.

Masako fez mesura curta em agradecimento, e ali sentou.

– Então, o que está aprendendo esta manhã? – ela sorriu para o filho, ajeitando a barra pálida do uchiki rosa-claro.

– ...Concentração – o menino respondeu sem entusiasmo.

– Oh, estão meditando? – Masako se dirigiu novamente a Nobutaka. – Perdoem minha interrupção.

– *Iie...* não se preocupe.

– Haha... quando vamos poder visitar Kiyoko ane-sama?

Durante o banquete de boas-vindas ao Hana-no-Gosho, Daichi soubera da vaga doença da princesa, que a impedira de comparecer à formalidade. Desde então, ele não tivera mais notícias ou a vira, sequer de relance...

– Daichi está preocupado com Kiyoko-hime, *neh?* – fez Masako.

O menino assentiu. Sua mãe pensou por um instante.

– ...Perguntarei à tutora, Moegi-san, se podemos vê-la. Se já estiver se sentindo mais disposta, tenho certeza que Kiyoko-hime ficará muito feliz com sua visita.

– *Un!*

– *Yosh*, cuidarei disso mais tarde. Agora Daichi precisa continuar o seu treino, *neh?*

– Ahh...

– Tudo bem, Daichi-sama... – Nobutaka anunciou, relaxando a própria postura. – Estudou o bastante de concentração por hoje. Pode ir para o dojo, treinaremos kenjutsu.

O menino se pôs de pé num pulo entusiasmado, o que assustou o grilo até então estático a alguns metros dali.

– *Hai*, Nobutaka-sensei!

Ele correu dois passos pela varanda, então parou de repente, e se voltou.

– Ah...!

Fez uma reverência rápida e acentuada à mãe.

– Com licença, haha.

– É claro – ela correspondeu o cumprimento num riso tranquilo.

O príncipe se afastou correndo, desaparecendo atrás da curva da varanda.

Uma quietude curta envolveu o jardim. Masako olhou na direção que o menino seguira, um sorriso brando diluído no rosto. Nobutaka, o semblante amargo, voltou a admirar o narciso solitário que o mirava do espelho d'água.

– ...Tudo correu bem naquela noite?

Sua senhora parecia realmente ter reservado o dia para pegá-lo de surpresa.

– Perdão, Masako-sama...?

– Noites atrás, quando fui ao teatro com Momiji-san... – a mulher elucidou, num tom perfeitamente ingênuo – os negócios fora do palácio correram bem? ...Tono-sama não comentou nada a respeito.

...A proposta de Keshi, pensou Nobutaka. Apesar de seu conselho em contrário, o senhor pensava seriamente em aceitá-la. Haviam se passado já dez dias, e uma carta com a resposta deveria ser enviada à mulher, em breve.

– Eu poderia responder hoje mesmo... – Hideki mencionara ao general num riso, seis dias antes – mas imaginar a expectativa de Keshi-san me diverte demais para fazê-lo. Será minha pequena vingança, *neh?* Por deixá-la pensar que estará levando vantagem nesse trato... Esperemos mais alguns dias.

– Não houve problemas – ele respondeu, sério. – Embora a situação, a meu ver, não possa ser chamada de ideal.

Então, seu marido provavelmente se envolveria em tramas com Keshi, pensou a mulher. Algo perigoso, decerto, uma vez que Nobutaka claramente se opunha à decisão. Era preocupante... Embora

política não fosse, de fato, a razão de sua pergunta.

– Entendo... – ela fez, casual. – Então, a ocasião foi desagradável?

O relance de constrangimento que passou pelo rosto do hatamoto a informou que não. Uma perturbação gélida a arranhou por dentro, e ela se viu irritada consigo mesma. Era óbvio que saber algo a respeito apenas a faria se sentir pior, então por que não era capaz de se conter?

“Bom Buda... por que *insisto* em sofrer desse modo?!”

– ...Não houve um acordo imediato – o homem, obviamente, se ateuve à política – mas tudo ocorreu cordialmente.

– Fico feliz – Masako concluiu, artificial.

Mais silêncio. No jardim, um degrau abaixo, a borboleta azul deixou a íris onde estivera pousada, e cambaleou pelo ar de volta ao espelho d’água. Dali, voou por fim até o pessegueiro, onde, num ramo especialmente florido, suas asas iridescentes se puseram a lampejar em meio às pétalas cor-de-rosa.

Em poucos dias, as cerejeiras estariam em flor, pensou a senhora de Nagoya.

“...Hanami...”.

A celebração da mais suave das estações no auge de sua doce exuberância. O florescer sublime e fugaz das cerejeiras...

– Masako-sama...

Desta vez, foi ela quem teve os pensamentos interrompidos. Virou-se para olhar Nobutaka, que parecia haver deixado as próprias conjecturas de lado, e agora a fitava com ligeira apreensão.

– Por favor, perdoe meu atrevimento... mas... Masako-sama está bem?

A expressão surpresa dela o fez prosseguir.

– ...Desde que chegamos a Kyoto, tenho tido a impressão de que algo a perturba.

Masako baixou os olhos. De fato, aquele lugar não vinha lhe fazendo muito bem. Fazia seis anos que estivera ali pela última vez, mas agora o palácio parecia impeli-la para um passado ainda mais longínquo.

– Não é nada – ela sorriu. – Apenas venho sofrendo de uma incômoda nostalgia, ultimamente...

Uma esparsa chuva cor-de-rosa foi levada do pessegueiro num sopro de brisa. Masako observou enquanto um par de flores pousava girando sobre o espelho d’água, a superfície límpida ecoando ondas mínimas. Outra flor, uma pétala faltando, escorregou tristemente até os pés da varanda, onde parou, sobre o degrau de pedra.

– Dizem ser tolice evocar memórias dolorosas, mas... Atae-dono já sentiu como se... fossem elas quem o evocassem?

Ele a olhou de volta, mas por um instante, tudo o que pôde ver foi o rosto de outra pessoa. Olhos escuros e vívidos, uma risada espontânea ouvida a três cômodos de distância, palavras bobas numa estrela de papel, narcisos da cor do Sol...

Sangue.

Ele concordou num gesto pesado.

– *Un...* com excessiva frequência.

Masako soltou um suspiro desconcertado.

– Sinto muito... Estou importunando Atae-dono com minhas lamentações.

– *Iie...* É sempre um prazer conversar com Masako-sama.

Então fez à senhora reverência, e pôs-se de pé.

– Daichi-sama deve estar impaciente pela aula de kenjutsu... Masako-sama não gostaria de ir ao dojo,

vê-lo treinar? Não sei se posso falar por Masako-sama, mas eu já admirei flores o suficiente por hoje.
Foi gratificante ver como a expressão dela ficou mais leve.

– ...*Hai* – a mulher concordou. – É uma ótima ideia.



Pela janela, as cerejeiras bordadas de branco e rosa entrefechavam a visão de um céu límpido, pétalas caindo dos galhos, um vento fraco e perfumado tilintando sinos de bambu. Murmúrios de conversas e passos, vultos graciosos em pastéis e preto, lanternas de papel com bons votos enfileiradas à brisa, que passeava por entre a ampla passagem de pedra e as árvores que a cercavam.

Dentro do aposento, o rastro espiralado de um par de incensos, um espelho de prata, um uchiki estendido em seu suporte.

As cores da seda eram cadentes, do rosa-dourado ao vermelho, e pela cauda e mangas se esparramava um mar de flores brocadas. No forro, o tecido tinha a cor suave do pêssego e o brilho da pérola. Um presente magnífico, e uma obra de arte que sem dúvidas encantaria os críticos mais apurados.

O olhar da jovem diante do espelho, porém, estava longe dali – perdido em sua própria imagem.

Ela tinha dezesseis anos, e pareceria absolutamente bela mesmo sem reforço da refinada maquiagem. Nos cabelos em coque elaborado, kanzashis que remetiam às flores de cerejeira cintilavam, e nas mãos, ela levava um leque branco. Seu uchiki cor de neve era adamascado, revelando o voar gracioso de dez

grous. Atando o kimono, o obi de seda e prata abrigava um kaiken ^[67] de punho alvo e delicado.

– Ane-sama está tão linda! – a exclamação de Mayumi a trouxe de volta de seus pensamentos.

– Ah... – a moça sorriu – *arigato*. Mayumi também está muito bonita.

A mais nova, de doze anos, olhou brevemente o próprio kimono, estampado com bolas multicoloridas e nuvens amarelas.

– *Arigato gozaimashita!* – sorriu, numa reverência teatral.

– ...Com licença – acompanhada de batidas na madeira, uma voz grave ecoou através da porta.

– *Dozo* – a noiva pôs-se de pé, ao mesmo tempo em que a irmã correu para abrir a porta.

– Olá, chichi-ue!

– *Hoh!?* Mas quem é esta garota tão bonita?! – o homem exclamou. – Pensei ter ouvido a voz de minha filha!

– Sou eu, chichi-ue! – Mayumi reclamou, radiante.

– É mesmo...! Quase não a reconheci, Mayumi! – ele riu com leveza ao entrar no aposento. – Está ajudando sua irmã?

– *Hai!* As mas foram para a sala preparar os detalhes finais da recepção, então a ajudei a colocar os últimos kanzashis.

– Muito bem.

O homem se voltou para a filha mais velha. Ela sorriu com melancolia. Kujou Masamoto tinha certeza que sua expressão era similar. A ocasião era alegre, mas ainda assim, uma despedida. Ele suspirou e se aproximou, estendendo as mãos para a moça.

– ...Minha querida Masako...

Ela segurou suas mãos e baixou o rosto em reverência.

– Não há palavras para expressar meu orgulho... – o kampaku disse, e quando ela ergueu novamente os olhos, completou – ou meu pesar.

– ...Sentiremos muito sua falta, Masako ane-sama.

– Mayumi... chichi-ue... – Masako respirou fundo, e sorriu com esforço – eu lhes escreverei sempre...

E irei visitá-los toda vez que puder!

Masamoto correspondeu a expressão, mas balançou a cabeça.

– ...Ficaremos bem – garantiu, o olhar mais firme. – Cuide de seu marido.

“...Meu marido...”

A moça prendeu brevemente a respiração antes de perguntar, ansiosa.

– ...Chichi-ue o viu?

– Há alguns minutos... Estava falando com Kyuumura-dono, no pátio.

Se havia algo que consolasse Masamoto pela partida de Masako era pensar no novo mon que a abrigaria. Ryuu de Nagoya era, definitivamente, uma das famílias mais influentes do país. E sua filha se casaria não apenas com um membro do clã, mas com o herdeiro do daimyo Ryuu Hitoshi. Não poderia haver enlace melhor.

“Nem mesmo se o shogun a tomasse como consorte...”, o homem ponderou.

– Irei verificar se os últimos convidados chegaram – disse então. – A cerimônia deve começar em breve.

Masako assentiu, e após um último sorriso, seu pai se afastou com decisão rumo à porta. Deixou o aposento sem olhar para trás, e ela deduziu que fora por preferir não prolongar mais a despedida.

O silêncio que se seguiu foi breve, mas denso de inquietação.

Masako podia imaginar o herdeiro do clã Ryuu de Owari, perfeitamente elegante em preto e cinza, o mon do dragão ostentado em ouro nas vestes formais, um leque de acabamento rico à cintura. Era uma imagem imponente, e que lhe causava sentimentos agitados. A verdade era que ela ainda muito pouco convivera com o príncipe Hideki, e fazia pouca ideia de seu real temperamento.

“Nas poucas vezes em que nos encontramos... Hideki-sama sempre pareceu tão sofisticado e perfeccionista...”.

– ...Me pergunto se irá gostar de mim – Masako lançou um olhar inseguro para o próprio reflexo.

– Oh, claro que sim! – Mayumi a tranquilizou. – Ane-sama é a pessoa mais gentil que conheço... e a noiva mais linda que já vi!

A moça franziu a testa, preocupada.

“Só espero que Hideki-sama também possa me ver dessa maneira... Eu... de todo coração irei me empenhar para que sejamos felizes juntos.”

– Vamos, sorria – a menina indicou o espelho. – ...Vê, ane-sama? É a noiva mais bonita do mundo!

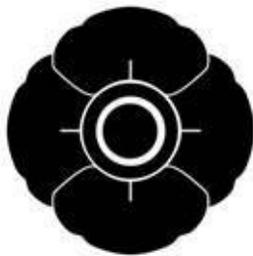
Masako se admirou de novo na superfície polida, e desta vez tentou de fato apreciar o que via. Os lábios coloridos de vermelho, os olhos amendoados intensificados pela maquiagem, o cintilar da prata no obi, a corda estreita e macia em laço no punho do kaiken, as garças delicadas pairando pela seda branca que a envolvia e se derramava, pesada, no tatame.

Estava mesmo bonita... e diferente. Era agora uma noiva. Madura, responsável e honrada pelo mais distinto marido que qualquer mulher poderia desejar. Sorriu com otimismo, de início para si mesma, então para a amável irmã de quem tanto sentiria falta dali em diante.

– ...*Arigato gozaimashita*, Mayumi.

Voltou-se, por fim, para as cerejeiras além da janela. Seus tons suaves de branco e rosa eram de uma beleza comovente. Pontilhavam os galhos, numerosos como estrelas, frágeis como flocos de neve, e dali se desprendiam aos poucos, lançando-se à brisa.

“Minha nova vida... também está florescendo.”



A Lua era uma fria esfera prateada naquela noite de céu negro e vazio. Distante do brilho morno das lanternas, do eco das conversas e notas cadenciadas dos biwas, a penumbra envolvia os corredores internos de Akahana.

Sozinha no pequeno quarto, Ame apreciava seu afastamento da usual agitação de música e bebida que se desenrolava nas alas públicas da construção. O conforto duraria pouco, ela sabia – não demoraria até que a maquiagem pudesse encobrir os ferimentos que cicatrizavam em seu rosto. Mas, naquela noite, a jovem decidira não pensar nisso. Vestiria seu kimono de algodão mais macio e menos estético, apreciaria a serenidade do silêncio, dormiria sozinha e em paz.

Até que um bater apressado à porta a esclareceu do contrário.

– Com licença, Ametsuyu-san... – a voz de Yanagi falou. – Um cliente a espera.

Foi como receber uma pedrada. Aquele já seria um compromisso desagradável o bastante se não fosse inesperado...

– *Um cliente...?* – a cortesã repetiu, abrindo a shoji.

Ali estava Yanagi, vestida em branco e turquesa, os cabelos armados em coque alto. Ao ver-se diante da outra, fez breve mesura e sorriu com condolência.

– Sinto muito pelo inconveniente... Mas um visitante solicitou a companhia de Ametsuyu-san.

– Não posso vê-lo, Yanagi-san... – Ame argumentou, levando a mão às marcas em sua face. – Meu rosto...

– ...Eu disse a ele que sua visita era imprevista, e que por isso Ametsuyu-san não estaria em condição perfeita para atendê-lo... – a jovem explicou, então deu de ombros. – Mas ele insistiu, *neh?*... Ofereceu metade do preço a mais pela extravagância.

Metade do preço a mais...

– ...E Keshi-sama só permitiria uma recusa a tal oferta se eu estivesse morta há alguns dias – Ame concluiu, numa acidez pouco usual.

– ...*Hai* – a outra concordou em voz baixa.

A moça suspirou. Não havia o que ser feito.

– Tomei a liberdade de chamar Botan-chan para vesti-la... Ela deve chegar logo.

– *Domo*.

Yanagi fez-lhe outra rápida mesura, então se afastou com pressa.

O cuidadoso ritual de transformar o rosto em porcelana viva, moldar os cabelos num arranjo exótico e envolver-se em camadas harmoniosas de seda pareceu a Ame, naquela noite, um processo incomodamente rápido. Olhar-se no espelho, por fim, e soterrar o semblante amargo com um sorriso doce de boneca teria sido difícil se a jovem não estivesse tão habituada a fazê-lo.

– Está pronta, ane-san – Botan anunciou ao terminar de alinhar os uchikis, em matizes cadentes de lavanda.

– *Un...* Yanagi-san disse a que quarto devo ir?

– *Hai.* Painel de borboletas.

Ame sabia qual era... Um dos mais luxuosos daquela ala, ficava naquele mesmo andar. Seguiu sem pressa, pois tantas camadas de kimonos eram uma desculpa muito aceitável para seus passos lentos. Passou por dormitórios escuros das cortesãs, a maior parte deles, vazio. Seguiu reto, deixando para trás uma escadaria para o andar abaixo. Apertou o passo até se afastar de um quarto fechado imerso na penumbra – dali emanara um riso baixo na voz entorpecida de Ogumo, o que lhe causou um arrepio na espinha, e uma inegável sensação de consolo por estar se dirigindo a outro lugar.

Porém, assim como se caracterizar, caminhar pelos corredores, o leve oco de seus passos descalços contra o piso, não se mostrou uma tarefa tão interminável quanto a moça gostaria. Ela logo se viu diante do aposento em que era aguardada.

A shoji estava fechada, mas o papel transparecia a luz amarela de uma lanterna de chão, e um vulto sentado no centro do quarto. Certificando-se de que o sorriso estava intacto, Ame sentou diante da porta e bateu de leve na madeira.

– *Dozo.*

Num gesto fluido, a cortesã empurrou silenciosamente a porta, apenas o bastante para que pudesse passar. Baixou o rosto numa reverência profunda, as mãos postas, e falou no tom mais acetinado que conseguiu.

– *Konbanwa.* Sou Ametsuyu. É uma honra...

– Acredito que já tenhamos sido apresentados, Ametsuyu-san.

Ela ergueu o rosto, espantada. O homem sentado no luxuoso quarto do painel de borboletas vestia um hitatare verde-escuro, e tinha, pousada ao seu lado, uma katana. Os cabelos, que lhe chegavam aos ombros, estavam presos num rabo-de-cavalo, opacos e maltratados. Com vinte e três anos, ele tinha o físico atlético, a mandíbula contornada numa linha firme, os traços equilibrados prejudicados por uma cicatriz que lhe rasgava da espessa sobrancelha direita à proeminência da maçã do rosto, logo abaixo.

– E imagino... – concluiu ele, num riso – que ainda posso desfrutar da honra de chamá-la de Ame-san?

A expressão da cortesã passou imediatamente de polida para exultante.

– *Kazuo-san!!*

Ela foi até o jovem, fechando rapidamente a porta atrás de si, e o envolveu num abraço carinhoso, o qual ele correspondeu numa risada feliz.

– Que surpresa maravilhosa vê-lo aqui...! Não sabia que estava na cidade!

– Cheguei apenas ontem à noite.

Ele afastou Ame de si para olhá-la. À luz morna da lanterna, o rosto de lábios rubros da cortesã se destacava como uma pintura, as pecinhas de metal em seus cabelos faiscando em ângulos inesperados. Era uma visão muito estética – embora, ele houvesse preferido não ter de buscar a familiaridade de seu rosto sob aquela máscara maquiada.

– ...Estava ansioso para encontrar Ame-san.

– Fico muito feliz – a moça sentou sobre os joelhos, ajeitando o uchiki brocado. – Mas não precisava gastar tanto para me ver... Se houvesse deixado um recado, eu o teria recebido amanhã, nas salas de chá.

– Sei disso... Mas quis surpreendê-la.

– Certamente, consegui.

– Além do mais... – o rapaz instigou – esta é uma ocasião especial.

Ame ergueu as sobrancelhas, intrigada.

– Especial?

– *Un!* Tenho notícias que...

Ele parou, e sua expressão tranquila desabou de súbito num semblante grave.

– ...Kazuo-san?

Ele estendeu a mão para o rosto de Ame. A jovem moveu de leve a cabeça para trás, mas não o bastante para evitar o toque dos dedos de Kazuo – que correram pelo ferimento perceptível sob sua maquiagem.

A testa dele franziu, ao mesmo tempo em que ela baixou os olhos, constrangida. O ar do quarto se adensou.

– ...Aqueles canalhas a machucaram de novo?

– Não foi nada... apenas um arranhão.

– Ah, Ame-san... – Kazuo soltou um suspiro rouco.

Ela envolveu gentilmente as mãos dele com as suas, atraindo seu olhar. Kazuo a fitou com remorso. Recebeu de volta uma expressão serena.

– ...Não se aflija por isso – ela pediu. – Estou bem, é verdade.

Um momento se passou antes que ele assentisse num gesto pesado, o semblante ainda amargo. Ame pousou as mãos de volta sobre os joelhos, e moveu a cabeça num pequeno sorriso.

– Posso lavar o rosto? – ela olhou o recipiente de madeira com água fresca aos fundos do aposento. – Livrar-me dessa maquiagem me fará bem.

– *Un, dozo.*

A moça se pôs de pé, e foi até a bacia. Kazuo permaneceu onde estava, a postura transparecendo desconforto, o rosto baixo. Ouviu o arrastar da seda, então o agitar da água nas mãos de Ame. Respirou fundo.

“Ame-san... Perdoe minha demora...”

– Então... – a voz da moça fez, em meio ao som irregular da água – já não nos víamos há quase dois anos, *neh?* Como está Kotone-sama?

– Adorável como sempre... – ele sorriu um pouco ao se lembrar da esposa. – Fez questão de cozinhar pessoalmente o jantar, ontem... Ainda sabe meu prato favorito.

Hai, polvo grelhado e *namasu* ^[68], Ame também sabia.

– Oh, que bom... E Itou-sama?

– Firme como rocha. E tenho pena do parvo que ousar sugerir-lhe o contrário.

Ame riu, e ele se virou para trás. Ela acabara de lavar o rosto, e agora o enxugava com a toalhinha branca deixada ao lado da bacia.

– Tenho me preocupado com Kazuo-san, nos últimos meses... – soou mais séria quando afastou o tecido, e o dobrou com agilidade e capricho. – Notícias terríveis vêm chegando de Aizu.

Kazuo fez brevemente que sim.

– *Un...* A situação em Mutsu não parece que vá melhorar tão cedo...

Ele respirou fundo, como que para recuperar o fôlego, e sua expressão se tornou mais confiante.

– Mas... desta vez Ame-san ouvirá boas notícias.

Indicou à jovem que se aproximasse, e ela o fez, sentando à sua frente. Kazuo a olhou por um momento, o rosto mais natural se misturando à penumbra, e a achou ainda mais bonita do que antes – ou

do que se lembrava. Antes, porém, que seu olhar corresse de volta à ferida naquela face tão agradável, voltou-se para a katana posta ao seu lado, e a estendeu para a moça.

Ame segurou a arma respeitosamente, com as duas mãos. Risei, de magnífico punho negro e marfim, o nome desenhado em ouro na bainha lisa, era-lhe já conhecida. Embora, agora houvesse um detalhe diferente...

– Este selo... – a cortesã admirou a pequena placa de ferro atada ao sargeo [\[69\]](#).

– ...É o mon dos altos oficiais – anunciou o rapaz, orgulhoso, conforme Ame lhe devolvia a espada. –

Acabo de ser promovido!

– *Hoh!* Verdade?

– *Un!* Agora sou comandante!

Comandante...

Uma tarde abafada de Sol dourado ecoou na mente da cortesã. Um leque que em pouco ou nada aliviava o calor, lanças de bambu enfileiradas à parede ao lado da janela, o tatame gasto e os kimonos manchados pelo suor de um dia exaustivo de treino...

– *Hoh!* Como se Kazuo-san fosse ser nomeado comandante antes de mim!

– Claro que vou! Aoki-sensei acabou de dizer, *neh?* Minha técnica é excelente.

– Excelente, mas inferior à minha.

– Mentira!

– Ora, quer me desafiar, então?

– Por favor, parem de brigar... – a garota suspirou, sentada à margem do tatame. – O chá que preparei acabará esfriando, *neh?*

– Ame-san...

A voz de Kazuo, mais grave e gentil do que em sua memória, a trouxe de volta ao presente.

– Oh... – a jovem sorriu, constrangida – perdoe-me, Kazuo-san... eu...

Sua explicação morreu em silêncio. Kazuo a completou facilmente.

– ...Estava pensando nele.

Ame baixou a cabeça, invadida por uma onda sufocante de melancolia. A visita de Ryuu Hideki a Akahana, meio mês atrás... fora como receber um novo golpe em uma ferida antiga.

– ...Me desculpe – ela pediu, curvando-se mais.

– Ame-san...

Ele tocou o ombro da moça, fazendo-a se erguer novamente. Ame o encarou, os olhos embaçados de lágrimas, e ele retribuiu com uma expressão branda.

– ...Eu entendo.

– Sinto muito...

– A memória dele também me ocorre com frequência – Kazuo se voltou para a katana em suas mãos, num sorriso pesaroso. – Quando olho este selo... imagino o que ele diria.

A cortesã suspirou, admirando longamente a peça de metal escuro que pendia da bainha, pensativa. Depois riu.

– Decerto, começaria com uma provocação... – supôs, terna – depois, lhe daria os parabéns.

Kazuo também riu, nostálgico.

– ...Acredito que sim.

Desta vez foi o olhar dele que se voltou para o selo, perdido em alguma tarde de treinos distante.

Ame sentiu remorso. Aquela notícia deveria ser alegre... Ela estava estragando tudo.

– Eu... – começou, e sorriu, otimista, quando o rapaz se voltou – tenho certeza que ele ficaria muito feliz por Kazuo-san.

Juntou as mãos, festiva e solene, e fez-lhe uma grande reverência.

– Assim como eu...! Meus parabéns!

Kazuo a olhou com carinho, e seu sorriso também se iluminou.

– *Domo arigato* – ele se curvou de volta, formal.

No andar abaixo, o murmúrio de vozes e acordes se tornava mais e mais fraco. A noite, escura e fresca, estava alta sobre Kyoto. Pela janela, logo não se veria acesa mais luz alguma na cidade.

– Ora, precisamos comemorar seu sucesso, *neh...?!* – Ame então se levantou, e fez com doçura teatral: – Posso oferecer a Itou Kazuo-sama algum sake?

Ele riu com espontaneidade, o que a deixou feliz.

– Ame-san não deveria parar de agir assim depois de tirar a maquiagem?

– Oh, se Itou Kazuo-sama assim deseja... – ela provocou em nova medida.

Era impressionante. Mesmo despido de qualquer pintura, seu rosto ainda tinha a perfeição alabastrina de uma boneca. Kazuo suspirou, meneando a cabeça.

– Vamos, deixe disso... Vim comemorar minha promoção com uma amiga, não uma cortesã – então pousou Risei no chão. – ...Embora, depois do que paguei, aceito de bom grado o sake.

Ela assentiu, o sorriso perfeito se desfazendo de volta num semblante franco, e foi à mesinha com a bebida, a alguns passos dali. Serviu duas tigelinhas rasas de um vinho de arroz especialmente fragrante, então voltou a sentar com o rapaz.

– *Dozo* – estendeu a ele uma porção com presteza, e ergueu a própria tigela num brinde, gesto que Kazuo imitou. – ...Ao novo oficial comandante do exército do Bakufu, Itou Kazuo-san!

– Kanpai ^[70]!

Entornaram a bebida num movimento curto e sincronizado. Kazuo riu.

– Sake de verdade... – ele admirou sua tigelinha vazia. – Quase não me lembrava mais do sabor.

– Com essa promoção... – Ame perguntou – Kazuo-san será transferido para a capital?

Ele franziu a testa, deixando o pequeno recipiente de lado.

– Na verdade, é mais provável que eu fique apenas temporariamente – explicou, baixando nitidamente a voz. – Recebi ordens de entregar uma carta.

– ...Uma carta?

Ele olhou de relance em direção à porta, cauteloso. Então fez sinal para que Ame se aproximasse mais. A jovem obedeceu, e ele sussurrou em seu ouvido ao continuar, agora tão baixo que ela mal podia escutá-lo.

– ...Um relatório do segundo filho do seii-taishogun, Ashigawa Yoshinaga-sama, em pessoa. Contém informações detalhadas sobre o fronte nos últimos meses.

Ela o encarou, espantada, ao se afastar.

– E, nesse relatório... – murmurou, cuidadosa – há sinais de que a guerra poderá acabar em breve?

Kazuo balançou a cabeça.

– Está selado. Nada sei sobre seu conteúdo... – os olhos dele correram de volta à porta fechada. – Além disso... não convém falar a respeito.

– ...Entendo.

Um silêncio grave se seguiu. Kazuo se apresentara ao Hana-no-Gosho naquela manhã, e seria recebido pelo shogun no dia seguinte. Até lá, manteria na mansão do avô o relatório do príncipe Yoshinaga, guardado pelos samurais de confiança do clã Itou. Mesmo quando estivesse livre da pesada responsabilidade de custodiar tal documento, porém, o rapaz não faria a tolice de discuti-lo em Akahana – onde as shojis e os fusumas lindamente ornados com flores e borboletas certamente tinham ouvidos.

“Sendo a dona do lugar uma Ryuu... não duvido que espões de Nagoya estejam à minha volta neste exato momento”.

– De qualquer forma... – ele então sorriu, mais leve – é quase certo que ficarei até o final da Primavera.

– Fico muito feliz... – Ame correspondeu a expressão – pela visita e pelo sucesso de Kazuo-san!

– Devo admitir que também estou empolgado – ele concordou. – Quero dizer... é o posto com o qual

sonho há anos! E ojii [\[71\]](#)-sama...!

Ele riu com satisfação.

– Hah! ...Ojii-sama ficou tão feliz com a notícia que acho...

O semblante dele ficou mais intenso. Sério novamente, mas de um modo menos cauteloso e mais solene. Ame o fitou, intrigada, e deixou de lado a tigela vazia de sake, sem muito cuidado.

Kazuo, hesitante, pousou a mão sobre a dela.

– ...Acho... – anunciou, ansioso – ...que enfim poderei comprar Ame-san.



Um par de fênixes coloridas estendia suas asas pela madeira, emoldurando as longas cordas do biwa. Segurando delicadamente o instrumento nas mãos, Tetsuyama Hotaru moveu a palheta num dobrar tímido de pulso.

A corda oscilou numa nota intensa e afinada. Ela quase sorriu, e moveu a mão mais uma vez.

O segundo acorde foi oscilante, e o terceiro, definitivamente rasgado.

– ...*Hoh!* Eu disse a Taiken-dono! – seu suspiro frustrado se perdeu em meio ao quarto movimento das cordas, terrivelmente adstringente.

Taiken disfarçou uma careta. A moça à sua frente, a fronte franzida, devolveu o bonito instrumento a seu suporte, num gesto decidido.

– Não sei tocar uma nota.

– Oh, a *primeira* não foi realmente ruim.

Ela o olhou com uma reprovação contida, mas inegável. Taiken não se sentiu no direito de se aborrecer. Estava realmente a provocando.

– Sinto muito, tono... – a princesa apoiou as mãos sobre os joelhos, em pequena mesura – tocar, cantar, seja o que for... Não sou boa em tais sutilezas.

Era constrangedor, mas verdade. Hotaru não fazia ideia de como produzir algo além de barulho em qualquer instrumento que fosse, não sabia escrever poemas, quase nada entendia de arte ou

kitsuke ^[72]...Tinha uma caligrafia dura, conhecimentos de etiqueta apenas suficientes, e habilidade na cozinha, como avaliada pela família, moderadamente aceitável diante a alternativa de morte por inanição.

Não que não tivesse tido a oportunidade de aprender... mas estivera sempre mais ocupada com suas outras aulas. O extenso treinamento de kenjutsu, concentração, força, agilidade, equilíbrio e técnica – todo o árduo trabalho e dedicação que haviam resultado em sua preciosa katana.

– ...Eu gostaria de ser uma consorte mais apta... Mas receio que, devido à minha escolha, aprender tal arte me tenha sido impossível.

O Sol se pusera há pouco mais de duas horas, e a lanterna acesa no canto mais distante da sala cobria o aposento com pouco mais que uma penumbra sonolenta. Mas, ao mirar Taiken, Hotaru pôde ver nitidamente seus olhos, sérios, correndo à meia-luz do biwa posto no suporte para seu rosto.

– ...E quem disse que a considero inapta? – ele perguntou. – Que outra consorte poderia me acompanhar no kenjutsu, como Hotaru?

Ela entreabriu um sorriso e deu de ombros.

– ...Não sou tão habilidosa quanto Taiken-dono.

– *Hoh...* – Taiken expirou alto, uma sobrancelha erguida – diz a mulher que me acertou no pescoço duas vezes, esta manhã.

Hotaru abafou um riso, e admirou o pescoço do príncipe, sob a gola do kimono cor de camurça.

Atingira-o ali com sua shinai ^[73] durante o treino em um par de ocasiões naquele dia, a segunda com um pouco de força demais. Apesar do deslize, parte sua se sentia muito orgulhosa pelo feito.

– Me desculpe – a moça afastou o tecido, com a outra mão suprimindo o sorriso. – ...Não causei a tona um hematoma, causei?

O suspiro curto de Taiken se repetiu, mais ativo que o primeiro.

– É claro que não.

Ela passou os dedos suavemente pelo local, inclinando-se para olhar. De fato, não havia ali nenhuma marca arroxeadada... Talvez um inchaço leve.

– Está dolorido...?

– Hunn... – Taiken esticou o pescoço para o lado.

Hotaru pressionou com mais firmeza, e o encarou, interrogativa. Ele sorriu ao se deparar com sua expressão preocupada.

– ...Acho que irei sobreviver.

Ela puxou delicadamente a gola de volta a seu lugar, e seus dedos escorregaram pelo algodão, acompanhando o corte bem-alinhado do tecido. Pararam à meia-altura do peito de Taiken. A mão dele ali alcançou a sua, e a envolveu num gesto lento.

Hotaru ergueu os olhos, e encontrou nos de Taiken uma expressão intensa. Os dedos dele deixaram os seus para acariciá-la, suaves em seu rosto, então mais ansiosos, correndo até sua cintura. Ela o abraçou pelos ombros, roçando-lhe o pescoço com os lábios, enquanto ele a deitava no tatame, desfazendo o laço estreito e ladeado de flores que atava seu obi.

Quando um bater à porta ecoou de súbito, não mais brusco que o chamado rouco e grave que o seguiu.

– Taiken!

O príncipe se afastou de pronto da consorte, e ambos sentaram com pressa, os olhos voltados para o fusuma de entrada. Hotaru se sentiu extremamente aliviada por seu obi ainda estar atado de modo corrigível, pois Tetsuyama Osamu, carrancudo, não esperou mais que dois segundos para escancarar a porta da sala. Assim que o daimyo entrou no aposento, o jovem casal ali se curvou em reverência longa – em parte, por consideração ao aspecto especialmente austero do recém-chegado; em parte, para mascarar a expressão constrangida.

– Chichi-ue... – Taiken cumprimentou, sério – a que devo a honra?

O fusuma atrás do daimyo foi fechado em silêncio. Osamu esperou até os passos da serva que o fizera sumirem no corredor, então falou, o rosto entrecortado por sombras na penumbra.

– Há um assunto urgente do qual precisamos tratar.

Taiken assentiu.

– Chichi-ue prefere conversar no escritório?

– Aqui está bem.

O olhar grave do daimyo rebateu em direção a Hotaru. A moça baixou os olhos, fazendo-lhe outra reverência, cumprimentou também Taiken, e se pôs de pé, deixando a sala sem dizer palavra.

Taiken olhou o fusuma sendo fechado atrás da consorte, e se sentiu incomodado. Mal os passos de Hotaru também haviam se perdido no corredor, Osamu sentou à frente do príncipe num movimento seco, atraindo de volta seu olhar. Foi só então que Taiken notou o papel guardado à gola do kimono do pai.

– ...Algo grave? – perguntou, preocupado.

– Potencialmente.

O homem pegou o papel, ornado na primeira dobra com o mon dos Tetsuyama, e o estendeu para o filho. Pelo formato e aspecto, Taiken concluiu que se tratava de uma carta. Já imaginava até de quem.

– ...O relatório de Chiyo – Osamu falou, olhando o papel que Taiken desdobrava com um semblante franzido e descontente.

Chiyo, do clã Hirata de Nagato, era a consorte de Tetsuyama Osamu, e uma das poucas pessoas em quem ele confiava o bastante para incumbir da tarefa que envolvia aquele relatório. Desde o início do ano, a mulher estivera viajando por San'indo, e, como representante do daimyo, fiscalizando as atividades comerciais ligadas ao clã do mestre nas províncias vassaladas e aliadas. Encontrara-se com os principais mercadores de seda em Yonago, visitara o hatamoto Akizuki Ienori em sua residência em Hida, e, em Tajima, passara semanas tratando de seu maior objetivo: conferir os lucros anuais da atividade de inúmeros navios atracados na costa da província.

Tais embarcações, cujo número passava facilmente de uma centena, tinham três naturezas.

Havia os navios mercantes, que, sob o mon dos Tetsuyama, levavam seda, artigos de ferro e madeira à costa Sul de Shikoku, e dali traziam arroz, papel, algodão, porcelana e produtos de luxo. Dentre as naves que pagavam tributo aos Tetsuyama, eram as mais numerosas, e únicas a ostentar símbolos de sua origem.

Havia os barcos sem bandeira que, em número discreto, partiam para o Leste. Esses iam vazios e velozes, e voltavam desgastados, não raro avariados – mas sempre abarrotados de mercadorias valiosas e sortidas. Chamados furiosamente de piratas pelos comerciantes de Tokaido, seus tripulantes eram todos criminosos, que seriam detidos e executados em qualquer província – exceto por Tajima, onde tinham, em troca de justa cota de seus lucros, a presença ignorada pelas autoridades costeiras. Tetsuyama Osamu tinha especial satisfação em receber tributos provindos desse acordo, onde cada moeda a mais em sua mão significava duas a menos na de Ryuu Hideki.

E havia os Ayakashi ^[74].

Esses não eram ignorados, mas desconhecidos, ou, simplesmente, tomados como boatos. Seu nome surgira nas histórias dos pescadores em vilas remotas, de Tajima, Echizen, até Noto: rumores sobre naves escuras que deslizavam detrás dos rochedos na Lua Nova, e seguiam, mudas e lúgubres, mar adentro. Esses fantasmagóricos Ayakashis nunca eram vistos na costa de cidades maiores. Nunca eram vistos à luz do Sol ou da Lua. Nunca eram vistos se aproximando das praias. Sempre partiam, como sombras – sempre para o Norte.

– O Décimo Sexto Ayakashi foi capturado em Sado – Osamu anunciou, soturno, ao mesmo tempo em que Taiken lia a informação na caligrafia fina e precisa de Chiyo.

O príncipe ergueu o rosto para o pai, uma sensação gélida serpenteando em seu estômago. Apertou o papel com ansiedade, e mais um vinco ali se formou, juntando-se às muitas marcas de um manuseio pouco delicado por parte de Osamu.

– ...Como?

– Chiyo recebeu a informação em Tajima. Felizmente, a tripulação foi morta em combate... Mas o navio está em posse do exército do Bakufu. O responsável parece ter sido um comandante subordinado a Itou-dono.

“Itou... Tatsuya...”

Em ocasião mais branda, aquele nome traria memórias a Taiken. Porém, a posse do Décimo Sexto

pelo Bakufu era, no momento, um pensamento muito mais prioritário. Ele se dirigiu ao pai, ligeiramente atordoado.

– Quanto descobriram?

– Aí está. Chiyo partiu para Sado logo após escrever essa carta, na última Lua Crescente, e com certeza permaneceu na ilha por alguns dias, para obter informações... Sua prima é esposa de um hatamoto. Deve ter recebido a visita de bom grado.

– ...E, esperamos, sem suspeitas – Taiken concluiu.

Osamu fez que sim.

– O que me faz sentir receio diante de tudo, ao invés de pânico... – ponderou o daimyo – é que, se evidências houvessem sido encontradas, o shogun já estaria a par da situação.

Um silêncio curto se seguiu. Taiken o quebrou, cruzando os braços, preocupado.

– E... chichi-ue acredita que Chiyo-san será capaz de conseguir as informações necessárias? Descobrir o que o hatamoto sabe talvez não seja difícil, mas... quem está investigando o Ayakashi é o comandante que o capturou.

O daimyo ergueu a sobancelha em consideração ao argumento por um instante, mas acabou por dar de ombros. Seu semblante se tornou um pouco mais leve quando ele por fim respondeu.

– ...Não a subestime. Chiyo é mais astuta que todos os parvos de Itou-dono e do hatamoto de Sado juntos.

– Mas...

– Com certeza – Osamu o interrompeu, seguro – ela trará toda a informação que for possível. Enquanto isso, só podemos esperar.

Taiken concordou num gesto lento. Tentou se acalmar. Mesmo que o Ayakashi estivesse intacto... o Bakufu talvez fosse capaz de descobrir seu destino, mas rastrear a origem era uma possibilidade remota. Quanto a sua missão, talvez um comandante de argúcia afiada suspeitasse, mas... era improvável que a desvendasse por completo. E a associação dos Tetsuyama à nave... Os Ayakashis não levavam documentação, mon ou identificação alguma além do número na proa, não mantinham qualquer registro escrito em seu interior. E, com toda a tripulação morta... ligar a nave a Tottori seria impossível.

– Haverá de ser um mero inconveniente – o príncipe concluiu. – Perdemos algum dinheiro. Nada mais.

– Assim espero.

Osamu se levantou. Taiken lhe estendeu a carta de Chiyo, mas o pai negou.

– Queime-a.

...Un, era o mais prudente a fazer. Taiken assentiu, e levou o papel dobrado até a lanterna de chão no canto oposto da sala. Ajoelhou-se ali, e mergulhou a carta no fogo tímido. As chamas oscilaram, lambendo as bordas do papel. O príncipe observou o mon dos Tetsuyama ali, contra a luz incandescente, cercado por bordas castanhas e negras de destruição mais e mais próximas, até ser consumido, numa flama ágil e fugaz.

– ...E quanto ao restante? – perguntou, voltando-se para o pai.

– Tivemos lucro – o daimyo alisou o cavanhaque. – Sadanori-san se encarregou de receber a cota dos piratas, como de costume... E Chiyo mandou a lista relativa à frota mercante e ao comércio por terra, anexa ao relatório.

– ...Inclusive a parte de Hida?

Osamu riu com malícia ao confirmar.

– Também estava ansioso para saber dessa... Está tudo em meus aposentos. Analisaremos com mais cuidado, amanhã. Embora, os lucros finais ainda precisem ser calculados e comparados aos do ano passado.

– Direi a Naginata que o faça – Taiken se levantou.

– Este ano, também? – Osamu ergueu as sobrancelhas. – Ele ficará aborrecido.

Ora, desde que Taiken se lembrava, Naginata *sempre* estivera aborrecido. Uma eventual tarefa em seu cotidiano ocioso não faria diferença para pior.

– Como quiser – o daimyo deu de ombros, e seguiu em direção à porta. – Só não o incomode demais, *neh*, Taiken...? Naginata ainda está ranzinza por Hotaru-san.

Sua voz adquiriu então um nítido tom de censura.

– ...E com razão.

Capítulo 7

Orgulho



Descendentes de antiga linhagem samurai, os Tetsuyama de Inaba tinham a guerra como tradição há mais de duzentos anos. Seu mon, um kabuto cor de ferrugem, emanava a força de uma família que traçara seu caminho a aço através das décadas. Para Uehara Hotaru, seria natural e já esperado se deparar com um dojo impressionante no castelo do clã nas montanhas.

Ainda assim, ela não imaginara que encontraria algo como aquele aposento.

Construído na encosta da montanha, cem metros escadaria de pedra acima do pátio principal, o dojo da sóbria residência dos Tetsuyama era assombrosamente amplo, organizado e estético. Sustentado por colunas quadradas, era feito de uma madeira clara e polida, e decorado por nada além de um longo painel aos fundos. A antiga pintura, em tons suaves, retratava aves em voo sobre cadeias de montanhas enevoadas. No centro, destacavam-se os traços ásperos e a cor intensa de um kabuto vermelho-escuro.

Hotaru soltou uma exclamação baixa e longa de admiração. Era maravilhoso. A amplidão, os tatames impecáveis, os muitos armários de equipamentos adornados em ferro e ouro, as lanças e shinais alinhadas, primorosas, em seus suportes...

– Vejo que nossa estrutura agrada Hotaru-hime – Osamu comentou. A princesa se voltou, dando-se conta, constrangida, de quão tola devia estar parecendo.

– ...Oh, é o dojo mais magnífico que já vi – concordou, formal. – Faz jus à nobre reputação dos Tetsuyama.

– De fato – reforçou o pai da jovem. – Tetsuyama-dono tem muito bom gosto.

O daimyo de Inaba abriu educadamente um breve riso lisonjeado.

– Hotaru-dono parece realmente valorizar a arte do combate – Taiken se dirigiu à moça. – Suponho que gostaria de escolher pessoalmente sua shinai para o duelo?

Ela sorriu.

– *Hai*. Se não for incômodo.

– De modo algum.

Ele foi até o suporte de shinais mais próximo, à lateral do aposento, seguido de perto pela princesa. Osamu observou os dois num discreto erguer de sobrelance. Ora... Taiken não costumava ser dado a tais gentilezas.

– Então, Hotaru-dono é praticante séria de kenjutsu... Há quanto tempo treina?

– Desde os seis anos. Ojii-sama era instrutor, e sempre me incentivou a aprender. Decidi me dedicar a isso aos oito.

– Escolha incomum – Taiken observou, voltando-se para a princesa. O rosto dela transpareceu um sorriso nostálgico.

– Oh, sei disso... Mas me orgulho dela.

Alcançaram o suporte. Era uma peça reta e sem adornos, mas de acabamento impecável, entalhada na mesma madeira das paredes. Enfileirava-se ao menos uma dúzia de shinais ali, de bambu liso e regular, organizadas em tamanho decrescente. Mas Hotaru não as admirou com cuidado de imediato, por ainda estar olhando Taiken.

Ele tinha os cabelos negros presos com firmeza, como no dia anterior. Vestia-se de castanho e vermelho-escuro, o mon do kabuto ostentado nas costas e nos dois lados da gola, a katana atada em nó preciso e simples à cintura, o dobuku casual sem mangas evidenciando-lhe os ombros largos.

– ...E quanto a Taiken-sama? – a jovem perguntou. – Quantos anos tinha quando começou seu treinamento?

– Quatro – ele disse, com orgulho perceptível. – Embora, acho que ganhei minha primeira espada de brinquedo aos três.

– Impressionante...! Taiken-sama deve ser muito habilidoso.

Ele provavelmente não quis parecer pedante concordando, então apenas ficou calado. Voltou-se para o suporte, e Hotaru fez o mesmo. Ela passou o olhar rapidamente pelas shinais mais pesadas à esquerda, então analisou as exemplares à direita. Estendeu a mão num gesto lento para a penúltima da fila, então pegou de repente a antepenúltima.

– ...Esta parece excelente – avaliou, sentido o peso da arma.

– Escolha elegante – comentou Taiken.

Hotaru sorriu. Receber a aprovação dele era tolamente agradável. Vendo que a princesa se decidira, Taiken indicou num gesto de cabeça uma área dos tatames adiante, quase ao fundo do salão.

– *Dozo*, Hotaru-dono.

Seguiram até um palanque de um palmo de altura, à face Norte do salão, onde os outros aguardavam. Osamu se acomodara no centro do degrau, seu assento maior e mais acolhedor que os demais. Ao chegar, Taiken tomou sua esquerda. Naginata, o segundo príncipe, sentava à direita, ligeiramente atrás do pai. Ao seu lado, por fim, estava o visitante, Uehara Seito.

Hotaru se sentia agitada. O jantar seria servido logo após o pôr-do-sol, mas, a pedido de Tetsuyama Osamu, no dia anterior, ela demonstraria antes da refeição suas habilidades em kenjutsu, enfrentando em duelo amistoso um dos samurais de Tottori-jo. O próprio Osamu e os filhos estariam ali para assistir à disputa – além de, agora Hotaru via, vinte outros samurais, sentados à face Sul da sala, e uma dezena de servos, espiando de onde estavam, junto à parede lateral.

A princesa sabia que nenhuma daquelas figuras de olhar curioso esperava sua vitória. Era desanimador. Ou melhor... inquietante. Ela teria preferido não ter de lutar em público – sua apreensão diante da possibilidade de derrota sempre fora diretamente proporcional ao número de olhos que a acompanhavam.

“Respire fundo... você vai conseguir”.

– Oyakata-sama...!

O chamado viera da face Leste da sala, oposta a Hotaru. Sentado ali, um homem magro fazia aos ocupantes do palanque medida acentuada. Estava sozinho, o que levou Hotaru a concluir, devia ser seu oponente.

– Akizuki-san... – Osamu retribuiu curtamente o cumprimento, e se dirigiu aos demais. – A honorável

princesa de nossa aliada Hida, Uehara Hotaru-hime, graciosamente concordou em nos demonstrar seu kenjutsu esta tarde. Seu oponente será Akizuki Kinari-san, comandante da guarda central do castelo.

Voltou-se para a moça, indicando o tatame.

– Hotaru-hime.

Ela reverenciou em resposta, e se posicionou, shinai em punho.

Akizuki Kinari não pôde deixar de sentir estranheza ao se ver frente ao oponente mais singular de seus muitos duelos. Ela tinha uma expressão dura, os olhos mirados nos seus sem hesitação, mas – ele imediatamente notou – com receio. Os cabelos dela estavam presos num rabo-de-cavalo sem adornos, seu kimono era perfeitamente branco, e o hakama, de um cor-de-rosa desmaiado. A moça era uma cabeça mais baixa que ele – e, o samurai não deixou de observar, tinha um corpo muito bonito.

Naqueles poucos segundos que precederiam o duelo, Hotaru analisou o quanto pôde o homem à sua frente. Era alto, mas também nitidamente magro, então não devia pesar mais que um oponente mediano. Tinha trinta e cinco, trinta e seis anos. Devia ser ágil. Portava uma shinai especialmente longa, e encarava de volta, o semblante sério, mas – ela imediatamente notou – mais intrigado que concentrado.

– *Yosh...* vamos dar início ao duelo – Tetsuyama Osamu anunciou.

Ambos deram um passo adiante, entrando na área de combate, delimitada por uma corda. Kinari reverenciou, grave e lentamente, em direção ao palanque, então à oponente, e Hotaru imitou os cumprimentos. Ao fazer sua longa medida em direção ao degrau, a princesa espiou de relance a esquerda de Osamu. Tetsuyama Taiken olhava os duelistas com interesse.

Os competidores se encararam mais uma vez, e tomaram posição.

Hotaru prendeu a respiração. Moveu o corpo de lado, num giro rápido, e parou com o chocar oco de sua shinai contra a do adversário. As sobrelombas de Takeshi se inclinaram numa expressão concentrada. Então a princesa sorriu. Num impulso brusco, moveu sua arma para frente. E seu oponente caiu, derrotado, no chão.

– *Yatta!* – ela comemorou. – Venci!

– *Iie.*

A voz austera de seu avô a fez se voltar, surpresa. A fronte franzida, o pequeno e imponente Uehara Kyuzo se aproximou.

– Levante, Takeshi-kun ^[75] – ele falou, e se dirigiu à neta. – Vão lutar de novo.

O queixo de Hotaru desabou em frustração.

– *Eeh!?* Mas, ojii-sama... eu venci!

– Hotaru simplesmente usou o próprio peso para empurrar seu oponente. Não foi uma vitória válida.

– Mas Inago-kun acabou de vencer assim, na vez dele! – a menina apontou outro dos colegas, sentado a alguns metros dali.

– Não discuta – concluiu Kyuzo. – Não interessa como Inago-kun luta. *Hotaru* não vai vencer um duelo com um empurrão.

– Mas... *por que*, ojii-sama...?! Eu sou tão forte quanto eles!

O velho suspirou. Que menina teimosa.

– Hotaru...

Ele pousou a mão no ombro da neta, então se abaixou para encará-la. De pronto, a princesa achou que levaria uma bronca, mas a voz dele veio paciente.

– Escute... Hotaru, Takeshi-kun, Inago-kun, têm apenas nove anos. São crianças. Então, sua força é de

fato a mesma de seus companheiros. *Por agora.*

Ele apontou Takeshi, que já se colocara de pé, e agora pegava sua shinai, caída a alguns passos dali, carrancudo. Hotaru o olhou por um instante, até que a fala de seu avô atraiu de novo sua atenção.

– ...Mas dê a esses garotos alguns anos. Dez. Quinze anos. E eu garanto, quando esse tempo passar, Hotaru não vai mais conseguir derrubá-los com um empurrão.

– Eu treinarei duro – ela garantiu. Kyuzo balançou a cabeça.

– Não importa o quanto treine, Hotaru será mulher. Não pode querer competir com força bruta.

Ele segurou a shinai que pendia molemente da mão da menina, e a fez segurar a arma com firmeza.

– *Técnica*, Hotaru! É o que permite ao fraco subjugar o forte. Lute de novo com Takeshi-kun. E, desta vez, vença com *técnica*.

Técnica. Esse foi o princípio máximo de Uehara Kyuzo ao instruir a neta na arte do kenjutsu. Precisão acima de força. Argúcia acima de vigor. Concentração acima de ímpeto. Hotaru ainda se lembrava da contrariedade que sentira quando o avô anulara sua vitória, naquele dia. Hoje, era imensamente grata por sua sabedoria ao fazê-lo.

Akizuki Kinari, honorável comandante da guarda central de Tottori-jo, estava caído no tatame, a expressão embasbacada. Da pequena plateia ao redor, um som longo e pasmado ecoava pelo dojo. Em seu lugar, Tetsuyama Osamu soltava um “*Hoh!*” alto e admirado.

“...*Consegu!*”

– *Bizarro...* – murmurou Naginata, num torcer de nariz.

“Como...?”

Estirado no chão, Kinari ainda não conseguia entender como acontecera. A luta começara com clara vantagem sua. A moça se esquivara com dificuldade de suas duas primeiras investidas. Tentara um golpe lateral cauteloso, e recuara novamente, a shinai mal bloqueando, em eco seco, o ágil contra-ataque. Avançara de novo, após um segundo de hesitação, e o fizera num golpe facilmente evitável, abrindo uma brecha estreita, mas vital, em sua defesa.

Usando toda a sua habilidade, Kinari poderia tê-la atacado por ali, e, talvez, vencido de imediato. Mas a luta seria finalizada rápido demais. Por que ser rude dessa maneira, se podia dar à mocinha mais alguns minutos para se exhibir?

Brecha ignorada. O samurai então dera um passo atrás. Hotaru atacara mais uma vez, empunhando a shinai com ambas as mãos, acima da cabeça. Ele erguera sua arma com confiança para interceptar o movimento...

E, antes que pudesse piscar, fora atingido à altura do abdômen.

– Extraordinário, hime! – Osamu elogiou, em meio ao burburinho agitado que ainda vinha da plateia.

– Vejo que sua fama é absolutamente merecida!

Ela fez longa reverência ao daimyo, o fôlego entrecortado.

– ...Estou honrada por sua aprovação, Tetsuyama-sama.

– Hotaru herdou o talento do avô – Uehara Seito sorriu.

De cabeça baixa, a moça suspirou, aliviada. Não fora uma vitória fácil. Como ela calculara, Akizuki Kinari demonstrara durante a luta reações rápidas, ótimos reflexos e movimentos súbitos.

“É irônico... mas, se eu não fosse mulher, talvez houvesse perdido para ele”.

– Hime-sama...

A princesa se voltou. Kinari se levantara, austero, a mão direita comprimindo com rigidez o punho da longa shinai. O olhar mal encontrando o de Hotaru, ele baixou o rosto longilíneo numa reverência

respeitosa, mas nitidamente desconfortável.

– ...Eu a subestimei. Foi um erro.

Acontecia com frequência. Na verdade, Hotaru se habituara a iniciar suas lutas de modo hesitante, defensivo. A tática lhe permitia avaliar a habilidade do adversário – e ocultar a sua até o momento oportuno.

– *Domo arigato gozaimashita...* – ela correspondeu a medida. – Foi uma honra duelar com Akizuki-san.

– *Yosh* – Osamu anunciou – isso é tudo. Agradeço aos competidores pela ótima apresentação, e espero encontrar nossos caros convidados em breve para o jantar.

Os duelistas se curvaram novamente em direção ao palanque, e o som irregular de conversa cresceu entre os samurais. Kinari se afastou rumo a um suporte de shinai distante dali, carrancudo e silencioso. O homem poderia ter guardado a arma num apoio mais próximo, ou simplesmente tê-la entregue a um servo, pensou Naginata... Mas devia estar envergonhado demais, e quisera apenas se afastar da pequena multidão que agora se preparava para deixar o dojo.

“E quem pode culpá-lo?”, o príncipe concluiu.

– Foi uma disputa interessante – Tetsuyama Taiken se dirigiu a Hotaru quando ela se aproximou do palanque, entregando a shinai a um servo.

A moça agradeceu numa medida.

– Fico feliz.

– A técnica de Hotaru-dono francamente me surpreendeu. Admito que, no início da luta, tive a impressão que seu desempenho não passaria de medíocre.

Hotaru baixou um pouco o rosto, um sorriso escapando dos cantos dos lábios.

– ...Uma tática astuta – Taiken observou. – Usar-se de sua suposta desvantagem para iludir o oponente.

– Não fosse por desatenção, Akizuki-san poderia ter me derrotado – confirmou ela. – Estimar a força do inimigo é algo que se deve fazer com prudência, *neh?*

Taiken fez que sim, então se perguntou se o que a moça demonstrara ao vencer aquele duelo fora o limite de sua habilidade ou apenas o suficiente.

– Estou lisonjeada por seu elogio – Hotaru se curvou, formal. – ...Talvez, um dia, Taiken-sama possa me conceder a honra de enfrentá-lo com a shinai?

Ele assentiu num sorriso de bom grado.

– Será um prazer.



O último rastro incandescente do Sol se fora, e no céu esverdeado subia um aro estreito de Lua Nova. Três estrelas solitárias faiscavam no firmamento, que oscilava entre o colorido do poente e a penumbra de outra noite fresca de Primavera. O pátio da ala Oeste do castelo se estendia até a borda da montanha, diante da sala de chá. Dali, suaves degraus abaixo levavam ao jardim, e um longo caminho acima, ao dojo.

Estava tudo vazio e quieto, e a luz morna das lanternas dentro da construção mal alcançava o beiral de pedra que circundava o pátio. Ali, os olhos correndo do céu para a planície abaixo, Tetsuyama Naginata contemplava o silêncio leve que envolvia a reclusa fortaleza de seu clã. O vento, embora suave, estava frio, e a seda escura de seu kimono não barrava o toque gélido do beiral de pedra contra seus antebraços. A sensação de fato não o incomodava.

Dali, a vista era fantástica. A montanha se elevava sobre a paisagem, majestosa, a encosta larga rebordada pela trama fechada de uma floresta entrecortada de sombras. A Oeste, um lago emanava nuvens densas de bruma, que subiam, frias, e deslizavam pela planície, inundando as vilas abrigadas à sombra do castelo. Quando criança, Naginata adorava espiar, da ponta dos pés, a paisagem por sobre aquela mureta do pátio. As casinhas dos camponeses pareciam tão minúsculas e frágeis, ao longe e abaixo...

Agora, nem mesmo a beleza vívida daquele lugar abrandava sua inquietude. Pela manhã, a comitiva de Tottori partiria rumo à capital.

“...Kyoto...”.

A verdade era simples. Naginata estava com medo. Ainda tinha a lembrança, clara, da última vez em que sua família estivera no palácio do seii-taishogun. A beleza opressiva do salão dourado, a sensação sufocante da iminência da morte... as bandeiras azuis do dragão assistindo em silêncio ao partir de sua liteira...

Mesmo após tantos anos, a ideia de voltar àquele lugar ainda o assombrava. Não que ele cogitasse admitir diante do pai, do irmão mais velho ou qualquer outro... Mas, dentro de si, o príncipe tinha severas dúvidas se a casa de Tetsuyama era páreo para o velho inimigo que a aguardava na capital.

“Nagoya... Osaka... Nara... Edo... conselheiros do Bakufu... gerais...”

Naginata franziu a testa.

“...E o que nós temos...?”, a figura patética de Uehara Seito invadiu, num sorriso medroso, a mente do rapaz. “...*Bufões e piratas!*”.

Ele suspirou, frustrado. Koi provavelmente teria algo confortador para dizer-lhe naquela situação... A ausência dela de repente se tornou mais incômoda.

Passos. O príncipe olhou de má-vontade as escadas de pedra do dojo, iluminadas por tocheiros esparsos. Uehara Hotaru se aproximava, num andar cansado.

“Talvez se eu olhar em outra direção e ficar imóvel, ela simplesmente passe reto e não me incomode...”, ele revirou os olhos, e mirou um ponto profundo do rio estreito que, muito abaixo, cruzava a paisagem.

– Naginata-sama...

“Uff...”.

Ele se voltou num sorriso aborrecido. A moça vestia um hakama cinza sobre o kimono, o rabo-de-cavalo em seus cabelos estava meio desordenado, e seu rosto, à luz fraca da varanda, brilhava de suor – certamente porque ela ficara pulando no dojo por horas, com uma shinai na mão... Que desagradável, ver uma mulher naquele estado.

– *Konbanwa*, Hotaru-dono.

– *Konbanwa* – ela correspondeu a mesura, séria.

– Voltando do dojo?

Hotaru lamentou por sua boa educação tê-la obrigado a parar e cumprimentar o segundo filho de Osamu. O modo como ele a olhava, o desprezo mal disfarçado no semblante sempre prepotente, não era só incômodo... Era *irritante*.

– ...*Hai* – ela confirmou, polida. – Tetsuyama-sama foi muito gentil em permitir que eu o usasse durante nossa estadia em Tottori-jo... Estive treinando a tarde toda.

– Hun... – Naginata ergueu a sobrancelha – uma dedicação admirável.

Voltou-se para a paisagem sombria.

– Kinari-san deveria seguir esse exemplo e praticar um pouco, às vezes...

O rosto de Hotaru endureceu.

– Tenho certeza que Akizuki-san exercita seu kenjutsu com disciplina – a moça observou com frieza.
– É um duelista excelente.

Os olhos amendoados de Naginata correram de volta para ela, rasteiros.

– ...Ele perdeu para Hotaru-dono, não perdeu?

Ela cerrou os punhos junto ao corpo, sem se dar conta disso. Era *típico*, ouvir o valor sua vitória diminuído num comentário arrogante como aquele...

– Isso é porque eu *também* sou habilidosa com a katana.

Elogiar a si mesma daquele modo não era especialmente elegante, mas Hotaru não pôde se conter. Além do mais, ela sequer se proclamava *melhor* que seu oponente... Apenas defendia seu mérito. E essa, educada ou não, parecia-lhe uma atitude justa.

– Com todo o respeito a Hotaru-dono... – Naginata retrucou, seco – perder para qualquer mulher que seja não é sinal de competência.

– Com todo o respeito a Naginata-sama, é uma observação presunçosa, vindo de alguém que maneja mais moedas que lâminas.

Naginata estacou. Hotaru viu, em um instante, seu rosto empalidecer, então corar, então se cobrir de uma cólera cuja intensidade a assustou. Ele levou a mão bruscamente ao punho da katana, e a moça estremeceu onde estava, contendo o impulso de dar um passo atrás.

Os dois se encararam. Hotaru se sentiu estúpida. Sabia que o segundo príncipe do clã Tetsuyama passara boa parte dos últimos cinco anos na China, representando a família em viagens de comércio. Não guerra, nem política – *comércio*. Um samurai com ofício de mercante, um homem com ofício de mulher; quem era *ele* para menosprezá-la? Diante a provocação, formular tal raciocínio fora inevitável.

...Mas expressá-lo, terrivelmente insensato.

“Ele... vai me matar?”.

Os dedos do rapaz, rígidos, soltaram devagar o punho da espada.

– Posso garantir a Hotaru-dono que sei manejar lâminas *muito bem* – ele sibilou, a voz pausada e o olhar furioso.

Ela não retorquiu. Naginata ainda a mirou por um momento, sombrio, então deu-lhe as costas e caminhou com decisão rumo à sala de chá. Olhando seu passo seco ao se afastar, Hotaru se sentiu apreensiva. Fosse o tipo de pessoa que fosse, aquele ainda era o filho de seu anfitrião, e príncipe da província de Inaba... Ter perdido a compostura por uma provocação tão tola fora um erro.

Naginata parou.

– A propósito... – seu olhar correu pela princesa, ácido – ...Hotaru-dono parece mesmo terrivelmente orgulhosa dessa sua postura esdrúxula de onna-bugeisha ^[76], *neh?*

Ser tratada naquele tom de escárnio não era algo que a moça sentia facilidade em tolerar. Mas retrucar de qualquer modo, após aquele seu último comentário, estava fora de cogitação. Ela meramente o olhou, tensa.

– Então, brinque de soldado enquanto pode – Naginata ergueu os olhos para os dela e, estranhamente, sorriu. – ...Tenho a sensação que o marido de Hotaru-dono não será indulgente com tal capricho.

E seguiu sem dizer mais nada para dentro do castelo.

A noite envolvia lenta e gentilmente a montanha, e o vento continuava brando, mas Hotaru sentiu um arrepio desagradável.

“ ...Marido...?”



– ...Chichi-ue...

– Hun? – Seito respondeu, mais concentrado em mastigar outro bocado de peixe do que na expressão inquieta da filha.

O céu escurecera por completo. Naquela noite, Tetsuyama Osamu não convidara seus hóspedes para o jantar. Provavelmente estava ocupado, organizando a iminente viagem para a capital.

– ...Amanhã, chichi-ue irá se reunir com Tetsuyama-sama mais uma vez antes de partirmos, *neh?*

– *Un...* isso mesmo.

A princesa olhou para seu próprio prato, onde o arranjo da comida ainda estava intocado. Serviu-se em silêncio de duas fatias de peixe, mergulhando-as rapidamente no molho fermentado, então bebeu um gole de chá.

Correu os olhos de volta para o pai.

– Foi Tetsuyama-sama quem pediu a audiência com chichi-ue, *neh...?* Logo pela manhã? Acha que se trata de algo importante?

Seito pensou um pouco.

– Quem sabe...? Tetsuyama-dono comentou ter grande interesse em fortalecer os laços com Hida, então provavelmente se tratará de algo positivo.

O daimyo entornou uma pequena dose de sake, e pôs-se a comer ensopado de outra tigela. Hotaru voltou a baixar o rosto, admirando a sombra das próprias mãos através da porcelana branca com sua refeição.

– Fortalecer laços... – ela conjecturou, após alguns segundos – poderia significar o interesse dos Tetsuyama numa aliança nupcial?

Seito deixou a tigela fumegante de lado e assentiu.

– É possível.

O peixe do jantar pareceu se revolver, vivo, no estômago de Hotaru.

– ...Chichi-ue aprova a ideia?

Ele deu de ombros.

– Sem filhos homens para herdar Hida, sempre imaginei que o marido adequado a Hotaru viria da família de um hatamoto... *Hoh*, mas, se Tetsuyama-dono oferecer o filho para tal papel... como posso recusar?

– Chichi-ue não teme que um casamento leve Tottori a sobrepujar Hida? – o tom de Hotaru se tornou francamente preocupado. – ...Não acredito que os Tetsuyama teriam pudor diante a oportunidade de anexar nossas terras.

Seito franziu a testa.

– Ora, Hotaru... – ele olhou de relance os guardas à porta, como para se certificar de que eram mesmo

seus – não deveria dizer coisas assim...! Tetsuyama-dono é nosso aliado. Uma proposta nupcial vinda de Tottori seria uma grande honra!

Um silêncio curto se seguiu. Hotaru baixou as mãos, pousando-as juntas sobre os joelhos. O daimyo olhou curtamente a serva mais próxima, que serviu-lhe outra dose de sake. E, como da primeira vez, Seito entornou a bebida num gole impaciente.

– Não temos condições de contrariar o Akaoni, de qualquer forma... – o homem então murmurou, mais para si mesmo. – O melhor a fazer é aceitar de cabeça baixa.

Então, Hotaru concluiu, seu casamento com um membro da casa de Tetsuyama era mesmo um cenário iminente. O fato a deixava inquieta...

Faltava determinar se de modo positivo ou catastrófico.

– Chichi-ue... – ela torceu as mãos, escondidas do pai pela mesinha à sua frente – mencionou a possibilidade de Tetsuyama-sama apontar *o filho* para meu marido, *neh?* Isso quer dizer que... trataria-se de um deles em especial?

– *Un...* – ele confirmou – certamente seria o segundo príncipe, Naginata-dono.

Então soltou um suspiro curto.

– Ainda que aliados de Tottori, aparentemente não somos *importantes* o bastante para tal compromisso com Taiken-dono...

Era catastrófico.

O riso arrogante de Naginata, na varanda, fez um sentido nauseante na mente de Hotaru. Então, ele já sabia?... Estava decidido? Ela não podia acreditar... Tantos anos de treino, tantos sacrifícios que ela fizera, sua preciosa katana, símbolo do reconhecimento final de seu avô... Ela seria obrigada a perder *tudo*, por capricho de um rapazinho tolo e prepotente a quem teria a amarga vergonha de chamar de marido?!

– Quem sabe...? – a moça fez, nervosa. – Talvez possamos convencer Tetsuyama-sama de nosso valor.

O daimyo parou, pesando as vantagens de enlaçar Hida ao nome eminente de um príncipe herdeiro, e as dificuldades de pressionar Taiken – e, mais importante, Osamu – a aceitar tal proposta.

– ...Seria uma sorte improvável – concluiu, num dar de ombros.



- ...Por favor, precisa esperar até de manhã.
- Não *posso* esperar até de manhã. Preciso vê-lo agora.
- Sinto muito, mas é impossível.
- É um assunto urgente.
- Não há nada que possamos fazer... Temos ordens...
- Eu insisto!...

O correr brusco de um fusuma vibrou ao longe, fazendo os guardas se voltarem para trás. Diante o mais jovem dos quatro, cujo rosto se cobrira de apreensão, Hotaru se moveu para olhar a longa figura que deixara o aposento vinte metros adiante, e agora se aproximava. Uma postura cansada era só o que a moça podia ver àquela distância, na penumbra crescente rumo ao final do corredor. Mas...

- Qual a razão para todo esse barulho?

Aquela voz, sonolenta e irritada, sem dúvida era a dele.

Os samurais em vermelho-escuro deram as costas para Hotaru e se ajoelharam, curvando-se com proeminência ao homem, agora de traços visíveis, que se aproximava.

- Aah... Taiken-sama!
- Perdoe-nos... mas... a honorável convidada de Hida insistia em vê-lo.
- Dissemos que Taiken-sama havia se recolhido, mas...

Taiken se voltou para Uehara Hotaru, iluminada pelo candeeiro à entrada do corredor. Sob o uchiki modesto, ela estava em roupas de cama, um kimono de algodão cor de palha, os cabelos presos frouxamente à meia-altura das costas. Seu rosto estava pálido.

– Taiken-sama... – ela se curvou, austera – peço perdão por incomodá-lo a esta hora... mas... precisava vê-lo, com urgência.

Ele franziu a testa em estranheza.

- Por quê?

Hotaru abriu a boca, mas não disse nada de imediato. Seus olhos correram de relance para os samurais, que a observavam com interesse, então voltaram, hesitantes, para o rosto de Taiken.

- ...Seria... melhor se... pudéssemos falar em particular.

O franzir de testa se intensificou.

– Peço novamente perdão pelo aborrecimento – ela fez outra mesura, e indicou a própria cintura. – Por favor... estou desarmada. Só desejo falar-lhe por um momento.

Desarmada. Uehara Hotaru às vezes soava como um soldado, Taiken pensou – embora, soldado nenhum teria sido capaz de tirar, com aquela frase desconcertada, um sorriso de seus lábios daquele modo.

- Por que não? – ele concluiu, e pôs-se a voltar por onde viera, corredor adentro. – Estou acordado,

de qualquer forma...

A princesa o acompanhou a passo firme. O calor e a luz do candeeiro à entrada do caminho decaíam a cada passo, às suas costas. Ela se voltou por um instante. Pôde ver os guardas agora cochichando muito baixo entre si, dois deles lançando, sorrateiros, olhares significativos em sua direção.

Uma parcela de sua consciência a incomodou. Ir até os aposentos de um homem no meio da noite, e pedir para conversarem a sós, daquela maneira... A ama implorara que ela não o fizesse, e a princesa precisara ameaçá-la para que não interferisse. Um pai severo a mataria por um comportamento tão vergonhoso, e o seu com certeza a repreenderia como nunca, no dia seguinte.. Ainda assim, Hotaru não estava disposta a voltar atrás. Já decidira, irredutível, que a maior das censuras, ou mesmo uma lasca em sua reputação, eram, no momento, preocupações secundárias.

Não sucumbir à desgraça do título *esposa de Tetsuyama Naginata* era essencial.

Alcançaram a porta. Era um fusuma liso e de acabamento nobre, ornado por dois puxadores redondos de ouro. Taiken acomodou os dedos no espaço largo de um deles. Antes de movê-lo, olhou para a moça. Hotaru não hesitou. Num ruído discreto, o painel correu para o lado, e a luz fraca de uma lanterna escapou timidamente para o corredor.

– *Dozo*.

Hotaru entrou. Era um aposento de tamanho médio, a porção anterior iluminada pela lanterna de chão acesa à quina esquerda. Ali, uma mesa de trabalho compacta e um pequeno móvel fechado para papéis colocavam-se próximos à luz. Do lado oposto, na mesma parede dos fundos do corredor, ficava a janela, alta e estreita, e sob ela, um baú.

A porção posterior do quarto se elevava num degrau de poucos centímetros. À esquerda, resguardada por um biombo baixo, via-se a sombra de um futon, as cobertas grossas reviradas. À direita, na parede, um pergaminho de aspecto antigo retratava a traços de nanquim montanhas e o mon dos Tetsuyama. Sob a imagem havia um suporte de katana, de madeira vermelha. Estava vazio – Taiken estava com a espada à cintura.

– Sente-se – Hotaru ouviu a porta fechando atrás de si, e Taiken lhe indicou um espaço diante da mesa.

Ela obedeceu. O príncipe ocupou o outro lado do móvel, os braços cruzados e uma expressão neutra nos olhos estreitos. Hotaru sentiu frio no estômago.

Isso seria constrangedor...

– ...Então? – Taiken fez, após alguns segundos de silêncio.

Hotaru respirou fundo antes de começar, grave.

– Soube que... pela manhã, será determinado meu noivado com Naginata-sama.

De fato, Taiken o ouvira conversando a respeito com o pai, ao se juntar a ambos para o jantar, naquela noite. O ocorrido inclusive lhe parecera curioso; até então, a filha de Uehara Seito em nada parecera interessar a Naginata.

– Acredito que sim – ele confirmou.

A testa de Hotaru franziu, e ela baixou os olhos. Taiken moveu o rosto de lado, e quase chegou a dizer algo, mas a princesa o interrompeu.

– Por favor, impeça.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Por quê? Não será uma honra para a casa de Uehara?

– ...Será uma desgraça para mim.

Taiken se inclinou um pouco para trás, surpreso. Hotaru hesitou por um instante, então prosseguiu, numa reverência.

– Peço a Taiken-sama que me perdoe. Mas... preciso ser sincera.

Olhou-o novamente. O rosto dele estava impassível.

– Naginata-sama despreza meus valores – ela explicou. – Não o conheço bem, mas... ousou supor, também desprezarei os dele. Hoje, mais cedo... mal nos falamos por alguns minutos à sacada, e Naginata-sama me insultou.

Taiken soltou um suspiro curto de desaprovação. Era mesmo impressionante, o moleque não era capaz de parecer agradável diante das visitas sequer por três dias...

– Seja o que ele tenha lhe dito... – o príncipe baixou a cabeça numa mesura curta e formal – peço desculpas a Hotaru-dono.

– Não mereço tal cortesia – ela respondeu. – ...Eu o insultei de volta.

Por um momento, Taiken nada disse, apenas a admirou, intrigado. Era simples efeito das ofensas a Naginata, ou aquela mulher estava ficando cada vez mais atraente?

– *Hoh*, não se recrimine... – ele deu de ombros, num gesto resignado. – Naginata costuma provocar esse tipo de reação.

– Então... Taiken-sama entende minha relutância?

Perfeitamente. Estranha seria a mulher que concordasse de bom grado em ser esposa daquele traste. Taiken assentiu.

– Sendo assim... Hotaru-dono está pedindo que eu tente dissuadir Naginata da intenção de desposá-la?

– Com todo o respeito, acredito que tal esforço seria em vão... – disse a moça, o rosto agora invadido por nítido rubor. – ...Então...

Ela baixou a cabeça numa reverência profunda.

– Taiken-sama... Rogo-lhe humildemente que me aceite como sua esposa.

O sobressalto fez Taiken de repente sentar mais reto.

– *Como?*

– Por favor... – Hotaru pediu. – ...Se Taiken-sama manifestar amanhã o desejo de ter-me como esposa, sei que sua vontade prevalecerá sobre a de Naginata-sama.

...Na verdade, não era tão simples quanto a hierarquia imediata fazia parecer. O enlace conjugal entre a princesa de Hida e um de seus filhos já havia sido pensado por Osamu com cuidado, muito antes da chegada dos Uehara ao castelo.

Aliás, desde o início, Taiken estivera fora de cogitação para o papel. Ainda que, para Tottori, Hida fosse uma peça de considerável interesse imediato, o renome do clã Uehara era, em suma, insignificante. Desperdiçar seu herdeiro num contrato tão ínfimo seria como usar um fio letal de katana para picar o peixe do desjejum, Osamu concluíra em menos de dois segundos. Uma incoerência.

No extremo oposto hierárquico do clã, havia Sai. Varão mais novo do daimyo e filho mais velho de sua consorte, Chiyo, ele completara quinze anos e recebera o título de samurai no Verão anterior. Osamu até cogitara apontá-lo para a tarefa de desposar a pouco importante Uehara Hotaru. No entanto...

Sai já era noivo da segunda filha do daimyo de Tajima, um vassalo de seu clã. O contrato, firmado há sete anos, visara reforçar o controle de Tottori sobre o governo da província, cuja costa era de vital importância para Osamu. Sai fora nomeado samurai formalmente, e sua noiva logo completaria quinze anos, então o casamento em breve estaria próximo... Desfazer repentinamente tal acordo seria inoportuno.

Sendo assim, restava a Naginata a filha de Uehara Seito.

– Sei que minha casa não é rica ou influente, e que não sou uma mulher bonita... – Hotaru falou – mas asseguro, Taiken-sama terá minha absoluta lealdade e dedicação.

Taiken ainda se sentia atônito. Uehara Hotaru estava realmente pedindo que ele ignorasse a decisão – ainda que, a rigor, não-oficial – de seu pai, e anunciasse que iria se casar com ela, antes que Naginata pudesse fazê-lo?

– ...Hotaru-dono... Não posso simplesmente aceitar um pedido de casamento clandestino, no meio da noite.

A frente dela franziu num desapontamento contido.

– ...Entendo.

Era esperado... Hotaru tinha ciência que seu pedido, ainda que feito por motivos pessoais, implicaria em notável ascensão social para si mesma – Taiken, eventualmente, seria daimyo. Ele fora cortês o bastante para não expor em palavras... Mas, com certeza, desconfiava que ela apenas desejava obter maior prestígio.

Silêncio. Lá fora, muito baixo, soou um eco de passos – hora da troca de guarda.

– Então... permita-me ser sua consorte.

Taiken ergueu as sobrancelhas.

– ...Consorte?

– *Hai*.

Uma consorte não era mais que uma amante legítima, de pouca autoridade e baixa consideração hierárquica. Seria um título interessante a filhas de clãs vassallos, e definitivamente cobiçado por cortesãs... Mas, para a princesa única de uma província independente, mesmo tão modesta quanto Hida, era um papel desvantajoso.

– Hotaru-dono... realmente prefere se tornar minha consorte a ser honrada esposa de Naginata?

– *Hai!*

O silêncio retornou. Taiken franziu a frente, pensativo, o olhar fixo na moça à sua frente. Ela chegara a Tottori-jo há apenas três dias, mas era inegável, nesse curto tempo atraíra sua atenção. Era resoluto, dedicada, de rara habilidade no kenjutsu. Tinha presença, uma personalidade interessante... e decididamente não era feia.

“...Deixá-la para Naginata seria um desperdício...”

E, para Tottori, talvez fosse até favorável... A possibilidade de adquirir Hida por herança seria menor, mas aquele era um pedaço de terra ínfimo que seu pai podia tomar sem o menor esforço, quando bem entendesse. Não haveria a necessidade de noivado ou longas preparações para uma cerimônia, Hotaru poderia ser declarada sua consorte em formalidade simples no dia seguinte – o que significava, Uehara Seito estaria de imediato preso como aliado político aos Tetsuyama. E, talvez o mais importante... Naginata não teria autoridade alguma sobre os negócios do clã naquela pequena província.

– *Un...* – ele por fim assentiu – eu aceito.

O rosto dela se iluminou. Taiken fez-lhe mesura.

– Será uma honra receber Hotaru-dono como consorte.

A princesa retribuiu numa reverência acentuada, o sorriso amplo.

– A honra é toda minha, Taiken-sama...!

...Ela conseguira. Era um alívio... um imensurável alívio. A ideia de se submeter, de qualquer maneira, a um tolo prepotente como Tetsuyama Naginata lhe causava asco. Agora, ela podia respirar

aliviada. Como consorte de Taiken, sua preciosa katana, sua dignidade... estariam a salvo.

– Embora...

O sorriso de Hotaru evanesceu. Ela olhou Taiken, preocupada.

– Infelizmente, a decisão final não caiba a mim – ele prosseguiu, sério. – Farei o possível... mas chichi-ue ou Uehara-dono ainda podem recusar o acordo.

Ela sentiu um frio oco no estômago. Sabia que poderia convencer o pai, mas... não tinha muitas esperanças quanto a Tetsuyama Osamu.

– Oh... – piscou, cabisbaixa – entendo.

Taiken refletiu por um instante.

– Mas, se Hotaru-dono tem mesmo certeza de sua decisão...

Hotaru o olhou com interesse. Ele hesitou por um segundo, então concluiu.

– ...Fique até o amanhecer.

A princesa arregalou os olhos.

– Não necessariamente *comigo*, se a ideia a incomoda... apenas *aqui*. Os guardas com certeza irão comentar por Hotaru-dono ter entrado em meus aposentos... Se não a virem sair até de manhã, será mais que comprometedor.

O olhar da moça rebateu brevemente em direção ao biombo, e seus ombros se retraíram num gesto constrangido.

– Já disse, não é necessário que de fato aconteça.

– ...Mas será suposto que aconteceu.

– Bem, esse é o objetivo... De qualquer modo, Hotaru-dono terá problemas com esse tipo de boato, mesmo se partir neste instante, *neh?*

Era verdade. Ao pisar fora de seus aposentos naquela noite, Hotaru já sabia que, não importava o que acontecesse, na manhã seguinte seria absolutamente mal-vista. Estava disposta a isso. E, agora que Taiken aceitara seu pedido...

Se ficasse, seria uma questão de honra, uma obrigação para o príncipe recebê-la. Afinal, de família influente ou não, ela era filha de um daimyo – não uma qualquer que pudesse ser recusada após tal escândalo... A província de seu pai não seria passada em sucessão direta aos Tetsuyama, como aconteceria se ela se casasse com Naginata... Ao menos, se o Akaoni quisesse tomar suas terras, teria de fazê-lo à força.

E Taiken... era certo que ela mal o conhecia. Mas encontrá-lo em pessoa apenas reforçara a boa impressão que tivera de seu renome. Ele era centrado, seguro... tinha um temperamento sério, o que ela achava agradável; mostrara respeito por sua dedicação à espada, o que era vital. E... de fato, tinha uma compleição que muitas mulheres veriam como demasiado áspera – e que sua ama definira como “entalhada a machado”. Mas, sendo franca... desde que o vira pela primeira vez, tão atlético, o olhar firme acentuado pelo anguloso rosto bronzeado... Hotaru o achara muitíssimo atraente.

– ...*Un* – a jovem assentiu em mesura discreta.

Estava decidida. Tetsuyama Naginata... Ela não correria o menor risco de acabar presa àquele presunçoso afetado. Certificaria-se de proteger a autonomia de seu clã e de sua província, e de preservar seu orgulho próprio.

– ...Será um prazer ficar... com Taiken-sama.



– Ani-ue!

Taiken parou. O sol atingira o ponto mais alto do céu há menos de uma hora, e os preparativos das comitivas de Inaba e Hida chegavam ao final. A estrada até Kyoto era longa, e o caminho pelas montanhas, íngreme.

– Naginata... – o príncipe se voltou para o irmão mais novo, que se aproximava a passo seco pelo corredor – está pronto? Devemos partir em breve, ou não alcançaremos Izushi até o anoitecer.

– *Por que deitou com ela!?*

...Então, ele descobrira. Provavelmente ouvira de alguma ama ou guarda, pois o daimyo estivera muito ocupado toda a manhã para já tê-lo informado... Estava possesso, como o esperado. Taiken suspirou.

– *O que ani-ue estava pensando!?* Chichi-ue...

– Chichi-ue já está a par da situação, assim como Uehara-dono – interrompeu o mais velho, impassível. – O que eu estava pensando não lhe interessa.

O rapaz respirou fundo, e o mirou, rancoroso. Como irmão mais novo, devia ao honorável primogênito de sua família todo o respeito, acatamento e admiração. Em tese, era claro, pois desde criança tivera notável facilidade em descartar esse tolo preceito.

– ...Foi ela quem o procurou, *neh...?*

– *Un...* Embora, não faço ideia do porquê. Naginata é uma pessoa tão agradável.

O segundo príncipe teria se aborrecido com o sarcasmo, se não estivesse já tão absolutamente furioso. Mulher insolente, insultando-o daquela maneira, depois fazendo-o de tolo, rastejando para a cama de Taiken...

– Aquela ordinária...

– *Oi!* – advertiu o outro, ríspido. – Trate de dobrar essa língua, moleque! Hotaru é minha consorte.

Então, seu pai e aquele covarde imprestável de Hida não só estavam cientes do escândalo, como já haviam oficializado tranquilamente a transgressão. Claro, o precioso herdeiro podia ser indecoroso o quanto lhe agradasse, censuras ou punições a sua excelsa e ilustríssima pessoa estavam fora de cogitação aos olhos do daimyo... Os danos e a vergonha infligidos ao segundo irmão eram um mero detalhe.

“...Fosse o inverso, chichi-ue quase me esfolaria vivo...”

– *Hoh, é mesmo?... Sua consorte?! Ela deveria ser MINHA ESPOSA!!*

– O noivado sequer chegou a ser anunciado. Sua reputação está intacta.

– *Era meu direito!*

– Naginata sequer a desejava! Que diferença faz?

O segundo príncipe rosnou e avançou em afronta, o rosto agora a um palmo do irmão, atitude à qual Taiken retrucou num olhar duro de desagrado. Naginata hesitou, e por um segundo pareceu decidido a não

se mover, mas acabou por, a expressão hostil inalterada, dar um lento passo atrás.

– ...Ani-ue sabe *muito bem* que isso não tem *nada* a ver com *desejo*... – acusou, pungente – para *nenhum de nós dois!*

– *Hoh...?*

A agradável memória da respiração tépida de Hotaru em sua pele não permitia a Taiken concordar... Ao menos, não completamente. Do pátio principal, quatro andares abaixo, o som de passos e cascos e o murmurar de vozes ecoava, com nitidez pouco usual àquela distância. Os punhos fechados de Naginata estavam trêmulos.

– ...Ani-ue o fez apenas para me prejudicar, *neh?* ...Não pôde suportar a ideia de me ver em controle de uma peça vital a Tottori!

– ...Sei que vai ficar atônito em saber, mas nem *tudo* que faço tem como objetivo atingir sua pessoa.

Naginata ouvira o bastante. Estava farto daquilo. Cínico protegido, fazia questão de sequer admitir o que era ofensivamente óbvio... e Uehara Hotaru... Ele desejou com ardor que aquela cobra desprezível ainda trouxesse ao irmão o mais absoluto desgosto.

– ...Que seja – concluiu, seco. – Ela é problema de ani-ue, agora.

Girou nos calcanhares e se afastou.

Capítulo 8

Afeição



– Ah! *Ohayo gozaimasu*, Ikeda-sensei.

– *Ohayo gozaimasu*, Midori-san – o jovem médico se aproximou, o costumeiro bule de porcelana nas mãos. – Hime-sama já despertou?

– *Hai*.

Ele assentiu, e se adiantou rumo à varanda que levaria ao usual caminho palácio adentro, quando Midori anunciou.

– Está no jardim.

O rapaz se voltou, surpreso.

– No jardim?

– Kiyoko-sama está se sentindo muito bem esta manhã, então foi apreciar as flores – a serva explicou. – Posso mostrar o caminho a Ikeda-sensei?

– *Hai... domo*.

Ela indicou a trilha de pedra que serpenteava, suave, para além de uma curva da construção. Guiado pela serva, Jin seguiu por entre canteiros de peônias por florescer, e hidrângeas em tons de violeta. Adiante, passou por uma fonte antiga e bem preservada, que desaguava, mansa, num espelho d'água. Ali, carpas coloridas giravam devagar, sob o céu límpido e à meia-sombra de um salgueiro verdejante.

Nesse ponto, Jin parou. De onde estava, podia ver os limites do jardim, muros brancos a vinte metros dali. No centro do gramado, erguia-se um palanque coberto, da mesma madeira avermelhada que sustentava o palácio. Era uma construção pequena e quadrada, cercada por arbustos floridos, e de cujo telhado pendiam glicínias, eventuais lilases pontilhando timidamente o ar.

Ali estava Ashigawa Kiyoko, num kimono pálido e uchiki de leveza translúcida, os cabelos presos num longo rabo-de-cavalo. Embora ainda estivesse demasiado magra, olheiras sombreando seu rosto, a princesa já não era mais a tão esvaecida figura que o médico encontrara dias atrás. Era reconfortante.

“Com a nítida melhora de hime-sama, as tentativas de envenenamento devem ter cessado...”, ele pensou, mirando o bule em suas mãos. “Graças ao antídoto de sensei... talvez eu realmente seja capaz de salvá-la”.

– ...Jin-sensei!

A voz o fez erguer os olhos para a sobrinha do shogun, que acenou para ele. Ao seu lado, voltava-se para mirá-lo outra jovem, em meios dos vinte anos. Seus cabelos, de corte reto, caíam-lhe até os quadris, numa cortina brilhante de negro que realçava seu luminoso kimono amarelo. Atrás de ambas, uma serva também espiava em sua direção.

O médico seguiu pelo caminho de pedra até as três.

– *Ohayo gozaimasu* – ele reverenciou à frente do palanque. – Hime-sama... que ótima surpresa vê-la ao ar livre.

Ela retribuiu num cumprimento radiante. A moça de amarelo se aproximou. Seu rosto era quadrado, de contornos suaves, e cílios espessos e curtos arrematavam seus olhos agudos. O obi era bordado com delicados dentes-de-leão, e o mon dos Ashigawa estava estampado em branco à gola de seu kimono.

– Ah, Jin-sensei... Quero apresentar-lhe Ashigawa Nadeshiko-san.

A consorte do falecido irmão mais novo do shogun, o pai de Kiyoko... O médico se lembrava de ouvir a princesa comentar a seu respeito. Ela era ainda muito jovem.

– É uma honra conhecê-la.

– Ikeda-sensei, a honra é toda minha – a moça retribuiu sua medida. Sua voz era marcante, de timbre equilibrado e macio. – Agradeço-lhe imensamente por tudo que tem feito por Kiyoko-san... É uma alegria vê-la enfim se recuperando!

– Graças a Jin-sensei e Kusachi-sensei – disse a princesa, e indicou ao rapaz que subisse no palanque. – *Dozo*, junte-se a nós.

– Seria uma honra, hime-sama... mas vim apenas trazer-lhe a infusão. Não quero incomodá-las.

– Não é incômodo algum – Kiyoko garantiu. – Sinto-me melhor, mas Moegi-san acha que ainda não devo me esforçar... Então, não estou realmente ocupada, *neh*?

– *Hai*, venha sentar-se conosco por um momento, Ikeda-sensei... – concordou Nadeshiko. – Adoraríamos sua companhia.

Ele hesitou, mas a expressão ansiosa de Kiyoko não lhe permitiu recusar.

– ...Será um prazer... Com vossa licença.

Deixou os zoris junto à pedra que servia de escada para o elevador, e sentou com as duas jovens, ao centro do palanque. Midori, chegando em seguida, foi falar algo com a outra serva, a alguns passos dos três. Palácio adentro, distante dali, ouvia-se um som vago de vozes.

– Os dias vêm sendo tão agradáveis... O ar está tranquilo, e as glicínias em breve começarão a florescer – comentou Nadeshiko, olhando um dos frágeis ramos verdes que pendiam do telhado.

– De fato... – Jin também se voltou para as flores – em pouco mais de um mês, os cachos provavelmente já estarão pesados com tantas delas.

– Jin-sensei aprecia glicínias?

– Na residência de sensei, em Osaka, há um grande salgueiro que se cobre delas na Primavera... Então, vejo-as florescer todos os anos.

– Ahh... – Nadeshiko uniu as mãos – deve ser muito bonito!

– *Hai*. Eram a parte preferida de sensei no jardim.

Seguiu-se breve silêncio, um tanto menos leve. A expressão do rapaz se tornou nostálgica, e ele ergueu os olhos mais uma vez para as glicínias, poucos botões lilases começando a despontar entre as folhas.

– Ikeda Naoya-sensei... – Nadeshiko falou, em tom cuidadoso. – É verdade que faleceu há pouco?

Jin confirmou num gesto pesado.

– *Hai*... No último Inverno.

– Nossas condolências – disse Kiyoko.

...Fazia ainda poucos meses. Provavelmente, fora por isso que Jin lhe pedira para chamá-lo pelo nome pessoal, ao serem apresentados...

“...*Ikeda-sensei* deve ainda lhe soar mais apropriado ao pai do que a si próprio...”

Era, porém, curioso o rapaz se referir a ele como “sensei”, e não “chichi-ue”.

– Hime-sama... também perdeu seu pai recentemente, *neh*...?

O silêncio voltou, mais denso. A moça, quieta, assentiu. Jin hesitou, notando o desconforto que o assunto claramente trouxera às damas... mas perguntou.

– ...Como aconteceu?

Nadeshiko baixou o rosto de repente, e se retraiu num encolher de ombros, como se sentisse dor. Kiyoko olhou-a num relance preocupado, então se voltou mais uma vez para o rapaz.

– ...Foi um acidente – anunciou, com delicada resolução. – ...Chichi-ue pisou em falso e caiu de uma escadaria.

– ...Yoshiharu-sama levava um ikebana ^[77] de camélias que lhe pedi para compor, naquela noite – a outra moça elucidou, num sussurro envergonhado. – ...Se não estivesse com as mãos ocupadas...

Kiyoko a interrompeu, segurando-lhe as mãos, e mais uma vez seu olhar correu dela para o médico, agora num brilho incomodado, como se pedisse desculpas a ele pela situação. Jin se arrependeu de não ter feito aquela pergunta a outra pessoa. Ocorrera-lhe a possibilidade de o príncipe Yoshiharu ter sido envenenado como a filha, e morrido de uma aparente doença...

– Nadeshiko-san não teve culpa – a princesa garantiu. – Foi karma, apenas isso.

– ...Sinto muito – Jin se curvou, grave.

Kiyoko meneou a cabeça.

– Não se desculpe.

“Então... isso significa que a tentativa de assassinato contra hime-sama deve ter começado em Kyoto...”

A princesa mirou o bule que o médico trazia, a voz mais leve.

– Hoh... já faz três dias desde a última dose do maravilhoso chá amargo, *neh?*

Jin assentiu. Os sintomas da princesa haviam quase desaparecido, e as doses de antídoto seriam-lhe dadas a intervalos gradualmente maiores. Sua proteção seria menor diante novas tentativas de envenenamento... mas era um risco necessário. A moça não poderia continuar recebendo, indefinidamente, doses potentes de antídoto, ou acabaria tão doente quanto antes.

– Hime-sama pode se alegrar quanto a isso... – o médico verteu o chá escuro na tigela rasa que separara do bule. – A próxima dose será também em três dias.

– O tratamento será mais esparso daqui em diante... – ela pegou a tigela com as duas mãos. – De certo modo, é uma pena. Sentirei falta de conversar todos os dias com Jin-sensei.

– Fico lisonjeado pela gentileza de hime-sama. Também lamentarei não mais vê-la, quando partir.

Kiyoko entornou a tigela nos lábios, a goles lentos. Nadeshiko espiou o bule nas mãos de Ikeda Jin. O aroma que escapava dali, num fio tênue de vapor, não era nada convidativo.

“Quando perguntei, Kusachi-sensei disse apenas que a infusão trazida por Ikeda-sensei era um remédio... Mas não quis me contar nada a respeito das ervas...”

– ...Talvez... – a sobrinha do shogun ponderou, ao terminar de beber – pode ser que Jin-sensei não precise partir.

– Hun?

– Jin-sensei foi o único capaz de recuperar minha saúde... – ela explicou. – Há a possibilidade de Kusachi-sensei, ou mesmo o shogun, nomeá-lo oficial médico.

“Eu... *oficial do Bakufu...*?”

– Não sou digno de tal honra... Para mim, é mais que gratificante ter sido útil ao honorável clã Ashigawa... e ajudado hime-sama.

– Oh, Ikeda-sensei não deveria ser tão modesto... – Nadeshiko falou. – Concordo com Kiyoko-san.

Um médico com a habilidade de Ikeda-sensei merece estar a serviço do shogun.

– Não nego que ficaria exultante diante tal reconhecimento... Mas não me sinto apto a frequentar um ambiente tão ilustre como a Capital Superior.

– Conheço o receio de Ikeda-sensei... Sempre vivi no interior, e quando soube que passaria a residir em Kyoto, no próprio Hana-no-Gosho, senti-me terrivelmente insegura! Mas as pessoas no palácio são tão gentis... fico a cada dia mais confiante.

– *Un*. Jin-sensei também se adaptaria facilmente, tenho certeza.

– *Hoh*, e o Hanami na capital deve ser fantástico, *neh?* – Nadeshiko lembrou, o semblante mais animado. – ...Nunca estive numa comemoração com tantos convidados!

– É esperada a maior festividade no palácio desde o nascimento do herdeiro... – Kiyoko sorriu, então se voltou para o médico. – Ah... Jin-sensei virá?

Um Hanami especialmente grandioso, no Palácio das Flores do shogun... Sem dúvida, seria um momento espetacular.

– ...Ainda não sei ao certo – ele respondeu, polido.

Na verdade, não fora convidado, e, francamente, não esperava ser. Mas dizer tal coisa à princesa soaria como uma lamentação, ou pior, um pedido. Não havia razão para gerar tal situação constrangedora. Além do mais... Ashigawa Kiyoko enfim recuperava a saúde, e parecia ansiosa pelo Hanami... Jin tinha certeza, sequer notaria sua ausência.

– Espero que Jin-sensei possa vir... O festival será no jardim Norte, o mais bonito do palácio. Ouvi dizer que os fogos este ano serão...

– Kiyoko-hime...! Kiyoko-hime...!

Viraram-se para olhar. Passando pelo salgueiro da fonte, vinha a figura baixa e sisuda de Moegi, a tutora da princesa, num sóbrio kimono cor de trigo.

– Kiyoko-hime tem visitas... Ryuu Masako-sama de Owari e o pequeno Daichi-sama vieram vê-la. Estão aguardando na varanda, mas o que acha de convidá-los para um chá no jardim?

– Oh... é uma excelente ideia.

– Deixarei-as na companhia de suas visitas, então – Jin pegou o bule e a tigela de remédio. – Hime-sama, Nadeshiko-sama... foi um prazer vê-las.

– *Un*... – Kiyoko concordou, num sorriso hesitante – igualmente.

Ele se curvou com proeminência antes de se levantar.

– Recupere-se bem, hime-sama... Vejo-a em três dias.

– ...*Hai*.

“Três dias...”

O médico desceu do palanque para o Sol, calçou os zoris e se afastou, curvando-se também para Moegi ao passar por ela. A ama correspondeu de muito bom grado à cortesia – sua simpatia pelo rapaz, era visível, vinha crescendo de modo diretamente proporcional à melhora da princesa Kiyoko.

Na pequena construção coberta, à sombra fresca do telhado coberto de glicínias por florescer, Kiyoko pôs-se a aguardar que Moegi voltasse, acompanhando a senhora Masako e o príncipe Daichi. A esposa de Ryuu Hideki, a quem a princesa conhecera há um par de anos, numa visita do pai a Nagoya-jo, era uma pessoa agradável e gentil. Seu filho, Daichi, era um menino tímido, mas de índole adorável.

Apesar disso, a moça internamente suspirou.

“Ahh... Masako-dono, Daichi-kun... por que não vieram me visitar à tarde?”.



– *Oi*, Hotaru!

A porta correu para o lado, e Hotaru se voltou. Apoiando-se no portal da shoji, Tetsuyama Taiken olhou para dentro do aposento, onde sua consorte sentava diante de uma bandeja vazia.

– Oh, Taiken-dono – ela o cumprimentou em mesura – *ohayo gozaimasu...* Já ia procurá-lo, o desjejum deve ser servido em breve.

– O desjejum terá de esperar... Vista-se, rápido. A comitiva de Chiyo-san está se aproximando dos portões. Vamos recepcioná-la.

– ...Chiyo...san?

Ele já havia dado três passos na direção oposta, seguindo pelo corredor, então voltou apenas um para explicar.

– A consorte de chichi-ue. Esteve viajando a negócios.

Fazia três meses que a senhora Chiyo partira na tarefa de fiscalizar negócios em províncias vassalas e aliadas de Inaba. Tetsuyama Osamu, porém, não a via há ainda mais tempo – a mulher passara metade do último Inverno em Hida, confortando uma amiga que perdera um dos filhos, e acompanhando a finalização da fortaleza que seria a moradia dessa e do marido, hatamoto a serviço de Tottori, na pequena província. Sua chegada a Kyoto era, enfim, uma notícia que Taiken via o pai receber com satisfação.

“E a apenas três dias do Hanami... Chiyo-san sabe mesmo ser eficiente”.

Um correr suave de madeira ecoou, além da curva oposta do corredor. Taiken parou, percebendo serem os passos que se aproximavam os do irmão mais novo, e se voltou para mandá-lo ir vestir algo apropriado.

– Naginata...

– *Hai, hai...*

Ele não estava em roupas de cama, com o obi mal atado e a expressão sonolenta de costume àquela hora da manhã. Vestia um elegante hitatare adamascado, um leque posto à cintura, os cabelos impecavelmente presos.

Um sorriso petulante estampava seu rosto.

– ...Eu já sei. Ani-ue deveria se apressar, ou irá acabar se atrasando.



O pátio de entrada do Hana-no-Gosho era uma área vasta e plana de pedra clara. Ao Sul, fechavam-se portões maciços de madeira e ferro, guardados pelo olhar atento de duas torres de guarda – as últimas de doze, distribuídas por todo o caminho murado que serpenteava do portão externo até aquele, a quinta interrupção da passagem. Ao Norte, uma ampla escadaria dava acesso às primeiras alas internas do complexo. Às laterais, caminhos para soldados e servos eram sobrepostos por jardins, e além, telhados distantes mostravam-se por detrás de copas de bordos, muros brancos e curvas vazias.

Em todo o redor, longas bandeiras verde-escuras ostentavam no ar o nobre mon de linhas retas do clã Ashigawa.

Naquela manhã, porém, outro símbolo também coloria, em vermelho-ferrugem, o pátio cinzento. Às costas de samurais a cavalo e a pé, nos bonitos padrões decorativos das duas liteiras escuras, nos estandartes que cercavam o pequeno cortejo, ali estava o mon que a capital via pela mera segunda vez em uma década.

O kabuto dos Tetsuyama de Inaba.

– Tetsuyama-sama! Que bom, vejo que recebeu o aviso – um comandante baixo e atarracado do exército do Bakufu, supervisor da guarda externa do palácio, recepcionou o daimyo e o pequeno grupo que o seguia quando esses chegaram à escadaria do pátio. – A comitiva de Hirata-sama acaba de entrar.

Osamu dirigiu um curto aceno de cabeça ao homem, e seguiu rumo à comitiva, a meia centena de degraus suaves dali. A formação de viagem se desfazia no cortejo, os servos descarregando e empilhando baús à sombra de um ginkgo, soldados dirigindo-se aos guardas do Bakufu à direita, cavalos marrons e brancos sendo desmontados. Uma jovem de kimono listrado saía da segunda liteira, os olhos voltados com admiração para o palácio adiante.

Vendo Tetsuyama Osamu se aproximar, acompanhado pelos díspares filhos mais velhos, um dos samurais a cavalo deixou sua posição à frente evanescente da comitiva, e seguiu a trote manso até daimyo, um cão cor de caramelo o seguindo de perto.

– Oyakata-sama! – cumprimentou, um sorriso amplo no rosto duro.

– Sadanori-san...! – o Akaoni retribuiu a expressão. – Tiveram viagem tranquila, ou seu pagamento foi justificado?

O homem a cavalo riu, rouco. Tinha uma aparência péssima. Hotaru calculou que vivera trinta e tantos anos, e que passara boa parte deles em situações violentas. O rosto encovado, de bigodes curtos e cavanhaque, era entalhado de cicatrizes, uma curta e profunda no supercílio, uma longa cruzando o nariz múltiplas vezes quebrado, duas grandes sobrepondo-se no queixo. Na mão esquerda, faltava-lhe o último dedo, e mais da metade do penúltimo. A orelha direita não estava em melhor condição. Sua armadura era pesada e rica, o que indicava que ele devia ocupar um cargo militar elevado. Mas o que mais chamou a atenção da princesa foi a espada que ele trazia às costas – de bainha escura, punho dourado revestido em

trançado de seda marrom. Enorme.

“Uma nodachi ^[78]...”

– Receio estar sendo mimado, *neh...*? – ele balançou a cabeça. – Pobre Funekiri ^[79], mal pôde ver a luz do Sol...

– Lamentável, mas uma boa notícia – Osamu assentiu, e indicou os samurais da caravana, que se apresentavam aos oficiais do palácio. – Prossiga com o trabalho. O comandante certamente precisará de um registro dos soldados.

O homem confirmou num baixar vigoroso de cabeça, e após um cumprimento respeitoso aos dois príncipes, e outro um tanto curto a Hotaru, rumou de volta à frente da comitiva, o cachorro cor de caramelo correndo com determinação para acompanhar o passo ágil de sua montaria.

– Tono... – a princesa se aproximou de Taiken – quem é aquela pessoa?

– Hirata Sadanori-dono... é primo de Chiyo-san. Seu clã é aliado de Tottori, mas ele ofereceu sua vassalagem pessoal a chichi-ue quando o derrotei em duelo amistoso, há alguns anos.

Hoh, Hirata Sadanori...! O famoso samurai de Nagato, general dos Tetsuyama... Hotaru muito ouvira falar de sua habilidade em batalha. Devia ser mesmo incrivelmente forte, por escolher manejar uma arma tão canhestra quanto aquela nodachi colossal.

Estavam a quase três metros da primeira liteira escura, no centro da comitiva, quando se aproximou outra figura ao avistá-los. Desta vez, um rapazinho de hakama bege e dobuku sem mangas, que desmontou com pressa e destreza do cavalo e andou a passadas largas até o grupo.

– Chichi-ue...! – curvou-se com proeminência ao parar diante do daimyo. – É um grande prazer revê-lo.

– Ora, ora, há quanto tempo, *neh?* – Osamu sorriu. – Sai parece mais alto a cada vez que o vejo!

O garoto ergueu o rosto, iluminado em alacridade franca. Talvez não tivesse de fato traços bonitos, mas seu semblante era muito agradável. Suas vestes, ornadas com o mon dos Tetsuyama, eram de tom e corte austeros, e uma katana de linhas pujantes estava presa com firmeza à sua cintura. Mas seu olhar ainda tinha um quê de pueril, as pupilas escuras cintilando com nitidez diante o modesto elogio recebido. Ele chamara o daimyo de chichi-ue, pensou Hotaru... Era deveras peculiar como transmitia uma postura tão diferente de Taiken e Naginata.

– Ani-ue – ele cumprimentou o primogênito – fico feliz em vê-lo novamente. Fez boa viagem até Kyoto?

– *Un* – Taiken assentiu de bom grado. – Seja bem-vindo, Sai.

O rapaz então dirigiu sua mesura a Naginata, que não se esforçou em dissimular um desprezo pungente ao mirá-lo de volta, de cima a baixo.

– ...Naginata ani-ue.

O segundo príncipe respondeu num aceno breve ao cumprimento cauteloso de Sai e, sem mostrar nele mais interesse, desviou os olhos para a segunda liteira da comitiva. Hotaru viu Taiken retesar sutilmente a fronte, aborrecido, mas por apenas um segundo. A jovem de kimono listrado, até então admirando o distante torreão central, notou o olhar de Naginata e se aproximou.

Era uma moça alta e longilínea, os cabelos presos à altura dos ombros, e de novo um palmo abaixo. Os lábios, de cantos voltados para cima, dariam-lhe um ar de discreto sorriso permanente, não fosse tal impressão abafada por seu olhar notavelmente frio. Ela parou diante o pequeno grupo, e cumprimentou a todos em reverência pronunciada.

– *Ohayo gozaimasu.*

– Enfim decidiu conceder-nos o privilégio de sua atenção, Koi-san?

A acidez no comentário de Naginata fora nítida, mas a recém-chegada, para certa admiração de Hotaru, não pareceu constrangida.

– Por favor, perdoe minha rispidez, tono... – ela se curvou mais uma vez, rosto e voz neutros. – O palácio me espantou em sua magnitude. Acabei perdida em devaneios.

O príncipe soltou um suspiro curto pelo nariz, e voltou-se ele mesmo para olhar o grandioso complexo escadaria acima. Hotaru se perguntou quem era a moça, mas não chegou a formular hipóteses. A voz grave de Osamu, formal, chamou sua atenção.

– Sai, Koi-san... esta é Hotaru-hime, de nossa aliada Hida. Consorte de Taiken.

– Oh... – o garoto transpareceu leve estranheza ao se voltar para ela. Certamente, Hotaru concluiu, esperava ouvi-la anunciada como noiva de Naginata. – Filha de Uehara-sama, *neh?* É uma honra conhecê-la.

– Igualmente.

– Sai é meu irmão mais novo por parte de chichi-ue – explicou Taiken. – Passou por seu genpuku recentemente. [\[80\]](#)

– *Hoh*, meus parabéns...!

– *Domo arigato.*

– E esta é Koi-san do clã Ishii de Tajima, consorte de Naginata.

O semblante árido da outra jovem subitamente fez sentido para a princesa.

– Ouvi dizer que Hotaru-dono é uma onna-bugeisha? – Koi perguntou.

– Deveriam tê-la visto vencer Akizuki-san com a shinai – Osamu confirmou.

Naginata, os braços cruzados, parecia agora não só determinado a ignorar Sai e Koi como o restante da conversa. Mantinha o olhar no estandarte do longínquo torreão, muitos metros adiante e acima, o mon dos Ashigawa tremulando minúsculo e poderoso contra o céu límpido de Primavera.

– Uma vitória contra Akizuki-san? Impressionante! – Sai se dirigiu à princesa. – Hotaru-dono permitiria que eu a enfrentasse também em duelo amistoso?

– Seria uma honra – ela concordou, sorridente.

Decididamente simpatizara com o garoto.

Foi quando a porta da primeira liteira, atrás de Sai, abriu. Prontamente, um par de amas que conversava baixo a alguns passos dali veio com pressa. De onde estava, Hotaru pôde ver dentro do cubículo uma sombra de uchiki e cabelos longos – mas num tímido segundo plano. Sentada diante da porta estava uma criança pequena, de não mais de quatro anos de idade.

– Haha-ue!... – ela chamou, e apontou para fora da liteira. – Chichi-ue chegou!

Osamu foi até o pequeno transporte. Sai se voltou num sorriso. Uma das amas ajudou a menina a descer enquanto ela acenava para o daimyo, os bracinhos estendidos sob as amplas mangas do kimono repleto de borboletas.

– Chichi-ue! Chichi-ue!

– Ora, Yumiko! – ele a ergueu e a pôs sentada sobre o topo da liteira, o que a deixou exultante. – Como cresceu, *neh?* Está se comportando?

– *Hai!* – a menina então lhe mostrou um grande guizo de prata, atado a um laço trançado de seda laranja. – Olhe... Haha-ue me deu isto!

– Hunn... – o homem cutucou o sino, que tilintou numa nota aguda – ...haha-ue é corajosa.

Um riso brando acompanhou a mulher que saía da liteira.

Ela recentemente completara quarenta anos. Vestia-se em tons de creme e pérola, camélias brancas estampando o uchiki, o obi estreito coberto de mínimos hexágonos em ouro. Entre seus cabelos, caindo em longas alças sobre as mangas, então atados à linha da cintura, cintilavam fios grisalhos. Seu rosto era fino, de pálpebras pesadas sobre os olhos estreitos, sobrancelhas delicadas, nariz reto, lábios em forma de coração.

Ela mirou Tetsuyama Osamu por um longo segundo antes de dirigir-lhe esmerada mesura formal.

– ...É uma honra e uma alegria revê-lo, Osamu-dono.

De todos os sorrisos que o daimyo de Inaba abrira até então, aquele foi o mais sutil e mais intenso.

– ...Chiyo.



A tarde estava alta, e uma revoada de pardais cruzava o céu repleto de nuvens. Da trilha que cortava o jardim, rumo ao dojo, Atae Nobutaka pôde ouvir o longo torcer do bambu, o vibrar da corda, e o estalo seco e preciso que se seguiu. Arco e flecha.

“*Hoh*, interessante”.

Seria uma oportunidade de ver se os elogios ao garoto eram verdadeiros.

Alcançando a entrada do dojo, o general seguiu para a esquerda, onde, após uma curva, abria-se um pátio. Ali, grandes aljavas de chão alinhavam-se junto aos pilares da varanda, e um suporte de madeira coberto acomodava arcos à parede aos fundos. No muro lateral, ferido de trincas e furos, havia uma fileira de muitos alvos de palha.

Um deles, ao centro do pátio, estava repleto de flechas.

– Kentaro-san!

O jovem samurai, a meio movimento de braço rumo à aljava em suas costas, se voltou. Vestia um hakama escuro, o mon dos Ryuu às costas do kimono e na faixa atada à sua testa, e usava na mão direita uma yugake ^[81] castanha. Seu arco de bambu e madeira, com pouco mais de dois metros de comprimento, tinha forma elegante e um acabamento impecável, com discretos adornos em ouro.

– Atae-dono... – ele se curvou – *konnichiwa*. Não o ouvi chegar.

– Parece que Kentaro-san é melhor arqueiro que sentinela, *neh?* – o outro se aproximou, e admirou o distante alvo diante de Kentaro. – *Hoh!* Nada mal.

O rapaz lançou um relance grave para o círculo alvejado. Três flechas dividiam seu centro, outras seis as circundando na região média. Quatro haviam se cravado às bordas, e uma, que certamente atingira a parede, jazia no chão.

– ...A precisão está muito falha. Não me concentrei o bastante.

– Ora, está melhor do que eu faria – Nobutaka cruzou os braços. – Embora, meu velho sensei de kyuudo ^[82] deva se lembrar de mim com frustração... De qualquer modo, temos um serviço amanhã.

– Um serviço?

– *Un* – o general correu os olhos pelo pátio vazio, num gesto distraído. – Hideki-sama decidiu aproveitar a estadia em Kyoto para visitar Oryuu-ji, um templo patroneado pelos Ryuu no Norte da Capital Superior... Kentaro-san irá me auxiliar na segurança. Apresente-se para ordens convenientes ao início da hora da Lebre ^[83].

– *Hai*. Entendido.

Nobutaka assentiu. O rapaz olhou de relance para as próprias costas. Restava uma única flecha em sua aljava.

Pela varanda, vinha agora um trio falante de samurais do Bakufu, em uniformes de baixo posto.

Nobutaka os acompanhou com o olhar até entrarem pela porta lateral do dojo, suas vozes ficando mais e mais abafadas construção adentro. Nos últimos dias, ele vinha notando um número crescente de guardas nos corredores e pátios... Talvez por essa exata razão o dojo estivesse quase vazio.

“O shogun deve estar apreensivo, com tantas forças opostas sob seu teto... No final, o alardeado Hanami será mais uma bolha de tensão que uma festa...”.

Faltavam apenas três dias... E, uma vez abertas oficialmente as festividades, o momento crítico daquela lenta e espinhosa confluência política não tardaria a culminar. Era esperado que, logo após o início do festival, o shogun conduzisse uma reunião não apenas com seus conselheiros e generais, mas o kampaku e líderes dos clãs buke mais influentes do país, entre os quais, após uma década de afastamento, Tetsuyama de Inaba – um encontro tão raro quanto inescapavelmente volátil.

“...Com toda essa agitação, a visita breve e aparentemente protocolar a Oryuu-ji deve passar despercebida... espero”.

A atenção do hatamoto foi atraída de volta para Kentaro, que acabara de armar o arco com sua última flecha. O rapaz ergueu os braços, a seta de penas de águia mantida com leveza em posição. Baixou-os novamente, num gesto lento e fluido, tracionando a corda devagar até que, à altura de seus olhos, sua mão direita já estivesse pouco atrás de sua cabeça. Permaneceu por um... dois... três...

Disparou no quarto segundo. O arco rodou com violência num estalo da corda, e a longa flecha perfurou o alvo, trinta metros adiante. Atingiu um ponto entre uma seta no centro e outra na área média, abaixo. Kentaro franziu a fronte, numa expressão mais resignada que satisfeita.

– Preocupar-se demais com o alvo acaba por atrapalhar o tiro, diria meu sensei... – Nobutaka avaliou. – Kentaro-san parece tenso.

– Hum... – o rapaz baixou o arco, sério, e tirou a aljava vazia das costas – estou... um pouco preocupado com Akiko.

– Akiko-san?

– ...Há alguns dias, ela tem parecido incomodada... Diz não ser nada, mas acho que não está se sentindo bem.

Ele empurrou a faixa grossa para longe das sobrancelhas com a palma enluvada, e a usou para limpar o suor da testa. Olhou para o alto. Nuvens brancas em profusão navegavam preguiçosas no céu. Restavam algumas horas antes do poente.

– Até o almoço estava sem febre, mas... é melhor eu voltar mais cedo para vê-la.

Um sorriso nostálgico passou pelo rosto de Nobutaka, mas Kentaro, que deixava a aljava num suporte à varanda, não chegou a notar.

– Kentaro-san realmente a estima, *neh?* – o general observou. – Independente da ocasião, parece sempre considerá-la prioridade.

– Oh... é mesmo? – o outro levou a mão à nuca, num gesto constrangido. – Peço desculpas... Devo soar um tanto patético.

– *Iie*... Apenas torna fácil entender por que Akiko-san o olha com tanta afeição.

Dessa vez foi Kentaro que, num curto baixar de rosto, sorriu para si mesmo.

Akiko... Ele a conhecera há pouco mais de três anos, naquela mesma cidade, durante uma visita ao irmão, Kenjiro, encarregado dos negócios do clã na capital. Em certo dia de sua estadia no Kamigyô,

uma tarde de ventania incômoda do Oitavo mês ^[84], os Kyuumura foram convidados a jantar na mansão de um amigo de longa data do daimyo, o conselheiro do Bakufu Okori Noriyuki.

E foi sentado numa acolhedora sala da mansão Okori, de shojis entreabertas para o ginkgo dourado além da varanda, que Kentaro a viu. Era uma figura baixa, delicada, o kimono laranja aludindo à atmosfera autunal, a linha dos cabelos riscada de lado, olhos grandes e vívidos realçados no rosto de traços mimosos. Vinha apressada de uma curva do jardim, a postura retraída pelo vento frio do anoitecer, segurando com firmeza um uchiki castanho ao redor dos ombros.

– Chichi-ue... peço mil perdões pelo atraso! Kyuumura-sama... e sua honorável família... é uma imensa honra recebê-los.

– *Domo arigato.*

– Chegou bem a tempo, a refeição está para ser servida. Ora, o clima está mesmo terrível, *neh?* Kyuumura-dono, acredito que já conhece minha filha?

– *Hoh*, Akiko-san, *neh?* Na última vez em que a vi, ainda era uma garotinha!

– Akiko completou dezesseis anos no início deste mês... Já não é uma criança, é esperado que logo haja de ter um noivo.

Ela sorriu, concordando com o pai num gracioso mover de cabeça.

Kotone então comentou algo, e a conversa certamente prosseguiu, mas durante vários minutos, Kentaro viu-se incapaz de acompanhá-la. Sentia-se atordoado. Intensamente atordoado, como nunca estivera, ou imaginara ser possível...

“Okori... Akiko-dono...”

– A afeição de Akiko... – Kentaro fez, distante, e se voltou para Nobutaka. – Às vezes, ainda não acredito que o karma me permitiu tê-la.

– *Hoh?* Ao meu ver, Kentaro-san e Akiko-san sempre pareceram o tipo de casal que se harmonizou de imediato.

– Hah... – o rapaz sorriu torto – lamentavelmente, não foi nada tão simples. Eu e Akiko... tivemos um início difícil.

Ele prendeu a faixa e a yugake à cintura do hakama.

– Atae-dono... com sua licença – curvou-se, e se dirigiu à saída do pátio, o arco seguro na mão esquerda. – Não se preocupe, farei como ordenado.

– *Un...* conto com seu bom trabalho.

Então, amanhã, o contato de Keshi os encontraria no recluso Oryuu-ji...

“Hideki-sama... espero que esta decisão não seja um erro”.



A neve se acumulava nas telhas e cobria o jardim adormecido, descendo do céu embaçado por densas nuvens esverdeadas. Um caminho de fios de gelo se formara na varanda, ao redor do telhado, e um vento manso começava a soprar, empurrando a neve que caía em leves espirais dançantes.

– Kentaro? – a voz viera de dentro da construção, a luz morna de um candeeiro e uma silhueta familiar visíveis através da shoji.

A porta correu para o lado. Kyuumura Kenjiro esticou-se para fora, e sentiu o vento lambê-lo incomodamente o rosto. Soltou um resmungo e encolheu os ombros. Seu irmão mais novo estava sentado na penumbra alguns metros adiante, a postura encurvada, os pés apoiados na pedra gelada que cercava a construção.

– ...A ama contou que Kentaro havia chegado da mansão Okori – o rapaz deixou o candeeiro no suporte e se aproximou. – Por que está aqui fora, neste frio?

Kentaro se voltou num movimento apático. Kenjiro, um pesado dobuku cinza de Inverno sobre as vestes, o encarou de volta, os braços cruzados e uma expressão que era meio indagativa, meio impaciente.

– Kenjiro ani-san... não é nada – o mais novo concluiu, soturno, e voltou a olhar o jardim congelado. – Perdoe minha inconveniência... Apenas quero ficar sozinho.

– ...Ehh...? Parece que acabou de se arrastar para fora de uma cova... – Kenjiro ergueu a sobrancelha. – O que aconteceu?

Silêncio. Kentaro continuava olhando para frente. Kenjiro teria se aborrecido com a indiferença, se a expressão do irmão não estivesse tão terrivelmente miserável. Ele franziu a fronte, e moveu a cabeça de lado.

– ...De novo, problemas com Akiko-dono?

Kentaro soltou um suspiro profundo e desolado, então baixou mais a cabeça. Ao menos era uma reação.

– Francamente, essa mulher vai acabar te deixando doente... – incomodado, o mais velho também sentou. – O que foi desta vez?

A resposta veio baixa e rouca.

– ...Ela me odeia.

Mais silêncio. Agora a neve caía em maior quantidade, e o vento queimava aos poucos rostos e mãos expostos. Estava escurecendo. Kenjiro fechou o cenho e se voltou para o jardim, o olhar correndo sobre os canteiros vazios. Balançou a cabeça. Detestava ver Kentaro sofrendo daquele jeito...

– ...Acha mesmo que deve se casar com ela?

Kentaro soltou um riso amargo.

– Passei os últimos dias com essa pergunta latejando na cabeça... E... hoje, enfim reuni coragem para dizer a Akiko-dono que entendo seus sentimentos.

Kenjiro arregalou os olhos.

– ...Disse-lhe que pediria formalmente a Okori-sama a anulação do noivado.

– Kentaro... – o outro sentou mais reto.

Ele não fazia ideia... Desde o primeiro dia em que a vira, Kentaro não pensava em nada além de Okori Akiko. Apesar do patente desprezo com o qual ela o tratava, seu sentimento nunca mudara. Ele estava irremediavelmente apaixonado por aquela mulher. Kenjiro jamais esperaria que fosse tomar uma decisão como aquela...

– ...Eu sinto muito.

Mas, para sua nova surpresa, o irmão meneou a cabeça.

– Na verdade, ela recusou.

A expressão de Kenjiro se iluminou.

– Ora! Kentaro, isso significa...

– Não significa nada. Ela estava preocupada com sua reputação – o mais novo o interrompeu.

Lembrar-se dela ainda fazia seu estômago retorcer. Sentir os dedos de Akiko ao redor de seu pulso, ouvir sua voz impedindo-o, com urgência, de se afastar...

– ...*Iie!*

Naquele momento, por um breve segundo... um pulsar de pensamento o elevara a uma exultação tão leve que o deixara zozzo.

“*Akiko...*”

– ...Toda a capital sabe sobre esse casamento!... O que irão pensar se Kentaro-sama repentinamente me recusar!? ...Agora, nenhum homem de procedência jamais me aceitaria! ...Eu... já estou presa a Kentaro-sama.

Presa...

Aquilo fora como ser trespassado por uma lança.

Durante um longo silêncio, Kenjiro admirou a opaca figura do irmão. Rastros de vapor escapavam-lhe em ondas da boca pálida, um rubor dolorido de frio manchava-lhe o nariz e maçãs do rosto, as pálpebras oscilavam sobre os olhos sem brilho. Ele parecia exausto.

– Perdoe-me, Kentaro... – o mais velho então baixou a cabeça. – É minha culpa.

Ele ainda se lembrava, agora envergonhado, de sua conversa com o irmão após o fatídico jantar na mansão Okori... Kentaro ficara obviamente encantado com a filha de Noriyuki, e, devido ao tempo considerável que, na ocasião, ela passara se dirigindo ao rapaz e correspondendo seus sorrisos inseguros... Kenjiro comentara – não, *garantira* – ao irmão que a moça estava igualmente cativada por ele.

– Se ela o impressionou tanto assim, Kentaro deveria pedi-la logo como esposa, antes que outro o faça... Já que tanto Okori-sama quanto Akiko-dono parecem ansiosos por uma proposta desse tipo, *neh?*

Incentivado, Kentaro o fez. Seu pai e Noriyuki reagiram à ideia com entusiasmo, e, com apoio de ambas as famílias, o noivado foi de pronto oficializado. Tudo decorreu com perfeita facilidade e consonância.

Exceto por parte da noiva.

– Naquele jantar... eu poderia ter jurado que Akiko-dono estava interessada por Kentaro. E, em minha arrogância, incitei-o a tomar uma atitude precipitada.

Ele se curvou novamente.

– ...Por favor, perdoe-me.

– Ani-san... – Kentaro balançou a cabeça – não precisa pedir desculpas. Não foi apenas o que ani-san disse. Eu também.. presumi que ela ficaria feliz com meu pedido.

A estocada em seu peito se repetiu.

– ...Presumi que houvesse sentido algo por mim.

Obviamente, ele se enganara. Suspirou mais uma vez, apoiando os antebraços sobre os joelhos, as mãos cruzadas num aperto tenso. Seus dedos estavam gelados... O frio agora parecia penetrar agudo, pele e ossos adentro, por todo o seu corpo.

– ...Vamos, Kentaro. Seu rosto está ficando azul. Se acabar doente, haha irá me acusar de ser um irmão mais velho irresponsável.

Kenjiro se pôs de pé, e pousou a mão no ombro do outro.

– Venha, entre num ofuro quente, então coma um pouco – concluiu, encorajador. –...A situação parecerá melhor pela manhã.

Kentaro assentiu num gesto fraco, sem realmente acreditar nisso. Levantou-se devagar, lançando um último relance para o triste jardim branco, e acompanhou o irmão mansão adentro.



– Então... Na noite anterior ao acordo de noivado, a filha de Uehara-dono foi aos aposentos de Taiken-san?

Osamu confirmou num suspiro curto.

– Aparentemente, recusar a *visita* sequer ocorreu a ele... Embora, talvez tenha sido vantajoso... Um noivado é um noivado, mas sendo a filha consorte de Taiken... não corremos o risco de perder a aliança com Seito-dono por pressão dos Ryuu.

– Hotaru-san parece uma boa moça – Chiyo comentou. – Centrada e diligente, ao que pude notar, *neh?*

– *Un...* – o homem bebeu um gole de chá, e pousou a tigela na mesa – a menina não tem das compleições mais delicadas, mas Taiken parece apreciá-la. Naginata ficou contrariado com o que houve, mas...

Ele deu de ombros.

– Considerando o controle em Hida... provavelmente é melhor assim.

O Sol acabara de se pôr, e o jardim se cobria de sombras sob o céu arroxeadado. A brisa estava agradável e fresca, mas a senhora Chiyo foi até a shoji e silenciosamente a fechou. Virou-se de volta para o centro do quarto, para o futon vazio e a mesa posta com porcelana branca, chá fragrante e um cesto de mochis ^[85] macios empilhados. Sentado ali, o mestre olhava em direção à entrada oposta do aposento, além do biombo baixo. O corredor não era visível através dos fusumas fechados, mas notava-se pela quietude que estava vazio.

– Então... – Osamu perguntou quando a mulher voltou a sentar diante da mesa – como foi a viagem a Sado?

– Adorável – ela sorriu, afastando com cuidado a manga do uchiki e se servindo de um mochi. – Toda a província estava em flor... Minha prima contou que há tempos a Primavera não era tão intensa no Norte.

Mastigou o bolinho calmamente, e quando terminou, inclinou-se mais um pouco em direção a Osamu.

– ...O responsável pela captura do Décimo Sexto foi um tal capitão Takahashi Ujiie... um rapaz de raciocínio restrito. Foi tão impetuoso ao atacar o navio que não se deu ao cuidado de capturar algum tripulante vivo para interrogatório... Pediu ao marido de minha prima um barco veloz, para enviar tão cedo quanto possível um relatório da captura ao general Itou-sama, a fim de receber instruções.

Osamu riu baixo, aliviado. O karma realmente lhe sorrira, entregando à mercê de um tolo algo tão comprometedor quanto aquele navio.

– Chiyo faz ideia do que Takahashi-san imagina ter em mãos?

– *Hoh...* as especulações se dividem, *neh?* ...Pensam que pode se tratar de armas contrabandeadas, destinado à venda em Dewa... ou uma carga acumulada por piratas, a ser vendida a focos rebeldes em Mutsu.

“Duas hipóteses plausíveis, e que sequer passam perto de um envolvimento com Tottori...”.

– Ótimo trabalho, Chiyo... Como esperado de minha consorte.

– Fico feliz – ela correspondeu numa mesura serena.

“A esta altura, Itou-dono já recebeu o relatório de Takahashi-san... Pergunto-me se mencionará o assunto na reunião geral. *Iie...* o general Okamura-dono está lutando para tomar a capital e o castelo dos Uzawa em Aizu há meses. Se soubesse da captura de um navio possivelmente ligado aos rebeldes, a todo custo tentaria fazer o shogun lhe confiar a investigação...”.

Durante os quatro anos de guerra contra o infame clã Uzawa, a maioria das tropas do general Itou Tatsuya esteve distante da batalha, mantendo a ordem na capital e no restante do Império, e guardando a casa de Ashigawa – uma atitude coerente por parte do shogun, sendo a família Itou a mais digna de sua confiança. Porém, afastado da guerra, Tatsuya passava por um momento de certa inferioridade em relação ao bélico Okamura Hayate, e até ao satisfatoriamente eficiente Shikamori Akira. Era inevitável, qualquer general sabia perfeitamente. Honra se obtinha pelo apreço do shogun; poder requeria lâminas sujas.

“Se o conheço... Itou-dono ficaria definitivamente frustrado em ver um potencial triunfo contra a escória em Mutsu escapando por entre seus dedos. Então... ele deve manter o Ayakashi em segredo do conselho e dos daimyos por enquanto.”

Ele suspirou, massageando o pescoço numa careta incomodada.

– ...Osamu-dono deve estar cansado – disse Chiyo, que acabara de terminar seu chá. – Deveria se deitar.

– Tolice, o Sol mal se pôs – ele negou, e olhou a mulher por um momento. – ...Na verdade, é Chiyo quem me parece pálida. Durma. Esteve viajando demais.

– E Osamu-dono...?

O homem se voltou para uma pequena pilha de papéis lacrados, na estante a suas costas. Cópias mascaradas dos últimos relatórios de lucros comerciais daquele ano, que a consorte trouxera com todo cuidado, em pessoa – a parte relativa aos carregamentos de navios ilegais e taxas de proteção pagas por alguns criminosos de importância.

– Tratarei de ler e destruí-los esta noite – ele respondeu em voz baixa, pegando o primeiro documento.

Ela assentiu, e fez reverência longa.

– Entendo. Voltarei a meus aposentos para não incomodá-lo.

O olhar ainda na carta em suas mãos, Osamu indicou o futon a seu lado.

– Você não é incômodo, Chiyo. Fique.

A mulher sorriu, suave, e assentiu num gesto curto. Afastou a manga e esticou a mão de dedos longos para servir-se de um último mochi, os olhos de Osamu deixando brevemente as linhas ordenadas do relatório para acompanhar o movimento fluido de seu pulso nu sobre a mesinha.

O daimyo soltou um suspiro curto pelo nariz, e voltou a baixar o rosto, um ligeiro sorriso reservado deslizando pelo semblante grave.

– *Oyasumi nasai*, tono – ela disse, acomodando-se no futon. – Por favor, não se esforce demais.

– *Un... oyasumi*, Chiyo.



A tigelinha rasa e negra corria suavemente pelos dedos de Tetsuyama Naginata. O toque fresco da porcelana em sua mão, o aroma profundo do vinho de arroz, o arco perolado da Lua no céu... Uma noite perfeita – não estivesse já tão próxima do nefasto florescer das cerejeiras.

– Sake, Koi-san.

Ele estendeu o pequeno recipiente, o olhar distante voltado para além da janela. Sentada formalmente sobre os joelhos, Koi lançou um relance para o lado. Um par de garrafinhas vazias deitava-se ali, sobre a bandeja do jantar.

– ...Naginata-dono não se sentirá mal pela manhã? – perguntou, prudente.

– Já estou me sentindo mal agora – ele retrucou, seco, e insistiu. – *Sake!*

Koi obedeceu. Pegou a terceira garrafinha da bandeja, e serviu-lhe com cuidado a bebida translúcida. Naginata assentiu vagamente, e voltou a admirar o reflexo alvo do luar contornando as nuvens. A jovem deixou a garrafa de lado, e correu os dedos pelos cabelos, afastando uma mecha curta e reta dos olhos para atrás da orelha. Espiou em direção ao mestre, ainda absorto em sua contemplação solitária do firmamento noturno.

– ...Naginata-dono esteve tão frio o dia todo... Está aborrecido por esta manhã?

Ele correu os olhos para o rosto dela, mas não respondeu. Pôs-se a beber devagar seu sake, num enfático gesto de indiferença. Na verdade, o ocorrido sequer passava por sua cabeça, e nada tinha a ver com seu humor taciturno... Mas, bem lembrado; ele ainda não relevara a falta da consorte.

Koi se inclinou e tocou-lhe gentilmente o ombro com a testa. Segurou a borda de sua manga, como que buscando sua mão, e falou baixo.

– Por favor, não fique irritado comigo... Desde que parti, pensei todos os dias em Naginata-dono.

Ele baixou a tigela vazia, voltando-se sério para a moça, e Koi o olhou de volta, afável. Aconchegou-se devagar, acariciando-lhe o rosto de costeletas finas, e roçou-lhe delicadamente os lábios com os seus. Aquele doce perfume familiar, o toque macio de inquietante leveza em sua pele...

“*Koi...*”

A lembrança de sua ausência se avigorou em Naginata, tão intensa que ele sentiu o peito doer. De fato, estivera com frequência ocupado, preocupado ou furioso demais com outros assuntos para reparar... mas agora via. Koi, sua serena e linda Koi... Sentira terrivelmente a falta dela.

Muito mais do que era oportuno expor.

Frustrando obstinadamente o próprio desejo, ele não correspondeu à carícia. Koi voltou a mirá-lo, as sobrancelhas negras erguidas em leve surpresa, e ele sibilou, monotônico.

– ...*Todos os dias...* exceto hoje?

A jovem baixou a cabeça em reverência constrangida.

– Peço novamente humildes desculpas... Nunca havia estado em um lugar como este. Quando desci

naquele pátio, e me vi cercada pela grandeza do Hana-no-Gosho... comecei a pensar em quantos inimigos nos aguardavam, complexo adentro...

Um silêncio curto se seguiu, e Koi moveu os ombros num gesto incomodado.

– ...Senti-me esmagada.

Em breve se iniciaria o Hanami, e a reunião geral convocada pelo shogun, o real motivo para a presença de tantos políticos no Palácio das Flores, aconteceria... Para a casa de Tetsuyama, a ocasião marcaria um passo vital na retomada de seu prestígio – se tudo corresse como o esperado, algo do que Naginata duvidava. Aquela expectativa era insuportável, mil formas de a estratégia do pai dar errado girando em sua cabeça... Seria um consolo comparecer à reunião e ver o desenrolar de tudo com os próprios olhos.

...Mas o daimyo levaria o querido herdeiro obtuso. Ryuu Hideki ficaria radiante. Com um pouco de sorte, talvez presenciasse outro adorável espetáculo de estupidez...

O príncipe suspirou, irritado. Maldito karma, maldito favoritismo cego, maldito nascimento inauspicioso, maldita teimosia do maldito primogênito em continuar vivo...

“Maldição...”

– ...Se minha opinião recebesse o mínimo valor nesta família, não haveria razão para o temor de Koi-san – ele concluiu, então soltou um riso amargo. – *Entretanto...*

Não completou a frase. Voltou a mirar o firmamento sombrio além da janela, a expressão de repente melancólica. À luz fraca do candeeiro, Koi admirou-lhe o bonito rosto, cansado e ruborizado, o olhar flutuando entre o foco e o devaneio. Não importava se insistisse, ele já bebera o bastante por hoje. Mais ébrio que isso, e revoltado como estava, ficaria problemático de se manejar.

– Naginata-dono... – ela correu suavemente as mãos sobre as dele, atraindo seu olhar e o fazendo soltar a tigelinha de sake – a noite está tão bonita. Não deixe que essas inquietações o perturbem mais.

Ele se voltou para a consorte, o semblante claramente denunciando que já havia se esquecido de parecer severo. Koi o abraçou por sob o rico dobuku dourado, e sentiu o calor das mãos dele a envolvendo de volta, o pulsar macio e profundo do coração contra sua têmpera, o inspirar longo em seus cabelos.

– Koi-san... – ele suspirou, a voz afetuosa, o hálito denso de álcool.

A jovem sorriu para si mesma. Tetsuyama Naginata... sempre fazia questão de se portar como opinioso e suscetível, mas a verdade era que, com a postura adequada, era deveras simples contornar seu gênio.

O episódio de mau-humor de hoje não fora em nada atípico... Como tantas vezes antes, Koi pacientemente ignorara sua rispidez no auge do momento, então se curvara em dóceis desculpas subsequentes, tantas vezes quanto necessário para desarmá-lo de mais acusações. Cedo ou tarde, a atitude passiva o abrandava, o que por fim a levava à parte mais fácil. Ouvir com interesse seus desabafos hesitantes, consolá-lo com palavras ternas e satisfazê-lo atenciosamente até que acabasse, plácido e inofensivo, adormecido em seus braços.

“A perspectiva deste encontro político o vem incomodando há meses...e não sem razão. Voltar a Kyoto, por si só, é um passo crítico para os Tetsuyama. Naginata-dono... compreendo sua oposição à postura incisiva que o Akaoni iniciará em breve...”

Era mesmo lastimável que seu senhor gozasse de tão pouco apreço do daimyo... Tivesse as falhas que tivesse, Naginata era uma pessoa sagaz. Deveria ser ouvido com mais consideração.

“...Parece-me que a onna-bugeisha de Hida, no final, teve a argúcia de se enlaçar ao filho mais

afortunado, *neh...?*”

Não importava. Na verdade, tanto melhor. Ela já precisava lidar com a incômoda e constante avaliação da senhora Chiyo... Agradecia não ter também de se submeter ao mando de outra mulher.

Além disso...

Naginata a trouxe para mais perto, e Koi se apoiou em seus ombros, apreciando o correr demorado dos dedos dele em sua cintura. Afastou-lhe da testa uma fina mecha dos cabelos, e estudou-lhe o rosto harmonioso, a linha do nariz, os ângulos suaves da mandíbula, o contorno dos olhos. Sentiu-se tolamente privilegiada.

Hotaru-dono podia de fato ter o mais afortunado; mas, ao menos...

“...Eu *definitivamente* tenho o mais bonito”.

Capítulo 9

Reminiscência



– *Yosh...* estou indo.

– *Un.* Vá em segurança.

Kentaro assentiu e foi até a porta, mas parou antes de abri-la, e se voltou.

– ...Está mesmo se sentindo bem?

– É apenas uma indisposição – Akiko sorriu. – Por favor, não se preocupe, *neh?*

– *Un...* se Akiko se sentir pior, chame o médico.

– *Hai.*

– ...Devo voltar antes da tarde.

– Que bom. Esperarei para almoçarmos juntos, então.

Ele sorriu de volta para a esposa, e deixou o aposento, seguindo pelo corredor ainda tomado pela penumbra da madrugada. Talvez fosse realmente um exagero de sua parte. Akiko parecia perfeitamente bem. Não estava com febre, ou pálida, ou fraca...

“Mas...”

– *Oi,* Kentaro-san!

Naquele ponto, o corredor se abria num aposento vazio, do qual partiam escadas para o andar superior, e outros três caminhos, construção adentro e afora. Vindo por um deles, a alta figura de Atae Nobutaka se aproximava.

– *Ohayo gozaimasu,* Atae-dono.

– Realmente acordou cedo, *neh?* Como está Akiko-san?

– Com mal-estar do estômago e dor de cabeça... Mas ela diz estar bem.

– E Kentaro-san acha que não?

Na verdade, há alguns meses, o rapaz não teria ficado tão preocupado, mas...

– ...Eu soube que a sobrinha do shogun teve sintomas similares aos de Akiko, há alguns meses – ele explicou – e que sua saúde se tornou cada vez pior... Ouvei dizer que se chegou a temer que Kiyoko-hime falecesse.

– *Un...* também ouvi a respeito – Nobutaka concordou, mais sério. – Mas, ao que parece, um novo médico vem tratando a doença de Kiyoko-hime com sucesso, *neh?* Um tal... Ikeda alguma-coisa.

– Ikeda... Oh, imagino que seja do clã Ikeda de Osaka... Nunca foram abastados, mas têm renome considerável na medicina.

– É provável que seja o caso... De qualquer maneira, Kentaro-san não deveria se alarmar, *neh?* Akiko-san deve estar cansada, apenas isso.

O rapaz assentiu, sem completa convicção.

– *Yosh.* Venha, temos uma escolta a organizar. Hideki-sama deve despertar logo, convém que a comitiva esteja de prontidão.

– ...*Hai.*



Uma chuva fina e intensa chiava nos telhados, formando grandes poças no jardim e aliviando o mormaço de outra breve noite de Verão. O Sol há algum tempo se pusera, e com tochas extintas nos pátios, o castelo de Nagoya repousava em quieta escuridão.

Os cabelos de Ryuu Masako brilhavam à luz mortiça da lanterna, mecha ou fio algum desalinhada da longa cascata negra que se derramava sobre seus joelhos. Ainda assim, a moça continuava a penteá-los, num vagaroso ritmo mecânico. Não que as amas não houvessem se prontificado a ajudá-la, mas a jovem senhora insistira, hoje queria se preparar para dormir sozinha.

Sozinha... tornara-se uma palavra muito familiar a Masako, nos últimos meses.

O correr da shoji a fez parar em leve sobressalto. Deixando de lado o pente, ela se voltou, já sabendo quem veria à porta; a única pessoa que entrava ali sem bater.

– ...*Konbanwa*, tonosama.

– Masako... – o príncipe Hideki respondeu a mesura num gesto curto, e fechou a shoji atrás de si. Estava sério, a jovem notou... Sério demais para uma visita habitual.

– ...A que devo a honra de recebê-lo?

– Precisamos conversar.

Era uma declaração surpreendente.

Masako assentiu. Hideki sentou sem pressa à sua frente, e a fitou em silêncio por alguns segundos. Ela o mirou de volta, hesitante, tentando decifrar se estava calmo ou impaciente, aborrecido com ela ou outro assunto, curioso ou entediado. Logo desistiu. O rosto de seu marido era sempre tão difícil de ler...

– Soube que Masako passou a tarde chorando.

A moça corou. Como ele descobrira...? Seu rosto já estava com aspecto melhor à hora do jantar, nenhum dos presentes na ocasião, inclusive ele, parecera haver notado... Uma das amas devia haver lhe contado, ela concluiu...

– É verdade?

Ela baixou o rosto, constrangida.

– ...*Hai*.

– Por quê?

A pergunta soara mais indignada que preocupada. Masako se envergonhou de si mesma.

– Por favor, perdoe-me, tonosama... Eu...

Ergueu novamente os olhos para os dele, e não encontrou de fato uma expressão irritada. Uma neutralidade um tanto desconcertante, mas...

– ...*Sinto-me solitária* – ela confessou.

Era essa a verdade. Casara-se no final da última Primavera, mas naquele auge de Verão, ainda sentia que conhecia Ryuu Hideki tão pouco quanto no dia em que fora-lhe apresentada. Acompanhava-o em ocasiões formais, via-o durante as refeições, não raro compartilhava de seu travesseiro, deparava-se

frequentemente com ele na sala de banho, ou de chá, ou nos corredores... Mas nenhuma das situações de fato envolvia a troca de muito mais que meia dúzia de frases – boa parte delas, absolutamente protocolar.

– Solitária? – Hideki repetiu. – A criadagem a está negligenciando?

– *Iie!*... Não é isso – a jovem correu os dedos pelos cabelos, ainda puxados de lado sobre seu ombro.

– Apenas, como... como tonosama está sempre muito ocupado...

Hideki soltou um suspiro audível, e ela parou, fechando as mãos ao redor das mechas escuras num gesto agitado.

– Suponho ser natural que Masako ainda sinta falta da família – ele concluiu, e, claramente dando o assunto por encerrado, pôs-se de pé. – Não se preocupe, acabará se adaptando.

Ela chegou a abrir a boca, mas Hideki seguiu em direção à porta.

– Além disso, Masako logo deve me dar um filho. Certamente terá com que se ocupar, então.

A moça sentiu uma pontada de frustração. Não houvessem bastado a aflição em ocultar as lágrimas, o constrangimento ao ser descoberta, o embaraço de se expor... No final... Hideki não entendera em nada seus motivos.

...Ou não quisera entender.

– ...*Hai* – concordou, apática, numa pequena mesura.

– Apenas tente se distrair – ele se virou ao abrir a shoji. – Não quero boatos sobre a esposa do herdeiro de Owari ter motivos para soluçar pelos cantos.

Ela se curvou de novo, em reverência longa.

– *Hai*, tonosama. Por favor, perdoe-me.

Ele assentiu num resmungo, então saiu. Masako permaneceu voltada para a porta fechada, a fronte roçando o tatame, os cabelos pesados encobrendo-lhe a visão. O ruído sonolento da chuva lá fora parecia agora mais nítido... Ela respirou fundo, envergonhada, forçando-se a engolir uma nova onda de lágrimas.

Desde o início de seu noivado, soubera que não se apaixonaria pelo marido; bem como nunca se iludira com expectativas de ser amada por ele. Não era uma tola que esperaria sentimentos intensos florescendo de um casamento político... Mas... ainda assim, acreditara não haver razão para não se aproximarem – conhecerem um ao outro, dividirem suas apreensões, formarem laços de confiança e estima. Bastaria para fazê-la feliz, ter um casamento franco e harmônico.

...Ou, ao menos, sentir-se mais considerada que uma peça de mobília.

“Vamos, Masako, não chore mais”, pensou então, firme. Seu marido não acabara de dizer que não a queria agindo como uma coitada, insuflando fofocas dos servos? Que ela tratasse de obedecer.

Voltou a sentar reta, num suspiro, e secou os olhos com a manga verde-clara. Algumas mechas de seus cabelos haviam se desordenado, então ela alcançou o pequeno pente deixado de lado, e os ajeitou de novo, mais por disciplina que vontade. Jogou-os com cuidado para trás, e pôs-se a ouvir a chuva, deitada de bruços no futon.

“Tudo ficará bem... Seja paciente”.

Hideki era uma pessoa muito reservada... Talvez fosse apenas cedo para esperar intimidade. Também, ela de fato não devia demorar a engravidar... e uma criança, com certeza, aumentaria a ligação entre os dois.

“*Un*. Definitivamente, logo tudo irá melhorar”.

As chuvas naquele ano se prolongaram até as portas do Outono, assim como os ventos da nova estação se arrastaram, incômodos, Inverno adentro. Conforme botões rosas-vibrantes começaram a pontilhar os galhos das ameixeiras, e os pássaros voltaram timidamente a piar nos jardins pela manhã, o

céu enfim abrandou seus tons, e, ao início do degelo, desbotou em azul suave, as nuvens mais brancas e leves a cada dia. As flores, em seu ritmo sonolento, despertaram em crescente exuberância no seguir da Primavera, de noites perfumadas e dias amenos.

O calor intenso do Sol e o peso da chuva por fim extinguiram as últimas flores de cerejeira, e os crepúsculos passaram a se demorar mais e mais no Oeste, o ar estático preenchido pelo intenso zumbir das cigarras. Mesmo nos dias mais agradáveis, quando o calor cedia a uma frágil brisa, e a chuva brevemente calava os grilos, Masako se sentia incomodada. Um ano já se passara... e ela ainda não concebera uma criança.

O Outono seguinte não tardou a se instalar, então o Inverno, e outra Primavera. Aquela estação das flores coloriu-se ainda mais alegremente que a anterior, mas em seu adorável ápice, o Hanami não foi celebrado. Ryuu Hitoshi, senhor de Owari, pereceu, na batalha que rendeu a seu clã domínio da província de Mino. Seu segundo filho, Hideki, o sucedeu como cabeça da família ^[86], e mais um Verão de firmamento estrelado e longas tardes terrivelmente úmidas veio e partiu.

A paciência do jovem daimyo decresceu com o vigor das folhas, Outono rubro adiante. Mais um Inverno desceu, gélido, do céu carregado de nuvens, e os comentários sussurrados sobre sua linhagem ainda inexistente começaram a irritar profundamente o novo mestre de Nagoya-jo. Em certa visita, seu irmão mais velho, Hikaru, conjecturou durante o jantar se a persistente ausência de herdeiros seria um sinal dos kamis quanto à decisão do finado pai acerca da sucessão... Hideki sugeriu em resposta que o honorável primogênito retornasse a suas funções sacerdotais em Nara o quanto antes; kamis tão insatisfeitos acabariam causando-lhe um terrível acidente, naquele castelo inauspicioso. Hikaru partiu na manhã seguinte. Sua proposição inconveniente, porém, alimentou rumores até a Primavera.

Foi quando, enfim, Masako viu a animosidade varrida do rosto de seu marido, e suas preces aos bons kamis, atendidas. Ela concebera. Após a ansiosa espera natural, num dia sem vento do findar do Décimo mês ^[87], a criança nasceu, pequena e frágil, de um parto pouco simples. O daimyo a recebeu com entrelinhas de frustração, mas Masako não poderia estar mais radiante. Seu bebê era tão lindo...! Olhos escuros muito calmos, pele clara como a neve que cobria os telhados pela manhã...

Yuki-hime... primeira princesa do clã Ryuu de Owari.



– ...Tono-sama...

O chamar baixo e o toque em seu ombro acordaram Ryuu Hideki, que se virou devagar, a mente ainda enevoada pelo sono. Viu a esposa sentada sobre os joelhos no futon, a seu lado, e matizes rosados de luz passando pela shoji. O ar muito leve e quieto o convidava, suave, a adormecer de novo.

– O Sol está nascendo – Masako persistiu em despertá-lo, como ele a instruíra no dia anterior. – A comitiva o aguarda.

A visita a Oryuu-ji... O daimyo por um momento se arrependeu da decisão de ir ao templo tão cedo... Então sentou, inspirando profundamente, e lembrou a si mesmo de clarear logo a mente.

– Água.

Uma bacia recém cheia já estava preparada ao lado do biombo, a alguns passos dali. Masako a trouxe para junto da cama, e Hideki lavou-se devagar, o frio incômodo em suas mãos e rosto aguçando-lhe agradavelmente a percepção.

“...Bem, as primeiras horas da manhã serão adequadas à suposta visita de tom espiritual... E um retorno rápido, antes do ápice do Sol, deve reduzir os riscos de minha ausência ser sentida com nitidez, em uma eventual ocasião social à tarde...”

Un, partir tão cedo fora obviamente uma boa decisão.

Ele secou o rosto com a toalhinha de algodão lhe estendida por Masako, e correu a mão rapidamente do cavanhaque para os cabelos, não de fato desordenados.

– Mandem trazerem-me um desjejum.

– *Hai*. Tono-sama irá tomar chá?

– Apenas água. Então separe meu hitatare cinza, e vista-se rápido.

– *Hai*.

A mulher reverenciou e saiu. Um silêncio frio e sonolento tomou o quarto, mas Hideki sentia-se agora desperto o bastante para ignorá-lo. Insinuando os contornos da madeira entalhada no teto, a luz matinal estava ainda fraca, mas o céu teria clareado o bastante quando deixassem para trás os portões externos do Hana-no-Gosho.

Vinte samurais acompanhariam a pequena comitiva até Oryuu-ji... Nobutaka, duas insistentes vezes no dia anterior, expressara achar o número demasiado reduzido. Hideki não lhe dera muita atenção. O hatamoto estava obviamente arisco quanto a toda a situação... o que, dado quem os aguardava no templo, não era em nada surpreendente.

– ...E se for uma armadilha?

– E se for uma armadilha, Nobutaka-san? Keshi-san não dispõe de recursos para atirar um *exército* sobre minha pessoa. Vinte homens bastarão.

– Keshi-dono não é a única que poderia tentar um ataque contra Hideki-sama...

...Verdade inegável.

– Por favor, temo por sua segurança. Peço humildemente que reconsidere.

– *Vinte* homens, Nobutaka-san. Escolha os melhores, mas nenhum a mais.

Não que uma escolta mais sólida teria incomodado Hideki – naquela cidade, que agora abrigava essencialmente todos os seus não poucos desafetos, em especial... Mas a discricção, desta vez, o obrigava a admitir certo risco. Seu objetivo ao deixar o palácio do shogun, afinal, era uma singela visita a um templo patroneado por sua família. Cercar-se de uma centena de espadas protetoras pareceria, infelizmente, um tanto fora de tom.

“...Assim como me poupar da presença de Masako e do moleque de Koji... Mas, sendo tão vital manter as aparências e evitar suspeitas, esta manhã...”

...Não havia o que ser feito.

Um bater discreto à porta se seguiu. A ama com o desjejum. Arroz fresco, uma tigelinha de legumes em conserva, um par de mochis de aroma adocicado... e água.

– A... algo errado, oyakata-sama? – a mulher perguntou com apreensão, ao notar o relance de desgosto do mestre para a bandeja posta à sua frente.

Hideki negou num resmungo, e indicou-lhe em gesto curto que saísse. Olhou da desapontadora refeição para a porta. A luz que passava pelos quadradinhos de papel começava a ganhar intensidade...

De fato, não haveria sequer tempo para uma porção decente de chá.

“*Tch...* Keshi-san... é bom que esse trato me valha tanta inconveniência”.



Itou Kazuo respirou fundo, e lançou mais um olhar agitado para a porta fechada à sua frente, os punhos cerrados sobre os joelhos. Queria não estar tão nervoso, mas era provavelmente inevitável... Esperara tanto por esta ocasião que sua iminência parecia agora intimidadora.

Um pigarrear baixo soou do outro lado do fusuma. O rapaz o adotou como sinal para ir em frente. Alinhou a gola do dobuku, e correu rapidamente os dedos pelo selo de ferro atado a sua katana.

Bateu à porta.

– *Dozo*.

Kazuo empurrou o painel para o lado. A shoji oposta estava aberta para o jardim, e a luz matinal banhava o aposento, de tatames claros e impecavelmente limpo. Um par de estantes com pergaminhos tomava a parede direita da sala, e um armário baixo, parte da esquerda.

À organizada mesa de trabalho sentava um velho magro, a postura notavelmente reta para a brancura do pequeno coque apertado em seus cabelos. Com barba e bigodes longos, ele usava um kimono de adamascado discreto e um dobuku cinza jogado sobre os ombros, o que pareceria mais informal em outra pessoa. Murasaki, a katana que há três gerações servia seu clã, descansava a sua esquerda, o punho púrpura vibrante contra o tatame. Itou Tatsuya, cabeça do mais proeminente clã buke de Kyoto, general do Bakufu, líder da guarda pessoal da família Ashigawa, cunhado e vassalo de confiança do seii-taishogun. Avô paterno de Kazuo.

– Ojii-sama – o jovem à soleira se curvou em mesura profunda.

– *Hoh*, Kazuo – Tatsuya gesticulou para que o neto se aproximasse. – Entre.

O rapaz obedeceu, e sentou em silêncio diante da mesa, sobre a qual alinhavam-se papéis cobertos de uma caligrafia seca, muito legível. A ansiedade, mais uma vez, girou, fria, em seu estômago.

– ...Ojii-sama pode ceder-me um momento?

– Certamente.

Tatsuya deixou de lado o pincel e olhou para o neto, cruzando os dedos sobre a mesinha num gesto prestativo. Kazuo piscou um par de vezes, a fronte franzindo de leve em hesitação. Tomou um fôlego curto, e enfim expôs.

– ...É sobre Ametsuyu-san.

Hai, é claro que era sobre Ametsuyu-san, o velho pensou calmamente. Ergueu as sobrancelhas, incentivando o outro a continuar.

– ...Com o que economizei nos últimos anos e a gratificação por minha promoção recente, posso pagar pela posse de seu contrato – Kazuo concluiu, e fez reverência longa, solene. – ...Peço humildemente a ojii-sama que dê-me permissão para fazê-lo.

Tatsuya suspirou. Assim que fora informado da nova posição de Kazuo, soubera que não demoraria a ouvir esse pedido. Logo que chegara de Mutsu, o garoto mal pisara em casa e já correria para vê-la em

Akahana, como da vez anterior, e da anterior a essa... Ele era mesmo um jovem obstinado, *neh*...?

– Hun... quanto?

Kazuo hesitou.

– ...Dez ryos ^[88].

– *Dez*?

– Ainda precisaria negociar com Keshi-dono – Kazuo observou. – Mas... não acho que conseguirei reduzir mais que dois kans do valor.

Certamente não, deduziu Tatsuya. Akahana era a casa mais refinada da capital, e Ryuu Keshi, nenhuma ingênua benevolente. Há anos, Ametsuyu era a única que Kazuo solicitava... Seria espantoso se ele conseguisse subtrair um único kan de seu preço.

– Kazuo... – o velho ajuizou – tem certeza que quer gastar praticamente todo seu dinheiro com essa cortesã?

– *Hai!* – fez o rapaz, num baixar firme de cabeça. – Peço-lhe encarecidamente.

Bem, não seria esperado que ele mudasse de ideia agora... Tinha esse objetivo há cinco anos. Tatsuya até admirava a resolução do neto... mas ainda considerava seu foco um desperdício, do ponto de vista prático.

– Sabe que poderia comprar uma casa com essa quantia, não sabe?

Kazuo ergueu os olhos para o avô, e encontrou em seu rosto uma tranquilidade resignada que lhe permitiu abrir um sorriso tímido ao responder.

– Sou apenas um, ojii-sama... Não preciso de duas casas.

– *Hoh*... – o velho cruzou os braços, provocador – mas precisa de duas mulheres? Kazuo por acaso ainda lembra que já tem uma esposa? Jovem e bonita, e infinitamente paciente com seu descaso?

– ...É claro que lembro, ojii-sama... – Kazuo reverenciou de novo, respeitoso – e sou imensamente grato por Kotone-san. Mas...

...Era diferente. Ele conhecia Ame desde que eram crianças; estimava-a mais que seria capaz de descrever. Não podia vê-la presa a Akahana, a pessoas como Ryuu Keshi, e ignorar seu sofrimento. Seu honorável avô e sua dedicada esposa que o perdoassem... mas ele a tiraria daquele lugar; custasse-lhe isso uma casa, uma mansão ou o que fosse.

– *Hai, hai*... – Tatsuya então riu. – Parece mesmo um caso perdido, *neh*?

Kazuo se empertigou, ansioso.

– ...Tem a minha permissão – o velho consentiu – para comprar Ametsuyu-san, e para tê-la como consorte.

O olhar de seu neto se iluminou tanto que ele se sentiu tolamente gratificado.

– Ojii-sama...! – o rapaz se curvou e tocou o chão com a testa, repetidamente, a voz comovida. – *Domo arigato! Domo arigato gozaimashita!*

– *Yosh, yosh*... Tantas visitas acabariam custando isso eventualmente – o general fez-lhe sinal que parasse. – Que Kazuo a tenha em casa de uma vez.

...Longe dos olhos e ouvidos daquela cobra sinuosa de Ryuu...

– Não tenho palavras para expressar minha gratidão, ojii-sama!

– *Un*... Espero apenas que tenha o bom senso de contentar-se com ela, daqui em diante – advertiu Tatsuya. – Manter uma consorte é um luxo, Kazuo; e um luxo pouco justificado a *você*, eu reforço. Duas seria uma extravagância fora de questão.

– *Hai* – Kazuo ainda sorria aberto. – Não terei mais nenhuma.

Isso não o incomodaria em absoluto. Sua querida Ame... Enfim, poderia livrá-la daquela gaiola vermelha; protegê-la e ajudá-la, permitir-lhe uma vida feliz.

“...E... talvez um dia...”.

– *Yosh*, se está resolvido, sugiro que trate de ir cuidar das negociações – Tatsuya concluiu e, afastando a manga, pegou o pincel e voltou a escrever. – Suponho ser karma Kazuo ter conseguido o dinheiro e a promoção precisamente a tempo, *neh?*

Um instante silencioso se passou.

– ...A tempo? – Kazuo então repetiu, e ao erguer mais uma vez os olhos, o velho se surpreendeu com sua expressão confusa.

– Ora...! – deixou o pincel de novo, num suspiro curto. – Kazuo não sabe? Não se fala de outra coisa na cidade há dias.



Um leve dourado ainda tingia o horizonte quando a pequena comitiva dos Ryuu de Owari partiu do Hana-no-Gosho rumo ao extremo Norte do Kamigyô, parte nobre da capital. O cortejo seguiu a passo tranquilo, a quietude das ruas pouco interrompida por outros passantes, pássaros piando ocasionalmente no silêncio. A caminhada foi breve. Ao final de uma alameda ladeada de cerejeiras, os galhos cobertos de minúsculos botões brancos, tornou-se logo visível o portão principal de Oryuu-ji.

Muros de pedra rústica cercavam o templo, perdendo-se num bosque que descia a montanha e invadia a face Norte, posterior, do terreno. Aos lados do pesado portão de madeira, aberto, um par de estátuas musculosas guardava o complexo. Ao parar diante delas, Kyuumura Kentaro viu três monges envoltos em vestes escuras, de pé à entrada. Um deles, baixo e de nariz fino, veio até a comitiva. Parou a alguns passos da primeira fileira de samurais, e se curvou a esses num gesto polido, então fez reverência longa à pessoa ao lado do jovem oficial.

– Musashi-no-kami-sama ^[89], é uma honra para Oryuu-ji receber sua visita, e a do honorável mestre – ele disse, a voz baixa e de timbre agudo.

– *Domo*, Narabo ^[90]-san – Nobutaka respondeu, sério.

O monge de Nara era um homem pequeno, de mãos inquietas e andar fluido. Seu rosto corado estampava um sorriso solícito, e havia um leve brilho de suor em sua testa. Talvez resultado de uma caminhada apressada da ala interna do templo até o portão, pensou Kentaro.

Um movimento sutil dos guardas e das amas, nisso, deslocou a atenção geral. O mestre e a senhora desciam da liteira.

– Ryuu-Owari-no-kami-sama... – Narabo foi até Hideki, curvando-se com ainda mais proeminência – seja bem vindo. Estamos honrados por sua presença.

– A honra é minha, Narabo-san – o daimyo respondeu numa medida considerada. – Oryuu-ji me é um local muito estimado.

Narabo agradeceu, e após cumprimentos a Masako e Kentaro, indicou ao grupo que entrasse. Hideki foi à frente, seguido pela mulher e cercado de perto por Nobutaka e seus cinco melhores samurais. Atrás, duas amas que acompanhavam a senhora, levando pequenas caixas nas mãos, e, por fim, os demais soldados, liderados por Kentaro.

O general fora específico ao ordenar-lhe absoluta concentração naquela manhã, o rapaz lembrava... Era um tanto curioso. Concordava não estarem em grande número, mas... durante a visita a Akahana, haviam contado com a mesma quantidade de guardas.

“...E, na ocasião, Atae-dono pareceu muito calmo.”

Hoje, porém, o homem estava nitidamente alerta. Até mantivera o humor usual antes de partirem do palácio do shogun... Mas agora, no templo, seu semblante fechara a olhos vistos.

“...Por que esta visita a Oryuu-ji o está preocupando?”

Narabo acenou para os monges que esperavam à entrada, e ambos o seguiram. À frente, um longo corredor coberto, de madeira polida e telhado muito ornado, cruzava a passagem, e cercava a porção central do templo. Adiante, um pagode de cinco telhados e a grande forma quadrada do Butsuden ^[91] destacavam-se no pátio. Um pinheiro alto, de agulhas vívidas, postava-se à direita do prédio principal.

– Antes de iniciar minhas orações, Narabo-san... – Hideki falou, ao subirem os degraus do passadiço – gostaria de discutir alguns assuntos referentes à manutenção do templo.

– *Hoh*, certamente. Estou à disposição de Ryuu-sama.

O daimyo assentiu, e seu olhar caiu sobre a esposa. Narabo, não demorando a notar, dirigiu-se à mulher, cordialmente.

– ...Masako-gozen ^[92] não gostaria de conhecer o jardim de pedra?

Ela se voltou para Hideki, e ele concordou.

– Uma ideia muito agradável.

– *Hai*. Kofubo-san pode mostrar o caminho... – o monge indicou um dos outros que o seguiam, mas nisso Masako falou.

– Na verdade... ver o jardim seria de fato adorável, mas... Tono-sama, com sua permissão... eu poderia esperá-lo no Butsuden?

Ele parou, olhando-a por um segundo. Masako lançou um relance para a caixa que trazia a ama mais próxima, então baixou o rosto, unindo as mãos sob as mangas.

– ...Gostaria de orar por mais algum tempo – justificou.

O gesto pareceu ser significativo a Hideki, pois ele também mirou brevemente a caixinha antes de consentir. Voltou-se então para Narabo.

– Se não for incômodo...

– *Iie*, será um prazer – o outro garantiu prontamente. – *Dozo*, Masako-gozen... Kofubo-san a guiará.

Ela agradeceu em mesura breve. Nobutaka, num gesto discreto, indicou a Kentaro que a acompanhasse, e o rapaz, como previamente instruído, destacou mais seis homens para a guarda da senhora.

– Iremos a seu encontro em breve – observou o hatamoto, e Kentaro assentiu.

– *Hai*. Entendido.

O daimyo e sua escolta então se afastaram, seguindo à esquerda pelo corredor coberto. Kentaro acomodou a aljava no ombro, e olhou o céu limpo. A manhã ainda não atingira a metade.

– *Dozo*... – o monge de Kofu, um jovem de pele marcada pelo Sol, indicou que descessem para o lado oposto do passadiço. Ali, os degraus desembocavam no reto e amplo caminho de pedra até o Salão de Buda.

Seguiram devagar, adentrando o pátio verde de Oryuu-ji. À esquerda, cercando o alto pagode, um grupo esparso de bordos e pinheiros sombreava a base da construção. Adiante, sob uma ameixeira, descansava uma grande rocha lisa. À direita, o terreno irregular era bordado de pedras escuras e limosas, uma nascente escorrendo, fria, para dentro de um espelho d'água. Era um lugar muito pacífico, Kentaro observou. O silêncio marcante o fazia se sentir notavelmente leve.

Ele espiou a senhora Masako, de quem, vigilante, se mantinha a menos de três passos. O olhar dela estava distante, a postura, cabisbaixa. Seu rosto era de fato bonito, o jovem oficial observou; tanto quanto se costumava ouvir dizer em Osaka... Mas tinha um ar frequentemente abatido, *neh*...?

Hoje, mais nítido que o usual.

Alcançaram o Butsuden, cujo vultoso bloco central era cercado por um corredor externo, de telhado mais baixo. Toda a madeira da construção era entalhada, e em vários pontos no teto, brilhavam adornos dourados. Pararam diante da escadaria de pedra, onde deixaram os calçados, e as amas entregaram à senhora o conteúdo das pequenas caixas que traziam. Incenso e flores; um ramo delicado de pessegueiro, narcisos e duas grandes peônias, de tom rosa muito claro.

Entraram na penumbra fria e sagrada do Salão de Buda. O monge que os guiava parou à entrada do aposento central, e baixou o rosto, a mão erguida correndo da testa para o peito, em reverência. A senhora Masako se aproximou mais da estátua de bronze ao centro da sala. Diante dela, ajoelhou-se, curvando-se três vezes com as mãos unidas, ofereceu as flores e incenso, e pôs-se a orar em silêncio, a cabeça muito baixa. As amas, pouco atrás, também se prostraram.

Entre elas e o monge à porta, Kentaro revezou um gesto respeitoso à imagem de Buda e um olhar atento às sombras através das shojis, dos samurais se posicionando na passagem coberta lá fora. Sentiu certo desconforto; perturbar o ambiente do Butsuden, tão etéreo, com uma escolta ativa... não parecia apropriado.

Mas as ordens do general Atae haviam sido claras. Durante a visita ao templo, se a senhora viesse a se separar do mestre, que ele a seguisse de perto, e a guardasse em absoluta segurança, *em qualquer situação*.

...Que sua inconveniência fosse perdoada, ele concluiu, solene, e mirou por um momento a imagem à frente, reluzente na sombra. A serenidade de seu olhar esculpido era comovente.

O aroma dos incensos aos poucos impregnava o ar estático do salão.

“Akiko...”

Permitindo-se um repreensível instante de distração, Kentaro baixou os olhos, e pediu humildemente pela saúde dela.



– ...É aqui.

Guiando a comitiva de Ryuu Hideki, que há alguns minutos seguia pelo corredor coberto, Narabo indicou, à esquerda, um pequeno prédio elevado de madeira, anexo ao passadiço. Ao redor, a paisagem era tomada por um arvoredo, denso montanha acima, e mais esparsa no Leste, onde invadia parte do pátio central. Naquela direção, por entre as copas dos bordos, podia-se ver a vaga silhueta do pagode, distante e escura.

O monge cruzou a estreita varanda da construção, e abriu a porta em silêncio. Há pouco dispensara o subordinado que o seguia, mandando-o soar as horas, na ala oposta – onde tratara de também ocupar os demais, fosse com a cozinha ou a manutenção do jardim de pedra. Como convinha, aquele lugar estava vazio.

...Exceto pelo visitante que viera antes do amanhecer, pelo ermo portão Norte, o selo dos Ryuu numa carta em branco e nenhuma disposição para responder perguntas.

“Um homem desagradável... e tão arrogante, por Buda! Arrogante *demais* para aquele hakama barato...”

– *Dozo*, Ryuu-sama – ele indicou. – ...Nossa humilde sala de estudos.

Dois pares de guardas entraram primeiro, então Nobutaka, antes que o daimyo o fizesse. O aposento era amplo, e relativamente bem iluminado; o Sol matinal trespassava as folhagens e as shojis antigas da fachada, caindo suavizado sobre o tatame vazio. Na parede aos fundos, uma porta de correr se abria para um corredor curto, que dava acesso a algumas salas menores.

Por ali seguiram dois soldados, enquanto outros se postavam às portas. A shoji de entrada foi fechada, quatro espadas a guardando por fora. Hideki ouviu uma fala baixa e curta de seu hatamoto, então sentou, de costas para a parede Norte. Uma fileira de samurais se formou entre ele e o restante do aposento. O monge, parado no centro da sala, observou a movimentação com interesse, mas apenas por um instante.

– Narabo.

Ele olhou para o daimyo. A serena cordialidade no rosto dele desaparecera.

– Do presente momento até ser-lhe informado, você esteve nesta sala, discutindo finanças do templo com minha pessoa. Entendido?

O sorriso diligente do monge também evanesceu.

– ...*Hai*, Ryuu-sama.

– Se alguém vier a ser informado de qualquer versão remotamente diferente, eu não gostaria de estar em sua delicada posição.

Há cerca de cinco anos, Narabo fora encarregado do comando de Oryuu-ji – um inconveniente para Hideki, sendo o homem subordinado direto de seu irmão mais velho, Hikaru, e um canal de informações para esse em Kyoto. Entretanto, o honorável monge de Nara tinha lamentável inclinação a auferir quantias

indevidas dos ganhos do templo – e o ainda mais censurável hábito de aplicá-las em vinho de arroz.

Por peculiar obra do karma, Narabo tivera a infelicidade de compartilhar o usual fornecedor de sake com Akahana; e do mercador, muitíssimo íntimo de Ryuu Keshi, ter mencionado a ela sobre certo monge de gosto surpreendentemente caro. Boato passado adiante e uma simples investigação depois, o daimyo facilmente obtivera a cooperação e conveniente inversão de papel do subalterno de Hikaru.

– ...Ani-ue é uma alma iluminada, Narabo-san... mas com o pequeno vício de ser assustadoramente avaro. Temo menos pelo tolo que roube-me dez ryos que pelo pobre miserável que ouse tirar-lhe dez mons.

O brilho de suor se intensificou na careca gélida do monge.

– ...E qual a exata quantia que misteriosamente evaporou entre Oryuu-ji e a mão de Ryuu Hikaru, em Nara, nos últimos oito meses?...Seis ryos e três kans, estou certo?

– Por favor, Ryuu-sama! Por favor, perdoe-me!! – o pequeno homem exclamou, encolhendo-se choroso no chão. – Não me denuncie, eu imploro... tenha misericórdia!

Hideki teve; expondo a condição de nova lealdade do monge, e o advertindo de sua proporcional intolerância para com traidores.

– Roube *cem ryos* de ani-ue, Narabo, antes de cogitar mentir para mim.

...Pela fisionomia subitamente pesada, ele ainda devia se lembrar da advertência.

– *Hai*, Ryuu-sama – Narabo se prostrou em reverência longa.

– Um dos samurais o acompanhará ao depósito de pergaminhos, para garantir sua segurança. Aguarde ali até ser chamado.

– *Hai*. Como desejar, Ryuu-sama.

De olhos baixos, ele se despediu em nova medida dócil, e saiu para o passadiço, um dos soldados o seguindo de perto.

Um instante quieto se seguiu. Nobutaka se voltou para o senhor, que mirava com visível desprezo a shoji fechada por onde passara o monge. Provavelmente perguntava-se quando deveria matá-lo, supôs o hatamoto... Nunca confiara em Narabo, e ainda que mantido à margem da situação, o homem estava começando a ver demais.

“Hideki-sama dificilmente teria outra oportunidade de controlar um subordinado tão próximo de Hikaru-dono... mas...”

Ainda assim, seria prudente livrar-se dele. Mais que dissimulado, Narabo era um covarde. E covardia era um traço *perigoso*.

...*Inaceitável*.

“Basta, Nobutaka”, repreendeu-se então, “Não cabe a você decidir”.

...Aquilo sequer se tratava realmente do monge de Nara...

– Há quanto tempo não o vejo com essa expressão, *neh?*

O comentário subitamente o despertou de seus pensamentos, e ele se voltou. O daimyo riu um pouco, tirando casualmente o leque da cintura.

– ...Anseio de cortar alguém.

Nobutaka olhou a própria mão, e, constrangido, soltou o punho da katana. Sua fronte franziu em desconforto. Hideki abriu o leque devagar, então o fechou, e fez um gesto de cabeça para os soldados à porta do corredor. Assentindo, os dois seguiram construção adentro. O daimyo voltou a guardar o leque, e olhou para o general, postado rígido a sua esquerda.

– Relaxe, Nobutaka-san – disse, agora sério.

O outro não teve tempo para responder; os guardas haviam voltado, escoltando uma terceira pessoa.

Fora em troca desse encontro que Hideki concordara em estreitar o símbolo de sua nobre casa a Akahana – a fim de espantar qualquer fosse o desafeto que Keshi temia no momento. Um contato no palácio do shogun, exclusivo e secreto, com a vantajosa ausência de princípios ou lealdade. Sua condição era simples. Informações, incidentes, mortes, o que necessário, era providenciado, sem perguntas ou falhas. Apenas um preço.

Nobutaka sentiu as vísceras torcerem em irreprimível repulsa.

Shinobi...

Keshi contara que ele atualmente respondia por Otani Isao – um nome samurai de pouca proeminência. Era longilíneo, musculoso e magro, beirando os trinta anos. Nas mãos, grandes e ossudas, tinha cicatrizes de aspecto profundo. Suas vestes eram velhas, ou de baixa qualidade, pelo caimento pouco distinto... mas sua presença era muito altiva.

Pararam à porta, e ali o shinobi sentou, formal e inexpressivo, sobre os joelhos. Nobutaka se aproximou, a mão voltando num gesto mecânico ao punho de Kurotora, e o homem prontamente fez-lhe longa reverência.

O hatamoto não se moveu um milímetro em resposta.

– Está desarmado? – dirigiu-se aos samurais de azul.

– *Hai*. Foi revistado como ordenou, Atae-sama.

Ele se voltou para baixo, atraindo o olhar do shinobi.

– Qualquer atitude inoportuna lhe custará a cabeça – rosnou, então fez sinal aos guardas. Esses, em consonância à postura do general, indicaram a Isao que entrasse num empurrão seco.

– Não repare o zelo de meus vassalos, Isao-san – disse Hideki, quando o homem sentou no centro da sala. – Tratam-se de cuidados protocolares.

O ninja assentiu num baixar de cabeça, o semblante vazio.

– Ao ouvir o relato de Keshi-san, admito ter ficado intrigado a seu respeito – o daimyo prosseguiu. – Um shinobi que trabalha sozinho... não parece ser comum.

Isao sorriu, rasteiro, e sua pessoa pareceu a Nobutaka ainda mais abjeta.

– Companheiros acabam gananciosos... e é sempre um estorvo ter de confiar em alguém, em algum ponto, *neh?* Trabalho melhor sozinho, garanto a Ryuu-sama.

– Assim ouvi dizer – fez Hideki, grave. – Bem como soube, Isao-san tem amplo acesso ao complexo do Hana-no-Gosho.

– *Hai*. Posso colher informações por meses a fio, se é o que Ryuu-sama deseja – o shinobi gabou-se, então instigou. – ...Mesmo nas áreas internas.

– *Hoh...?* – o daimyo ergueu ceticamente uma sobrancelha. – *Quão* internas?

Isao ficou novamente sério.

– Isso... francamente depende do *incentivo*, Ryuu-sama.

– *Não ser fatiado em postas* seria *incentivo* suficiente? – Nobutaka retrucou, e o mestre lhe fez um calmo sinal de moderação.

– Ora, não se exalte, Nobutaka-san... Keshi-san de fato já havia mencionado os... interesses grosseiros de Isao-san.

Tirou da ampla manga do hitatare três lingotes de ouro, e jogou-os com descaso diante do ninja. Isao apanhou-os rapidamente, e sua boca voltou a se esticar num sorriso desagradável. Tamanho afã nos olhos por algo baixo como dinheiro, o hatamoto fungou, carrancudo... E aquela escória ainda ousava vestir um

nome samurai!

– Se é isso o que o satisfaz... – Hideki concluiu, impassível – Isao-san pode sentir todo o incentivo de que disponha.

Cruzou os braços.

– ...Então, repito minha pergunta: *quão* fundo sua pessoa é capaz de penetrar o Palácio das Flores?

O shinobi sorriu, vaidoso.

– ...O bastante para tosar os bigodes do shogun enquanto ele dorme, Ryuu-sama.



A um eco de passos, Kentaro se voltou para a entrada iluminada do Butsuden. O senhor chegara, acompanhado de um general Atae ainda mais sisudo que antes, e seguido pelo sorridente monge de Nara.

Esse último foi se juntar com certa pressa a Kofubo, despertando o mais novo de sua meditação para falar-lhe em voz baixa. Os outros dois se aproximaram, e o jovem oficial os cumprimentou em silêncio. Hideki seguiu, indiferente, até a esposa. Nobutaka, retribuindo a mesura em aceno breve, parou a seu lado.

– Tudo sob controle?

– *Hai*.

– Bom.

O hatamoto sentia a cabeça doer... Quanto antes partissem dali, melhor.

Ele correu os olhos para o Buda de bronze, então os baixou respeitosamente. O monge de Kofu deixou a construção a passos mudos. Narabo permaneceu à porta, primeiro reverenciando a imagem adiante, então batendo de leve as pontas dos dedos. As amas baixaram a cabeça em direção aos recém-chegados, então de volta à escultura sagrada. O daimyo se ajoelhou, formal, ao lado da senhora Masako, que apenas então pareceu notar sua presença. Ela o esperou se curvar três vezes à estátua, então ambos trocaram um olhar de soslaio, quieto e contido, mas que a Kentaro pareceu, de alguma maneira, profundamente particular. Por discrição, o rapaz voltou-se para outra parte.

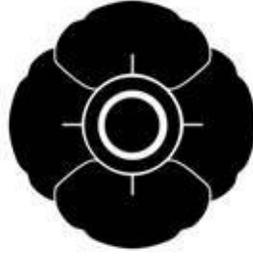
Ligeiramente espaçadas das demais oferendas, Masako deixara uma das peônias e dois narcisos brancos, e um pouco de incenso queimando num recipiente solitário. Um costume que, há anos Hideki concluía, não compensava apontar como dispensável.

– ...Estes são para Yuki?

A mulher confirmou. Ele admirou as flores, então a imagem de Buda, e alcançou um dos longos incensos ainda deitados na caixinha de madeira. Acendeu-o no braseiro redondo diante da estátua, então o acrescentou aos demais dedicados à filha, e baixou o rosto. Masako sabia ser mais por polidez que sentimento... mas sentiu-se grata.

Pelo que pareceu um longo tempo, o silêncio retomou a penumbra do Butsuden; denso e incômodo, carregado de uma perturbação latente que Kentaro não conseguiu definir bem de onde viera. Enfim, pouco antes de findada a hora do Dragão ^[93], o daimyo concluiu suas orações, e, sem mais delongas, sua comitiva partiu.

Hesitante mas curioso, Narabo esperou os últimos samurais do cortejo estarem longe, alameda florida adiante, e voltou, rasteiro, à sala de estudos do templo. O pedante malvestido, porém, já se fora, sem deixar rastro.



Ametsuyu sentiu uma agitação inesperada tomar-lhe o peito. Os dedos de Kazuo se fecharam gentilmente ao redor dos seus.

– Ainda preciso pedir formalmente a permissão de ojii-sama... Mas... já tenho o suficiente.

Ele sorriu, encorajador.

– Enfim, posso tirar Ame-san deste lugar!

“Deixar Akahana...”

Libertar-se da sombra de Ogumo, de Ryuu Keshi, das noites insuportavelmente longas e da máscara sorridente, perfeita e inexorável, sufocando seu rosto... Partir dali e viver com Kazuo... seria a realização de um sonho.

Mas...

Notando o desconforto da moça, Kazuo soltou sua mão.

– ...Sabe que não espero tê-la como amante – explicitou, sério.

– Não é isso... – Ame negou. – Kazuo-san... não seria justo. Não deveria gastar essa fortuna comigo.

– Eu prometi que a compraria, não prometi?

– Mas...

Ele a interrompeu num gesto decidido.

– *Somos amigos*. É motivo mais que o bastante.

Um bater fraco soou à porta do escritório.

– Com licença... Kazuo-sama? Ametsuyu-sama está aqui.

– *Hai*. Faça-a a entrar.

A serva assentiu em mesura, e puxou devagar a armação de madeira para o lado. Sentada em frente à porta, Ame uniu as mãos sobre os joelhos com ansiedade. Há três noites, Kazuo anunciara que conseguiria comprá-la... E, naquela manhã, enviara-lhe um pouco usual convite à mansão Itou – uma solicitação ainda mais onerosa que a de sua companhia em Akahana.

“Então, provavelmente...”.

A shoji abriu, e ela viu Kazuo acomodado diante de uma bandeja com chá, num bonito hitatare formal cor de cobre. Sorriu, e fez-lhe reverência longa.

– *Konbanwa*, Kazuo-sama.

– Ametsuyu-san – ele correspondeu o cumprimento – *dozo*, sente-se.

A cortesã se aproximou, ocupando a almofada oposta. Estava vestida de modo refinado, mas discreto, um kanzashi solitário arrematando o coque, o obi de brocado sutil, dois uchikis sobrepostos ao kimono em tons leves de rosa, ramos delgados de cerejeira nas mangas e barra. Ora, publicamente, tais senhoras costumavam ser figuras mais vibrantes, analisou a serva. Havia se perguntado se conviria pôr outro lugar à mesa do jantar, mas... aquela visita ao jovem mestre devia ser restritamente íntima, *neh?*

– *Domo*, Beni-san. Pode se retirar.

– *Hai*, Kazuo-sama – a mulher se curvou, e fechou a porta.

Sua silhueta se afastou pelo corredor, e um breve silêncio tomou a sala.

– Há quanto tempo não vinha à mansão Itou... – Ame então sorriu. – Está um tanto agitada, esta noite.

– Oh, a família de Kotone-san foi convidada para o jantar... – explicou Kazuo – em comemoração a meu novo posto.

– *Hoh*, que bom...! Então, por isso vi alguns cavalos no pátio...

Ele sorriu, vacilante. Estava nervoso, Ame observou... Para ser franca, ela sentia o mesmo. Do bule sobre a bandeja, escapava o aroma simples de uma infusão de folhas pouco cerimonial. Mais para serenar o ambiente que por interesse na bebida, a jovem indicou o conjunto de porcelana.

– Chá?

– *Iie... domo.*

– Kazuo-san... falou com Itou-sama...?

O semblante do rapaz tornou-se solene.

– ...*Hai.*

Uma risada expansiva, provavelmente de um recém-chegado Kyuumura Kenjiro, ecoou, distante, no andar abaixo. O jantar devia começar em breve...

Kazuo inspirou fundo, e olhou com resolução a moça à sua frente.

– ...*Ojii-sama* permitiu.

O rosto pintado de Ame se iluminou num sorriso tímido, mas tão espontâneo que fez o peito dele doer.

– Kazuo-san, eu... eu não tenho palavras para lhe agradecer...!

– ...*Ame-san*...

– Sei que está apreensivo – ela tranquilizou, segura – assim como fiquei, há três dias, mas... Kazuo-san, eu o estimo muito. Serei imensamente feliz...

– *Ame-san*, espere.

A gravidade em seu tom a espantou. Ele suspirou, inquieto.

– Antes de falar sobre isso... – começou, procurando com cuidado as palavras. – Eu... esta tarde, encontrei alguém... que *Ame-san* precisa ver.

A cortesã piscou. Alguém...? Chegou a abrir a boca, mas o correr de um fusuma à lateral do aposento a interrompeu. Kazuo se voltou em certo alarme, e a moça também virou o rosto naquela direção, para a pessoa de pé à passagem...

O mundo parou.

Ele estava mais alto do que ela se lembrava; e definitivamente mais robusto. As linhas de seu rosto haviam endurecido... Mas... aquelas feições, aqueles olhos nescados e intensos, eram exatamente os mesmos que ela guardara tão vividamente na memória, há tanto tempo...

Aquele rosto... Ame há tantos anos aceitara que nunca mais o veria, que agora...

Ela simplesmente não lembrava como respirar.

– ...*Ta...i...ken-sam*...

– *Ame-san*!

Kazuo se esticou para ampará-la, virando as tigelas vazias sobre a bandeja num tilintar súbito. A jovem se moveu um pouco, atordoada, então sua cabeça pendeu para frente, e ele a apoiou, desajeitado, contra o peito.

– *Taiken-san*! – exclamou em censura. – Eu disse que precisava avisá-la!

– Estava demorando demais – o outro cortou, sentando ao lado com pressa.

– Ame-san... Ame-san, está me ouvindo?

A cortesã entreabriu os olhos, zozza.

– Kazuo-san...

– Ame-san... por causa da guerra em Mutsu... – ele explicou, devagar – ...o seii-taishogun convocou o clã Tetsuyama a Kyoto, para o Hanami.

Então... ela não imaginara? Era mesmo verdade...?

– ...Taiken-san está aqui.

Taiken-san está aqui...

– Ame...

A voz, mais grave e rouca que a de Kazuo, atraiu seu olhar. Tetsuyama Taiken, os traços rudes suavizados por uma expressão terna, sorriu para ela.

– ...Taiken-sama...

Ame tocou-lhe o rosto, trêmula, e sua visão embaçou de lágrimas.

– Meu amor... – ela suspirou, e o abraçou num choro entrecortado, extravasado de alegria absoluta. –

MEU AMOR...!

– *Ame...* – Taiken a acomodou nos braços, no esforço consciente de não apertá-la em excesso. –
Minha Ame...

Acariciou-lhe os cabelos, e a afastou um pouco para olhá-la.

– Está tudo bem... Não chore.

– ...E-eu pensei... – ela soluçou – pensei que nunca o veria de novo!...

Uma pontada aguda pungiu o peito de Taiken, e ele respirou fundo, cingindo a moça novamente num sorriso dolorido.

– ...Eu também.

Permaneceram quietos por um momento, Taiken sentindo a respiração de Ame, aos poucos, abrandando contra seu peito. Correu as mãos por suas costas, admirando-a com afeição. Ela estava tão linda... Ainda mais do que quando a vira pela última vez...

– Kazuo-dono?

O chamado baixo, acompanhado de um suave bater à porta, de repente lembrou a ambos da presença de Kazuo. Separaram-se num gesto constrangido, e olharam para o rapaz, mas seu rosto estava voltado para a shoji fechada.

– *Hai*, Kotone-san? – ele perguntou, polido.

– Perdoe-me por incomodá-lo... – a silhueta de sua esposa se curvou numa rápida mesura, do outro lado da porta. – Itou-sama pediu-me que o avisasse, os convidados chegaram para o jantar.

– Ah... *domo*, descerei num instante.

Ele se dirigiu aos outros dois.

– Desculpem-me... preciso ir. Taiken-san... gostaria de se juntar a nós? Seria um prazer recebê-lo.

Compartilhar uma refeição com seu velho colega de kenjutsu, e provavelmente melhor amigo que já tivera... Taiken teria apreciado a ocasião. Lembrou-se, porém, das bandeiras amarelas que vira pela janela, há alguns minutos, quando uma pequena mas ruidosa comitiva passara pelos portões da mansão... Bandeiras com as setas concêntricas dos Kyuumura de Osaka.

Jantar com o espalhafatoso aliado preferido de Ryuu Hideki definitivamente não era a mais atraente das perspectivas.

– *Domo arigato*, Kazuo-san – ele baixou o rosto em consideração. – Fico honrado pelo convite, mas

devo voltar ao Hana-no-Gosho. Não quero me impor.

– Oh... é uma pena.

Olharam ambos para Ametsuyu.

– ...Ame-san deveria acompanhá-lo – Kazuo sugeriu.

Ela hesitou, entre o entusiasmo e a lembrança do delicado tópico, interrompido de súbito, que havia começado a discutir com o rapaz.

– Mas... e quanto a...?

– Não se preocupe – ele assegurou. – A liteira virá buscá-la somente ao final da manhã, *neh?* Taiken-san pode providenciar que a tragam de volta, até então?

– Un.

– Então... Keshi-dono sequer saberá da mudança de planos.

Ame ainda o mirou, incerta. Ele sorriu em resposta, encorajador.

– Dozo... Sei que os dois têm muito a conversar.

A moça se voltou para Taiken, que retribuiu seu olhar com ansiedade. Assentiu, e ele segurou-lhe a mão, então se dirigiu ao anfitrião em reverência longa.

– Kazuo-san... sou-lhe imensamente grato por me dispor o reencontro com Ame.

– Não há o que agradecer – o outro também se curvou. – Fico muito feliz por seu retorno, meu amigo.

Trocaram um sorriso de bom grado em despedida, e Taiken partiu, pelo portão lateral, para não incomodar o cortejo dos Kyuumura, no pátio principal. Antes de seguir para o salão, no térreo, de onde vinham rumores indefinidos de conversas, Kazuo olhou a bandeja de chá à sua frente. As tigelas vazias ainda estavam caídas ao lado do bule...

– Kazuo vai contar a ela...? Antes de obter seu contrato?!

– Hai... Enviei também uma carta a Taiken-san, convidando-o a vir, amanhã.

Itou Tatsuya largou os hashis ^[94] sobre a tigela de arroz, num suspiro perplexo e meio irritado. Alcançou sua porção de sake.

– Então... depois de *tanta insistência* com essa mulher, vai entregá-la a outro!

– Não é qualquer outro, ojii-sama... – o neto justificou, o semblante austero fixo na própria refeição. – ...É meu melhor amigo.

O clã Tetsuyama voltou a Kyoto... Quando ouvira, na manhã anterior, a notícia do avô, Kazuo sentira parte de si querer gritar, furiosa, de frustração... Mas essa era sua parte mais desprezível, à qual se recusava a dar alguma autoridade. Tetsuyama Taiken fora, por anos, como seu irmão mais velho... E essa pessoa, a quem ele tanto respeitava, amava Ametsuyu; não mais, apenas, do que ela o amava de volta.

...O que fazer a respeito era inescapavelmente claro.

Ele terminou de alinhar as tigelas brancas, com desnecessário capricho, ao lado do bule já frio. Um nó comprimia sua garganta. Ele não sentia a menor disposição para aquela festividade com os sogros...

“Vamos, Kazuo... pare de se lamentar”.

O rosto exultante de Ame, nos braços de Taiken, voltou-lhe à mente, e ele se viu sorrindo para o chão numa ternura dolorosa.

...Nunca a vira tão feliz.

Respirou fundo, e pôs-se de pé com decisão. Ajeitou rapidamente o hitatare, e concentrou-se em manter uma expressão agradável. Era melhor se apressar... Seria rude deixar os Kyuumura esperando.

“...Não se lastime”, racionalizou, por fim. “Você não a perdeu”.

Afinal... ela nunca fora realmente sua.



– Chiyo-dono...

A mulher voltou-se da caixinha de costura para a porta aberta.

– *Hai*, Hotaru-san?

– Pensei ter ouvido algum movimento enquanto deixava o ofuro... Taiken-dono está de volta?

A mais velha demorou um segundo a responder.

– ...*Hai*.

Hotaru, os cabelos molhados, abriu um sorriso leve e assentiu numa mesura. A resposta hesitante, então, não fora o bastante para fazê-la intuir...

– Oh, Hotaru-san... – Chiyo a impediu, delicadamente – penso ser melhor deixá-lo por esta noite, *neh...?* ...Taiken-san está acompanhado.

A jovialidade da moça evanesceu.

– Acompanhado...?

A outra confirmou num mover de cabeça empático.

– ...Uma cortesã, se não me enganei.

Um breve silêncio se seguiu.

– Ah – Hotaru então fez, num tom contido – ...entendo.

E continuou parada onde estava, no meio do corredor, o olhar ausente. Chiyo soltou um suspiro discreto. Devia ser a primeira vez, *neh...?* Pobrezinha, a primeira era sempre algo brusco...

Fechou a caixa com as duas mãos, e dirigiu-se novamente à princesa.

– Koi-san e eu tomaremos chá na varanda... A cerejeira junto ao lago cobriu-se de botões.

Hotaru se voltou para ela, como que acordando de repente.

– Não gostaria de juntar-se a nós, e compor poemas?

Pelo que conhecia a respeito da jovem onna-bugeisha, poesia não devia ser o seu forte, Chiyo considerou... Mas seria uma oportunidade razoável de ocupar a mente, algo que ela talvez apreciaria.

“Não que Koi-san vá ficar muito feliz, mas... Ora, minha companhia já não é sua favorita, *neh?* Contarei um pouco mais com sua cortesia... e talento em dissimulação”.

– Oh... *arigato*, Chiyo-dono – Hotaru se curvou. – Mas acho que me recolherei, por hoje... Treinei demais no dojo, durante a tarde.

A mais velha anuiu num sorriso compreensivo. Hotaru retribuiu brevemente a expressão, artificial, então fez-lhe nova mesura. Desejou boa noite e saiu, a passos de agilidade meio aflita, rumo a seus aposentos.

Capítulo 10

Perda



Ryuu Hideki despertou de súbito, no ápice gelado da madrugada, ao som de um pranto longo e intenso. Viera de além da curva do corredor... mas soara fundo, rasgado, lancinante. Não era um choro de criança... era um choro de mulher.

A compreensão o atingiu de imediato.

Levantou-se, jogando um dobuku sobre os ombros, e saiu do aposento, seguindo pela penumbra do castelo sob o olhar assustado dos guardas no caminho. Não demorou a alcançar seu destino, onde uma pequena multidão de amas já se formara. O quarto de Yuki... de onde emergiam, desesperados, os soluços de Masako.

– *Yuki...! Yuki...!* – ele viu a esposa encolhida no tatame, o rosto entre as mangas, respirando em espasmos. – *Minha Yuki!!* Por favor, tragam-na de volta! *Por favor...*

Voltou a chorar, convulsivamente. Duas das amas mais próximas a abraçaram, olhando aflitas da senhora para o bebê, de quem há apenas instantes haviam conseguido separá-la. Velada em sua pequena cama pela babá, que vertia lágrimas em silêncio, a princesa Yuki jazia completamente imóvel.

– ...A jovem hime-sama não resistiu, oyakata-sama – o médico do castelo, único outro homem no quarto, dirigiu-se ao daimyo. – Sua constituição era demasiado frágil... Não houve o que ser feito.

Hideki voltou-se dele para a criança, a três passos dali. Soltou um suspiro pesado. Desde que nascera, há apenas dez dias, Yuki fora um bebê delicado, de saúde fraca... O Inverno, a cada dia mais intenso, não ajudara, tampouco. Masako não deixara a filha de lado por um minuto, guardando-a dia e noite com todo zelo, mas...

– ...Foi karma – ele concluiu.

Sentia-se frustrado. Já fora deveras importuna a demora de sua esposa em enfim conceber, e ainda mais inconveniente o resultado desapontador da gravidez... Mas uma menina ainda era melhor que nada. Com sangue dos troncos centrais de Ryuu e Kujou, a fina flor da nobreza militar e civil do Império, e sendo filha de uma mulher tão bonita... Yuki teria vindo a ser uma das noivas mais desejáveis do país – digna, inclusive, de um cabeça da casa de Ashigawa...

Entretanto, *nada* era ao que o daimyo via-se de volta. Após três anos perdidos.

O soluçar de Masako enfraqueceu, reduzindo-se a um fungar exaurido. As amas a soltaram com

cuidado, afagando-lhe as mãos ou ombros com palavras de consolo, às quais a jovem parecia surda. Seu rosto estava vermelho e inchado, os olhos embaçados detrás de um manto oscilante de lágrimas.

Hideki se aproximou. As mulheres abriram espaço, reverentes, e ele sentou em frente à esposa, o semblante desconfortável. Masako lhe lançou um olhar desolado, e pareceu tentar dizer algo, trêmula, mas não conseguiu. O daimyo segurou-lhe a mão fria num mover grave de cabeça.

– ...Não chore. Já era esperado.

Por um longo momento ela permaneceu estática, o peito oscilando sob as muitas camadas de seda num arfar doloroso, a mão miúda hirta dentro da dele, o olhar chocado fixo em seu rosto. Até que a mais velha das amas, ao lado, falou.

– *Hai*, okugata-sama... Sabe que tivemos esse temor desde o início... Yuki-hime era muito frágil. O corpo de okugata-sama...

– *Meu corpo?* – Masako repetiu, os olhos amendoados enfim deixando o marido, e se voltando, fulgentes de dor, para a serva. – *O que há de errado com meu corpo?*

A mulher curvou-se humildemente.

– Por favor, okugata-sama, não pretendi ofendê-la...! Apenas quis dizer... Quando realizei o parto de Yuki-hime, vi o quanto foi-lhe penoso. Claro, o que sei eu, uma velha tola, mas...

Ergueu os olhos, para notar que tanto a senhora quanto o daimyo agora a ouviam concentrados. Sentiu-se constrangida, pela atenção e pela natureza desagradável do que estava para dizer... Postou as mãos sobre os joelhos.

– ...Considerando a dificuldade de okugata-sama em conceber, e o nascimento árduo de Yuki-hime... Por minha experiência, eu diria... diria que o corpo de okugata-sama não é favorável a gerar filhos.

Havia algo de óbvio na declaração... mas ouvi-la, dita tão claramente, ainda foi um impacto. A frustração atingiu Hideki em nova estocada. Se o shogun pudesse vê-lo agora, estaria rindo prazerosamente de seu infortúnio, não estaria? ...*Hai*, o maldito iria *adorar* a ironia...

“Iria... ou decerto *irá*. A ausência de herdeiros ao clã Ryuu já é fato conhecido, e com a morte de Yuki...”

– Então – ele cruzou os braços, a fronte franzida – ...tudo indica que uma nova gravidez será tão incerta quanto a primeira.

– ...*Hai*... – a ama confirmou, cautelosa. – E... é possível que nasça outro bebê de saúde debilitada, oyakata-sama.

Maldição... Era como se os Kamis se empenhassem em desfavorecê-lo!

Masako comprimiu as mãos à altura do peito, devagar e com força, baixando a cabeça. Seus olhos voltaram a pingar lágrimas.

– ...Foi minha culpa... Yuki... *é minha culpa...*

– *Iie*, okugata-sama...! Okugata-sama fez tudo o que pôde...! Yuki-hime... estava além de nosso alcance. Não houve culpados!

A moça se voltou para a filha, e seu rosto desabou numa expressão torturada. Ela se dobrou, os ombros encolhidos, e voltou a chorar, alto e agudo, as mães a amparando sem resultado. A mais velha, apreensiva, olhou para o daimyo, mas ele mantinha o olhar baixo, imerso, sisudo, em algum pensamento particular.

– ...Por favor, não chore mais, okugata-sama...

– Por favor, seja forte... tudo ficará bem.



No longo pergaminho, linhas finas delimitavam o contorno elegante de um galho de ameixeira. Em branco, pontilhavam-no pequenas flores, um falcão cinza e castanho pousado entre elas, asas entreabertas, garras delicadamente traçadas. Mirava duro um pico distante, enevoado em verdes desmaiados, do lado oposto da composição.

– O último trabalho de Kawa-sensei... – Hideki admirou a pintura, recém disposta na parede dos fundos de seu quarto pessoal, com satisfação.

Kawa, falecido em meados da última estação, era há mais de quatro décadas o pintor mais celebrado da região de Tokaido; embora seu renome alcançasse, muito bem considerado, também Osaka e Kyoto. Obter sua última obra levava ao daimyo de Owari meses, exigindo notável insistência diante a família relutante com a venda, e custando-lhe um preço quase extorsivo...

Mas valera à pena. O mestre deixara quase uma centena de pinturas, todas elas de alto valor artístico... A última, porém, seria sempre a mais distinta, mais valiosa, de relevância imbatível dentre todas as demais.

E agora era sua.

– O tema ainda não é correspondente, tendo as folhas secas apenas começado a cair... – ele analisou.
– Então, irei mantê-la aqui até o final do Inverno, quando será mais conveniente expô-la.

Masako concordou num mover breve de cabeça.

– Ficará muito elegante no oshi-ita ^[95] do salão principal.

A jovem contemplou detidamente a imagem, apreciando a admirável sutileza do pincel de Kawa-sensei. Tão poucos traços, e cada um tão sucinto e essencial que sua falta seria uma perda para o todo. A leveza das penas sobrepostas, a bruma na montanha ao longe, o movimento da brisa... Era comovente como tanto podia ser transmitido, e com tanta riqueza, em tão poucos tons...

– ...É mesmo linda.

– Un...

A voz de Hideki soou mais próxima, e seus dedos, fluidos, afastaram os cabelos de Masako para o lado, expondo-lhe a nuca ao ar frio de Outono, então ao hálito morno de um sussurro.

– ...Linda e inestimável.

Ela sentiu os lábios do marido pressionando-lhe suavemente a pele, e suas mãos correndo, devagar, pelas mangas brocadas. Moveu-se num gesto de desconforto.

– ...Tono-sama...

Ele alcançou as golas em camadas dos uchikis, em cadência de dourados claros, e deslizou as pesadas sobrevestes dos ombros de Masako para o tatame. Ela fez menção de se voltar, mas Hideki a envolveu pela cintura, aproximando-a de si.

– Tono-sama... *iie*...

Masako se esquivou, e ele a trouxe de volta num cingir mais firme.

– Masako...

– Tono-sama, *iie!* Por favor, *pare*...

– Masako, *basta!* – o daimyo a debruçou sob si, irritado pela resistência. – Já faz dez meses! Eu tenho sido imensamente paciente, mas agora *chega!*

Ela parou, um frio pungente percorrendo seu corpo. *Dez meses...* Fazia dez meses que sua querida Yuki se fora... A ferida em seu peito parecia ainda tão vívida, tão longe de cicatrizar...

A lembrança impôs-lhe lágrimas aos olhos, que ela refreou num prender de respiração. A boca de Hideki voltou a seu pescoço, as mãos erguendo-lhe a barra alva do kimono. O toque de sua pele, seu calor, seu peso...

...Ela *não conseguia suportar.*

– *Iie... iie!* – debateu-se, e quando o sentiu agarrar-lhe os pulsos, o fez com ainda mais persistência. – *Iie, tono-sama! Pare!*

– *Masako!*

– *Eu não posso!* Por favor, tono-sama! *Por favor, não me obrigue!...*

Hideki a soltou bruscamente.

– *ESTÁ BEM! Que seja!*

Ela respirou fundo, e se virou para olhar o marido. Hideki, já de pé, a encarou de volta num desprezo furioso.

– ...Seria uma *perda de tempo*, de qualquer modo, não seria? Então, *como queira!* Não vou travar uma maldita *batalha* com você, Masako! *Não me vale o incômodo!!*

Era uma incongruência... Casar-se com Kujou Masako fora uma das realizações de que ele mais se orgulhara. Filha do próprio kampaku, de linhagem finíssima e beleza notável... Consegui-la exigira grande talento político, e valera-lhe tanto um laço na corte Imperial quanto o deleitável renome de

possuir uma das esposas mais invejáveis do país.

Entretanto...

– ...Linda, inestimável e *inútil*... Eu deveria manter *você* num oshi-ita!

Masako se prostrou em reverência longa.

– ...Tono-sama... eu s...

– *Saia da minha frente!*

Ela assentiu, não ousando erguer o olhar. Vestiu com pressa os uchikis sobre os ombros, e deixou o quarto a passos trêmulos, as golas ainda desalinhadas. Pôde ouvir, ao virar a curva do corredor, Hideki ordenando, ríspido, que lhe trouxessem Asagiri.

“...Ótimo”, pensou, tentando abafar seu constrangimento ao passar por uma ama respeitosamente impassível – embora sabia, não de fato alheia – no caminho. Asagiri era a cortesã favorita de seu marido em Nagoya... Mesmo solicitada às pressas, sem dúvida o satisfaria de modo bem mais adequado do que ela poderia fazê-lo.

Ainda assim... Masako sentia o peso da vergonha, implacável, a oprimindo.

Fechou a shoji de seus aposentos atrás de si, e viu-se sozinha no silêncio, o vento fraco lá fora crepitando folhas no jardim. Largou os uchikis dourados sem cuidado na antessala, e entrou no quarto, abrigoando-se em seu futon. Ali ficou por um longo tempo, deitada no escuro, confortável sob as cobertas grossas e macias. Mas não conseguiu dormir.

...Hideki tinha toda razão em estar irritado, sua consciência acusava... Aliás, ela era muitíssimo afortunada por sofrer apenas uma repreensão de sua parte. *Hai*, ele não exigira nenhum absurdo. *Hai*, sua desobediência era injustificável e desonrosa. *Hai*, ela estava falhando com seu dever...

“Então...”, a jovem se perguntou, grave, “você preferiria estar com ele, agora, no lugar de Asagiri-san?”

Ela se encolheu de lado. A resposta era clara.

“*Iie.*”

...Yuki... Perdê-la fora a dor mais dilacerante de sua vida. Nunca, como naquela noite, ela se sentira tão assustada, tão profundamente aturdida e infeliz, tão desamparada.

“...Não chore.”, a fala de Hideki ainda soava em sua memória. “Já era esperado”.

Já era esperado...?

...Que tipo de pessoa podia dizer tal coisa diante da morte da própria filha?! ...Sem um brilho de comoção no olhar, uma nota de pesar na voz, sequer um ínfimo tremor nos gestos...? *Nada?!*

Uma mágoa aguda feriu-lhe o peito. Tamanha frieza... era *repulsivo*.

“Por favor, bom Buda”, Masako fechou os olhos, num suspiro aflito de remorso. “...Ajude-me a superar esse sentimento vergonhoso por tono-sama... Por favor, dê-me forças para perdoá-lo!...”

Hoje, por mais deplorável que isso fosse... ela não conseguia fazê-lo.



Era início de Verão. Entre chuvas ágeis e dias de Sol ainda aprazíveis, o jardim do dojo Aoki cobria-se de verdes vibrantes. Era a terceira estação das águas que Taiken presenciava em Kyoto, onde residia desde os doze anos, como aprendiz do respeitado mestre de kenjutsu Aoki Shigeru. O privilégio fora-lhe arranjado pelo seii-taishogun em pessoa, como prova de sua amizade para com os Tetsuyama... e, Taiken há tempos já compreendia, como forma de assegurar a recíproca boa vontade do Akaoni para com o Bakufu.

Francamente, o garoto esperava com ansiedade sua iminente partida da capital. Kyoto era quente demais, úmida demais, o sotaque e o tempero local ainda lhe pareciam algo estranhos, e, por mais que todos ali o tratassem com gentil cortesia, o fato era cada vez mais nítido, e mais incômodo, diante de seus olhos – vivendo naquele dojo, ele era um refém do clã Ashigawa.

– Então... Tetsuyama-sama virá buscá-lo no Ano Novo?

Ele se voltou para o neto de Itou Tatsuya, dois anos mais novo, e seu adversário de espadas costumeiro. Kazuo, nome que havia adotado há apenas dois meses, ao passar pelo genpuku, o encarava com interesse.

– *Un...* é o que diz a carta.

– Taiken-san está animado por voltar a Tottori?

– Muito. Não precisarei mais ver a cara feia de Kazuo-san todo dia, *neh?*

– *Oi!* Isso foi rude!

Ele riu da expressão indignada do outro. Kazuo, sentado ao seu lado, resmungou algo curto, olhando o próprio reflexo numa poça que a chuva formava à beira da varanda. Então apoiou os antebraços magros nos joelhos, e riu também. De fato, uma das poucas coisas das quais Taiken sentiria falta era sua companhia...

...E, ainda mais...

– Taiken-sama... Kazuo-sama... O almoço está pronto!

Um correr de shoji acompanhou a voz aguda, e Ametsuyu apareceu à porta da construção, uma cascata

de pétalas de seda pendendo do coque e roçando-lhe os cílios compridos.

Ela era aprendiz de Kingyo, uma das cortesãs mais refinadas de Akahana. Tinha a mesma idade de Kazuo, e frequentava o dojo com certa constância já há dois anos, acompanhando a Ane-san, que, algumas vezes por mês, vinha tratar de crônicas dores nas costas com o massagista a serviço de Aoki Shigeru. Era uma garota tímida e quieta, a quem Taiken muito se afeiçoara desde a tarde em que haviam se conhecido, e ainda mais nos últimos meses... Hoje, detrás daquela shoji entreaberta ao som da chuva, ela parecia mais linda do que nunca.

– *Un!* – Kazuo respondeu, inclinando-se para vê-la. – Estamos indo.

– Por favor não demorem, ou o chá irá esfriar... – ela saiu para a longa varanda e se aproximou. – Por que estão aqui fora, com essa chuva?

– O vento está agradável – mencionou Taiken, ao mesmo tempo em que a garota ergueu a manga do kimono, protegendo-se do respingar fraco do telhado.

A graciosidade espontânea do movimento o fez sorrir.

– É melhor entrar, Ane-san... Pode acabar se resfriando – Kazuo ajuizou. – Não se preocupe, estaremos lá em breve.

Ela assentiu, e pôs-se a refazer o caminho com cuidado.

– Mas, Taiken-san... – o mais novo então o cutucou, sério, para atrair de volta seu olhar – e quanto ao treinamento?

– Aoki-sensei disse não haver problemas. Sou um de seus melhores alunos, *neh?* Posso continuar praticando sozinho, em Tottori.

– *Eh?!* – Ane exclamou, surpresa, o que os fez se virarem novamente. Ela girara nos calcanhares, e agora voltava, apressada. – Tottori...? Taiken-sama irá partir?!

Taiken abriu a boca para responder, e Kazuo, para adverti-la sobre o piso, mas nenhum deles chegou a falar. A garota pisou em falso na madeira molhada e escorregou, da varanda para o chão, três degraus abaixo.

– *Aah!*

– Ane-san!

Os dois seguiram pelo elevador até ela, que sentava em meio à folhagem baixa, o kimono azul-celeste manchado de lama.

– Ane-san... está machucada?

Ela tentou se levantar, mas a meio caminho parou, gemendo, e levou as mãos ao tornozelo.

– ...Meu pé... – choramingou.

Taiken e Kazuo trocaram um rápido olhar apreensivo, e o mais velho, de pronto, desceu da varanda para a chuva fina. Adiantou-se em direção à mocinha, abaixando-se a seu lado, mas ela, num gesto súbito, recuou.

– *Iie!*

Ele parou, espantado. Ame retribuiu seu olhar numa expressão constrangida.

– ...Eu... eu estou toda suja... – afastou da testa uma mecha ensopada dos cabelos lisos, deixando ali um rastro de terra escura. – ...Não quero arruinar seu kimono.

Seguiu-se um segundo estático. A chuva começava a bater mais forte nas telhas. Kazuo olhou a porta do prédio, se perguntando se deveria pedir ajuda... Ame se apoiou na borda do passadiço, mas parou de repente – Taiken a estava erguendo do chão.

– Taiken-sama...!

– Eu não me importo com essa tolice – ele interrompeu. – Segure-se em mim.

Ela estendeu os braços, hesitante, e os cruzou ao redor dos ombros do rapaz. A proximidade morna do peito dele fez seu coração disparar. Taiken a susteve nos braços com cuidado, e subiu de volta à varanda.

– ...Devo avisar Kingyo-san? – Kazuo perguntou.

– *Iie...* não foi nada – garantiu Ame. – Acho que só está torcido...

– De qualquer modo, vamos levá-la para dentro – Taiken seguiu até a shoji, e a empurrou para o lado, entrando na primeira sala. – ...Kazuo-san, diga à ama que consiga uma compressa fria e roupas limpas.

– *Un.*

Kazuo se afastou construção adiante, por um corredor de madeira avermelhada. Taiken desceu Ame no tatame, e fechou a porta para a varanda, cortando a corrente de vento úmido e permitindo que um sutil aroma de arroz, de dentro do prédio, invadissem o aposento vazio. Ame, corada não apenas por vergonha, dirigiu-se a ele numa mesura.

– ...Sinto muitíssimo por causar tanto incômodo.

– Esqueça – o garoto sentou à sua frente, limpando as gotas que escorriam dos cabelos presos para a testa. – ...Está doendo?

– Um pouco – ela olhou o tornozelo. – ...Piora se tento ficar de pé.

– Talvez precise mancar por alguns dias, mas não parece ter sido sério.

– Foi culpa de minha estupidez... Correndo como uma tonta...

Olharam-se por um momento, e a atmosfera se tornou um tanto desconfortável. Ame voltou-se para o

próprio kimono. As libélulas brocadas, em meio às folhas finas de salgueiro na estampa, estavam cobertas por nódoas de lama... Por mais primorosa que viesse a ser a lavagem, tentar salvar o tecido seria inútil.

Embora, essa não era remotamente sua maior preocupação...

– ...O que Taiken-sama dizia sobre Tottori... – ela quebrou o silêncio. – Perdoe a minha intromissão, mas... eu compreendi bem? Taiken-sama... vai... deixar Kyoto?

Ele a encarou por um segundo, sério, então confirmou num aceno curto.

– ...Logo após o Ano Novo.

A perspectiva de súbito lhe pareceu menos empolgante. Embora, faltassem ainda meses, fato que o deixara impaciente ao ler a notícia, na última carta do pai... e lhe era agora estranhamente consolador.

– Oh... – o rosto de Ame transpareceu uma decepção angustiada.

– ...Mas nada é certo até que aconteça, *neh?*

– *Un...* – ela moveu a cabeça de lado, e seus olhos fugiram para um fusuma sem adornos, fechado à lateral da sala. A cascata de seda lilás e rosa, à imagem de um cacho de hidrângeas, escorregou um pouco em seus cabelos.

Taiken respirou fundo, inquieto, então se inclinou para frente. Ame se virou em leve sobressalto, mas não se afastou, apenas o mirou fixamente, a face muito rosa. Ele, os olhos detidos nos dela, pegou o kanzashi pendente de seu coque, e o pousou com gentileza em sua mão.

– ...Estava para cair.

Ela não fechou os dedos ao redor do adorno, mas levou-os ao rosto de Taiken, correspondendo num suspiro ao toque dos lábios dele nos seus. A dor em seu tornozelo, o kimono inutilizado, a água gelada em seus ombros, nada mais parecia incomodá-la...

– Taiken-sama...

Abraçou-o carinhosamente, determinada a não pensar, ao menos durante aquele momento, no Ano Novo que viria...

– Eu o amo – confessou num sussurro, e ouviu-o sorrir a réplica com que muito já sonhara, mas não esperava de fato receber.

– ...Eu a amo também.



À penumbra do candeeiro, o opulento fusuma folheado a ouro emanava a aura de uma fera adormecida. Não sem determinação, Ryu Masako respirou fundo, e bateu com leveza os nós dos dedos no painel à altura do riacho pintado em azul intenso entre folhagens. Não houve resposta. Ela sentiu frio no estômago...

Não voltaria atrás.

Apoiou a mão no puxador redondo e escuro, e empurrou a placa decorada para o lado, lentamente. Espiou dentro do aposento, um tanto mais iluminado que o corredor por uma lanterna de chão. Curvou-se em reverência longa.

– ...O chá de tono-sama.

As costas de Hideki, levemente inclinadas sobre a mesinha, não demonstraram reação ao anúncio. Masako não se surpreendeu. Desde a noite em que o recusara, há pouco mais de um ano... a indiferença de seu marido para com ela se tornara ostensiva. Exceto pelo estrito necessário em eventos sociais, ele não lhe dirigia mais a atenção, a palavra, sequer o olhar. Mesmo diante de guardas e servos, ignorava-a categoricamente, ou, se de todo compelido pela situação, tratava-a por monossílabos. Diversas vezes ela ainda tentara abrandar-lhe a disposição... mas a resposta, quando existente, fora sempre uma sentença dura ou um olhar hostil.

A jovem ergueu a cabeça devagar, e olhou do daimyo para a bandeja a seu lado. Um filete diáfano de vapor escapava do bule, e uma das castanhas havia escorregado da tigela... Masako a pôs de volta no lugar, e, levando o conjunto, cruzou a soleira. Sentou junto à porta, então a fechou atrás de si, pegou mais uma vez a bandeja e, a passo curto, atravessou o aposento, pondo-a ao lado da mesa.

Os olhos agudos de Hideki ainda seguiam a própria caligrafia meticulosa, linha após linha, deslizando pelo papel à sua frente.

– ...Tono-sama... – Masako apertou as mãos sobre os joelhos – ...por favor, olhe para mim.

Ele chegou à última palavra da folha, então deixou-a de lado, e pôs-se a escrever em outra, afastando a manga ao mergulhar o pincel no nanquim. Masako baixou o rosto, suspirando em silêncio. Ainda que já esperado... era mais humilhante e doloroso a cada vez...

– Eu... – ela começou, e, notando o tremor na própria voz, inspirou fundo antes de prosseguir – ...sei

que sou uma decepção para tono-sama.

Fitou-o por um momento, o perfil distinto impassível, a luz da lanterna, ao lado oposto da mesa, pincelando-lhe em laranja a gola escura do kimono. Postou as mãos, e tocou o tatame com a testa, desabafando com resolução.

– Mas... não posso continuar a ser uma sombra!... Por favor... não suporto mais viver deste modo!

O daimyo parou de escrever. Masako o espiou, a cabeça ainda baixa, enquanto ele deitava o pincel em seu vão no estojo.

– Masako... – ouvi-lo dizer seu nome foi quase estranho.

Hideki enfim se voltou para encará-la, sério. O rosto oval e brando de sua esposa estava pálido. Há apenas alguns meses, ele lhe negara uma tola rogativa de divórcio...

Então, com aquela nova lamentação...

– ...Está me pedindo permissão para cometer seppuku ^[96]?

A jovem tremeu.

– ...Estou pedindo perdão – baixou o olhar mais uma vez, tensa – por faltar com meu dever e desonrar tono-sama... por minha incompetência desprezível.

Por mais que seu marido a tivesse magoado, e a ideia de perder outro bebê ainda a mortificasse... ela não tinha o direito de agir como agira. E... por mais que não amasse Hideki... não queria detestá-lo. Não queria passar o resto de sua vida em rancor mútuo e silêncio árido, sozinha e envergonhada.

– Sinto muito por desapontá-lo – gaguejou. – Mas... se meu arrependimento não é o bastante... e... se é esse o desejo de tono-sama... eu cometerei seppuku.

Ela tomou fôlego, o coração pulsando numa intensidade dolorosa. Estava com medo... Não queria morrer.

Mas se fosse essa a ordem... não haveria escolha, *neh?*

– Eu obedecerei.

Esperou, durante um silêncio que lhe pareceu muito longo, até um toque em sua testa atrair-lhe o olhar. Hideki, o semblante ainda neutro, movera-se em sua direção.

– Meu desejo é simplesmente que Masako seja minha esposa.

A moça sentiu um sopro fresco de alívio varrer-lhe o peito. Voltou a se curvar.

– ...*Hai*. Eu serei.

Hideki sorriu. Masako correspondeu timidamente a expressão. Ele não era de fato um homem tão

terrível, disse a si mesma... Nunca lhe exigira excessos, ou erguera a mão contra ela, sequer a privara de conforto algum, mesmo após sua afronta... E, agora, diante desculpas tão tardias, ainda se mostrava disposto a perdoá-la sem ressalvas.

Parte dela ainda se ressentia de sua indiferença, mas...

“...Ele é seu marido, *neh?* ...Cumpra dignamente seu papel. Tente vê-lo da melhor maneira que puder.”

– *Domo arigato gozaimashita*, tono-sama.

– *Yosh...* levante a cabeça – ele respondeu, casual. – Meu chá irá esfriar.



– ...Comprar meu contrato?

Taiken confirmou.

– Já fiz o pedido... Chichi-ue consentiu.

Segurou as mãos da garota num sorriso decidido.

– Quando partirmos para Tottori, em dois dias... levarei Ame comigo.

Ametsuyu piscou, o rosto miúdo coberto de puro espanto.

– Mas... Taiken-sama... eu... sequer comecei a pagar minha dívida!

– Sei que não custará pouco – ele tranquilizou. – ...Para ser franco, chichi-ue não aprovou a ideia de início. Mas quando expus o quanto Ame significa para mim... ele anuiu. Disse que pagaria o que fosse. Como um presente por meu genpuku.

Um cantar delicado de pássaro soava em algum lugar entre os galhos dos bordos, além da varanda. Despertadas pelo Sol, florezinhas amarelas pontilhavam a grama. O Inverno terminara... O Ano Novo seria comemorado amanhã.

E Tetsuyama Taiken tinha certeza, viria a ser o melhor de sua vida até então.

– Taiken-sama tem... mesmo certeza? – Ame se retraiu um pouco, afastando dos olhos uma mecha curta dos cabelos. – ...Alguém como eu...?

– ...Perfeita?

Ela o mirou novamente.

– *Hai!* Tenho certeza – o garoto acariciou-lhe o rosto corado. – Estar com minha querida Ame é tudo que desejo.

Ele sorriu aberto. Os olhos de Ametsuyu o fitaram demoradamente... até que seu brilho se transformou num filete de lágrimas.

Taiken se afastou.

– Ame...?!

– Sinto muito!... – ela suprimiu um soluço, escondendo o rosto entre as mangas.

– ...A...Ame... por que está chorando?! Não... quer vir comigo?

Ela meneou a cabeça, o que por um segundo o petrificou.

– É claro que quero!... Taiken-sama... quero mais do que tudo...!

Encarou o príncipe, limpando os olhos, trêmula, e sorriu-lhe com tanta doçura, tanta gratidão, que o fez se sentir embaraçado.

– ...Eu... nunca estive *tão feliz!*...

Taiken, a face de súbito mais quente, suspirou, envolvendo-a nos braços. A garota o abraçou de volta, exultante. Agora, não teria mais que se separar de Taiken... Não precisaria pagar Akahana como cortesã, ou relembrar aqueles breves meses, pelo resto da vida, como seu único e frágil alento... Seria feliz. *Realmente* feliz, como nunca imaginara ser-lhe possível.

– Eu o amo, Taiken-sama...

– ...Eu a amo também. Não chore.

– ...*Un.*

Ela se aconchegou ao ombro dele, o coração muito leve, e pôs-se a contemplar o jardim. O céu estava claro... Sentiu os dedos ásperos do garoto enlaçarem-se aos seus, e voltou-se para o alto. Taiken, os olhos nescidos muito ternos, sorriu para ela.

Aquela tarde de alegria inextinguível... foi a última vez em que Ame o viu.

Capítulo 11

Expectativa



O Sol subia lento entre as nuvens, a caminho da meia manhã, quando Tetsuyama Taiken acordou de um dos sonos mais agradáveis de que se lembrava. Virou-se devagar, e viu-se sorrindo ao encontrar o rosto de Ametsuyu a menos de um palmo do seu. Ela ainda dormia, os cabelos pretos espalhados até a borda do futon, a respiração profunda e pacífica.

“Ame...”

Quando sua família fora repentinamente banida de Kyoto, por influência daquele canalha de Owari, ele sequer pudera se despedir... Por muito tempo ainda insistira ao pai que lhe permitisse buscá-la, mas...

– Chichi-ue, um par de samurais é o bastante! Ninguém saberá...

– Fomos exilados da capital até segunda ordem. Nossas forças estão reduzidas, e eu *não darei* pretexto aos Ryuu para manobrar o Bakufu contra Tottori!

– Mas...

– *Basta*, Taiken! Não afrontarei o shogun por uma prostituta! *Encerrado!*

Após tantos anos, ele presumira que Ame estivesse fora de seu alcance. Vendida a outra casa de chá, ou a outro homem... Ou, mesmo, que o teria esquecido. Admirou-a por um momento, os cílios longos e densos, a boca delicada, os seios de contorno suave, as mãos finas cujo toque ele nunca esquecerá...

Tê-la em seus braços, noite passada, fora...

Um bater breve e claro soou à porta. Importunado, o príncipe vestiu o fundoshi com descaso, e pôs-se em frente à shoji, entreabrindo-a num movimento curto. Sentada à soleira, os cabelos presos no usual rabo-de-cavalo, sua consorte fez-lhe reverência.

– *Ohayo gozaimasu*, Taiken-dono. Perdoe-me pelo incômodo... Tetsuyama-sama convoca sua presença.

Taiken hesitou, a expressão surpreendida. Os olhos de Hotaru rebateram brevemente dos dele para dentro do quarto. Uma mulher pequena e magra dormia entre as cobertas do futon, nua, um conjunto sofisticado de vestes cor-de-rosa e um kimono íntimo vermelho caídos no tatame ao lado. Uma cortesã, de fato, a jovem concluiu.

Voltou-se mais uma vez para o senhor, o semblante neutro inalterado.

– Tono precisa de algo?

– Ah... *iie*.

Ela assentiu.

– ...Avise a chichi-ue que irei em um instante.

– *Hai*.

Trocaram uma mesura sucinta, e a porta fechou, mais devagar do que havia sido aberta. A princesa levantou-se e seguiu de volta pelo corredor, num passo moderado e constante. Um fraco perfume floral

vinha do jardim... talvez da cerejeira junto ao lago.

Não havia porque se aborrecer. Ela nunca esperara ser única para Taiken, *neh...*? Seria pretensioso de uma esposa, que diria-se de uma consorte... aliás, que ele sequer tomara por iniciativa própria.

Além disso... parecia ter-lhe sido benéfico, *neh?*... Discrição diante dela à parte, seu aspecto estava deveras bem-disposto... apesar da companhia indolente. Bons Kamis! Ressonando como um gato preguiçoso enquanto o mestre atendia à porta...!

...Era uma mulher muito bonita, entretanto...

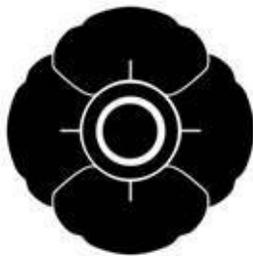
Hotaru parou à entrada do penúltimo aposento paralelo à varanda, usado como escritório pelo daimyo. Sentou diante do fusuma, mas não bateu de imediato.

Qual era mesmo sua razão para estar ali...?

“Taiken-dono virá em um instante”, lembrou-se, num suspiro. “...Francamente, Hotaru...”.

Sentiu-se de repente cansada, e terrivelmente tola por ter demorado tanto a cair no sono, ontem à noite... Um mal-estar fundo, cuja origem a moça preferiu não estudar, oprimia-lhe o peito e o estômago.

“...Praticar um pouco de kenjutsu me fará bem.”



Assumindo o risco de afetar a maquiagem, Ametsuyu mordeu os lábios ao olhar para fora da liteira, prevenindo-se de voltar a sorrir. Os muros de Akahana logo estariam adiante... Apresentar-se dentro deles com expressão outra que aquele franco enlevo que seu rosto insistia em estampar era sua determinação desde o início do percurso.

...Fazê-lo, porém, mostrava-se deleitosamente difícil.

– Ame...? – a memória do sussurro rouco que a acordara, do leve roçar de lábios em seu ouvido, ainda lhe causava arrepios de prazer.

“...Taiken-sama...”

Voltou a mergulhar na sombra do pequeno transporte, abrigando-se de relances dos carregadores atrás da cortina. Permitiu-se a indulgência de derramar outro suspiro exultante, resguardada pela fugaz privacidade daquele cubículo. Não teria tal privilégio na casa de chá.

A odiosa casa de chá... da qual estaria livre muito em breve.

– Irei logo expor o caso a chichi-ue. Com certeza receberei permissão.

– ...Quando verei Taiken-sama de novo?

Ele segurou as mãos da moça dentro das suas.

– Ame estará presente no Hana-no-Gosho durante o Hanami, *neh*? Veremo-nos então... ou, talvez antes.

A expectativa inundava o coração de Ame com um calor brando e inquietante. Era mesmo incrível... No anoitecer anterior, ao chegar à mansão Itou, ela sequer sonhara que, ali, reencontraria Taiken...

Aquela lembrança, porém, atingiu-a com preocupação por outra pessoa.

“Kazuo-san... esta manhã, estava ocupado em reunião com Itou-sama...”

Ela correu os dedos, num gesto aflito, pelo leque guardado em seu obi.

“...Queria ter tido a oportunidade de vê-lo.”

Kazuo fizera tanto por ela nos últimos anos... E estava tão feliz por enfim poder tirá-la de Akahana... Tentara disfarçar diante dela e de Taiken, e certamente negaria com resolução se fosse-lhe perguntado, mas... Ame sabia, devia estar desapontado.

“No final, será melhor... Kazuo-san se esforçou muito para obter esse dinheiro... É justo que possa gastá-lo consigo, e com Kotone-sama.”

Ela apenas esperava não tê-lo magoado muito...

A liteira parou. A jovem se voltou, vendo, através da cortina leve, o vulto escuro de muros de pedra. Ao lado do portão, a familiar placa vertical, com o desenho refinado de uma papoula vermelho-sangue. Akahana.

– Seja bem-vinda, Ametsuyu-sama – uma serva a recebeu em reverência, abrindo a portinha quadrada do transporte e colocando no chão, à frente, os getas de pintura floral da cortesã.

A apreensão por Kazuo, e o mero fato de estar de volta àquele lugar detestável, faziam com que

disfarçar a euforia parecesse, agora, menos desafiador. Ainda assim, antes de se expor à luz, Ame respirou fundo, atenta. Sempre tivera a cautela de agir em público como se o neto de Itou Tatsuya fosse um cliente comum... E, hoje, era vital que aparentasse ter tido apenas outro encontro com tal pessoa.

Os clãs Tetsuyama e Ryuu eram inimigos há décadas... A última coisa que ela poderia desejar era que Keshi suspeitasse de seu envolvimento com Taiken.

– *Un...* – a moça desceu com cuidado sobre os calçados altos de madeira – *domo*.

Abriu com afetação a sombrinha estendida pela serva, e, o plácido semblante de boneca irretocável, seguiu para dentro da casa de chá.



– Postura ampla, Daichi-sama.

O menino obedeceu, escorregando os pés para os lados, e voltou a mirar o toco baixo de pinheiro à sua frente, atingindo-o alternadamente com a shinai pela esquerda e pela direita. Seu professor, sentado com as pernas cruzadas, mas de cenho muito fechado apesar da postura informal, o orientava da varanda do dojo.

Atae Nobutaka tamborilava dois dedos no braço, em sincronia com os agudos e compassados brados de “*Hya!*” de Ryuu Daichi. Sentia-se tenso, impaciente, não sabia se por demora ou rapidez do Sol em percorrer seu inexorável trajeto, naquela tarde.

Amanhã, as celebrações de Hanami seriam oficialmente abertas. A ocasião em si bastaria para tornar sua véspera pouco serena... mas havia o fator agravante – a decisão que o senhor tomara, contra seu conselho e um de seus mais veementes juízos internos...

Lembrar-se daquela figura sórdida ajoelhada em Oryuu-ji, o olhar prepotente e vazio, ainda lhe revirava o estômago. Já não sentia orgulho em lidar com tipos vulgares como Keshi ou seu laçaiu indigno... Mas negociar com um *shinobi*, a pior espécie de *lixo* que poderia existir, era *simplesmente*...

Ele fechou os olhos num suspiro duro e lento, a testa franzida.

“*É decisão do mestre, Nobutaka. Quem é você para contestar-lhe o julgamento?*”

Absolutamente *ninguém*. Considerar o acordo com Isao ofensivo era considerar a postura de seu senhor ofensiva. Independente de seus rancores pessoais, ele não tinha direito algum de fazê-lo.

“*Controle-se. Isso não tem nada a ver com Suzume.*”

Uma revolta antiga, dolorosa, voltou a arranhar-lhe o peito. *Hai*, sem dúvidas a irritação era pela demora do anoitecer... Ele precisava de uma dose de sake.

As batidas ocas da espada de bambu no toco haviam descompassado. Nobutaka olhou para Daichi. Ele voltara a aproximar os pés. Uma falha compreensível, dada sua pouca idade...

De certa maneira aliviado pela distração, o homem repetiu, paciente.

– Postura ampla, Daichi-sama.

– Ah! – o príncipe, num pulo, corrigiu o erro. – Desculpe, sensei.



Ao redor do santuário, após o estreito caminho de pedras, cresciam pinheiros de folhas escuras, baixos e sinuosos. Poucos passos a Leste, duas pedras limosas elevavam-se do pequeno lago, como pacíficas ilhas em miniatura. Imersa no perfume de incensos e numa longa oração profunda, Ashigawa Nadeshiko ajoelhava-se, mãos unidas e olhos cerrados, diante do altar.

A princesa Kiyoko fechou mais o uchiki verde-menta sobre o kimono, em reação à brisa fria do anoitecer que vinha correndo de sobre a água calma. Deu um passo quieto para perto da pequena construção.

– ...Nadeshiko-san?

A outra virou-se de repente, o olhar surpreso e marejado.

– Oh... Kiyoko-san – fez como se afastasse os cabelos do rosto, secando os cílios curtos – por que está aqui, tão tarde...? Sua saúde pode piorar.

A mais nova sentou ao seu lado.

– É quase a hora do jantar, então imaginei que estaria terminando suas preces... Posso me juntar a Nadeshiko-san?

Nadeshiko piscou um par de vezes, então assentiu, num sorriso fraco.

– *Hai... domo.*

Kiyoko retribuiu a expressão. Preocupava-se quando Nadeshiko se demorava em suas orações... Quando o fazia, sempre ficava deprimida. Ela fora consorte de seu pai por quase seis anos, e muito apegada a ele. A morte repentina do príncipe a abalara de modo intenso – ...em especial, pelo infortúnio de ele estar carregando um presente para ela, na ocasião em que caíra das escadas.

“Pobre Nadeshiko-san... Por mais que a tranquilizemos, seu rosto ainda mostra uma sombra de angústia em momentos como este...”

Por alguns minutos, as duas moças oraram em silêncio, até que o dourado do céu começou a turvar-se em verde e lilás. Deixaram então o santuário, núcleo de um singelo e reservado anexo do jardim Norte, e seguiram rumo à ala de seus aposentos, não longe dali. Um vago aroma de peixe cozido indicava que o jantar estaria servido em breve.

– O Hanami começará amanhã – Kiyoko comentou em tom alegre, para quebrar o silêncio melancólico incentivado pelo poente. – Nadeshiko-san está entusiasmada?

– ...*Hoh*, muito! – a outra confirmou, a voz mais leve. – Com tantos convidados ilustres, suponho que o evento será espetacular.

– Moegi-san disse que a abertura será um banquete no jardim Norte.

– *Hai*. No campo de cerejeiras, à hora do cavalo ^[97] ... Kiyoko-san, será também sua primeira aparição pública desde nossa chegada a Kyoto, *neh?* ...Já decidiu o que vestir?

– Hun...

Nadeshiko encobriu um risinho com a manga.

– Ora... estará ansiosa por impressionar alguém em especial...?

A face pálida da mais nova coloriu-se de repentino rubor.

– *I-iiie!* Apenas... estou incerta sobre que tom disfarçará melhor estas olheiras... Para evitar rumores negativos sobre meu estado, *neh?*

– *Un*, entendo – Nadeshiko assentiu.

Deixaram as trilhas curvas do jardim e subiram para um passadiço coberto.

– Se quiser, posso ajudá-la a escolher um modelo favorável.

– Oh... se não for incômodo... – Kiyoko respondeu – *arigato gozaimashita*.

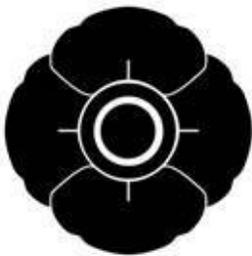
– *Kochira koso* – a outra sorriu. – Será um prazer.

Por dentro, a princesa comemorou. Nadeshiko se vestia com muito bom-gosto... Com certeza, a ajudaria a parecer um pouco mais bonita amanhã, *neh...?*

Ela sentiu o rosto esquentar de novo, ardendo um pouco contra o vento fresco.

“...Jin-sensei...”

Realmente esperava que ele pudesse estar presente...



– Então, está confirmado?

– *Hai*, Keshi-sama. Isao foi inclusive pago por Ryuu-sama... está a seu serviço.

A mulher abriu os bonitos lábios escarlates num riso amplo de satisfação. *Hoh!* Exatamente como esperado de Hideki, *neh...?* Ter um ninja a seu comando, bem debaixo do teto do velho shogun, em meio a tantos inimigos... fora tentador demais para resistir.

...Mesmo a indicação vindo de Akahana.

– Excelente!

Ela olhou, estendido no suporte, o uchiki que separara para a abertura do Hanami. Cor de creme com nuvens claras, e peônias rebordadas em ouro nas mangas e barra... um modelo de ar nobre e festivo, que lhe parecia agora especialmente adequado.

– Suponho que eu deva esperar um convite honroso, amanhã – apreciou com os dedos a rica seda brocada, divertindo-se com a conjectura – para sentar com a comitiva de Nagoya, no banquete sob as cerejeiras... Ou, talvez, para um chá vespertino com os Kyuumura, no jardim Leste...?

Fosse o que fosse, trataria de manifestar certa proximidade entre ela e o mon dos Ryuu em público, como prometido em troca do contato com Isao... Embora, Keshi tinha plena certeza, seria uma manifestação leve, e o menos comprometedora possível.

“Meu discurso sobre fortalecermos laços não parece ter sido de todo convincente a Hideki-sama... Então, desconfiado como certamente está, ele tratará de pagar sua parte do trato com a maior parcimônia possível...”

Não que isso a preocupasse em absoluto.

Uma risada cristalina de Ogumo atraiu-lhe a atenção.

– Então, ele realmente caiu no blefe... Impressionante! Keshi-sama sabe mesmo como manipular um homem, *neh...?* Mesmo do tipo mais difícil.

O tom fora nitidamente bajulador, mas ela deixou-se afagar pelo elogio. Sorriu para o rapaz, movendo os ombros esguios num gesto vaidoso.

– Hideki-sama nunca contrataria o shinobi se soubesse ser esse meu intuito, *neh?* *Hoh*, toda essa tolice sobre desejar proteção dos Ryuu...! *Maquiagem*, Ogumo... Nunca subestime o poder de um pouco de *maquiagem*...

Capítulo 12

Hanami



Um céu limpo e incontáveis nuvens de flores branco-rosadas elevavam-se sobre o campo de cerejeiras do Hana-no-Gosho. Naquele final de manhã, o ar fragrante do vasto jardim Norte vibrava com murmúrios agitados, dobrar de leques, reverências e sorrisos de centena e meia de figuras em elegantes tons primaveris. A muito esperada celebração de Hanami no palácio do shogun tinha seu início.

À hora do Cavalo ^[98], foram postas as mesinhas para o banquete, em duas fileiras, traçando um longo caminho reto por entre as árvores. Uma almofada baixa cor-de-rosa e um ramo fino de cerejeira em flor marcavam cada assento, que os convidados, guiados por secretários em vestes negras, logo puseram-se a ocupar.

– *Hoh. Konnichiwa*, Hideki-dono – Tetsuyama Osamu, num hitatare de mortiço tom rosado, cumprimentou ao acomodar-se em seu lugar.

– *Konnichiwa*, Osamu-dono – sentado à sua frente, o daimyo de Owari respondeu com a mesma cortesia artificial. – Esplêndida manhã, *neh?*

– Adorável.

Decisão peculiar do shogun, considerou o Akaoni. Depois do escândalo ocorrido no último banquete, recolocá-los em posição semelhante... Yoshinobu pretendia medir, mais uma vez, a hostilidade entre velhos inimigos? Ou advertir que nova desordem não seria tolerada?

Estimando a segunda opção, o daimyo olhou de resvalo para Taiken. Separado dele pelas figuras brandas de Chiyo e da pequena Yumiko, seu filho mais velho tomou, sério, o assento que lhe cabia, fez mesura silente e razoavelmente polida aos convidados de Nagoya, e voltou-se para falar com Hotaru. Não devia causar problemas desta vez, concluiu Osamu...

– Akiko de fato parece melhor.

– *Un...* Não precisava se preocupar.

Uma pequenina flor branca veio girando no ar, e pousou junto à mão da moça. Akiko pegou-a com cuidado, e fitou-a por um instante, pensativa. Kentaro a viu esboçar um sorriso, e se voltar para ele, mas não chegou a ouvi-la falar. Do lado oposto, outra voz o chamou.

– Kentaro... e Akiko-san... *Konnichiwa*.

Kyuumura Koji, senhor de Osaka, se aproximava, saudando-os em gesto pacato. Logo atrás, a senhora Momiji, acenando sorridente. Vestiam-se ambos de lilás, embora a mescla com fresco verde-capim nos uchikis dela toasse mais refinada que a rebrilhante textura floral nas vestes dele. O jovem casal, em resposta, curvou-se em cumprimento.

– Chichi-ue, haha... é um prazer revê-los.

– Oh, igualmente, querido.

– O céu promete um dia muito agradável – Akiko comentou. – Kotone-san não a está acompanhando

hoje, Momiji-dono?

O rosto redondo da mulher se cobriu de novo sorriso.

– *Iie*, mas não posso reclamar, *neh?* Graças aos bons kamis, Kazuo-san retornou de Mutsu, há poucos dias!

Indicou alguns assentos adiante, próximos do palanque principal ainda vazio. Ali sentavam o general Tatsuya, postura e vestes claras impecáveis, a irmã mais nova de Kentaro, numa singela sobreposição de tons de pêssego, e, entre os dois, um jovem de porte militar e rosto quadrado, lascado na face direita por uma cicatriz.

– Que ótima notícia – disse Akiko. – Kotone-san deve estar feliz.

– *Un...* E eu também – Momiji uniu as mãos num risinho. – Enfim, posso esperar por mais um neto, *neh?*

A moça sorriu brevemente em resposta, então voltou-se para Kentaro. Ele ainda olhava em direção ao cunhado. Não via Itou Kazuo há muito tempo, mas ele parecia-lhe hoje nitidamente mais sisudo que o usual...

“...Pergunto-me que notícias terá trazido da guerra...”

– Momiji-san, trocarei algumas palavras com Ryuu-dono – Koji, em voz baixa, dirigiu-se à mulher. – Prefere me acompanhar ou esperar aqui?

– Irei com Koji-san – ela confirmou.

Despediram-se casualmente, e seguiram até a comitiva de Nagoya.

Por detrás de um gracioso mover de leque, Ryuu Keshi soltou um suspiro curto de aborrecimento. Os lugares em filas simples e o notável número a mais de convidados em relação ao banquete anterior a haviam fadado a tomar, naquele evento, uma posição de importuna distância de toda e qualquer coisa interessante. À sua esquerda, sentava um rapazinho careca de aspecto ansioso, que ela nunca vira antes; à direita, uma velha cujo obi era, por terrível inconveniência, similar ao seu. Àquela mesma fileira de mesas, muito adiante, o vulto dourado-claro de Hideki desaparecia de novo, detrás do gordo Kyuumura Koji e do alto general Atae.

E ela tivera tantas expectativas para aquela manhã...

Um burburinho começou, e a mulher se esticou, espiando. Escoltados por samurais em uniformes verde-escuros, os Ashigawa vinham cruzando as pontes em arco do jardim, para se juntar a seus convidados. Keshi distinguiu entre eles o shogun, baixo e de andar firme, num hitatare amarelo-vivo; a ativa esposa, Oyu, destacada das consortes e noras do marido pelos cabelos grisalhos e especial opulência dos uchikis; o príncipe herdeiro e os dois filhos pequenos, ambos de mãos dadas à mãe; e duas moças que ela não conhecia, uma de vinte e poucos anos, rosto quadrado e kimono estampado com lanternas, outra com pouco mais de dezesseis, pálida, em azul-celeste.

Acomodaram-se, o shogun e sua família imediata no palanque baixo ao fim das fileiras de assentos, os demais nos lugares em seguida. Os convidados, em silêncio respeitoso, os cumprimentaram em mesura longa.

– Honoráveis senhores, é um prazer e um privilégio tê-los aqui reunidos em tão auspiciosa ocasião – a voz grave de Ashigawa Yoshinobu discursou. – Iniciam-se, hoje, as festividades de Hanami deste ano... que, espero, venham a ser memoráveis!

Seguiram-se palmas e murmúrios lisonjeiros, que logo calaram quando o shogun indicou a mocinha em vestes azuis, sentada ao lado de sua nora mais jovem.

– Tenho também a alegria de apresentar-lhes minha sobrinha. Após sofrer uma lamentável fragilidade

de saúde, Kiyoko-hime vem se recuperando otimamente, graças aos esforços do jovem Ikeda Jin-sensei, de Osaka.

Estendeu o gesto, cortês, a um ponto um tanto distante na fileira de convidados à esquerda do tablado. Para a surpresa de Keshi, o rapaz careca ao seu lado se curvou em pronunciado agradecimento.

– ...O mais recente, e deveras talentoso, membro do corpo médico do palácio – o velho concluiu, desencadeando mais palmas e comentários baixos.

Jin ergueu um pouco o rosto, e encontrou, ao longe, o olhar da princesa Kiyoko. Ela abriu um ligeiro sorriso, que ele retribuiu hesitante, a face corada por ver-se o súbito alvo da atenção geral. Ainda que, no dia anterior, houvesse sido nomeado através de elogiosa carta do próprio seii-taishogun, e convidado a comparecer às comemorações de Hanami... ele não esperava ser citado em público daquele modo.

O shogun prosseguiu com o discurso por mais um ou dois minutos, mas Kiyoko se sentia demasiado agitada para acompanhar-lhe as palavras floreadas. Jin era, agora, médico a serviço de seu clã... Então, viveria no palácio, *neh?*

Mesmo quando estivesse curada, ela poderia continuar a vê-lo.

Após mais palmas, o farto banquete sob as flores, com pratos de tons e sabores suaves, foi iniciado. Talvez graças à brisa plácida, talvez à diluição dos olhares rumo às copas rosadas das cerejeiras, a atmosfera da festa pareceu, por um bom tempo, menos tensa do que o shogun temera. Entretidos em conversas particulares, os Tetsuyama e os Ryuu sequer lançavam relance uns aos outros. Ocupado com uma solenidade no Palácio Imperial, o arrogante kampaku, Kujou Masamoto, agraciava o evento com sua ausência. À margem do palanque, seus dois netos riam, brincando de jogar uma temari ^[99] colorida. Yoshinobu inspirou fundo o ar perfumado, e apreciou as pétalas que desciam lentas das árvores ao redor. Uma delas caiu em sua tigelinha de sake. Ele riu.

Talvez esperar um pouco de tranquilidade, por hoje, não fosse demais...

A meio gesto de servir-se de um mochi, o príncipe herdeiro parou. Notou, vindo de uma varanda ao Sul, um samurai se aproximando apressado, o olhar urgente mirando o palanque. Sentou reto, preocupado, ao mesmo tempo em que seu pai também notou o soldado.

– Oyakata-sama...! – o som de conversas próximas diminuiu ao que o homem alcançou o palanque, prostrando-se esbaforido. Yoshinobu franziu a fronte.

...Aparentemente, esperar tranquilidade era mesmo demais.

– Por favor, perdoe a interrupção... – disse o guarda. – Trago notícias urgentes.

– Fale.

– ...É Okamura-sama... O general Okamura-sama... está aqui.

Ao redor, a atenção dos presentes se aguçou. Okamura Hayate era um dos três generais sob mando direto do shogun, e único cuja presença não era esperada na capital para o Hanami. Há meses, lutava contra as tropas do insurgente clã Uzawa, a fim de tomar seu castelo no Sul da província de Mutsu, a região de Aizu.

– Okamura-dono? *Aqui?!* – o shogun repetiu, e o homem anuiu, firme.

– *Hai*. Veio com trinta homens, apenas... Diz que, humildemente, solicita uma audiência, tão logo quanto conveniente a oyakata-sama.

Yoshinobu olhou para o general Tatsuya, e a expressão grave de seu vassalo de confiança reforçou sua impressão. Aparecendo de repente em Kyoto, com apenas uma sucinta guarda pessoal o acompanhando... Okamura Hayate sem dúvidas trazia notícias muito boas ou muitíssimo ruins.

– *Un*. Diga-lhe que o verei imediatamente.

– *Hai*.

O soldado fez nova reverência, e voltou correndo por onde viera. O shogun, num sussurro, instruiu o filho mais velho a assumir a posição de anfitrião dali em diante, ao que o príncipe assentiu.

Um silêncio denso tomou o jardim.

– Senhores... – Yoshinobu anunciou – lamentavelmente, assuntos de urgência exigem que minha pessoa os deixe, por hoje. Agradeço novamente a presença de todos, e espero revê-los em breve. *Dozo*, aproveitem o banquete.

Diante de mesuras formais e trocas de olhares curiosos dos convidados, o velho pôs-se de pé. A sinal seu, os generais Itou e Shikamori o seguiram, além de meia dezena dos samurais em verde-escuro que guardavam o palanque. Por um instante, o silêncio persistiu, então foi, aos poucos, preenchido por comentários agitados.

– Okamura-sama, deixando o fronte?... – a senhora Chiyo se inclinou de lado, e murmurou para Tetsuyama Osamu. – Parece um indício de más notícias, *neh?*

– *Un* – o daimyo alisou o cavanhaque, e olhou-a de soslaio em resposta ainda mais baixa – más para o Bakufu... talvez boas para nós.



O último par de fusumas foi fechado, e o salão folheado a ouro reduziu-se a suas dimensões mais reservadas. Diante do painel principal, Ashigawa Yoshinobu mirava a porta, com o cuidado consciente de não bater os dedos, inquietos, no hyoki ^[100] escuro posto a seu lado. Dois passos adiante, à sua esquerda, Itou Tatsuya dirigiu-lhe um relance apreensivo. O shogun compreendeu o que queria dizer; Okamura Hayate traria, favoráveis ou catastróficas, notícias vitais.

...Convinha a presença de Shikamori Akira naquele aposento?

Yoshinobu olhou, rasteiro, para o outro general. Sentava à sua direita, três passos adiante, voltado ansioso para a entrada da sala. Era um homem de meia-idade, magro e de rosto arredondado, entradas profundas nos cabelos, bigodes muito finos riscando a face pálida. Tinha habilidade militar passável e contatos políticos excelentes, e deixara a estável retaguarda de batalha em Mutsu há pouco mais de um mês, para prestar informações acerca do conflito ao shogun durante o Hanami.

Tatsuya não confiava nele. Ao menos, não mais do que em Okamura Hayate, seu desafeto velado há anos. Shikamori tinha olhos desleais, o velho já comentara mais de uma vez ao mestre. Olhos sequiosos por segurança e proveito próprios. Bem, Yoshinobu não apostaria a vida contra tal opinião...

Mas, hoje, não tinha escolha. Shikamori Akira era um general do Bakufu, aprovado pelo conselho e com o nome isento de qualquer mácula. Não haveria desculpa plausível para excluí-lo daquela reunião.

Num som abafado, os dois fusumas da entrada foram abertos devagar. Okamura Hayate, sentado à soleira sobre os joelhos, curvou-se em reverência longa. Era o mais jovem dos três generais, pouco passado dos trinta e cinco anos. Embora não fosse alto, tinha constituição sólida, a face de contorno duro e pele rugosa margeada por costeletas pretas espessas, a barba e os cabelos malcuidados reforçando-lhe o aspecto bruto. Vestia um peitoral laqueado, dourado e marrom, sobre o uniforme, e trazia ao lado um pacote de seda cinza, aparentemente feito a partir de um kimono adamascado.

– Ashigawa-sama... – ele cumprimentou, grave – Itou-dono e Shikamori-dono... peço mil perdões pelo inconveniente de minha vinda repentina.

– Mais do que desculpas, Okamura-dono, espero uma explicação – o shogun replicou. – Aproxime-se.

O homem fez nova medida, e obedeceu. Trazendo o pacote, passou pela porta, e sentou a uma distância reverente do fundo do aposento. A um gesto breve do shogun, os painéis foram mais uma vez fechados.

– Agora... pode esclarecer o que o traz a Kyoto, e mais rápido do que um pombo mensageiro que nos anunciasse a visita?

– Rogo-lhe novamente que, por favor, releve minha descortesia, Ashigawa-sama – o general baixou a cabeça. – Dadas as circunstâncias, considerarei ser necessária minha apresentação diante de Ashigawa-sama tão breve quanto possível.

Itou Tatsuya fitou em silêncio o pacote ao lado de Okamura Hayate. Tinha cerca de um palmo e meio

de altura, forma irregular, atado com cuidado mas pouca elegância. Aquele brocado no tecido... eram grous, não eram? Um motivo decorativo auspicioso...

E o animal símbolo da família Uzawa.

– Esse kimono... – o velho franziu a fronte, e Hayate olhou do embrulho para ele.

Sorriu.

– Era o uchiki mais luxuoso de posse de Uzawa Itsui-dono.

Um silêncio pasmado tomou a sala. Hayate apreciou por um momento o impacto das próprias palavras, e a compreensão tomando forma no olhar arregalado do shogun. *Hai*, Uzawa Itsui era o nome da esposa de Uzawa Tsurumaru, cabeça da família que há mais de uma década afrontava o Bakufu, e há quatro anos causava insistentes baixas a suas tropas em Aizu.

– Uzawa... Itsui... – repetiu Tatsuya.

– Cometeu seppuku momentos antes de o último portão de Tsuruga-jo ceder – Hayate expôs. – O pescoço ainda estava vazando quando a encontrei em seus aposentos...

– *Okamura-dono tomou o castelo?!* – o general Akira exclamou, esganiçado.

Hayate voltou-se para ele, a boca esticada numa satisfação ainda mais nítida.

– *Hai*. Tomei, Shikamori-dono.

Pôs a mão sobre o embrulho, dirigindo-se então, solene, ao shogun.

– Apresento-me pessoalmente para anunciar o ocorrido... e para ofertar, como prova e tributo a Ashigawa-sama, a cabeça do traidor Uzawa Tsurumaru.

E se curvou mais uma vez, em profunda deferência. Shikamori Akira tomou um fôlego longo. Itou Tatsuya, os punhos cerrados sobre os joelhos, olhava do pacote para Okamura Hayate, num misto de repulsa e admiração. O shogun mantinha, descorado de surpresa, os olhos fixos no funesto presente.

...Uzawa Tsurumaru estava *morto*?

– Mostre-me.

O general Hayate provavelmente estivera muito ansioso por essa ordem, embora apenas uma sombra de sorriso passou por seu rosto quando ele assentiu. Cerimonioso, desfez o primeiro nó a atar o pacote, então o segundo, estendendo o bonito uchiki sobre o tatame. Demorou-se um pouco ao desdobrar a última camada, e quando o fez, Tatsuya torceu o nariz, e Akira cobriu a boca com a manga.

Um cheiro agudo, intenso, de podridão emanou da cabeça exposta. Respingada de sangue velho e distorcida numa careta de dor semidecomposta, Ashigawa Yoshinobu reconheceu a face do inimigo que, em seu último encontro, doze anos atrás, o encarara com arrogância intolerável...

Soltou um suspiro seco, e tirou da cintura um amplo leque dourado, abrindo-o de súbito e abanando-o com firmeza.

– Tire isso de minha casa.

– *Hai*, Ashigawa-sama.

Hayate fechou o embrulho com rapidez, e o estendeu ao guarda mais próximo. O homem pegou-o com cautela, e assentiu prontamente à ordem do general para livrar-se dele. Reverenciou os presentes, então retirou-se por uma porta lateral.

Um silêncio desagradável se seguiu.

...Que espetáculo de mau gosto, avaliou Tatsuya, o odor acre de morte ainda lhe agredindo as narinas. Era típico daquele sujeito... Violento e prepotente, e tão orgulhoso da própria selvageria...

“Embora, vindo à capital sem aviso, sob o pretexto de trazer isso... Okamura-dono, sua intenção não é *simplesmente* a de pavonear-se ao seu modo mórbido diante de Yoshinobu-sama, *neh?*”

Iie, além disso... era agora certo que ele participaria, com grande destaque, da reunião geral, amanhã. Tomar a residência oficial dos Uzawa, que há meses resistia ao cerco, e matar o cabeça do clã... Isso abalaria o inimigo de maneira decisiva, privando-o de seu líder, da força que Tsuruga-jo representava e exercia. Era um passo largo rumo à vitória naquele conflito, após quatro anos de luta. E Okamura se certificaria de receber o mérito absoluto por tanto, diante de todos os líderes do país. Antes mesmo que qualquer recuperação ou contra-ofensiva dos Uzawa pudesse turvar o brilho de sua façanha...

– Excelente, Okamura-dono – o shogun concluiu, sem sorrir. – Sua eficiência e lealdade serão recompensados.

– Estou profundamente honrado por sua aprovação, Ashigawa-sama.

– Presumo que esteja cansado de longa viagem, mas sei que não se incomodará em prestar-me o relatório detalhado do cerco ainda hoje.

– Absolutamente. Estou ao dispor de Ashigawa-sama.

– Bom. Serão-lhe providenciadas acomodações convenientes. Trate de repor as forças e encontrar-se apresentável antes do poente.

– *Hai*.

Excelente, Tatsuya pensou. O mestre fora sábio em adiar o relatório completo. Era a maneira ideal de recebê-lo em particular, e resguardar os detalhes de Shikamori... As informações pertinentes, ele sabia, seriam-lhe transmitidas em sua própria audiência privada com o shogun, após o jantar.

Ocorreu-lhe a lembrança do suspeito navio anônimo capturado em Sado por seus subordinados. Embora há tempos já houvesse comunicado o achado ao mestre, era um assunto que esperava poderem discutir em sigilo mais uma vez, antes da reunião...

– *Yosh* – Yoshinobu fechou o leque num som seco – então, é isso.



– ...Tsuruga-jo... *caiu?*

O rosto de Ashigawa Nadeshiko empalideceu. Kiyoko já esperava por tal reação. Há três anos, a família inteira da jovem fora morta por tropas dos Uzawa, quando essas tomaram seu castelo, Asaba-jo, no Sudeste de Mutsu... Era inevitável que, com aquela notícia, memórias dolorosas acabassem por vir à tona.

Os olhos de Nadeshiko marejaram, e ela respirou fundo.

– E... estão mortos? ...Os Uzawa...

A princesa assentiu.

– *Hai...* O irmão do daimyo ainda está asilado no Norte... Mas... *ele* está morto. Uzawa Tsurumaru, e todos os familiares próximos... Inclusive o cunhado que liderou o ataque a Asaba-jo.

A jovem fechou os olhos, e levou a mão ao peito, apertando o tecido do kimono. Permaneceu quieta por um momento, respirando com lentidão contida. Sua jovem ama, Aoi, olhou dela para as outras senhoras, preocupada.

Ashigawa Oyu se inclinou um pouco. Filha da prestigiosa família Itou, esposa do seii-taishogun e mãe de seus dois herdeiros, era uma mulher de postura aristocrática e beleza dura, já em muito desbotada pelas quase seis décadas vividas. As damas do palácio a tratavam com lisonja cautelosa, dado seu conhecido gênio opinioso... Embora, naquele momento, sua expressão era de cuidadosa gentileza.

– ...Nadeshiko-san está bem?

A moça olhou para ela, então para Kiyoko, e abriu um sorriso trêmulo.

– Minha família... – murmurou – meu estimado clã Asaba... foi vingado.

Ela suspirou de novo, e duas lágrimas pingaram de seus olhos.

– Estou tão aliviada... Enfim, a alma de chichi-ue pode ter paz!

Pôs-se a secar os olhos com a manga, recompondo-se, e a senhora Oyu sentou reta novamente, num breve aceno de empatia. Sua nora mais nova, Fuji, abanou o leque, e voltou-se para a cerejeira além da varanda. A copa branca da árvore reluzia à luz fraca das estrelas, e das gráceis lanternas festivas suspensas no jardim.

– Com Tsuruga-jo sob controle do Bakufu, os Uzawa perderão grande parte do poder militar, *neh?* – a jovem então dirigiu-se às demais. – *Hoh*, espero que o fim dessa guerra terrível esteja próximo!

– *Un...* – Kiyoko concordou.

– Amanhã pela manhã acontecerá a reunião geral – comentou Kuzu, a nora mais velha. – Com apoio dos daimyos, certamente o Bakufu os derrotará em breve.

– ...Isso, se não estiverem todos demasiado ocupados com as próprias rixas... – a senhora Sakuya, segunda consorte do shogun, observou em tom crítico.

Seguiu-se um burburinho, algo sobre os clãs Tetsuyama e Ryyu, ao que Kiyoko prestou pouca atenção.

Naquela tarde, quem trouxera sua usual dose de antídoto fora o oficial médico, Kusachi Tsutomu... Uma pena. Ela queria ter tido a chance de falar com Jin, e parabenizá-lo pelo cargo...

– ...A um passo de atacar Ryuu-sama em pleno evento! Uma barbaridade! – a voz aguda de Fuji, num suspiro indignado, trouxe de volta a atenção da princesa.

– Eu bem já ouvira falar que os Tetsuyama eram dados à truculência – a terceira consorte do shogun, Narumi, retraiu-se detrás de seu leque. – ...Não foi, há pouco, uma província do Oeste subjugada pelo Akaoni, por recusar-lhe vassalagem?

– Soube que o daimyo desafiou Tetsuyama-sama abertamente – Kuzu elucidou, grave – ...e que, em menos de um mês, estava morto!

– Oh!

– Mas, no banquete, a reação de Ryuu-sama...

– Nadeshiko-san... – Kiyoko sussurrou, para não interromper a fala da senhora Sakuya – está se sentindo melhor?

A outra assentiu num sorriso grato.

– *Hai... Arigato*, Kiyoko-san.



Quando Tetsuyama Osamu chegou ao salão dourado, a maioria dos assentos já estava ocupada. Eram quase cinquenta, dispostos em fileiras e voltados para o centro da sala, outros poucos junto ao degrau raso e largo aos fundos. Ali, às costas da almofada brocada onde sentaria o seii-taishogun, um rico painel colorido retratava um complexo palaciano, seus telhados ornados, pátios e muitos habitantes. Próximo ao teto, as vigas e frestas eram esculpidas em rebuscados temas florais.

Um correr pesado dos fusumas acompanhou a entrada do daimyo de Inaba e seu primogênito no recinto, e as conversas baixas ali, de pronto, minguaram. Discretos ou ostensivos, diversos olhares se voltaram para os dois. Osamu não se surpreendeu. Ainda que já o houvessem visto durante as solenidades ou pelos corredores, era a primeira vez que sua presença naquele palácio voltava a ter caráter absolutamente político.

Seus velhos conhecidos pareciam algo inquietos com o fato...

– *Hoh* – ele abriu um sorriso breve, admirando o aposento – ...há quanto tempo, *neh?* Este lugar...

– Tetsuyama-sama... Taiken-sama... – um jovem secretário se aproximou em mesura – é uma honra recebê-los. *Dozo*, permitam-me acomodá-los.

Seguiram pelo longo salão, acompanhados de um burburinho que não demorou a incomodar Taiken. Ele reconhecia a maioria dos presentes, mas não se sentia por isso reconfortado. Estavam ali Uehara Seito, próximo à entrada, vacilante como usual; Okori Noriyuki, conselheiro do Bakufu, os olhos grandes e alertas no rosto miúdo o fazendo lembrar um gato; o fleumático *kampaku*, guardado por um par de samurais ostentando o mon dos Kujou, o crisântemo sob a Lua Crescente; o velho Itou Tatsuya, empertigado em seu honorável assento ao lado do herdeiro do shogun; o ainda mais velho Ochi Kagetora, senhor do inexpugnável castelo Kumamoto, encarquilhado como um abutre à direita da sala...

– *Dozo* – o secretário que os guiava indicou os lugares.

Osamu e Taiken acomodaram-se à esquerda, a poucos assentos do elevado aos fundos – uma posição de destaque, o que agradou o daimyo. Embora, à sua frente, uma figura familiar em azul-intenso agora os encarasse, um olhar de diluída provocação sob as sobrancelhas de arqueado desagradável.

“Ótimo...!”, Taiken cerrou os dentes, frustrado. “*Outra vez*, dentre tantos rostos, terei de passar o evento *inteiro* olhando para o desse canalha...”

...Ele começava a concluir que aquilo era uma punição metódica que o shogun estava lhe impondo.

– Osamu-dono... – Ryuu Hideki começou, arranhando os ouvidos do príncipe – é um prazer revê-lo. Cheguei a temer que se atrasaria para a reunião... Teve problemas em lembrar-se do caminho até aqui?

– *Hoh*, de modo algum – Taiken viu o pai responder num sorriso inócuo. – Já faz algum tempo, mas o lugar me parece igual... ou, quase.

Ele indicou, em gesto curto, a penúltima almofada a beirar o palanque, à direita – mais ilustre posição dentre os daimyos, ocupada pela figura corpulenta e colorida de Kyuumura Koji.

– ...Hideki-dono costumava tomar outro assento, *neh?*

O senhor de Nagoya alargou o sorriso em visível irritação.

– De fato... – ele fez, e desviou o olhar casualmente para outra parte.

Osamu lançou para Taiken o relance de um riso contido, e pôs-se a observar os demais presentes, numa expressão de distraída placidez. O príncipe sentiu pelo pai uma admiração quase pueril. A memória do infeliz episódio no banquete de boas-vindas lhe veio à mente, num pulsar de remorso.

...Não cometeria o mesmo erro de novo.

Seu olhar voltou-se para o assento vazio do shogun. A almofada escura e o hyoki ornado em madreperla estavam postos no centro do elevado, diante do painel principal. À esquerda, resguardando uma porta lateral, havia um biombo alto de três folhas, e, à frente desse, uma pequena mesa de trabalho laqueada.

Nisso, ocupando um dos lugares entre ele e o degrau, uma silhueta inesperada de súbito atraiu-lhe a atenção.

Ela estava em meio dos trinta anos. Tinha um nariz aquilino, cílios longos mas finos, lábios estreitos e maçãs do rosto altas, dando-lhe à face um ar longilíneo. Seus cabelos compridos estavam penteados para trás e presos à altura dos ombros, um par de mechas longas caindo-lhe, simétrico, sobre o busto. Seu kimono claro era finalizado por um uchiki verde-folha, bordado em ouro, sobreposto a outro inteiramente dourado. Não se tratava de uma mulher bonita. Mas seu rosto inescapavelmente parecia realçado em meio àquele mar de hitatares e bigodes.

“...Essa mulher...”

Ela ajeitou a barra das vestes, então voltou-se para o homem à sua esquerda, não muito mais velho, com uma verruga abaixo do olho direito. Seus rostos se aproximaram consideravelmente quando ela lhe falou, então Taiken supôs que fosse o marido...

Um correr suave de porta calou as conversas, e os presentes se voltaram para o fundo do recinto. Detrás do biombo, vieram solenemente dois secretários, um trazendo uma pilha de papéis e a deixando sobre a mesinha, o outro acompanhando o velho de vestes luxuosas que regeria a reunião. Reverentes, todos se curvaram com proeminência em direção ao palanque.

Iria começar.



– ...Há mais de uma década o clã Uzawa de Mutsu vem afrontando a lei deste país – a voz de Ashigawa Yoshinobu soava densa no silêncio. – Há quatro anos ergue seu estandarte contra o Bakufu, contra a autoridade determinada pelo próprio Tennouheika!

Ele indicou Okamura Hayate.

– Ontem, o general Okamura-dono trouxe de Aizu a excelente notícia de que seu cerco a Tsuruga-jo terminou.

Um longo som de surpresa emergiu dos presentes, e um murmúrio geral quase se iniciou, mas o erguer da mão do shogun calou o aposento.

– Há cinco dias, o castelo e a capital foram tomados dos traidores – prosseguiu ele – e Uzawa Tsurumaru, bem como maior parte de seu indigno clã, enfim eliminado.

Dirigiu novamente o olhar ao general Okamura.

– ...Está correto?

O homem fez mesura ao confirmar, sorrindo com orgulho.

– *Hai*, Ashigawa-sama. O daimyo, a esposa, a irmã, o cunhado, a consorte e três filhos, além de dois hatamotos de troncos secundários da família... As cabeças foram estacadas diante dos muros de Tsuruga-jo.

Um eco baixo de comoção passou outra vez pela sala. O shogun assentiu num movimento pesado.

– ...Entretanto, o irmão continua vivo.

A ledice do general de repente murchou.

– Uzawa Tsubasa... asilado no Norte, em relativa segurança, certamente se torna, agora, o novo cabeça do clã... – Yoshinobu prosseguiu. – Que, apesar de reduzido, ainda comanda não poucas tropas no centro e Leste da província... Entre quinze e vinte mil homens, aponta o mais recente relatório de meu filho, escrito há dez dias.

A postura de Okamura Hayate pareceu notavelmente menos ativa quando ele anuiu em silêncio. Sob o semblante austero, a mente de Itou Tatsuya riu com satisfação.

“*Hoh*, Okamura-dono... Não pense que Yoshinobu-sama vá deixá-lo enaltecer-se como sua tola pessoa pretendia, *neh...?*”

– Dos destacamentos do Bakufu em Mutsu, restam oito mil homens, divididos entre Tsuruga-jo e focos menores por todo o Sul da província – observou polidamente o general Akira. – Considerando que uma força sólida deve ser mantida em Aizu, a fim de evitar uma possível retomada da capital e da fortaleza... não há mais de cinco mil de nossos soldados em campo.

O shogun se aborreceu com a inconveniente transparência do comentário... Mas sabia que tal rumo para aquela reunião seria inevitável. Mesmo com Tsurumaru morto, e sua capital, subjugada, a carta do segundo príncipe confirmara seu temor – os Uzawa ainda estavam longe da derrota definitiva.

– Diante disso, a solução parece simples – ele se dirigiu de modo amplo ao salão. – ...Mais tropas devem ser enviadas a Mutsu.

– Apesar dos riscos inerentes a alianças militares com daimyos... – Tatsuya lhe dissera em audiência privada, na noite anterior – Yoshinobu-sama, eu humildemente o aconselho a não recorrer ao exército do Bakufu como reforço. Sofremos baixas pesadas com a guerra... Nossa força interna pode ser prejudicada.

A recomendação fora mais que coerente. Ter um exército central muito inferior aos provincianos... Yoshinobu tinha ciência do que tal fragilidade poderia lhe custar. Naquela sala, os daimyos mais respeitáveis do país o olhavam com reverência, solícitos e sorridentes. Seria, porém, de ingenuidade absurda não considerar que, se sua insigne figura fosse despida de potência militar...

“Simplesmente atacariam-me como cães.”

...Um deles, especialmente faminto. O shogun olhou de soslaio a direita da sala, perguntando-se quando Ryuu Hideki ofereceria, magnânimo, um generoso número de homens para lutar pelo Bakufu em Mutsu... Fizera-o já duas vezes desde o início daquele conflito, pedindo em troca não mais que modesto alívio fiscal sobre as taxas de arroz em suas províncias – mas ganhando, também, inevitável aumento de influência política.

Era um fardo dever-lhe tal tipo de favor.

– Higo [\[101\]](#) não possui recursos suficientes – disse Ochi Kagetora, a voz tão rugosa quanto o rosto. – Eu poderia enviar cinco mil homens, mas a costa Oeste seria exposta a ataques de piratas e contrabandistas estrangeiros.

Contrabandistas...? Era mais uma desculpa que um motivo, o shogun pensou. A força real dos Ochi facilmente chegava a trinta mil soldados, e, tendo a família postura política neutra... um acordo militar com Kumamoto seria excelente para o Bakufu.

“Mas, com Tottori e Nagoya voltando a equilibrar poderes... como o esperado, Ochi-dono irá preferir manter-se bem provido e neutro até o momento oportuno, *neh?*”

– Osaka também não dispõe de muitos soldados... – Kyuumura Koji alegou em seguida. – Entretanto, posso suprir de dez mil armaduras e três mil cavalos o honorável exército do Bakufu, por metade de seu custo comum.

Tetsuyama Osamu soltou um riso rouco.

– Sempre um comerciante, *neh*, Kyuumura-dono?

Fez-se silêncio por um segundo, e Koji franziu a testa diante o tom insolente do comentário. O rosto do Akaoni se cobriu de especial rigor conforme sua voz anunciou com clareza.

– ...Ofereço a Ashigawa-sama a colaboração de oito mil soldados de infantaria, dois mil arqueiros e cinco mil cavaleiros de Inaba, para aniquilar em definitivo a escória insurgente em Mutsu.

– *Quinze mil homens...!?* – o salão reagiu num burburinho intenso.

Seria o bastante para um novo cerco a Tsuruga-jo.

O shogun ergueu as sobrancelhas, admirado. Há uma década, Tottori havia sido excluída do círculo político do país, e, por ao menos quatro anos, perdera o apoio de diversos aliados e maior parte de seu movimento comercial... Enfraquecido e à beira da falência, seu domínio no Oeste quase desmoronara. E agora...

Tetsuyama Osamu realmente dispunha de tantos recursos?

– A oferta de Tetsuyama-dono é deveras generosa... – ponderou o conselheiro Noriyuki. – Todavia, o envio de tropas de Inaba a Mutsu talvez não seja uma empreitada eficaz. Não esqueçamos o rio Aogawa.

Partindo de Inaba, a única ponte a cruzá-lo está na passagem Sul, em Omi... Seria necessário ao exército de Tetsuyama-dono contornar o Leste de Honshuu até alcançar Mutsu por Shimotsuke.

– Os homens levariam mais de doze dias para chegar a seu destino – concordou Ryuu Hideki. – Além disso, o deslocamento de tamanho contingente militar pela região de Tokaido requereria uma logística demasiado complexa.

“*Logística demasiado complexa*”, Taiken soltou um suspiro pelo nariz. Maneira sutil de o calhorda dizer que impediria a passagem das tropas por suas províncias...

– Entendo a racional colocação de Okori-dono e Hideki-dono – Osamu assentiu. – O caminho por Tokaido seria, de fato, tortuoso... Por essa razão, tenho a intenção de enviar as tropas pelo Oeste.

– ...Oeste? – Hideki repetiu, irônico. – Quinze mil homens embrenhando-se em trilhas pelas montanhas até Echigo?

– *Iie*... Atravessando a ponte Harusaki.

O rosto do outro daimyo desbotou numa expressão confusa. Osamu elucidou.

– *Hoh*, Hideki-dono provavelmente ainda não a conhece... Foi inaugurada muito recentemente, no final do ano que passou... Ouso dizer que é uma substituta superior à velha ponte Yamagoshi. Embora, tendo sido minha casa responsável pela construção, talvez tal opinião possa soar parcial.

Os demais trocaram olhares de espanto. Uma substituta para a ponte Yamagoshi, queimada há mais de trinta anos...?

– Então... o clã Tetsuyama erigiu uma nova ponte em Hida? – a voz surpresa do general Akira quebrou o silêncio.

– *Hai*. Graças a uma proveitosa aliança com a nobre casa de Uehara – Osamu indicou o acanhado pai de Hotaru em gesto polido. – A nova ponte cruza o Aogawa em seu ponto mais estreito no território de Hida. É de uma solidez formidável, foi projetada visando expansão comercial intensa entre Norte e Sul... e, mais relevante ao assunto em pauta, permite que mesmo um exército numeroso se desloque facilmente de Inaba a Mutsu, em menos de sete dias.

Seu olhar voltou para Hideki.

– ...A logística requerida seria extremamente simples.

A maioria dos presentes aparentou grande admiração pelo feito, e mirou olhares e comentários para a notável figura em vermelho-escuro de Tetsuyama Osamu.

– ...Uma nova via estratégica como essa...

– Num lugar insignificante como Hida, construir algo assim...

– Impressionante!

– De fato, como esperado do Akaoni...

Osamu esticou a boca num leve sorriso modesto, mas Taiken podia ver o brilho absolutamente deliciado em seus olhos estreitos. Não tinha certeza se era pela comoção geral, pelo vago divertimento no semblante do shogun, ou pelo fato de que o daimyo de Owari, estático e pálido, parecia ter algo gravemente entalado na garganta.

...Embora ele apostasse com segurança na última hipótese.

– Ponte Harusaki, *eh*...? – Ashigawa Yoshinobu fez, calando os murmúrios, então soltou um riso alto e curto. – *Hoh!* Interessante.

Dirigiu-se mais uma vez ao salão, mas manteve os olhos em Hideki.

– ...Alguma proposta mais favorável?

O daimyo pensou por um momento. Omitir-se após aquela ação ostensiva de seu inimigo estava fora

de cogitação. Embora, superar a oferta dos Tetsuyama de maneira igualmente enfática, além de dispendioso, acabaria por ter um efeito mais negativo que vantajoso para sua imagem...

– Owari pode enviar contingente semelhante de tropas – ele anunciou por fim, impassível – além de mil samurais de elite. Alcançariam Mutsu em quatro dias.

O shogun assentiu devagar. Como o esperado, Hideki não deixara por menos em sua oferta. Quinze mil homens de Inaba ou dezesseis mil de Owari... Claro, tais números podiam bem ser um blefe – tanto uma parte quanto outra poderia vir a exigir um preço alto demais, alegar súbitas dificuldades ou outra desculpa qualquer... Mas... se ambos os daimyos de fato dispunham de tamanha força para descartar num agrado ao Bakufu... era um tanto perturbador.

– ...De fato, Tetsuyama-dono é muito generoso, mas a contribuição de Owari soa ainda mais oportuna às tropas que aguardam reforços em Mutsu – Kyuumura Koji disse.

– *Hai* – concordou o general Akira. – Quanto mais em breve chegarem aliados, menos tempo os insurgentes terão para se organizar e acumular recursos.

– *Hoh*, mas sei que Ashigawa-sama e os honoráveis generais do Bakufu serão sábios em considerar um fator crucial – Osamu replicou. – Guerras não são ganhas com meros números. E, ora, eu lhes asseguro, quando a casa de Tetsuyama diz “tropas”, não está se referindo a um tropel de camponeses treinados por seis meses e metidos em uniformes pretensiosos.

– Osamu-dono... se não o conhecesse e respeitasse há tantos anos, pensaria que está menosprezando o exército de Owari – Hideki falou, seco.

– De forma alguma, Hideki-dono... Apenas exponho que Inaba trata a formação de soldados como uma arte rigorosa. Nossos samurais representam, cada um deles, o destilado de anos de trabalho árduo. Inevitavelmente, são superiores ao... usual.

– ...Talvez essa avaliação não caiba a Osamu-dono, mas a Ashigawa-sama e aos honoráveis generais do Bakufu.

– ...Ou ao campo de batalha.

– *Yosh*. É o bastante – o shogun cortou. – O conselho, os generais e minha pessoa irão considerar a questão das tropas... Sigamos para o próximo assunto.

Os demais assentiram em concordância, e Yoshinobu ajeitou-se, sisudo, em seu lugar. Aquela maldita reunião já estava se transformando num duelo de egos entre Ryuu e Tetsuyama... O velho balanço de tempos atrás – o shogun quase havia se esquecido de como podia ser irritante.

– ...Ainda há a questão da liderança em Mutsu... – ele começou – uma vez que a casa de Uzawa seja extinguida.

Uma ansiedade palpável emanou dos daimyos, olhares cobiçosos se aguçando em todo o aposento. Tão importante como a escolha de um aliado militar pelo Bakufu... o domínio de uma província tão extensa quanto Mutsu seria um pináculo vital na nova ordem do país.

– Se Ashigawa-sama me permite... – falou Okori Noriyuki, cuidadoso – minha pessoa humildemente se candidata à tarefa. Mutsu sofreu muito devido à guerra imposta pelos Uzawa... Através de minha experiência política, a organização da província pode vir a ser recuperada.

– Devo discordar – o *kampaku* objetou. – Com todo respeito a Okori-dono, uma região tão vasta e instável não deve ser entregue a um intelectual. Mutsu requer um líder com força militar.

– *Hai*, também é essa minha opinião – disse Ryuu Hideki.

– Partindo da ocupação bem-sucedida de Tsuruga-jo e da capital... – Okamura Hayate sugeriu. – Ashigawa-sama... eu gostaria de vir a assumir a responsabilidade pela província de Mutsu.

– Um dos generais do Bakufu, daimyo? – contestou Kyuumura Koji. – ...Soa uma proposta um tanto inadequada, *neh?*

– *Hai...* – Noriyuki assentiu – um líder de talento puramente bélico dificilmente trará a Mutsu alguma recuperação.

– ...Eu teria confiança em deixar a província aos cuidados de meu primogênito – anunciou Koji, indicando Yusuke, sentado a alguns metros dali. Em resposta, o príncipe se curvou em profunda reverência.

Um leve murmúrio de aprovação se seguiu.

– Yusuke-dono é um político competente – Itou Tatsuya concordou. – Seu governo possivelmente traria bons resultados.

– Osaka dispõe de recursos para apoiar a reestruturação de Mutsu a longo prazo, através do comércio – acrescentou Koji, num sorriso calmo. – A produção de chá voltaria a crescer em alguns anos.

– Também acredito que a força de Osaka será de grande benefício a Mutsu – Hideki anuiu. – Concordo com a nomeação de Yusuke-dono.

– Penso diferente – Ochi Kagetora replicou. – Ligar-se a um domínio rico pode atrasar o desenvolvimento de Mutsu. Osaka será como uma árvore frondosa, impedindo um broto de crescer à sua sombra.

– *Hai* – o timbre de contrastante suavidade do próximo comentário chamou a atenção de todo o salão. A mulher de verde e dourado à fileira esquerda uniu as mãos formalmente sobre os joelhos ao prosseguir.

– ...Mutsu passou por quatro anos de guerra, e mais seis de hostilidade comercial contra o Bakufu, antes disso... É uma província fragilizada, e pode sucumbir à miséria.

Dirigiu-se ao shogun.

– ...Ashigawa-sama, meu marido observa que, não obstante a horrenda traição da casa de Uzawa, Mutsu já foi uma fonte de prosperidade para o país... Todo o possível deve ser feito para garantir que assim volte a ser.

O homem com a verruga na face direita – Taiken só então notou, que até agora permanecera mudo – anuiu em gesto solene à fala da mulher ao seu lado.

– *Yosh*, se não um domínio abastado, que o honorável conselheiro Minamori-dono parece ver como risco... – Koji perguntou, espiando neutro em direção ao casal. – Qual seria a melhor escolha?

A mulher se inclinou, e o homem sussurrou-lhe rapidamente algo ao ouvido. Ela assentiu, e falou novamente.

– ...Meu marido recomenda que o daimyo não apenas tenha experiência política, como conheça o Norte a fundo. Que seja alguém de habilidade em relações comerciais e mon influente, mas sem representatividade territorial – voltou-se, mais uma vez, para o shogun. – A pessoa que sugere é a sua própria.

– *Eh...?*

– Minamori-dono? *Daimyo?*

– ...Isso seria...

– *Absurdo.*

A avaliação de Ryuu Hideki fora especialmente enfática, o que calou os demais comentários. O velho Ochi Kagetora resmungou algo consigo, e Ashigawa Yoshinobu se esticou um pouco para ouvir.

– Como o próprio conselheiro observou, Mutsu está fragilizada... – o senhor de Nagoya argumentou –

exige um líder forte, e um daimyo kuge *não transmite força*.

– Hoh? Então, é esperado que o daimyo enfrente os problemas da província com os próprios punhos?
– a mulher retorquiu com afetação. – ...Ora, sendo assim, toda esta discussão é inútil. Deveríamos examinar a guarda do palácio e escolher o soldado mais atlético para o cargo!

– Mitsue-gozen pode zombar de minhas palavras, mas continua bastante claro quem está fazendo papel de tolo, nesta sala – Hideki rebateu, severo.

Ela chegou a abrir a boca, mas parou ao sentir os dedos do marido em seu pulso. Voltou-se, e recebeu dele um breve olhar de advertência, então se calou, sisuda.

– Apesar de considerar o argumento de Ryuu-dono... – fez então Okori Noriyuki – acredito que os conhecimentos de Minamori-dono seriam de fato úteis em Mutsu.

– Kumamoto está de acordo – anunciou a voz irregular de Ochi Kagetora.

– Pois eu apoio a fala de Ryuu-dono – disse Okamura Hayate. – Mesmo que seja um excelente conselheiro para o Bakufu, Minamori-dono é kuge, não samurai. Não teria condições de manter a ordem numa província recém-saída de uma guerra.

O shogun soltou um suspiro curto. Correu os olhos da senhora Minamori Mitsue e seu marido para Ryuu Hideki, e de lá para Kyuumura Koji. Parou-os por um instante em Okamura Hayate, então franziu o cenho.

– ...Ambas as questões serão deliberadas em definitivo na próxima reunião – ele anunciou. – Um dia após findado o Hanami.

Os presentes concordaram em reverência.

Era preciso considerar as opções com muito cuidado, pensou Yoshinobu. Tottori ressurgida das cinzas... Nagoya demonstrando mais e mais abertamente sua força... A necessidade inescapável de nomear um aliado naquela guerra insistente, e um futuro novo daimyo para a província de Mutsu...

“Uzawa Tsurumaru...”

...Que sua alma e a de todos os seus sofressem por mil vidas a seguir!



– *Uma PONTE!*

O Sol passara do ápice no céu, e vagos aromas agradáveis pairavam pelo Hana-no-Gosho. Àquela hora, a maioria dos residentes e convidados do palácio aproveitava uma tranquila refeição.

Atae Nobutaka sentava, rígido, diante da colérica figura de seu senhor.

– A inauguração foi há três meses... – Hideki prosseguiu, caminhando de um lado para outro da sala, devagar – ...após quase dois anos de construção. Um pequeno castelo foi erigido também, à margem Oeste do rio, como residência fixa para o hatamoto dos Tetsuyama que supervisiona a passagem.

O par de secretários de Nagoya, à direita de Nobutaka, retraiu-se mais. Não que o general se sentisse confortável no momento... Mas era um considerável alívio estar ali meramente como expectador, e não como foco da atenção do mestre.

– Minha pergunta é muito simples... – o daimyo parou, a mão fechando ao redor do leque com força. – *POR QUE eu só fui informado disso tudo ESTA MANHÃ?!*

– ...Oyakata-sama...

– Por favor, perdoe-nos...! Sendo Hida tão desprovida... seus vassalos não têm ligações de comércio diretas na província.

– O daimyo e seu hatamoto em Mino, que faz fronteira com Hida, nunca haviam mencionado alguma movimentação relevante!

– ...Se tivéssemos qualquer suspeita de algo como uma ponte sobre o Aogawa... com certeza oyakata-sama teria sido imediatamente avisado!

– *Hai!* Sem dúvidas!

Por alguns lentos segundos, Hideki permaneceu imóvel diante dos dois homens, que tocavam o chão com a testa em absoluta e apavorada reverência. Nobutaka lançou um relance naquela direção, esperando algum movimento, mas nenhum dos secretários ousou erguer o olhar. O semblante endurecido em frustração, seu senhor por fim falou, em tom arrastado.

– ...Daimyo e hatamoto de Mino... *eh?*

Um dos secretários, o mais franzino, ergueu um pouco o rosto.

– ...*Hai... hai*, oyakata-sama.

– Nomes?

A testa do homem franziu num semblante aflito.

– ...*Aahh...* – ele hesitou – *Yo... Yoshida...*

– Yoshida Hotaka e Endo Yuuma – o outro anunciou, firme. – E o representante de comércio de Tokaido na região, Nakagawa Minoru.

Hideki assentiu.

– ...Entendo.

Nobutaka olhou vagamente em direção à porta, austero. Seu senhor nunca fora uma pessoa

especialmente álcere, mas o hatamoto se lembrava de, em tantos anos, tê-lo visto realmente nervoso em poucas ocasiões. Muito infelizmente para os secretários ao seu lado, aquele parecia um desses casos. Bem, não se poderia dizer que seu desagrado era injustificado...

– Yoshida, Endo e Nakagawa são mons dos quais este mundo pode ser poupado a partir de agora – Hideki falou. – *Está claro?* Não quero *nunca mais* ter de *ouvir* ou *ver nenhum* desses nomes, em *nenhum* lugar, *entendido?!*

– *Hai!*

– *Hai*, oyakata-sama... como desejar!

– *Ótimo*. Quero em minha mesa as ordens de seppuku para todos os envolvidos nesse *maldito lapso absurdo*, até a noite – o daimyo ultimou, ríspido. – *Inclusive as suas*.

O secretário franzino fez um som engasgado, e a pele do outro se tingiu de um tom gélido de verde. Nobutaka engoliu em seco, e ao mesmo tempo Hideki escancarou a porta numa pancada oca, saindo a passos duros pelo corredor.

– *Nobutaka-san!*

O general se levantou de pronto. Ajeitou rapidamente a katana negra à cintura, então lançou um último olhar para os pobres incompetentes ainda estáticos e atônitos no centro da sala.

Suspirou, apreensivo, e seguiu o senhor para longe dali.



A jovem serva veio pelo corredor a passos rápidos e silenciosos, e se curvou ao entregar a bandeja a Ryuu Masako. Sentada diante da shoji fechada, a senhora anuiu curtamente, e lhe indicou que se afastasse, voltando-se para a porta. A mocinha obedeceu com presteza, sinceramente aliviada por sair dali. Desde que retornara da reunião, o mestre parecia furioso...

– ...O chá de tono-sama – Masako entreabriu a porta.

– *Un* – Hideki resmungou, sem tirar os olhos dos papéis que tinha em mãos.

A mulher trocou um olhar rápido e preocupado com o hatamoto sentado à frente do marido, então pôs-se de pé e foi até a mesinha. Hideki não lhe dirigira duas palavras desde que voltara da tão importante reunião geral... Aquele comportamento taciturno costumava indicar que algo o aborrecera profundamente.

– ...Tono-sama não quer que eu lhe traga o almoço? – ela perguntou, ao sentar e ajeitar a bandeja.

– *Iie*.

Masako assentiu, e, enquanto vertia o chá numa das tigelas azuis, dirigiu-se ao outro homem.

– ...Atae-dono?

– Oh... *iie, domo* – ele respondeu, grave.

A mulher estendeu a tigela fumegante, e Hideki a pegou num gesto seco.

– Saia.

Ela fez-lhe *mesura* longa, então outra mais ligeira a Nobutaka, e deixou a sala em silêncio, fechando a shoji atrás de si. O general por um instante fitou sua silhueta se afastando pelo corredor, então voltou-se para o mestre, que terminava de ler o conteúdo dos papéis, movendo a cabeça num gesto de compreensão.

– ...Segundo o que o general Akira-san conseguiu investigar nas últimas horas... Hida vem recebendo uma quantia considerável de dinheiro de Inaba... aparentemente, há três ou quatro anos.

Soltou um suspiro irritado pelo nariz.

– O maldito já antecipava esta situação há muito tempo...

– *Un*... Controlando uma ponte em Hida, Tetsuyama-dono obtém não apenas um atalho para fins militares, como uma futura rota comercial... – Nobutaka avaliou, então acrescentou com cautela. – ...Kumamoto talvez se aproxime dos Tetsuyama em breve.

– *Tch* – o daimyo torceu o nariz – Ochi Kagetora... As decisões daquele decrepito senil pouco me interessam.

Na realidade, Nobutaka sabia que as províncias sob mando do tal decrepito senil eram parceiras comerciais neutras, mas vantajosas, para Nagoya – e que perdê-las em prol de uma aliança com Tottori seria um prejuízo relevante. Mas apontar tal fato, no momento, seria no mínimo estúpido. O mestre não era nenhum ingênuo... Devia estar simplesmente postergando o problema até que sua frustração abrandasse.

– Agora entendo – comentou o general – porque o herdeiro de Tetsuyama-dono tomou a princesa de

Hida como consorte.

– *Un...* – Hideki fez, desinteressado – o Akaoni parece ter a intenção de manter a província sob seu controle direto... O que, julgando pela postura do tal Uehara, sequer será desafiador.

Então soltou, para surpresa de Nobutaka, um risinho malicioso.

– O prodigioso saudável e ileso... uma substituta para a ponte Yamagoshi... quinze mil homens para gastar num agrado ao velho shogun... – enumerou. – Tetsuyama Osamu resolveu trazer-me várias surpresas desagradáveis, *neh?*

Pôs-se a organizar os papéis sobre a mesa, em silêncio. Um chilrear fraco ecoou no jardim lá fora, meio esganiçado – talvez um filhote de pardal com fome. Hideki por fim deixou de lado a carta apressada do aliado, e encarou Nobutaka, nenhum traço do curto riso de antes na expressão sisuda.

– ...Suponho que eu deva retribuir o favor. Isao-san deve estar disponível para uma audiência hoje, suponho?

– ...*Hai*.

– *Yosh*. Espere o pôr-do-sol e traga-o. Certifique-se que não sejam vistos.

Nobutaka hesitou. Aquele shinobi... O senhor pretendia usá-lo tão cedo?

“...Em outras circunstâncias, eu tomaria a liberdade de aconselhar Hideki-sama a não fazê-lo... Mas... aborrecido como está, ele não me daria ouvidos, e se ofenderia com minha objeção...”.

Não havia o que ser feito.

– *Hai*, Hideki-sama. Entendido.



– Taiken-dono parece muito bem-disposto – disse Tetsuyama Hotaru, quando o primeiro príncipe de Inaba sentou diante da mesinha posta a seu lado, para o jantar.

Ele sorriu com satisfação, ao mesmo tempo em que o pai, acomodado à maior mesa, aos fundos do aposento, soltou um riso rouco. Naginata parou a meio movimento de levar um bocado de peixe à boca, e lançou um breve relance rígido naquela direção, mas apenas por um segundo. Conforme seu olhar caiu de volta, fixo, na tigela com sua refeição, Osamu falou.

– A reunião foi muito produtiva.

– *Un...* – Taiken assentiu, o sorriso se alargando numa linha longa e perversa – cheguei a pensar que Ryuu Hideki sofreria um colapso nervoso.

– Ora, a postura de Hideki-dono é mesmo admirável – avaliou Osamu, casual. – O homem ainda foi capaz de se pavonear por meia manhã depois do choque, como se nada houvesse acontecido.

– O shogun também pareceu impressionado com as propostas de Tottori.

– Verdade? – Sai se inclinou sobre a mesa para olhar o pai. – Então, chichi-ue acredita que o Bakufu possa aceitar uma aliança com Tottori contra os Uzawa?

– *Hoh*, ainda é cedo para se exaltar com a possibilidade... – o daimyo ajuizou, enquanto Chiyo lhe servia uma dose de sake. – Embora, pelo que pude notar... ele de fato pareceu tentado pela ideia de não depender do auxílio militar dos Ryuu.

– Que ótima notícia, *neh...*? – a consorte do daimyo sorriu.

– Chichi-ue... – Naginata então perguntou, grave – e quanto a...

Seu olhar de repente caiu sobre Hotaru.

– ...questão do novo daimyo em Mutsu? – sua frase terminou num desvio.

Ao seu lado, a princesa pôde notar o bom-humor de Taiken se dissipando num tenso franzir de testa. Osamu respondeu.

– A disputa não promete ser tranquila... A região é de interesse de vários políticos influentes. O herdeiro de Kyuumura-dono parece ser o candidato favorito, mas o general Okamura-dono se mostrou disposto a pressionar o conselho pela posição... Por outro lado, o shogun e boa parte do salão transmitiram certa inclinação em prol da opção mais improvável.

– ...O conselheiro kuge que fala através da mulher? – perguntou Taiken.

– *Un*, Minamori Yoritomo-dono, se não me engano... – seu pai assentiu. – Não o conheço bem. Parece ter obtido o cargo no Bakufu recentemente.

O general e vassalo de confiança do daimyo, Hirata Sadanori, deixou sua tigela com arroz de lado, e coçou o rosto cortado de cicatrizes.

– Esse Minamori... já ouvi a seu respeito. Parece-me que sofreu de uma doença grave na juventude, que lhe destruiu a garganta.

– Já a mulher não me pareceu estranha – observou Osamu. – Mitsue-gozen... é sobrinha-neta do velho

Ochi-dono, de Kumamoto, *neh?*

– *Hai*, filha do general Mitsuharu-dono – Sadanori confirmou. – Dizem que herdou o tino do pai.

E riu ao acrescentar, em tom de intriga.

– ...E que, antes de se casar com ela, o tal kuge não era mais que um fardo sem méritos para a família.

– *Hoh?* – o Akaoni ergueu as sobrancelhas. – ...Suponho que isso explique tanta desenvoltura diante de Ryuu Hideki.

– ...Desenvoltura? – Naginata repetiu, monotônico.

– Mitsue-gozen foi bastante cáustica ao retrucá-lo – Taiken expôs, com visível simpatia pelo feito. – Minamori-dono pareceu preocupado com a intrepidez...

– *Un* – o daimyo riu. – Parece que um homem kuge não tem o espírito sequer de uma mulher buke, *neh?*

Chiyo riu também, então os demais, Sai concordando em voz alta. Koi espiou o perfil de Naginata à meia-luz dos candeeiros, e como ali não viu o mesmo entusiasmo, apenas esboçou um sorriso ligeiro.



A shoji abriu de repente num ruído violento, e Minamori Mitsue, de sobressalto, voltou-se da mesinha de escrita para a porta. Mal teve tempo de reconhecer o marido, e vislumbrar a sombra de fúria que lhe cobria a expressão. Ele a golpeou no rosto com tanta força que a derrubou sobre o pequeno móvel.

– *COMO OUSA, sua traiçoeira estúpida?! COMO OUSA?!* – sua voz defeituosa bradou num arranhar vazio.

A mulher se apoiou na mesa, atordoada.

– ...Yo...Yoritomo-sama...

– *CALE-SE!* – ele chutou o móvel, virando-o num estrondo. Mitsue se retraiu, e ele a agarrou pelo pulso, atraindo-lhe o olhar arregalado.

Acusou com outro vociferar oco.

– Eu a mandei dizer a Sanjou-dono que aceitava a proposta!! *Quem pensa que é, afrontando minha ordem?!!*

– Yoritomo-sama, por favor!! – ela gemeu. – *A criança!...*

Ele parou, arfando, e seus olhos rebateram para o ventre da mulher, aumentado com evidência pela gravidez adiantada. Rosnando, tornou a encará-la com frustração, apertando-lhe ainda mais o pulso.

– *Insolente, arrogante...!* Se não estivesse carregando meu filho, Mitsue, eu lhe daria uma surra que você nunca iria esquecer!!

“...Se eu não estivesse carregando seu filho... *neh*, Yoritomo-sama...?”

Mitsue correu gentilmente os dedos pelo pulso arroxeadado, e fitou-se no espelho redondo. Franziu o cenho, incomodada. O aspecto de sua face esquerda havia piorado, desde ontem...

Parou de súbito, e levou a mão ao abdômen. Sorriu consigo mesma, de ternura e absoluto alívio. Leve e sutil, e ainda assim, maravilhosamente vívido, podia sentir sob a palma o usual agitar do bebê.

Seu primeiro e precioso bebê...

“Aquele parvo ignorante... Se houvesse ferido meu filho, eu jamais o perdoaria.”

A proposta que ele quisera aceitar era absurda. Generosa e lucrativa, feita a ele e ao irmão mais velho por um antigo desafeto, que declarara interesse em aliança política para ganho mútuo... E um convite a seguir viagem com a comitiva de tal clã, até sua mansão em Omi, onde acertariam os detalhes do trato?

Bons Kamis, que armadilha *pueril!*

Yoritomo quase dera ouvidos a sua advertência, como o de costume... Mas, uma vez que o irmão se mostrou mais ganancioso que prudente, aceitando a oferta...

“O tolo *teve* que decidir fazer o mesmo...”

Ela de fato não tivera o direito de transmitir a mensagem oposta ao clã Sanjou, e negar a oferta em nome do marido, mas... simplesmente fora *incapaz* de obedecer a uma instrução tão estúpida!

A shoji abriu. A mulher se virou, arisca. Yoritomo, a quem ela não via desde a comoção na noite anterior, a olhava, de pé, da soleira.

Estava branco como uma aparição.

– ...Ani-ue está morto.

Ela mais lera que ouvira tal murmúrio escapar-lhe dos lábios. Sentou reta, grave, de frente para a porta do quarto. Seu marido fechou a shoji ao entrar, então acomodou-se diante dela, num movimento lento e pesado.

– ...Foi uma cilada – anunciou baixo. – Chichi-ue... escreveu-me dizendo que há pouco foi informado do ocorrido...

Hesitou.

– E que... se consola por ao menos um dos filhos ter sido sensato quanto a Sanjou.

Aquela última sentença soou especialmente rouca, e ele baixou o olhar quando a concluiu. Mitsue piscou. Não estava de todo *surpresa* com a notícia... Mas... aquela reação...

Ele tomou-lhe a mão num cingir fraco, mirando-a de novo. E seu olhar, naquele momento, transbordou um remorso decerto maior do que ele gostaria de ter exposto. A constatação atingiu Mitsue como uma onda morna de satisfação. O rosto da mulher, porém, ainda estava austero quando Yoritomo o tocou.

Ela recuou num gesto mínimo de dor, e viu, ainda mais claro, o arrependimento cobrir-lhe a expressão.

– ...Não devia ter lhe batido.

– *Iie* – ela negou, dócil. – Yoritomo-sama teve toda razão. Minha insubordinação foi vergonhosa. Por melhores que tenham sido minhas intenções...

O homem a interrompeu, meneando a cabeça.

– Mitsue-san salvou minha vida e minha honra. Seus conselhos sempre foram-me tão benéficos... Eu... devia ter lhe dado ouvidos.

Acariciou-lhe a face direita, e dirigiu-lhe a voz arranhada em tom solene.

– Nunca mais irei machucá-la.

Mitsue entreabriu um sorriso suave. Não acreditou realmente na declaração. Se ele fora violento uma vez, com certeza o seria de novo, se ficasse irritado o bastante. No entanto, aquele semblante de culpa... sem dúvida sugeria que a margem até essa irritação deveria aumentar sensivelmente, *neh...?*

Era um sinal promissor.

– Yoritomo-sama é muito gentil.

Ele sorriu, reconfortado.

– ...Como está nosso filho?

– Oh? – Mitsue apoiou as mãos no ventre, afetuosa. – Com muita energia, nos últimos meses.

Então riu um pouco.

– ...Às vezes penso que não aguentará esperar até o Inverno.

– *Hoh*, dizendo coisas assim... Mitsue-san me deixa mais ansioso!

A mulher riu de novo, e cerrou os olhos num suspiro sereno. Mais consigo que com o marido, concluiu.

– Será uma criança maravilhosa... com certeza.



– Isso foi perigoso.

Mitsue deixou sua tigela com legumes de lado, e fitou Yoritomo, quieta. Na frente dele, formou-se um vinco de apreensão.

– Candidatar-me a daimyo de Mutsu já foi um passo audacioso, Mitsue-san... – ele sussurrou entrecortado. – A última de minhas intenções é provocar a animosidade de alguém como Ryuu-dono.

– Perdoe-me, Yoritomo-sama – a mulher fez uma pequena mesura. – Fui deveras imprudente em ter me exaltado.

O conselheiro suspirou, e bebeu de um gole seu sake. Tossiu seco, então serviu-se de um naco grosso de peixe cozido.

– Bem, é compreensível... Ryuu Owari-no-kami-dono... *Tch!* Consegue ser mais pomposo que o kampaku, *neh?* Sujeito detestável...

– *Hai.* Eu não encontraria palavra melhor.

Um intenso bater leve de calcanhares, aproximando-se rápido pelo corredor, fez ambos se voltarem, e Mitsue sorrir.

– Chichi-ue! Haha-ue!... – seguidos pela ama, seus dois filhos pararam à soleira, fazendo reverência apressada. – Bem-vindos de volta!

A mais velha, Kiku, tinha oito anos. Os cabelos, de franja reta, caíam-lhe abaixo da altura dos ombros, e seus olhos, emoldurados por sobrancelhas finas e arqueadas, eram de brilho intenso e vivaz. Trazia pela mão o irmão mais novo, Washiko, de cinco anos e postura inquieta, o queixo redondo riscado por um arranhão a meio caminho de cicatrizar – resultado de seu obstinado gosto em correr pelas varandas.

– *Hoh,* aí estão os dois... – Mitsue indicou que sentassem ao seu lado. – Venham comer. Comportaram-se bem esta manhã?

– *Hai* – Kiku assentiu, acomodando-se. – Terminei minhas tarefas e brincamos no jardim. Washiko comeu um inseto.

– Não comi!

– *Yosh, yosh,* não façam barulho. Seu pai está cansado.

– ...Não era um inseto, era uma folha...! – o menino concluiu sua defesa, mais baixo.

– ...No final, a reunião correu melhor do que eu teria esperado – a voz ferida de Yoritomo atraiu de volta o olhar da esposa.

– De fato – ela concordou. – O general Okamura-dono não se impôs com a força que temíamos, *neh?* E nem os Ryuu, nem os Tetsuyama, mostraram interesse direto no controle do Norte... o que deve amenizar a questão.

– *Un.* O envio de tropas aliadas a Mutsu, por outro lado...

– *Hoh!* Isso será mais problemático.

A ama preparou uma tigela com arroz, e Washiko a pegou ansioso, com as duas mãos. Kiku, diligente, pôs-se a servir-se sozinha.

– Nagoya ou Tottori... – o conselheiro avaliou. – Ashigawa-sama deveria aceitar apoio militar de ambas as partes. Manteria o Bakufu imparcial.

– Oh, mas seria inconveniente – observou Mitsue. – Ashigawa-sama estaria em posição de dívida para com os dois daimyos. Além disso, colocaria soldados de *mons hostis* lado a lado... Uma situação volátil, *neh?*

Yoritomo anuiu devagar, e voltou a mastigar sua refeição, o vinco preocupado mais uma vez marcando-lhe a testa. Estava tão receoso desde o retorno dos Tetsuyama a Kyoto, pensou Mitsue... Fora um esforço convencê-lo a se apresentar como candidato à liderança de Mutsu – embora, considerando a reunião... parecia ter valido à pena.

– Quanto ao futuro daimyo... – ela serviu-lhe outra dose de bebida – fiquei feliz. O shogun pareceu interessado em Yoritomo-sama para o cargo.

– *Un...* Ochi-dono também – ele sorriu. – Não esperava tal consideração.

Fitou o rosto aquilino da mulher por um momento.

– Mitsue-san estava certa – concluiu num riso – ...como de costume.

– Oh!... – ela levou a mão aos lábios finos num gesto de modéstia. – Foi somente um palpite. O mérito é de Yoritomo-sama.

O conselheiro respondeu num mover de cabeça lisonjeado. Sabia tão bem quanto ela que isso não era verdade. Seu destaque no clã Minamori, seu cargo no Bakufu, até a possível nomeação como daimyo... Ele os alcançara tão somente norteados pela esposa.

Já chegara a sentir despeito pelo fato... Mas, há anos, concluía que francamente não importava. Aquela noiva tardia e sem atrativos, de valor político desimportante e gênio tão inadequado a uma mulher... acabara se mostrando um presente do karma para ele, *neh?* Uma ferramenta para alçá-lo mais e mais alto.

– *Domo*, Mitsue-san... *domo*.



Em estrondo de trovão, uma chuva de luzes brancas explodiu no céu, e iluminou os rostos admirados dos convidados por todo o jardim Norte, antes de se dissolver entre as nuvens. Um sinal do espetáculo que se seguiria muito em breve, fogos encomendados da China em quantidade e beleza, diziam os rumores, totalmente ímpares, para aquela terceira noite de Hanami.

– É maravilhoso... – Ryuu Masako olhou longamente a escuridão do céu, como que procurando vestígios da luz recém evanescida.

– *Un...* – Hideki voltou a observar o movimento ao redor, dos tantos vultos que circulavam por sob as cerejeiras repletas de lanternas. – ...Ashigawa-sama não parece ter poupado quanto ao entretenimento desta noite...

Parou ao notar um par de figuras se aproximando. À frente vinha Keshi, o uchiki bordado de pavões ressaltando-lhe a elegância exótica. Atrás, a linda Matsukaze, alta e graciosa sobre seus getas laqueados, num kimono rosa de tom crepuscular, ladeado de magnólias brancas. Seria difícil, pensou o daimyo, dizer qual delas parecia mais atraente – ou mais dissimulada.

– Hideki-sama... que grande prazer revê-lo!

– Igualmente, Keshi-san. *Hoh...* e Matsukaze-san. Que surpresa agradável.

A cortesã fez-lhe longa mesura, num sorriso adocicado.

– *Konbanwa*, Ryuu-sama. Fico encantada em vê-lo novamente.

“...Canalha odioso...”

– Parece-me que os fogos devem começar em breve... – Keshi comentou. – Ouço boatos sobre a grandiosidade desta comemoração há meses.

– Oh, rumores também me alcançaram – ele assentiu, então dirigiu-se à cortesã. – Matsukaze-san... soube que sua adorável pessoa nos agradecerá com sua dança?

Ela confirmou.

– *Hai*. Espero não ser uma decepção, diante um evento tão primoroso.

– *Hoh*, decepção... – Hideki sorriu, reticente. – Não vejo como tal palavra poderia descrevê-la.

Um relance duro de aborrecimento passou rapidamente pela expressão da jovem, então sumiu, sob um piscar delicado de suas pestanas esfumadas em carmim. O daimyo não tinha de fato a intenção de usá-la de novo... Mas lhe era algo divertido importuná-la com a possibilidade.

– ...Ryuu-sama me lisonjeia – ela encobriu o rosto com a manga, mimosa.

– Ryuu-dono...

A saudação fez virar-se não somente Hideki, como também Masako, a não mais de três passos dali, e até então entretida em contar lanternas com Daichi. O rosto não mais brando que durante a reunião geral, na manhã anterior, o kampaku se aproximou, retribuindo discretamente as mesuras ao redor.

– Kujou-sama... *konbanwa*.

– Que bom revê-lo, chichi-ue – Masako sorriu, e ao mesmo tempo Daichi fez ao avô reverência

formal. – Temi que estivesse muito atarefado no Palácio Imperial... Veio assistir aos fogos?

– *Hoh*, eu não perderia a ocasião... – ele suavizou o olhar ao responder à filha, então se dirigiu ao genro – com o quanto já se falou sobre esses fogos...

Hideki compreendeu a nota ácida do comentário. O *kampaku* e o *shogun* sempre haviam se tolerado com polidez artificial... E, pelo visto, os rumos da última reunião não haviam se mostrado ao agrado de Masamoto.

“Convém trocarmos opiniões antes do próximo evento político, suponho...”

– Estava imaginando se Kujou-sama nos concederia a honra de juntar-se a nós para o jantar, amanhã – sugeriu o *daimyo*.

– Uma ideia excelente – Masamoto assentiu. – Há tempos não temos a chance de compartilhar uma refeição em família, *neh?*

Voltou-se para Daichi, de mãos dadas à mãe, e sorriu.

– Ora, vejam como meu neto cresceu!

Deixada de lado, Keshi olhou os *Ryuu* de soslaio, sisuda. Ajeitou o *kanzashi* de prata nos cabelos, então falou baixo a *Matsukaze*.

– A música deve estar para começar. Vá esperar junto ao palco.

– Mas...

– *Agora*.

A moça fechou o cenho. Ora, estava a dois passos do *kampaku*, e teria de perder a oportunidade para ir esperar como uma tonta ao lado do palco? Com tipos comuns como Anzu e Yanagi, e longe de qualquer olhar interessante?

Ainda estava decidida a aborrecê-la pela noite sem resultados com *Ryuu Hideki*, *neh?* Aquela megera inconveniente...

– *Hai*, *Keshi-sama*.

Ela girou nos calcanhares e pôs-se a seguir lentamente rumo ao palco, através da primeira ponte sobre o espelho d'água.

“Que seja!”, suspirou em pensamentos. “Atrairéi toda a atenção quando dançar... de Kujou-sama, e Ashigawa-sama, e de quaisquer olhos que me convenham.”

Lançou um relance ágil para trás, e puxou o leque do obi num gesto líquido, para encobrir o risinho mordaz que lhe escapou dos lábios.

“...Diferente de sua pobre ignorada pessoa, *neh...? Keshi-baba* [\[102\]](#).”



Ela o espiou detrás do tronco limoso de cerejeira, à margem da luz das lanternas, então desapareceu na sombra da varanda ao lado. Taiken se afastou do núcleo colorido e sonoro da festividade, e parou onde os galhos em flor roçavam o telhado. Virou a curva silenciosa da construção, e encontrou na penumbra o sorriso terno de Ametsuyu.

– Taiken-sama...!

– Ame...

A moça o abraçou, envolvendo-o numa nuvem floral de perfume. A proximidade fez o peito de Taiken queimar, pulsando com tanta intensidade que era doloroso. Ele a cercou contidamente pelos ombros, a garganta constricta em frustração.

– ...Os últimos dias se alongaram tão cruelmente... – ela sussurrou, erguendo os olhos para fitá-lo. – Como estou feliz em vê-lo de novo!

– Eu também.. – Taiken tentou sorrir – senti muito sua falta.

O olhar da jovem desbotou, preocupado.

– Meu amor...

Ela correu os dedos pela frente do príncipe, e ele os tocou de volta num gesto aflito. Era mesmo inútil tentar mascarar, concluiu...

Sua expressão desabou num franzir de desgosto.

– O que houve?

Taiken hesitou, e segurou as mãos de Ame, pesaroso.

– ...Chichi-ue não me permitiu comprá-la.

Ela arregalou os olhos.

– Falei-lhe noite passada, após o jantar... A reunião geral havia corrido tão bem... Tinha certeza de que não haveria oposição de sua parte.

Sua voz finalizou com rancor.

– *Mas...*

...Mas Naginata os entreouvira conversando no corredor. E, seguindo por ali a passo casual, soltara com leveza o breve comentário.

– Oh, Akahana... não é a famosa casa de chá? De propriedade de Ryuu... Keshi-dono, estou certo?

No momento em que o daimyo ouvira aquelas palavras...

– Não foi um indeferimento absoluto – o príncipe expôs – mas, sendo sua mestra uma Ryuu... chichi-ue decidiu ser vantajoso que Ame permaneça em Akahana por mais algum tempo... para obter-nos informações.

A moça o mirou em silêncio dolorido, o semblante tomado de desapontamento. Taiken suspirou.

– Por favor, não fique abatida... Será apenas até partirmos de Kyoto. Depois de terminada esta

confluência política, tenho certeza, conseguirei convencer chichi-ue.

Ela baixou a cabeça, e os pequenos kanzashis em seu coque chisparam dourados na sombra noturna.

– Eu... entendo.

Respirou fundo, então voltou-se para ele num sorriso fraco.

– ...Este é um momento importante para a família de Taiken-sama, *neh?* Não se preocupe. Eu o ajudarei o quanto puder.

Taiken franziu a testa, apreensivo. Envolveu as mãos de Ame com mais firmeza.

– ...Apenas não se arrisque.

– *Hai*. Tomarei cuidado.

– Por favor – ele sublinhou. – Não quero que nada lhe aconteça.

Ver aquela ansiedade por sua segurança nos olhos dele... Apesar da decepção que lhe oprimia o peito, Ame se sentiu reconfortada. Em breve, as cerejeiras perderiam suas flores... O Hanami terminaria. Bastava ser paciente.

– Eu ficarei bem – ela garantiu.

Taiken a olhou com afeto, e inclinou o rosto contra o dela, tocando-lhe os lábios numa carícia leve, então intensa. Ame recuou de súbito, e encobriu o sorriso ruborizado, espiando ao redor.

– Taiken-sama!... Em um lugar público como este...

– ...Então, vamos para um lugar privado – ele murmurou, os dedos roçando-lhe gentilmente os quadris. – Fique comigo esta noite.

A alacridade de Ame esvaeceu tão depressa que Taiken também parou de sorrir.

– Oh, meu amor, eu... – ela se retraiu, cabisbaixa – ...queria que fosse possível.

Lançou um relance para a curva da varanda a suas costas, de onde a luz amarela de muitas lanternas irradiava, intensa, no escuro da Lua Minguante.

– ...O general Shikamori-sama reservou minha companhia hoje à noite. Deixei-o há pouco, quando Matsukaze-san começou sua dança... Mas devo voltar logo, antes que Keshi-sama note que o negligenciei.

Taiken sentiu um impacto estranho atingir-lhe o estômago. Mirou a jovem à sua frente, a maquiagem perfeita ressaltando seus traços de boneca, o coque alto eroticamente salientando-lhe a parte detrás do pescoço, um calculado vislumbre do kimono íntimo contornando-lhe em vermelho a gola brocada do kimono. Ametsuyu... Era claro, ele sempre soubera que ela era uma cortesã.

Mas era a primeira vez que o fato lhe parecia tão... *concreto*.

“E... *Shikamori?*”, outra linha de pensamento, ainda mais perturbadora, ocorreu-lhe em seguida. “Aquele sujeito esquivo e macilento, comprado dos Ryuu?!...”

– Taiken-sama...

Ele se voltou, tenso, ao sentir Ame segurar-lhe a manga do hitatare. A expressão dela ao fitá-lo, infeliz e constrangida, o fez se dar conta de sua própria. Ele... acabara de fechar o cenho em aversão, não acabara?

Sentiu remorso pela própria transparência.

– Eu sinto muito...

– *Iie* – ele interrompeu a moça de pronto, e pousou as mãos em seus ombros. – ...Tudo bem. Está tudo bem, Ame.

Acariciou-lhe o rosto, atraindo seu olhar, e falou com segurança.

– Eu a amo.

Ame respirou fundo, comovida, mas não chegou a responder. Um longo assobio e um estrondo de luz

fizeram ambos olharem para o alto, para a vasta chuva de faíscas vermelhas que tomou o céu. De além da curva vazia da varanda, soaram numerosas e vagas exclamações de admiração.

A apresentação dos fogos de artifício estava começando.

O toque de Ame trouxe de volta a atenção de Taiken. Ela envolveu a mão dele com as suas, e a levou aos lábios suavemente. Admirou-o com doçura, à sombra intensa que as explosões coloridas lançavam sobre o jardim, e soltou um suspiro de pesar.

– ...Preciso ir.



– ...Então, chichi-ue concordou em dar a ani-ue outra mulher? Faz mesmo muito tempo desde a última...

– *Cale-se.*

Naginata obedeceu, e fingiu voltar a ler com interesse, apertando um pouco os lábios para conter o riso. Parou ao notar o irmão mais velho de pé à sua frente, e ergueu devagar os olhos amendoados. Taiken, o rosto rígido, mirava-o com a hostilidade de um cão que recebe um golpe inesperado. Concluindo que evitar sorrir de todo seria mesmo impraticável, o rapaz o fez em suave tom curioso.

– O quê...?

– Não teste minha paciência com seu maldito “o quê?”!

O mais novo fechou o livro calmamente, e o pôs em seu lugar na estante.

– ...Ora, ani-ue, não se ressinta.

– Se sibilar essa língua peçonhenta para me prejudicar de novo...

– *Prejudicar?* – Naginata ergueu a sobrancelha. – Foi um comentário pertinente aos interesses do clã, nada mais.

E finalizou num enunciar claro.

– Se ani-ue não houvesse satisfeito *outros caprichos* tão recentemente, seu apelo talvez atingisse chichi-ue com mais impacto que minha observação.

A face de seu irmão ficou vermelha, e sua respiração, mais rasa. Um momento já arriscado para escárnios, o rapaz observou... Sustentou então o olhar do outro com pura e fria gravidade.

– *Hoh...* ani-ue está de volta.

Até então observando a densa fumaça dos fogos se dissipar, vagarosa, por sobre os muros, Koi se voltou. Naginata, que mirava de soslaio o outro lado do amplo espelho d’água, abriu um riso ferino.

– Parece tão frustrado, *neh...*? – e seu cenho fechou de repente. – Serve-lhe bem.

A jovem espiou naquela direção, e viu Tetsuyama Taiken, carrancudo sob uma cerejeira pouco iluminada, à margem da festa. Olhou dali para a onna-bugeisha de Hida, que falava com Sai e a senhora Chiyo, a alguns passos da pontezinha mais próxima. Os uchikis em tons verdes diluídos e o kimono claro de estampa sutil a faziam quase sumir entre tantos rosas, laranjas luminosos e lilases intensos naquele ambiente...

– ...Naginata-dono realmente queria se casar com aquela mulher?

Ele se virou para a consorte, sério. Aquele hitatare cor de ameixa o fazia parecer tão elegante, Koi observou... Ele deveria usar cores escuras com mais frequência.

– Eu queria o mesmo que ani-ue – o segundo príncipe cruzou os braços, e correu os olhos para o vulto do irmão. – ...A ponte Harusaki.

Em poucos anos, sem dúvidas, o fluxo de comércio por aquele lugar se tornaria um triunfo de valor

incalculável. Ter a filha de Uehara Seito significava ser o elo direto entre Inaba e Hida – portanto, ter a ponte. A riqueza e prestígio político consequentes, e a influência que isso implicaria, dentro e fora do clã Tetsuyama...

– A mulher seria apenas uma conveniência.

Embora, vê-la imune sob a asa de Taiken ainda fosse uma frustração pessoal.

Koi o fitou por um momento, então baixou os olhos para o plácido braço d'água ao lado. Sua superfície tremeluzia escura, pincelada de reflexos cintilantes das lanternas acesas. As opulentas explosões no céu haviam pausado, para que fumaça excessiva não amortecesse as próximas luzes... mas as carpas vermelhas e brancas na água ainda se escondiam, agitadas, à sombra das pontes.

Um suspiro repentino de Naginata atraiu de volta sua atenção.

– Estou farto desta festa – ele seguiu rumo à saída do jardim – vamos.

A moça hesitou, e apreciou de relance as copas das cerejeiras, brilhando rosadas na noite. Lamentando-se um pouco, voltou-se então para o mestre, e pôs-se a segui-lo apressada, palácio adentro.



– Ah! Começou de novo!

Retumbando alto, flores e mais flores de luz voltaram a se abrir e se desfazer em cascatas no ar. Abafadas pelos estouros intercalados, palmas e vozes em exclamação tomaram a pequena multidão de convidados. Havia mesinhas e lugares postos por todo o jardim, nas varandas ao Sul e sob as árvores iluminadas, mas devido aos fogos, quase todos agora se aglomeravam no campo aberto ao redor do espelho d'água, para melhor apreciar o espetáculo.

– Haha! – Ryu Daichi puxou a manga da mãe. – Não consigo ver...!

Masako se abaixou e o pegou nos braços, e ele olhou para o alto, agitado. Cobriu os ouvidos ao soar grave da próxima explosão, em dourado e vermelho-intenso, e soltou um suspiro fascinado, esticando-se para ver o céu. Sua mãe riu, e se inclinou um pouco para equilibrá-lo. Ele estava tão mais pesado que há um mero ano atrás...

– Masako-sama...

Ela se voltou. Gesticulando em meio ao subir estridente de outra sequência de fogos, Atae Nobutaka indicou o menino em seu colo.

– Quer que eu o erga?

O príncipe fez que sim num sorriso animado, e a mulher assentiu, agradecendo. Passou o menino para Nobutaka, que o segurou pelas axilas e, com facilidade, colocou-o sentado sobre os ombros.

– *Aah!* – Daichi comemorou, vendo-se mais alto que qualquer outra pessoa no jardim. Nobutaka riu.

– Segure-se firme, Daichi-sama.

– *Hai!* – ele se agarrou como um macaquinho ao redor da testa do hatamoto.

Masako abriu um pequeno sorriso, então desviou o olhar para o espelho d'água, a superfície rebrilhando oscilante com o piscar intenso dos fogos. Seu peito ardeu num súbito agudo, ao mesmo tempo em que a base de seu estômago enregelou.

Ela respirou fundo. Sentiu-se terrivelmente tola. Fora um esbarrar irrelevante ao passar o apoio de Daichi... Um simples roçar de dedos, curto e casual.

...E, ainda assim...

O pulsar de seu coração agora lhe subia aos ouvidos mais intenso que o estalar dos fogos acima do palácio.

“...Atae-dono...”

Ela o olhou de soslaio, um leque posto à cintura onde usualmente portaria a katana, o reflexo azul dos fogos contornando-lhe o caimento imponente do hitatare claro sobre os ombros, o perfil barbeado com incomum esmero voltado, calmo, para algo distante que Daichi lhe apontava. Masako viu-se sorrindo novamente, um tom mais brando envolvendo seu peito.

Aquele sentimento...

Começara num ápice fresco de Outono, oito anos atrás, durante um jantar formal em Nagoya-jo. A Lua

surgira cedo no horizonte, e a brisa soava musical nas folhagens lá fora. A ocasião social era tranquila, e, mesmo passados dois anos infrutíferos desde sua reconciliação, a atmosfera entre ela e o marido permanecia de estável cortesia. Naquele momento, tudo parecia indicar que a noite, e toda a estação por vir, fluiria com trivial quietude.

Até que Masako o viu.

No primeiro instante, imaginou que ele simplesmente lhe chamara a atenção pela estatura. Era bem uma cabeça mais alto que a maioria dos outros presentes no salão... Mas, com o passar dos segundos...

Ele devia ser dois ou três anos mais velho que seu marido. Vestia-se de marrom e cinza, a trama dos tecidos opaca e pouco vistosa. Fios escuros desarranjavam-se no coque em seus cabelos, e sua postura, embora correta, transmitia algo de relaxada. Estava sentado no primeiro assento da fileira de convidados, à esquerda de Hideki, e dirigia a atenção à mulher de kimono ocre ao seu lado, que lhe falava rápido, num riso amplo. Seu rosto retangular tinha um aspecto um tanto rústico, o queixo e a fronte bem delineados, mas seu semblante era leve, seguro e pacato.

A presença dele, algo indefinível em seus gestos, seu olhar... Por algum motivo, fez Masako se sentir estranhamente... fascinada.

– ...Bem, é um prazer enfim recebê-los em Nagoya. Masako...

Ela se voltou em leve sobressalto.

– ...*Hai*, tonosama?

– Creio que não tenha lhe apresentado o daimyo de nossa notável província de Musashi? Atae Nobutaka-san, que suprimiu a insurgência traidora de Sagami, na última Primavera.

...Atae Nobutaka...

Os olhos dele se voltaram para os dela, e ele se curvou, grave, numa reverência pronunciada e formal.

– É uma honra conhecê-la, Ryuu Masako-sama.

O breve contato de seu olhar, o som de sua voz... Um arrepio profundo percorreu Masako, e ela sentiu o corpo estremecer, o coração pressionando-lhe o peito num ritmo doloroso. Respondeu ao cumprimento com elegância esforçada.

– E a esposa, Atae Suzume-san.

A mulher de ocre, os cabelos presos num pesado rabo-de-cavalo, fez-lhe mesura num sorriso simpático. Masako correspondeu o gesto, mascarando com um semblante cordial seu sentimento apavorado. Não conseguiu dormir, naquela noite. Virava-se de um lado para o outro no futon, um rubor insistente ardendo-lhe o rosto, o peito constricto e agitado, a mente tomada de ansiedade.

Aquele calor desconcertante... Ela nunca sentira algo assim por Hideki – por *seu marido*. Não era correto, sequer concebível, que, em relação àquele hatamoto de Edo...

Os dias seguintes passaram com penosa lentidão. Masako tentou quanto pôde se disciplinar quanto a sua reação a Atae Nobutaka; mas sempre que o via, entre os demais convidados do castelo ou passando pelos corredores, tinha a inexorável sensação de que borboletas volitavam caoticamente em seu estômago.

Na penúltima tarde de sua estadia em Nagoya, avistou-o enquanto caminhava no jardim, vindo com a esposa pelas escadarias de pedra do santuário. A brisa de súbito lufou, fria, chiando as copas vermelhas dos bordos, e Suzume o alcançou, dois degraus abaixo, encolhendo-se ao redor de seu braço. Nobutaka estendeu o dobuku grosso para abrigá-la, e afastou uma folha seca que caíra em seus cabelos.

...Ele devia ser um amante carinhoso, Masako pensou, e um remorso pungente por tal lapso a atingiu

de pronto. *Que ultraje...!* Conjecturar sobre os supostos modos íntimos de outro homem que não seu marido...

“Acalme-se, não se aflija...”, ela suspirou. “...*É apenas uma atração passageira.* Com o tempo, irá ceder.”

Tantos anos já haviam se passado desde aquele Outono, a mulher contemplou, à luz colorida e errática dos ruidosos fogos festivos. Nobutaka se tornara o hatamoto mais proeminente do clã Ryuu, vivera sob o mesmo teto que a família do mestre, em Nagoya-jo, por três anos, assumira o papel de vassalo de maior confiança de Hideki, e, ao que o tempo permitia, de instrutor de Daichi... E, quanto mais Masako pudera conviver com ele, mais claramente vira seu fascínio inicial não desbotar; mas tornar-se um sentimento de profunda solidez. Admiração, afinidade, estima... Amor.

Seu coração amadurecera nesse tempo. Não raro ainda acelerava tolamente em momentos simples; doía de ciúmes indevidos, ou de pesar pelo silêncio que o dever lhe impunha, mas não sofria mais com a culpa contundente que a atormentara outrora. *Hai*, seu anseio era vergonhoso... mas tão inevitável quanto inócuo. Ela não tinha pretensões de se declarar ou ser correspondida. Não almejava remotamente criar laços ilícitos com Nobutaka. Nunca. Não trairia Hideki, em atos ou palavras.

Então...

...Que a lamentável infidelidade de seu sentimento pudesse ser relevada, *neh...?*

– Aah... – um suspiro desapontado de Daichi a fez olhar para o alto. – ...Acabou.

A densa fumaça se desfazia ao vento. Palmas murmuraram entre os convidados, mas, com o cessar das explosões, um silêncio profundo pareceu tomar o jardim.

– ...Uma apresentação impressionante – avaliou Nobutaka.

– *Hai* – Masako anuiu em concordância.

Voltou-se então para o filho, que piscava com nítido cansaço.

– Vamos, Daichi... Passou há muito de sua hora de dormir.

– *Un...*

O menino esticou os braços sob as mangas azuis, e a abraçou quando Nobutaka o desceu dos ombros. Ao lado, viu o pai, sério, despedindo-se de seu avô e do shogun, e alguns passos à frente, a princesa Kiyoko, ainda olhando o céu e abanando devagar um leque sob o queixo. Sentiu-se sonolento, e aninhou-se ao colo da mãe.

Masako o aconchegou gentilmente.

– ...*Arigato gozaimashita*, Atae-dono.

– Não há o que agradecer.

Trocaram um sorriso de bom grado. Masako sentiu o coração se agitar de novo. Tudo bem... Estava tudo bem. Sempre fora daquela maneira, e sempre continuaria a ser. Poder ver Atae Nobutaka, falar com ele, mesmo que sobre os assuntos mais banais, sob todas as máscaras da etiqueta... Simplesmente sentir sua presença...

...Era o bastante.



Os telhados e jardins pingavam em lento degelo ao Sol apático. No amplo pátio de Nagoya-jo, a muito quieta comitiva de Musashi concluía sua acomodação, soldados e servos movendo-se silenciosos rumo às alas que lhes competiam. No salão principal do castelo, fechado de fusumas refinados e imerso em atmosfera densa, Atae Nobutaka se curvava, solene, diante de seus anfitriões.

– ...Faltam-me palavras, Nobutaka-san, para expressar-lhe meus pêsames.

O hatamoto ergueu o rosto diante a grave fala de seu senhor. Sentada dois passos atrás e à direita do marido, Ryuu Masako piscou em apreensão. Desde que o conhecera, há pouco mais de um ano, nunca vira o general Atae com um aspecto como aquele. Seus ombros estavam curvados, o semblante exaurido e marcado de olheiras profundas... sua face tomara uma palidez esverdeada.

– ...*Domo arigato gozaimashita*, Hideki-sama – ele agradeceu, rouco.

Hideki mirou curtamente o relatório em suas mãos, austero, então se dirigiu mais uma vez ao recém-chegado.

– Sabe-se algo sobre os responsáveis?

A fisionomia de Nobutaka endureceu.

– ...Um dos shinobis foi capturado com vida... mas conseguiu se envenenar. Não há indícios do mandante.

– E os danos ao castelo?

– Um incêndio de médio porte na ala Oeste, que também prejudicou a estrutura da torre anexa ao portão lateral... Estragos menores na ala Norte.

Silêncio.

– Hideki-sama...

O daimyo olhou dos papéis de volta para o hatamoto. Nobutaka o encarou por um momento, muito sério, então falou.

– ...Eu recebi o honorável título de general sob os Ryuu de Owari, e a autoridade de erguer seu mon sobre suas províncias... – hesitou, a voz pesada. – Mas... fui incapaz de manter segura minha própria casa. *Meus próprios aposentos*.

Ele inspirou fundo, e baixou a cabeça num gesto humilhado. Masako apertou as mãos sob as mangas, tensa, ao mesmo tempo em que Hideki deixou o relatório de lado. O hatamoto, os punhos cerrados, prostrou-se em reverência profunda.

– ...Minha vergonha está além de qualquer reparação. Eu... rogo humildemente a Hideki-sama que me permita tirar minha vida.

A respiração de Masako falhou. Sua boca entreabriu em choque apavorado, mas nem seu marido, nem o general Atae, nem os samurais postados às entradas notaram a reação. Os olhos estavam todos voltados para o homem curvado no centro do aposento. Altivo em seu lugar, Hideki franziu a fronte. Temia que tal cena viesse a se desenrolar...

– Nobutaka-san – ele replicou, em tom calmo – não há, em todo o país, um único castelo impenetrável a ataques como esse. Ou um único senhor imune a atentados.

O general dirigiu-lhe um olhar suplicante.

– Hideki-sama...

– Se os samurais de Edo-jo foram incapazes de proteger seu mestre, a culpa recai sobre eles – o outro interrompeu com resolução. – Sua honra está intacta.

A lividez de Nobutaka se intensificou. Hideki fez breve menção de falar, mas o hatamoto se curvou novamente, a testa tocando o tatame.

– Minha esposa foi morta diante de meus olhos... e eu não consegui impedir!

Ele tomou um fôlego angustiada.

– Não posso suportar minha incompetência!... – insistiu. – *Por favor!*... Hideki-sama, eu *imploro*...

– E eu *nego*, Nobutaka-san! – retrucou o daimyo, seco. – Lamento pela morte de Suzume-san; mas foi karma. Não há razão para seppuku!

Nobutaka o encarou, desolado. Hideki o mirou de volta com severidade.

– ...Se não consegue mais viver consigo mesmo, sugiro que *aprenda* – finalizou, rígido. – Não aceitarei mais uma palavra a esse respeito, está claro?

Um novo silêncio, mais fundo que o primeiro, cobriu o aposento. O coração em polvorosa, Masako não soube definir se foi maior seu alívio diante a decisão de Hideki, ou sua comiseração diante a expressão devastada de Nobutaka.

O hatamoto baixou o olhar, então a cabeça, retraindo-se num gesto amargo.

– ...*Hai*, Hideki-sama.



O frio úmido persistia, mas o Sol, dia após dia, despertava mais novos brotos nos canteiros e galhos das árvores. O verde escuro dos pinheiros se avigorava, livre da neve e do orvalho gelado, e botões de cor-de-rosa intenso tomavam, vibrantes, as copas nuas das ameixeiras. O Inverno sinalizava a proximidade de seu fim.

À direita, as shojis adiante se abriam para um dos jardins, então Nobutaka fez a curva oposta, e entrou no corredor interno. O ambiente fechado, a luz indireta, o estreito caminho de madeira e papel o aliviaram.

Em poucos dias, estariam repletos de flores os ramos das ameixeiras, então dos pessegueiros. Dentes-de-leão se abririam à margem das estradas, e lírios à margem dos lagos, e a grama se pontilharia de narcisos. Suzume sempre esperara com tanta ansiedade por aqueles inícios de Primavera, pelas primeiras pinceladas de cor nos jardins...

Um nó sufocante comprimiu-lhe brutalmente a garganta.

...Seria ainda pior se ele estivesse em Edo, ajuizou.. Nesse aspecto, fora positivo ter recebido ordens de residir em Nagoya-jo até a conclusão dos reparos e reformulação de seu próprio castelo. Redivisão dos cômodos e o acréscimo de dois andares no torreão, construção de três alas anexas, cinco torres de guarda e novos muros externos em trajeto tortuoso a fim de reforçar a segurança do complexo...

Levaria tempo considerável, e certamente custaria uma fortuna. O senhor fora de fato generoso, indicando e financiando tão extensa expansão em Edo-jo... Sem dúvidas, tencionava controlar um castelo de especial robustez no Norte de Tokaido. Uma ação tomada contra inimigos de importância no futuro... Visando defesa, ou ataque?

Nobutaka não sentia motivação para se importar.

– ...Atae-dono?

Ele se voltou ao chamado, e viu, de uma das salas à esquerda, aproximar-se uma moça de rosto oval e compleição delicada, um uchiki branco pesado sobre o kimono cor de azaleia. Estivera tão absorto que levou quase um par de segundos para reconhecê-la – a jovem esposa do mestre.

– Masako-sama... – cumprimentou – *ohayo gozaimasu*.

– *Ohayo gozaimasu*.

Ela parou à sua frente. Da porta da sala, uma ama espiou brevemente o corredor.

– Em que posso ser-lhe útil?

– Oh, não é nada – Masako elucidou, grave. – Apenas, como o vi passar... Queria expressar pessoalmente a Atae-dono minhas condolências por Suzume-san... A notícia muito me consternou.

Ele transpareceu um pesar contido.

– *Arigato gozaimashita* – curvou-se, formal.

– E, também...

Masako hesitou.

– Queria dizer a Atae-dono... eu... há alguns anos, perdi uma filha recém-nascida, devido à saúde fraca.

Ela fez uma pausa, como que escolhendo palavras. O súbito tópico inesperado surpreendeu o hatamoto.

–...Eu a amava muito. E... tendo sido culpa de minha constituição falha... senti tanto remorso que, por vezes, desejei morrer.

A compreensão atingiu Nobutaka. Notando o incômodo em seu olhar, Masako, por discrição, baixou o rosto ao prosseguir.

– ...Não tenho a presunção de dizer que entendo como Atae-dono se sente. Mas... em experiência própria, vi que mesmo uma dor que parece insuperável... ainda que custe um longo tempo, acaba por abrandar.

Uma corrente de ar soprou dos aposentos abertos para o jardim, além da curva, e passou, lenta, pelo corredor. Incomodada pelo silêncio, a moça voltou a fitar Nobutaka. A expressão dele se cobrira de uma ausência abatida. Masako se sentiu inquieta. Aquela sua tentativa desastrada de alentá-lo... talvez o fizera apenas se sentir pior?

– *Hoh...* estou dizendo tolices – ela suspirou de repente. – Por favor, ignore-me.

Acordando de súbito de seus pensamentos, ele negou.

–...*Iie*. De modo algum.

A senhora pareceu aliviada, embora seu rosto houvesse enrubescido. Devia estar constrangida pela exposição pessoal, Nobutaka observou... Fora realmente gentil de sua parte fazê-lo em seu consolo.

– Fico muito grato – ele concluiu em mesura, sincero – pela consideração e pelos votos de Masako-sama.

A jovem respondeu o cumprimento, e olhou para trás de relance.

– Bem, perdoe-me por incomodá-lo... – dirigiu-se ao hatamoto novamente, e fez-lhe breve reverência em despedida. – ...Espero que Atae-dono aprecie sua residência em Nagoya-jo.

– *Hai... Domo arigato*, Masako-sama.

Ela abriu um pequeno sorriso polido, então se afastou. A corrente de ar ganhou novo fôlego, trazendo, numa nota delicada, o aroma fresco do jardim. Nobutaka sentiu a compressão dolorosa crescer em seu peito, aguda e funda, oprimindo-lhe a respiração e o vigor. Teve um último vislumbre das costas da senhora Masako, cabelos pretos contra o uchiki da cor da neve, um instante antes que ela desaparecesse dentro da sala de onde viera. Por mais amáveis que houvessem sido suas palavras...

Ele sentia que nunca seria capaz de apreciar a Primavera de novo.

Capítulo 13

Incerteza



Aos primeiros tons rosados da aurora, a quietude sonolenta do Hana-no-Gosho foi rasgada por um grito estridente. Avançando torreão adentro, até a resguardada ala de aposentos pessoais do clã Ashigawa, os sentinelas se depararam com uma shoji aberta, uma jovem ama à porta, arquejando lívida, e o cadáver degolado do príncipe herdeiro.

– ...Ashigawa Yoshitane... *meu primeiro filho...* está morto.

Sequer um som de respiração parecia emanar da mais de uma centena de presentes no salão, o mesmo que abrigara o primeiro banquete daquela temporada, antes de iniciado o Hanami. A opulência do teto rebordado em ouro e dos fusumas cerrados para o jardim tomara um aspecto opressivo. Os muitos samurais em verde-escuro cercando o recinto e o elevado aos fundos não transmitiam a mesma hostilidade que a baixa e transtornada figura de Ashigawa Yoshinobu.

– Minha nora, Kuzu-hime... – o shogun proseguiu, a voz lenta e rígida – e meus dois pobres netos... também foram assassinados.

A senhora Oyu abafou um soluço, encobrendo o rosto com as mangas brancas de luto, e a princesa Fuji, contendo as próprias lágrimas, a amparou pelos ombros. Aflita em seu lugar afastado, à desconfortável sombra de um samurai carrancudo, Ryuu Keshi engoliu em seco.

...Aquilo era inesperado...

– *Seja quem for* o autor dessa traição sórdida – Yoshinobu concluiu, com clareza e rancor – *irá pagar.*

Os ilustres convidados se entreolharam, mudos, em movimento sutil. À imediata margem do elevado, o rosto de Itou Tatsuya se enrugou mais, e sua cabeça pendeu num gesto de vergonha.

– *É minha culpa...!* – o velho se prostrara diante do mestre, mais cedo naquela manhã. – *Minha responsabilidade* como líder da guarda dos Ashigawa... *Eu falhei!*

Levou a mão ossuda ao punho púrpura de Murasaki.

– Por favor, dê-me a ordem! Eu e minha família cometeremos seppuku!

O shogun negara. Dissera precisar de sua lealdade e da força do clã Itou, naquele momento mais do que nunca. O subcomandante designado para o turno daquela noite fora o incompetente, bem como cada um dos guardas em serviço.

– Estou cercado de inimigos, Tatsuya... De nada me valeria perder meu melhor vassalo.

Provavelmente, haviam sido poucos shinobis. Não mais que dois ou três, para se movimentarem até o coração do palácio e partirem sem deixar rastro. Os estrondos, as luzes e sombras erráticas, a fumaça e as atenções desviadas... Aquela escória devia ter conseguido entrar durante a apresentação dos fogos.

– É uma tragédia chocante – Ryuu Hideki, muito grave, quebrou o silêncio. – Em especial, por não se haver notícia de atentados como esse no Palácio das Flores...

Seu olhar rebateu, enfático, em Tetsuyama Osamu.

– ...Há bem uma década, se não me engano?

A mandíbula do príncipe Naginata enrijeceu, trêmula. Hotaru espiou em direção a Taiken, preocupada, e Chiyo, num piscar leve, se concentrou em não reagir da mesma forma em relação ao daimyo. Era essencial não mostrar agitação. Causaria a catastrófica impressão de segredos a esconder...

– Hideki-dono parece ansioso por destilar insinuações... – o Akaoni respondeu, impassível. – Talvez ansioso *demais*.

Um relance duro do shogun, a ambas as partes, nesse ponto extinguiu o diálogo. A aura desagradável do ambiente se adensou. Secando os olhos, Ashigawa Oyu fungou baixinho. O shogun, taciturno, observou longamente seus convidados, em busca de um sinal, um indício delator que, sabia, não haveria de achar. *Hoh*, mas o culpado estava presente... Isso era *certo*.

Tetsuyama Osamu, movido por vingança; Ryu Hideki, com aquela máscara de empáfia, ou seu aliado Kyuumura Koji, inexpressivo como um muro de pedra; Okamura Hayate e seu temperamento violento, ou Shikamori Akira e seus modos rasteiros; Ochi Kagetora, neutro e dado a caprichos; o conselheiro Okori Noriyuki, ou o kuge Minamori Yoritomo; Kujou Masamoto, honorável *kampaku* a serviço do Imperador Sora, talvez a cobra mais ardilosa naquele maldito emaranhado sibilante... Yoshinobu poderia apostar a própria cabeça que a resposta não se estendia muito além daquele círculo.

– Ashigawa-sama...

Ele se voltou ao chamado feminino. Solene, a senhora Minamori Mitsue fez-lhe reverência, em pedido para falar. O velho assentiu num gesto curto.

– ...Devido ao terrível ocorrido, meu marido humildemente sugere que o segundo filho de Ashigawa-sama seja trazido de volta à capital.

Oyu ergueu a postura, o olhar se aguçando em perturbação. Seu filho mais novo, Yoshinaga, há meses vinha acompanhando a batalha em Mutsu. Agora, com a morte de Yoshitane e de sua linhagem, ele era o único herdeiro direto do shogun...

Oh, precisava ser trazido a Kyoto a salvo!

– Agradeço a diligência de Minamori-dono, embora tal observação já tenha sido considerada por minha pessoa – Yoshinobu anuiu. – Providências para garantir o retorno do novo herdeiro serão tomadas.

Voltou-se, então, para todo o aposento.

– Espero, neste momento de perda e indignação, poder contar com a cooperação de todos os honoráveis presentes. Peço-lhes que, embora encerradas as festividades, não se ausentem do palácio até que esse atentado abominável seja esclarecido. Seus relatos podem vir a ser de vital utilidade.

Todos concordaram em pronta medida. Taiken, ao se curvar, franziu um pouco a fronte. Seu receio, intenso desde aquela aurora, aumentou. Então, estariam presos até o mandante do assassinato ser descoberto, pensou ele.

“...Descoberto... ou *escolhido*.”



Kazuo, mais uma vez, olhou pela janela em direção ao portão. O Sol se pusera há mais de uma hora, mas ainda não havia sinal de retorno de seu avô à mansão Itou. Era esperado. Com o assassinato do príncipe Yoshitane e sua família, sem sequer traço dos responsáveis, o palácio do shogun devia estar em caos.

“Ojii-sama disse que tentaria me transferir para uma posição em Kyoto, após terminada a agitação do Hanami... Mas, com isso acontecendo...”

Um bater leve e familiar à porta o fez se voltar.

– *Dozo.*

A shoji correu sem barulho, e Kotone apareceu à soleira do quarto. Kazuo lhe indicou que entrasse, e, enquanto a moça o fazia, espiou de novo pela janela. Nada.

– O jantar está pronto?

– Ainda não... Apenas vim ver se Kazuo-dono precisa de algo.

Ela se acomodou à sua frente, as mãos cruzadas com certa tensão. Sob os gestos contidos, parecia tão incomodada quanto ele, Kazuo observou...

– Estou bem, *domo.*

– Devemos esperar por Itou-sama, antes de servirem a refeição?

– *Iie*... Não acho que ojii-sama voltará hoje. Dadas as circunstâncias...

Kotone anuiu. Seguiu-se um silêncio curto, mas nitidamente ansioso.

– Algo tão terrível... – a jovem mexeu na gola das vestes, receosa. – Quem seria capaz de ordenar um ataque como esse?

Kazuo a olhou de volta, o semblante inquieto. No fundo, temia pensar a respeito. Shinobis no palácio do shogun... na última vez em que acontecera, o envolvido fora...

“...*Iie.* Mesmo que então tenha sido de fato obra do Akaoni... Enviar um espião, ou mesmo um assassino contra um daimyo inimigo é uma coisa.”

...Mas atentar contra o clã Ashigawa... Isso era *alta traição*. Os Tetsuyama não o fariam. Não algo tão desonroso.

O rapaz meneou a cabeça.

– Eu... realmente não sei.

O silêncio se repetiu. À luz tímida da lanterna, as sombras do casal oscilavam suavemente nas paredes. Lá fora, no firmamento sem nuvens, um arco de Lua Crescente reluzia pacífico.

– ...É provável que eu logo retorne ao fronte.

O anúncio atraiu o olhar de Kotone.

– Com a morte do herdeiro... – Kazuo analisou – suponho que Ashigawa-sama irá determinar o regresso do segundo príncipe a Kyoto.

– Kazuo-dono... acha que será apontado para entregar-lhe a convocação?

A voz dela transparecera apreensão, o que fez o jovem oficial esboçar um sorriso. Sempre preocupada com ele, com a família, com o bem-estar de todos... Sua esposa era mesmo uma pessoa amável, *neh?*

“...Você é muito afortunado, Kazuo.”

– Talvez – disse, em tom tranquilizador. – Mas ficarei bem, Kotone-san.

Ela assentiu num gesto discreto.

– Lamento por deixá-la de novo.

– Não há o que lamentar. É o dever de Kazuo-dono, *neh?*

Kazuo sentiu nova admiração diante a serenidade da moça. *Hai*, Kotone era de fato amável. Cuidadosa, madura... E tinha uma compleição deveras bonita. Aquele pequeno sinal castanho que arrematava-lhe o sorriso...

Ele se inclinou e o pontuou com os lábios, trazendo devagar a esposa para mais perto. Ela passou os braços por sobre seus ombros, e correspondeu a carícia, cerrando os olhos e roçando mansamente o rosto no seu. O toque de Kotone... acendia em seu corpo um calor brando e agradável.

Mas trazia-lhe à mente, agudo, o pesar de um sentimento mais profundo.

“*Ame-san...*”.

...Ele não conseguiria esquecê-la tão simplesmente, *neh...?* Ainda que houvesse, com disciplina, mantido-se distante...

Parte sua estava feliz; *realmente* feliz por ver Ame recuperar o único amor que já tivera. Era mais do que ela ousava sonhar há anos... Mas... outra parte, por mais que ele tentasse evitar, ainda doía. Se Taiken houvesse continuado em exílio da capital, e Ame, vivido como sua consorte... ela teria acabado por amá-lo?

...Talvez.

Lamentar a perda de um *talvez* em detrimento de um sentimento muito maior, o qual Taiken merecia, e Ame provavelmente jamais chegaria a ter por ele... Era mesmo muito mesquinho de sua parte.

A um suave correr de dedos em sua face, seus olhos de repente fixaram Kotone. O nariz ainda quase tocando o seu, ela lhe dirigiu uma delicada expressão interrogativa – claramente incerta quanto a sua disposição. Francamente, Kazuo pensou, ele mesmo não tinha certeza... Sentiu-se embaraçado.

– Jantar – disse, então amenizou a reação monossílaba. – ...Um pouco de sake me fará bem. Kotone-san também deve estar com fome.

– *Hai...* – ela concordou num pequeno sorriso, e pôs-se de pé. – Foi um dia tenso, então pensei convir uma refeição leve. Peixe fresco e tonjiki com ameixas em conserva, espero que apeteça a Kazuo-dono?

– ...Está ótimo, Kotone-san. *Domo.*

– Providenciarei para que seja servido.

Ela fez mesura curta, e deixou o aposento. Kazuo ouviu sua consciência acusá-lo num suspiro curto e seco, peculiarmente similar aos de seu avô. Era mesmo um parvo... Divagando por um afeto não correspondido, tendo uma esposa tão primorosa a quem dedicar sua atenção...

“Aceite, Kazuo. É o melhor para ela. E vê-la feliz, ainda que com outra pessoa... não é o que você mais deseja?”

...*Hai.*

Lá fora, distante, um pio insólito de gralha arranhou o silêncio noturno.

...Taiken, àquela altura, já devia ter entrado em negociações com Ryuu Keshi, ocorreu ao rapaz.

Tetsuyama Taiken... Não era mesmo possível que alguém como ele estivesse envolvido naquele ataque abjeto aos Ashigawa.

...Era?

Ele respirou fundo, e mirou de novo pela janela. Em frente ao portão, iluminado pelos tocheiros nos muros, estavam apenas os samurais do primeiro turno da noite. Kazuo baixou o olhar para Risei, alinhada a seu lado, e a katana pareceu emanar sobre ele uma onda dolorosa de nostalgia. Há dez, doze anos... a maior de suas preocupações era vencer a próxima partida de duelos amistosos no dojo de Aoki-sensei... Taiken era seu amigo. Ame era sua amiga. Subitamente, ele sentiu profunda falta daqueles tempos...

E lastimou observar como, agora, nada mais era tão simples.



– Considerando os postos dos guardas mortos, e os possíveis caminhos livres do olhar dos que nada perceberam, durante a noite... é possível que os shinobis não tenham tido o objetivo específico de matar Yoshitane-sama.

O shogun franziu a testa, cansado, diante o relatório de Itou Tatsuya. Já era quase noite, e desde que fora acordado pela brutal notícia naquele início de manhã, não se ocupara com assunto outro que o inesperado assassinato de seu filho mais velho. Mas... fundo em seu interior, tinha a horrível impressão de que ainda não tivera tempo de absorver a ideia, e realmente sentir a própria dor pela perda.

...Bem, desabar em lágrimas como uma mulher não lhe serviria de nada, *neh?*

– ...Tatsuya diz... – ele inspirou fundo, concentrando-se – por Kuzu-hime e as crianças também terem sido mortas?

– Estavam todos a poucos aposentos de distância uns dos outros... – o general fez que sim – ...e numa área fechada, onde anular quatro vigias bastou para os intrusos.

– Os aposentos de Sakuya, então os de Oyu, então os *meus* estavam adiante... – Yoshinobu ponderou.

– Embora, com algumas curvas imprevistas e ao menos uma dúzia de samurais pelo caminho.

– Os ratos preferiram eliminar Kuzu-hime, um alvo menos vital mas próximo, a tentar alcançar Yoshinobu-sama – Tatsuya concluiu. – Foi um ataque oportunista. Minha suspeita é a de que conseguiram entrar pela face Oeste do torreão, e assassinaram todos os Ashigawa a quem tiveram fácil acesso.

O shogun assentiu num movimento pesado. Fazia sentido. Então, talvez mais do que a morte de Yoshitane, o culpado desejara lesar seu clã... e fazê-lo sem correr riscos, sequer indiretos, de se expor.

– ...Isso indica que podemos esperar mais atentados.

– E que, talvez, esse não tenha sido o primeiro.

O olhar de Yoshinobu se aguçou.

– A recente tentativa contra a vida de Kiyoko-hime por envenenamento, sobre o qual Yoshinobu-sama me informou... Não acredito que seja coincidência.

– De fato... – ele franziu o cenho de novo, agora em percepção. – Kusachi-sensei não conseguiu rastrear a origem desse verme, tampouco...

– ...Que, vendo sua estratégia descoberta, também recuou – apontou Tatsuya. – O padrão de ataque é o mesmo, apesar dos meios distintos. Creio estarmos tratando de um mesmo executor, ou, mais certamente, de um mesmo mandante.

O shogun assentiu em gesto pesado, então fez-se breve silêncio. Rígidos à porta, os guardas miravam o vazio como estátuas. Em frente à shoji, passou pelo corredor uma sombra feminina, de cabelos compridos e uchiki deslizando pelo tablado polido.

– É fato que o veneno começou a ser usado contra minha sobrinha antes da vinda dos daimyos à capital... – Yoshinobu coçou os bigodes grisalhos – mas isso não exclui a chance de um deles ter sido o

responsável.

– Yoshinobu-sama tem algum suspeito em mente...? – Tatsuya perguntou, voz e compleição tomando um aspecto sombrio.

O outro soltou um riso áspero pelo nariz.

– Quisera fosse apenas um.

– Eu asseguro, se o responsável pela morte de Yoshitane-sama deixou para trás seja um único fio de sua teia... terei de descobri-lo.

– Temo que não venhamos a ter tamanha sorte – o shogun suspirou. Não saberia dizer o que doía mais àquela altura, sua cabeça ou suas costas... Sentia-se estafado.

– Quanto a Yoshinaga-sama... – mencionou Tatsuya – tenho ordem para enviar-lhe a convocação de volta a Kyoto?

– *Un*. Entregarei a carta a Tatsuya pela manhã. Tome providências para que ele a receba tão logo quanto possível.

– *Hai*. Peço que me permita apontar meu neto para a tarefa... Kazuo é um bom cavaleiro – o velho hesitou, então concluiu de cabeça baixa – ...e minha família está em profundo débito para com Yoshinobu-sama.

O shogun consentiu.

Então... Yoshinaga era agora seu herdeiro, *neh*...? Um temperamento algo mais impetuoso que o ideal, mas...

“...Ele com certeza ficará surpreso.”



Num estalo e um zunir agudo, a seta se lançou ao céu limpo, já na última hora de azul antes do poente. A formação de patos se dissipou pelo ar em todas as direções, ágil e caótica, então voltou a se conformar, seguindo um novo líder em curva ampla rumo ao topo da montanha. Uma única ave castanha não seguiu o movimento, despencando reto para o solo com um peso que há um piscar parecia não ter. O arco longo ainda em riste, Ashigawa Yoshinaga soltou uma exclamação satisfeita.

– *Hoh!* Outro tiro perfeito, Yoshinaga-sama! – os samurais ao redor aplaudiram.

– Incrível! Três líderes em seguida!

– Se Yoshinaga-sama continuar, logo nenhum deles irá mais se dispor a voar na frente do bando, *neh?*

Risos e mais palmas entusiasmadas se seguiram. Olhando as aves desaparecendo à distância, Yoshitane puxou seu cavalo pelos arreios, e o animal o seguiu obediente até o topo descampado da colina, um franjado de seda rubra oscilando diante do largo peito branco. O príncipe parou junto ao irmão mais novo, e soltou um riso curto diante de sua expressão orgulhosa.

– Impressionante! Eu não poderia fazer melhor, e admito, isso me incomoda.

Sentado numa cadeira de assento brocado, posta a poucos passos dali, o shogun riu do comentário. Os dois filhos se voltaram para ele. Eram os únicos que sua esposa lhe dera, bem como os únicos com idade o bastante para acompanhá-lo em suas caçadas – francamente, eram também seus favoritos. Yoshitane e Yoshinaga; Inverno e Verão em pessoa. Ambos tinham rosto quadrado e traços sólidos, de lisonjeira semelhança aos seus. Ambos disciplinados, competentes e inteligentes – embora, na natureza do último quesito, suas diferenças já fossem claras.

O mais velho, Yoshitane, há pouco completara vinte e seis anos. Era quase alto, um tanto corpulento e muito quieto. Tinha um tino agudo para política, e uma percepção afiada. Pensava muito antes de tomar qualquer decisão, e quando o fazia, perseguia seu objetivo com paciência. Bom poeta e bom arqueiro – Yoshinobu não se lembrava de vê-lo perder um único de seus dez tiros, naquela tarde.

Yoshinaga, o mais novo, estava à beira dos dezessete. Baixo e esguio, talvez em alguns anos tomasse mais corpo. Seu raciocínio era rápido, e sua resolução, admirável. Gozava de uma noção espacial e estratégica mais digna que a de muitos militares que o shogun conhecia. Tocava koto com notável naturalidade, e tratava o arco com o mesmo ímpeto que dedicava a qualquer outra coisa. Devia ter disparado mais de vinte flechas até agora... bem, acertara a maior parte delas, era verdade.

– Yoshitane, parece que desta vez acabará vencido por seu irmão mais novo – o shogun se pôs de pé, alcançando o próprio arco num suporte ao lado do assento.

– Temo que sim, *neh...?* Sempre me orgulhei de minha pontaria, mas não posso competir com a energia de Naga. Estou surpreso por seu braço suportar tanto esforço.

– Ora, ani-ue... – o mais novo sorriu, altivo – está dizendo que minha técnica se resume a ritmo?

– Façamos um jogo, então – Yoshitane sugeriu, indicando a aljava às suas costas – na próxima

revoada. Três tiros cada; vejamos quem acerta mais vezes.

Do arvoredo seco aos pés do morro, os cães vieram latindo excitados, um deles trazendo a ave abatida entre os dentes. Num disparo, esse subiu a encosta rasa e foi até Yoshinobu, soltou o pato a seus pés e sentou ofegante, o rabo curvo pendulando com diligência. O shogun afagou-lhe rapidamente a cabeça em aprovação.

– Parece uma boa ideia – avaliou, ajeitando o hakama, e se dirigiu ao comandante da escolta, ao redor do qual os outros cães se aglomeravam. – ...Okabe-san! Ainda há tempo para uma última revoada?

O homem mirou o céu de relance e confirmou.

– *Hai*, tono-sama. Há uma lagoa propícia a alguns minutos daqui.

– *Yosh* – Yoshinobu sorriu para os filhos – prossigamos.

Uma curta cavalgada os levou a descer a colina, então trilhar uma senda estreita ao redor da montanha, rumo a Oeste. Em certo ponto, diante de um fio d'água que vinha escorrendo frio de pedras limosas floresta acima, Okabe lhes indicou que deixassem os cavalos e seguissem a pé, por um breve trajeto íngreme que culminou num promontório rochoso, amplo e rugoso. Abaixo e adiante, cercado de salgueiros, um charco era visível por entre as folhagens.

– Quando convier a tono-sama, darei sinal para que soltem os cães, lá embaixo.

O shogun anuiu, e, do centro do elevado, apreciou a paisagem por um momento. O Sol estava prestes a tocar o horizonte, e a luz começava a minguar sobre a montanha em nuances alaranjadas. Ao Sul, a sombra de Kyoto se esparramava pelo vale. O vento começava a tomar fôlego para a noite... Era melhor terminar logo com aquilo, seria um estorvo retornar ao palácio muito tarde.

– Chichi-ue... – Yoshitane, que acabava de se posicionar à beira da rocha, atraiu seu olhar – gostaria de se juntar a nossa pequena competição?

– *Hoh*, já atirei o bastante por hoje – ele negou. – Contentarei-me em observar.

Seu filho mais velho assentiu, e se voltou para o irmão, que se esgueirara até um ponto ainda mais próximo da borda, a três passos dali. Yoshinaga respondeu seu olhar num riso de desafio, e levou a mão enluvada à aljava às suas costas. Yoshitane imitou o gesto, e pôs sua primeira seta em posição. Viraram-se para o pai, que, em silêncio, fez sinal para Okabe. O comandante pôs um pequeno apito de madeira entre os lábios, e o soprou num fôlego curto. Ao pio agudo, seguiu-se um instante de silêncio, então, longe e abaixo, latidos em movimento.

Num farfalhar intenso, dezenas de patos marrons subiram grassando detrás das árvores para o céu. O primeiro tiro foi de Yoshinaga. A longa flecha cortou o centro da nuvem oscilante de pássaros, e a dividiu em duas, mas passou reto sem acertar alvo. O arco de Yoshitane girou em seguida. Uma ave à margem do grupo à esquerda caiu.

– *Um!* – ele comemorou, e nesse tempo armou a segunda seta. Poucos metros a suas costas, Yoshinobu sorriu.

O mais novo atirou outra vez, mirando o cabeça da formação recém-organizada à direita. Atingiu-o em cheio, e sua forma desabou num estalo de penas. Os outros patos se agitaram, rodando em confusão até o emergir de outro líder.

– *Um!* – o rapaz exclamou, e ao mesmo tempo Yoshitane disparou sua segunda flecha. Passou a menos de um palmo de um alvo, mas caiu sozinha, desviada pela brisa. Ele armou o último tiro num resmungo frustrado. Sua primeira falha do dia...

Atirou de novo, com mais pressa do que gostaria – as aves estavam se afastando. Achou que erraria, àquela distância e com tão breve cálculo... Mas acertou. Pouco mais que um ponto escuro contra o

poente, seu alvo caiu em algum lugar na floresta abaixo. Ele riu, de surpresa e satisfação.

– *Dois!*

Voltou-se para o irmão.

– Conforme-se, Naga! Estão longe demais!

– Ainda não... – o outro retorquiu sem olhá-lo. Hesitou, procurando uma mira no céu, a corda esticada em posição. Se errasse o tiro, perderia para Yoshitane... e todos os patos, àquela altura, pareciam já fora de alcance...

Então, num passar de visão periférica, ele viu. Um deles ficara para trás! Virou o corpo bruscamente para o Sul, e alinhou a seta com a forma esvoaçante. Ao seu lado, o irmão abriu a boca, e, a suas costas, o shogun deu um pulo de alarme onde estava.

– *Naga, IIE!*

Ele já soltara a flecha. O arco girou, crepitando, e bateu com força em seu pulso. Seu olhar arregalado acompanhou a seta escura, que, em trajeto seco, trespassou o alvo. O pássaro girou rumo ao solo, uma asa cinza batendo em inútil espasmo. Era pequeno, muito pequeno, e Yoshinaga teria se orgulhado da precisão, não houvesse, nisso, sofrido o baque do entendimento. Aquilo... não era um pato. Era um pombo.

Um pombo solitário que rumava para Kyoto.

Latidos distantes ainda emanavam de metros abaixo, mas o promontório foi tomado por silêncio. O diminuto pássaro abatido sumiu ao atingir as copas no vale. Yoshitane engoliu em seco, a alacridade de segundos atrás varrida do rosto.

– ...Podia ser uma mensagem do fronte – Okabe traduziu, em voz muito baixa, o receio geral.

Yoshinaga se voltou para o pai a tempo de ver seu rosto corar de raiva. Largou o arco e se prostrou onde estava, em reverência aflita.

– Por favor, perdoe-me...!

– *Seu tolo irresponsável!* – o shogun avançou, furioso. – *Pense antes de agir!*

– Chichi-ue, foi minha culpa! – interveio Yoshitane. – ...Eu pressionei Naga com minha provoc...

– Yoshitane, *saia da frente* de seu irmão *NESTE INSTANTE!*

O primogênito retraiu os ombros, e quase olhou de soslaio para Yoshinaga, mas temeu nisso irritar mais o shogun. Obedeceu de cabeça baixa. Yoshinobu deu um par de passos largos, parando diante do segundo filho, e o comandante da escolta abriu a boca para recomendar ao senhor cautela com a borda – mas achou mais sensato ficar calado.

– ...Você faz *ideia* do que pode ter acabado de causar?! – o príncipe não ousou erguer o rosto, mas podia sentir o olhar do pai comprimindo-lhe a nuca. – E se aquela ave veio de Mutsu? E se sua estupidez tiver levado *informações de guerra* a serem perdidas, ou *interceptadas*, Yoshinaga?!

– Eu lamento imensamente, chichi-ue! Não tenho desculpas!

O shogun se virou para Okabe, que empertigou a postura de pronto.

– Traga os cães de volta. A caçada acabou.

– *Hai*, tono-sama.

– E convoque mais homens – ele deu as costas para os filhos, voltando ao centro da rocha. – Temos um maldito pombo morto a achar *no escuro* antes das raposas.

O oficial se curvou em confirmação, e correu trilha abaixo, desaparecendo além das árvores. Uma difusa faixa dourada se colorira no horizonte, anunciando o início do poente. Ao redor, folhas secas chiavam ao vento em intervalos imprevistos.

Yoshinaga respirou fundo, e ergueu devagar os olhos para o pai. Esse, retirando a yugake da mão direita, encarou-o em resposta com cenho fechado.

– Eu voltarei ao palácio – guardou à cintura a luva, de minúscula estampa floral. – Yoshitane acompanhará a busca. Esperemos que se trate de um pombo ordinário.

O primeiro príncipe assentiu em mesura grave.

– Quanto a *você*... – o shogun falou ao outro. – Quatro patos abatidos durante seu jogo, *neh?* Pois desça a montanha com dois samurais e trate de recolher *todos eles!* Não dê *um passo* para dentro de Kyoto antes de recuperá-los, *entendido?*

– *Hai!* – o rapaz tocou o solo áspero com a fronte.

Yoshinobu suspirou pelo nariz. Sabia que provavelmente fora apenas um pombo comum... Mas o erro de Yoshinaga não fora de fato o alvo; fora o tiro imprudente.

– Pense, nesse tempo – concluiu – em como seus atos têm *consequências!*



– Não quero mais ficar aqui! Quero voltar para casa!

Ryuu Masako suspirou, afastando uma temari azul no tatame para sentar em frente ao filho. Junto ao

kichou [\[103\]](#), a ama se esticou e apanhou a bola de seda a meio caminho de rolar para o corredor, espiando de sua senhora para a porta aberta além dos painéis. Desde que ouvira sobre a morte do filho do shogun, o jovem príncipe estivera assustado o dia todo... Mas, agora, com o anoitecer, seu temor crescera ainda mais.

“*Hoh*, espero que okugata-sama consiga acalmá-lo... Oyakata-sama pareceu tão tenso durante o jantar... Se esse choro continuar, é certo que ficará irritado.”

– Ora, Daichi... – Masako estendeu os braços para o menino – venha cá, por que está chorando assim?

Ele a fitou por um segundo, os olhos turvando-se de lágrimas, então fungou alto, abrigando-se num pulo entre suas mangas. A mulher o abraçou e abriu um sorriso calmo com esforço, o coração apertado. Pobrezinho, ele estava tremendo...

– Por favor, haha! ...Estou com muito medo! Quero ir embora!

– Oh, Daichi... – ela falou com toda a tranquilidade que conseguiu transmitir. – Vamos, não chore... Não podemos ir embora. O shogun precisa de ajuda para descobrir o culpado pelo que houve.

– Outra pessoa pode ajudar! – ele meneou, inconformado. – Não quero ficar aqui e ser morto por shinobis! *Quero sair!*

Soluçou, e se encolheu mais contra o peito da mãe, num som longo e infeliz.

– ...Não podemos ir contra a vontade do shogun, Daichi – Masako atraiu o olhar do filho. – Sei que quer voltar para Nagoya... mas precisamos esperar.

Ele a olhou desapontado, a respiração ofegante pelo choro. A mulher sorriu, e pôs-se a limpar-lhe as lágrimas do rosto com a manga.

– Daichi não quer ser um grande samurai...? Então, precisa aprender a ser forte e paciente, *neh?* Seu pai ficará aborrecido se o vir chorando.

O príncipe anuiu tristemente, e a abraçou de novo, agora em silêncio. Suas mãos haviam agarrado os lados da gola de seu uchiki, Masako observou, e viu-se abrindo um sorriso de carinho que, por um instante, abrandou o ar sufocante da noite.

– Está tarde. Daichi precisa dormir.

– *Iie...* Quero ficar com haha.

– Se dormir junto com haha, irá se sentir melhor?

Ele fez que sim num gesto lento.

– Então, está resolvido – Masako acariciou-lhe os cabelos, e se dirigiu à ama. – O futon em meus aposentos está posto?

– *Hai*, okugata-sama. Mas levarei outra coberta para Daichi-sama.

Ao assentir da senhora, a mulher fez reverência longa, deixou a temari em frente ao kichou, e saiu em silêncio. Por um longo momento, o cômodo, o corredor, toda a ala Leste ao alcance dos ouvidos mergulhou em quietude. A luz bruxuleante da lanterna fez Masako se sentir cansada. Que dia horrível... Não era surpresa que Daichi estivesse tão agitado. Ela própria gostaria que pudessem partir dali naquele instante.

O shogun parecera tão perturbado na convocação geral, naquela manhã... e, com o que dissera sobre esclarecer o ataque... Masako não achou que a comitiva de Nagoya, ou qualquer outra, teria permissão para deixar o Hana-no-Gosho tão logo.

Não até que o mandante do atentado fosse descoberto, ao menos...

Um arrepio gélido de temor percorreu seu corpo. Ela se voltou para Daichi, cujo abraço em seu colo havia relaxado, e o viu ressonando num leve início de sono. Cingiu-o nos braços, agasalhando-o sob o uchiki verde-água, e pôs-se de pé com cuidado.

“...E pensar que o tranquilizei sobre shinobis em Kyoto há menos de um mês...”

Respirou fundo, e deixou a sala. À direita, três pares de guardas em uniformes azuis se dispunham até o fusuma sem adornos ao final do corredor, dez metros adiante. À esquerda, mais deles pontuavam o trajeto até a curva a quatro aposentos dali. À face oposta do caminho, nos cômodos que se abriam para a varanda e o jardim, as shojis estavam fechadas, sombras duras de sentinelas insinuadas através do papel. O general Atae, naquela tarde, remanejara os postos dos samurais a fim de reforçar a segurança... Uma medida prudente; mas que a Masako parecia intensificar a atmosfera pesada.

Ela seguiu pela esquerda, e logo antes da curva, que seguia para a sala de banho, entrou num amplo cômodo de circulação ao lado. Mais guardas sentavam diante de cada fusuma. A mulher cruzou o recinto rumo a um dos painéis, ornado com a diluída pintura de um vale cinza e dourado, e os samurais ali a postos o abriram prontamente. Masako se adiantou novo corredor adentro, à direita, em direção ao próprio quarto.

Parou de súbito para evitar um esbarrão em Nobutaka.

– Oh!

– Perdão...

Daichi moveu um pouco o rosto, mas voltou a se apoiar no ombro da mãe, num suspiro baixo. Masako ergueu os olhos para o hatamoto, surpresa. Não esperava vê-lo ali.

– Masako-sama... informei a suas amas há um momento – ele explicou, notando sua confusão. – Sugeri a Hideki-sama após o jantar que o uso dos cômodos fosse alterado. Estava a caminho de seus aposentos?

– ...*Hai*.

Adiante, um correr de shoji soou na penumbra, e de além da próxima curva duas servas vieram trazendo mantas de futon dobradas.

– Peço a Masako-sama perdão pela inconveniência.

– *Iie*. Agradeço a Atae-dono pelo bom trabalho – ela se moveu de lado, indicando às amas que seguissem caminho. – Então, nesta parte da ala...

– Ficarão os escritórios e aposentos dos vassallos mais graduados. Masako-sama e Daichi-sama serão acomodados nos antigos quartos do casal Kyuumura.

– E tono-sama?

O general sorriu, parecendo orgulhoso da resposta.

– A duas portas da sala de banho. Mais próximo da área externa, e pouco simples de se guardar sem

alarde... mas inesperado.

Ela retribuiu a expressão, embora mais polida que sincera. Sentiu-se apreensiva. Além do fusuma fechado a suas costas, as servas já haviam se afastado, indo organizar suas novas acomodações.

– ...Atae-dono...

– *Hai?*

Masako hesitou. Provavelmente não deveria perguntar... mas a dúvida era demasiado aflitiva. Certificando-se de que Daichi dormia, e ninguém mais poderia ouvi-los, inquiriu, grave e muito baixo.

– ...Tono-sama... teve algo a ver com esse atentado?

Por um segundo ele a encarou de volta, um desconforto aparente, mas de motivo insondável, nos olhos. Talvez estivesse admirado que o senhor não informasse a própria esposa quanto a ações dessa magnitude; talvez, espantado que ela considerasse o marido capaz de tal traição... talvez, embaraçado por a resposta ser por ordem sigilosa?

...Ou apenas *positiva*?

– *Iie* – ele respondeu, também num sussurro. – Por favor, não tema tal coisa.

Uma segurança inegável emanara de sua declaração. A mulher assentiu em gesto aliviado. Em seus braços, Daichi ressonou fundo, e ela o acomodou melhor, ajeitando a gola do uchiki. Nobutaka soltou um pequeno riso, o que de repente tornou o ambiente espantosamente mais confortável.

– Vejo que Daichi-sama já adormeceu.

– Foi um dia difícil – Masako fitou o menino com ternura. – Pobre Daichi, ficou tão amedrontado com o ataque... Implorou-me para ir embora. Eu apenas gostaria de poder atender a seu pedido.

– É o desejo de todos, suponho... Inclusive de Hideki-sama.

Silêncio. Masako espiou o caminho por onde viera. Era melhor ir... Aquele lugar provavelmente estava vazio demais para ser adequado.

– Bem, trataremos de nos instalar nos novos quartos – ela sorriu em mesura curta. – ...*Oyasumi nasai*.

– *Oyasumi nasai*, Masako-sama.

Masako refez seu curto caminho pelo corredor. Bateu os dedos no fusuma, e, do outro lado, os samurais abriram os painéis novamente. Ela então se dirigiu a outra porta, à direita, rumo às salas antes ocupadas por Kyuumura Kentaro. Caminhava sem pressa para não acordar Daichi... mas, dentro do peito, sentia ainda uma agitação persistente.

Nobutaka dissera com decisão que Hideki não estava envolvido com a morte de Ashigawa Yoshitane... Mas... teria mesmo sido sincero?

...Ou, em sua gentileza, quisera protegê-la da verdade?



O luar mortiço entrava difuso pela janela, sugerindo, tênues, contornos da mesa junto à parede, da lanterna de chão apagada, do pequeno biombo baixo ao lado do futon. Kentaro piscou, abatido, fitando a densa sombra do teto. Virou-se de lado. No suporte de katana, uma quina de prata em ângulo exato faiscou à luz incipiente, em agudo fulgor branco. O rapaz suspirou, incomodado, e puxou as cobertas fofas, girando o corpo na direção oposta. Ao som abafado, a silhueta de Akiko ergueu a cabeça do travesseiro.

– ...Kentaro?

O chamado suave no escuro o confortou involuntariamente.

– Algo errado?

– Não é nada... Pensamentos demais.

– Oh?

Akiko se aproximou, e Kentaro sentiu-a pousar os dedos em seu pulso. Um fraco reflexo denunciava os olhos e traços da jovem na penumbra.

– Não é seu costume perder o sono, assim... O que houve?

Ele inspirou fundo, e sentou, afastando os cobertores. Akiko imitou o gesto, e o olhou preocupada. Devia ser já noite alta... o ar estava tão quieto que era incômodo.

– Aquela visita a Oryuu-ji... – ele expôs em voz baixa, a postura encurvada. – Desde que soube do atentado de ontem à noite, não consigo parar de pensar...

Voltou-se para a esposa, apreensivo, e ela se acomodou ainda mais perto, o rosto apoiado em seu ombro. Kentaro concluiu num sussurro.

– ...Havia algo de errado, naquele dia. O monge que nos recebeu tinha um sorriso dissimulado... Atae-dono estava nervoso, sem razão aparente... Ryuu-sama se ausentou por tempo considerável, e quando reapareceu, a tensão ficou ainda mais clara. Não foi uma ocasião trivial, Akiko. O tempo todo, pareceu um ato.

A testa dela franziu em compreensão. Um ato... para mascarar um real propósito ilícito? Do qual sequer os próprios vassallos poderiam suspeitar...?

Algo como...

Ela mirou Kentaro, agitada, e ele assentiu num mínimo gesto vacilante. Procurou a mão dela com a sua, e a enlaçou com firmeza, em parte para confortá-la, em parte para amenizar o próprio receio. Se sua suspeita estivesse certa, e isso viesse a ser descoberto pelo Bakufu...

Nem os Ryuu, nem nenhum de seus vassallos seria poupado.

– ...Talvez eu esteja me atormentando sem motivo – Kentaro por fim suspirou.

Abriu um sorriso fraco, e afagou os cabelos da esposa.

– ...Durma. Akiko voltou a sentir mal-estar esta tarde, *neh?* Precisa descansar.

– *Iie...* quero ficar com você.

– Dormirei também. Prometo. Ter tido esta conversa já foi um alívio.

Ela sorriu. Kentaro puxou de volta os cobertores desalinados, e quando deitou, Akiko se aconchegou a seu peito. De fato, era inútil pensar mais a respeito do templo, das ações de Ryuu Hideki ou das investigações do ataque... Fosse como fosse, não havia o que ser feito.

As mãos de Akiko se fecharam devagar no tecido de seu kimono.

– ...Kentaro...

– *Un...*?

– Eu acho...

Os olhos dos dois se encontraram no escuro. Akiko hesitou, escolhendo palavras ou se perguntando se deveria prosseguir. Parecia insegura... Sabia de outro fato suspeito relacionado ao mestre?

– ...Acho que tudo dará certo – ela concluiu. – Por favor, não se preocupe.

Ele anuiu, sentindo, lenta, uma sonolência branda tomar-lhe a mente.

– ...*Un. Oyasumi, Akiko.*

Capítulo 14

Laço



– ...Então, mais uma vez, nos postamos à beira do precipício.

O suspiro pesado de Tetsuyama Osamu traduziu a atmosfera que, já há dois dias, tomava os aposentos da comitiva de Inaba, na ala Oeste do Hana-no-Gosho. À esquerda do daimyo, Taiken cerrou mais os punhos sobre os joelhos, a postura hirta e o semblante fechado; à direita, Naginata baixou o olhar, quieto, uma amargura funda no rosto pálido. Chiyo verteu um fio de chá na tigela do senhor, à qual nem ele nem ela deram atenção, e deixou de lado o bule, fitando os rostos tensos na sala fechada.

– Independente das suspeitas pessoais do shogun, o Bakufu não pode acusar os Tetsuyama – Hirata Sadanori então considerou. – Não sem provas.

– E que garantia temos de que *provas* não serão *encontradas*? – o segundo filho de Osamu retorquiu. – Certamente o velho Itou pode arranjar indícios comprometedores contra quem seja, se assim convier a seu mestre.

– Não há um corpo de shinobi a ser revistado, ou uma arma deixada para trás, ou qualquer vestígio dos atacantes além das vítimas – o primeiro príncipe contrapôs, seco. – Não será tão simples nos incriminar sem pretexto concreto algum.

Ele mirou o irmão em desaprovação. Aquela reunião mal começara e o moleque já deixava o medo turvar-lhe o raciocínio... *Hai*, tivera ele mesmo duas noites de pouco repouso desde o desafortunado ocorrido. Mas, por algum motivo, a nitidez das olheiras escuras de Naginata lhe era irritante.

O segundo príncipe o encarou de volta, ofendido, mas não disse mais nada. Seus olhos correram de novo para um ponto vazio do tatame. De costas para a porta, ao lado do general Hirata, Sai se moveu um pouco em seu lugar, nervoso.

– ...Distinguir o real responsável nos seria de grande ajuda – Chiyo observou em voz baixa, dirigindo-se ao daimyo.

Osamu assentiu devagar, então soltou um suspiro pelo nariz.

– Não me surpreende se Ryuu Hideki o tiver feito, apenas para nos implicar.

– *Hai*. É muito possível – concordou Sadanori.

– ...E se o culpado não for um dos daimyos convidados? – cogitou Naginata. – O shogun parece se esquecer de que está em guerra. Talvez convenha lembrá-lo.

Os olhares se voltaram para o rapaz em repentina consideração.

– Um atentado idealizado pelos Uzawa...? – o general inferiu com interesse, e se voltou para Osamu. – Seja verdade ou não, dará ao Bakufu o que ponderar.

– *Un...* – concordou o daimyo – se fomentarmos essa hipótese com sucesso, a mira de Itou-dono se desviará para o Norte.

Dirigiu a Naginata um breve aceno de aprovação.

– É uma ideia oportuna.

O príncipe sorriu em modesto agradecimento. “Oportuna”, por ter vindo de sua língua, *neh...*? Fosse sugestão do insigne herdeiro, o pai certamente se daria ao trabalho de conceber um adjetivo mais efusivo...

– Ochi-dono demonstrou interesse em criar laços amigáveis com Inaba, na noite dos fogos – lembrou Chiyo. – Talvez tonô possa persuadi-lo a apoiar essa inculpação dos Uzawa. Será vantajoso a todos se o shogun aceitar tal explicação.

– Os convidados poderão deixar o palácio – Taiken assentiu. – Alguém cauteloso como Ochi-dono gostaria desse resultado.

– Acusar os Uzawa também é uma oportunidade para oyakata-sama reforçar sua oferta de tropas em Mutsu – acrescentou Sadanori.

Um instante de silêncio se seguiu. Osamu correu a mão pelo cavanhaque, o olhar absorto. Lá fora, passos e uma voz feminina fizeram Sai espiar em direção ao fusuma a suas costas. Do outro lado dos painéis, um dos guardas respondeu à fala monossílabo, e os passos se afastaram, leves como haviam chegado.

– A respeito de Mutsu... – Taiken então ponderou, a testa franzida. – Na reunião geral, Okamura-dono pareceu bastante interessado na posição de daimyo da província, *neh?* Apesar de o filho de Kyuumura-dono ter sido recebido com maior aprovação.

Osamu fez que sim, completando o raciocínio do filho.

– ...Pode se mostrar aberto a uma aliança. Mesmo por seu rival mais importante ter o apoio dos Ryuu.

Sadanori transpareceu entusiasmo.

– De fato...! E com Okamura-dono a nosso favor, há grande chance de o Bakufu aceitar reforços militares de Tottori.

– ...Além de conseguirmos mais uma voz apontando o clã Uzawa como autor do ataque shinobi – Chiyo adicionou.

Un, Ochi Kagetora e Okamura Hayate, o daimyo concluiu... Precisava consegui-los como aliados tão logo quanto possível. Antes que a nova reunião geral ocorresse.

– Não há tempo para falhas – ele se dirigiu aos demais. – Em respeito à morte do herdeiro, suponho não convirem eventos festivos...

Olhou para a consorte.

– ...Um discreto convite para jantar, porém, deve ser aceitável?

A mulher assentiu.

– *Hai*. Mas sugiro a tonô que espere ao menos dois dias. Encontros de qualquer natureza ainda são perigosos... Línguas maliciosas poderiam implicar conspiração.

Ele concordou. Em especial se aquele ataque fora obra dos Ryuu para incriminá-lo... não poderia cometer nenhum deslize.

– ...Começamos com Okamura-dono – decidiu. – O velho Ochi-dono será menos esquivo se já tivermos a cooperação do general.



– ...Uma visita para Taiken-dono?

– *Hai*, Hotaru-sama... Uma senhora – a serva confirmou, completando após curta pausa – de aspecto muito distinto.

O Sol vespertino descia vívido no céu sem nuvens, emprestando tons intensos ao jardim. Seguida pela serva, Hotaru fez a passo firme o caminho até a sala em questão. Anuiu em gesto curto para os guardas, então sentou diante da porta, alinhando sob os joelhos a barra do kimono. Respirou fundo em silêncio.

A breve sinal seu, a serva abriu a shoji. O cômodo era claro e vazio, apenas um biombo liso posto de canto. Vibrante em turquesa e carmim contra o plácido ambiente neutro, a visitante se voltou ao correr baixo da porta, e dirigiu à recém-chegada anfitriã impecável reverência longa. Hotaru já imaginara que poderia se deparar com aquela pessoa... Ainda assim, sentiu um baque desagradável.

– *Konnichiwa* – saudou a cortesã, em voz aguda e suave.

Ora, num momento como aquele... o que aquela mulher queria ali?

– ...*Konnichiwa* – Hotaru respondeu o cumprimento em mesura moderada, então entrou na sala e sentou, quieta, diante da outra. Ansiosa ou agitada sob o trejeito fluido, a cortesã uniu as mãos pequenas sobre os joelhos.

– Peço perdão pelo inconveniente... Chamo-me Ametsuyu. Sei que minha vinda não era aguardada, mas peço humildemente a breve atenção de Tetsuyama Taiken-sama.

– Taiken-dono está em reunião com o daimyo. Não pode ser incomodado.

– Oh...

Era claro, a princesa pensou... Ela achava que podia simplesmente surgir ali, sem hora ou anúncio, e convocar o mestre a seu capricho? Que impertinência.

– Então... pergunto-me se posso aguardá-lo, ao menos um pouco? – Ametsuyu pediu, polida. – ...Por favor. Preciso muito vê-lo.

A urgência sincera daquela última fala surpreendeu Hotaru. Que estranho... Ela... parecia mesmo aflita. Por quê? Não toava algo natural, vindo de uma cortesã com quem Taiken tivera uma noite e nenhum laço.

...A não ser...

“*Iie*... Não faz nem dez dias. Ela não poderia saber tão logo...”

Hotaru hesitou. Ametsuyu ainda a olhava. Não havia razão para negar, *neh*?

– ...*Un* – a princesa assentiu – certamente.

Virou-se para a serva à porta.

– Providencie para que Taiken-dono seja avisado ao fim da reunião... Ametsuyu-san está aqui, e pede para vê-lo.

– *Hai*, Hotaru-sama.

Ela fez mesura pronunciada, fechou a shoji e se afastou pelo corredor. Durante alguns segundos, um silêncio denso tomou a sala.

– Hotaru-sama... – Ame então fez, citando a menção da serva. – É sua honorável pessoa a consorte de Taiken-sama?

O rosto da outra transpareceu leve surpresa.

– ...*Hai*.

– Então, nestes anos... – à luz oscilante das tochas que guiavam a comitiva, Ame afastou mais uma vez a cortina da liteira – ...Taiken-sama já se casou?

Ele a espiou de soslaio, ajeitando a katana à cintura e reduzindo o passo para acompanhar o pequeno transporte. Fez que não em gesto lento.

– Tomei uma consorte – voltou a mirar, adiante naquela mesma rua, a sombra do Hana-no-Gosho. – ...Filha do daimyo de Hida.

– Oh... – Ame sorriu em entendimento pela hesitação, mas sentiu, fino como uma agulha, um pesar tolo beliscar-lhe o peito. – ...E tem filhos?

A nova negação veio num riso mais confortável.

– *Hoh, iie...* Hotaru... é ainda bastante recente.

A recente consorte de Taiken... Ame a fitou por um momento. Era três ou quatro anos mais jovem que ela. Um tanto mais alta, também, e de constituição atlética. Parecia curvilínea, mas não tinha um rosto especialmente bonito. O semblante sisudo e o kimono sóbrio sem dúvida não ajudavam, *neh...*?

A cortesã sorriu.

– É uma honra conhecê-la – disse em reverência. – Taiken-sama falou muito bem a respeito de Hotaru-sama.

A moça a mirou de volta como um falcão de caça.

– Ametsuyu-san goza de alguma familiaridade com Taiken-dono, suponho?...

– ...*Hai*. Na verdade... conheci Taiken-sama há quase doze anos.

Hotaru ergueu as sobancelhas em espanto.

– *Hoh...* tanto tempo – murmurou desconcertada, então concluiu, outra vez séria. – Tono... era ainda um garoto quando deixou a capital, *neh?* ...Deve ter mudado muito.

Ame assentiu num baixar de olhos reservado.

O silêncio retornou, insistente e desconfortável, mas não chegou a se prolongar. No corredor, um oco pesado de passos atraiu o olhar das moças. A shoji abriu. Hotaru se empertigou onde estava, e Ametsuyu sorriu com alívio.

– Ame! – Taiken sorriu em alegre surpresa. – Não esperava vê-la aqui!

– Taiken-sama...! – a jovem, em resposta, fez-lhe terna mesura profunda. – Que bom que pôde me receber...!

O ar de súbito se tornou mais ameno, leve de euforia e doçura, e Hotaru se sentiu terrivelmente constrangida. Taiken fechou a porta sem cuidado e se aproximou, e antes que se acomodasse, ela lhe dirigiu a palavra, formal.

– ...Tenho sua licença, tono?

O príncipe se voltou, parecendo só então de fato notá-la.

– *Un...* dozo.

Ela se curvou ao senhor em gesto respeitoso, e à cortesã com polidez suficiente, e deixou o aposento apressada. Que situação embaraçosa... Sua face ardia com tamanha nitidez, ela só esperava não ter sido

aparente.

“Doze anos... é mesmo muito tempo...”

Suspirou. Além de tudo, seu estômago estava doendo...

– Ela é realmente linda, *neh?*

O sibilo a trouxe de seus pensamentos num arrepio. Postado à beira da escadaria, após a curva do corredor, Naginata abriu um riso debochado.

– Linda demais para *ani-ue*, devo acrescentar... – ele espiou na direção da qual a moça viera. –

Quando enfim a vi, na noite dos fogos, até pude compreender por que ele passou anos obcecado.

Voltou a mirar a princesa, perscrutador. Hotaru o encarou de volta com frieza.

– ...Naginata-sama não acha estar sendo rude?

– *Hoh?* – o rapaz se inclinou sobre o corrimão de madeira. – Pelos Kamis! ...Terei magoado uma rígida onna-bugeisha?

– Está ofendendo Taiken-dono – ela retorquiu. – Por favor, pare.

As palavras foram educadas, mas o tom, incisivo. O príncipe parou de sorrir, e a olhou com desdém por um segundo, então suspirou, e se afastou a passo lento escadas acima. Hotaru torceu o nariz. Insuportável... O que ele pretendia, afinal? Fazê-la chorar pateticamente de ciúmes...? Diante *dele?*

Que não tivesse grandes expectativas.

“Taiken-dono... de fato não tem nada menos que minha absoluta gratidão.”

Hai. Então... se ele realmente tinha sentimentos por aquela mulher... e há tantos anos... ela deveria se alegrar por vê-lo reencontrá-la, *neh?*

Un... deveria.



A porta fechou em silêncio, e, por trás da shoji, a silhueta de Hotaru rapidamente se afastou. Taiken, acomodando-se, deixou ao lado a katana, e se dirigiu de bom grado à inesperada visita agradável.

– ...Vejo que conheceu minha consorte.

– *Hai* – Ame abriu um sorriso educado. – ...Hotaru-sama parece muito... severa.

Ele riu do adjetivo, e se virou para a sombra vaga do corredor além dos painéis de papel. Havia ali já apenas as sombras dos guardas, junto à entrada.

– ...Ela é uma mulher forte – concluiu, mais afetuoso do que Ame teria preferido. – Embora, nestes últimos dias, nenhum de nós venha tendo a chance de exercer seu lado mais aprazível.

A cortesã franziu a testa num semblante grave, e lançou um relance para a porta, então se inclinou para mais perto do príncipe. Sussurrou muito baixo.

– O assassinato do herdeiro do shogun... Por isso vim ver Taiken-sama. Tocarei koto durante um jantar no início da noite, mas criei pretexto para vir mais cedo...

Parou, fitando-o apreensiva. A expressão dele também fechara.

– ...Tenho ouvido boatos – concluiu a moça, vacilante.

– Não foi chichi-ue – Taiken asseverou. – Não tivemos nada a ver com isso.

Ela voltou a sentar reta, levando a mão ao peito num suspiro. Que alívio...! Se fosse verdade, estaria preparada para apoiar Taiken de todo coração, mas... Ser culpado de uma afronta tão grave aos Ashigawa o teria posto em imenso risco.

– Há chances de o ataque ter sido um ardil contra Tottori – expôs ele – visando nos incriminar.

– Pelo comentado em Akahana, Tetsuyama-sama é tido como o maior suspeito – Ame anuiu. – Mas é difícil saber o que considerar entre tanto burburinho. Vi mesmo a família Itou ser acusada. Um disparate!

Houve uma pausa, a atmosfera mais pesada. Ame correu os dedos pelas golas sobrepostas dos uchikis, entrefechando-os devagar à cintura. Taiken cruzou os braços e suspirou, a fronte franzida. Mirou a moça de lado. Como ela conseguia estar sempre mais bonita que na vez anterior...?

“Basta, Taiken”, logo censurou-se. Ela não podia ficar. Tinha algum jantar a que comparecer, *neh?* *Uff*, era tão... *frustrante!* Se ele apenas pudesse obter seu contrato, e partir de uma vez daquela maldita cidade...

Voltou-se ao senti-la se apoiar gentilmente em seu braço.

– ...Taiken-sama parece cansado.

– Não estou. Só pensei por um momento...

Concentrou-se de novo no problema em questão.

– E quanto a Ryuu Keshi?

Ame se afastou e pensou por um segundo.

– ...Keshi-sama tem parecido tensa – avaliou. – Mas não notei sinais de que esteja envolvida no

atentado.

Taiken assentiu. Bem, falta de indícios não era garantia de inocência...

Ele hesitou antes de fazer a pergunta seguinte.

– ...Ame teve algum contato com Kazuo-san após o incidente?

A jovem compreendeu o tom cuidadoso. Sendo o avô de Kazuo o vassalo mais próximo do shogun, talvez o rapaz pudesse sugerir a inclinação de suas suspeitas... direta ou indiretamente. Ou... talvez Taiken desejasse saber se o próprio amigo desconfiava da casa de Tetsuyama?

– Kazuo-san partiu para Mutsu na manhã seguinte ao assassinato... Não cheguei a vê-lo – ela explicou. – Oh, mas, Taiken-sama... Kazuo-san o conhece. Estou certa que sequer cogita sua família como mandante de tal coisa.

O príncipe fez um gesto de concordância, com empenho em parecer natural. Ah, Ame... Infelizmente, aqueles estimados mas velhos vínculos não eram mais garantia de nada sólido. Antes de seu amigo, Kazuo era Itou. E como Itou, subordinado absoluto do Bakufu de Ashigawa. De fato, nem ele, nem seu pai, nem pessoa alguma sob o mon dos Tetsuyama tivera parte ou conhecimento na morte do príncipe Yoshitane... Mas, se seu velho amigo estivesse a par de todas as ações veladas de seu clã nos últimos anos...

Certamente o mataria sem vacilar.



– *Ayakashi*? – Tetsuyama Osamu repetiu num riso. – *Hoh!* Então, é dessa forma que estão se referindo ao navio?!

O general Sadanori assentiu, e riu também.

– Não parece que chega-se a ver a numeração de proa, da costa... – explicou. – Os pescadores, então, o tomam por aparição de mau agouro.

O Akaoni soltou outra risada alta de divertimento, que tomou a sala fechada.

– Bem, evita-se o transtorno de eliminar quem se aproxime... – deu de ombros. – Além de desencorajar a atenção de patrulhas oficiais, *neh?*

Taiken, ao seu lado, sorriu em resposta.

Desde o vergonhoso exílio de sua família da capital, há seis anos, o domínio de Tottori viera enfrentando terríveis dificuldades – não somente três tentativas de rebelião de províncias vassalas, como um intenso isolamento econômico. A lealdade e eficiência de seu exército evitara a queda de sua supremacia no Oeste... mas seu comércio interno não bastava para recuperar a posição de potência no país. Mesmo a viagem à China que Naginata realizava, de lucros promissores por retornar em alguns meses, não poderia custear à casa de Tetsuyama planos mais ambiciosos que a manutenção de sua própria situação incerta...

Então, um ano atrás, o eminente clã Uzawa de Mutsu, que há tempos afrontava politicamente o Bakufu, oferecera a Tottori a vital chance de recuperação. A negociação ocorrera com cautela, um mês a fio, por meio de representantes indiretos e encontros velados... Mas, por fim, foi determinada. Mutsu, no futuro próximo, declararia guerra aos Ashigawa – e Tottori trataria de armá-la para tal fim.

O trato envolvia pouco comprometimento de ambas as partes. Inaba, tradicional produtora de armamentos de qualidade, ocuparia um grupo de ferreiros em uma oficina isolada com a forja de espadas, lanças, armaduras e outros equipamentos militares, de ótimas propriedades e acabamento neutro. Certa quantidade concluída, um navio sem identificações partiria com o carregamento, de um pequeno porto clandestino próximo a Tottori, para aportar na remota costa Norte de Mutsu, então retornar, vazio e regimento pago em ouro e prata.

Fomentar tal rebelião contra o Bakufu era um crime de alta traição, punível com execução humilhante de todos os membros das famílias envolvidas, Tetsuyama Osamu sabia muito bem... Mas o retorno financeiro de seus esquivos... *ayakashis* era, diante dos riscos, mais que compensador.

Poucas pessoas, mesmo na casa do daimyo, estavam a par daquele tratado. Seus filhos mais velhos e sua consorte, o general Sadanori, dois hatamotos responsáveis pelo contrabando... ninguém mais. E assim haveria de continuar, para sua segurança.

– Os lucros deste sexto carregamento superaram os do anterior – Sadanori expôs. – ...Quatrocentos e trinta e sete ryos, mais duas arcas de moedas de prata.

– *Hoh*, excelente! – o daimyo exclamou em comemoração.

– Duvido que aquele cão de Owari, com todos os seus preciosos contatos, tenha obtido tanto em meio ano, *neh?* – ponderou Taiken, um sorriso amplo na face angulosa.

– *Un* – seu pai anuiu.

Excelente, absolutamente *excelente*, pensou Osamu... Se continuasse assim, nos três carregamentos anuais, por mais algum tempo... ele logo teria o bastante para pôr em prática seus planos para uma nova ponte em Hida.

Além do que, com os Uzawa preparados para a guerra que pretendiam, muito em breve, iniciar... o Bakufu talvez encontrasse dificuldades em retaliar sua ofensiva, *neh?* Talvez, eventualmente, precisasse recorrer ao auxílio de aliados?...

Aliados como Tottori?

O Akaoni riu consigo de novo, entusiasmado pela ideia. Mesmo se a situação se invertesse, e, no futuro, viesse a seu clã aliar-se ao shogun... Uzawa Tsurumaru não teria evidência alguma que o compromettesse com seu ilegítimo contrato atual.

Era perfeito.

– Só posso dizer que estou mais que ansioso – ele concluiu aos demais, otimista – pela vindoura partida de nosso Sétimo Ayakashi.



– Quatro dias desde a morte de Yoshitane-sama... e Ashigawa-sama ainda não se pronunciou sobre a próxima reunião geral, *neh?*

– Suponho que não o fará até o retorno do novo herdeiro... Para ganhar tempo e avançar com a investigação do ataque antes de definir alianças.

Houve um instante de silêncio.

– ...Acha realmente que foi obra dos Tetsuyama?

Hideki demorou um pouco a responder, pensativo, os dedos brincando distraídos com uma longa mecha dos cabelos da mulher.

– Acho... – avaliou, por fim – que ter certeza não é de fato mais importante que convencer o shogun disso.

Ela riu.

– ...Que cruel.

– Racional.

– *Iie...* definitivamente cruel.

Aconchegou-se mais a ele sob as cobertas, embora o ar noturno estivesse apenas fresco. Aquele toque manso e constante em seus cabelos começava a deixá-la sonolenta.

– ...Seu nome também deve ocorrer como suspeito a Ashigawa-sama – observou ela – o que pode dificultar que o Bakufu aceite reforços militares de Nagoya... e, talvez, prejudique seu aliado na competição pela província de Mutsu?

– Kyuumura Yusuke-san deve temer os concorrentes menos prováveis, é o que está dizendo?

Ela o olhou, interessada, apoiando o queixo nas mãos sobre seu peito.

– ...Hideki-san tem meios de evitá-lo?

O daimyo sorriu.

– *Un...* E nenhum deles é de sua conta.

– Ora, depois de tantos anos... Não confia em mim?

– Confio. Mas nem por isso concederei-lhe vitória em nossas disputas, *neh?*

Um movimento vago soou lá fora. Passos e vozes, e luzes de tochas oscilando no jardim, além da pequena janela alta. A troca para o terceiro turno de sentinela... Abria-se a hora do Rato [\[104\]](#).

– É tarde... – ela se ergueu. – Preciso voltar a meus aposentos.

Hideki a deteve gentilmente pela cintura.

– ...Não vá ainda.

– Meu marido pode notar minha ausência.

– Seu marido não notaria a ausência do próprio nariz até espirrar.

– Hideki-san...

– ...Mitsue-san – ele replicou num sussurro macio – ...fique mais um momento.

Ela hesitou. Logo seria difícil se mover sem alarde pelos corredores, mas... *Hoh*, há quanto não se encontrava com Hideki, fosse em Kyoto ou Nagoya? ...Tempo demais para não se sentir tentada a ceder...

Debruçou-se novamente, e ele a envolveu com os braços num suspiro acolhedor. Seus rostos se tocaram, então seus lábios, demoradamente. Mitsue acariciou a fronte de Hideki, e o fitou na penumbra por um momento. O nariz traçado com precisão, o desenho agradável da boca realçado pelo meticuloso cavanhaque escuro abaixo, o arco das sobrancelhas destacando-lhe o semblante perspicaz... Ora! Aqueles vincos à margem de seus olhos costumavam ser mais suaves, *neh*...?

– ...Eu amo seu rosto.

Ele abriu um riso malicioso.

– Isso é por seu marido ser tragicamente feio.

– Sou feia, também. Suponho ser adequado.

Hideki suspirou curto em desconsideração. Mitsue deitou de lado no travesseiro, dando de ombros num gesto tranquilo.

– Não me incomoda... É um fato. Um homem casado com alguém como Masako-gozen não pode realmente contestar, *neh*?

– Masako é tão estética quanto entediante – ele contrapôs.

Correu os dedos, caricioso, do nariz adunco para os lábios estreitos da mulher, e mirou-lhe longamente os olhos agudos.

– ...Como aquela corça assustada poderia se comparar a tão magnífica raposa?

Ela abafou um riso prazeroso.

– Bons Kamis, essa língua!... Devo ir, agora. Mais de suas lisonjas, e acabarei por me demorar até a aurora.

Ergueu-se, ajeitando os cabelos soltos para trás, e olhou da janela para o fusuma, cerrado além do kichou branco e dourado. Hideki também sentou, a postura algo curva de inquietação, e a viu vestir sem cuidado o kimono íntimo, então duas das três camadas de vestes em tons de palha. Lançou um relance para o céu escuro, lá fora. De fato, seria arriscado prolongar mais aquele encontro...

Mitsue deu uma volta frouxa à cintura com o obi, e passou para o outro lado da divisória. Sentou diante da porta, a silhueta difusa projetada através dos painéis de seda à meia-luz da lanterna. Um bater seco precedeu seu chamado para além da porta.

– Akane.

A ama entreabriu o painel sem barulho, e, após mesura longa, entrou no quarto. Fechou o fusuma novamente, então pôs-se, com destreza, a ajeitar as roupas da senhora. Alinhou as golas dos kimonos, atou o obi em nó sóbrio, apanhou e sobrepôs o uchiki de discreta estampa floral à composição. Mitsue bocejou.

– Oh, será cansativo parecer bem-disposta pela manhã...

– Mitsue-san tem compromissos, tão cedo?

Ela afastou uma aba do kichou, e lançou para o amante um sorriso ladino.

– *Un* – respondeu, igualmente casual – ...e nenhum deles é de sua conta.

Capítulo 15

Transição



O fusuma abriu, e, à soleira do aposento, o jovem casal Kyuumura se curvou em mesura pronunciada. Sentiam-se, os dois, apreensivos. Logo no início daquela manhã, haviam sido surpreendidos pela repentina convocação do mestre... E, agora, deparavam-se na sala indicada não apenas com ele e o general Atae, mas a senhora Masako, os dois novos secretários-gerais e seus auxiliares, um pequeno grupo de hatamotos e samurais da guarda pessoal do senhor.

...Definitivamente não se tratava de algo corriqueiro.

De seu lugar à esquerda de Ryu Hideki, Atae Nobutaka indicou que entrassem. Kentaro e a esposa o fizeram, parando a dois passos da porta, então fechada por um dos guardas. Akiko olhou o mestre, no elevado aos fundos. Seu rico hitatare acentuava o ar solene da ocasião. À sua direita, a senhora transmitia impressão similar, sob uchikis de fino brocado. Mesmo o general Atae, em vestes claras de padrão geométrico castanho, ostentava elegância incomum... e, decerto por isso, algo intimidadora.

– Aproxime-se, Kentaro-san.

Ele anuiu à fala de Hideki, e, após lançar curto relance para a esposa, obedeceu. Akiko se acomodou junto aos hatamotos, à indicação de um auxiliar dos secretários, e Kentaro seguiu até o centro da sala. Sentou, rígido, sobre os joelhos, e dirigiu ao mestre nova reverência.

– Tono-sama... Em que posso servi-lo?

– Não estou certo se Kentaro-san chegou a ter ciência... – Hideki começou – da erradicação de meu vassalo clã Yoshida de Mino?

Em seu lugar, as mãos postas, Akiko sentiu o corpo estremecer. Kentaro baixou de leve o rosto para mascarar um engolir em seco. Erradicação...? Por que fora chamado ali, com tanto protocolo, para ouvir tal coisa? ...Bom Buda, fizera alguma coisa errada? *Terrivelmente* errada?

Ou... teria sido sua presença em Oryuu-ji?

– ...Receio que não, tono-sama – respondeu, polido.

O cenho de Hideki fechou, embora talvez pelo tópico desagradável.

– O daimyo da província, Yoshida Hotaka, mostrou incompetência alarmante – ele expôs – e minha pessoa viu-se obrigada a ordenar à família seppuku.

Kentaro esperou, estático, tentando velar sua ansiedade com a mesma fisionomia neutra que via estampar o rosto redondo do pai em situações políticas delicadas... Sabia estar falhando em absoluto. Seu olhar rebateu para o general Atae, que o mirou de volta com gravidade apenas moderada.

– Portanto, estando vaga sua posição... – então concluiu Hideki – considere ser adequada a indicação de Kentaro-san para a incumbência.

O rapaz se empertigou em surpresa. Akiko piscou rápido. As palavras de Ryu Hideki... haviam realmente significado o que parecia?

– Tono-sama... – Kentaro falou, cauteloso – quer dizer...?

Seu mestre pegou uma carta de aspecto oficial de sobre a mesinha ao lado, e a mostrou em gesto solene.

– Sua pessoa, por este decreto, é oficialmente o novo daimyo de Mino, senhor do castelo central da província, Inabayama-jo, e hatamoto a serviço do clã Ryuu.

Nobutaka não pôde evitar um riso contido diante a expressão pasma do filho de Koji. O garoto entrara ali parecendo muitíssimo preocupado, considerou... E, recebendo um alto posto como aquele, tão de repente... não era surpresa que estivesse em choque.

“Surpreendeu-me também quando Hideki-sama me informou da decisão...”

– R-Ryuu-sama... – o rapaz gaguejou, curvando-se – não tenho palavras... Eu... não sou digno de tamanha honra...!

– Ora, Kentaro-san, isso cabe a mim julgar, *neh?* – o senhor retorquiu em sorriso magnânimo, e estendeu a carta a um secretário, que a apanhou solícito. – Nobutaka-san mencionou sua competência como primeiro-oficial, então tenho boas expectativas para seu desempenho como meu subordinado direto.

Aquela fala, elogiosa o quanto soara, oprimiu os ombros de Kentaro com peso excepcional. Ele se sentia atordoado. Ainda não sabia exatamente como reagir à notícia. Ele...? Hatamoto? *Daimyo?* Era o terceiro filho da família Kyuumura, e também apenas terceiro em sucessão ao pai... Nunca tivera ambições ou perspectivas como aquela.

Voltou-se para Akiko. Ela estava pálida, o semblante ainda espantado... mas, ao olhá-lo de volta, sorriu em tímido encorajamento. Um calor de afeto, então de vacilante satisfação se acendeu no peito de Kentaro.

“*Daimyo...*”.

O secretário foi até o jovem e lhe entregou o papel dobrado, muito branco, com as duas mãos. Kentaro o recebeu com igual deferência, e curvaram-se ao selo do dragão impresso no documento, ambos, então os demais presentes, à exceção de Hideki.

– Nobutaka-san ainda irá instruí-lo quanto às questões convenientes e suas novas atribuições – concluiu esse, por fim. – Conto com seu bom trabalho.

O rapaz assentiu com firmeza, e dirigiu ao senhor reverência profunda, que sua esposa, alguns passos atrás, imitou.

– ...Entendido. *Domo arigato gozaimashita*, Ryuu-sama... Estou honrado por sua confiança. Não irei decepcioná-lo.

– Assim espero. Creio que deva estar ansioso por informar sua família, então tire o dia de folga. Nobutaka-san tratará de colocá-lo a par das tarefas a partir de amanhã.

– *Hai*. Agradeço imensamente a generosidade de Ryuu-sama.

Hideki indicou em gesto curto que estavam dispensados. Kentaro guardou com cuidado a carta à gola do hitatare, e se curvou outra vez, em sincronia com Akiko, ao mestre e aos demais. Receberam em retorno medidas consideradas, e deixaram a sala a passos contidos de elegância consciente.

As pernas de Kentaro começaram a tremer após a terceira curva do corredor.

– Ah... – ele parou, respirando fundo – é inacreditável...

Akiko o alcançou em dois passos, e olhou para o lado, para as shojis externas. Abriu uma delas, então sorriu para o marido, em convite a saírem para a varanda. Ele a seguiu, e a jovem fechou a porta a suas costas. Não havia nenhum convidado, servo ou soldado à vista... Estavam pacificamente sozinhos.

Naquele trecho, o longo tablado que cercava a construção formava um nicho, em uma passagem

estreita do jardim. À esquerda, além da esquina não distante, o espelho d'água se alargaria, cercado de pedras e grama, entre gráceis pinheiros e um pessegueiro já verde e sem flores. Mas, ali, a água se espalhava num corredor raso, até os muros e por sob a varanda. Numa minúscula ilha à direita, um salgueiro roçava com seus galhos delicados a superfície da água. Ao redor do tablado, carpas manchadas em laranja e vermelho deslizavam, vagarosas, contornando os pilares de madeira ou descansando em meio às pedras. O telhado e o muro envolviam todo o lugar numa sombra fria.

Kentaro sentou, as pernas cruzadas em postura relaxada, e Akiko se acomodou a seu lado, apreciando a quietude. As cortinas de folhas do salgueiro chiavam suavemente ao vento. Por um momento, nenhum dos dois disse nada.

Um toque em seus dedos, então, fez o rapaz se voltar.

– Estou muito orgulhosa – Akiko sussurrou.

– ...Não é de fato meu mérito.

– É seu karma. Então, só pode ser justo.

Karma... Talvez, ponderou Kentaro. Passado o sobressalto inicial da notícia, ele se via em parte preocupado. Era uma responsabilidade considerável, uma província de localização volátil, e, ele sabia, uma posição que dependia mais da disposição positiva de Ryuu Hideki para com seu clã que de sua competência.

Mas, por outro lado... ele também sentia notável satisfação. Kyuumura Mino-no-kami Kentaro, senhor de Inabayama-jo e hatamoto a serviço dos Ryuu de Owari... Era uma ascensão admirável não somente de meras posses, mas de sua honra e reputação... Um orgulho e um ganho para si próprio e sua família.

Ele sorriu, mais otimista.

– Então... Akiko acabou se tornando esposa de um daimyo, *neh?*

Ela correspondeu a expressão, mas com uma nota de desconforto.

– ...*Hai*. Suponho que reforça minha horrível frivolidade como noiva.

Seu olhar mergulhou na água rasa, seguindo o nadar lento de uma carpa branca. Kentaro lamentou ter se expressado daquele modo.

– Akiko... Não foi o que quis dizer.

– Eu sei...

A moça se voltou para fitá-lo, constrangida, mas não chegou a falar. Kentaro a abraçou com firmeza. Ela parou. O farfalhar macio do salgueiro na água, a brisa leve e o intenso frescor da madeira sob seus joelhos... O cingir morno e carinhoso de Kentaro... Tudo a envolveu com tanta serenidade que ela não ousou arranhá-la com palavras.

“*Kentaro...*”

Abraçou-o de volta, comovida. Ele tinha razão. Não importava sua antiga tolice. Bem como não importava aquele título. Em nada. Para nenhum dos dois.



– Kyuumura... Kentaro-sama...?

Okori Noriyuki confirmou num gesto lento. Francamente, esperara da filha uma expressão diferente. Olhos menos arregalados, uma contida curva de entusiasmo na boca... ombros erguidos em expectativa, talvez?

Mas Akiko, à sua frente, transparecia diante do anúncio clara decepção.

– O casamento deve acontecer em meados da Primavera... Faltam alguns meses, mas os Kyuumura concordaram convir o período auspicioso.

Ela não fez nenhum comentário em resposta. Apenas baixou um pouco o rosto, o olhar absorto nos próprios joelhos. Noriyuki franziu a fronte, num misto de confusão e aborrecimento. Cruzou os braços sob as mangas volumosas.

– Akiko... por que essa reação?

Ela voltou a mirá-lo, a postura tensa.

– Se não me falha a memória – o conselheiro insistiu – quando Kyuumura-dono nos prestou visita, há três dias... Akiko não se demorou todo o jantar em conversas com o rapaz em questão?

A moça hesitou. Seu pai a encarou em tom incisivo.

– ...*Hai* – ela confirmou.

– E não o fez por afinidade?

Akiko sentiu o rosto arder. *Afinidade? Hai...* Ela e o terceiro filho de Kyuumura Koji haviam começado participando da conversa geral, mas, com o passar da refeição, logo acabaram por se entreter mutuamente. Talvez por estarem em assentos próximos... provavelmente, por Akiko tê-lo achado uma pessoa muito agradável. Um pouco tímido, de fato... mas gentil e espontâneo. Sua companhia a fizera se sentir peculiarmente leve.

...Ele tinha um sorriso muito bonito...

– Mas, *chichi-ue* – expôs então a jovem, séria – ...não se trata de afinidade. Sou sua única filha. Por favor, perdoe minha pretensão, mas... esperava poder honrá-lo com mais que um terceiro príncipe.

Noriyuki ergueu as sobrancelhas.

– Kentaro-san pode não ser o membro mais proeminente de sua família... mas é um rapaz muito centrado. Tem honra e caráter.

– ...*Chichi-ue*, apenas...

– *Basta, Akiko!* – o pai cortou. – O noivado já foi confirmado. Não espera que eu vá até Kyuumura-dono e diga-lhe que o filho não está à altura do enlace, espera?

A moça baixou a cabeça.

– ...*Iie*.

– Então, conforme-se. Mais que por amizade com Kyuumura-dono, aceitei essa proposta pensando em suas inclinações. Trate de mostrar gratidão!

Akiko assentiu em mesura longa. Queria chorar de frustração... Mas conteve o tremor da voz ao responder, respeitosa.

– ...*Hai*, chichi-ue. Por favor, perdoe-me.

Noriyuki suspirou curto. Akiko se ergueu devagar. Ainda sentia a face queimar de constrangimento. Kyuumura Kentaro... por que Kyuumura Kentaro?

Ela tivera tantas esperanças quando o pai anunciara a intenção de casá-la... Com a posição prestigiosa de seu clã na capital, e depois de anos aprimorando sua formação como dama da fina aristocracia... Seu noivo poderia ter sido um alto oficial do Bakufu... Ou um comandante a serviço do general Itou, ou um dos tantos príncipes provincianos em sucessão ao título de daimyo... Até mesmo o segundo filho dos Kyuumura, solteiro e responsável pelos negócios da família em Kyoto – ainda que esse parecesse ter uma personalidade incomodamente fútil...

Então, *por que* teria de se tornar esposa de alguém tão desimportante? Terceiro príncipe, sem títulos ou perspectivas políticas... Que desperdício de seu futuro!

– ...Amanhã, Kyuumura-dono e a família virão novamente – Noriyuki anunciou, atraindo a atenção da filha – para um chá formal.

Akiko assentiu.

– Será sua apresentação como noiva de Kentaro-san... Então ao menos aparente um pouco de consideração.

– Vestirei meu melhor uchiki – a moça assegurou. Sabia muito bem que não fora de fato a roupas que o pai se referira... Mas, naquele momento, recusava-se a prometer amabilidade para com aquela pessoa.

Aquela pessoa... Se ela não houvesse se deixado cativar por sua presença durante o jantar, se não houvesse sorrído e falado com ele tão naturalmente...

Nada daquilo teria acontecido...



A suave luz matinal fazia cintilar a neve sobre os telhados molhados e os jardins. Na mansão Kyuumura de Kyoto, a quietude sonolenta das primeiras horas do dia ainda tomava o ar daquele findar da hora do Dragão [\[105\]](#). A varanda à sombra do cipreste sinuoso estava deserta, o piso coberto pela geada fina da noite anterior. O vento úmido que dali escorria para dentro da sala, porém, era de todo indiferente para Kentaro.

Okori Akiko, dolorosamente linda em um azul enevoado ladeado de camélias, os cabelos soltos sobre as mangas, curvava-se à sua frente em reverência profunda.

– Por favor, perdoe-me... Por minha rispidez em nosso último encontro... e... por meu terrível comportamento desde o início do noivado... Kentaro-sama, eu sinto muito!

Por um momento, Kentaro apenas a mirou, estático. A visita inesperada, e, acima de tudo, aquelas palavras... Após o ocorrido na tarde anterior, ele jamais teria esperado tal atitude da noiva.

– ...Okori-sama... – ele perguntou, com cautelosa gravidade – ordenou a Akiko-dono que viesse me dizer isso?

Ela ergueu o rosto em gesto vacilante. Havia um tom rosado diluído em sua face, e um pesar nítido em sua expressão. Agora observando, seus olhos pareciam cansados, notou o rapaz... Seria possível que não dormira o bastante?

“É claro que não. Não se lisonjeie, Kentaro”.

– *Iie*... – a moça negou. – ...vim por minha decisão. E... sou sincera em minhas palavras. Eu...

Ela respirou fundo.

– Eu... senti afeição por Kentaro-sama desde o dia em que nos conhecemos.

A respiração de Kentaro oscilou.

Desde o anúncio de seu noivado, Akiko o tratara com frieza. Dirigia-lhe somente as palavras necessárias, esquivava-se de qualquer proximidade para com ele. Não abrira um único sorriso espontâneo desde o jantar em que haviam se encontrado pela primeira vez... Após três meses de tentativas frustradas de conquistá-la, Kentaro havia chegado à amarga mas sólida conclusão que sua impressão inicial dos sentimentos da noiva não poderia ter sido mais errada. Ela o detestava. Abominava a ideia de ser sua. Ele faria a pessoa que mais amava infeliz pelo resto de sua vida...

No dia anterior, tentara evitar tal desenlace, propondo a anulação do noivado... Mas recebera também nisso a negação de Akiko, que recusara-se à vergonha do repúdio e finalizara duramente.

– Eu... já estou presa a Kentaro-sama.

A confirmação final de seu desprezo por ele...

– ...A... – o príncipe arfou, atônito – ...afeição?

Akiko se moveu, desconfortável, parecendo se esforçar para voltar a encará-lo. Finalmente o fez, enrubescida, e Kentaro compreendeu sua insistência, ao chegar, para com a ama – que, a contragosto e

escandalizada, tivera de esperar na antessala, além da porta fechada para o interior da mansão. O tópico tão íntimo, ele concluiu, certamente estava colorindo também sua própria face...

– Apesar de meus sentimentos por Kentaro-sama... – Akiko explicou – eu... em minha presunção, esperava me casar com um político ou militar eminente.

A compreensão começou a tomar forma para Kentaro. Então, o desdém de Akiko para com ele após firmado o compromisso... fora desfeita por sua posição?

– ...Ignorei Kentaro-sama e me ative a minha teimosia. Então... ontem, quando Kentaro-sama expôs a intenção de renunciar a nosso casamento... visando como sempre minha felicidade... e eu retorqui num desabafo áspero e impensado...

Ela suspirou.

– Vendo a reação de Kentaro-sama, eu... enfim me dei conta de quanto o havia ferido... de quanto fora cruel e arrogante... e de como...

Sua voz falhou, e ela voltou a fazer reverência, lágrimas cobrindo-lhe os olhos.

– De como sou *eu*... quem não merece se casar com Kentaro-sama!

Um silêncio longo tomou o aposento. Por vários segundos, nenhum dos dois se moveu. A brisa fria do jardim entrava pela shoji aberta, e passava pelo kichou, ruflando de leve os painéis de seda. Akiko respirava fundo, recompondo-se, os cabelos lisos e as mangas repletas de flores rubras encobrindo-lhe a face. Kentaro, sem sucesso, tentava formular uma frase, uma resposta à declaração da moça, o coração pulsando com vigor sufocante contra suas costelas. Não conseguia sequer começar...

“Akiko...”

– Eu compreendo... – a voz dela, rouca, por fim concluiu – ...se Kentaro-sama quiser anular o noivado. Não irei protestar. Se minha reputação for arranhada, não será nada mais que justo.

– Akiko-dono...

Ela ergueu o olhar. Kentaro se inclinara em sua direção, aproximando-se, o rosto grave. Akiko prendeu a respiração, e ele, em gesto hesitante, pousou os dedos sobre as muitas mangas de suas vestes, caídas sobrepostas no tatame.

– Por um instante... – disse, sério – esqueça nossa reputação. E o que irão pensar ou dizer, o que é ou não adequado. Apenas... independente de *qualquer* consideração...

Tomou um fôlego curto.

– Akiko-dono... *quer* se tornar minha esposa?

Foram provavelmente os cinco segundos mais longos que o rapaz já vivera. Seus dedos, a um breve esticar dos de Akiko, estavam dormentes, não de fato pelo frio. Seus olhos pareciam presos nos dela, lutando para não transparecerem o medo da negativa.

Mas, se essa fosse a resposta...

– *Hai*.

Ele estacou.

– ...Eu quero – confirmou Akiko. – Se Kentaro-sama puder me perdoar... ficarei imensamente feliz... e honrada em me tornar sua esposa.

Kentaro, de súbito sem fôlego, inspirou fundo. Seu coração voltara a pressionar-lhe o peito em ritmo atordoante, embora, agora, espantosamente leve.

– É... – ele sorriu, em irreprimível enlevo – é claro que perdoo Akiko-dono!... E é claro que não quero anular o noivado...

Ela retribuiu a expressão, aliviada. Aquele brilho franco em seus grandes olhos amendoados... era o

mesmo com o qual Kentaro tanto se encantara quando a vira pela primeira vez.

– *Arigato* – disse ele – por me dar uma chance.

Akiko sentiu, ao mesmo tempo, um pungir de remorso e um sopro de ternura. O sorriso de Kyuumura Kentaro... era mesmo muito bonito, *neh...*?

Curvou-se em resposta, num gesto mais espontâneo que cortês.

– Sou apenas eu... quem tem a agradecer, Kentaro-sama.



– Então, a convocação foi enviada ao segundo filho de Ashigawa-sama?

Minamori Mitsue ergueu brevemente os olhos do velho livro em suas mãos para o marido, tamborilando os dedos, nervoso, à mesinha ao lado.

– *Hai* – confirmou, virando sem pressa a página.

Teve tempo de ler mais um par de linhas.

– A próxima reunião geral pode ainda demorar... – o oco arranhado da voz dele quebrou mais uma vez o silêncio. A mulher piscou, paciente, e fechou o pequeno tomo.

– Receio que sim... Algo preocupa Yoritomo-sama?

– Mutsu – resmungou o conselheiro, simplesmente.

Mitsue deixou o livro de lado, e sentou voltada para ele, puxando com fluidez a cauda do uchiki ao girar onde estava. Pensou por um instante.

– Na verdade, ousou imaginar que toda essa tensão e a morte de Yoshitane-sama – considerou – nesse ponto, podem vir a beneficiar Yoritomo-sama.

Como esperado, ele a olhou interrogativo.

– O responsável pelo ataque ainda é desconhecido... E tanto o general Okamura-dono quanto os Kyuumura decerto serão cogitados suspeitos antes de Yoritomo-sama, *neh?* ...O shogun pode, então, preferir favorecê-lo quanto à posse da província.

O homem soltou uma exclamação otimista.

– *Hoh!* De fato...

Mitsue anuiu. Ainda que renomados na corte Imperial, os Minamori gozavam de poder concreto limitado. E, ainda que seu marido carregasse a honra de tal nome, sua posição hierárquica na família era pouco mais que medíocre. De todos os políticos de algum modo interessados no Norte, ele sem dúvida possuía os menores recursos, fossem militares, monetários ou de influência...

Desde o início, Mitsue contara com esse fator como possível fonte de interesse para o shogun. Entregar Mutsu ao respeitável mas desimportante Minamori Yoritomo seria negá-la a quem pudesse somar o potencial de tão notável província a patrimônios perigosamente mais vultosos.

E, agora, com o assassinato do herdeiro... Ashigawa Yoshinobu devia estar ainda mais receoso quanto aos daimyos poderosos, *neh...?*

– Durante a reunião, o primogênito de Kyuumura-dono recebeu apoio de Ryuu-dono... – Yoritomo ponderou – então, vinha pensando em procurar como aliado o outro lado da balança. Mas, agora...

Mitsue gelou. O outro lado... Ele dizia *Tetsuyama Osamu?*

– Oh... – ela levou a mão aos lábios, contendo o nervosismo da voz – Yoritomo-sama é muito sábio em reconsiderar... O Akaoni está numa posição muitíssimo suspeita, com o ataque shinobi coincidindo com seu retorno à capital. De fato, convém mantê-lo afastado de seu nome.

“Pelos Kamis!”, a mulher exclamou em pensamentos. Hideki realmente nunca se importara em vê-la posicionar Yoritomo como seu oponente político. Aliás, apreciava tais oportunidades de sobrepujá-la, tanto quanto ela apreciava o desafio de contornar-lhe a vontade e impulsionar a carreira do marido um pouco mais adiante. Já há tantos anos... aquele era seu lento jogo de caprichos.

Mas, como em qualquer jogo, havia regras. Para os dois. Declarados e silentes, claros limites separavam sua inócua competição provocativa de um conflito sério. Não aplicar sua influência para arruinar Yoritomo ou tirar-lhe a vida, atitude que resultaria tranquilamente em pleno sucesso... essa era uma condição para Hideki.

Não permitir que seu títere se aliasse ao clã Tetsuyama, maior inimigo dos Ryuu há décadas... certamente era uma condição para ela.

“Se esse parvo se aproximar do Akaoni... Por mais que eu negue, Hideki-san, no fundo, poderá considerar que foi decisão *minha!*”

Perder a confiança dele... era impensável!

– *Un...* – devagar, o conselheiro assentiu – concordo com Mitsue-san. Depois do exílio, as intenções de Tetsuyama-dono são incertas. É melhor evitá-lo.

A mente da mulher suspirou em alívio.

– Talvez... – ela então sugeriu, sorridente – um aliado interessante a se buscar seja o conselheiro Okori-dono. Ele falou a favor de Yoritomo-sama quanto ao cargo de daimyo... e parece nutrir antipatia pelo general Okamura-dono, *neh?* ...Outra situação de balança, apenas menos crítica.

– *Un...* – o homem anuiu, agora com entusiasmo – mais prudente e promissor.

Pensou por um instante, então bateu a palma na mesinha, satisfeito.

– Façamos isso, Mitsue-san! – concluiu o sopro de sua voz. – Convidemos Okori-dono para discutir uma aliança.

Excelente. Okori Noriyuki tinha a consideração do shogun, e devia ser também bem visto pelo general Itou, tendo se posicionado contra o general Okamura na última reunião... Com poder militar irrisório e nenhum inimigo direto, seria um apoio seguro e coerente com a opção política neutra que Yoritomo representava naquela competição.

Havia o inconveniente de sua proximidade com os Kyuumura de Osaka... Mas, talvez, apoiar alguém fraco como Yoritomo lhe parecesse melhor oportunidade de tirar proveito de uma possível vitória, em comparação ao que Koji lhe cederia...

Valia a pena tentar.

– Uma partida informal de shoji – o conselheiro decidiu. – ...Mitsue-san, tome as providências necessárias. Tão breve quanto possível.

Ela confirmou em mesura serena.

– *Hai.* Como desejar, Yoritomo-sama.



Ikeda Jin passou pela fonte e pelo salgueiro, e deparou-se, no gramado adiante, com o palanque coberto envolto por uma cortina lilás e fragrante de flores. Do telhado já pouco se via sob os volumosos cachos de pequenas pétalas, que se sobrepunham e se derramavam como chuva em todo o redor da construção.

– Ah! – uma exclamação admirada escapou ao jovem médico.

As glicínias haviam florescido.

– *Ohayo gozaimasu*, Jin-sensei – sentada diante de um koto, a princesa Kiyoko o saudou quando ele se aproximou do elevado. Vestia-se de rosa intenso, mais vibrante que da última vez em que o recebera ali... As olheiras em seu rosto fino haviam sumido, e seus longos cabelos, soltos, caíam-lhe sobre as mangas com brilho admirável.

– ...*Ohayo gozaimasu*, hime-sama.

A jovem senhora Nadeshiko, num kimono salpicado de flores coloridas, deixou de lado um biwa, e Jin apenas então notou sua presença. Sentiu-se embaraçado.

– *Ohayo gozaimasu*, Nadeshiko-sama – curvou-se, formal, à moça.

– *Ohayo gozaimasu*, Ikeda-sensei – respondeu ela, com sua voz graciosa. Não parecera haver notado sua rude distração.

Ao lado, duas amas dispunham um conjunto casual de porcelana e uma cesta de mochis corados com chá verde. Entre os cachos floridos que pendiam do telhado, hora ou outra piscava o voar oscilante de borboletas. No entanto, apesar das lindas flores, dos instrumentos musicais e do agradável aroma de pétalas, folhas e massa doce de arroz... Havia um peso frio e quieto desbotando aquela cena.

– As glicínias se adiantaram, este ano – a fala polida de Kiyoko atraiu o olhar do médico. – Pensamos que Jin-sensei apreciaria vê-las.

– Muito – ele confirmou em mesura. – Agradeço imensamente a gentileza.

– *Dozo*, Ikeda-sensei – Nadeshiko indicou. – Sente-se conosco.

Ele agradeceu e subiu para o palanque, acomodando-se sobre os joelhos diante das damas e pousando o bule com antídoto à sua frente. Kiyoko lhe dirigiu um pequeno sorriso. Nadeshiko, por um momento, observou as tigelinhas de chá sendo cheias pelas servas, o olhar distante, mas logo se voltou para o visitante, polidamente atenciosa.

– ...Minhas condolências pelo ataque – disse Jin, então grave. – Soube ontem, ao retornar de Osaka. Fiquei chocado.

– *Arigato gozaimashita* – o semblante da princesa também pesou. – Foi mesmo horrível... Pobres crianças... e Kuzu-sama, e Yoshitane-sama... Como alguém pôde ser capaz de fazer algo assim?

– E eu estava tão ansiosa pelo Hanami em Kyoto... – Nadeshiko franziu a fronte. – No final, haver tantos clãs influentes reunidos se mostrou perigoso.

Houve um tilintar baixo. Nadeshiko viu sua ama, Aoi, estremecer ao pôr o bule sobre a bandeja. Pobrezinha, devia estar abalada, tendo sido a pessoa que descobrira o corpo do príncipe, ainda há menos de dez dias...

– Ikeda-sensei esteve em Osaka desde o segundo dia de Hanami, *neh?* – a moça então comentou, desviando o assunto.

Ele assentiu.

– Kusachi-sama cedeu-me esse tempo antes do início oficial de meus deveres no palácio. Estive atarefado com a mudança de meus pertences, e o encaminhamento de alguns pacientes em Osaka...

Então sorriu.

– ...Teria terminado um dia antes do prazo, mas haha-ue insistiu em oferecer-me um jantar de despedida.

As jovens corresponderam a expressão. Jin pôs-se a servir o antídoto, separando a base do bule e ali vertendo a infusão de denso aroma amargo. A ama da princesa veio oferecer chá. Nadeshiko pegou uma tigela, mas os outros dois declinaram.

– ...Além de sua honorável mãe, Jin-sensei tem outros familiares próximos? – Kiyoko perguntou quando o médico estendeu-lhe o remédio.

– *Iie*... Não realmente.

Ela transpareceu ligeira alacridade. Nadeshiko se surpreendeu. *Hoh...?* Kiyoko por acaso quisera sutilmente descobrir se Ikeda Jin era casado...? Claro, ela há muito já notara haver uma inclinação da sobrinha do shogun por ele, mas...

Os olhos dela rebateram discretamente de Jin, entretido em seu bule branco, para a princesa, bebendo devagar o remédio para os próximos três dias. O olhar casualmente desencontrado dos dois... de repente, apenas reforçou sua impressão.

– Então, sensei residirá em definitivo na capital, a partir de agora? – Nadeshiko, após o breve silêncio, retomou a conversa.

– *Hai*. Admito que sentirei falta de Osaka... Foi onde vivi desde a infância. Mas espero me adaptar.

– O sotaque de Jin-sensei é mesmo o de Osaka, *neh?* – Kiyoko baixou sua tigela vazia. – Não soa em Kyoto tão diferente quanto aqueles das províncias ao Norte... mas é deveras característico.

– Ah! – ele levou a mão à nuca. – De fato... talvez reduza com o tempo.

– Oh, não quis dizer que é negativo!... – ela esclareceu. – Acho muito agradável... Combina com Jin-sensei.

Ele riu.

– Hime-sama é muito gentil.

Ocupou-se em guardar a tigela sob o bule sem adornos. As amas terminavam de arranjar alguns mochos verdes-claros sobre a bandeja.

– Ah! – uma exclamação baixa da princesa convergiu as atenções.

Ela se voltou e pegou, junto ao koto, uma caixa em que Jin até então não havia reparado – quadrada, com dois palmos de largura, e menos de um de profundidade. Seu acabamento era em laca dourada, a tampa ornada com pinheiros e bambu às margens de um rio envolto por neve. Parecia muito valiosa.

Kiyoko a apoiou sobre os joelhos com as duas mãos, em gesto cuidadoso.

– Ainda não pude agradecer apropriadamente – falou, formal – por tudo que Jin-sensei vem fazendo por mim. Eu... devo-lhe minha vida.

Deixou a caixa com cerimônia em frente ao rapaz, e dirigiu a ele mesura contida mas esmerada, que

as demais presentes, em respeito, imitaram num gesto mais amplo.

– Então, peço humildemente que aceite este presente de gratidão.

Ele arregalou os olhos.

– *Hoh...* hime-sama! Não deveria... Foi uma honra ter-lhe sido útil. Não cumpri mais que meu dever.

– Ikeda-sensei está sendo demasiado modesto novamente – sorriu Nadeshiko. – Sua intervenção milagrosa salvou Kiyoko-san... Por favor, aceite. Eu também ajudei na escolha, e gostaria muito que o recebesse.

Ele olhou dela para a sobrinha do shogun, que anuiu alegremente. Sentiu que seu rosto ficava vermelho. Um presente... era totalmente inesperado.

Curvou-se em reverência profunda.

– ...Hime-sama me honra além de palavras. Não sou digno de tal apreço... mas, tenho permissão para aceitar o amável gesto de hime-sama?

– *Hai* – Kiyoko confirmou. – *Dozo*.

Jin fez novo cumprimento longo, e pegou o bonito objeto com deferência. Todos os olhos no palanque agora o observavam em silêncio. Ainda agitado, ele correu a mão pela tampa decorada, admirando a pintura. Segurou-a pelos lados e, devagar, a abriu.

Kiyoko se moveu um pouco, espiando do jovem médico para o presente. Ele o tirou da caixa num suspiro admirado. Um dobuku de Inverno, de tecido espesso cinza-chumbo e adamascado geométrico, em alguns pontos rebordado em ouro. Em ambos os lados da gola e nas costas, o mon dos Ashigawa se destacava em branco. Junto às vestes simples de Jin, de seda crua riscada em marrom, seu aspecto era ainda mais majestoso.

– Chichi-ue encomendou esse dobuku a um dos melhores artesãos de Mimasaka, no início do último Inverno – a princesa explicou.

A expressão já pasma do rapaz se intensificou.

– Este dobuku... pertenceu ao honorável pai de hime-sama?!

– *Hai...* – confirmou Kiyoko, então elucidando, apreensiva. – Mas não chegou a ser usado. Chichi-ue o recebeu e o guardou, dias antes do acidente.

– Não é isso – Jin meneou a cabeça. – Hime-sama... é demais para minha pessoa! Não posso aceitar algo tão precioso!

– Oh, por favor, aceite, Jin-sensei!... – ela pediu. – Sei que chichi-ue ficaria feliz se Jin-sensei recebesse seu dobuku... É um presente sincero, por ter me salvado e por seu novo cargo no palácio.

Ele hesitou, fitando a sobreveste derramada em seu colo. Tão suntuosa, e ainda ostentando o inestimável símbolo dos Ashigawa... Voltou-se de novo para a sobrinha do shogun. Ela o olhava com ansiedade. Decididamente, era uma peça distinta demais para que ele ousasse vestir sobre qualquer de suas roupas... ou os próprios ombros.

Mas, sendo também tão significativo... negar seria uma ofensa à princesa, *neh?*

– Sendo assim... – ele concluiu, num solene baixar de cabeça – eu humildemente aceito. *Domo arigato*, hime-sama. *Domo arigato gozaimashita*.

Ela respondeu o cumprimento. As demais também fizeram mesura. Nos olhos de Kiyoko, Nadeshiko viu, nítido e franco, acender-se um brilho aliviado e muito contente.

Então, tornou-se ainda mais claro.

“Kiyoko-san... está mesmo apaixonada por esse rapaz, *neh...?*”.



– Um brinde a meu filho mais novo! Kyuumura Mino-no-kami Kentaro!

– *Kampai!*

Viraram todos suas tigelinhas de sake, e um burburinho de palmas e comentários animados se seguiu. Outra dose de bebida começou a ser servida. Akiko negou a sua, deixando o pequeno recipiente junto à tigela de legumes. Kenjiro apressou a servi-la para vir atendê-lo logo. Kentaro se entretinha em ouvir congratulações efusivas da mãe, e sorrir em resposta a um amistoso bater no ombro vindo do primeiro irmão, Yusuke. Em horas como aquela, ter uma família tão barulhenta era sempre muito agradável.

Kotone se voltou para o pai, que, notando, dirigiu-lhe um sorriso. Ela retribuiu a expressão, de fundo tão preocupado quanto a dele. Koji sabia que a filha, tão bem como todos os demais, compartilhava de seu receio quanto à repentina promoção de Kentaro... Mas mencionar isso acabaria por levantar detalhes de sua aliança política com os Ryuu – e de suas suspeitas acerca do ataque shinobi aos Ashigawa. Detalhes que, se Kotone chegasse abertamente a ouvir, teria o dever de reportar ao marido ou ao cabeça de seu clã se inquirida.

Não havia necessidade de colocá-la em tal situação desagradável, ou de amargar a noite comemorativa de Kentaro... Que prosseguissem, então, ignorando a face menos brilhante daquela notícia. Ao menos, em palavras. Ao menos, por agora.



– Então, está confirmado?

– *Hai*, Hideki-sama. A ação está cancelada.

– Bom.

Francamente, Nobutaka não achava que apenas “bom” dizia o bastante. A ordem para o shinobi de invadir a ala Oeste do palácio e assassinar Tetsuyama Osamu na noite de amanhã... era um alívio que o mestre a tivesse revogado.

– O movimento de soldados ainda em nada diminuiu... – o general coçou a nuca, e virou o pescoço de lado. – Itou-dono está mesmo decidido a varrer cada palmo deste palácio, depois do atentado.

Hideki abriu um risinho fugaz.

– O orgulho dos velhos se fere com facilidade.

Ele terminou a breve carta numa despedida padrão, e deitou o pincel em seu vão na mesa.

– Não há motivo para alarme, Nobutaka-san. Não há nada a ser encontrado. Isao-san continuará incógnito.

– É por Hideki-sama que temo – o outro expôs, a postura menos casual. – Mesmo sem vestígios físicos, a morte do herdeiro com certeza irá alimentar acusações.

– Situação que também posso usar a meu proveito. Concordo que tudo será mais delicado daqui em diante... mas trata-se apenas de seguir com cautela.

Ele fechou o papel em dobra rápida e exata, deixando a face externa em branco. Estendeu-o a Nobutaka.

– Minha resposta à mensagem de Keshi-san, trazida pela adorável Yanagi-san, ontem à noite. Providencie para que seja entregue em segurança.

O hatamoto recebeu a carta num franzir de testa.

– Keshi-dono escreveu a Hideki-sama? ...A esse respeito?

– Felizmente para Keshi-san, a máscara de metáforas foi até crível... – o daimyo indicou, no oshi-ita à lateral da sala, um hachi-no-ki ^[106] que só então Nobutaka notou.

Era um pequenino cipreste japonês de tronco sinuoso, folhinhas agulhadas muito vívidas e ramos podados com precisão. Inclina-se airoso num vaso de porcelana azul. O hatamoto nunca vira a árvore antes.

– Um lindo presente, devo admitir... – Hideki pegou de sobre a mesa uma carta, bordada de floreada caligrafia feminina. – Keshi-san o apresentou como muito precioso, e narrou que a moldagem dos galhos custou-lhe anos de cuidado... Cobriu minha pessoa de lisonjas desimportantes, então rogou-me que o conserve com zelo e não o exponha à luz excessiva.

Deixou de novo o papel de lado, e olhou para Nobutaka, como quem espera um comentário de entendimento. O general admirou o hachi-no-ki por um instante.

– ...É uma árvore demasiado bonita para representar aquela escória shinobi – por fim concluiu, recebendo do senhor um anuir de aprovação.

– *Hoh*, e acredito que seja resultado de anos de trabalho... Embora, certamente não de Keshi-san. A mulher não goza da paciência necessária.

– Decerto o cipreste custou-lhe caro... Uma desculpa onerosa para uma carta – Nobutaka observou. – E, fazendo essa referência a “luz excessiva”... Keshi-dono parece temerosa quanto a seu ninja ser descoberto.

O daimyo soltou um riso curto, divertido ou irritado.

– Temerosa? – repetiu, então fechou o cenho. – Conhecendo-a bem, ousou inferir que está à beira da histeria. Solicitou *esclarecimentos* quanto ao uso que venho fazendo de seu contato no Hana-no-Gosho.

Indicou sua réplica, perfeitamente dobrada, entre os dedos do hatamoto.

– Tratei de responder como convém.

Nobutaka olhou a carta em suas mãos, subitamente curioso quanto ao conteúdo. Mas não achou adequado pedir para abri-la, então apenas fez ao senhor breve mesura de confirmação.

– Entendido. Será enviada imediatamente, Hideki-sama.

– *Un...* Isso é tudo. Ao sair, mande trazerem-me Masako. Há alguns pormenores sociais pendentes quanto à visita dos Kyuumura, amanhã.

– *Hoh...* Hideki-sama já fez o convite a Kyuumura-dono?

– Supus ser tolice distanciar o encontro da promoção de Kentaro-san – assentiu o outro. – Koji-dono se veste como um mentecapto, mas certamente não pensa como um. Tratemos logo de negócios, antes que a próxima reunião geral aconteça, *neh?*

Capítulo 16

Rivalidade



Hirata Sadanori girou o corpo de lado, e atacou num golpe rápido à altura do peito. Taiken recuou, defletindo a espada do adversário e se equilibrando por pouco. Vislumbrou uma brecha na defesa do oponente. Investiu. Houve a pancada do bambu às costas do general, então a do príncipe caindo no tatame. Num pulo, o segundo voltou a se pôr de pé. O primeiro parou, tomando fôlego, e fez sinal de derrota admitida.

– Venci! – Taiken riu.

– Com pouca elegância – provocou Sadanori – ...mas venceu.

Hotaru bateu palmas polidamente, e Sai, a seu lado, se levantou, ansioso.

– Minha vez! Ani-ue! Está disposto a mais uma partida?

Taiken sorriu e fez sinal para que o garoto se aproximasse. Sai o fez, e o general Sadanori, a passo calmo, tomou seu lugar à margem da área de combate.

– Roube-lhe o gosto da vitória por mim, Sai-san!

– *Hoh*, irei me esforçar – o rapazinho assentiu, e se voltou para Hotaru. – Preciso impressionar para que Hotaru-dono me aceite como oponente, *neh?*

Ela riu em breve mesura lisonjeada. Sai chegou a abrir a boca de novo, mas não a falar. Taiken o acertou secamente com a shinai na cabeça.

– Barulho demais! – cortou, diante o gemido de protesto do outro. – Em posição!

Sai obedeceu, agora hesitante. O mais velho, em postura de luta, o mirou sisudo. Hotaru viu-se sentindo um pequeno e tolo faiscar de satisfação.

Taiken... acabara de reagir com ciúmes?

– *Hya!*

Sai desviou do primeiro golpe com notável destreza. Mas não conseguiu contra-atacar. Recuou um passo. Taiken avançou de novo. Mais uma vez, o garoto se esquivou, embora com dificuldade. Seu joelho quase roçou o tatame durante o movimento.

Desta vez, porém, sua posição lhe permitiu tentar a ofensiva. Sua shinai fez um arco brusco para cima, e Taiken se afastou. Sai atacou de novo, num brado e num passo largo. A espada do irmão o bloqueou com rigidez, e o empurrou para trás.

Os dois pararam, retomando o fôlego. Taiken deslizou os pés num chiado áspero sobre o tatame, e parou em postura baixa e ampla, a espada inclinada num ângulo hostil. Sai permaneceu ereto, o joelho flexionado à frente e a shinai erguida. Tinham ambos um estilo agressivo, observou Hotaru. Aquela luta não devia se prolongar muito.

– *Haa...!*

Antes que Sai desse o segundo passo, a shoji de entrada abriu. A luz intensa do final da manhã se

espalhou pelo piso, e os olhos na sala se voltaram para os recém-chegados – o príncipe Naginata, e quatro de seus guardas pessoais.

Sai interrompeu seu movimento. Taiken imediatamente baixou a shinai e saiu de posição. O general Sadanori, impassível, curvou-se em reverência moderada. Durante um incômodo segundo, o aposento mergulhou em silêncio palpável.

– Oh... – Naginata por fim falou – imaginei que o dojo estivesse vago.

– Vim por decisão repentina – replicou Taiken, igualmente impessoal.

O mais novo anuiu em compreensão, e, sem dizer mais nada, se retirou, seguido pela pequena escolta em vermelho-escuro. Taiken e Sai trocaram um olhar rápido, em concordância a estender a suspensão do duelo por um momento. O primeiro moveu os ombros num suspiro cansado, e o segundo sentou onde estava, arfando devagar. O ar ainda parecia algo denso...

Os olhos de Hotaru correram deles para o amplo espaço, perfeitamente vazio, à direita do salão. Notando seu semblante perplexo, Sadanori elucidou em voz baixa.

– ...Taiken-dono e Naginata-dono não praticam na frente um do outro.

Ela se voltou, admirada.

– Se não me engano, desde o genpuku de Naginata-dono – o homem completou. – ...Nunca foi de fato um acordo pronunciado, mas os dois o obedecem à risca.

Hotaru sentiu o impulso de pergunta por quê. Ocorreu-lhe, porém, que a resposta era tão óbvia quanto demasiado delicada para se mencionar. Seu mestre e o irmão mais novo claramente não sentiam estima um pelo outro, disse ela sabia há tempos...

Mas, ao ponto de não exporem seu kenjutsu mutuamente...

Um crepitar a trouxe de volta das conjecturas. A luta recomeçara. Por uma, duas, três vezes, Sai atacou, e Taiken bloqueou sua shinai. Na terceira vez, o rapazinho deixou em aberto o flanco esquerdo. O mais velho brandiu a espada com uma mão, mirando o ponto fraco. Seu oponente o impediu no último instante, o bambu vibrando oco com o impacto. Os dois deram um passo atrás, Taiken retomando o empunho da arma, Sai, a estabilidade da postura.

– Naginata-dono... – Hotaru se dirigiu a Sadanori – é hábil com a katana?

– *Hoh...!* – ele exclamou. – Mais que ninguém, Hotaru-hime não deve se deixar enganar por compleições esguias, *neh?* ...Naginata-dono é rápido. Há um par de anos, diante a impolidez de um oficial... no tempo que levei para virar o rosto, Naginata-dono o cortou em dois. Então o fez de novo, antes que a primeira metade chegasse ao chão. Nem o infeliz nem pessoa alguma no pátio teve tempo de vê-lo sacar.

Ela arregalou os olhos. A memória de sua discussão com o príncipe à varanda, em Tottori-jo, veio-lhe em tom especialmente grave. Naquela noite, ela chegara a temer que ele fosse matá-la... Então, era certo que poderia tê-lo feito.

“Fui muito afortunada, de fato...”

Um som alto atraiu de volta sua atenção para a luta. Sai estava estirado no chão, a ponta da shinai adversária em seu pescoço.

– Sai está melhorando – avaliou Taiken. – Sua base está mais sólida.

O rapaz sorriu um pouco diante o elogio. O outro o ajudou a se levantar.

– Minha esquerda ainda é lenta... Não consigo bloquear ani-ue.

– Sadanori-dono... – o mais velho se dirigiu ao general – sua técnica na partida anterior, poderia mostrá-la a Sai? Acredito que lhe será útil.

– *Hai* – o homem apanhou sua shinai e foi postar-se diante do garoto. – Sai-san... A essência desse tipo de defesa está nos pés. Observe.

Sai anuiu, atento. Hotaru abriu um espaço convidativo a seu lado quando Taiken se aproximou, e ele se acomodou ali. Ajeitou o hakama e deixou a espada de bambu no tatame, respirando fundo.

– Uma vitória notável – fez a moça. – Sai-san é habilidoso para sua idade.

O príncipe abriu um riso orgulhoso.

– *Hoh*, eu o ensinei bem.

Ela retribuiu a expressão. O garoto agora se ocupava em imitar a postura firme de Sadanori. Hotaru viu Taiken sorrir em aprovação, observando.

– Tono realmente se dá bem com Sai-san, *neh?* ...Mesmo tendo ele outra mãe.

Ele ficou sério, decerto pelo comentário tê-lo feito se lembrar de Naginata.

– ...Sai é um bom garoto – disse. – E Chiyo-san... foi quase minha segunda mãe. Não tenho muitas lembranças de haha-ue... Sua honorável pessoa faleceu logo após o nascimento de Naginata.

Então suspirou, ácido.

– Não suportou o veneno, eu suponho...

Seguiu-se uma quietude tensa. Olhando o perfil duro de Taiken, Hotaru se sentiu condoída. Mesmo que dito com desprezo, aquele comentário transparecera uma nota de mágoa... Seria essa a razão de tanto rancor?

– *Yosh...* – Taiken se pôs de pé, a voz mais leve – Hotaru. Sua vez.

Ela assentiu, alcançando sua shinai, e o seguiu de perto.



A noite estava para cair, quente e abafada, e um par de estrelas já faiscava no horizonte. Às margens do sinuoso fio d'água, um piscar de vaga-lumes pontilhava as folhagens, e, nos arbustos, começava um chiar ainda tímido de grilos.

À última curva do jardim, Tetsuyama Chiyo ouviu um soluço sumido, em meio às cortinas finas do salgueiro. Entregou o candeeiro à serva e afastou as folhas, pisando a terra úmida e manchando, indiferente, a barra do uchiki. Suspirou, aliviada. Ali, na penumbra, o pequeno segundo príncipe de Inaba se voltou para olhá-la, choroso.

– ...Toriwaka [\[107\]](#)! O que está fazendo num lugar como este?! Faz ideia de como nos deixou preocup...

Ele voltou a chorar, abraçando os joelhos. A mulher parou.

– Ora, Toriwaka... – abaixou-se, ainda segurando os galhos finos de lado. – Não é comum vê-lo chorando... O que houve?

O menino respirou fundo, mirando-a desolado.

– ...Haha-ue... haha-ue morreu quando eu nasci, *neh?* Eu ouvi...

Soluçou de novo. A compreensão veio a Chiyo de pronto. Então, ele soubera... e, tendo já seis anos, conseguira entender...

– É verdade...? – ele perguntou, trêmulo. – ...É verdade que roubei a vida dela?

Chiyo arregalou os olhos. Voltou-se tão bruscamente para a serva que a mocinha deu um passo atrás, a luz fraca do candeeiro bruxuleando com o movimento.

– Isso saiu de sua boca?

– *I...iie*, okugata-sama!

– Chegou a seus ouvidos?

– *Iie*...! Eu juro!

A senhora ainda a fitou por um segundo, o rosto hirto, antes de se virar de novo para o jovem príncipe.

– Oh, Toriwaka, é *claro* que não! – ela garantiu gentilmente. – Por favor, pare de chorar... Toriwaka não teve culpa alguma pelo que houve.

– Mas... mas...

Chiyo estendeu os braços e o envolveu com cuidado, tirando-o de sob a árvore e o abrigando entre as mangas. Pobrezinho, estava gelado... Com aquele tempo úmido, que não acabasse ficando doente...

– Sua haha-ue deixou este mundo porque assim deveria ser. Karma, apenas isso. A última coisa que desejaria seria ver seu querido Toriwaka se angustiando por ela.

Ele fungou, secando os olhos, cabisbaixo. Chiyo o abraçou, pondo-se de pé. A serva abriu caminho

para que passassem dali para o caminho de pedra.

– *Yosh, yosh*, está tudo bem... Toriwaka precisa de um banho, *neh?* Direto para o ofuro, então jantar. Está com fome?

– *Un...*

Ele se segurou a ela, respirando fundo e devagar. Seguiram sem dizer palavra até o vulto sombrio do castelo, o resquício de luz no céu não mais competindo com a tímida chama do candeeiro. Os soldados do primeiro turno da noite, aos pares, dirigiam-se a seus postos pelo complexo.

Quando alcançaram a varanda, o segundo filho do Akaoni já havia adormecido.

– Koubai?

– *Hai*, okugata-sama?

Chiyo parou ao subir o degrau para o tablado, e se voltou, encarando a serva.

– Após o jantar, quero todas as amas reunidas. Tirarei a limpo quem foi a pobre estúpida que fez esta criança chorar.

A jovem hesitou.

– O... okugata-sama...

O olhar da senhora a punziu, rígido. A serva, aflita, prostrou-se no chão.

– Por favor, perdoe-me! Apenas... Não sei quem foi responsável, okugata-sama, realmente não sei... Mas tenho certeza que não dirigiu tais palavras a Toriwaka-sama!... Toriwaka-sama... deve ter ouvido de relance...

– Estou ciente, Koubai – a outra cortou, seca. – Após o jantar. *Todas*, está claro?

A moça tocou o caminho de pedra com a testa.

– ...*Hai*, okugata-sama.



Tetsuyama Taiken inspirou lentamente, observando, amargo, o próprio peito. As bordas secas da ferida irregular esticaram, ardendo como fogo, e uma dor fina beliscou-lhe os músculos abaixo. O garoto soltou o ar de uma vez, frustrado, e a pontada em toda a longa extensão do corte se repetiu, intensa, impondo-lhe uma careta de dor.

– *Droga...!* Ainda não...

– Por favor, seja paciente, Taiken-san – ajuizou Chiyo, acompanhando o médico que dobrava novas ataduras para o príncipe. – Sabe que foi um ferimento grave. Se não for cuidadoso, pode abri-lo de novo.

Ele grunhiu, irritado e infeliz. Por quanto tempo ainda precisaria ficar deitado naquele maldito futon, como um inválido? Se viesse a passar mais uma Lua sem erguer o corpo sobre os próprios pés...

Lançou um relance para o lado. Sentado ali, as pernas cruzadas, seu irmão mais novo ainda o observava em silêncio. Não tanto sua presença... mas a expressão entretida em seu rosto começava a incomodar Taiken profundamente.

– Deve ser tedioso ficar assim, deitado – notando seu olhar, o menino observou.

O mais velho preferiu ignorá-lo. Voltou-se para a janela. Daquele ângulo, sequer podia vislumbrar as copas verdes do jardim...

Sentiu Toriwaka se inclinar em sua direção. Mirou-o de novo. Ele observava sua ferida, espantado ou admirado.

– ...Dói?

– *Iie.*

– Impossível!

Taiken articulou uma réplica mal-educada, mas Chiyo falou primeiro.

– Toriwaka, não incomode seu irmão. Deixe-o repousar em paz.

– Mas é impossível não doer...

Era claro que doía, pensou Taiken, aborrecido. Doía terrivelmente, mesmo após tantos dias... À noite, quando se movia em falso durante o sono, despertava num súbito tão lancinante que lágrimas lhe vinham aos olhos. Mesmo um simples inspirar profundo ainda parecia uma facada no torso.

Pensar a esse respeito o amedrontava. E se a dor nunca viesse a ceder de todo? E se ele não pudesse mais sacar uma espada, ou cavalgar, ou simplesmente torcer o corpo a um chamado brusco, sem se dobrar, incapacitado, àquele ferimento?

Se acabasse daquele jeito, como poderia encarar o pai...?

O olhar de Toriwaka atraiu o seu. O menino hesitou, avaliando de novo o corte profundo em meios de cicatrizar.

– Parece mesmo grave...

Moveu-se um pouco onde estava, e se dirigiu, sério, ao irmão.

– ...Ani-ue acha que vai sobreviver?

Desta vez, Chiyo não teve tempo de interceder. Taiken sentou tão de repente que não só Toriwaka, como ela e o médico pularam em alarme.

– *FORA DAQUI! AGORA! Ou te mostro QUEM não vai sobreviver!*

– *Taiken-san!*

O segundo príncipe correu, deixando a shoji aberta ao sumir corredor adiante. Chiyo se ajoelhou junto a Taiken bem a tempo de amparar-lhe o corpo quando o garoto fraquejou, gemendo entre dentes. Em três ou quatro pontos, a linha do corte se abriu.

– Taiken-san perdeu o juízo?!

– *Não suporto esse maldito moleque me cercando como um ABUTRE!* – ele retrucou, furioso.

– Taiken-san, eu imploro! Por favor, *acalme-se!* Não permitirei que Toriwaka o veja até que se recupere!... É uma *promessa!* Apenas *pare* de se mover, ou vai acabar se matando!

Ele arfou com dificuldade, a dor latejante cortando-lhe a respiração. Sentiu-se de repente estúpido por ter se exaltado daquela maneira... O cheiro ténue do sangue fresco que molhava a ferida causou-lhe náuseas.

A esta altura, aquele piolho detestável devia estar em alguma das varandas, rindo de seu estado, não devia?

– ...Já me bastou ser alvo de chutes até alguns anos... – ele fez, rancoroso. – Mas esperar que eu *não resista a isto...!*

Chiyo olhou, tensa, do médico para o rapaz.

– ...Toriwaka ainda é uma criança. Não sabe bem o que diz ou deseja, Taiken-san... Por favor, releve seus ciúmes.

O garoto suspirou curto. *Criança...* Toriwaka já completara onze anos. Entendia *perfeitamente* o que estava sentindo, mirando seu ferimento com aquela ansiedade sem disfarces... e o que significaria para sua rasteira pessoa, se o irmão morresse.

Chiyo soltou-lhe os ombros, vendo-o enfim abrandado e apoiado no travesseiro. Avaliou o corte, apreensiva, e ao mesmo tempo o médico se aproximou, com as novas bandagens de algodão. A ferida já respirara mais que o suficiente.

– ...Enfaixarei o corte novamente, Taiken-sama – o homem falou. – Por favor, não se mova até o início da noite, quando as trocarei de novo, após seu banho.

Ele assentiu, resignado. Sentia agora a raiva se desmanchar num cansaço pesado. Aquele ano há pouco começado, para o qual ele tivera tantas expectativas... não deveria ter sido assim.

Se, ao menos, Ame estivesse ali...

Taiken podia imaginá-la claramente, sentada junto ao futon, provavelmente num verde muito fresco ansioso pela Primavera, um sorriso de incentivo sobreposto ao olhar aflito. Agora, enquanto o médico lhe envolvia o torso de ataduras outra incômoda vez... ela estaria segurando sua mão, *neh?* Num aperto firme, e ainda, doce e macio...

Os dedos do garoto se fecharam no nada.

“Ame... deve ter chorado tanto quando soube que tive de partir...”.

– Por favor, descanse agora, Taiken-san – a voz de Chiyo o fez se voltar. – Não se aborreça quanto a Toriwaka. Irei mantê-lo à sua distância daqui em diante.

– *Un...* a ideia me revigora.

A lembrança do moleque reacendeu seu mau-humor. Toriwaka, Ryu Hideki, o shogun e quem mais

fosse... Mostraria a todos eles. Iria se recuperar, *definitivamente*.

– Perguntando se *acho* que vou sobreviver... – ele resmungou. – Se é esse o seu comportamento agora, temo pensar em como será no futuro...

Chiyo não disse nada em resposta. Era melhor abafar aquele assunto, antes que o rapazinho voltasse a arriscar a saúde com sua falta de bom senso. Fora um comentário infeliz do jovem segundo príncipe... Uma expressão tola de sua imaturidade. Nada mais.

Embora, a mulher ponderou...

“Após episódios como esse... parte minha também teme, Taiken-san.”



A linha do mar cintilava no horizonte enevoado, e o vento úmido da madrugada abrandava à luz crescente do céu. Na cidade e no porto, suave colina abaixo, despertava o burburinho de sons do dia, além dos muros rubros e dos portões fechados.

...Mais uma manhã odiosa em Mingzhou.

– Naginata-dono... já despertou, tão cedo?

Ainda inclinado sobre o beiral da varanda, ele se voltou. Koi o espiava da porta ornada do quarto, um par de uchikis pesados sobre o kimono de cama. Parecia hesitante em deixar o calor da construção.

– Treze dias até partirmos... – ele contou, inquieto.

Há quanto tempo estava na China, por aquela segunda vez...? Desde o início do Verão... já oito meses. Oito longos meses daquela cidade barulhenta, do cheiro estranho das plantas no pátio e dos perfumes nas roupas, da comida intragável e daquela língua que lhe arranhava os ouvidos...

“Seja paciente... foi pior da primeira vez. Dois anos neste lugar, dependendo de tradutores por não compreender uma única palavra, incerto quanto aos modos locais...”

Koi enfim ousou sair da casa. Pisou a varanda com os pés descalços, e se postou ao lado do príncipe, fitando o céu rosa e azul da aurora, os ombros encolhidos pelo frio. Sua proximidade o fez sorrir. Uma mulher japonesa... outro sensível conforto do qual não dispusera na outra viagem.

– *Hoh*... Naginata-dono está ansioso por retornar?

– Koi-san não?

A moça assentiu, serena, à pergunta indignada.

– *Hai*. Muito. Embora, fico feliz por ter vindo. Oito meses afastada de Naginata-dono... teria sido uma solidão horrível para mim.

Para ele também, o rapaz pensou, mas preferiu não dizer. Voltou a mirar o porto, além dos telhados sinuosos das ruas adiante. Com contatos comerciais estabelecidos e sua melhora considerável no idioma, além de mais breve, esta viagem fora ainda mais lucrativa que a anterior.

– Chichi-ue ficará satisfeito com os ganhos... – ele comentou. – Talvez o bastante para poupar-me de um próximo exílio neste fim de mundo.

...Ou, ocorreu-lhe então, para sentir-se tentado a enviá-lo de novo?

– O jantar que Naginata-dono mencionou... – Koi interrompeu sua conjectura – com o comerciante de seda? Será hoje à noite?

Ele confirmou num aceno curto. Sua consorte vacilou, medindo palavras.

– ...Naginata-dono acha que pode confiar em tal pessoa?

– *Iie*. Mas não se trata de confiança, *neh*? Trata-se de negócios.

Koi hesitou novamente.

– E... os lucros reservados de Naginata-dono... à parte do que será apresentado a Tetsuyama-sama...

Recebeu um olhar grave de soslaio.

– Por favor, perdoe minha inconveniência – ela baixou a cabeça. – Apenas... temo tanto por sua segurança! Se Tetsuyama-sama descobrir...

– Chichi-ue não irá descobrir – o príncipe cortou. – E, ainda que haja o risco, que seja. Eu o aceito.

Mirou duro o mon do kabuto traçado em vermelho na própria gola.

– Estou farto de esperar em vão pelo favor do daimyo, Koi-san... Se quiser poder nesta vida, terei de conquistá-lo por minhas próprias mãos.

E ele o faria. De uma maneira ou de outra. Não estaria para sempre à sombra do medíocre irmão mais velho... *definitivamente*.



– É uma honra recebê-lo, Okamura-dono. Perdoe a singeleza da ocasião.

– *Hoh, iie...* Estou encantado pelo convite, Tetsuyama-dono, e por ver-me diante de tão adorável jantar... Camarão, se não me engano?

– À maneira tradicional de Tottori. *Dozo*, Okamura-dono, sirva-se à vontade.

Okamura Hayate alcançou uma pequena porção rosada e fumegante da bandeja ao centro, e pôs-se a mastigá-la minuciosamente, a boca esticada num sorriso vazio. Seu olhar correu do anfitrião para os guardas em vermelho à porta, então para um dos seus, à sua esquerda. Estava desconfiado, leu Naginata, e sequer tivera perícia em dissimular...

Chiyo serviu-se da mesma bandeja, então Koi. Osamu sorveu algumas colheres de sua sopa de miso [\[108\]](#), e por fim fez o mesmo, a feição distraída. Pareceu ao convidado o bastante. Sua segunda porção de comida foi engolida mais rápido e com menos cuidado.

– Soube que um mensageiro já partiu para convocar a Kyoto o novo herdeiro de Ashigawa-sama – o daimyo comentou, casual.

O desconforto do general Okamura retornou, denunciado por um gole pesado em sua dose de sake. A serva responsável pela bebida se aproximou e voltou a encher a tigela em sua mão antes que a resposta viesse.

– ...*Hai*.

– Rezo para que o jovem príncipe retorne em breve e em segurança – o Akaoni prosseguiu. – Seus relatos do fronte sem dúvida serão vitais na próxima reunião geral... que, suponho, deve traçar com mais nitidez os rumos políticos de Mutsu, *neh?*

“Oh”, Naginata quase pôde ouvir o convidado pensar. Enfim, o objetivo daquele jantar se esclarecia para Okamura. Ele sentou mais reto, os olhos pretos interessados.

– *Hai* – repetiu – de fato.

Alguns bocados de camarão depois, Osamu elucidou sua proposta. Ele queria seu exército convocado como reforço ao Bakufu em Mutsu; Okamura queria a posse da província. Tinham muito a ganhar, apoiando-se mutuamente contra os Kyuumura.

– Os Kyuumura... e os Ryuu.

Osamu ergueu as sobrancelhas à nota cautelosa do convidado. Naginata achou que o pai fosse sorrir e amenizar a relevante animosidade colateral... O daimyo, porém, se inclinou para frente, o rosto firme, e cruzou as mãos sobre sua mesa.

– *Hai* – confirmou. – ...É um incômodo para Okamura-dono?

Um vinco raso mas crucial se formou entre as sobrancelhas espessas do outro.

– *Iie* – ele replicou, áspero. – Incômodo algum.

– Então – Osamu concluiu cordialmente – temos um acordo?

Depois que os passos pesados do general Okamura e seus guardas sumiram ao longe, além das portas e do corredor, um suspiro de Taiken interrompeu o silêncio.

– ...Cheguei a pensar que ele não concordaria.

– *Hoh*, Okamura-dono não é nenhum tolo – seu pai observou. – Creio que tenha passado boa parte da conversa pensando os riscos de se aliar ao maior suspeito da morte de Yoshitane-sama...

Um riso curto se traçou em sua boca.

– Mas, aparentemente... o peso dos Tetsuyama a seu favor e uma leve provocação de seu brio o convenceram.

– A sugestão de culpar os Uzawa pelo atentado também o interessou muito... – Naginata acrescentou. – Se o shogun aceitar essa premissa e aumentar sua força militar em Mutsu, Okamura-dono terá um papel maior no final desta guerra, *neh?*

– Seu desejo pela província é deveras intenso – disse Chiyo. – Se Okamura-dono se tornar daimyo de Mutsu... convirá mantê-lo como aliado comercial por meio da ponte Harusaki, em competição com a rota tradicional de Tokaido e Osaka, *neh?*

– E, talvez, em confronto militar com os Ryuu... – Osamu conjecturou, então fez um gesto de moderação. – Mas sigamos com paciência. Um passo por vez.

Pôs-se de pé. Koi delicadamente disfarçou um bocejo. Hotaru olhou pela janela. O céu sem estrelas estava escuro... era tarde.

– Esperemos dois dias – o daimyo se dirigiu em voz baixa a Chiyo, assim que a mulher se postou a seu lado – então abordaremos nosso segundo aliado potencial.

Ela assentiu. Ochi Kagetora, o mais velho cabeça de clã ativo do país, e sem dúvida um dos mais neutros politicamente...

– Esteja tranquilo, tono. Sua proposta convenceu Okamura Hayate... certamente convencerá Ochi-dono.

Capítulo 17

Decisão



A shoji estava aberta para a sacada, por onde entrava um vento monótono, mas os fusumas decorados do escritório fechavam o aposento em disposição reservada. A mesinha ornada fora posta de lado, e diante do shogun se curvavam sua esposa e sua nora, recém-chegadas do Palácio Imperial.

– Tennouheika envia suas profundas condolências pelo atentado e pela perda de Ashigawa-sama – disse a princesa Fuji, a voz aguda formal.

Era esposa do segundo filho e agora sucessor do shogun, Yoshinaga, e irmã mais nova da princesa Kuzu, recém-assassinada junto ao marido, o herdeiro original. Sendo ambas primas do Imperador, estivera desde a tarde anterior na corte Imperial, em visita de pêsames à família, acompanhada pela sogra.

– Fico muitíssimo honrado pelos votos do Ser Celestial – respondeu Yoshinobu, igualmente cerimonioso.

– Tennouheika disse estar consternado com o ocorrido... – a moça prosseguiu – e que, se assim convier a Ashigawa-sama, enviará ainda amanhã um oficial da corte para auxiliar o quanto possível na busca pelo responsável.

A mandíbula do shogun enrijeceu, mas apenas por um segundo.

– Sou imensamente grato pela generosidade – ele sorriu. – Receberei o oficial com todo o prazer.

Ao lado da nora, a senhora Oyu postou as mãos, incomodada. Dois anúncios tão inconvenientes em sequência certamente aborreceriam seu marido, ela analisou... Mas não havia o que ser feito, *neh?*

Falou em tom acetinado.

– Devido à triste perda de Kuzu-hime, e ao ataque ainda não esclarecido... antes de partirmos, o honorável kampaku transmitiu-nos o pedido que Fuji-hime permaneça na corte, com a família... até o retorno de Yoshinaga.

Forçar uma expressão cordial foi mais difícil desta vez. Internamente, o shogun praguejou. Maldita cobra oportunista, além de impor um de seus subordinados naquela investigação, sob a irrecusável fachada de um pedido do Imperador... Kujou Masamoto ainda lhe tomaria a guarda de sua única nora? Sua ponte com a família Imperial, vital para a progênie pendente do novo herdeiro, ficaria sob a asa de um aliado dos Ryuu?

– ...Tennouheika também achou a ideia oportuna – sua esposa observou, a voz suave transparecendo sutil urgência. Era o seu modo de sublinhar ser inevitável, *neh...?* Yoshinobu se irritou, mas talvez fosse mais culpa de Masamoto que de Oyu.

Ele anuiu, arreganhando um sorriso educado.

– *Hai*, deveras oportuna. Será um alívio ter Fuji-hime a salvo no Palácio Imperial durante este período turbulento... Naturalmente tem minha permissão.

A jovem dirigiu-lhe reverência longa.

– *Domo arigato gozaimashita*, Ashigawa-sama. Tennouheika ficará feliz. Espero ansiosa o retorno de Yoshinaga-sama.

– Todos esperamos – Oyu concordou, polida e profundamente sincera.

A moça se despediu com o protocolo adequado, então deixou a sala, um trio de servas que esperava à porta a acompanhando. A brisa fraca vinda da varanda parara, e a luz do fim da manhã tomava, intensa, o céu lá fora. O calor começava a aumentar.

Oyu correu a mão pela longa gola do uchiki, mais para atrair o olhar do shogun que por ajeitar a veste. O velho se voltou, ainda com a carranca que vinha dirigindo à porta pela qual a nora saíra.

– Que problemático... – ela suspirou, tirando o leque do obi. – Tatsuya ani-ue não deu-lhe mais notícias, tono? Nenhum indício que aponte o mandante do ataque?

Yoshinobu deu de ombros.

– Zeloso o quanto Tatsuya venha sendo, não há rastro a ser seguido.

Lembrou-se de como declarara, diante de todos os seus atentos convidados, que o responsável pela morte de seu filho pagaria... Agora, arrependia-se de ter pronunciado tal coisa. A investigação devia terminar em breve, sem resultados.

Não bastasse a humilhação de ter seu palácio devassado, sofreria a humilhação de ver o responsável impune, e sua promessa, publicamente, feita vazia.

Ele respirou fundo, pesadamente. Sentia-se velho... Horripelmente velho e débil, assistindo impotente à própria decadência. Perguntou-se se Kujou Masamoto, o parasita da corte Imperial, sentia-se da mesma forma, às vezes...

A conclusão que decerto sim lhe foi curiosamente revigorante.

Sua atenção voltou para Oyu, balançando devagar o leque sob o nariz. Até ela, no momento, lhe parecia incomodamente envelhecida. Os cabelos grisalhos costumavam ser tão exuberantes, e as mãos ressecadas, tão formosas... Como as de sua doce Narumi, *neh?* Embora, a beleza de Oyu houvesse sido mais... afiada. Mais como a de Sakuya. *Hoh*, divagando a respeito...

Sakuya... ali estava outro pensamento revigorante.

Os olhos duros da velha Oyu voltaram-se da sacada para ele.

– ...Faz oito dias que o neto de Tatsuya ani-ue partiu.

– Tenha paciência. O rapaz voltará em breve.

O leque caiu, então se ergueu de novo, oscilante, entre os dedos da mulher. Ela assentiu em gesto sumido às palavras do shogun, sentindo-se pouco ou nada confortada. *Hoh*, em breve... Em breve, *quando?*

– Kazuo é um cavaleiro hábil e um soldado excelente – seu irmão mais velho lhe garantira dias antes, sisudo. – Sem dúvidas fará todo o possível para trazer Yoshinaga-sama de volta.

– *Hoh*, mas... partindo com apenas dois samurais... – ela contestara, hesitante. – Ani-ue não deveria enviar uma força maior? Ou outros mensageiros? Se a convocação não alcançar Yoshinaga...

– A convocação *irá* alcançá-lo, Oyu! Nem que custe a Kazuo sua vida! Portanto, não se apavore. Sua frente continuará mais alta que a de Sakuya-gozen!

A lembrança a fez suspirar indignada. Que brutalidade! Era certo que o pobre Tatsuya estivera em péssimo estado de nervos desde a tragédia... mas aquele comentário fora totalmente desnecessário. Sua angústia por Yoshinaga, seu precioso e agora único filho, exposto às lâminas sujas dos traidores em Mutsu, era absolutamente genuína.

...*Hai*, era verdade que, se ele percesse, com sua idade, seria a ela impossível gerar outro herdeiro...

E era verdade que o filho mais velho da senhora Sakuya, segunda consorte do shogun, estava em beiras do genpuku... Um menino talentoso, ou ao menos de tal coisa a mulher vivia se gabando. *Hai*, era verdade que, na ausência de seu Naga, ele seria o provável sucessor... e que, diante tal circunstância, a mãe do novo herdeiro, Ashigawa Sakuya, sentiria-se no direito de se portar com petulância insuportável.

Mas essa lhe era uma preocupação totalmente secundária. Ver Naga a salvo e em casa de novo, era apenas isso o que importava.

Um bater ansioso à porta a fez se virar num pulo.

– Entre – o shogun franziu a testa.

O fusuma foi empurrado para o lado. Um samurai com bigodes ralos, de joelhos à soleira, curvou-se em mesura longa e falou rápido.

– Tono-sama...! O neto de Itou-sama retornou.

O casal se empertigou em movimento simultâneo.

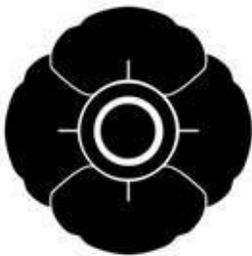
– ...E Yoshinaga?

À pergunta da senhora, o homem hesitou. Por fim, negou em gesto sucinto.

– ...Kazuo-dono voltou com apenas um dos soldados de sua escolta. Está ferido, mas insiste em se apresentar diante de tono-sama tão logo quanto seja conveniente.

Yoshinobu assentiu. Um temor gélido se abriu em seu estômago. Yoshinaga não viera... Só podia indicar algo muito grave.

– ...Informe o general Itou – ordenou. – Receberei o rapaz imediatamente.



–“...Fascinado o quanto tenha deixado-me tão belo presente, consterna-me notar apreensão em sua amável missiva. Rogo-lhe que não receie. A luz é inevitável, e uma árvore é uma árvore. Nada mais. O que nunca deverá minguar é o franco afeto que esta pessoa dedica a Keshi-s...”

– “*Uma árvore é uma árvore*”! – Ryuu Keshi repetiu com acidez, interrompendo a leitura cautelosa de Ogumo. – É *essa* a resposta que recebo?!

O jovem ator se calou à pergunta retórica. Keshi soltou um grunhido. Cedera seu contato mais valioso, um espião no próprio Palácio das Flores... e em troca do *quê*?

Desde o início, esperara pouco do pagamento oficial pelo shinobi – uma mostra pública de proximidade entre sua pessoa e os Ryuu, o que fingira ter como interesse no trato... Mas Hideki conseguira superar suas piores expectativas. O inútil chá vespertino com a metade mais insossa da família Kyuumura de absolutamente nada lhe servira.

Então, antes que sua *verdadeira* recompensa viesse, antes que Isao pudesse usar sua posição como espião para trazer-lhe informações sobre os movimentos de Hideki...

O primeiro filho do seii-taishogun era encontrado *morto*!

A mulher arfou, levando a mão ao peito. O que Hideki estava pensando?! Usara seu shinobi para matar Ashigawa Yoshitane...? Provocara deliberadamente a suspeita e a ira do shogun?... *Por quê*?!

E, se, agora, Isao fosse descoberto... isso levaria a *ela*, não levaria? Hideki não seria implicado sozinho... Aliás, faria de tudo para incriminá-la! Ela seria acusada de ter parte no assassinato do príncipe... Bons Kamis, *hoh*, bons Kamis! Não queria imaginar o tipo de morte que sofreria!

Sentiu-se sufocada, o coração oscilando. Ogumo deixou a carta e se aproximou prontamente, amparando-a pelos ombros e acariciando seu rosto.

– Keshi-sama... por favor, não se exalte. Os lábios de Keshi-sama estão pálidos...

Ela o afastou num gesto impaciente, respirando fundo.

– Estou bem! Só não posso acreditar nessa maldita carta!

Olhou o papel no chão, diante do armário e do biombo alto, com rancor. Mesmo a visão da caligrafia de Hideki a enfurecia além de palavras. Nada ia como o esperado... ela estava no escuro. E aquele arrogante ainda a repreendia por querer um mero fio de esclarecimento...!

“...O que nunca deverá minguar é o franco afeto que esta pessoa dedica a Keshi-san”, ela quase podia vê-lo escrever, o olhar rígido sobre as palavras floreadas.

“Isso... é uma ameaça, *neh*? Hideki-sama...”

Ela cruzou as mãos sobre o colo, o cenho fechado e absorto. Expirou devagar.

– ...Sake, Ogumo. Preciso de sake.



Despertando de um sonho longo e elusivo, Itou Kazuo moveu a cabeça, e sentiu um toque leve afagar-lhe a têmpora. Estendeu a mão, até roçar um tecido macio. Seda. Uma manga de kimono... um pulso.

– Ame-san...

A claridade embaçou sua visão por um momento. Ele piscou. O vulto em azul se tornou mais nítido contra a shoji e o teto de madeira. Sorriu para ele, um pequeno sinal castanho pontuando-lhe a expressão ansiosa.

– ...Sou eu, Kazuo-dono. Está se sentindo bem?

O latejar dolorido em seu braço, e em seu flanco, e no joelho direito e na maçã oposta do rosto clarearam a memória de Kazuo. Ele voltara de Mutsu a Kyoto ao abrir da hora da Serpente [\[109\]](#), após três dias de cavalgada quase contínua, e se apresentara no Palácio das Flores... Não lembrava se reportara tudo que pretendia ao shogun e ao avô, que chegara à sala apressado, minutos depois. Temeu ter desmaiado em algum ponto do relatório, e sentiu-se pungido de constrangimento.

– Kotone-san... – olhou a esposa – ...eu estou em casa?

Ela negou.

– Está no Hana-no-Gosho. Itou-sama mandou me buscarem há algumas horas.

Voltou-se para o lado, para uma bandeja posta com toalhinhas dobradas, e verteu um fio límpido de água de um bule para uma tigela larga.

– O médico disse que Kazuo-dono está desidratado... Por favor, beba um pouco.

Ele anuiu. Kotone o ajudou a erguer o corpo, apoiando-o com cuidado. Conteve o impulso do marido de entornar o líquido rápido demais. Não bastassem os ferimentos, ele estava claramente exausto... O general Itou dissera que havia percorrido quase toda a volta à capital machucado, sem descanso. Kotone nunca o vira em tão mal estado; ou se sentira tão orgulhosa.

– Mandei prepararem um cozido para Kazuo-dono. Deve estar quase pronto.

– Será bem-vindo... *Domo*, Kotone-san.

Ela deitou o rapaz de novo, devagar. Ajeitou o futon sob seu braço enfaixado, e o travesseiro sob sua nuca, e examinou o corte em seu rosto. Estava púrpura e inchado, mas fechado numa linha limpa. Haveria de cicatrizar logo... talvez até sem marcas.

Kazuo franziu a testa.

– ...Ojii-sama está em reunião com o shogun?

– *Hai*. Itou-sama pediu-me para cuidar de Kazuo-dono, e ajudá-lo a se recuperar tão logo quanto possível... Para que possa terminar seu relato a Ashigawa-sama antes da nova reunião geral, amanhã.

– *Amanhã?*

– ...*Hai*. Kazuo-dono trouxe uma mensagem urgente de Yoshinaga-sama, *neh?* A expressão de Itou-

sama parecia muito tensa...

Kazuo confirmou em gesto pesado.

– Quando alcançamos o castelo ocupado por Yoshinaga-sama em Mutsu, poucos ^[110] *ris* ao Norte de Hitachi... nos deparamos com a fortaleza sob cerco dos Uzawa. Custou-nos dois dias nos aproximar em sigilo, enviar a convocação e receber resposta... A saída de Yoshinaga-sama seria impraticável. Quatro contatos foram mortos no processo de entrega das mensagens...

Ele fez uma pausa, retomando o fôlego.

– Recebemos ordem escrita de Yoshinaga-sama para partir e levar a Kyoto sua carta, pedindo reforços. Logo após cruzarmos a fronteira, fomos atacados... Um de nós foi morto. Eu e o outro seguimos tão rápido quanto pudemos.

– Após a fronteira...? – Kotone repetiu. – Então...

Kazuo assentiu, muito sério.

– ...Ouvimos rumores sobre vilas saqueadas em Hitachi e Shimotsuke. Os Uzawa estão descendo do Norte. Por isso o ataque inesperado às tropas de Yoshinaga-sama.

Trespassar a fronteira de Mutsu, o jovem oficial ponderou... Desde o início da guerra, há quatro anos, eles não chegavam a tal ponto...

Batidas soaram à porta, além do biombo baixo. Uma serva trazendo a refeição solicitada. Kotone se adiantou até a shoji, e Kazuo fechou os olhos, inspirando fundo. Concentrou-se no repentino aroma de legumes e peixe, em como o futon aliviava a dor em suas costas, e tentou, por um momento, não pensar na guerra. Conseguira entregar a convocação, voltara a Kyoto para alertar o shogun e trouxera a mensagem do príncipe... Cumprira seu dever.

Precisava se recompor para completar seu relatório oficial ainda hoje...

– *Iie*. Leve o sake – ouviu Kotone sussurrar com firmeza. – Kazuo-dono precisa de mais água fresca.

A shoji correu de novo nos trilhos, e fechou num clique agradável. Kazuo ouviu passos abafados por ^[111] *tabis*, então um movimento de sentar. Voltou-se. Sua esposa trouxera uma bandeja com tigelas, e agora a dispunha ao lado da cama.

Sentiu-se de repente embaraçado por haver chamado o nome de Ame... Estava sonhando com ela? *Un...* provavelmente.

...E provavelmente de um modo que Taiken não toleraria.

“Vergonhoso, Kazuo”.

A esta altura, ela devia ser Tetsuyama Ametsuyu, *neh?* Consorte de seu adorado Taiken, como sempre sonhara... Devia estar radiante.

– Sei que Kazuo-dono gosta de começar pelo arroz – a voz de Kotone atraiu seu olhar – mas posso sugerir que o faça pela sopa? Deve renovar-lhe melhor as forças.

Ele olhou o recipiente laqueado que a moça indicava, entre o arroz e uma porção de pepinos. Estava cheio de um cozido castanho fumegante. O cheiro pareceu o bastante para reanimá-lo. Miso com caldo de sardinha, algas e cebola.

– ...Kotone-san sabe mesmo me convencer.

Ela riu.

– Deixe-me ajudá-lo a sentar.

– *Iie...* Estou bem.

Ainda assim, ela o susteve pelo ombro, amparando-lhe o braço machucado.



Tamanha inquietação tomava o grande salão dourado que quase nada se ouvia de seus mais de cinquenta ocupantes. Numerosos samurais em verde-escuro guardavam as portas opulentas. Reverentes, secretários indicavam lugares aos daimyos e conselheiros recém-chegados. Itou Tatsuya tomava seu assento em postura mais curva que o usual, o rosto magro sombrio. Okamura Hayate, em vagarosa tensão, raspava com as unhas uma das costeletas espessas. Tetsuyama Osamu corria os olhos nesgados pela sala, taciturno e perscrutador. Seu maior desafeto, igualmente quieto à sua frente, parecia mirar, atento, o nada além dos fusumas fechados.

Para o jovem novo daimyo de Mino, mesmo respirar ali parecia incômodo.

“Acalme-se, Kentaro”, ele suspirou. Seu papel seria apenas ouvir e assentir em apoio às eventuais afirmações do mestre. Nada direto em relação a sua pessoa, *neh?*

Hai, mas, após o assassinato de Ashigawa Yoshitane... aquela segunda reunião geral, convocada tão de súbito, seria sem dúvida uma ocasião tensa.

No largo elevado de honra aos fundos, uma porta lateral foi aberta, e o murmúrio de conversas cessou. Em vestes negras de pesada formalidade, o seii-taishogun adentrou a sala, escoltado por dois samurais. Sentou na almofada brocada ao centro do palanque, anuiu às pronunciadas reverências em gesto comedido, então agradeceu polidamente a presença de todos os nobres convidados.

“Não que nos houvesse muita escolha”, a mente de Tetsuyama Taiken retrucou.

– A razão para este encontro repentino – começou o shogun – é a gravidade de novas informações que chegaram do Norte, e alcançaram os ouvidos do Bakufu.

O interesse geral se aguçou. Com punho fechado, Tatsuya abafou uma tosse seca. Dormira pouco e pessimamente na noite anterior. Ainda que no fronte, era esperado que o príncipe Yoshinaga estivesse em situação segura, mantendo o atenuado flanco Leste do conflito sem dificuldades. O relato de Kazuo, de que suas tropas haviam sido reduzidas à metade e sitiadas pelo inimigo... era uma catástrofe.

– Yoshinobu-sama, se vosso honorável filho perecer naquela fortaleza... – dissera o general no fim de tarde anterior, em reunião com o mestre e o neto.

O shogun finalizou a consideração.

– ...Se Yoshinaga morrer, perco minha linhagem direta. Um dos filhos de minhas consortes haverá de ser indicado como novo herdeiro... E, com as inevitáveis disputas de interesses, uma posição do conselho e da corte deverá se delongar.

– Nesse tempo, *certas pessoas* podem vir a ter ideias perigosas – alertou Tatsuya.

Recostado num hyoki de estofado brocado ao lado, Kazuo olhava apreensivo de um para o outro, como uma criança que timidamente acompanha a conversa.

– *Un...* – Yoshinobu resmungou – *certas pessoas...*

Tatsuya não tinha dificuldades em visualizar Ryu Hideki aspirando ao título de shogun. Ora, com o

clã Ashigawa fora do caminho, conseguiu-lo-ia sem obstância. Tinha na mão toda Tokaido, metade do conselho e o próprio kampaku... Persuadiria facilmente o Imperador a nomeá-lo.

E não que ele fosse o único perigo em potencial. Sob a fina crosta de civilidade, o Akaoni com certeza guardava rancor pelo Bakufu, após o isolamento político de uma década. Se tinha quinze mil homens para oferecer em aliança ao shogun, tinha ao menos quarenta mil a postos para atacá-lo. Com a família do senhor enfraquecida, e os Uzawa sobrepujando suas forças no Norte, temeu o velho... talvez Tetsuyama Osamu se sentisse encorajado a tomar o poder.

– Yoshinaga-sama precisa retornar – ele concluiu.

– Quando Uzawa Tsurumaru declarou guerra ao Bakufu – o shogun discursou para o salão – um de seus vassallos recusou-se a tal mácula. O nobre clã Asaba se voltou contra o mestre traidor, e expirou em combate, um ano depois. Seu castelo, no extremo Sudeste de Mutsu, foi retomado da escória insurgente há sete meses, e mantido sob comando de meu segundo filho.

Ele fez uma pausa, e inspirou fundo, com toda a discrição que foi capaz. Apesar do que estava prestes a tornar público, não transparecer ansiedade era fundamental. Um *interesse* em apoio militar de daimyos, não *necessidade imprescindível* de tal – era essa a máscara que pretendia vestir.

Só esperava que fosse convincente o bastante.

– Ontem, fui informado que tropas dos Uzawa não só voltaram a cercar Asaba-jo... como vêm se movendo para o Sul, pilhando vilas nas províncias de Shimotsuke e Hitachi. Meu filho recusa-se a permitir que tenham alguma chance de retomar o castelo, ou de causar mais danos a este país... E, por esse motivo, hoje exponho a disposição do Bakufu de aceitar reforço militar imediato dos governos provincianos.

Seguiu-se um burburinho. O general Shikamori espiou, agitado, os assentos à direita da sala. A frente do ancião Ochi Kagetora se enrugou mais, e a do tímido Uehara Seito se ergueu. Os dedos de Tetsuyama Taiken bateram, rápidos, em sua perna, e o semblante de Ryuu Hideki tomou um vago ar de satisfação.

– Ashigawa-sama – Okamura Hayate se pronunciou – sendo esse o caso, sugiro humildemente que o Bakufu aceite a oferta feita por Tetsuyama-dono na última reunião. O exército de Inaba será de grande valor contra o inimigo.

Àquela fala, a expressão de Hideki fechou num vinco mínimo, o que muito divertiu Osamu. Então, o miserável notara não ser mais o único com uma conveniente voz entre os generais do Bakufu, *neh...? Hoh!* Devia estar frustrado!

– Todavia... – como esperado, Shikamori Akira contrapôs – não se pode ignorar que uma das províncias atacadas está sob jurisdição de Ryuu-dono.

O daimyo confirmou num aceno sutil.

– Parece-me mais adequado que seu apoio seja recebido – prosseguiu o general. – A proximidade de Owari também é um fator conveniente...

– A deliberação já foi feita – Yoshinobu encerrou o argumento.

Uma pausa de surpresa tomou a sala. O vinco na testa de Hideki se tornou nítido. Sisudo, o shogun se virou para a esquerda do recinto.

– Tetsuyama-dono... Mantém sua oferta de quinze mil homens em reforço ao Bakufu? A postos diante dos portões de Asaba-jo em dez dias a partir de hoje?

O Akaoni sorriu, polido.

– Em *nove*, Ashigawa-sama.

– Ashigawa-sama...!

Os olhares se voltaram para o lado oposto. Kentaro sentou mais reto, e seu pai ergueu contidamente a sobrancelha. Sob as ricas mangas cor de damasco, a senhora Mitsue apertou as mãos. O tom indignado de Hideki havia beirado o desacato.

– ...Com todo o respeito, devo protestar – ele expressou. – Hitachi é um domínio vassalo de Owari. Se está recebendo ataque direto...

– As excelentes tropas de Ryuu-dono podem rechaçar o inimigo de dentro de sua fronteira – retrucou, seco, o shogun. – Eu não teria a *deselegância* de pedir a Ryuu-dono por soldados, havendo invasores a serem eliminados em suas próprias terras.

O daimyo se calou, o rosto rígido. Seu aborrecimento era compreensível, ajuizou Mitsue... À boca miúda, Tetsuyama Osamu era tido como principal suspeito do ataque aos Ashigawa. Quando o shogun declarara interesse em apoio militar das províncias, ela nunca imaginara que aceitaria justamente o do Akaoni.

...Estariam, então, suas suspeitas pessoais voltadas contra Hideki?

– *Yosh...* – o shogun demorou o olhar sobre o outro em desagrado, então virou-se de novo para Osamu. – Está decidido. Tetsuyama-dono... o Bakufu conta com seu apoio em Mutsu, tão breve quanto possível.

– Enviarei meu general a Tottori esta tarde, a fim de reunir as tropas – o daimyo fez mesura, solene. – *Domo arigato*, Ashigawa-sama, pela honra de sua confiança. O clã Tetsuyama não irá desapontá-lo.

– *Un.* Sua generosa contribuição nesta guerra não será esquecida.

“...*Conseguimos!*”, Taiken comemorou, exultante, em pensamentos. Mesmo com a resistência política dos Ryuu e seus títeres, mesmo com o inesperado atentado contra o príncipe herdeiro e com sua família injustamente cogitada responsável... O shogun não tivera como ignorar a força dos Tetsuyama, *neh?* Após exilar o Akaoni e quase arruiná-lo, aquele velho tolo agora se curvava a receber seu auxílio...

Exatamente como seu pai planejava há anos!

Um relance sóbrio de Osamu o advertiu que provavelmente sua satisfação estava demasiado visível. O príncipe fechou um semblante discreto. Mirou de relance a pessoa alguns passos à frente, mais por impulso irresistível que qualquer outra razão, e Ryuu Hideki o encarou de volta, rosto neutro e olhar assassino.

Taiken precisou policiar-se para não sorrir de novo.

– Ashigawa-sama, se me permite a indagação... – o conselheiro Okori falou. – A questão do novo daimyo de Mutsu...

Yoshinobu assentiu, e expôs para toda a sala.

– Assim que os soldados de Inaba reforçarem o controle do Bakufu em Asaba-jo, meu filho se deslocará para a capital. Com o apoio de seus relatos, a decisão quanto à posse da província será tomada em nova reunião geral.

O silêncio seguinte traduziu incômodo. Alguns dos presentes se moveram onde estavam, ou olharam para os lados. Uma nova reunião... quando? Seriam convocados outra vez? Ou teriam de esperar ali até o retorno do príncipe?

– Assim sendo... – Hideki anunciou, sério – minha pessoa humildemente solicita o consentimento de Ashigawa-sama para deixar a capital pela manhã. Dada a situação de guerra em minhas terras, devo tomar as providências convenientes.

– *Hoh*, mas certamente Ryuu-dono pode tomá-las daqui – replicou o shogun com cortesia. – Yoshinaga estará em Kyoto em breve, e reunir todos os nobres senhores mais uma vez tomaria tempo

precioso... Então, peço a Ryuu-dono e aos demais convidados que aguardem no Palácio das Flores.

Se ainda havia um sinal de cor no rosto do daimyo, Mitsue o viu sumir naquele instante.

– ...*Hai*, Ashigawa-sama – ele fez reverência lenta. – Como desejar.



Ao correr da shoji, Kazuo ergueu o corpo, e mirou com expectativa a entrada do quarto. Detrás do biombo, porém, não veio seu avô com notícias da reunião, da reação dos daimyos e generais quanto à escolha do Akaoni como aliado do Bakufu. Veio Kotone, sorridente, fazendo-lhe mesura junto à divisória baixa.

– *Konnichiwa*, Kazuo-dono. Conseguiu dormir um pouco após o desjejum?

– ...Não de fato.

Ele até tentara... mas o cerco em Asaba-jo e a reunião geral ocorrendo o haviam despertado de modo irremediável. Seu avô parecera tão apreensivo na noite anterior, após a decisão do shogun...

O sorriso de Kotone tomou um ar maroto.

– ...Kazuo-dono tem visita.

Ele não chegou a perguntar, pois ela então se voltou para a porta. Moveu-se para o lado, ajeitando a barra do kimono sob os joelhos, e outra pessoa, arrastando a cauda de um uchiki vermelho, ali se acomodou em gesto fluido.

O rapaz sentou, surpreso, e seu braço protestou numa pontada. Kazuo não deu atenção. Exceto por relances à contida distância, na infortuna apresentação de fogos de artifício... não via Ametsuyu desde a noite em que a reunira com Taiken.

– Ame-san...

Ela hesitou um sorriso, então se curvou em saudação formal.

– *Konnichiwa*, Kazuo-sama. É um alívio vê-lo bem.

– Ametsuyu-san veio prestar visita a Okori-sama, e soube da estada de Kazuo-dono no palácio – Kotone expôs. – Como me procurou por notícias de sua saúde, tomei a liberdade de pedir-lhe que o visse por um momento.

Dirigiu à outra moça um pequeno aceno.

– Agradeço-lhe novamente pela gentileza.

– *Iie* – Ame sorriu de volta, em reverência. – É um prazer, Kotone-sama.

Voltaram-se ambas para Kazuo. Ele ainda fitava Ametsuyu, espantado. Aquela aparência, aquele trejeito... Visita a Okori Noriyuki?

– Eu... não esperava vê-la – o rapaz forçou uma expressão jovial.

A cortesã se pôs de pé e se aproximou, sentando, elegante, ao lado do futon. Riu suavemente para ele, mas, sob o semblante adocicado, Kazuo notou seu olhar inquieto. Esperou Kotone se despedir num gesto leve e deixar o aposento, a porta fechando em silêncio. Então se voltou, ansioso, para a jovem.

– Ame-san... o que houve? Eu pensei...

O sorriso de Ame se desfez, e ela baixou os olhos maquiados.

...Tetsuyama-sama não permitiu a Taiken-sama a compra de meu contrato – sussurrou. – Sendo

Keshi-sama ligada ao clã Ryuu... Tetsuyama-sama decidiu que, por hora, serei mais útil em Akahana.

– *Útil!?*

A exclamação indignada a fez mirá-lo de novo. Kazuo suspirou. Então, apesar de seu reencontro com Taiken, após tantos anos... pelo incerto laço entre a dona da casa de chá e Ryuu Hideki, Ame teria de continuar sujeita à condição de cortesã?

– Taiken-san não pode aceitar isso.

– ...Não cabe a ele decidir, Kazuo-san.

O rapaz fechou o cenho. Sabia que Taiken decerto não podia tomar uma consorte sem o consentimento do pai... Bem como ele não poderia fazê-lo contra a vontade de seu avô. Era uma explicação muito aceitável.

Mas...

– ...Por quanto tempo?

A jovem hesitou. Taiken lhe dissera que seria um empecilho breve... até o fim do Hanami. Porém, com a morte do sucessor do shogun, aquela confluência de daimyos em Kyoto prometia se estender.

– ...Eu não sei.

Kazuo meneou a cabeça.

– Por favor, não se angustie assim – ela pediu. – Posso esperar mais um pouco. E quero ajudar Taiken-sama o quanto puder.

A resignação naquela fala apenas o fez se sentir pior. Ele chegou a abrir a boca, mas a moça pareceu decidida a não prolongar mais o assunto. Desviou o olhar para a ferida roxa em seu rosto.

– ...Soube que um dos samurais que o acompanhavam foi morto – disse, séria. – Fico muito feliz em vê-lo a salvo.

Kazuo mirou o próprio braço, enfaixado sob o kimono de algodão, e o moveu devagar. A preocupação pelo cerco em Asaba-jo e pela presença do inimigo ao Sul da fronteira de Mutsu voltou a inquietá-lo.

– ...Cheguei a pensar que não conseguiria. Admito estar feliz, também.

– Eu...

Ame vacilou, cruzando as mãos sobre o colo.

– ...Eu ainda não pude agradecer apropriadamente a Kazuo-san.

Silêncio. Em algum lugar lá fora, um tordo chilreou ao longe.

– *Hoh* – o rapaz sorriu – não há o que agradecer.

A cortesã negou.

– Não apenas por reunir-me a Taiken-sama. Mas... por todos esses anos. Desde a primeira vez em que foi ver-me em Akahana...

Ela fitou Kazuo, e um sorriso terno escapou-lhe dos lábios vermelhos. Ainda se lembrava tão bem daquela noite... Ter sido visitada por ele, a quem não via desde após a partida de Taiken, três anos antes, fora por si uma surpresa agradável.

– Oh?... – dissera a certa altura do encontro, a Lua já alta, quando ele a impedira de despir-se de seus uchikis. – Sinto muito... Kazuo-sama prefere fazê-lo?

– *Iie*, Ame-san... Não há necessidade de tirá-los.

Ela piscou em breve surpresa, então anuiu, aproximando-se num sorriso polido de compreensão que o fez corar.

– *Iie!* – Kazuo a impediu de novo. – Quis dizer... que não quero fazer isso. Ame-san é minha amiga de

infância. Não quero usá-la como cortesã.

O novo espanto da moça foi notavelmente maior. Ela o olhou, perplexa.

– Mas... Kazuo-sama... O quanto pagou por esta noite comigo...

– Foi a única maneira de eu poder vê-la, *neh?*

Ame sentiu uma comoção profunda agitar-lhe o peito. Desde que chegara, Itou Kazuo estivera conversando com ela, lembrando os tempos do dojo, contando sobre o alistamento no exército do Bakufu e seu treinamento... Mas... ela sequer imaginara que...

– ...Kazuo-sama... veio apenas me ver?

O assentir franco de seu velho amigo a encheu de uma admiração sem palavras. Desde que perdera seu amado Taiken... ela nunca se sentira tão leve.

A doce memória causou à jovem um suspiro.

– ...*Arigato gozaimashita* – ela se curvou em reverência profunda – por tudo que Kazuo-san fez... e... por tudo o que se dispôs a fazer por mim.

O canto compassado e distante se repetiu uma, então outra vez. Kazuo observou que devia quebrar o silêncio antes que ele tomasse uma nota de desconforto demasiado nítida... Mas não fazia ideia do que dizer. O insistente nó bloqueando-lhe a garganta não ajudava, tampouco.

– Eu... – ele ouviu, aliviado, a própria voz sair firme – sempre esperei... e espero de todo coração que Ame-san seja feliz.

Ame ergueu o olhar para o dele, hesitante. Parecia insegura sobre o que dizer em resposta, escolhendo palavras. Kazuo facilitou sua posição. Abriu um sorriso.

– Alegra-me imensamente ter sua amizade.

O semblante dela ficou mais leve.

– ...A mim também.

Mais ruidosa que da vez anterior, a porta abriu. Os dois se voltaram e viram, de pé além do pequeno biombo, a figura de barbas brancas de Itou Tatsuya. Ame fez pronta mesura longa, que Kazuo imitou, enquanto o velho entrava no aposento. Silenciosa atrás dele, Kotone veio abaixada, e sentou ao lado da divisória.

– *Hoh*. Ametsuyu-san. Que surpresa.

– *Konnichiwa*, Itou-sama – a cortesã saudou, formal. – Vim prestar a Kazuo-sama meus desejos por sua melhora... Espero não ser inconveniente.

– Uhn... As notícias realmente voam – o general sentou a um passo dali.

Não fora a mais calorosa das réplicas, e o rosto do velho continuava impassível desde sua chegada. Kazuo dirigiu à esposa um discreto relance interrogativo, ao que ela reagiu baixando o olhar, em gesto de deferência. O jovem oficial compreendeu. Seu avô voltara da reunião com o humor suscetível... O melhor a fazer era não incomodá-lo.

– ...Kazuo-sama, por favor perdoe-me... – mostrando a mesma ciência, Ame se despediu em nova mesura – mas preciso ir. Oro por sua ágil recuperação.

– *Domo*, Ametsuyu-san.

Ela lhe dirigiu um último sorriso, e se curvou com ainda mais proeminência ao general, que anuiu curtamente, então à senhora Kotone.

– *Dozo*, Ametsuyu-san – a outra moça respondeu com polidez, indicando a porta – deixe-me acompanhá-la até o corredor principal.

As duas jovens saíram, o uchiki de Ame chiando macio sobre o tatame, e quando a shoji fechou, um

silêncio hermético tomou o quarto. Kazuo, até há pouco ansioso por ver o avô, agora se sentia algo incomodado.

“Pergunto-me se tudo correu como o esperado pelo shogun...”

– Pensei que houvesse decidido ceder essa mulher a Tetsuyama Taiken.

Kazuo olhou da porta para o avô. Tatsuya o mirou de volta, inexpressivo.

– ...Tetsuyama-sama determinou que ela esperasse mais tempo em Akahana.

– Para espreitar os Ryuu – o general assentiu.

Seu neto piscou, francamente admirado. Ora, pensou o velho... a conclusão era óbvia. E se o garoto fora incapaz de chegar a ela de imediato...

– Kazuo... – ele cruzou os braços – acredito que não preciso lembrá-lo que o clã Tetsuyama não goza da confiança do shogun.

A testa de Kazuo franziu em apreensão.

– ...*Hai*. Eu entendo, ojii-sama. M...

Tatsuya interrompeu.

– E conto com seu bom-senso em observar que Ametsuyu-san, como amante de Tetsuyama Taiken, não deve ser tomada por sua pessoa como confidente.

O rapaz vacilou. Seu avô dizia... *Ame*, roubando informações dele? *Absurdo*. Ela jamais o usaria desse modo. Não trairia sua confiança ou o prejudicaria. Nunca.

A dúvida, porém, sibilou em sua mente.

“...Nem mesmo por Taiken-san?”

Um oco horrível pareceu tomar seu estômago.

– *Hai* – ele anuiu em gesto rígido – ...estou ciente.

Respirou fundo.

– Mas – então acrescentou com resolução – Ametsuyu-san veio apenas me ver, ojii-sama. Não fez nenhuma pergunta sobre a guerra ou Asaba-jo.

– *Hoh...* Embora o estado de Kazuo fale por si próprio, *neh?*

Mais uma vez, Kazuo sentiu-se golpeado. Os olhos cingidos de rugas de seu avô o fitavam com firmeza impiedosa. Alguém passou pelo corredor, passos leves que logo desapareceram rumo ao pátio ou à sala de banho. Decerto Kotone.

Tatsuya soltou um suspiro longo.

– De qualquer modo... já não faz diferença. O Akaoni saberá quando suas tropas alcançarem os portões do castelo.

– Então... – Kazuo perguntou – Ashigawa-sama aceitou reforços de Tottori?

O general torceu o nariz ao confirmar.

– ...A situação não lhe deixou escolha. Era ceder aos Tetsuyama ou aos Ryuu.

Uma escolha delicada, Tatsuya sabia... em especial, por agora se tratar não de avançar contra o inimigo, mas resgatar o único herdeiro direto do shogun. A decisão do senhor fora de fato coerente. Levar o exército de Inaba a lutar em Mutsu resultaria num interessante número de baixas em suas forças.

Embora, o mesmo teria se aplicado aos soldados de Owari.

“Ryuu-dono ficou deveras irritado com o desfecho da situação...”

Francamente, Tatsuya não sabia o que temer mais. Se Tetsuyama Osamu urdira o envenenamento de Kiyoko, e a morte de Yoshitane, e agora obtinha exatamente o que pretendia, ter o Bakufu em sua dívida e dependência... Ou se fora Ryuu Hideki a fazê-lo, lançando suspeitas contra o oponente, e recebendo a

inesperada recusa de suas tropas pelo Bakufu. Nesse caso... sua frustração poderia levá-lo a agir de maneira brusca, *neh?*

Ele tossiu. Maldição, era inútil conjecturar... Só podia esperar que, em Asaba-jo, a chegada dos samurais de Inaba fosse-lhes útil... E que o karma permitisse ao príncipe Yoshinaga retornar a salvo à capital.

– *Yosh.* Em notícias mais agradáveis... – dirigiu-se ao neto, agora menos severo.

O olhar do rapaz, até então distante em pensamentos, focou-o de novo.

– Kazuo gostará de saber que o shogun ficou satisfeito com seu desempenho – o velho anunciou, um timbre sutil de orgulho na voz. – Portanto, em consideração, decidiu prolongar sua estada em Kyoto. Para que se recupere tranquilamente.

Kazuo sorriu, contido mas franco.

– *Hoh...* Isso é ótimo, ojii-sama.

– *Un* – Tatsuya retribuiu a expressão. – Uma liteira o levará à mansão, esta tarde. Kazuo vem trabalhando com afinco, *neh?* Fico feliz que possa desfrutar um pouco da casa e de sua família.

Tossiu de novo, embora, desta vez, pareceu ao jovem intencional.

– ...E, talvez, enfim conceder-me a bênção de um bisneto?



– Que problemático. Nenhum daimyo escolhido, por hora...

Mitsue bebericou seu sake, e olhou do marido para o tabuleiro de shogi, as peças a meio jogo opostas em formação. Fez outra jogada simplória para manter a partida em equilíbrio, e respondeu.

– Suponho que Ashigawa-sama ainda tema ceder a província oficialmente, após o atentado não esclarecido... Deve querer ganhar tempo, *neh?*

– A aliança com Tetsuyama-dono foi uma surpresa – Yoritomo franziu a testa. – Dadas as suspeitas gerais, pensei que o Bakufu pediria apoio militar aos Ryuu.

– *Hai* – a mulher pôs uma mecha dos cabelos atrás da orelha, os olhos fixos em sua peça do rei. – Imaginei o mesmo.

Yoritomo coçou o queixo, então fez sua jogada, atacando pela esquerda. Típico.

– Ashigawa-sama, então, deve suspeitar de Ryuu-dono. Ora, ignorou até mesmo que os soldados de Owari estivessem mais próximos.

Mitsue anuiu, quieta. *Hai*, a escolha do shogun fora claramente parcial... Isso a preocupava. Quando indagara, em voz sumida ao ouvido de Hideki, noites atrás... ele afirmara nada saber sobre o ataque a Ashigawa Yoshitane.

Mas...

– Quanto a Tetsuyama-dono... – a voz irregular de Yoritomo atraiu de novo sua atenção – parece ter conseguido adesão do general Okamura-dono, *neh?* Uma vantagem considerável.

– ...E uma combinação volátil – ela completou, séria, então sua boca traçou um risinho maldoso. – Ouso cogitar, talvez volátil *demais* para o bem dos envolvidos.

Seu marido riu também, o som entrecortado. Os olhos de Mitsue passearam pelo tabuleiro, mas ela não chegou a mover a próxima peça. Batidas leves e a voz de sua ama de confiança soaram detrás da porta.

– Com licença... Okugata-sama?

Mitsue permitiu a Akane abrir a shoji. A serva o fez, então saudou o casal em reverência longa.

– O jantar está servido.

– Bom! – Yoritomo se levantou, ajeitando o hakama. – Estou faminto.

A serva se pôs de lado, e o homem saiu, rumo à sala onde costumavam jantar. Por um momento, o quarto ficou em silêncio, quebrado pelo clique suave de uma peça de madeira que Mitsue pôs-se a virar, em compasso vagaroso, sobre a mesinha. A luz da lanterna coloria as paredes em laranja. O Sol terminava de mergulhar no horizonte.

Mitsue alinhou sem pressa a gola do uchiki, e pôs-se de pé para seguir o marido. A um passo da porta, a ama espiou o corredor vazio, então lhe dirigiu um murmúrio.

– ...Esta noite okugata-sama sairá em visita?

Encontrar-se com Hideki...? Mitsue se deixou afagar pela ideia por um segundo. Então riu sem som, cobrindo a boca com os dedos. *Hai*, gostaria de vê-lo... Mas, tendo perdido aquela aliança militar para os Tetsuyama...

– Não convém, Akane – respondeu, igualmente baixo. – ...Receio que, ao menos por alguns dias, ele estará intratável.



Detrás de farrapos de nuvens, a Lua Minguante lançava sobre Kyoto uma luz fria e diluída. Era o quarto turno de vigia, e o ar do Hana-no-Gosho repousava estático.

– Em que posso ser-lhe útil, Atae-sama? – o shinobi fez mesura longa. – ...Ryuu-sama reconsiderou o assassinato do Akaoni?

Um vinco de desprezo se formou na frente de Atae Nobutaka, parecendo ainda mais fundo à luz incipiente do candeeiro.

– *Iie* – ele negou, a voz pesada. – Sua missão é eliminar outro alvo.

Isao ergueu as sobrancelhas em gesto atencioso, e a atitude casual fez o estômago de Nobutaka revirar com mais intensidade. A próxima fala lhe saiu não sem esforço.

– ...Ryuu-sama deseja que mate Masako-gozen.

O interesse brando do ninja se tornou espanto.

– *Hoh?* – ele piscou. – Masako-gozen... A esposa?

A postura do hatamoto enrijeceu.

– *Hai*. Daqui a cinco noites – ele expôs – ao abrir da hora do Boi ^[112]. Um caminho será deixado livre durante a troca de guarda.

O shinobi anuiu em entendimento.

– Ryuu-dono especificou como devo fazê-lo?

Nobutaka tomou um fôlego curto.

– ...Em silêncio.

Isao assentiu novamente.

– Entendido.

Curvou-se em mesura pronunciada. O general apenas o mirou quieto, o cenho fechado. Então acrescentou.

– Há, devo alertá-lo, um possível porém.

– *Hai?*

– ...Daichi-sama. Filho único e herdeiro de Ryuu-sama. Desde o atentado do Hanami, tem estado assustado... Há risco de que o encontre dormindo no quarto da mãe.

A tranquilidade no rosto do shinobi murchou. O hatamoto, os punhos cerrados sobre os joelhos, se inclinou para frente, e enunciou com clareza hostil.

– Se um único *fio* do cabelo de Daichi-sama for tocado, shinobi... Ryuu-sama não irá tolerar a continuidade de sua existência.

Isao hesitou.

– *Está claro?*

– ...*Hai*. Perfeitamente, Atae-sama.

Capítulo 18

Espera



Era o início da tarde, e do céu, até o almoço acumulando nuvens cinzentas, caía uma chuva serena. No jardim, poças rasas se formavam entre os lírios e sob a copa verde do pessegueiro, e desprendia-se dos canteiros um aroma fresco de folhas. Na sala diante dos pinheiros, aberta para a varanda e resguardada da garoa por um kichou, a brisa entrava mansa e agradável.

– Muito bem, Daichi! – Masako elogiou, avaliando o papel sobre a mesa onde o príncipe escrevera várias vezes “chuva”. – Seu traço está melhorando.

O menino sorriu, feliz com o próprio desempenho.

– *Neh*, haha – estendeu para ela outra folha traçada com nanquim – ...está certo? Fiz sem olhar o seu!

Sua mãe apanhou o papel. No centro dele, em traços tortos, lia-se: Ryuu Daichi. Masako sorriu, um pequeno suspiro escapando-lhe dos lábios. Oh, sentindo-se comovida daquele modo... Hideki a acharia uma completa tola, *neh*?

– *Hai*... Está certo. Ryuu Daichi!

Em breve conviria que ele fosse instruído por um professor, considerou Masako. Não demoraria até que ela lhe ensinasse todos os kanjis que sabia... Na idade de Daichi, muitos filhos de daimyos partiam para serem educados por monges. Embora, no caso, o príncipe haveria de ser mandado para o templo central de controle dos Ryuu, em Nara – regido pelo irmão mais velho de Hideki, Hikaru.

“E, considerando a relação entre tono-sama e Hikaru-dono...”

Definitivamente, ela concluiu, seu marido providenciaria a educação de Daichi sob sua guarda, *neh*?

Não pôde evitar sentir um alívio egoísta.

– Nobutaka-sensei!

A saudação de Daichi a fez olhar para a shoji interna, entreaberta. Seguindo pelo corredor, com um dobuku escuro sobre as vestes cinzas, Atae Nobutaka parou.

– *Hoh*... Daichi-sama. *Konnichiwa*.

O menino correu até a porta.

– *Konnichiwa*!

O olhar do hatamoto se voltou para a senhora Masako. Ela vestia um uchiki cor de pérola, translúcido, sobre as vestes rosa-claro, e usava os cabelos presos à altura da cintura, mechas abrindo-se em alças negras sobre as mangas. Sorriu cordial ao dirigir-lhe mesura curta.

– *Konnichiwa*, Atae-dono.

– ...*Konnichiwa*, Masako-sama.

– Sensei, como se escreve seu nome?

– Uhn?

– Daichi está treinando caligrafia – a mulher indicou a mesa repleta de papéis no centro da sala. – Por favor, não se incomode se estiver ocupado.

Nobutaka hesitou. Masako, há dias, vinha achando seu semblante apreensivo.

– *Iie...* Não é incômodo – ele por fim respondeu, e se voltou, de bom grado, para o menino. – Daichi-sama quer aprender a escrever meu nome?

Daichi assentiu.

– *Hai.* Por favor.

– Sinto-me honrado. *Yosh*, então... preciso de papel e tinta.

Daichi foi providenciá-los, num estojo junto à mesinha. Masako se afastou para que Nobutaka se acomodasse diante do móvel, e ele o fez, anuindo em agradecimento. A mulher cogitou perguntar se algo o perturbava desde a segunda reunião geral... Mas o olhar dele foi para a chuva, pingando do telhado da varanda, e, antes que ela pudesse atraí-lo de volta, Daichi trouxe o material requisitado.

– Aqui, sensei.

– *Domo*, Daichi-sama.

O príncipe sentou ao lado, de pernas cruzadas. Olhou, atento, Nobutaka alinhar o papel sobre a mesa, então molhar o pincel no frasco de nanquim. Sonolento, o chiar da chuva quebrava o silêncio.

– *Atae Nobutaka...* escreve-se desse modo.

Masako também observou enquanto ele traçava o próprio nome em tinta preta. Reconheceu os kanjis, que já vira riscados em documentos e cartas pela mão do marido... Achou curioso como pareciam diferentes, ali. Comparada à de Hideki, a caligrafia de Nobutaka era mais... solta. Quase irregular.

Masako achou-a muito bonita.

– *Hoh...!* – Daichi exclamou, em misto de admiração e desânimo. – ...É difícil!

Nobutaka riu.

– Daichi-sama pode treinar primeiro com algo mais simples.

Apontou um dos pequenos pinheiros sinuosos sob a chuva, lá fora.

– “Árvore” – então escreveu, devagar. – ...Vê? São quatro movimentos.

Daichi se aproximou, estudando o kanji, e o hatamoto lhe estendeu o pincel em incentivo. O menino o pegou, afastou as largas mangas verde-claras, e pôs-se a copiar o ideograma ao lado.

– Segure com menos força – Nobutaka ajustou sua mão. – Faça o primeiro traço. *Iie*, Daichi-sama... use seu pulso. Molhe o pincel e trace de novo. *Un...* melhor.

Ele se voltou para Masako, que só então notou que estivera sorrindo. Fez-lhe um aceno polido, constrangida.

– ...*Arigato gozaimashita*, *Atae-dono*. Peço perdão pelo trabalho.

– *Iie...* É um prazer, Masako-sama.

A esposa do mestre retribuiu seu ligeiro sorriso, e se virou para olhar o príncipe, uma mecha dos cabelos pesados escorregando de sobre o ombro.

Amanhã seria a quinta noite desde seu encontro com o ninja, a memória pulsou, aguda, na mente de Nobutaka. O peso e a relutância, que ele há dias lutava para soterrar, voltaram a atingi-lo. Por um segundo, o impulso de falar, de expor tudo à senhora, lhe ocorreu... Mas foi prontamente podado.

“Apenas *cumpra seu dever*. Obedeça à vontade do mestre.”

Lá fora, a chuva e a brisa não tardaram a cessar, e um mormaço lento, quieto e incômodo, tomou o restante da tarde.



Itou Tatsuya releu o sucinto e desapontador relatório do capitão Takahashi Ujiie. As investigações na província de Sado, em cuja costa o navio anônimo de contrabando fora mantido, haviam chegado ao fim. Nenhum nome, nenhum destino, nenhuma pista acerca dos responsáveis haviam sido encontrados.

Houvera apenas um achado relevante – o acabamento das muitas katanas naquele carregamento era o mesmo daquelas empunhadas por tropas dos Uzawa na batalha de Hiraizumi, há dois anos. Takahashi confirmava esse fato pessoalmente, por ter estado presente no conflito e possuir, desde então, um exemplar da arma inimiga. Enviara as duas espadas junto à mensagem, para permitir sua comparação.

– Então, esse navio – o shogun concluiu – não somente está armando os rebeldes, como o fazendo há tempos.

– É o que parece – concordou Tatsuya.

Silêncio. Yoshinobu tamborilou os dedos no hyoki brocado, inquieto. Mirou as duas katanas postas à sua frente, do navio capturado e da posse do inimigo, lado a lado, um vislumbre de lâmina fora de cada bainha escura sem adornos. Idênticas.

– ...Por que isso me cheira tão distintamente a traição?

O outro velho, que parecia esperar por essa pergunta, expôs.

– Piratas e estrangeiros não produziram armas dessa qualidade. Não sem apoio direto. E isto vem sendo produzido com técnica, metodicamente, há ao menos dois anos.

Yoshinobu anuiu devagar.

– ...Tetsuyama-dono possuiria os recursos, e tem, há anos, contatos na China – Tatsuya frisou, grave.

– Assim como Kyuumura-dono, *neh?* – o shogun contrapôs, em tom cauteloso. – E... *hoh!* Eu não apostaria um braço contra Ochi-dono, tramando em seu maldito castelo inexpugnável.

As espadas no tatame atraíram seu olhar de novo – como que o encarando em afronta. Yoshinobu se sentiu frustrado. Tetsuyama, Ryuu, Kyuumura, Kujou, Ochi... O atentado contra sua sobrinha, contra seu filho mais velho, as ofertas de tropas, e, agora, aquele navio... Por que tudo à sua volta ecoava o silvar de uma serpente... mas não denunciava sob qual pedra ela espreitava?



A lanterna de chão iluminava fracamente o aposento, e Kentaro a colocara perto da mesa de trabalho já há bem uma hora. De fato, a luz o ajudava a ler com mais clareza os documentos à sua frente – mas seu tom bruxuleante em nada o estimulava a fazê-lo. Revisar e assinar ordens-padrão aos hatamotos, comandantes e líderes de vilas de seu recém-assumido domínio provincial, Mino, nenhum dos quais ele conhecia em pessoa... Poucas obrigações poderiam ser mais enfadonhas.

Um correr breve do fusuma para o corredor o fez se voltar. Na penumbra, pela fresta da porta entreaberta, ele viu o rosto de Akiko.

– ...Ainda está trabalhando?

– *Un...* quero terminar isto hoje. Antes que cheguem mais deles da província.

Ela hesitou, a mão ainda apoiada no portal de madeira. Kentaro acabou de selar outra carta, então a olhou de novo.

– Está tarde. Akiko devia se deitar.

– ...Posso ficar um pouco?

Kentaro sorriu. De repente sentiu-se menos cansado.

– *Dozo.* Temo apenas que vá se entediar.

Akiko não pareceu desanimada com a perspectiva. Terminou de abrir a porta, e a fechou de novo após sentar no tatame da sala. Acomodou-se junto ao marido, e espiou por sobre seu ombro a pilha de papéis na mesa. Mais da metade estava dobrada e selada com o emblema da flecha única – mon que Kentaro adotara como daimyo. Mas havia ainda quase duas dezenas de folhas abertas no lado oposto.

O rapaz dirigiu-lhe um breve olhar afetuoso, e voltou a ler. As palavras de pouca variação em tantas páginas pareciam aos poucos misturar-se, como marolas num mar monótono. Coleta de impostos, pagamento de trinta samurais... Vila de Inumura...

Ele parou, se empertigando de leve, ao sentir Akiko recostar-se em suas costas. Virou-se, apreensivo. Desde o Hanami, os episódios de mal-estar de sua esposa haviam retornado... Aliás – e ainda que ela negasse – Kentaro tinha a clara impressão de que estavam piores.

– Akiko... sente-se bem?

A resposta demorou um segundo, mas veio em voz tranquila.

– *Hai.*

– ...Não está mesmo cansada?

Kentaro sentiu o suave gesto de negação entre as omoplatas e, vacilante, mirou outra vez os papéis. Vila de Inumura. Cento e dois kokus de produção. Trinta kokus de impostos anuais. Três kokus para o líder da vila e vinte e sete enviados...

Desta vez, o rapaz se empertigou com proeminência. Akiko o envolveu com os braços, cariciosa, cruzando as mãos em seu peito e se aninhando a suas costas.

– ...Kentaro... – ela suspirou com doçura.

– Ah... Akiko...

Era mesmo incrível como ele ainda sentia o rosto queimar nesses momentos...

– Eu... *realmente* deveria terminar isto antes...

Akiko riu, aconchegando-se.

– Não é isso.

Então houve uma pausa.

– ...Eu estou grávida.

Por um segundo, Kentaro estacou. Grávida...?

Ele se virou, espantado, para mirar a esposa. Ela sorriu, radiante.

– Akiko...

...*Grávida?*

– Akiko... – o rapaz retribuiu a expressão, tomando fôlego – tem *certeza?*!

Ela assentiu, os olhos marejados.

– *Hai!* Eu... eu suspeitava há algum tempo, mas...

Uniu as mãos sobre o ventre reto, olhando dali para Kentaro com ternura. Sorriu de novo, ainda mais aberto.

– Tenho certeza...! Kentaro... Kentaro, nós...

Hesitou, comovida. Kentaro a abraçou, num suspiro entrecortado de exultação. Sentiu-a corresponder, abrigando o rosto em seu ombro. Akiko, sua querida Akiko...

– Nós vamos ter um filho...! – e aquela frase soou tão maravilhosa que o jovem daimyo a repetiu. –
...*Vamos ter um filho!*



– O cair da última flor... sento-me e espero.

Tetsuyama Osamu olhou para trás, e no escuro ermo da varanda viu a familiar silhueta que o saudara em verso. Àquela distância de alguns passos, o arco da Crescente não mais que insinuava seu rosto sereno.

– A chuva da noite passada foi intensa... – ele voltou a admirar a copa vazia da cerejeira além do muro, iluminada decerto pela tocha de algum sentinela. – Imaginei que não haveria mais flores, pela manhã.

A senhora Chiyo se aproximou, e parou à beira do elevado, ao lado do daimyo. Num dos galhos mais finos da árvore adiante, um volume minúsculo e claro despontava à fraca luz amarela.

– ...Mas uma resistiu – ela completou.

Osamu ergueu o rosto para a mulher, convidativo. Ela sentou, puxando de lado a cauda longa do uchiki, e ele se voltou para o lado oposto, vertendo de uma garrafinha de porcelana para sua tigela uma dose de sake. Estendeu-a à consorte, que recebeu em delicada medida o gesto de apreço.

– A Primavera chega ao fim – o semblante do Akaoni fechou, e seu olhar subiu para a Lua. – Sadanori-san deve alcançar Asaba-jo com suas tropas em poucos dias.

Silêncio. Uma nuvem longa e diáfana se esticava preguiçosa no céu. Chiyo girou devagar a tigelinha nos dedos, então bebeu a goles curtos o vinho translúcido.

– O novo herdeiro deve estar em situação difícil, naquele castelo... – observou. – Se Sadanori-san o escoltar a salvo a Kyoto, o shogun estará em débito com Tottori.

Deixou o pequeno recipiente de lado, cuidadosa.

– ...Ainda assim, tono está preocupado.

Ele soltou um resmungo baixo, encurvando a postura. A mulher se inclinou, e pousou a mão na dele.

– O assassinato de Yoshitane-sama, a captura do Décimo Sexto navio... – ouviu-o murmurar, muito baixo. – ...Ainda que o Bakufu tenha nos favorecido com a aliança em Mutsu, estamos presos até segunda ordem, com uma lâmina no pescoço.

A expressão de Chiyo também pesou. De fato, os planos do mestre de conquistar influência através da guerra corriam bem... Mas aqueles incidentes haviam lançado uma sombra de suspeita inesperada, e terrivelmente perigosa, sobre o nome dos Tetsuyama.

Ela se virou para a cerejeira distante, contemplativa.

– Aquela flor... sobreviveu a golpes tão pesados da chuva, *neh?*

Osamu a fitou, quieto, e os olhos de Chiyo voltaram a encontrá-lo, brilhantes na penumbra.

– ...Talvez caia agora, diante de nós – a mulher falou. – ...Talvez amanhã. Talvez apenas quando a Lua mudar. Angustiar-se com a incerteza é em vão.

Osamu soltou um risinho amargo.

– *Hoh...* A beleza efêmera desta vida...

Mirou longamente a forma diminuta daquela flor, frágil à brisa, como esperando vê-la se desprender de seu ramo e descer, lenta, no ar. Nada aconteceu. A nuvem solitária alcançou a Lua, e o jardim escureceu mais um pouco.

Chiyo entrefechou o uchiki cor de cereja, e aconchegou-se, quieta, ao ombro do daimyo. Osamu sorriu, acariciando-lhe os cabelos.

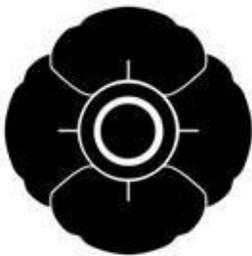
– ...Ainda não está farta deste velho ranzinza?

Ela abriu um riso carinhoso, e seus dedos se entrelaçaram aos dele.

– Neste mundo de flor há algumas rochas, *neh?*

Osamu assentiu, sentindo-se tolamente reconfortado.

– *Un...* algumas.



– *Hideki-sama vai matar a própria esposa?!*

Ogumo olhou de relance a janela, como para se certificar de que estava mesmo fechada. Então confirmou.

– *Hai*, Keshi-sama. Isao diz que a ordem foi clara. Será feito amanhã à noite.

Keshi piscou, perplexa. *Por quê...?* Masako-gozen não era a filha adorada do kampaku? Dita uma das senhoras mais admiradas do país – aliás, segredavam as más línguas, veladamente cobiçada pelo shogun? Tal esposa só trazia prestígio e vantagens políticas a Hideki.

– ...Eu não entendo! – a mulher meneou a cabeça em gesto desolado. – Primeiro o herdeiro de Ashigawa-sama, e agora Masako-gozen... Bons kamis, tenho por mim que Hideki-sama *enlouqueceu!*

Ogumo deu de ombros.

– A morte de Yoshitane-sama transtornou o seii-taishogun... como a de Masako-gozen certamente transtornará o kampaku, *neh?* ...Talvez seja essa a intenção.

Keshi franziu as sobrancelhas finas.

– Encolerizar dois pontos de poder... – ela correu os dedos pela borda entalhada da mesinha – para então... incriminar outra pessoa?

Assentiu diante as próprias palavras. *Un...* fazia sentido.

– ...O Akaoni.

Equilibrada no beiral, Ametsuyu prendeu a respiração. Era melhor voltar... Não conseguiria mais se sustentar naquele nicho de telhado por muito tempo. Cautelosa, a jovem se moveu, pisando, abaixada, as telhas cor de sangue. Tomou fôlego, e deu um passo largo, apoiando os pés descalços na viga de madeira por onde viera. Suspirou com alívio. O risco de fazer barulho diminuiria... Agora, era voltar à janela por onde saíra, a três salas dali, descer as escadas do outro lado do prédio, e seguir até seu quarto.

“...Está tudo bem”, disse a si mesma. “Tudo bem, Ame... você vai conseguir”.

Taiken ficaria furioso se a visse se arriscando assim, *neh...?*

O calor terno daquele pensamento, porém, logo se mesclou a aflição. Então... o temor de Taiken, desde o início, estivera certo. A morte do príncipe Yoshitane fora obra de Ryuu Hideki... E, com outro assassinato planejado, o daimyo deveria estar a um passo de publicamente acusar a família Tetsuyama.

“Taiken-sama...”

De alguma maneira... ela *precisava* avisá-lo.

Capítulo 19

Sacrifício



A serva abriu a shoji, e Kazuo mirou, surpreso, a inesperada visita matinal que o aguardava naquela sala. Sentada sobre os joelhos, num kimono colorido e coque repleto de florezinhas de seda, uma moça de não mais de dezesseis anos se voltou para ele, e o cumprimentou em elegante mesura pronunciada.

– *Konnichiwa*, Kazuo-sama. Por favor, rogo que perdoe minha rispidez... Espero que minha vinda não lhe seja um estorvo.

Ele negou em gesto curto ao entrar no aposento. Suas feridas da viagem a Mutsu cicatrizavam, mas a serva o ajudou a sentar antes de, reverente, deixar o sóbrio cômodo, fechando a porta atrás de si. Quando fora informado que uma jovem dama de Akahana se apresentara à mansão, solicitando breve audiência com sua pessoa, Kazuo certamente esperara outra pessoa.

Embora, aquela garota não lhe fosse estranha.

– Kazuo-sama não deve se lembrar de mim... – notando sua surpresa, a mocinha esclareceu, polida. – Chamo-me Botan. Vim trazer-lhe uma carta e um pedido, em nome de Ametsuyu ane-san.

Hoh, daí a impressão familiar, Kazuo lembrou. Aquela era a aprendiz de Ame, a quem vira de relance vez ou outra, *neh?* Tal constatação, porém, não tomou sua atenção por muito tempo.

“Uma carta?”

Botan alcançou algo dentro da manga, e tirou dali um papel em dobra apertada. Estendeu-o solenemente ao jovem oficial.

– *Dozo*, Kazuo-sama. Ametsuyu-san pediu que eu lhe confiasse em segredo esta missiva... e lhe rogasse que, tão urgente o quanto possa, Kazuo-sama a entregue à salvo à terceira pessoa.

A nova surpresa por não ser o recipiente da carta fez Kazuo parar, a meio gesto de receber o papel. Botan ergueu discretamente os olhos para espiá-lo de sob a franja, e o rapaz, sentindo um incômodo que preferiu não analisar, apanhou a mensagem.

– Terceira pessoa? – repetiu, neutro.

– *Hai*... Foram as palavras de Ametsuyu-san.

O significado era a Kazuo evidente. *Taikén*. Sua inquietude aumentou. Franzindo a testa, ele girou a carta sem assinatura entre os dedos. Estava selada. Como adequado a qualquer assunto íntimo entre um homem e uma mulher...

Ou a qualquer informação sigilosa.

– *Domo*, Botan-san – ele fez num aceno breve. – Diga a Ametsuyu-san que não se preocupe. Farei como pedido.

O Sol intenso do meio-dia era abrandado pelo mar de nuvens brancas, mas, sem vento, o ar aos poucos se tornava mais quente. Logo o almoço seria servido, e há mais de uma hora a jovem auxiliar de Ametsuyu partira em sua liteira da mansão Itou.

Em seu quarto vazio, Kazuo ainda fitava a carta fechada.

“*Abra-a*”, parte sua comandava. Podia ser um documento comprometedor acerca dos Tetsuyama, *neh?* Prova de sua inocência ou culpa, ou suas intenções em assuntos de interesse do Bakufu... Seu avô, diante de tal missiva, o teria mandado ler de imediato, e, Kazuo sabia, consideraria não fazê-lo uma negligência criminosa.

Hai, era um argumento forte. Mas vinha realmente de seu senso de dever?

...Ou de seus ciúmes?

“Não é *nada*, Kazuo. Apenas uma mensagem pessoal”.

Ame confiara nele. Violar aquela carta seria traição. E, por mais que seu avô suspeitasse dos Tetsuyama... ele conhecia Taiken. Sabia que era um homem honrado. Não havia como aquela pessoa estar envolvida com os ataques aos Ashigawa. Não havia como aquele papel ser remotamente nocivo ao seii-taishogun.

“...Ou havia?”, a incerteza retorquia, e o rapaz via-se de volta ao início...

Ele respirou fundo, e correu a palma da testa para os cabelos, angustiado. Voltou a olhar o papel dobrado, intensamente, como se assim pudesse obter algum sinal, uma sombra de seu conteúdo...

Mandando-lhe aquela carta por não ter acesso a Taiken no Palácio das Flores, e pedindo a entrega com tanta urgência...

“Ame-san... isto em minhas mãos é de algum modo crucial, *neh?*”



– *Hoh!* Uma criança?!

Kentaro assentiu com entusiasmo.

– *Hai!* Akiko deu-me a notícia ontem... – ele segurou a mão da moça, que anuiu num sorriso. – Estamos muito animados!

Kyuumura Koji, o corpulento senhor de Osaka, abriu um sorriso amplo, que fez seu hitatare laranja parecer ainda mais vibrante. Sua esposa uniu as mãos num airoso suspiro festivo.

– Oh, que adorável! Meu segundo neto!

– Pobre Akiko-san! – Kenjiro gracejou, cutucando o irmão. – ...Agora terá duas crianças de quem cuidar, *neh?*

– *Oi!* Quem ani-san está chamando...

– Vamos, Kenjiro, não o provoque – Yusuke, que ocasionalmente se utilizava do tom solene da própria voz para fins satíricos, interrompeu. – Kenta-chan está se tornando um adulto responsável.

Os risos gerais abafaram o novo protesto, e Kentaro, corado, acabou por desistir da postura indignada. Riu também, e se virou para Akiko num dar de ombros. Ela sorriu de volta, apoiando a mão em seu braço, e comentou, com mais ternura que divertimento.

– ...É o karma dos irmãos mais novos, *neh?*

Provavelmente sim, o rapaz concordou. Mas não se incomodava de fato. Estava feliz. Imensamente feliz, pelas piadas afetuosas dos irmãos, pela alegria da mãe e pela satisfação tranquila do pai, pelos simpáticos votos do general Atae, mais cedo naquela manhã, e pelo dolorido em suas maçãs do rosto, cansadas de tanto sorrir...

E, acima de tudo... estava absolutamente feliz pelo olhar de Akiko, que a todo momento faiscava, vívido de contentamento, em sua direção. Antes de se casarem, ele nunca teria sonhado que poderia fazê-la tão feliz, *neh...?*

Era maravilhoso.

– Ora, uma ocasião tão auspiciosa requer comemoração! – a senhora Momiji sugeriu. – Um banquete! Koji-san, podemos convidar Itou-dono e a família, *neh?* Kotone precisa celebrar conosco!

O daimyo assentiu.

– Dada a posição de Kentaro, suponho que também convenha estender o convite aos Ryuu.

– Deveras – concordou Yusuke. – Quem sabe Ryuu-sama ceda a Kentaro algum presente pela ocasião.

– *Un*, a província de outro vassalo desafortunado!

A chacota de Kenjiro, desta vez, até causou risos – mas, de uma maneira sutil, a reação foi menos espontânea. *Outro vassalo desafortunado*, Kentaro viu-se repetindo em pensamentos, e um temor fino como teia de aranha desceu, lento, em seu estômago.



– Uma carta?

O samurai em verde-escuro confirmou num aceno seco.

– Kazuo-sama ordenou que fosse entregue em sigilo e em mãos. Trata-se de uma mensagem para Taiken-sama, da terceira pessoa.

O piscar breve do príncipe transpareceu agitação. Ele estendeu a mão, austero.

– Entregue-me.

O mensageiro obedeceu. Disse que o jovem senhor recebera a missiva naquela manhã, mas esperara até o início da tarde, horário de seu turno de trabalho no Hana-no-Gosho, para evitar que sua vinda chamasse atenção. O filho do Akaoni assentiu, então dirigiu ao homem breve agradecimento, enviou cordiais cumprimentos a seu mestre, e o dispensou sem mais delongas.

Assim que o soldado se retirou, Taiken virou a carta, admirando-a com interesse. Estava dobrada com cuidado, frente e verso em branco, apenas assinada com um indício de perfume.

“Ame...”

Tolice o quanto parecesse, ele permitiu-se levar o pequeno envelope ao rosto, e aspirar o fraco aroma floral com mais clareza. Aquele cheiro evocou tão profundamente a imagem de Ame, sua presença, seu toque, que ele se sentiu pungido por uma saudade aguda, carregada de seus tantos anos de distância.

Seus olhos se abriram perdidos no ar, então focaram a carta, que ainda quase lhe roçava o nariz. O selo que a lacrava de repente atraiu sua atenção. Era um sinal simples. Perfeitamente intacto. Ou seria, reposto com esmero?

A hipótese fez sua fronte franzir. Menos sentimental, ele abriu a missiva. Havia apenas uma página, ostentando breves versos em caligrafia feminina.

*Abrigando-se da chuva,
um pássaro espera em silêncio.
As flores estão murchando.*

Mais nada. Várias vezes, Taiken releu o poema. Sinais do findar da Primavera... Uma máscara adequada à época do ano. Podia simplesmente ser lido como um suspiro íntimo. Um almejo pelo fim da estação das cerejeiras, que determinara a prisão de seu clã em Kyoto, e a de Ame em Akahana.

*Nossa separação está para terminar.
Aguardo ansiosa pelo dia
em que enfim estaremos juntos!*

Hai, porém... Abrigar-se da chuva e esperar... seria também um alerta de perigo. As flores estão murchando... uma iminência fatídica – da qual ela tinha conhecimento, e esperava poder dizer-lhe, neh? ...Mas não através de uma carta; não diante dos olhos de Itou Kazuo, ou qualquer outro que pudesse tomar aquele frágil papel.

*Sei de algo terrível
que está para acontecer.
Por favor, proteja-se.*

“Ame... é isso o que está escrito nesta mensagem?”



As estrelas estavam veladas, mas não chovia naquela noite. Isao lamentou a falta de sorte. Com o ruído da água, estalos do tablado sob seus pés seriam uma preocupação menor. Ao menos, avaliou, estava confortavelmente escuro. Uma última barreira, e ele se encontraria na ala privativa dos Ryuu.

Ao longe, um sino agudo toou, de algum templo ou torre de vigia. Oito batidas lúgubres no silêncio. Abria-se a hora do Boi ^[113] ... Precisamente a tempo.

Ele caminhou pelo corredor vazio, de cuja curva, a vinte metros dali, emanava a fraca luz de um candeeiro. Parou no meio do percurso, e abriu cuidadosamente a porta de um aposento lateral.

Um oco ritmado de passos veio de além da esquina iluminada. Isao se esgueirou rapidamente para dentro do cômodo, e fechou a shoji. Recuou. O som se aproximou, e, acompanhadas pela branda luz oscilante, as silhuetas de dois samurais passaram diante da divisória de papel. O shinobi respirou fundo. Esperou dois, três, quatro segundos... Além da shoji, a passagem foi tomada mais uma vez pela penumbra.

“Agora”.

Depressa e sem som, ele deixou o esconderijo. Ninguém à vista. Mas os guardas do quarto turno não deviam estar a mais que alguns segundos de distância. Isao virou a curva do caminho, agora erma e escura, e hesitou.

Se aquele buke arrogante o informara corretamente, não haveria sentinelas detrás dos fusumas adiante. Tenso, ele alcançou o tanto à cintura do hakama, e apenas então empurrou, com cautela, o painel para o lado.

O fusuma correu mudo. Adiante, um salão de teto ricamente ornado com outras quatro saídas. As portas para três delas estavam fechadas. Mas, à direita, uma shoji aberta mostrava um estreito caminho pontuado de luzes. Deserto.

Bem, ao menos o buke fizera seu trabalho. O ninja sorriu. Prosseguiu a passos largos e leves, parando à nova curva do caminho, que agora se perdia numa escuridão densa, quadradinhos tênues de luar alinhando-se no piso polido.

Conforme instruído, Isao seguiu pelo longo corredor sombrio, e entrou no último cômodo à esquerda. Era uma antessala simples, a reentrância de um oshi-ita abrigando uma pintura que ele não se interessou em mirar, um baú e uma estante à parede oposta, junto a uma porta que decerto levava ao aposento das amas de companhia. Aos fundos, resguardada por um kichou, outra shoji jazia fechada. O quarto da senhora.

O shinobi observou ao redor, verificando se não havia movimento nos aposentos anexos. Então cruzou a sala. Deu a volta na divisória estampada de seda, e se abaixou diante da shoji, puxando a lâmina fina do tanto para fora da bainha. Levou a palma à moldura de madeira, e delicadamente entreabriu a porta.

Pela janela, o luar pincelava o quarto. Um uchiki estava exposto num suporte à direita, diante de um painel floral em tons desmaiados. À esquerda, um biombo de três folhas e uma mesa de escrita laqueada haviam sido afastados para acomodar o futon. E ali, uma vaga forma feminina sob as cobertas brocadas, Isao distinguiu a desventurada senhora Ryuu Masako.

Ainda abaixado, deu um passo para dentro do aposento. Fechou o cenho. Aquilo era outra silhueta? ...Un, sem dúvida, encolhida próxima à mulher, uma criança pequena. O precioso sucessor de Owari, que deveria escapar ileso à morte da mãe, *neh?*

Pirralho inconveniente, tornaria aquilo bem mais complicado...

Ele girou o pequeno sabre na mão, empunhando-o com firmeza. Deu outro passo longo em direção à cama. Se quisesse fazer aquilo em silêncio, e sem acordar o menino, precisava se aproximar o bastante para um golpe fundo no...

...Pescoço...?

Isao parou. Por um instante, a perplexidade o fez congelar. Aquelas duas figuras deitadas... agora ele via... não eram pessoas. Eram futons. Futons enrolados, moldados com apuro, de modo a usarem-se da sombra noturna para enganar os olhos. *Seus* olhos.

Uma armadilha.

O ninja tomou apenas metade de um fôlego. Detrás do biombo, uma sombra longa se ergueu num súbito tão inesperado que ele mal reagiu. Girou onde estava para olhar, e, num golpe seco, Atae Nobutaka decepcionou-lhe a cabeça, que caiu com um baque oco e rolou para debaixo da mesa.

Conforme o corpo também desabou, vazando sangue em profusão no tatame, o hatamoto sentiu um arrepio desagradável. Por mais que a morte daquele rato lhe fosse um alívio, a forma como tivera que fazê-lo ainda o incomodava.

Ele chutou as cobertas, desfazendo sua forma sobre a cama, então tirou da mão retesa do shinobi o tanto. Abriu um talho nítido na shoji à entrada, e deixou a arma cair, torcendo o nariz em repulsa. Olhou a lâmina de Kurotora, o brilho do aço manchado, e sentiu o impulso de limpar sua estimada katana daquele sangue imundo.

...Mas convinha esperar.

Respirando fundo, o homem apoiou a mão no biombo decorado. Puxou-o para o chão, e o estrondo pareceu ainda maior na quietude da madrugada. A plenos pulmões, ele aproveitou o próprio mau humor para dar ao alarme o tom de urgência adequado.

– *SHINOBI!!!*



Seguindo-o desde sua chegada ao Palácio das Flores, o subcomandante da guarda da ala Leste via-se surpreso com quão depressa o general Itou podia caminhar. Mais de sete décadas vividas e, diziam rumores, uma condição respiratória frágil não pareciam afetar o modo como ele avançava a passo largo pelos corredores, candeeiros e lanternas espaçados riscando sombras em sua carranca.

- Quem o encontrou, Sumomo?
- Aparentemente, o general de Ryuu-sama.
- Atae-dono? Foi quem o cortou?
- *Hai...* suponho que sim.

Um relance duro do velho o fez justificar.

– Não fui informado das circunstâncias exatas, Itou-sama... O comandante logo mandou-me para o portão externo, para recebê-lo.

Tatsuya grunhiu. Uma nova pontada punziu seu peito, mas o general, resoluto, manteve o passo. Em meio da hora do Boi, fora acordado em sua mansão pela notícia que um mensageiro viera do palácio do shogun, a fim de comunicar-lhe grave incidente. Um ninja fora morto ao invadir os aposentos dos Ryuu de Owari. *Justamente* os dos Ryuu de Owari...

Ele praguejou de novo em pensamentos. Aquilo definitivamente explodiria num problema...

Após mais uma curva, avistou a entrada para a ala dos Ryuu. A meia dúzia de samurais em vestes azuis à porta fez-lhe reverência, respeitosa mas algo hirta. O general não teve tempo para considerar tal detalhe. Um dos sentinelas, magro e de ar sisudo, deu um passo à frente, e falou cerimonioso.

– Itou-sama... *Dozo*, por aqui. Ryuu-sama o aguarda.

Tatsuya anuiu curto, e acompanhou o homem por um breve caminho ala adentro, seguido pelo ansioso subcomandante e quatro de seus soldados. Não demorou até que se deparasse com a comoção, à porta de um aposento ao fim do corredor. Guardas dos Ryuu pontilhavam toda a área. Dentro do cômodo, o vulto do general Atae ouvia um par de oficiais de Nagoya, e o comandante da guarda do Bakufu responsável pela ala Leste, Kishimoto. Na sala ao lado, aberta para a passagem, quatro ou cinco amas em uchikis simples cochichavam apavoradas, e, no corredor, outras duas rodeavam Ryuu Masako, que, tão branca quanto seu kimono de cama, cingia o filho junto ao corpo, afagando-lhe a cabeça para abrandar-lhe os soluços.

Tatsuya apertou os lábios, e abriu a boca para falar, mas, nesse momento, uma figura em rico algodão adamascado saiu do quarto, e, postando-se no corredor, encarou-o com aspereza. O humor ainda mais azedo, o velho anuiu em cumprimento cortês.

- Ryuu-dono... lamento encontrá-lo em tão desagradável circunstância.
- *Desagradável!?* – o daimyo repetiu, furioso, e se aproximou, os samurais se afastando do caminho.
- Minha família sofreu um ataque! *De um soldado do Bakufu!*

Tatsuya gelou.

– ...*Como?*

– O... o homem que invadiu os aposentos de Masako-gozen – de dentro da sala, o comandante Kishimoto expôs – estava usando um de nossos uniformes.

O general sentiu o piso faltar-lhe. Aquilo... não era só um problema. Era uma *catástrofe*.

– É isso o que devo esperar dos samurais do shogun? – a voz ofendida de Hideki atraiu de novo seu foco. – Atentados no meio da noite?!

A afronta pareceu reanimar a altivez de Tatsuya.

– Ryuu-dono, garanto que tal veste foi roubada ou imitada! Por favor, refreie-se de tirar conclusões precipitadas!

– Seja *quem for* aquela escória, o fato é que *entrou aqui!* – o daimyo retrucou, e apontou a família. – Meu filho dormia a dois quartos de distância! Minha esposa poderia ter sido morta!

Tatsuya olhou para a senhora Masako, abaixada junto ao príncipe. Ela se voltou do quarto para ele, o rosto lívido. Parte em gesto atencioso, parte em apreensão real, o velho perguntou gentilmente.

– ...Masako-gozen foi ferida?

A mulher meneou de leve a cabeça.

– Eu... estava nos aposentos de tono-sama.

A mente do general suspirou em alívio. Ao menos *esse* agravante fora evitado... Seu senhor já teria dores de cabeça o bastante sem um escândalo vindo do *kampaku*.

– Fico muito feliz – ele concluiu, e se dirigiu ao daimyo. – Ryuu-dono... suponho que não fará objeção se eu iniciar as investigações pertinentes quanto ao shinobi?

– Certamente não.

Ele anuiu, e seguiu até o quarto. Sumomo o seguiu, e o comandante Kishimoto o recebeu com reverência longa, que os oficiais dos Ryuu e o general Atae imitaram, esse último com menor proeminência.

– O invasor foi encontrado ao abrir da hora do Boi?

Quem confirmou foi Nobutaka.

– Estava pessoalmente verificando o andamento da vigia, quando ouvi um correr de shoji nos aposentos de Masako-sama... baixo demais para ter sido feito naturalmente, por sua pessoa ou alguma ama. Quando entrei, deparei-me com o quarto interno aberto, e o shinobi armado com um tanto... Devia ter acabado de notar que seu alvo não se encontrava onde esperado.

Tatsuya assentiu devagar ao relato, observando o rosto do hatamoto à meia-luz. O semblante do homem estava carregado de aborrecimento. Bem lembrado, não fora só *sua* guarda que falhara em impedir a entrada do assassino, *neh?*

– Uma postura admirável, Atae-dono. Seu mestre é afortunado por contar com a competência de seu serviço.

Nobutaka agradeceu em mesura breve. Tatsuya se virou para Kishimoto.

– Onde está o corpo?

O comandante o guiou por poucos passos sala adentro, e indicou a entrada do quarto pessoal da senhora Masako. No tatame jazia estirado um cadáver decapitado, em vestes verde-escuras, a cabeça de olhos arregalados posta ao lado. Mirando o mon de linhas retas dos Ashigawa naquele uniforme, o rosto de Tatsuya se enrugou mais, numa expressão de profundo desgosto. Ele se voltou para o comandante, e o homem baixou humildemente a cabeça.

– ...Preciso dizer-lhe sua ordem, e a de seus homens em serviço neste turno, após tal desgraça, Kishimoto?

Houve um curto silêncio, então a resposta veio em voz embargada.

– *Iie*, Itou-sama.

– Seu filho também serve à guarda do palácio, não serve?

O segundo silêncio foi mais demorado.

– ...*Hai*, Itou-sama... No prédio central da ala Sul.

– Em tempos mais fartos, eu lhe daria o mesmo fim. Mas, não estando envolvido, permitirei-lhe viver, se suportar a vergonha. Que ele se considere rebaixado.

Kishimoto ergueu os olhos, então soltou um suspiro fundo, curvando-se de novo.

– *Domo arigato*, Itou-sama!... *Domo arigato gozaimashita!*

– Sumomo!

O subcomandante se apresentou, seguido por Nobutaka.

– Providencie para que isso seja visto por todos os samurais e trabalhadores do complexo – o velho indicou a cabeça do shinobi. – Se alguém o reconhecer ou pensar já tê-lo visto, que seja reportado diretamente a minha pessoa.

– *Hai*, Itou-sama.

O oficial apanhou a cabeça, embrulhando-a sem cuidado com o próprio dobuku, e saiu com pressa. Kishimoto, resignado, pediu permissão para se retirar. Tatsuya anuiu. Mal sua soturna figura passou pela porta, a passo pesado, Hideki veio do corredor.

– É lastimável – concluiu o velho, dirigindo-se ao daimyo – que este rato tenha passado por ambos os nossos seguranças.

Para sua pequena satisfação, Hideki viu-se obrigado a responder mais brando.

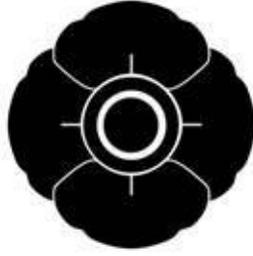
– *Un...* Um lapso preocupante. Seja quem for o inimigo velado dos Ashigawa, parece ter igual rancor por meu clã.

Tatsuya fez um gesto vago de cabeça, em concordância ou consideração polida.

– Peça a Ryuu-dono que não se preocupe. Será feito todo o possível para evitar que se repita, e para expor e punir o responsável.

O outro assentiu num erguer de sobrancelha.

– É o mínimo que espero.



O sobressalto pelo repentino bater à porta quase causou aos lábios de Ametsuyu um borrão cor de sangue. Apenas meia boca pintada, a jovem se voltou para a entrada do quarto, censurando-se pelo susto.

– *Dozo*.

Botan sentou ao lado da shoji e a abriu, e seu sorriso pesou de pronto. A garota se curvou em mesura longa, em acato e tentativa de encobrir a reação – embora, Ogumo sequer pareceu tê-la notado. Entrou no aposento, e, ignorando o cumprimento silencioso de Ametsuyu, estendeu-lhe um papel desdobrado com um selo cor de ferrugem.

– Ame-chan recebeu um convite de visita.

– Oh? – ela pegou a carta com cuidadoso desinteresse. – ...De Shikamori-sama?

Ogumo soltou um risinho.

– Mais inusitado... Tetsuyama Osamu-sama.

Ame sentiu um sopro de ansiedade transparecer em seu rosto, mas presumiu que Ogumo o tomaria por espanto ou apreensão. De fato, ele em seguida provocou.

– Não imaginava que o velho Akaoni se interessaria por seu tipo. Ame-chan tem uma compleição tão... quebrável, *neh?*

Ela lançou um relance sobre a mensagem, então deu de ombros.

– Suponho que seja menos rude do que se presume – concluiu, deixando o papel de lado, e se voltou de novo para o espelho.

O rapaz a fitou quieto por um momento, e Botan, espiando detrás das mangas, temeu que estivesse decidindo se o desdém o aborrecera. Acabou por prosseguir, sério.

– É, em tese, irregular... mas, dadas as circunstâncias e a posição de Tetsuyama-sama, Keshi-sama consentiu.

De fato, para cortesãs do nível de Akahana, o primeiro encontro com um cliente era de costume uma ocasião formal. Ele deveria expressar seu desejo de vê-la através de missiva, e esperar que ela aquiescesse. Ela, então, o receberia na casa de chá, onde ele teria sua refinada companhia, suas canções e poemas, seus sorrisos e palavras suaves que fariam a noite evanescer num tear de momentos encantadores. Fosse tal experiência de seu agrado, ela demonstraria ao aceitá-lo por outra noite, e outra, até, por fim, ceder-lhe o prazer e a honra de dividir seu travesseiro. Uma artista e uma amante conquistada; era essa a natureza de uma cortesã, o que a separava da classe vulgar de mera prostituta.

Embora, conforme as vantagens envolvidas... Ryuu Keshi não via problemas em dispensar o protocolo a senhores de muito privilégio e pouca paciência.

– Ele a aguardará amanhã, no Hana-no-Gosho. Após o poente.

– Entendido – Ame terminou a maquiagem, ignorando com perseverança a carta caída ao lado do espelho. – Deveras, estando os daimyos retidos por ordem do shogun... seria inviável Tetsuyama-sama vir até aqui.

– Un... – Ogumo afastou uma mecha escura da testa. – E, pela carta, ele parece muito interessado em conhecê-la. Sua reputação a vem precedendo, Ame-chan.

– Fico lisonjeada – ela pôs-se a ajeitar a corda rubra torcida em seu coque.

Houve um instante de silêncio.

– ...Só espero que não pretenda repetir sua pequena cena com Ryuu-sama, desta vez – Ogumo comentou, ácido.

Os olhos de Botan correram, agitados, dele para Ame. A moça deixou de fingir atenção ao penteado e se virou para encará-lo, o semblante vazio.

– Não pretendo.

A expressão severa no bonito rosto do rapaz foi se esticando num sorriso brando, em nada menos ameaçador.

– Que boa notícia. Apenas não o deixe escoriá-la demais, *neh?* Seria danoso para a imagem de nossa honorável casa de chá.

Botan arregalou os olhos, e ele fechou o cenho, seguindo até a porta.

– Apronte-se logo. O koto do salão não irá se tocar sozinho.

A shoji fechou, seca, às costas de Ogumo, e Ame torceu o nariz. Botan, hesitante, se aproximou, espiando o papel com o mon dos Tetsuyama. Ame queria alcançá-lo e lê-lo com os próprios olhos, procurar por alguma palavra de Taiken... Mas não convinha, com sua auxiliar presente, *neh?*

Ela alisou o obi florido, meticulosa e desnecessariamente.

– Tetsuyama-sama... – a voz de Botan saiu num sussurro – ...não é o nome que todos vêm citando? O mandante do ataque shinobi aos Ashigawa?

Ame demorou um segundo a responder.

– ...Um *suspeito* de ser o mandante – corrigiu.

A mocinha não pareceu tranquilizada.

– Não foi quem o shogun expulsou da capital, há muito tempo?

– *Hai*.

– Ouvi dizer que é um homem perigoso.

Ame se voltou para ela, serena.

– É apenas outro político, Botan-chan... Ogumo-sama só queria me assustar sem motivo. Não dê atenção a suas tolices.

– Mas...!

A cortesã ergueu o dedo em gesto firme, e Botan, relutante, se calou. Ame abriu um riso terno, e afagou a cabeça da garota.

– Eu ficarei bem. É uma promessa.

Devagar, Botan assentiu. Ame sentiu remorso por não contar-lhe a verdade sobre aquela carta, e quem de fato encontraria no palácio do shogun... Mas, dolorida cautela à parte... era comovente como sua aprendiz se importava com ela, *neh?*

Uma cadência de notas soou do andar abaixo. O biwa sendo afinado... Não seria prudente se demorar mais. Ame pegou a carta com o mon do kabuto, e correu os olhos brevemente pelas linhas ordenadas. Aquelas palavras formais... haviam sido escritas por Taiken? Ou pelo daimyo que as assinava? A jovem se deu conta que não saberia dizer...

Sentiu uma pontada ridícula de pesar.

Ela guardou o papel numa caixa laqueada sob a mesa, então pôs-se de pé. Botan ajeitou, cuidadosa, a

cauda de seu uchiki.

– Por favor, prepare algum chá para quando eu voltar.

– *Hai*.

– E meu kimono... uhn... verde-menta com hidrângeas? E o uchiki bordado em prata. Certifique-se que estejam perfeitos. Irei usá-los amanhã.

– Entendido.

Ela sorriu antes de sair.

– *Domo*, Botan-chan.

A mocinha correspondeu a expressão, o semblante ainda preocupado. Oh, pensou Ame, se soubesse o quanto ela ansiava por comparecer àquele encontro...

“Mandeí Botan com a mensagem logo pela manhã, e Kazuo-san a entregou com rapidez... Ainda assim, não houve como Tetsuyama-sama arranjar minha ida ao palácio antes de amanhã...”

O assassinato de Ryuu Masako seria esta noite... Não havia como alertá-los antes que acontecesse. Restava a ela esperar... e orar para que resistissem aos ardis de Ryuu Hideki até sua chegada.



– Masako-sama está mesmo bem?

A senhora assentiu, voltando-se para ele num sorriso esforçado.

– *Hai... Arigato gozaimashita*, Atae-dono.

– *Dozo*, Masako-sama... – Kyuumura Akiko, que acabara de afastar o próprio futon para acomodar a pequena família do mestre, estendeu-lhe uma tigelinha de sake – beba um pouco. Vai ajudá-la a relaxar.

Masako aceitou. De pé à porta, Nobutaka podia notar suas mãos ainda trêmulas. Abraçado a seu colo, Daichi, que há pouco parara de chorar, dormia um sono frágil. O daimyo deixara ambos sob sua vigilância e cuidados da senhora Akiko, a fim de discutir questões de segurança com o general Itou... Kentaro fora destacado para liderar a busca por outros invasores na ala. Haviam os dois saído há pouco, mas, naquele silêncio denso da madrugada, o tempo parecia se alongar incomodamente.

Um eco de passos cruzou o corredor, e Akiko mirou, atenta, a entrada do quarto. Nada... Apenas um sentinela de passagem. A quietude estática ameaçou prosseguir, mas um tilintar mínimo de porcelana, deitada vazia em sua bandeja, nisso a interrompeu.

– ...Sente-se melhor? – a atenção da jovem voltou para a senhora. – Gostaria de comer algo?

– *Iie*. Estou bem, Akiko-san, apenas... – Masako tomou um fôlego longo – ainda me espanta meu bom karma.

Após o jantar, Hideki apenas pedira seu chá costumeiro, à mesa de trabalho para revisar alguns documentos antes de se recolher... Ele já a havia dispensado casualmente, e ela já levava a mão à porta para sair.

Quando...

– ...Masako.

Ela se voltou.

– *Hai*, tonosama?

Por um momento Hideki a olhou, pensativo. Então deixou de lado o pincel.

– Daichi enfim se conformou em dormir no próprio quarto, e, francamente, estes papéis começam a me dar náuseas... Fique. Alguma companhia me fará bem.

Justamente naquela noite... Se Hideki, por mero repente, não houvesse dividido o travesseiro com ela justamente naquela noite... o shinobi a teria matado, não teria?

Ela inspirou fundo, em profundo alívio, e se debruçou para acariciar os cabelos de Daichi. Seu pobre filhinho, tão pequeno e sensível, teria ficado arrasado se a perdesse de modo tão brusco...

– Eu lhe agradeço imensamente, Atae-dono – ela ergueu o rosto para o hatamoto. – Não fosse sua diligência, aquele homem poderia ter alcançado Daichi, ou tonosama... Devemos-lhe todas nossas vidas.

Os olhos de Nobutaka fugiram para um ponto vago do tatame. Masako deduziu, apesar de tudo, devia estar envergonhado pela entrada do assassino, *neh?*

– Esta pessoa apenas cumpriu seu dever – ele se curvou, em tom pesado. – ...Por favor, não agradeça,

Masako-sama.

Ele não merecia tal gratidão, pensou consigo. Não a protegera de nada. De fato, não fizera mais que colaborar para assustá-la, naquele teatro desagradável que o mestre lhe impusera dias atrás.

...Fora, inegavelmente, um plano engenhoso.

A eliminação de Tetsuyama Osamu ao findar do Hanami, ordem que seu senhor chegara a ditar ao shinobi de Keshi, tivera de ser revogada após, inesperadamente, outro ataque ocorrer antes no palácio. O mestre nunca contara com a morte do príncipe Yoshitane, ou tivera conhecimento de seu mandante. Mas, vendo a vigilância do general Itou mais intensa, e tendo um espião atado a seu nome dentro do complexo, encontrou-se, nisso, em posição arriscada.

Então, vieram a guerra adentrando suas fronteiras, o Akaoni nomeado aliado do Bakufu e enviando tropas ao fronte a poucos *ris* dali, o veto absoluto do shogun ao seu pedido de deixar o Hana-no-Gosho...

E uma forma de, num único movimento, lidar com todos aqueles entraves.

Desde que aceitara o serviço de Otani Isao – ou, qualquer fosse sua real alcunha – Hideki tivera ciência que o homem, de fato, estaria reportando a Keshi. O argumento vago de desejar “aproximar-se” dos Ryuu e o pagamento irrisório que a mulher aceitara em troca, por si, eram provas desse fato. *Hai*, o shinobi poderia, tratado com a cautela adequada, até ser útil como assassino e espião...

Mas seria ainda mais conveniente descartado num blefe.

O mestre determinara tudo com facilidade. Dera ao ninja a ordem de matar sua esposa. Definira uma data e um aposento exatos. Na noite em questão, meramente se certificara de manter o suposto alvo a salvo, e seu homem de confiança, a postos para flagrar o atacante.

E funcionara como esperado. Agora, o espião de Keshi estava morto. O general Itou seria levado a considerá-lo autor do atentado aos Ashigawa. Sendo atacada a ala privada dos Ryuu, as suspeitas de ambos os crimes recairiam sobre Tetsuyama Osamu com ainda mais força, abalando sua frágil posição diante do Bakufu. O *kampaku* ficaria ultrajado com o ataque à filha, e reforçaria a nova solicitação do genro de ser liberado da capital. E o shogun, constrangido anfitrião num palácio pela segunda vez devassado, veria-se em débito para com seu convidado ofendido.

Acabaria por admitir a partida da comitiva de Nagoya.

Hai, fora um plano engenhoso... Mas, num íntimo que se esforçava em reprimir, Nobutaka se sentia mal por ter tido parte nele. Shinobis e mortes por contrato, traições e mentiras... Ainda que fosse seu dever, e inquestionável decisão de seu senhor, desde o momento em que pisara aquela maldita sala em Oryuu-ji, o *hatamoto* se sentira sujo.

“...Está acabado. É o que importa.”

Ele apenas esperava com ardor nunca mais ter de lidar com aquela imundície shinobi enquanto vivesse.

Capítulo 20

Prolusão



Ainda não era o meio da manhã, mas um Sol já intenso fazia vibrar as cores no amplo jardim Norte. Seguindo por uma das tantas varandas que circundavam o gramado, Ikeda Jin podia ver reflexos chispando nos muitos braços do espelho d'água, pássaros agitados nas copas verdes das cerejeiras, e glicínias lilases pendendo em longas cascatas de seus pergolados. Nos corredores internos do palácio, o rapaz ouvira rumores agitados por toda parte, sobre um invasor morto na ala Leste, os Ryuu de Owari e o shogun... Ali fora, porém, havia uma quietude plácida no ar. Quase um convite a ficar e apreciar a brisa por um momento, antes de virar a próxima esquina e entrar no prédio.

Ajeitando os livros na mão, Jin reduziu o passo, considerando de fato fazê-lo... E nisso, à margem d'água não distante, algo atraiu sua atenção. Entre um pinheiro curvo e uma grande rocha limosa, rumo à ponte em arco adiante, caminhava uma figura esguia num uchiki translúcido, o rabo-de-cavalo pesado oscilando de um lado para outro a cada passo distraído.

Ashigawa Kiyoko... Era raro vê-la assim, sozinha – aliás, a Jin só ocorrera uma vez, quando lhe contara sobre a tentativa de assassinato contra ela. Pensando a respeito, parecia fazer muito tempo, *neh...*? Ele ainda lembrava como a princesa estava debilitada quando a conhecera. Magra e queimando em febre, o rosto marcado de olheiras... Mais um pouco e teria perecido, apagada por aquele veneno.

Mais que piedade, tal ideia lhe causava revolta.

Em meio de cruzar a ponte, a moça parou. Jin acordou de seus pensamentos. O olhar da princesa correu vagamente pela paisagem, voltando-se em sua direção. Então encontrou seu rosto.

Ela sorriu. Jin de repente se sentiu embaraçado. Observá-la daquele modo fora indiscreto de sua parte, *neh?* Inibido, ele retribuiu o pequeno aceno da jovem, que pôs-se a fazer o caminho até aquela varanda.

– Jin-sensei... *ohayo gozaimasu* – ela deixou cair a barra fina do uchiki ao subir para o tablado. – Que surpresa encontrá-lo!

– *Ohayo gozaimasu*, hime-sama... Tem passado bem?

– Muito bem – ela lançou um relance para o torreão, e sua fronte franziu de leve. – Embora... a atmosfera no palácio não tem sido nada agradável, esta manhã. Soube do atentado contra Masako-dono, pela madrugada?

Jin confirmou.

– Fico feliz por ter sido impedido – ele então hesitou, e perguntou com polidez. – Ashigawa-sama acredita ter sido o mesmo shinobi que...?

A princesa meneou a cabeça, grave.

– ...Eu não sei. Ashigawa-sama está em reunião com Ryuu-sama e o kampaku, desde cedo. Mas... Oyu-sama acredita que pode ser o caso. E outras senhoras com quem falei esta manhã, igualmente.

Fazia sentido, pensou Jin... Quais as chances de dois ataques não-relacionados ocorrerem num mesmo

palácio, em tão pouco tempo?

– De qualquer modo... é um alívio ver hime-sama em segurança.

Os dedos de Kiyoko se entrelaçaram diante do obi dourado, e seus olhos fugiram num breve sorriso contido. Jin sentiu um inesperado pulsar de inquietude. O rosto fino da sobrinha do shogun... agora estava nitidamente rosa.

– Eu... – ela voltou a mirá-lo – estou a caminho do santuário, para encontrar-me com Nadeshiko-san. Seu sorriso se tornou mais vacilante, e sua face, mais enrubescida.

– ...Jin-sensei gostaria de me acompanhar?

O jovem médico hesitou. Kiyoko prendeu a respiração, ansiosa. Uma onda fria pareceu varrer-lhe o estômago. Talvez houvesse sido ousada demais...?

– Seria um prazer, hime-sama, mas... – Jin indicou os livros que levava – preciso entregar este material a Kusachi-sama. Não convém que me demore.

Houve um silêncio curto. Kiyoko anuiu em nítido desapontamento.

– Oh... entendo. Não irei mais atrasar Jin-sensei, então.

– *Iie*... Foi muito agradável encontrar hime-sama.

Sem notar, a jovem apertou as mãos. Ikeda Jin a fitava de volta em bom-grado cortês, mas... seus olhos transpareciam um brilho agitado, e um rastro de cor tomara sua face. A princesa sentiu o compasso dolorido em seu peito acelerar. Ele... poderia estar sentindo o mesmo que ela?

...Ou simplesmente ficara *constrangido* pelo convite atrevido?

– Jin-sensei é muito gentil – ela baixou o rosto, envergonhada, numa mesura um tanto longa demais. – Amanhã devo tomar outra dose da infusão, *neh*...? Até então.

O médico correspondeu o cumprimento, formal.

– ...Até então, hime-sama.

Kiyoko dirigiu-lhe um último relance educado, e, erguendo a barra do uchiki, desceu da varanda sobre os zoris alinhados. Afastou-se sem olhar para trás, a passo mais ágil do que viera. Seu rabo-de-cavalo oscilava amplo agora, Jin notou, os dedos ainda tensos ao redor dos livros...

Sob o Sol, a alva sobreveste diáfana, o obi cor de ouro e o kimono amarelo-claro, toda a figura da princesa parecia reluzir em meio à paisagem. Um perfume adorável de glicínias veio trazido pela brisa; mas Jin se sentiu mal.



– Em nome de minha pessoa e de todo o clã Ashigawa... peço sinceras desculpas a Ryuu-dono pelo lamentável ocorrido.

Pronunciar aquela frase, por si, fora a Yoshinobu tão agradável quanto uma crise do fígado. A mesura lenta que recebeu em resposta, daquele rosto ofendido e coberto de empáfia, apenas reforçou essa impressão.

– Fico honrado pela consideração de Ashigawa-sama – Ryuu Hideki expressou, cerimonioso. – Embora, consterna-me ver que inimigos de minha casa tenham chegado tão perto de consumir uma tragédia, noite passada.

– A apreensão de Ryuu-dono é perfeitamente justificada – concordou o shogun. – Os samurais do Bakufu envolvidos nesse lapso foram punidos, e todas as medidas estão sendo tomadas para evitar novos ataques.

Ele se voltou para o general Itou, sentado quieto à sua esquerda.

– ...A questão do uniforme foi esclarecida, se não me engano?

O velho fez que sim em gesto curto.

– Uma cópia cuidadosa, mas não perfeita. A origem está sendo investigada.

Yoshinobu assentiu. Um pequeno sorriso educado correu na boca de Hideki.

– Minha cara esposa ficará tranquilizada por tais cuidados.

– Todavia... – carrancudo ao lado do genro, o kampaku falou – por mais que eu considere os esforços e a competência de Itou-dono... é fato que o mandante e as razões de um atentado contra minha filha continuam incógnitos.

Ele fez uma pequena pausa, empertigando-se, e seus braços se cruzaram sob as pesadas mangas púrpuras.

– Soube que Ryuu-dono há pouco requereu a partida de sua comitiva de Kyoto... – seus olhos correram para Hideki – e que seu pedido foi negado.

Polidamente, o daimyo confirmou.

– *Hai*. Embora, com a ocorrência desse perturbador incidente... Ashigawa-sama, esta pessoa humildemente roga que reconsidere sua decisão.

“...Como o esperado”, a mente do shogun rosou. *Hoh*, que aquele cínico ainda viesse a engolir mil agulhas por obra de sua língua! Usando a influência do kampaku... Ryuu Hideki realmente pretendia forçar sua saída de Kyoto com aquela desculpa, *neh?*

“Quem esse tolo pensa que eu sou?!”

– Nobres senhores, compreendo sua preocupação por Masako-gozen... – o velho contrapôs, plácido – mas peço que não se aflijam. É verdade que o mandante ainda não foi encontrado. Mas, tendo sido o executor eliminado, trata-se apenas de tempo até que respostas venham à tona.

O vinco na testa do kampakū se aprofundou.

– Ashigawa-dono...

– Os senhores compreendem – Yoshinobu o interrompeu – há a reunião pendente quanto à posse de Mutsu. Tão logo receba reforços em Asaba-jo, meu filho retornará a Kyoto para contribuir com o tópico. A ilustre presença de Ryuu-dono será fundamental.

Seguiu-se curto silêncio, que ao shogun soou como um toar de vitória. Apesar da situação delicada, e do compromisso formal de tratar seus convidados insultados com a adequada solicitude... Suas desculpas e promessa de segurança haviam sido impecáveis. Seu pretexto para continuar a negar a partida dos Ryuu, igualmente.

“Insistir agora seria indelicado de sua parte, Ryuu-dono... Se quer continuar com a vantagem de *pessoa ofendida* neste jogo, só lhe resta ceder”.

Aparentando ter chegado à mesma conclusão, o daimyo reverenciou.

– O valimento que Ashigawa-sama confere a esta pessoa me honra. Permanecerei no Palácio das Flores para servi-lo da melhor forma que puder.

“...Excelente”.

– ...No entanto – ao reerguer a frente, Hideki completou – ousou solicitar que, ao menos, minha família parta da capital. Estão assustados, e, findado o Hanami, não vejo motivo em prolongar sua permanência.

Tatsuya franziu a testa. Masamoto, ao mesmo tempo, ergueu uma sobrancelha. Então assentiu.

– Deveras. O Hana-no-Gosho não é, por hora, totalmente seguro. Foi a razão de Tennouheika ao solicitar a estadia de Fuji-hime no palácio Imperial até o retorno de Yoshinaga-dono, *neh?*

O shogun compreendeu as entrelinhas. Citando a princesa Fuji, esposa de seu novo sucessor... Masamoto sublinhava o fato de ela estar sob sua guarda, *neh?* ...Não chegava a ser uma ameaça; mas, ele sabia, era uma promessa de entraves a tal respeito, diante sua não-cooperação.

“Sua filha por minha nora... É essa sua condição, Kujou-dono?”

– *Yosh...* – em gesto lento, o velho aquiesceu – Masako-gozen e o jovem príncipe têm permissão para partir, se Ryuu-dono assim deseja.

Sem sorrir, o daimyo se curvou em *mesura* pronunciada.

– *Domo arigato*, Ashigawa-sama. Sendo o caso... Dado o recente atentado, creio convir a minha família uma escolta de confiança.

Voltou-se para o kampakū.

– Kujou-dono também ficaria mais tranquilo, suponho, vendo-os acompanhados por Musashi-no-kami-san?

– *Un*. Parece-me apropriado, tendo sido essa pessoa a impedir o shinobi.

Olharam ambos para o shogun. Francamente, Yoshinobu já se sentia tão irritado que desejava apenas terminar logo com aquele teatro.

– Uma precaução sábia – comentou, monotônico.

Seguiu-se breve protocolo de agradecimentos e despedidas. Por fim, os fusumas do escritório foram fechados às costas de Hideki, Masamoto, e suas pequenas guardas respectivas. Cansado e aborrecido, Yoshinobu inspirou fundo.

– Poderia ter sido pior – avaliou Tatsuya.

– *Un...* Mas estou longe de sentir alívio.

– Quanto ao shinobi – a voz do general ficou mais baixa, e seu tom, mais grave – foi confirmado. Tratava-se de um guarda do círculo médio... Otani Isao. Sua unidade já está sendo investigada.

Ele hesitou, e baixou a cabeça.

– ...Sinto que fracassei novamente com Yoshinobu-sama.

– Tatsuya não tem como conhecer cada sentinela deste palácio – o shogun cortou. – Não se tratava de nenhum samurai de minha guarda pessoal. Não houve falha sua.

Silêncio. Yoshinobu se reclinou, inquieto, no hyoki laqueado, e tirou da cintura um leque, que pôs-se a abanar mecanicamente. O ar estava abafado... à tarde decerto choveria.

– Se tivesse de apostar... quem Tatsuya apontaria como mandante desse ataque a Masako-gozen... e, talvez, também da morte de Yoshitane?

Fechando um semblante austero, o outro não demorou a determinar.

– *Tetsuyama Osamu*. Deve ter se sentido confiante com a escolha de suas tropas em reforço a Yoshinaga-sama, *neh?*

– *Un...* é uma possibilidade – o shogun ponderou.

Embora, seu instinto lhe apontava outra.

– ...Ou, poderia ser obra de Ryu Hideki.

Tatsuya piscou.

– Ryu-dono?

E, pelos segundos seguintes, seu rosto demonstrou crescente consideração.

– *Hai...* É possível. Para criar uma oportunidade de deixar Kyoto...

Ele mirou o mestre, sombrio.

– Talvez, por temer alguma descoberta do Bakufu sobre a morte de Yoshitane-sama? ...Ou o envenenamento de Kiyoko-hime?

– Ou ambos. E sobre o maldito navio de contrabando de armas...

O shogun fechou o leque, e correu os dedos pelos bigodes, pensativo. O olhar de Tatsuya, compenetrado, transpareceu mais tensão.

– Se for o caso – o general observou – é provável que Kyuumura-dono também esteja envolvido. Seus antigos contatos comerciais no Norte seriam de grande valor.

Yoshinobu o olhou de soslaio. Compreendia seu incômodo... O neto de Tatsuya era casado com a filha mais nova de Kyuumura, *neh?*

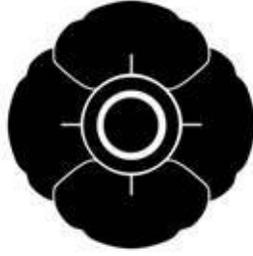
– Conjecturas de nada nos servem – o shogun concluiu. – Nem Tetsuyama-dono nem Ryu-dono irão a lugar algum enquanto eu puder impedir.

Embora, com a princesa Fuji sob a asa de Masamoto, a partida de Ryu Masako lhe fosse deveras inconveniente... *Ryu Masako... Hoh*, por todos os kamis! Após tantos anos, ainda soava irritante!

Num suspiro seco, ele voltou a abrir seu grande leque.

– ...Prossiga com as investigações, Tatsuya.

– *Hai*, Yoshinobu-sama.



– *Dois ryos?* – Ryuu Keshi repetiu. – Por acaso ele estava bêbado, à altura?

– Quase imagino que sim – Ogumo riu, então prosseguiu sisudo. – ...Eu disse ser inaceitável. Qualidade quanto tivesse, o lote não podia valer mais de um ryo. *Hoh*, “seda de Inaba”, ouvi em resposta. Como se cada artesão piolhento da maldita província fosse um mestre reconhecido...

Um bater ligeiro soou à porta do escritório. Ogumo se inclinou de lado, mirando o fusuma floral num gesto mole. Keshi deixou sua tigela com chá sobre a mesinha.

– *Dozo*.

O painel correu para o lado, revelando uma auxiliar da casa a quem ninguém deu atenção, e uma jovem num uchiki verde-esmeralda, o apreensivo rosto redondo pintado com esmero.

– Umehana...! – Keshi se empertigou. – Estava para mandar alguém ao Hana-no-Gosho! Já passa do meio da tarde!

– Por favor, perdoe minha demora – a moça fez mesura longa, as mãos postas.

Keshi indicou-lhe que entrasse. Umehana obedeceu, puxando a cauda das vestes ao passar pela soleira e sentando rígida a dois passos da mesa. O fusuma fechou.

– Kusachi-dono não solicitou sua permanência pela manhã – apontou Keshi. – O que a reteve por tanto tempo?

Ogumo notou a cortesã engolir em seco. Ela se prostrou em nova reverência.

– Não foi Kusachi-sama... Preparei-me para sair ao fim da hora da Lebre [\[114\]](#), como o usual. Mas... não pude trespassar o portão interno. Disseram-me que, esta madrugada, houve um ataque shinobi na ala Leste.

“Oh!”, a mente de Keshi suspirou. Era claro! O assassinato que Hideki ordenara a Isao... Fazia sentido que o palácio estivesse em estado de alerta, logo após o ocorrido.

– Ataque shinobi?! – exclamou Ogumo, num falso espanto deveras convincente.

Umehana assentiu.

– Kusachi-sama teve de confirmar que não deixei aquela ala durante a noite. Fui interrogada sobre ter visto alguém ou algo suspeito... E também...

Ela encolheu os ombros num arrepio.

– O subcomandante me fez ver uma horrível cabeça decepada!...

A surpresa de Ogumo, desta vez, foi sincera.

– ...*Cabeça?*

– *Hai...* do ninja que tentou matar a esposa de Ryuu-sama... – Umehana suspirou, agora chorosa. – *Hoh*, Keshi-sama, foi *horrível!*... Desviei o olhar e garanti nunca ter visto tal pessoa, mas os samurais me obrigaram a olhá-lo de novo, para ter certeza... Só então me permitiram sair.

Um segundo de silêncio estático se passou.

– Ora, que chocante...! – Keshi levou a mão ao peito. – Esse ninja... tentou matar Masako-gozen, foi o que disse?

– *Hai...* Mas foi impedido. Ouvi dizerem que o daimyo de Musashi o cortou.

Ogumo espiou sua senhora. O rosto dela estava coberto de inocente assombro.

– Bem, considerando a situação... – ela concluiu – o atraso é deveras justificável. Umehana não tem compromissos hoje, *neh?* Deve estar abalada com o que houve, então tire a noite para repousar.

A moça abriu um sorriso vacilante.

– Oh... *arigato gozaimashita*, Keshi-sama!... Certamente me fará bem.

Dispensada, a cortesã reverenciou e deixou o aposento, seus passos e o chiar do uchiki se afastando além do fusuma, então escadas abaixo. Ogumo ainda se recuperava da desagradável surpresa e da indignação diante o que acabara de ouvir. O shinobi que tanto lhes custara... acabara de ser morto? E não por samurais do shogun... mas por Atae Nobutaka – sem relance de dúvida, sob ordem de Hideki?!

– ...O assassinato da mulher foi uma armadilha – o rapaz sussurrou. – Ryuu-sama sabia sobre o espião duplo.

Virou-se para Keshi, até então muda, e viu seu semblante totalmente mudado. A máscara de surpresa se fora. Ficara em seu lugar uma curva amarga nos lábios, um vinco entre as sobrancelhas finas e um olhar pesado de rancor. Como ocorria às vezes, diante entraves, sua voz perdeu o tom etéreo usual. Saiu hirta, mais do peito que da garganta.

– ...*Aquele calhorda miserável...!*



O caminho sinuoso entre pinheiros baixos estava deserto. As margens do lago, pontuado de rochas como ilhas limosas sob o Sol, igualmente. A brisa e um ocasional chilrear entre as cerejeiras, além da distante curva da construção adiante, eram os únicos sons ao redor do santuário. Ashigawa Nadeshiko apreciava tal quietude. Este era o lugar no qual, enfim, podia estar a sós... Com seus pensamentos, seu luto e pesar, seu anseio por reparar sua dolorosa perda.

Este, porém, não era um dia para derramar apenas lágrimas.

Olhando ao redor, a jovem se abaixou à entrada da pequena construção. Tirou de seu lugar uma pedra chata, grande apenas o bastante para cobrir uma reentrância sob a antiga fundação de madeira. Viu, com alívio, que continuava ali; o frasco de porcelana, não maior que a palma de sua mão, fechado por uma tampa. Tirou-o de seu refúgio com cautela – hoje, pela última vez.

Restava menos da metade do conteúdo... Mais alguns dias, mais algumas gotas, e teria sido o bastante, *neh?* Parte sua até sentira o impulso de aumentar a dose, de usar o restante num golpe agudo, quando o antídoto começara a ser administrado... Nisso, porém, ela lembrara: chegara até ali por ser paciente. E cautelosa. Matar aquela garota não valia mais o risco. Não agora que ela estava no Hana-no-Gosho.

...O ninho daquela linhagem imunda que tirara a vida de seu senhor.

Ela recolocou a pedra no lugar. Mirou a paisagem. Um tordo passou pelo céu em voo rápido, e mais nada. Nadeshiko procurou com os olhos pela base do santuário, até encontrar outra fresta, esta estreita e muito funda. Perfeito. Com cuidado, a jovem abriu o recipiente e ali verteu o veneno.

Era mesmo uma pena ter de se livrar daquilo... Mesmo que Kiyoko não fosse um alvo compensador, havia outros. *Hoh*, mas com um ninja morto naquela madrugada, e a guarda do palácio mais e mais reforçada... era prudente apagar quaisquer pistas.

“Perdi o veneno... Perdi o contato e os recursos para pagar outra vez os shinobis do Hanami. Não me restam muitas armas, agora.”

...Ao menos, ela fizera bem até ali. Eliminara o irmão do shogun; eliminara seu filho mais valioso; seus netos, e sua nora... prima do Imperador, o que abalara de modo conveniente a boa-vontade da Corte para com o Bakufu... Kiyoko escapara por pouco. Mas não era importante. Talvez, viva, ela ainda lhe fosse útil...

A memória de seu irmão lhe veio à mente. Seu querido irmão, único membro do clã Asaba a não sucumbir à covardia e trair o próprio mestre... Seu honrado irmão, que tivera o seppuku forçado pelo pai por não renunciar vassalagem a Uzawa Tsurumaru em prol do shogun...

“Ani-ue... esta mulher inútil não pôde impedir sua morte... ou a morte de Uzawa-sama... Mas... sem dúvida irá vingá-los, tão profundamente o quanto puder!”

Lágrimas ameaçaram lhe vir aos olhos, mas Nadeshiko respirou fundo. Uzawa Tsurumaru merecia mais que suas lamentações. E ela não o desapontaria. Fitou o frasco vazio. Faltava apenas se livrar dele.

A moça afastou as mangas cor de lavanda, e pôs o recipiente na borda estreita da fenda. Com outra pedra, golpeou-o seco, esmigalhando-o dentro do buraco. Avaliou o resultado. Não restara porcelana à vista... Não havia como ser descoberto.

Suas mãos haviam se sujado um pouco, Nadeshiko notou, então foi molhá-las no lago. Mergulhou os dedos na água, então as palmas, apreciando seu frescor. Sentia-se aliviada. Conseguira se livrar da única evidência que poderia apontá-la como suspeita dos atentados contra os Ashigawa... Agora podia aguardar, sem pressa ou temor, pela próxima oportunidade.

– Nadeshiko-san...

Ela se voltou em sobressalto. Pelo caminho de pedra, a sobrinha do shogun se aproximava. Pondo-se de pé, a jovem secou as mãos limpas no forro do uchiki.

– Kiyoko-san...! – sorriu ao chegar da princesa.

– Espero não tê-la feito esperar muito... – a mais nova retribuiu a expressão com pouco vigor. – Estava brincando com as carpas?

Nadeshiko assentiu.

– Oh, Kiyoko-san... seu rosto está tão vermelho! Sente-se bem?

A princesa hesitou. A compreensão atingiu Nadeshiko.

– ...Por acaso se encontrou com Ikeda-sensei? – ela perguntou num risinho.

Kiyoko ficou ainda mais corada. Baixou o rosto e se retraiu.

– Ora... o que houve?

– ...Eu... Não é nada, apenas...

A moça suspirou fundo.

– Eu... gostaria de saber o que ele pensa sobre mim.

Voltou a mirar os próprios pés, infeliz. Estava mesmo encantada pelo tal médico de Osaka, *neh*...? Uma afeição muitíssimo problemática, considerando sua posição. O shogun jamais permitiria a sua sobrinha de sangue unir-se a um samurai de baixa classe.

...*Jamais*.

– Kiyoko-san... devia contar a ele como se sente.

Kiyoko a mirou, o olhar arregalado. Nadeshiko sorriu em encorajamento.

– Ikeda-sensei parece sinceramente considerar Kiyoko-san... Talvez tanto quanto Kiyoko-san o considera. Mas só há um modo de saber com certeza, *neh*?

A outra moça encolheu os ombros, as mãos entrelaçando-se agitadas.

– ...Co...contar a ele...? ...Meus sentimentos?

Parou por um momento, considerando a sugestão. *Un*, pensou Nadeshiko. Se sua impressão estivesse correta, era bem possível que Kiyoko viesse a receber uma resposta positiva, se expusesse seu afeto... E se, então, acabasse por se envolver com Ikeda Jin... esse relacionamento clandestino sem dúvida terminaria em terrível tragédia, *neh*?

Talvez, no final das contas... aquele rapaz que anulara seu veneno pudesse vir a causar, ele mesmo, a morte de Ashigawa Kiyoko.

– Bem... – ela riu em tom de segredo – pense a respeito. O Sol logo deve ganhar força... Vamos orar enquanto ainda está fresco.



Ao som de passos no corredor, Ryuu Masako se voltou, apreensiva. Junto à shoji oposta, aberta para a varanda, Daichi pôs de lado sua temari, e também olhou a porta, ao mesmo tempo em que essa abriu.

– Tono-sama – a mulher se curvou em mesura rápida – ...como foi a audiência?

Hideki entrou no aposento, cerrando a porta sem cuidado. Mas não sentou.

– Ashigawa-sama exige minha presença até próxima reunião, após o retorno do herdeiro. Masako e Daichi partirão amanhã.

Ela educadamente moderou sua expressão aliviada. Após aquele horrível ataque, esperava que o marido também obtivesse permissão para deixar Kyoto... Mas, ainda que não fosse o caso... a ideia de tirar Daichi daquele lugar já lhe era o bastante.

– *Hai* – ela assentiu. – ...Devemos esperar por tono-sama na residência em Nara, ou retornar a Nagoya-jo?

Hideki meneou a cabeça.

– Nobutaka-san irá escoltá-los até Edo-jo.

O anúncio surpreendeu Masako.

“...Edo-jo?”

– ...Entendido – ela confirmou em nova reverência, um volitar súbito tomando-lhe o estômago. – Começarei os preparativos, então.

– *Un* – o daimyo anuiu, curto, e se voltou para a porta. – Prossiga.

Então saiu. Lá fora, decerto na copa do pessegueiro, começou um cantar ritmado de tordo, suave no silêncio. Daichi se esticou e apanhou a temari. Cruzou a sala, a bola trançada de seda tilintando em suas mãos, então sentou junto à mãe, ansioso.

– *Haha...* vamos mesmo embora?! Amanhã?

Masako assentiu num suspiro leve.

– *Hai*. Amanhã.

– ...E para o castelo de Nobutaka-sensei? – o menino falou, claramente feliz pela confirmação. – É verdade que é maior que o nosso?

– Não sei... – a mulher sorriu. – Também nunca estive na província de Musashi... Mas sem dúvidas será um lugar interessante, *neh*?

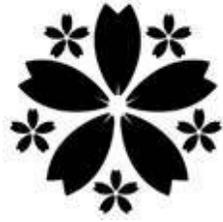
Daichi concordou com entusiasmo. Definitivamente, ponderou Masako... enfim deixar o Palácio das Flores e aquela cidade repleta de inimigos seria maravilhoso.

Mas... parte sua também sentia uma agitação desconcertante.

– *Yosh...* – ela concluiu – há muito a fazer.

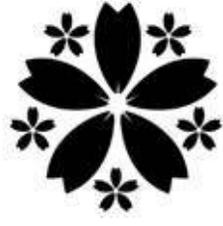
Pôs-se de pé, e tirou o leque do obi, voltando-se para o jardim além da varanda. Estava quente... Os narcisos à margem do espelho d'água começavam a minguar sob o Sol. Pela longa estrada até Musashi, os riachos decerto já estariam repletos de libélulas, e as árvores, do intenso cantar de cigarras, *neh*?

Masako se perguntou que flores de Verão encontraria nos jardins de Edo-jo...



Apêndices

Clãs e Filiações



Ashigawa



Família regente do Bakufu, governo militar diretamente subordinado ao Imperador. Exerce poder sobre o país a partir de um complexo palaciano no distrito de Muromachi, na região Norte da capital, Kyoto. Seu mon tem linhas geométricas e sua cor-símbolo é o verde-escuro.

Castelos e propriedades:

- HANA-NO-GOSHO, o Palácio das Flores, residência do shogun e sede do Bakufu, em Kyoto, província de Yamashiro
- MANSÃO na província de Mimasaka, residência de Ashigawa Yoshiharu, finado irmão do shogun

Membros:

- YOSHINOBU, cabeça da família, seii-taishogun (shogun)
- OYU, esposa do shogun, irmã mais nova de Itou Tatsuya
- YOSHITANE, primeiro filho e herdeiro do shogun, primeiro filho de Oyu
- YOSHINAGA, segundo filho do shogun, segundo filho de Oyu
- KUZU, esposa de Yoshitane, prima do Imperador
- FUJI, esposa de Yoshinaga, prima do Imperador, irmã mais nova de Kuzu
- SAKUYA, segunda consorte do shogun
- NARUMI, terceira consorte do shogun
- YOSHIHARU, finado irmão mais novo do shogun
- KIYOKO, filha de Yoshiharu, sobrinha do shogun
- NADESHIKO, consorte de Yoshiharu, da família Asaba de Mutsu

Outros Membros:

- HOSHIMARU, primeiro filho de Yoshitane e Kuzu
- SUZUYO, segunda filha de Yoshitane e Kuzu
- ATSUKO, quarto filho do shogun, primeiro filho de Sakuya

Vassalos:

- ITOU TATSUYA, general, líder da guarda pessoal dos Ashigawa
- ITOU KAZUO, neto e herdeiro de Tatsuya, comandante
- ITOU KOTONE, esposa de Kazuo, quarta filha de Kyuumura Koji

- OKAMURA HAYATE, general
- SHIKAMORI AKIRA, general, aliado de Ryuu Hideki
- OKORI NORIYUKI, conselheiro, pai de Kyuumura Akiko
- KUSACHI YOHEI, alto oficial médico do Hana-no-Gosho

Outros Vassalos:

- OKABE, comandante de escolta da guarda pessoal dos Ashigawa
- KISHIMOTO, comandante da guarda da ala Leste do Hana-no-Gosho
- SUMOMO, subcomandante da guarda da ala Leste do Hana-no-Gosho
- TAKAHASHI UJIE, capitão sob Itou Tatsuya que captura o navio *Ayakashi*
- MOEGI, ama de companhia e tutora de Kiyoko
- MIDORI, ama de companhia de Kiyoko
- AOI, ama de companhia de Nadeshiko

Ryuu



Família regente da província de Owari, controlando também toda a região de Tokaido e as províncias de Mino e Yamato. Seu mon é um dragão espiralado, e sua cor-símbolo, azul, com frequência acompanhado de branco.

Castelos e propriedades:

- NAGOYA-JO, castelo principal da família, em Nagoya, Owari
- MANSÃO em Nara, Yamato
- MANSÃO em Kyoto, residência de Keshi, viúva de Hisashi
- EDO-JO, castelo sob posse de Atae Nobutaka, em Edo, Musashi
- INABAYAMA-JO, castelo sob posse de Kyuumura Kentaro, em Mino
- ORYUU-JI, templo budista em Kyoto, Yamashiro
- AKAHANA, casa de cortesãs sob posse de Keshi, em Kyoto, Yamashiro

Membros:

- HIDEKI, cabeça da família, daimyo de Owari, segundo filho de Hitoshi
- MASAKO, esposa de Hideki, primeira filha do kampaku, Kujou Masamoto
- YUKI, primeira filha de Hideki e Masako, falecida poucos dias após nascer
- DAICHI, segundo filho de Hideki e Masako, herdeiro da família Ryuu
- HITOSHI, finado daimyo de Owari, pai de Hikaru, Hideki e Hisashi
- HIKARU, primeiro filho de Hitoshi, monge budista residente em Nara
- HISASHI, finado terceiro filho de Hitoshi
- KESHI, de linhagem desconhecida, viúva de Hisashi

Vassalos:

- ATAE NOBUTAKA, daimyo de Musashi, hatamoto e general dos Ryuu
- ATAE SUZUME, esposa de Nobutaka, morta em ataque shinobi a Edo-jo
- KYUUMURA KENTARO, terceiro filho de Kyuumura Koji
- KYUUMURA AKIKO, esposa de Kentaro, filha de Okori Noriyuki

Outros Vassalos:

- NARABO, monge budista responsável por Oryuu-ji, subordinado de Hikaru

- KOFUBO, monge budista em Oryuu-ji, subordinado de Narabo
- YOSHIDA HOTAKA, daimyo de Mino, seppuku ordenado por Hideki
- ENDO YUUMA, hatamoto de Hotaka, seppuku ordenado por Hideki
- NAKAGAWA MINORU, representante de comércio, seppuku ordenado por Hideki
- SHINKU, ama de companhia de Masako
- HACHIRO, servo de Atae Nobutaka

Tetsuyama



Família regente da província de Inaba, controla também a região de San'indo e a província de Echizen. Seu mon é um elmo kabuto, e sua cor-símbolo, vermelho-escuro ou vermelho-ferrugem.

Castelos e propriedades:

- TOTTORI-JO, castelo principal da família, em Tottori, Inaba
- MANSÃO em Mingzhou, China, residência temporária de Naginata

Membros:

- OSAMU, o “Akaoni”, cabeça da família, daimyo de Inaba
- TAIKEN, primeiro filho e herdeiro de Osamu, primeiro filho de Hajime
- NAGINATA, segundo filho de Osamu, segundo filho de Hajime
- HOTARU, consorte de Taiken, filha do daimyo de Hida, Uehara Seito
- KOI, consorte de Naginata, do clã Ishii de Tajima
- CHIYO, consorte de Osamu, do clã Hirata de Nagato
- SAI, terceiro filho de Osamu, primeiro filho de Chiyo
- YUMIKO, quarta filha de Osamu, segunda filha de Chiyo

Outros Membros:

- HAJIME, esposa de Osamu, falecida após o parto de Naginata

Vassalos:

- HIRATA SADANORI, hatamoto e general dos Tetsuyama
- AKIZUKI IENORI, hatamoto residente em Hida
- AKIZUKI KINARI, comandante da guarda central de Tottori-jo
- KOUBAI, ama de companhia de Chiyo

Kyuumura



Família regente da província de Settsu, controla também a região de San'yodo. Seu mon é a imagem de seis flechas concêntricas, e sua cor-símbolo, amarelo.

Propriedades:

- MANSÃO principal da família, em Osaka, Settsu
- MANSÃO em Kyoto, residência de Kenjiro

Membros:

- KOJI, cabeça da família, daimyo de Settsu
- MOMIJI, esposa de Koji, do clã kuge Fujitane
- YUSUKE, primeiro filho de Koji e Momiji, herdeiro da família Kyuumura
- SAYO, esposa de Yusuke
- KENJIRO, segundo filho de Koji e Momiji
- KENTARO, terceiro filho de Koji e Momiji, vassalo dos Ryuu de Owari
- AKIKO, esposa de Kentaro, filha do conselheiro do Bakufu Okori Noriyuki

Outros Membros:

- TAKAO, filho de Yusuke e Sayo, ainda bebê
- ITOU KOTONE, esposa de Ito Kazuo, quarta filha de Koji e Momiji

Vassalos:

- SHIRO, ama de companhia de Momiji

Itou



Família vassala de confiança dos Ashigawa. Seu mon é o kanji para “rocha”.

Propriedades:

- MANSÃO principal do clã, no distrito de Muromachi em Kyoto, Yamashiro

Membros:

- TATSUYA, cabeça da família, general e líder da guarda pessoal dos Ashigawa
- KAZUO, neto e herdeiro de Tatsuya, comandante do exército do Bakufu
- KOTONE, esposa de Kazuo, quarta filha de Kyuumura Koji

Outros Membros:

- ASHIGAWA OYU, esposa do shogun, irmã mais nova de Itou Tatsuya

Vassalos:

- BENI, serva da família Itou

Ochi



Família regente da província de Higo, controlando também boa parte da ilha de Kyuushuu, no Sudoeste do Japão.

Propriedades:

- KUMAMOTO-JO, castelo principal da família, em Higo
- MANSÃO na área Norte de Kyoto, Yamashiro

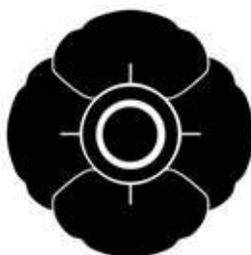
Membros:

- KAGETORA, cabeça da família, daimyo de Higo
- MITSUHARU, finado general de Kumamoto, pai de Minamori Mitsue

Outros Membros:

- MINAMORI MITSUE, sobrinha-neta de Kagetora, esposa de Minamori Yoritomo

Akahana



Casa de chá renomada por oferecer as cortesãs mais refinadas da capital, trata-se de uma mansão localizada no Kamigyô, parte Norte e nobre de Kyoto. Seu mon é uma papoula, geralmente retratada em vermelho-intenso.

Dirigentes:

- RYUU KESHI, viúva de Ryuu Hisashi, proprietária e cabeça da casa
- OGUMO, ator do teatro Noh, administrador da casa e amante de Keshi

Cortesãs:

- AMETSUYU, “Chuva e Orvalho”, apelidada *Ame*, “Chuva”
- MATSUKAZE, “Vento nos Pinheiros”, dita *do Leque de Prata*, a mais renomada de Kyoto
- KASUMI, “Bruma de Primavera”
- ANZU, “Damasco”
- TSUKIYO, “Noite de Luar”
- HANANO, “Campo Florido”
- YANAGI, “Salgueiro”
- UMEHANA, “Flor de Ameixeira”
- BOTAN, “Peônia”, aprendiz e auxiliar de Ametsuyu
- KINGYO, “Peixe Dourado”, antiga mentora (“ane-san”) de Ametsuyu

Minamori



Família kuge de prestígio na corte imperial. Seu mon é um leque aberto.

Membros:

- YORITOMO, de baixa hierarquia na família, conselheiro do Bakufu
- MITSUE, esposa de Yoritomo, filha do finado Ochi Mitsuharu, de Higo
- KIKU, primeira filha de Yoritomo e Mitsue
- WASHIKO, segundo filho de Yoritomo e Mitsue

Outros Membros:

- YORIKAWA, pai de Yoriaki e Yoritomo
- YORIAKI, finado irmão mais velho de Yoritomo

Vassalos:

- AKANE, ama de companhia de Mitsue

Uzawa



Família regente da província de Mutsu, em guerra contra o Bakufu. Seu mon retrata o grou, seu animal-símbolo.

Propriedades:

- TSURUGA-JO, castelo principal da família, em Aizu, região Sul de Mutsu
- ASABA-JO, castelo no extremo Sudeste de Mutsu, de antiga posse de seu clã vassalo Asaba
- CASTELO no Norte de Mutsu

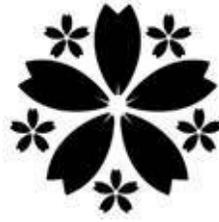
Membros:

- TSURUMARU, cabeça da família, daimyo de Mutsu, morto pelo general Okamura Hayate
- ITSUI, esposa de Tsurumaru, cometeu seppuku na tomada de Tsuruga-jo
- TSUBASA, irmão e sucessor de Tsurumaru como cabeça da família

Outros Membros:

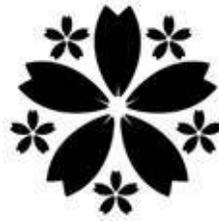
- Vários outros membros, mortos na tomada de Tsuruga-jo pelo general Okamura Hayate

Outros



- SORA, Imperador
- KUJOU MASAMOTO, kampaku, pai de Ryuu Masako
- KUJOU MAYUMI, filha mais nova do kampaku
- UEHARA SEITO, daimyo de Hida, pai de Tetsuyama Hotaru
- UEHARA KYUZO, finado daimyo de Hida, pai de Uehara Seito
- IKEDA NAOYA, finado médico e herbalista de Osaka, pai de Jin
- IKEDA JIN, médico de Osaka, filho de Ikeda Naoya
- OTANI ISAO, nome falso usado pelo shinobi subordinado de Ryuu Keshi
- AOKI SHIGERU, célebre antigo instrutor de kenjutsu de Kyoto
- ASAGIRI, “Bruma da Manhã”, antiga cortesã favorita de Ryuu Hideki em Nagoya
- KAWA, finado mestre pintor de Tokaido
- INAGO, colega de kenjutsu de Tetsuyama Hotaru na infância
- TAKESHI, colega de kenjutsu de Tetsuyama Hotaru na infância
- Clã KONOE, família kuge da qual descendem os Ryuu
- Clã MARI, extinta família à qual serviam os Tetsuyama
- Clã ASABA, da província de Mutsu, abandonou vassalagem aos Uzawa em prol do Bakufu, sendo dizimado pelos antigos susseranos
- Clã SANJOU, inimigo dos Minamori, causou a morte de Minamori Yoriaki

Exemplos das Formas de Tratamento



- O samurai de alta posição Kyuumura Kentaro se refere a seu suserano, Ryuu Hideki, como *Ryuu-sama*, ou *tono-sama*. O uso tanto do nome de família ou título quanto do sufixo *-sama* indicam extremo respeito. Por sua vez, o senhor se dirige a ele como *Kentaro-san*. O general Atae Nobutaka, vassalo de maior confiança do mesmo mestre, dirige-se a esse de modo um tanto menos formal, *Hideki-sama*, recebendo tratamento similar ao de Kentaro, *Nobutaka-san* – porém, com mais conotação de proximidade que diferença de *status*.
- A sobrinha do shogun, Ashigawa Kiyoko, é tratada de modo quase unânime por nome próprio acompanhado do título princesa: *Kiyoko-hime*. O médico samurai de classe baixa, Ikeda Jin, demonstra maior reverência, referindo-se a ela como *hime-sama*.
- Em geral, líderes de clãs referem-se mutuamente por nome de família acompanhado por *-dono*: Kyuumura Koji é tratado por *Kyuumura-dono*, Ochi Kagetora, por *Ochi-dono*, e assim por diante. Ryuu Hideki ostenta o próprio poder se referindo aos demais senhores pelo nome pessoal, ainda que seguido pelo sufixo cortês – assim, trata os citados acima por *Koji-dono* e *Kagetora-dono*.
- O shogun, Ashigawa Yoshinobu, é tratado por todos com absoluto respeito, e mesmo Ryuu Hideki se dirige a ele como *Ashigawa-sama*. O *kampaku*, tendo como conselheiro do Imperador imenso prestígio, mostra reverência menor, e refere-se a ele como *Ashigawa-dono*. Por sua vez, o general de confiança do shogun, Itou Tatsuya, dirige-se a esse como *Yoshinobu-sama*, demonstrando pelo mestre tanto grande proximidade, pelo uso do nome próprio, quanto grande reverência, pelo uso do sufixo *-sama*.
- Quando em particular, Tetsuyama Osamu ignora ao maior inimigo, Ryuu Hideki, o tratamento polido. Chama-o simplesmente pelo nome – ou por alguma ofensa. Quando em público, porém, o protocolo de cortesia é seguido. Ele o chamaria como aos demais, pelo nome de família e sufixo respeitoso, *Ryuu-dono*. Porém, seu inimigo o trata por nome próprio, *Osamu-dono*, e ele se recusa a parecer remotamente inferior – então, trata-o também pelo nome próprio, “*Hideki-dono*”.
- Kyuumura Kentaro e sua esposa, Akiko, dirigem-se um ao outro apenas pelo nome próprio, e, quando em particular, usam com frequência o termo “você”. É um caso raro de extrema intimidade. Itou Kazuo se dirige à esposa, Kotone, pelo informal mas cortês *Kotone-san*, enquanto ela demonstra polida reverência pelo marido, tratando-o por *Kazuo-dono*. O mesmo faz a consorte Chiyo em relação ao mestre, Tetsuyama Osamu, a quem ela chama *Osamu-dono*. Ele a trata de volta de modo extremamente informal: apenas *Chiyo*. Devido à proximidade de ambos, porém, isso carrega conotação mais afetiva, de intimidade, do que de distância hierárquica.

Guia de Pronúncia



A pronúncia de palavras e nomes japoneses é, em grande parte, semelhante ao que seria lido em português, tanto para vogais quanto consoantes. Alguns detalhes, porém, devem ser ressaltados de modo a permitir sua correta leitura:

- A vogal *o* tem sempre pronúncia fechada, como na palavra *expôs*; nunca aberta, como em *amora*. Logo, *Kentaro* se pronuncia *ken-ta-rô*, não *ken-tá-ro*. *Sora* é lido *sô-ra*, não *só-ra*.

- O *e* segue a mesma regra do *o*, soando sempre como em *eu*; nunca como em *ela*. Logo, *Yusuke* é lido *yu-ssu-kê*, não *yu-ssu-ké*.

- O *s* sempre é lido com som de *s*, como em *saia*; nunca *z*, como em *casa*. Assim, *Masako* é *ma-ssa-ko*, não *ma-za-ko*. Quando a pronúncia correta é a de *z*, a palavra é escrita com essa letra, como em *Kazuo*: *ka-zu-o*.

- O *r*, mesmo num início de palavra, é sempre pronunciado como em *arado*; nunca como em *rato*. Desse modo, lê-se *ryuu*, como no meio de uma palavra em português, e não *rryuu*, como no início.

- O som de *r* inicial em português, por sua vez, é obtido de modo similar em japonês pelo *h*, que tem pronúncia próxima à encontrada em inglês em palavras como *house* ou *hair*. Assim, *Hotaru* lê-se *rro-ta-ru*, não *o-ta-ru*.

- O *j* tem entonação de *dj*, como no inglês *jingle*; não o som usado em português, como em *jaca*. Logo, a leitura de *Jin* é *djin*, não *gin*.

- Por sua vez, o *g* nunca tem pronúncia similar ao *j* utilizado em português. Quando junto às vogais *e* e *i*, portanto, seu som equivale a *gue* e *gui*; nunca *je* e *ji*. Assim, *Naginata* se pronuncia *na-gui-na-ta*, não *na-ji-na-ta*, e o termo *genpuku* é lido *guên-pu-ku* e não *jên-pu-ku*.

- O *ch* é lido com o som *tch*, como no inglês *church*; nunca com som de *x*, como em *chá*. O som como nessa última palavra é indicado por *sh*. Desse modo, *Daichi* se lê *dai-tchi*, e não *dai-xi*. Por sua vez, *Keshi* é lido *kê-xi*.

- A letra *u*, quando no final da palavra, é pronunciada à parte e fracamente, ou de todo ignorada. A primeira forma é considerada uma pronúncia mais feminina, e a segunda é mais utilizada por homens. Assim, *ohayo gozaimasu* teria a última palavra dita *go-zai-ma-s-u* por uma mulher, e *go-zai-mas* se

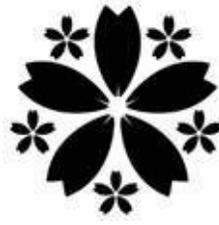
pronunciada por um homem.

- Letras duplas têm pronúncia longa se vogais, ou sutilmente dobrada, se consoantes. Assim, a palavra *não*, *iie*, lê-se *i-i-ê*, não apenas *i-ê*.

- Em palavras japonesas, não há sílabas tônicas. As sílabas são pronunciadas como de modo independente, e a entonação é determinada pelo ritmo e fluência da fala. Logo, não se pronuncia necessariamente ou de fato “*ka-ZU-o*” ou “*a-KI-ko*”, mas sim, *KÁ-ZÚ-Ô* ou *Á-KÍ-KÔ*.

- Diferente do português, onde é indicado comumente pelo acréscimo de *s* ao final da palavra, em japonês, o plural ocorre apenas em palavras específicas, geralmente através de repetição. Sendo palavras japonesas, termos como *samurai*, *kimono* e *katana*, literalmente, deveriam ser transcritos no plural sem modificação: assim, *os samurai*, *os kimono*, *as katana*. Entretanto, devido à estranheza que isso causaria, a autora optou por seguir a convenção que geralmente se observa quanto a essas palavras, e as “pluralizou” seguindo a língua portuguesa. Assim, em *Kisetsu*, são usados *os samurais*, *os kimonos*, *as katanas*.

Glossário



AKAONI: A palavra nomeia um tipo de demônio/ogro vermelho do folclore japonês.

ANE: “Irmã mais velha”, usado não apenas para familiares, mas também para se referir de modo bastante informal a uma moça ou mulher jovem. A aprendiz de uma cortesã se refere a sua mentora como “anesan”, por essa guiá-la e instruí-la como uma irmã mais velha o faria.

ANI: “Irmão mais velho”, usado não só para familiares, mas também para se referir de modo bastante informal a um rapaz ou homem jovem.

AYAKASHI: A palavra originalmente se refere a uma aparição fantasmagórica no mar.

BABA: termo informal para “avó”, podendo ter também a conotação de “velha”.

BIWA: Instrumento de corda, similar a um alaúde, derivado da *pipa* chinesa.

BUTSUDEN: “Salão de Buda”, a mais importante construção de um templo Budista, reservado à estátua de Buda e a orações.

-CHAN: O sufixo “-chan” equivale a um diminutivo carinhoso. Tem conotação infantil e informal, sendo em geral usado apenas para se referir a mulheres ou crianças pequenas com quem se tem grande proximidade.

CHICHI: “Pai”.

DOBUKU: Sobre-kimono masculino usado aberto sobre o kimono, como uma jaqueta. De caráter informal, podia ter mangas ou não, e seu comprimento variava, podendo ir da cintura à meia-altura da coxa.

DOJO: Local formalmente reservado à prática de treinamento físico, como artes marciais.

EDO: Nome dado à antiga Tokyo, uma cidade de importância considerável, mas, na época, inferior à da então capital, Kyoto. Edo ficava na província de Musashi.

FUNDOSHI: Roupa íntima masculina, similar a uma tanga, geralmente feita de algodão.

FUSUMA: Painéis retangulares que correm em trilhos, permitindo a reorganização dos aposentos ao serem

abertos ou fechados. Têm bordas de acabamento laqueado e um apoio redondo para o encaixe da mão, similar a uma maçaneta. Tradicionalmente, eram muitas vezes decorados com pinturas.

FUTON: Cama tradicional japonesa, formada por um colchão fino preenchido de algodão, um acolchoado grosso e um travesseiro chamado makura. Para maior aproveitamento de espaço, o futon era dobrado e guardado durante o dia, e posto novamente para se dormir.

FUYUZAKURA: Tipo de cerejeira que floresce no Inverno.

GENPUKU: Cerimônia de entrada na idade adulta para homens. Filhos de famílias samurai passavam pelo genpuku entre os onze e dezessete anos, recebendo seu nome e vestes de adulto, e o título formal de samurai.

GETA: Tamancos de madeira com plataformas, muito usados durante tempo frio ou chuvoso, ou ao se andar em ambientes externos, evitando que os pés se molhem ou sujem.

-GOZEN: O título “-gozen” era usado principalmente para se referir ou dirigir a mulheres de posição social muito elevada, sendo anexado ao nome próprio.

HACHI-NO-KI: Forma antiga de bonsai, desenvolvida por volta do século XIV. O termo é traduzido “árvore de tigela”, já que nessa técnica a árvore era mantida em um recipiente mais fundo que a bandeja rasa tradicional do posterior bonsai.

HAHA: “Mãe”.

HAKAMA: Semelhante a uma calça ou larga, era usado sobre o kimono por homens e, às vezes, por mulheres. Para os homens do buke, não vestir ao menos o hakama sobre o kimono quando em público era considerado algo excessivamente informal e pouco apropriado.

HANA-NO-GOSHO: “Palácio das Flores”, construído no distrito de Muromachi, em Kyoto, no ano de 1379. Conhecido por seus maravilhosos jardins, era o centro do poder do shogun durante a primeira metade da Era Muromachi.

HANAMI: Literalmente traduzido como “olhar as flores”, se refere à tradição de admirar o fugaz florescer das cerejeiras, que dura apenas de uma a duas semanas por ano. O costume se firmou no Japão na era Heian (794-1185), época na qual a Corte Imperial se reunia em banquetes e festas sob as cerejeiras.

HASHI: Par de palitos longos de madeira, utilizados como talheres.

HASHIGAKARI: Passarela usada no teatro Noh para entradas e saídas dos personagens principais.

HATAMOTO: Título dado a um subordinado imediato do daimyo, geralmente samurai.

HIGO: Antiga província localizada na ilha de Kyuushuu, Sudoeste do Japão. Local do castelo Kumamoto.

HIME: “Princesa”.

HITATARE: Vestimenta masculina formal da classe samurai no período Muromachi, era usada sobre o kimono, com um hakama combinado. O hitatare era similar a um dobuku vestido fechado, largo e de mangas amplas.

HYOKI: Nome antigo do *kyosoku*, um apoio de braço independente com cerca de 45x15cm e elevado em duas pernas, para se reclinar ao sentar no chão. Feito de madeira com estofado na parte superior, é uma peça típica do mobiliário tradicional japonês.

IAIJUTSU: Arte de sacar a katana com agilidade e eficiência, era praticada pelos samurais para fins de ataque ou contra-ataque.

IKEBANA: Arte de arranjo de plantas e flores, de origem ligada ao budismo. Os primeiros estilos clássicos de ikebana no Japão surgiram em meados do século XV.

-
-JO: Apesar de a palavra isolada para “castelo” ser “shiro”, o sufixo “-jo” é usado junto a nomes próprios de tais construções, com o mesmo significado. Por exemplo, “Nagoya-jo” significa “Castelo de Nagoya”.

-
KABUTO: Elmo próprio da armadura samurai.

-
KAIKEN: Pequena adaga. Mulheres da classe samurai recebiam um kaiken entre os presentes de casamento, tendo o costume de usá-lo sempre no obi.

-
KAMI: A palavra designa um espírito ou essência, segundo a fé Shinto. Há kamis associados a inúmeros elementos e forças da natureza, animais, espíritos de ancestrais, ofícios, locais, sendo sua natureza nem sempre benigna.

-
KANJI: Caracteres chineses utilizados na escrita japonesa.

-
KANPAI: Expressão usada para brindar.

-
KANZASHI: Adornos de cabelo, de temas usados conforme a estação do ano.

-
KARMA: Segundo o budismo, os pensamentos e ações de um indivíduo, bons ou maus, geram consequências mais adiante em sua vida, ou no renascimento seguinte. O karma, por sua vez, é a força inescapável que move essa relação de causa e efeito. Um sinônimo aproximado, embora inexato, seria “destino”.

-
KATANA: Espada de lâmina extremamente afiada, unilateral e levemente curva, medindo de 60 a 90cm. Arma tradicional dos samurais, a katana possui um simbolismo profundo, ligado à alma do guerreiro.

Tratadas com extremo respeito, muitas dessas espadas recebiam nomes, e eram passadas de geração em geração.

-
KEMARI: Jogo originado na era Heian (794-1185), jogado com uma bola de couro. Os jogadores – formalmente, oito – se organizavam em círculo e, apenas com os pés, lançavam a bola para o próximo jogador, com o objetivo de mantê-la sem tocar o chão pelo maior tempo possível.

-
KENJUTSU: A “arte da espada”, refere-se às diversas modalidades de luta com espada.

-
KESHI: “Papoula”.

-
KICHOU: Usada em residências da aristocracia desde a era Heian (794-1185), o kichou era uma divisória feita de painéis verticais de seda, estendidos num suporte em “ T ”. Longos para cair sobre o piso, os painéis eram estampados e decorados por tiras, também verticais, de tecido colorido ou brocado, e atadas ao suporte por laços. O kichou tinha função similar à de um biombo, dividir o aposento e dar privacidade.

KIMONO: Literalmente traduzido “coisa para vestir”, refere-se às roupas tradicionais japonesas.

KINAI: Antigo nome da região Sul-central da ilha principal do Japão, Honshuu. Kinai, considerada o núcleo de poder do país, era formada pela província de Yamashiro – que abrigava a capital, Kyoto – e outras quatro províncias circundantes: Yamato, Settsu, Kawachi e Izumi.

-
KITSUKE: A arte de vestir kimono, que apresenta várias sutilezas, uma vez que cores, modelos e estampas corretas variam conforme o *status* e idade do usuário, a ocasião e as estações do ano.

-
KITSUNE: “Raposa”, animal muito presente no folclore japonês.

-
KOKU: Antiga unidade de volume usada no Japão, tendo como base o arroz. Um koku (aprox. 278.3 litros) seria a quantidade de arroz suficiente para alimentar uma pessoa durante um ano.

-
KOTO: Instrumento musical tradicional japonês. Tem uma base longa de madeira laqueada, de cerca de 180cm, e treze cordas. O koto, ou gakuso, era um instrumento popular entre a nobreza.

-
-KUN: O sufixo “-kun” é geralmente usado para se referir a meninos e garotos, e tem conotação pouco mais informal que “-san”.

-
KYUUDO: “O caminho do arco”, refere-se à arqueria.

-
MISO: Tempero tradicional da cozinha japonesa, o miso é preparado com a fermentação de ingredientes como arroz, cevada, ou, mais comumente, soja, com sal. Possui diversas variações de cor e sabor, conforme os ingredientes e sua forma de preparo, e é utilizado em vários pratos. O mais comum é uma sopa, na qual é diluído num caldo de pescados, e recebe ingredientes sólidos variados, como legumes,

peixe ou algas.

MOCHI: Bolinho feito com pasta de arroz glutinoso, o mochi é uma das bases da confeitaria japonesa tradicional. No passado, era adoçado com seiva.

-
MON: Símbolo de uma família ou organização, equivalente a um brasão.

-
NAGINATA: Arma de haste, similar a uma lança.

-
NAMASU: Prato que consiste de vegetais e frutos do mar crus, cortados em tiras e marinados em vinagre de arroz.

-
NODACHI: Espada similar à katana, mas consideravelmente maior, sendo carregada nas costas ou sobre os ombros. De manuseio difícil, exigia grande força do usuário, sendo usada em campo aberto devido ao tamanho. Seu corte era ainda mais potente que o da katana, graças a seu peso.

-
NOH: Um dos estilos do teatro tradicional japonês, surgido no século XIV. Combina poesia, canto, dança e coreografias precisas para transmitir a narrativa, geralmente centrada num único protagonista. O uso de máscaras pelos atores para representar os personagens, em especial os centrais, é característica marcante do teatro Noh. Seus atores são tradicionalmente homens, inclusive para papéis femininos.

-
NOH-KAN: Flauta de bambu utilizada exclusivamente em peças Noh.

-
-NO-KAMI: Título indicativo de domínio de terras, inserido formalmente entre o nome de família e o nome pessoal. O nome do domínio sempre precede esse sufixo, como em “Owari-no-kami” (“senhor de Owari”), ou “Musashi-no-kami” (“senhor de Musashi”).

-
OBI: Faixa que, atada várias vezes ao redor do corpo, mantinha fechado o kimono, usada por mulheres e homens. Obis femininos eram em geral mais decorados do que os masculinos.

OBUKE: Denominação polida usada para se referir a um samurai, formado pelo termo “buke”, relativo à nobreza militar, precedido do prefixo respeitoso “o-”.

-
OFURO: O termo “ofuro” se refere ao banho japonês, em especial à tradicional banheira japonesa: feita em madeira, mais profunda do que a ocidental, cobrindo uma pessoa sentada com água até os ombros. Como era comum as famílias compartilharem o banho, a imersão na água quente do ofuro, tradicionalmente, é feita após lavar-se fora da banheira, e consiste principalmente num ritual de relaxamento.

-
OJII: “Avô”.

-
OKUGATA: “Minha senhora”, usado por um vassalo para se referir à senhora da casa.

-
ONNA-BUGEISHA: “Mulher-guerreiro”, uma expressão usada para se referir a mulheres que tinham

treinamento e inclinação para o combate, casos que divergiam do usual papel feminino na sociedade japonesa.

-
OSHI-ITA: Recesso arquitetônico num aposento, de madeira, reservado à exposição de obras de arte ou objetos de adoração. Evoluiu, posteriormente, para o *tokonoma*, elemento de função semelhante.

-
OYAKATA: “Meu senhor”, utilizado por um vassalo para se referir a seu senhor.

-
RI: Unidade de distância utilizada no Japão derivada da unidade chinesa *li*. Ambas variaram em valor durante os séculos. No período em que se passa Kisetsu, um *ri* equivale a cerca de 500 metros.

-
RONIN: Samurai sem mestre ou terras, uma figura socialmente desprezada. Muitos guerreiros nessa situação eram contratados por um novo senhor, voltando a ser samurais. Outros formavam gangues e trabalhavam na condição indigna de mercenários e assaltantes.

-
RYO: O ryo era uma lingueta de ouro, de valor equivalente a quatro *kan*, ou mil *mon*. Um *mon* era uma moeda de cobre ou ferro, geralmente proveniente da China, com um espaço quadrado vazado ao centro. O valor das moedas variou com frequência durante a história. Em Kisetsu, é estabelecido que 1 koku (quantidade de arroz para alimentar uma pessoa por um ano) equivale ao valor de 1 ryo.

-
SAGEO: Corda amarrada à entrada da bainha, usada para atá-la à cintura do usuário.

-
SAKE: Vinho incolor, feito a partir do arroz.

-
SENSEI: Título equivalente a “professor”, também usado para se referir a médicos e pessoas que se destacam em determinada arte ou ofício.

-
SEPPUKU: Suicídio ritual realizado por membros da classe samurai, para manter ou reaver a honra diante de falha ou derrota. Era feito com permissão ou por ordem superior. Os homens cortavam o abdômen de um lado a outro, e as mulheres estocavam a garganta.

-
SHINAI: Espada de bambu usada no treino de kenjutsu.

-
SHINOBI: Também conhecidos como “ninja”, os shinobis eram mercenários contratados às escuras para realizar assassinatos, espionagem e sabotagem.

-
SHOGI: Jogo de tabuleiro, semelhante ao xadrez.

-
SHOJI: Elemento comum da arquitetura tradicional japonesa, a shoji é uma porta, janela ou parede feita de papel semi-translúcido estendido em uma moldura quadriculada de madeira.

-
TABI: Espécie de meia tradicional japonesa, dividida para acomodar o dedão do pé ao ser usada com zoris ou getas. Em ambientes fechados, onde sapatos são retirados, os tabis são usados sozinhos.

- TACHI: Espada que deu origem à katana, o tachi é muito similar a essa, com a diferença de ser mais curvo, e de tamanho maior.
- TANTO: Sabre curto, menor do que 30cm.
- TATAME: Piso tradicional japonês, feito de palha de arroz coberta por esteira de junco. De tamanho padronizado, os tatamis são posicionados no ambiente em configurações específicas. Geralmente têm um acabamento nas bordas feito com tecido, brocado ou simples.
- TEMARI: Bola feita com retalhos de kimonos, formando bonitos padrões estampados. Muitas vezes, tinha em seu interior sinos ou guizos.
- TENNOUHEIKA: Título dado ao Imperador, equivalente a “vossa majestade Imperial”.
- TOKAIDO, MINO E YAMATO: Tokaido era uma região que englobava quinze províncias (entre elas Owari) no Sudoeste de Honshuu, a ilha principal do Japão. Mino e Yamato eram outras duas províncias, próximas à região da então capital, Kyoto. A segunda abrigava a cidade de Nara.
- TONJIKI: Bolinho de arroz salgado, parcialmente envolto por alga.
- UCHIKI: Kimono feminino longo e ricamente decorado, usado aberto sobre os demais. Era costume das damas da nobreza civil e militar, quando nas cidades, usarem um uchiki posto sobre o topo da cabeça, como um capuz.
- VAZIO: Refere-se ao mundo após a morte.
- YOKAI: Nome dado a seres sobrenaturais dos mais variados tipos.
- YUGAKE: Luva de pele de veado própria para arqueria. Possui normalmente três ou quatro dedos.
- ZORI: Sandálias.

Mapa



[1] “Hanami”, literalmente traduzido como “olhar as flores”, se refere à tradição de admirar o fugaz florescer das cerejeiras, que dura apenas de uma a duas semanas por ano. O costume se firmou no Japão na era Heian (794-1185), época na qual a Corte Imperial se reunia em banquetes e festas sob as cerejeiras.

[2] Elemento comum da arquitetura tradicional japonesa, a shoji é uma porta, janela ou parede feita de papel semi-transparente estendido em uma moldura quadriculada de madeira.

[3] Piso tradicional japonês, feito de palha de arroz coberta por esteira de junco. De tamanho padronizado, os tatamis são posicionados no ambiente em configurações específicas. Geralmente têm um acabamento nas bordas feito com tecido, brocado ou simples.

[4] Literalmente traduzido como “coisa para vestir”, refere-se às roupas tradicionais japonesas.

[5] Kimono feminino longo e ricamente decorado, usado aberto sobre os demais.

[6] “Mãe”.

- [7] “Sensei” é um título equivalente a “professor”, também usado para se referir a médicos e pessoas que se destacam em determinada arte ou ofício.
- [8] Caracteres chineses utilizados na escrita japonesa.
- [9] “Palácio das Flores”, construído no distrito de Muromachi, Kyoto, em 1379. Conhecido por seus jardins, era o centro do poder do shogun durante a primeira metade da Era Muromachi.
- [10] Também conhecidos como “*ninja*”, os shinobis eram mercenários contratados às escuras para realizar assassinatos, espionagem e sabotagem.
- [11] Espada de lâmina extremamente afiada, unilateral e levemente curva, medindo de 60 a 90cm. Arma tradicional dos samurais, a katana possui simbolismo profundo, ligado à alma do guerreiro. Tratadas com extremo respeito, muitas dessas espadas recebiam nomes, e eram passadas de geração em geração.
- [12] Título dado a um subordinado imediato do daimyo, geralmente samurai.
- [13] Semelhante a uma calça larga, era usado sobre o kimono por homens e, às vezes, por mulheres. Para os homens do buke, não vestir ao menos o hakama sobre o kimono quando em público era considerado excessivamente informal e pouco apropriado.
- [14] Sobre-kimono masculino usado aberto sobre o kimono, como uma jaqueta. De caráter informal, podia ter mangas ou não, e seu comprimento variava, da cintura à meia-altura da coxa.
- [15] Sandálias.
- [16] “Princesa”.
- [17] “Irmã mais velha”, usado não apenas para familiares, mas também para se referir informalmente a uma moça ou mulher jovem.
- [18] Tokaido era uma região que englobava quinze províncias (entre elas Owari) no Sudoeste de Honshuu, a ilha principal do Japão. Mino e Yamato eram outras duas províncias, próximas à região da então capital, Kyoto. A segunda abrigava a cidade de Nara.
- [19] Símbolo de uma família ou organização, equivalente a um brasão.
- [20] “Irmão mais velho”.
- [21] “Pai”.
- [22] Faixa que, atada várias vezes ao redor do corpo, mantinha fechado o kimono, usada por mulheres e homens. Obis femininos eram em geral mais decorados do que os masculinos.
- [23] Jogo originado na era Heian (794-1185), jogado com uma bola de couro. Os jogadores – formalmente, oito – se organizavam em círculo e, apenas com os pés, lançavam a bola para o próximo jogador, com o objetivo de mantê-la sem tocar o chão pelo maior tempo possível.
- [24] Cama tradicional japonesa, formada por um colchão fino preenchido de algodão, um acolchoado grosso e um travesseiro chamado *makura*. Para maior aproveitamento de espaço, o futon era dobrado e guardado durante o dia, e posto novamente para se dormir.
- [25] A palavra nomeia um tipo de demônio/ogro vermelho do folclore japonês.
- [26] Segundo o budismo, os pensamentos e ações de um indivíduo, bons ou maus, geram consequências mais adiante em sua vida, ou no renascimento seguinte. O karma, por sua vez, é a força inescapável que move essa relação de causa e efeito. Um sinônimo aproximado – embora inexato – seria “destino”.
- [27] Título dado ao Imperador, equivalente a “vossa majestade Imperial”.
- [28] Título indicativo de domínio de terras, inserido formalmente entre o nome de família e o nome pessoal. No caso, a tradução aproximada seria “Ryuu senhor-de-Owari Hideki”.
- [29] Nome dado a um local formalmente reservado à prática de treino físico, como artes marciais.
- [30] Arte de sacar a katana com agilidade e eficiência, chamada *iaijutsu*, era praticada pelos samurais, para fins de ataque ou contra-ataque.
- [31] Painéis retangulares que correm em trilhos, permitindo a reorganização dos aposentos ao serem abertos ou fechados. Têm bordas de acabamento laqueado e um apoio redondo para o encaixe da mão, similar a uma maçaneta. Tradicionalmente, eram muitas vezes decorados com pinturas.
- [32] Vestimenta masculina formal da classe samurai no período Muromachi, era usada sobre o kimono, com um hakama combinado. O hitatare era similar a um dobuku vestido fechado, largo e de mangas amplas.

- [33] “Geta” é um tamanco de madeira com plataformas, muito usado durante tempo frio ou chuvoso, ou ao se andar em ambientes externos, evitando que os pés se molhem ou sujem.
- [34] Antigo nome da região Sul-central da ilha principal do Japão, Honshuu. Kinai, considerada o núcleo de poder do país, era formada pela província de Yamashiro – que abrigava a capital, Kyoto – e outras quatro províncias circundantes: Yamato, Settsu, Kawachi e Izumi.
- [35] O sufixo “-chan” equivale a um diminutivo carinhoso. Tem conotação infantil e informal, sendo em geral usado apenas para se referir a mulheres ou crianças pequenas com quem se tem grande proximidade.
- [36] Era costume das damas da nobreza, quando nas cidades, usarem um uchiki posto sobre o topo da cabeça, como um capuz.
- [37] Denominação polida usada para se referir a um samurai, formado pelo termo “buke”, relativo à nobreza militar, precedido do prefixo respeitoso “o-”.
- [38] “Meu senhor”, utilizado por um vassalo para se referir a seu senhor.
- [39] Vinho incolor, feito a partir do arroz.
- [40] “Minha senhora”, usado por um vassalo para se referir a sua senhora.
- [41] “Ofuro” se refere ao banho japonês, em especial à tradicional banheira japonesa: feita em madeira, mais profunda do que a ocidental, cobrindo uma pessoa sentada com água até os ombros. Como era comum as famílias compartilharem o banho, a imersão na água quente do ofuro, tradicionalmente, é feita após lavar-se fora da banheira, e consiste principalmente num ritual de relaxamento.
- [42] Um ronin era um samurai sem mestre ou terras, e uma figura socialmente desprezada. Muitos guerreiros nessa situação eram contratados por um novo senhor, voltando a ser samurais. Outros formavam gangues e trabalhavam na condição indigna de mercenários e assaltantes.
- [43] Antiga unidade de volume usada no Japão, tendo como base o arroz. Um koku (aprox. 278.3 litros) seria a quantidade de arroz suficiente para alimentar uma pessoa durante um ano.
- [44] Apesar de a palavra isolada para “castelo” ser “shiro”, o sufixo “-jo” é usado junto a nomes próprios dessas construções, com o mesmo significado. Em tradução, “Castelo de Nagoya”.
- [45] Nome dado à antiga Tokyo, uma cidade de importância considerável, mas, na época, inferior à da então capital, Kyoto. Edo ficava na província de Musashi.
- [46] Um dos estilos do teatro tradicional japonês, surgido no século XIV. Combina poesia, canto, dança e coreografias precisas para transmitir a narrativa, geralmente centrada num único protagonista. O uso de máscaras pelos atores para representar os personagens, em especial os centrais, é característica marcante do teatro Noh.
- [47] A “arte da espada”, refere-se às diversas modalidades de luta com espada.
- [48] Fuyuzakura é um tipo de cerejeira que floresce no Inverno.
- [49] A chamada *Hashigakari*, usada para entradas e saídas dos personagens principais.
- [50] Flauta de bambu utilizada exclusivamente em peças Noh.
- [51] No teatro Noh, os atores são tradicionalmente homens, inclusive para papéis femininos.
- [52] “Raposa”. Esse animal tem importante papel no folclore japonês.
- [53] Adornos de cabelo, de temas usados conforme a estação do ano.
- [54] Instrumento musical tradicional japonês. Tem uma base longa de madeira laqueada, de cerca de 180cm, e treze cordas. O koto, ou *gakuso*, era um instrumento popular entre a nobreza.
- [55] Elmo próprio da armadura samurai.
- [56] Espada que deu origem à katana, o tachi é muito similar a essa, com a diferença de ser mais curvo, e de tamanho maior.
- [57] Arma de haste, similar a uma lança.
- [58] Refere-se ao mundo após a morte.
- [59] Instrumento de corda, similar a um alaúde, derivado da *pipa* chinesa.
- [60] Sabre curto, menor do que 30cm.
- [61] “Papoula”.

- [62] Jogo de tabuleiro, semelhante ao xadrez.
- [63] Nome dado a seres sobrenaturais dos mais variados tipos.
- [64] Bolinho de arroz salgado, parcialmente envolto por alga.
- [65] A palavra “kami” designa um espírito ou essência, segundo a fé Shinto. Há kamis associados a inúmeros elementos e forças da natureza, animais, espíritos de ancestrais, ofícios, locais, sendo sua natureza nem sempre benigna.
- [66] Roupa íntima masculina, similar a uma tanga, geralmente feita de algodão.
- [67] Pequena adaga. Mulheres da classe samurai recebiam um kaiken entre os presentes de casamento, tendo o costume de usá-lo sempre no obi.
- [68] Prato que consiste de vegetais e frutos do mar crus, cortados em tiras e marinados em vinagre de arroz.
- [69] Corda amarrada à entrada da bainha, usada para atá-la à cintura do usuário.
- [70] Expressão usada para brindar.
- [71] “Avô”.
- [72] A arte de vestir kimono, que apresenta várias sutilezas, uma vez que cores, modelos e estampas corretas variam conforme a ocasião e as estações do ano.
- [73] Espada de bambu usada no treino de kenjutsu.
- [74] A palavra originalmente se refere a uma aparição fantasmagórica no mar.
- [75] O sufixo “-kun” é geralmente utilizado para se referir a meninos e garotos, e tem conotação pouco mais informal que “-san”.
- [76] “Mulher-guerreiro”, expressão usada para se referir a mulheres que tinham treinamento e inclinação para o combate, casos que divergiam do usual papel feminino na sociedade japonesa.
- [77] Ikebana é uma arte de arranjo de plantas e flores, cuja origem é ligada ao budismo. Os primeiros estilos clássicos de ikebana no Japão surgiram em meados do século XV.
- [78] Espada similar à katana, mas consideravelmente maior, sendo carregada nas costas ou sobre os ombros. De manuseio difícil, exigia grande força do usuário, sendo usada em campo aberto devido a seu tamanho. Seu corte era ainda mais potente que o da katana, graças ao maior peso.
- [79] “Corta-barco”, ou “Cortador de Barcos” – refere-se à espada.
- [80] Cerimônia de entrada na idade adulta para homens. Filhos de famílias samurai passavam pelo genpuku entre os onze e dezessete anos, recebendo seu nome e vestes de adulto, e o título formal de samurai.
- [81] Luva feita de pele de veado, própria para arqueria. Possui normalmente três ou quatro dedos.
- [82] “O caminho do arco”, refere-se à arqueria.
- [83] Num antigo método de contagem de tempo usado no Japão, o dia era dividido em doze partes, nomeadas conforme os animais do zodíaco chinês. A hora da Lebre correspondia ao período entre cinco e sete horas da manhã.
- [84] No calendário tradicional japonês, lunar, o Oitavo mês corresponde aproximadamente a Setembro, em meados do Outono.
- [85] Bolinho feito com pasta de arroz glutinoso, o mochi é uma das bases da confeitaria japonesa tradicional. No passado, era adoçado com seiva.
- [86] Diferente do que ocorria no antigo Ocidente, no Japão, o poder hierárquico e as posses do pai não eram necessariamente transmitidos a seu primogênito, mas a um herdeiro escolhido por ele – dentre seus filhos, parentes, ou mesmo um sucessor adotado.
- [87] Equivalente aproximado de Novembro.
- [88] O ryo era uma lingueta de ouro, de valor equivalente a quatro *kan*, ou mil *mon*. Um *mon* era uma moeda de cobre ou ferro, geralmente proveniente da China, com um espaço quadrado vazado ao centro. O valor das moedas variou com frequência durante a história. Em *Kisetsu*, é estabelecido que 1 koku (quantidade de arroz para alimentar uma pessoa por um ano) equivale ao valor de 1 ryo.
- [89] “Musashi-no-kami” é um título que se refere ao daimyo da província de Musashi.

- [90] “Narabo” significa literalmente “monge de Nara”, sendo costume entre monges budistas deixar para trás ligações pessoais, como o nome, e adotar outra denominação, como seu lugar de origem. Em certos casos, no entanto, monges de ascendência samurai mantinham seu nome de família.
- [91] “Salão de Buda”, a mais importante construção do templo, reservado à estátua de Buda e a orações.
- [92] O título “-gozen” era usado principalmente para se referir ou dirigir a mulheres de posição social muito elevada, sendo anexado ao nome próprio.
- [93] Período entre sete e nove horas da manhã.
- [94] Par de palitos longos de madeira, utilizados como talheres.
- [95] Recesso arquitetônico, de madeira, reservado à exposição de obras de arte ou objetos de adoração. Evoluiu posteriormente para o tokonoma, elemento de função semelhante.
- [96] Suicídio ritual realizado por membros da classe samurai, para manter ou reaver a honra diante de falha ou derrota. Era feito com permissão ou por ordem superior. Os homens cortavam o abdômen de um lado a outro, e as mulheres estocavam a garganta.
- [97] Período entre onze da manhã e uma hora da tarde.
- [98] Entre onze da manhã e uma hora da tarde.
- [99] Bola feita com retalhos de kimonos, formando padrões estampados. Muitas vezes, tinha em seu interior sinos ou guizos.
- [100] Nome antigo do *kyosoku*, um apoio de braço independente com cerca de 45x15cm e elevado em duas pernas, para se reclinar ao sentar no chão. Feito de madeira com estofado na parte superior, é uma peça típica do mobiliário tradicional japonês.
- [101] Antiga província localizada na ilha de Kyushuu, Sudoeste do Japão. Local do castelo Kumamoto.
- [102] “Baba” é um termo informal para “avó”, podendo ter também a conotação depreciativa de “velha”.
- [103] Usada em residências da aristocracia desde a era Heian (794-1185), o kichou era uma divisória feita de painéis verticais de seda, estendidos num suporte em “T”. Longos para cair sobre o piso, os painéis eram estampados e decorados por tiras, também verticais, de tecido colorido ou brocado, e atadas ao suporte por laços. O kichou tinha função similar à de um biombo, dividir o aposento e dar privacidade.
- [104] Entre onze horas da noite e uma hora da manhã.
- [105] Entre sete e nove horas da manhã.
- [106] Forma antiga de bonsai, desenvolvida por volta do século XIV. O termo é traduzido “árvore de tigela”, já que nessa técnica a árvore era mantida em um recipiente mais fundo que a bandeja rasa tradicional do posterior bonsai.
- [107] Os homens da classe samurai recebiam, poucos dias após seu nascimento, um “nome de criança”, que posteriormente era substituído por um nome definitivo na cerimônia de entrada na vida adulta, o genpuku. “Toriwaka”, ou “jovem pássaro”, assim, era o nome infantil de Tetsuyama Naginata.
- [108] Tempero tradicional da cozinha japonesa, o miso é preparado com a fermentação de ingredientes como arroz, cevada, ou, mais comumente, soja, com sal. Possui diversas variações de cor e sabor, conforme os ingredientes e sua forma de preparo, e é utilizado em vários pratos. O mais comum é uma sopa, na qual é diluído num caldo de pescados, e recebe ingredientes sólidos variados, como legumes, peixe ou algas.
- [109] Entre nove e onze horas da manhã.
- [110] O *ri* é uma unidade de distância utilizada no Japão, derivada da unidade chinesa *li*. Ambas variaram em valor durante os séculos. No período em que se passa *Kisetsu*, um *ri* equivale a cerca de 500 metros.
- [111] Espécie de meia tradicional japonesa, dividida para acomodar o dedão do pé ao ser usada com zoris ou getas. Em ambientes fechados, onde sapatos são retirados, os tabis são usados sozinhos.
- [112] Entre uma e três horas da madrugada.
- [113] Entre uma e três horas da madrugada.
- [114] Entre cinco e sete horas da manhã.